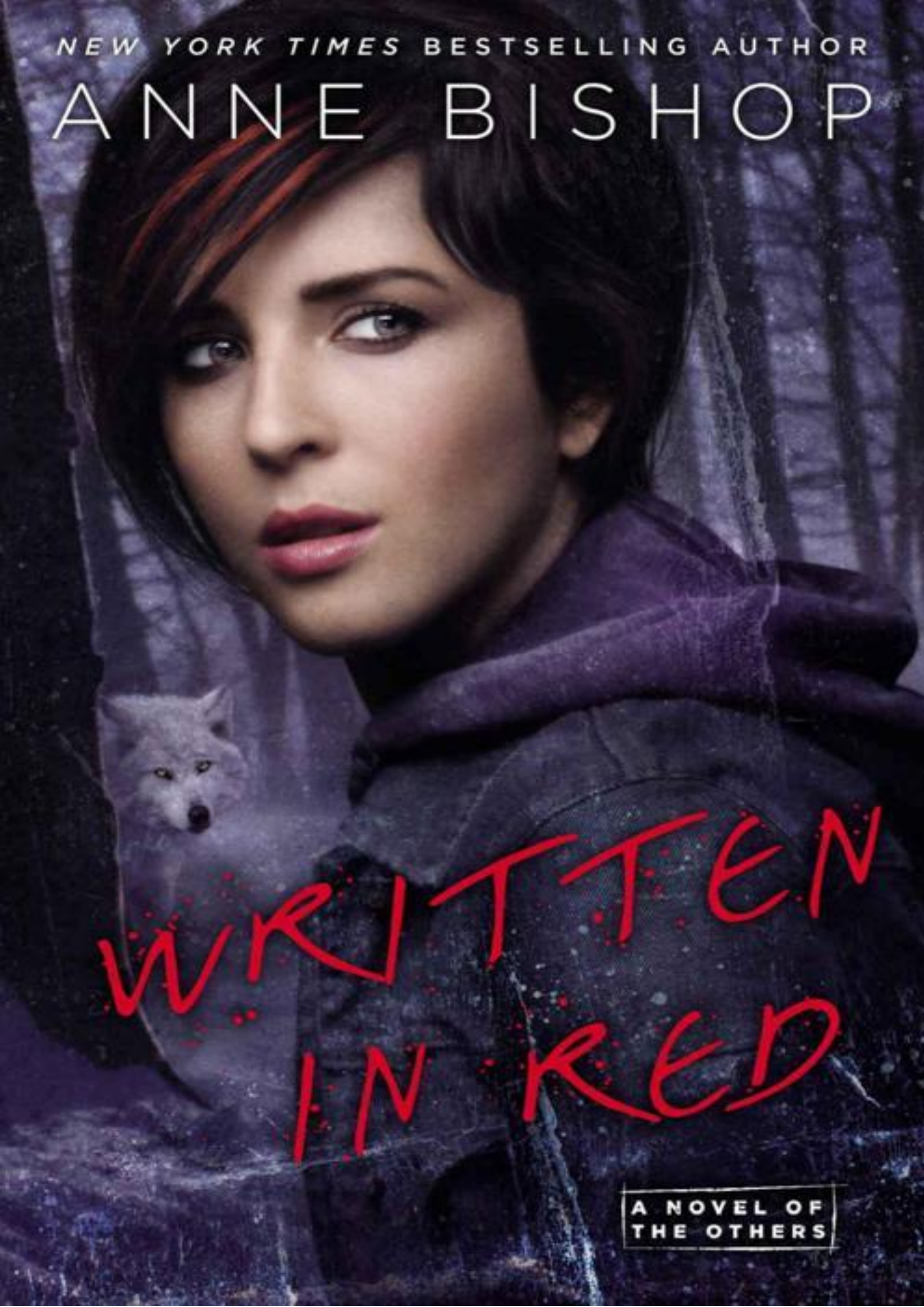
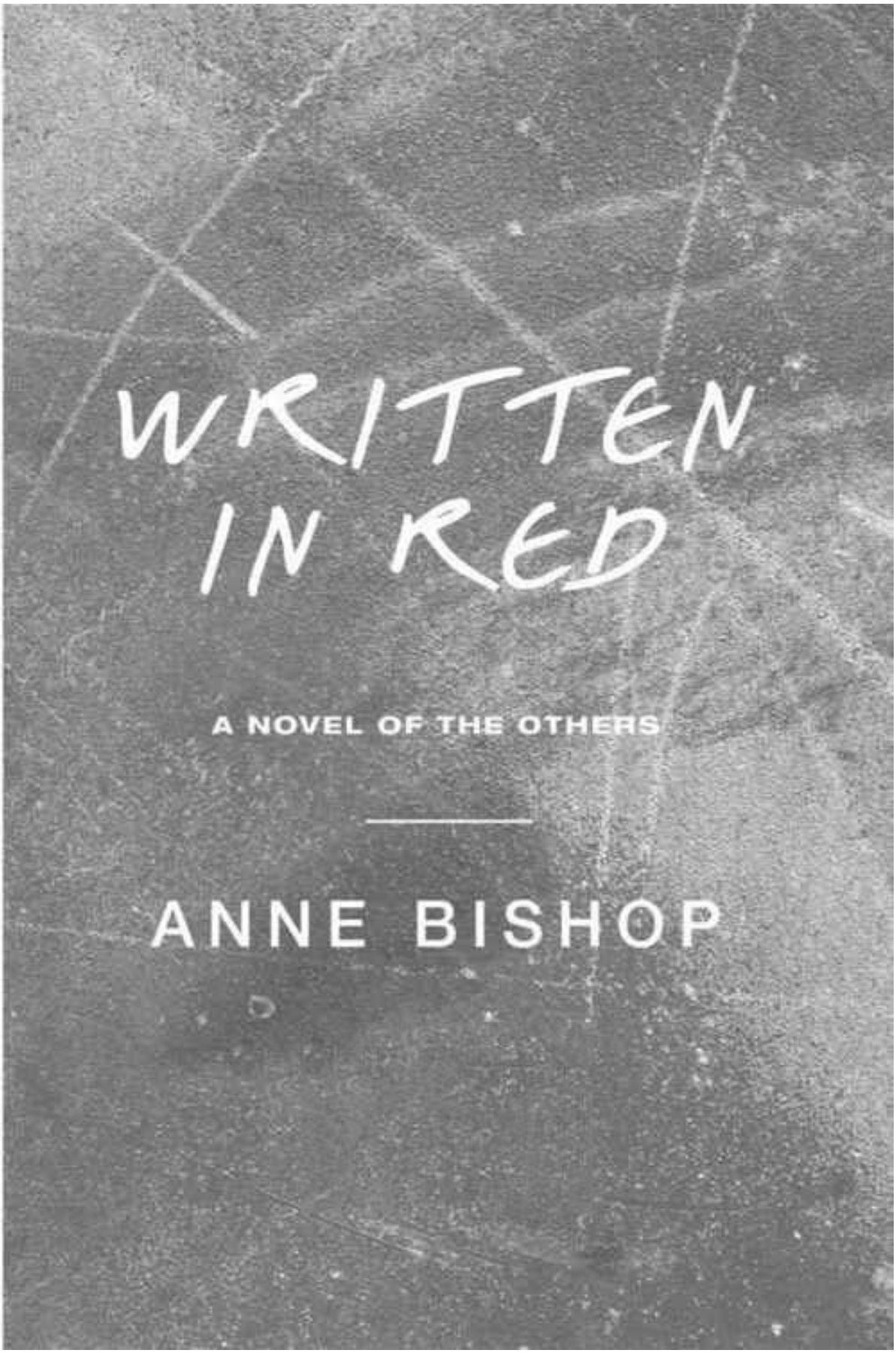

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
ANNE BISHOP
WRITTEN IN RED
A NOVEL OF THE OTHERS



Sendo uma *Cassandra de Sangue*, ou uma *Profetisa de Sangue*, Meg Corbyn pode ver o futuro quando sua pele é cortada, um dom que parece mais como uma maldição. O *Controlador* de Meg a mantém escravizada para que ele possa ter acesso total as suas visões. Mas quando ela escapa, o único lugar seguro onde Meg pode se esconder é em um *Pátio* em uma área empresarial da *Lakeside*, operado pelos *Outros*.

O metamorfo Simon Wolfgard fica relutante em contratar a estrangeira que o indaga sobre o trabalho para um *Liaison Human*. Primeiro, ele sente que ela está mantendo algum segredo, e segundo, ela não cheira a *presa* humana. No entanto, um instinto mais forte o impulsiona a dar o trabalho para Meg. E quando ele descobre a verdade sobre Meg, e que o governo a quer, ele vai ter que decidir se vale a pena entrar em uma luta por ela, entre os seres humanos e os Outros, e onde certamente isso vai dar.


WRITTEN IN RED
A NOVEL OF THE OTHERS
ANNE BISHOP

GEOGRAFIA

NAMID - O MUNDO

OS CONTINENTES / AS MASSAS DE TERRA (ATÉ AGORA)

Afrikah
Cel-Romano / Cel-Romano Aliança das Nações
Felidae
Ilhas Fingerbone
Ilhas da Tempestade
Thaisia
Tokhar-Chin
Brittania / Wild Brittania

Grandes Lagos: Superior, Tala, Honon, Etu e Tahki
Outros Lagos: Feather Lakes / Finger Lakes
Rios: Talulah / Talulah Falls
Cidades ou Vilarejos - Hubb NE (aka Hubbney), Jerzy, Lakeside, podunk, Sparkletown, Talulah Falls, Toland.

DIAS DA SEMANA

Earthday
Moonsday
Sunsday
Windsday
Thaisday
Firesday
Watersday

NOTAS DE TRADUÇÃO

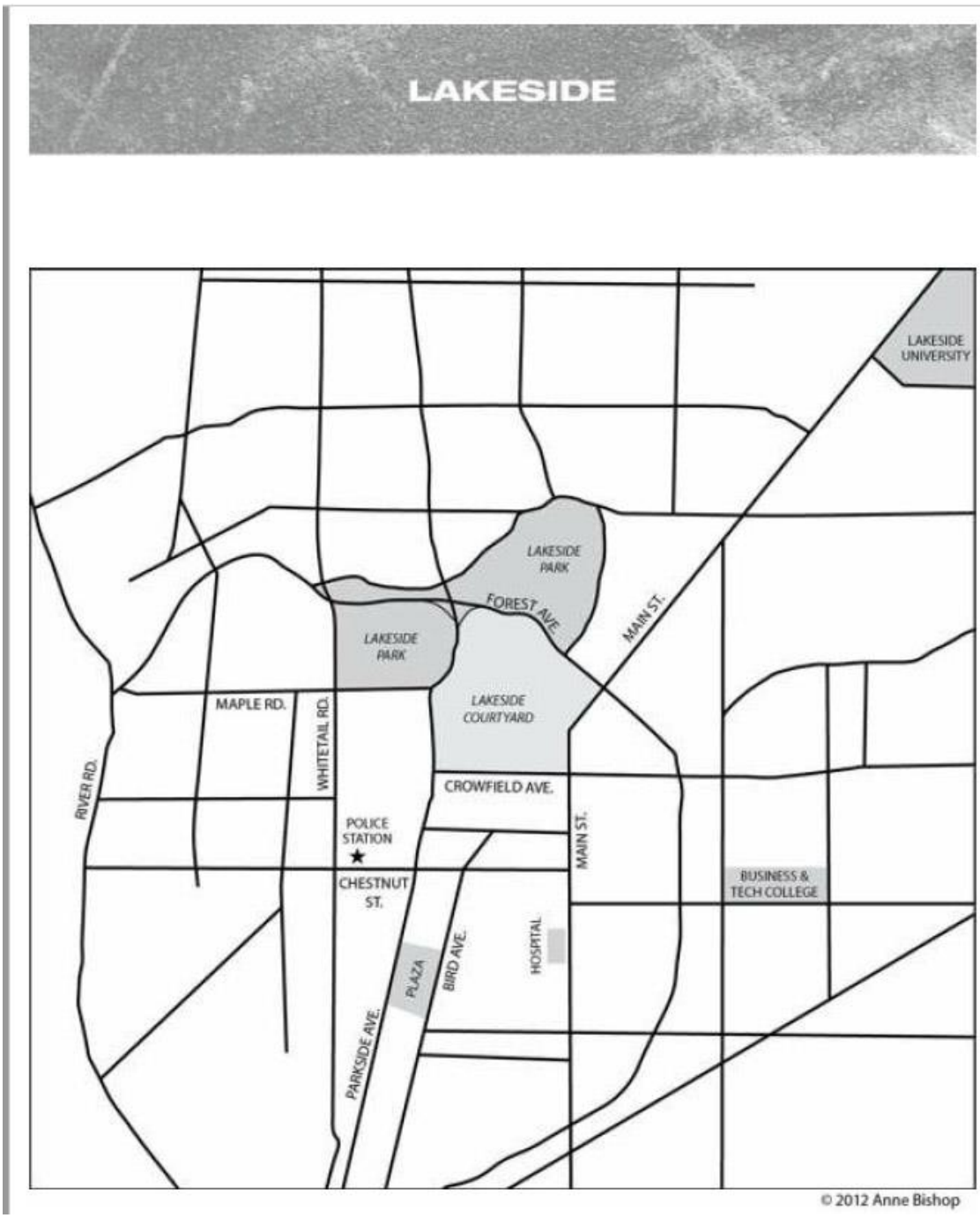
Divisões dos Shifters

Crowgard - Corvos

Owlguard - Corujas

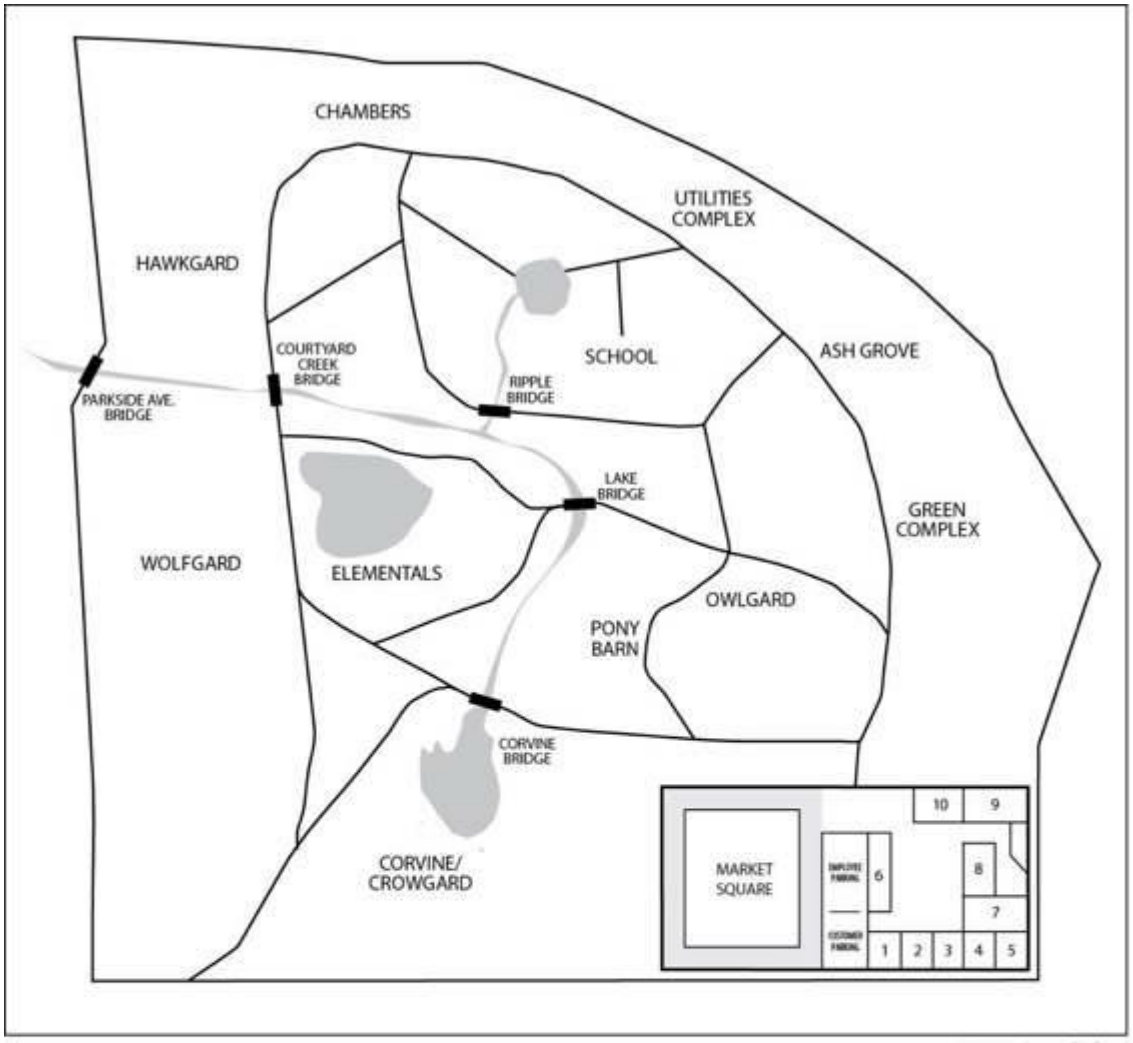
Wolfgard – Lobos

Beargard- Ursos



Este mapa foi criado por um autor, que foi *geograficamente* desafiado a colocar apenas o necessário para a história.

LAKESIDE COURTYARD



© 2012 Anne Bishop

1. Seamstress/Tailor & efficiency apartments
2. A Little Bite
3. Howling Good Reads
4. Run & Thump
5. Social Center
6. Garages
7. Earth Native & Henry's Studio
8. Liaison's Office
9. Consulate
10. Three Ps

Uma Breve História do Mundo

HÁ MUITO TEMPO ATRÁS, Namid deu à luz a todos os tipos de vida, incluindo os seres conhecidos como os seres humanos. Ela deu aos seres humanos pedaços férteis de si mesma, além de boa água. Compreendendo a natureza humana, e a natureza de seu outro filho, ela também lhes deu o isolamento, suficiente para que tivessem uma chance de sobreviver e crescer.

E eles sobreviveram.

Eles aprenderam a fazer fogueiras e abrigos. Eles aprenderam a cultivar e construir cidades. Eles construíram barcos e saíram pelos mares do Mediterrâneo para pescar. Eles se multiplicaram e se espalharam pelo mundo, até que foram empurrados para os lugares mais selvagens. Foi quando eles descobriram que outra descendência de Namid já havia reivindicado o resto do mundo.

Estes outros descendentes olharam para os seres humanos e não viram seus iguais. Eles viram um novo *tipo* de carne.

Guerras foram travadas para reivindicar os lugares selvagens. Às vezes, os seres humanos ganhavam e espalhavam suas sementes um pouco mais longe. Mais frequentemente, pedaços de civilização desapareceram, e os sobreviventes temerosos tentaram não tremer quando ouviam um uivo no meio da noite, ou um homem vagando muito longe da segurança das portas robustas e da luz, para ser encontrado na manhã seguinte sem sangue.

Séculos se passaram, e os humanos construíram navios maiores e navegaram através do Oceano *Atlantik*. E quando encontraram terra virgem, eles construíram um assentamento perto da costa. Em seguida, eles descobriram que esta terra também foi reivindicada pelos *indigenes*, que eram os nativos da terra.

Os *Outros.*

Os *indigenes da terra* que governavam o continente chamado Thaisia ficaram irritados quando os seres humanos cortaram as árvores

e araram a terra que não era deles. Assim, os *Outros* comeram os colonos e aprenderam o gosto desta carne em particular, tal como tinham feito muitas vezes no passado.

A segunda onda de exploradores e colonizadores encontrou o assentamento abandonado e, mais uma vez, tentaram reivindicar a terra como sua própria.

Os *Outros* os comeram também.

A terceira onda de colonos tinha um líder que era mais inteligente do que seus antecessores. Ele ofereceu aos *Outros* cobertores quentes e metros de tecido para roupas e interessantes vasilhas brilhantes, em troca de serem autorizados a viverem no assentamento, com terra suficiente para plantar. Os *Outros* pensaram que esta era uma troca justa e delimitaram os limites da terra que os seres humanos poderiam utilizar. Mais presentes foram trocados por caça e pesca e privilégios. Este arranjo deixou satisfeitos ambos os lados, mesmo quando um dos lados desse aos seus novos vizinhos um rosnado intolerante, e o outro lado engolisse o medo, deixando com que seu povo estivesse a salvo no interior das paredes dos assentamentos antes do anoitecer.

Anos se passaram e mais colonos chegaram. Muitos morreram, mas suficientes seres humanos prosperaram. Os assentamentos cresceram e se tornaram aldeias, que se tornaram grandes comunidades, e se transformaram em cidades. Pouco a pouco, os seres humanos atravessaram Thaisia, e se espalharam tanto quanto podiam sobre a terra que eles foram autorizados a usar.

Séculos se passaram. Os seres humanos eram inteligentes. Assim com os *Outros*. Os seres humanos inventaram a eletricidade e o encanamento. Os *Outros* controlavam os rios, que poderiam mover os seus geradores, e os lagos que forneciam água potável. Os seres humanos inventaram motores a vapor e aquecimento central. Os *Outros* controlavam todo o combustível necessário para fazer funcionar os motores e aquecer os edifícios. Os seres humanos inventaram os produtos manufaturados. Os *Outros* controlavam todos os recursos

naturais, decidindo, assim, o que seria e não seria feito em sua parte do mundo.

Havia colisões, é claro, e alguns lugares se tornaram memoriais para os mortos. Esses memoriais, finalmente, deixaram claro para o governo humano que os *indigenes da terra* eram quem governavam em Thaisia, e nada menos do que o fim do mundo iria mudar isso.

E com isso, chegamos neste período atual.

Existem pequenas aldeias humanas dentro de vastas faixas de terra que pertencem aos *Outros.* E nas maiores cidades humanas, existem *Parques* e alguns lugares chamados de *Pátios,* que são habitados pelos *Outros* que têm a tarefa de manter as regras sobre os moradores da cidade, e fazer cumprir os acordos que os humanos fizeram com os *indigenes da terra.*

Ainda há tolerância com dentes afiados de um lado e medo daquilo que anda na escuridão, do outro. Mas se eles tiverem cuidado, os seres humanos podem sobreviver.

Na maioria das vezes, eles sobrevivem.



CAPÍTULO 1

METADE CEGA PELA TEMPESTADE, ela tropeçou em uma área aberta entre dois edifícios. Na esperança de se esconder daquele que a caçava, bem como obter algum alívio da neve e do vento; ela seguiu uma parede inclinada e abaixou-se ao virar a esquina. Suas meias e tênis estavam encharcados, e seus pés estavam tão frios que não conseguia senti-los. Ela sabia que isso não era bom, que não era seguro, mas ela tinha pegado as roupas que estavam disponíveis, assim como pegou a oportunidade de correr.

Som de passos poderiam confirmar que ela estava sendo seguida, mas isso não quer dizer nada. Bloqueada pela parede, até mesmo os sons do tráfego lento estavam silenciados.

Ela tinha que encontrar abrigo. Estava muito frio para ficar exposta na noite. E como parte de seu treinamento, ela já tinha visto imagens de pessoas que congelaram até a morte, então ela sabia que não podia ficar do lado de fora por muito mais tempo. Mas os abrigos da cidade que forneciam um lugar para os sem-teto seriam os primeiros lugares em que os caçadores iriam procurá-la.

Ela ia morrer hoje? Seria essa a tempestade que era o começo do fim? Não. Ela não ia considerar essa possibilidade. Ela não tinha chegado até aqui para que tudo terminasse antes que ela tivesse chance de começar. Além disso, ela ainda não tinha visto outras partes da profecia. Ela não tinha visto o homem de cabelos escuros usando um pulôver verde. Ela não tinha que se preocupar em morrer até que ela *o visse.*

Isso não significava que ela pudesse passar por estúpida.

O edifício na parte de trás da área aberta chamou sua atenção, principalmente porque fornecia um pouco de luz. Ela espreitou em torno

dos cantos para se tranquilizar que ainda estava sozinha, e correu em direção a luz. Talvez pudesse descobrir uma desculpa para entrar na casa por alguns minutos, tempo suficiente para seus pés descongelarem.

Mas a luz, que parecia tão brilhante e esperançosa um momento anterior, era apenas uma simples iluminação noturna. O lugar estava fechado. Ainda assim, havia luz suficiente para ela ver o sinal acima da porta, um letreiro que a deixou ainda mais gelada que a neve e o vento, se ela não se sentisse tão desesperada.

PÁTIO LAKESIDE

LHNSA

Lei Humana Não Se Aplica. Ela estava de pé em um terreno que pertencia aos *Outros.* Ela até poderia estar momentaneamente a salvo dos predadores humanos, mas se ela fosse pega aqui, ela estaria à mercê dos seres que só pareciam humanos; e até mesmo alguém que tinha vivido uma vida confinada sabia o que acontecia aos seres humanos que passavam imprudentemente em áreas dos *indigenes da terra.*

Uma segunda placa estava exposta no interior da porta. Ela olhou para ela por um longo tempo, apesar de seus pés dormentes e da temperatura gélida.

PROCURA-SE: LIAISON HUMAN

TRABALHO NA: HOWLING BOAS LEITURAS - HBL

(NA ESQUINA)

Um trabalho. Uma maneira de ganhar dinheiro para comida e alojamento. Um lugar onde ela poderia se esconder por um tempo. Um lugar onde, mesmo se ela fosse encontrada, os caçadores não poderiam levá-la de volta, porque a lei humana não se aplicava aqui.

Howling Boas Leituras. Soava como um nome para uma loja de *Outros*.

Ela poderia morrer aqui. A maioria das pessoas que se envolviam com os *Outros* morriam de uma forma ou de outra. Mas, com base no que ela tinha visto na profecia, ela ia morrer mesmo, então, por uma vez em sua vida, o que aconteceria seria em seus termos.

Com sua decisão tomada, ela voltou para a calçada e correu até o canto. Quando ela virou à direita na Crowfield Avenue, viu duas pessoas saírem de uma loja. Luzes e vida.

Ela se dirigiu para ambos.

****

Do seu lugar, atrás do balcão de check-out, Simon Wolfgard olhou para o relógio na parede, em seguida, disse: <*Agora.*>

O uivo do fundo da livraria produziu gritinhos femininos e depois mais grunhidos viris de surpresa.

Erguendo a voz para ser ouvido pelos humanos à vista, ele disse:

— Dez minutos para fechar.

Não que eles soubessem disso. Já houve outro uivo de aviso a dez minutos atrás, exatamente quando o lobo assumiu a posição na porta, que era a marca de segurança da livraria. Um pretenso ladrão teria a sua mão mordida para incutir um forte senso de honestidade para o resto dos seres humanos que vinham para a *Howling Boas Leituras*. Ter que caminhar sobre o sangue, após passar por um lobo mastigando um par de dedos, deixava uma impressão duradoura, para não mencionar alguns pesadelos.

Mas não impedia que os *macacos* voltassem no dia seguinte para olharem as manchas de sangue e sussurrar uns para os outros, enquanto navegavam pelos conteúdos da loja. A emoção de passar por uma estante e ficar *cara a cara* com um dos *Outros* em sua forma animal era a emoção mais arrepiante e por vezes, aumentava as vendas, e a terrível violência tendia a aumentar a venda de livros de terror e romances de suspense, ajudando a livraria a manter um lucro aceitável.

Não que qualquer loja no Pátio precisasse de lucro para permanecer nos negócios. As lojas foram instaladas para a conveniência dos *indigenes da terra* que moravam em Courtyard, e fornecia caminho para que o resto dos *Outros* pudessem receber as mercadorias feitas pelos homens que queriam. Era mais o seu desejo de compreender a forma como as empresas gerenciavam, além de testar a honestidade das empresas humanas, que impulsionava Simon a manter sua loja a cada mês.

Mas a *Howling Boas Leituras* não seguia as práticas de venda a varejo humano quando se tratava do horário de operação. A HBL fechava pontualmente às nove horas da noite, quando estava aberta para os seres humanos, e alguns dos funcionários não hesitavam em mudar de forma para beliscar alguns clientes persistentes, que pensavam que o horário de fechamento da loja era só uma sugestão, em vez de um horário firme.

Ele telefonou para alguns vendedores, mais do que esperava em uma noite fria dessas, quando o sensato seria se esconder em casa para evitar os ventos frios abaixo de zero e a neve chicoteando pelo vento, que tinha tanta mordida como qualquer *Lobo*. Claro, alguns dos *macacos* moravam nas proximidades e utilizavam a livraria e o café ao lado para fazerem um pequeno lanche, usando os locais como pontos de reunião social, quando eles não passavam a noite bebendo nos bares na Main Street.

São seres humanos, Simon lembrou a si mesmo. Ele ajustou os óculos de aro de aço do qual não precisava, mas achava que o deixava parecendo meio desajeitado e um pouco mais acessível. *Você deveria chamá-los de seres humanos quando você está na loja. Dessa forma seria menos provável que usasse o insulto quando fosse falar com um empregado. É duro o suficiente encontrar ajuda, e ainda mais conseguir tolerá-la. Não fazia sentido afastá-los só por insultá-los.*

Essa palavra tinha viajado através do oceano vinda da Afrikah, quando o Liongard se referiu aos seres humanos como *macacos tagarelas.* Depois que os *indigenes da terra* viram os *macacos* em Thaisia, eles adotaram a palavra porque cabia perfeitamente aos seres humanos

que eles encontraram. Mas ele era um membro da Associação de Negócios e fazia parte das lojas integradas e das lojas do Pátio, além de ser o líder da Lakeside de Courtyard, então ele *tentava* não ser insultuoso, pelo menos não em voz alta.

— Simon.

Ele se virou para a voz que soava como xarope quente, quando viu uma mulher usando um casaco com capuz. O movimento levantou a parte inferior de sua camisa curta, revelando alguns centímetros de uma barriga tonificada que ainda parecia suavemente *mordível.*

Havia uma abundância de fêmeas humanas que farejavam em torno da loja, na esperança de serem convidadas para uma caminhada pelo lado mais selvagem, mas havia algo sobre ela que o fez querer afundar as suas presas em sua garganta, em vez de mordiscar sua barriga.

— Ásia. — Ele inclinou a cabeça, um gesto que era ao mesmo tempo uma saudação e uma despedida.

Ela não entendeu a dica. Elas nunca entendiam. Ásia Crane tinha colocado o seu alvo nele desde o primeiro dia em que ela entrou na *Howling Boas Leituras,* e isso foi parte da razão pela qual ele não gostava dela. Quanto mais ela tentava chegar perto dele, mais ele sentia que era um desafio para ser conquistado, e menos ele a queria por perto. Mas ela nunca forçou com tanta força que ele pudesse justificar atacá-la por estar em sua loja.

Algumas pessoas estavam colocando seus casacos de inverno e cachecóis, mas não havia mais ninguém para registrar uma venda.

Dando-lhe um sorriso de *Morda-me*, ela disse: — Vamos, Simon. Já faz mais de uma semana, e você *prometeu* que iria pensar sobre isso.

— Eu não prometi nada, — ele disse quando endireitou o espaço no balcão em torno do caixa.

Ela tinha cabelo loiro e olhos castanhos, e ele tinha escutado um par de machos humanos, que trabalhavam no Pátio, dizerem que ela era linda. Mas havia coisas sobre Ásia que o incomodavam. Ele não

conseguia apontar a sua pata em qualquer coisa em particular, além de sua desmotivação quando deixou claro que não estava interessado, mas esse foi o sentimento que o motivou a se recusar a dar-lhe um emprego no HBL quando ela pediu por ele. Foi também a razão pela qual ele não a deixava alugar um dos quartos nos apartamentos que o Courtyard algumas vezes disponibilizava aos empregados humanos. Agora ela queria a função de Liaison Human[1], um trabalho que lhe daria acesso ao próprio Pátio. Ele a comeria antes que ele lhe desse *esse* trabalho. E Vladimir Sanguinati, que era outro gerente de loja, se ofereceu para ajudar mais de uma vez se Simon procurasse por Ásia alguma noite e sentisse fome. Um arranjo justo, já que Vlad preferia o sangue, enquanto Simon gostava de arrancar pedaços de carne fresca.

— Estamos fechados, Ásia. Vá para casa, — disse ele.

Ela soltou um suspiro teatral. — Eu realmente gosto do trabalho, Simon. O que eu tenho mal paga o aluguel e é *chato.*

Agora ele sequer tentou soar amigável. — Estamos fechados.

Outro suspiro, seguido por um lânguido olhar quando ela fechou o zíper de seu curto casaco, colocou as luvas, e, finalmente, saiu.

John, outro membro da Wolfgard, deixou seu lugar ao lado da porta para fazer uma verificação em busca de quaisquer retardatários. Então Simon estava sozinho na frente da loja quando a porta se abriu novamente, deixando entrar uma rajada de ar frio que ele achou refrescante depois de todos os aromas humanos misturados.

— Nós estamos... — Ele olhou para a porta e engoliu a palavra *fechado.*

A mulher parecia meio congelada. Ela usava tênis de cano alto, – tênis, por piedade - seus jeans estavam encharcados até os joelhos. A jaqueta jeans tinha uma estampa qualquer, e era mais adequada para uma noite de verão, além de uma camiseta por baixo.

Ela parecia tão dolorosamente fria que ele nem teve a consideração automática de saber se ela *seria* comestível.

---

1 Liaison Human - cargo que um humano ocupa no pátio e que serve de elo de ligação entre os shifters e os humanos no posto de correio.

— Há algo que eu possa fazer por você? — Perguntou.

Ela olhou para ele como se o tivesse visto antes, e tudo o que tinha acontecido a tivesse deixado com medo. O problema era que ele não a reconheceu. Não pela visão ou cheiro.

Então ela deu um par de passos em direção ao balcão. Ele suspeitava que pudesse ser para sair do frio, onde estava mais quente, do que se aproximar dele.

— Eu v-vi a placa, — ela gaguejou. — S-sobre o trabalho.

Não era gagueira, ele decidiu. Seus dentes estavam começando a bater. Quanto tempo ela esteve no frio? Era uma tempestade natural, saindo do lago. A primeira do novo ano. E mesmo sendo uma tempestade natural, não significa que não era uma droga.

— Que placa?

— L-liaison H-human, — seus dentes batiam. — A placa disse para procurar aqui.

Momentos se passaram. Ela baixou os olhos. Provavelmente não o suficiente para satisfazer seu olhar agora que ela disse o que queria.

Algo sobre ela o perturbava, mas não era a mesma sensação que ele tinha quando estava ao redor de Ásia Crane. Até que ele descobrisse o que era, ele não iria chutá-la para fora na neve. E, exceto por Ásia, este foi o primeiro ser humano que perguntou sobre o trabalho, e isso era motivo suficiente para dar-lhe alguns minutos de seu tempo.

Pegando um movimento na borda de sua visão periférica, ele encontrou John, agora em sua forma humana, usando um suéter e jeans, e inclinou a cabeça meio que perguntando: *E agora?*

Simon inclinou a cabeça ligeiramente, e olhou para a caixa registradora.

— Quer que eu fique para fechar? — Perguntou John, dando a mulher um tremendo sorriso enquanto se aproximava.

— Sim. — Ele olhou para a mulher. — Vamos ao lado tomar uma xícara de café enquanto discutimos o trabalho.

Ela se virou para a porta externa e hesitou.

— Não, por aqui. — Ele deu um par de passos saindo de trás do balcão e apontou para uma abertura na parede.

Havia outra porta, e mesmo quando a livraria estivesse fechada, o outro lado ainda poderia ser acessível para os clientes. Na parede ao lado da porta havia uma placa sinalizadora: PAGUEM PELAS OBRAS ANTES DE DAR UMA PEQUENA MORDIDA, OU VAMOS DAR UMA VERDADEIRA MORDIDA EM VOCÊ.

A placa do outro lado da porta, dizia: CLARO QUE VOCÊ PODE PEGAR AQUELA CANECA, MAS NÓS VAMOS FICAR COM A SUA MÃO EM TROCA.

Ele não achava que o cérebro da mulher estava descongelado o suficiente para entender as palavras. Após o primeiro choque em vê-lo, ele não achava que ela tinha se inteirado de qualquer coisa.

Tess estava limpando a vitrine de vidro quando ele entrou no outro ambiente. Seu sorriso era amigável para ele, mas mudou para um de atenção quando notou sua companhia.

— Poderíamos beber um pouco de café? — Ele perguntou quando se sentou em uma mesa próxima, longe da porta, mas ainda vendo quem poderia passar em torno das mesas e janelas.

— Ainda há alguma coisa no bule, — ela respondeu, dando à mulher uma imagem mais nítida agora.

Simon inclinou-se para trás na cadeira, descansando um tornozelo sobre o outro joelho. — Eu sou Simon Wolfgard. Qual o seu nome?

— Meg Corbyn.

Ele ouviu a respiração de hesitação que lhe disse que esse não era um nome ao qual ela estava acostumada. O que significava que não era um nome que ela tinha falado por muito tempo. Ele não gostava de mentirosos. Seres humanos que mentiam sobre pequenas coisas tendiam a mentir sobre um monte de outras coisas também.

E dizer o nome era algo tão pequeno para se dizer, dentro de um universo maior.

Mas quando Tess trouxe as canecas de café para a mesa e viu o modo como Meg segurou a caneca para aquecer as mãos, ele deixou de lado.

Ele agradeceu a Tess, em seguida, voltou sua atenção para Meg Corbyn. — Você sabe o que envolve ser um agente Liaison Human?

— Não, — disse ela.

— Então, você não tem nenhuma experiência com um trabalho como este?

— Não. Mas eu posso aprender. Eu *quero* aprender.

Ele não duvidava da sinceridade de suas palavras, mas ele se perguntou se ela não morreria de pneumonia ou alguma outra coisa antes que tivesse chance de aprender alguma coisa.

De repente, ele lembrou-se de uma velha idosa sentada ao sol, oferecendo suas cartas para leitura e dizendo às pessoas a sua sorte. Mas ela não estava com as suas cartas naquele dia, não para ele. O que ela fez foi dizer algumas palavras que foram sussurradas, e que estavam em seus pensamentos durante os últimos vinte anos. E agora, suas palavras soaram em sua memória de forma tão clara como se ele estivesse ouvindo neste momento.

Seja um líder para o seu povo. Seja a voz que decide quem vive e quem morre dentro de seu Pátio. Virá o dia quando a vida que você salvar, por sua vez, salvará alguém querido para você.

O fato de ser o líder da Lakeside de Courtyard não salvou a sua irmã, Daphne, há dois anos. Mas pensar sobre aquela mulher de idade, quando estava de frente a esta jovem tremendo à espera de sua decisão, o deixava inquieto.

Tess colocou uma de suas tigelas de sopa de barro sobre a mesa, junto com alguns biscoitos.

— Essa é a última sopa da panela, — disse Tess.

— Obrigado, mas eu não posso pagar por isso. — A voz de Meg era quase um sussurro e cheia de fome quando olhou para a comida.

Dando a Simon um olhar hostil, Tess disse: — Por conta da casa.

— Coma, — Simon disse quando Tess retomou a sua limpeza. — É saudável e irá aquecê-la.

Ele virou a cabeça e tomou seu café enquanto observava Tess passar por sua rotina de fechamento, dando a Meg um pouco de tempo para se concentrar na comida na frente dela.

Tess era uma preocupação. Tess sempre foi uma preocupação, porque para ela existia uma linha muito tênue entre achar os seres humanos divertidos e não estar disposta a tolerar a existência deles. Ele não sabia o que ela *era*, apenas que ela era um *indigene da terra* e era tão perigosa que até mesmo outras espécies de *indigenes da terra* a temiam. Mas quando ela chegou ao Lakeside Courtyard há alguns anos atrás, havia algo em seus olhos que disse a ele que, se ela não obtivesse algum tipo de companheirismo, ela se tornaria um grande inimigo de tudo o que já viveu.

Convidá-la para ficar na época, foi sua primeira decisão oficial como o novo líder do Lakeside Courtyard. Observando a mudança de um solitário e frágil indivíduo a ser capaz de administrar um negócio público, ele nunca se arrependeu dessa decisão.

Isso não quer dizer que ele sempre confiou nela.

— O que faz um Liaison Human? — Perguntou Meg.

Simon olhou para a tigela. Metade já tinha ido. Ele não tinha certeza se sua pergunta significava que ela já não podia comer ou só precisava de uma pausa.

— Pelos acordos estabelecidos entre os seres humanos e os *indigenes da terra,* todas as cidades de Thaisia têm um Pátio, um pedaço de terra onde os *Outros* residem. Estes Pátios são também lugares onde os produtos fabricados por seres humanos podem ser adquiridos. Mas, os seres humanos não confiam nos *Outros*, e nós não confiamos nos seres humanos. Dos muitos produtos que são entregues por seres humanos, já houveram incidentes suficientes no início para convencer o governo humano e os nossos líderes de que fosse prudente ter alguém para receber as entregas do correio, sem ser inclinado a comer o mensageiro. Assim, uma área de recepção foi construída em cada Pátio

e este é ocupado por alguém que age como um elo de ligação entre os seres humanos e os *Outros.* Cada Associação Empresarial de Courtyard decide sobre a remuneração e as regalias. Pelos acordos, o governo humano pode punir qualquer serviço de entrega que se recusar a entregar a mercadoria em um Pátio. Por outro lado, há uma janela de tempo limitado quando a posição de Liaison Human pode ser desocupada antes que as empresas se recusem a entrar em nossa terra sem penalidade. Esses tipos de interrupções tendem a desgastar a tolerância que cada lado tem pelo outro, e quando a tolerância é desgastada, pessoas tendem a morrer. Às vezes, muitas pessoas morrem.

Meg comeu outra colherada de sopa. — É por isso que você autoriza os seres humanos a comprar em sua loja? Para construir a tolerância entre os seres humanos e os *Outros*?

Mulher inteligente. Sua conclusão não foi de que os *indigenes* precisavam de mais *terras*, mas que estavam interessados em ser tolerantes com os seres humanos, e isso indicava uma compreensão do porquê era necessário um agente Liaison.

— O Lakeside Courtyard é um tipo de experimento. Enquanto existem lojas em nossa praça do mercado que são exclusivamente para o nosso povo e nossos funcionários humanos, muitas empresas em Crowfield Avenue têm horas reservadas para os seres humanos em geral. A livraria e a loja de café são duas dessas empresas. Há também um centro de fitness que tem algumas associações disponíveis para os seres humanos, a loja da costura/alfaiate, e uma galeria na rua principal, que é aberta para qualquer um.

— Mas a lei humana não se aplica nas lojas?

— Isso é certo. — Simon a estudou. Ele não confiava em Ásia Crane. Sua reação a Meg não era tão simples. Por isso, ele decidiu contratá-la. Não faria mal ao Pátio tê-la por perto por alguns dias, especialmente se alguém mantivesse um olho sobre o que ela estivesse fazendo, e isso lhe daria tempo para descobrir o porquê de ele ter ficado inquieto perto dela. Mas antes que contratasse Meg, ele precisava dizer

mais uma coisa. — A lei humana não se aplica aqui. Você entende o que isso significa?

Ela assentiu com a cabeça. Ele não acreditava nela, mas deixou passar.

— Se você quer o trabalho, ele é seu.

Ela olhou para ele com olhos que eram de um tipo de cinza claro, olhos de *Lobo,* exceto que ela não era um Lobo. A pele pálida corou com uma pitada de rosa nas bochechas. E agora que estava secando, ele percebeu que seu cabelo era de uma sombra estranha de vermelho e *algo* mais.

Eles teriam que fazer algo sobre isso.

— Eu posso ter o trabalho? — Perguntou Meg, sua voz soando algo que ele teria chamado de esperança.

Ele assentiu. — É um salário-base, você vai ganhar por hora e se você for responsável, vamos manter um registro de suas horas. Você também usará um dos apartamentos de funcionários acima da loja de costura/alfaiate, e você pode comprar itens em qualquer loja na Praça do Mercado.

Tess voltou e deixou um molho de chaves sobre a mesa. — Vou buscar algumas informações básicas de nossas lojas enquanto você mostra a Meg o apartamento. Deixe os pratos sobre a mesa. Eu vou cuidar deles mais tarde. — Ela saiu tão rapidamente como tinha chegado.

Meg comeu mais uma colherada de sopa e esvaziou a caneca de café. — Ela está com raiva de mim?

— Você? Não. — Com ele? Às vezes era difícil dizer com Tess. Outras vezes era muito fácil ver os sinais de alerta chegando.

Ele ergueu as chaves. — Temos regras, Meg e nós as aplicamos. O acesso ao Pátio é restrito. Você não pode trazer convidados para o seu apartamento sem o nosso conhecimento, você tem que informar. Se sentirmos a presença de um estranho, vamos matá-lo. Nós não estamos interessados em desculpas, e não damos segundas chances. A loja na esquina é o lugar onde os seres humanos e outros podem socializar sem

necessidade de permissão de um líder. Você pode levar os seus hóspedes lá. Entendido?

Ela balançou a cabeça.

— Tudo certo. Vamos. Vamos sair pela livraria.

Ele a levou de volta para a HBL, pegando o seu casaco de inverno, que John tinha deixado no balcão para ele. Colocou o casaco, e abriu a porta, mantendo-a aberta contra o vento até Meg passar. Então ele trancou a porta, deu um aperto em seu braço para impedi-la de escorregar, e caminhou ao seu lado, até chegar a uma porta de vidro com uma placa sinalizando costureira/alfaiate.

— A primeira chave é para a porta da rua. — Ele pegou o molho de chaves e colocou a primeira chave na fechadura. Ele abriu a porta, empurrou-a para passar pela pequena entrada, em seguida, fechou a porta atrás dele. Lembrando que os seres humanos não tinham a mesma visão noturna, como os *Lobos,* ele acendeu o interruptor de luz, revelando as escadas que levavam para o segundo andar.

Ela subiu as escadas, mas parou no patamar para esperar por ele.

Ele passou à frente dela, verificou o número do apartamento na chave, e fez um grunhido quase inaudível de surpresa. Tess lhe tinha dado a chave para o apartamento da frente, que era o mais distante da entrada da Avenue Crowfield e o mais perto da escada que dava para o Pátio.

Ele abriu a porta do apartamento e ligou o interruptor da luz do teto, tirando automaticamente as botas molhadas e deixando-as no corredor. Enquanto esperava Meg lutar para tirar os seus pés dos tênis molhados, ele olhou em volta. Limpo e básico. Banheiro e closet em uma extremidade. A área da cozinha continha uma pequena geladeira, um fogão, um pequeno balcão e pia, e os armários eram mínimos para o armazenamento. Uma cama de solteiro e uma cômoda. Uma pequena mesa retangular e duas cadeiras de costas retas. Uma cadeira estofada e um pufe e uma lâmpada de leitura ao lado de uma estante vazia.

— Deve haver um conjunto de toalhas no banheiro, — disse ele. — Parece que você precisa de um banho quente.

— Obrigado, — Meg sussurrou.

— O banheiro é por ali. — Simon apontou.

Ela estava tremendo muito, e ele se perguntou se ela seria capaz de sair daquelas roupas molhadas. Mas ele não tinha a intenção de ajudá-la.

A porta do banheiro foi fechada. Ele não conseguia esconder que tinha uma das audições mais afiada entre os animais, mas ele ignorou os sons, enquanto localizava os cobertores extras na última gaveta do armário, o banheiro estava a toda velocidade. Um momento depois, o chuveiro foi ligado.

Ele estava olhando para fora da janela, observando a neve caindo, quando Tess entrou carregando dois sacos grandes com zíper.

— Eu coloquei tudo na sua conta, — ela disse. Seu cabelo, geralmente castanho e reto, agora estava enrolado descontrolado e tinha faixas de um tom verde, e isso era um sinal de que Tess não estava se sentindo *calma*. Pelo menos as faixas não estavam vermelhas, a indicação de que ela estava com raiva.

Quando seu cabelo ficava preto, pessoas morriam.

— Colocou o que na minha conta? — Perguntou.

— Dois conjuntos de roupas, roupas de dormir, produtos de higiene pessoal, um casaco de inverno e botas, e um pouco de comida.

O casaco era de um tom vermelho brilhante, que era uma cor que atraia um grande número de moradores em Courtyard, pois geralmente significava uma presa abatida. Já que este era o motivo mais provável por ninguém ter comprado, ele se perguntou por que Tess iria trazê-lo para Meg.

— Eu pensei que nós poderíamos oferecer a refeição do meio-dia, como parte de seu salário, — ele disse.

— Você pode querer discutir isso com o resto da Associação Empresarial antes de tomar tantas decisões, especialmente já que você

acabou de contratar uma nova *Liaison* sem falar com o resto de nós, — Tess respondeu com uma mordida em sua voz.

— Você trouxe as chaves do apartamento antes que eu pedisse, e por isso, você tomou uma decisão também, — Simon respondeu.

Ela não respondeu. Ela apenas colocou um dos sacos na cama, em seguida, levou o outro para a cozinha. Depois de tirar a comida do saco, ela se juntou a ele na janela. — Você não tem o hábito de tomar decisões assim, Simon. Especialmente em relação a *macacos*.

— Eu não poderia deixá-la lá fora no frio.

— Sim, poderia. Você deixou outros seres humanos para se defenderem sozinhos. Por que agora é diferente?

Ele deu de ombros, não querendo falar sobre a velha idosa cujas palavras, de alguma forma, influenciaram suas escolhas.

— Precisamos de um agente Liaison, Tess.

— É uma ideia de um tolo, se você me perguntar. Os únicos seres humanos que querem o trabalho são ladrões que pensam que podem roubar de nós ou aqueles que se escondem de sua própria lei. A última vez você jogou um fora foi por ser um saco preguiçoso de merda, e aquele antes disso... Os Lobos *comeram* o anterior.

— Nós não fomos os únicos que o comemos, — Simon murmurou.

Mas ele teve que admitir que Tess tinha razão. O Liaison mal tinha tempo de aprender o trabalho, antes de uma substituição ser necessária, por uma razão ou outra. Os seres humanos sempre tinham uma razão para querer o trabalho que não tinha nada a ver com a função. Não era essa uma das razões pelas quais ele não dava o emprego para Ásia? O trabalho como ligação era apenas sua próxima tentativa de fazê-lo notá-la. Ele não precisava dela farejando mais do que ela já farejava.

— Do que será que Meg Corbyn está fugindo? — Perguntou Tess. — Ela não é daqui. Não com as roupas que estava usando.

Ele não respondeu, porque ele não discordou. Meg poderia muito bem ter a palavra *fugitiva* estampada em sua testa.

As faixas verdes desapareceram do cabelo de Tess. Ela suspirou. — Talvez ela fique tempo suficiente para tirar o atraso dos correios e dos pacotes.

— Talvez, — disse ele. Ele não achava que Meg Corbyn, ou quem ela realmente era, ficasse até receber o seu primeiro salário. Mas ela disse que queria aprender, e nenhum dos outros seres humanos tinha dito isso. Nem mesmo Ásia.

Um silêncio constrangedor.

— Você deve ir, — disse Tess. — Uma menina nua no chuveiro. Homem estranho. Eu li esses tipos de histórias em livros que os humanos escrevem.

Simon hesitou, mas Tess estava certa. — Diga a Meg que eu vou encontrá-la no escritório do Liaison às oito e meia da manhã. Isso me dará tempo para passar algumas informações para ela antes que as entregas comecem as nove.

— Você é o chefe.

Colocando as chaves sobre a mesa, ele deixou o apartamento e se perguntou se deixando Meg sozinha com Tess, ele tinha acabado por assassinar a menina.

****

A água quente derretia a sua dor, e a sensação era maravilhosa. Ela usou o xampu e o sabonete que estava no rack de chuveiro, em seguida, apenas ficou lá com uma mão apoiada na parede.

Segura, por enquanto. O vento e a neve teriam limpado seus rastros. Ela foi vista por seres humanos, o que era um perigo, mas enquanto ela permanecesse dentro dos limites do Pátio, ninguém poderia tocá-la. Nem mesmo...

Tremendo, ela estendeu ambos os braços. A cicatrizes finas e retas pontilhavam o topo de ambos os braços, do ombro ao cotovelo, com pouca distância. O mesmo tipo de cicatrizes que ela possuía na parte superior de sua coxa esquerda e na parte externa da coxa direita. Havia

uma linha delas, do lado esquerdo até a parte de trás. Eles tinham que ser precisos, ou o corte de nada valia, podendo ser até inútil.

Exceto pela punição.

Ignorando as cicatrizes na parte superior de seu braço esquerdo, ela estudou as três linhas já em crostas no antebraço. Dessas cicatrizes ela não se arrependeria. Foram as visões, de quando fez aqueles cortes, que tinha comprado a sua liberdade, mas também, tinha mostrado uma visão de sua morte.

Um quarto branco. Uma cama estreita com grades de metal. Ela estava presa naquele quarto, naquela cama, sentindo tanto frio que seus pulmões não conseguiam puxar o ar. E Simon Wolfgard, o homem de cabelos escuros que ela tinha visto na profecia, estava lá, andando e rosnando.

Ela desligou a água e abriu a porta do chuveiro.

Um momento depois, alguém bateu na porta do banheiro.

— Meg? É Tess. Vou abrir a porta e deixar um pijama para você. OK?

— Sim. Obrigado.

Meg pegou uma toalha e a segurou na frente dela, contente que o vidro estava esfumaçado, desse modo, ninguém veria as cicatrizes que a toalha não poderia esconder.

Quando Tess fechou a porta novamente, Meg saiu do chuveiro, se secou tão rapidamente quanto pôde, e entrou no pijama. Limpando a condensação do espelho, ela verificou duas vezes para ter certeza de que não estava mostrando qualquer cicatriz, em seguida, abriu a porta e entrou no apartamento.

— Dê-me suas roupas molhadas, — disse Tess. — Vou levá-las para secar.

Concordando, Meg foi buscar as roupas que tinha deixado no banheiro e entregou-as a Tess.

— Há um pouco de comida nos armários e na geladeira, — disse Tess. — E dois conjuntos de roupas. Imaginei os tamanhos, mas você

pode trocá-las na loja se não se couberem. Simon irá encontrá-la no escritório do Liaison às oito e meia amanhã para informar seus deveres.

— Tudo bem, — disse Meg. Agora que ela estava quente, ficar acordada era quase doloroso.

— As chaves estão sobre a mesa. — Tess se dirigiu para a porta.

— Você foi muito gentil. Obrigada.

Tess virou-se e olhou para ela. — Durma um pouco.

Meg contou até dez antes de correr até a porta. Ela não tinha certeza se era possível ouvir alguma coisa pressionando a orelha contra a madeira como as pessoas faziam nos filmes, mas ela fez isso de qualquer maneira. Não ouvindo nada, ela trancou a porta e apagou a luz do teto. As luzes nas calçadas em Crowfield Avenue forneciam uma luz suave, o suficiente para ficar em frente às janelas, então, puxou as cortinas pesadas, mas hesitou e deixou a segunda janela descoberta. Indo para a cama, ela entrou em baixo do edredom e ficou tremendo até que fosse aquecida com o seu próprio calor.

A morte esperava por ela em algum lugar no Pátio. Mas não viria para ela esta noite. Ninguém estava vindo para ela esta noite.

Respirando e dando um suspiro de alívio, Meg fechou os olhos e adormeceu.

****

Simon se sacudiu para afofar seu pelo. Não gostaria de estar aqui em sua pele humana, mas a neve parou de cair e, como um lobo, ele não se importava com o frio, especialmente quando alguns dos lobos saíam para uma brincadeira, ou apenas para correr pelo Pátio.

Passar muito tempo em sua forma humana o deixava nervoso. Sim, ele se ofereceu para ajudar na administração de Courtyard e tinha sido o único a pressionar para abrirem algumas lojas para os seres humanos, como outra maneira de manter um olho neles. Mas isso não o deixava menos nervoso em estar em torno deles ou se manter na pele durante tantas horas quando estava na *Howling Boas Leituras*. Ele

precisava de tempo em sua *outra* pele, um tempo muito necessário para se acalmar.

Elliot trotou até ele. Simon era o Lobo dominante em Lakeside, mas seu pai era o rosto oficial do Courtyard. Elliot não tinha interesse na administração dos negócios e não ficava confortável em lidar com os outros *indigenes da terra*, especialmente com os Elementais e os Sanguinatis, mas ele tinha um talento especial para lidar com o governo humano e era o único entre eles que conseguia falar por horas com o prefeito na cidade - ou outras autoridades - e não morder ninguém.

Enquanto Simon era muitas vezes considerado um líder empresarial, Elliot era considerado mais social e sofisticado, e muitas vezes confundido como sendo *o líder* do Lakeside Courtyard. O que era muito adequado para Simon. Seu pai poderia apertar as mãos e participar de jantares e ter sua fotografia tirada. E se o prefeito e seus amigos estivessem com muita sorte, eles nunca descobririam que a sofisticação de Elliot era apenas superficial.

Mais sete lobos se juntaram a eles. Satisfeito com a companhia, Simon se encaminhou até a estrada de neve. Cada espécie de *indigene da terra* que morava em Courtyard tinha uma seção que era respeitada como sendo seu próprio território, mas o resto da terra era compartilhado por todos eles. Uma vez que Simon e seus amigos cruzassem o Pátio Creek Bridge, eles estariam na área de Hawkgard, para que pudessem pegar a primeira estrada que levava para o interior, para darem uma corrida.

Lobos, ele pensou quando todos se estabeleceram em um trote fácil para aquecer os músculos. Talvez, os outros lobos fossem até parecidos com eles quando o mundo era mais jovem, mas os *indigenes da terra* eram mais rápidos, fortes e letais, e em sua forma *Lobo* eram maiores e mais *primais.* E os seres humanos ainda confundiam um lobo com um Lobo *indigene da terra*... Era como dizer que um lince era um tigre.

Eles trotaram ao longo de centímetros de neve na estrada; o resto da neve que caiu nesta noite estava artisticamente acomodado em ambos

os lados. Ele teria que se lembrar de agradecer as meninas do lago por isso.

Com os músculos aquecidos, Simon esticou em uma corrida, passando com o bando sobre a ponte. Bom para relaxar. Bom sentir a mordida limpa do tempo. Bom gosto...

O vento mudou. Uma coruja, uma das sentinelas noturnas do Courtyard, sobrevoou, indicando um aviso. <invasores!>

Não deveria haver ninguém na estrada que serpenteava entre Lakeside Park e Courtyard exceto os *limpa-neve* que trabalhavam durante a noite para desobstruir as estradas para os seres humanos trabalharem no dia seguinte. Se um trabalhador da cidade *tivesse* que ir para o Pátio, *especialmente* à noite, um oficial do governo teria chamado Elliot de antemão. Assim, nenhum ser humano tinha razão para estar aqui esta noite.

Pegando o cheiro, Simon se virou para uma estrada de serviço estreita que corria perto da cerca do Pátio, correndo ao máximo de sua velocidade.

Nenhum uivo, nenhum som, nenhum aviso, apenas as formas em preto, branco, e cinza se misturavam com a neve e a noite enquanto corriam em direção ao inimigo.

Um perigo se os humanos trouxessem armas, já que a neve mais profunda na estrada de serviço estava retardando os Lobos o suficiente para que os invasores pudessem dar um tiro ou dois. Mas os seres humanos teriam que andar também pela neve, e por isso, mesmo que ferisse um casal de lobos, eles ainda não iriam fugiriam.

<*Lá,*> Simon disse.

Três seres humanos se arrastavam na neve, perto da cerca de ferro negro que servia como limite do Pátio.

<*Rifle,*> disse Elliot.

<*Estou vendo,*> Simon respondeu. Entrar em sua terra com uma só arma? Improvável. Só porque ele não podia ver outras armas não significava que elas não estavam lá.

Ele avistou a fumaça preta se movendo um pouco acima da neve, correndo para os intrusos. Ignorando a fumaça, ele se concentrou no homem com o rifle. O tolo não estava prestando atenção e não o viu ou os outros lobos chegando até que o terceiro homem olhou em volta e gritou uma advertência.

O rifle virou na direção de Simon.

Ele não alcançaria o inimigo rápido o suficiente. O tiro iria acertar um deles.

Uma fumaça preta de repente rodeou o homem com o rifle. A fumaça foi na direção das mãos com o rifle e o puxou para cima, e foi quando o homem puxou o gatilho.

Simon correu, passando pela fumaça e saltou, atingindo duramente o segundo homem, tão forte que ambos acabaram saindo da pista, caindo na neve fresca. Seus dentes se fecharam sobre o cachecol grosso enrolado em volta do pescoço do homem, o poder esmagador da mandíbula do lobo lentamente estrangulando sua presa, enquanto outros lobos apertavam o cerco contra os pulsos do homem, impedindo-o de lutar.

O homem envolto em fumaça gritou.

Simon manteve sua presa até que ele parou de lutar. Liberando a garganta, ele levantou a cabeça e cheirou o rosto do homem. Apenas inconsciente.

Perfeito.

O sangue se espalhou sobre a neve da garganta do terceiro homem quando os lobos rasgaram as roupas para chegar à carne.

A fumaça em torno do primeiro homem condensou até que se tornou um homem de cabelos pretos, usando uma camiseta preta e jeans. Seus braços estavam em torno do humano; suas mãos ainda estavam presas ao longo das mãos segurando a espingarda.

Na sua forma de fumaça, o Sanguinati liberou suas presas e tirou sangue da pele. Não havia muita pele exposta com este tempo frio, mas o rosto do homem estava suando gotas de sangue que congelaram quase que instantaneamente.

<*Vlad,*> Simon disse.

Vladimir sorriu, revelando caninos alongados. — Eu vou levar um presente de volta para as Câmaras. Vovô está vendo alguns de seus filmes antigos e irá apreciar um novo lanche.

Simon baixou a cabeça em reconhecimento.

— Nyx e eu vamos passar por aqui mais tarde e resolver o que quer que possa ser útil e descartar o resto. — Ainda sorrindo, Vlad arrancou o rifle do aperto do homem, tirou o casaco de inverno pesado, e voltou para a parte Sanguinati em Courtyard, correndo facilmente enquanto arrastava sua presa.

Seguindo o rastro dos seres humanos, Simon estudou os zimbros quebrados que foram colocados juntos da tela para manter o Pátio privado da condução de carros e de olhares indesejados, que poderiam querer observar o Parque do outro lado da estrada. De pé sobre as patas traseiras, ele passou por entre dois arbustos.

A trilha levava até um carro estacionado em um parque na Parkside Avenue, seu alerta estava piscando. O carro seria relatado quando o próximo *limpa-neve* passasse no local, mas ninguém faria perguntas até de manhã, se alguém aparecesse.

Ele trotou de volta para sua presa.

Vários Lobos estavam felizes rasgando outro corpo. Elliot estava esperando perto do homem inconsciente. Quando Simon se aproximou, Elliot olhou na direção que Vlad tinha ido.

<*Aquela era a nossa presa,*> Elliot rosnou.

<*E essa também é nossa,*> Simon rosnou, mostrando os dentes. <*Compartilhamos.*>

<*Resíduos de carne.*>

<*Não é um desperdício.*> Era verdade, o Sanguinati não comia a carne, mas depois que a família de Vlad jantasse, ele chamaria o Boone Hawkgard, que era o açougueiro do Courtyard. Amanhã haveria um discreto sinal na janela da loja informando para os *indigenes da terra* que havia *carne especial* disponível.

Uma mudança na respiração do homem indicou um retorno à consciência. Agora era hora de comer.

Com as garras dianteiras alongadas, patas pesadas peludas e com garras estendidas, Simon e Elliot rasgaram o casaco de inverno, arrancaram o cachecol, e a camisa de flanela, depois a camiseta, desfiaram os jeans e as ceroulas, arrastando pelas coxas até os tornozelos.

Com a respiração ofegante, o homem abriu os olhos.

Arreganhando os dentes, Simon mordeu na barriga enquanto Elliot arrancou a garganta, cortando o grito do homem.

Descanse em paz.

Lágrimas.

Engolir carne quente e fresca.

Simon tirou o fígado e alegremente o devorou, deixando o coração para Elliot. Ele comeu a sua parte, em seguida, se afastou, encolhendo as garras da sua pata frontal, e ainda em sua forma de lobo, rolou na neve fresca para limpar sua pelagem. Quando seus amigos terminaram do comer, Simon uivou uma *Song of Prey.* Quaisquer outros lobos que estivessem correndo esta noite iriam passar para receber uma parte da refeição ou duas.

Partilhamos, ele pensou, olhando para o braço que foi arrancado do corpo em algum momento durante a alimentação. Ele o pegou e refez os seus passos de volta à estrada principal de Courtyard. Então, se afastou. Ele atravessou a Ponte de Courtyard Creek e passou pela terra de Wolfgard, finalmente deixando o braço na parte do Pátio de Corvine. Os corvos gostariam de receber um pequeno café da manhã fácil pela manhã.

Um minuto depois, Elliot chegou até ele, carregando parte de uma caixa torácica. Seu pai pode não gostar de dividir uma matança, mas quando eles se mudaram para Lakeside, Elliot tinha concordado em seguir a liderança de Simon.

Sim, os corvos iriam comer bem na parte da manhã. E pelo tempo que todos os *Outros* tivessem a sua quota, não haveria muitas sobras dos macacos para queimar e enterrar.



CAPÍTULO 2

AQUILO É UM CARRO, isto é um trem, aquele é um ônibus... Caveira e ossos cruzados significam veneno... Shh. Fique quieta. Esta é outra lição... Preste atenção, cs759. Veja o que acontece a alguém que está envenenado... Este é um cão, este é um gato... Este é um vídeo onde mostra uma mulher montando um cavalo... Esta é uma criança, este é um martelo. Isto é o que acontece com um cara quando...

Um estrondo sacudiu Meg em seu sono agitado. Com o coração batendo forte, ela olhou para as formas escuras sombreadas pela luz cinzenta, tentando lembrar onde estava, enquanto escutava passos pelo corredor, indicando que os *Aqueles Com Nome* estavam próximos de começar o dia de quebra de espíritos com "mimos" e lições.

Havia pessoas que cuidavam, e outras em seus uniformes brancos com crachás presos acima do bolso do peito. Os homens de jaleco branco eram os que picavam e incitavam, decidindo quais meninas permaneceriam em condição privilegiada. E a cs747 gritava com eles, dizendo que ela tinha um nome também, seu nome era Jean, e só porque ela não tinha o seu nome fixado em sua camiseta, ele não era menos verdadeiro.

Jean foi restringida por semanas depois que roubou um desses crachás com nome, e usou o alfinete de ferro para esculpir seu nome em letras grandes em toda sua barriga, arruinando toda aquela pele tão cara. Depois disso, os uniformes pararam de ter crachás e os nomes passaram a ser costurados com linha. E quando Jean voltou para as sessões de treinamento, ela se referiu a todos os que trabalhavam no composto como um Aqueles Com Nome, recusando-se a dar-lhes qualquer nome distinto.

Aqueles Com Nome odiavam Jean. Mas Meg tinha escutado os delírios da menina mais velha, as vagas lembranças de um tipo diferente de vida, e ansiava por algo que ela tinha vislumbrado somente através das imagens que compunham as aulas. Pensando em si mesma como Meg, em vez de cs759, ela se autonomeou, e foi o seu primeiro ato de uma rebelião silenciosa.

Outro som, mais uma crise constante do que um rumor.

Ela não estava mais no composto, não estava ao alcance dos *Aqueles Com Nome* para dar passeios a pé ou ser controlada. Ela estava no Lakeside Courtyard... Ao alcance dos *indigenes da terra.*

Meg escorregou para fora da cama, e se arrastou para a lateral da janela, onde poderia olhar para fora sem ser vista.

Outro barulho, e viu um caminhão grande descendo pela rua, sua pesada lâmina limpando a neve em seu caminho.

Limpa-neve. Os que ela tinha visto em vídeos de treinamento não faziam som, mas isso era típico. Identificar os sons era uma lição diferente a partir de imagens de identificação. Exceto quando as meninas estavam assistindo vídeo com sons e imagens, mas, muitas vezes não eram utilizadas em conjunto. Constantemente.

Ela se moveu para ver mais da rua.

Havia um carro em movimento na rua. A trituração era o som dos pneus na neve. Os pés dela fizeram o mesmo som na noite passada. Neve e frio intenso. Agora, ela tinha um som para associar com o que já tinha visto e as imagens em sua memória se uniram ao som.

Tremendo, ela voltou para a cama e se encolheu debaixo das cobertas até se aquecer novamente.

Ela escapou e ela correu. Ela não tinha certeza de onde o composto estava localizado, ela estava focada em onde precisava ir e não aonde estava, mas parecia que ela estava muito longe do local onde o Controlador mantinha suas meninas. Ele enviaria alguém para encontrá-la. Mesmo se ela tivesse sido muito usada, o suficiente para ser descartada como uma perda, ele não podia permitir que ela escapasse e

fosse bem-sucedida. Mais meninas poderiam tentar fugir, e isso era algo que o Controlador não podia aceitar.

Mas, por agora, ela tinha um emprego e o seu empregador era um lobo em sua outra forma. Era isso o que seu sobrenome significava. Qualquer um chamado Wolfgard era um *indígene da terra* que poderia se transformar em um Lobo. Ou talvez fosse um Lobo que poderia se transformar em um ser humano. Mesmo o Controlador, com todos os seus espiões em busca de informações, não conseguia descobrir muito sobre os *Outros,* pois não eram verdadeiramente conhecidos por quase ninguém.

Ela pensou sobre a neve e frio. Ela pensou em ficar aconchegada na cama por um dia.

Então ela pensou que seria demitida em seu primeiro dia de trabalho e estaria novamente lá fora, e sozinha. Então ela se levantou e tomou mais um longo banho quente, porque não havia ninguém para lhe dizer que ela não podia. Dobrou sua roupa usada, esfregou seu cabelo até ficar quase seco, enquanto considerava as roupas que Tess tinha deixado para ela. Não havia muita variedade. Um jeans preto e outro azul escuro. Dois pulôveres, um preto e outro de um azul claro, ambos de uma lã pesada. Duas camisas de gola alta na cor creme.

Preto parecia demasiado solene para o seu primeiro dia, então ela escolheu o azul. Aliviada com a escolha, pegou os sapatos que pareciam meio desajeitados, mas eram surpreendentemente confortáveis e entrou na cozinha, abrindo armários e gavetas. Ela identificou uma pequena cafeteira, que ela não sabia como usar, e um pequeno fogão, que ela também não sabia como usar. Ela encontrou manuais de instruções em uma das gavetas da cozinha, mas um olhar para o relógio a desencorajou de tentar compreender qualquer aparelho. Sua cabeça estava cheia de imagens, mas eram de fotos ou recortes, suficientes para ela identificar alguma coisa, mas não o suficiente para descobrir como fazer nada por si mesma.

Os cortes que ela tinha sofrido como punição por mentiras e desafio quase a levaram à loucura, mas eles também tinham lhe

mostrado muitas imagens anteriores, imagem de profecias, de repente colocando-as em um contexto útil. Se ela não tivesse sido punida, ela não teria aprendido como escapar.

Incerta de quanto tempo a comida deveria durar, ela bebeu meio copo de suco de laranja, deu duas mordidas em um queijo amarelo, e comeu um pedaço de frango cozido. Ainda com fome, ela vasculhou os armários e encontrou uma caixa de cereal seco e um pacote de bolachas de chocolate.

Ela rasgou o pacote e comeu dois biscoitos rapidamente, e mal sentiu o gosto. Pegou outro biscoito, mas comeu devagar, saboreando o sabor. Então colocou o pacote de volta no armário e fechou firmemente a porta.

Imagens no Treinamento. Insetos rastejando sobre as embalagens de comidas deixadas abertas em um armário.

Meg abriu o armário e tirou o pacote de biscoitos. Não o selou adequadamente, de modo que ela vasculhou outros armários até encontrar pequenos pratos, e potes de vidro dentro do armário sob o pequeno fogão. Mas nenhum deles era grande o suficiente para caber o pacote, a menos que ela comesse mais biscoitos.

Ela pegou outro biscoito, depois sacudiu a cabeça e voltou a pesquisar em outros armários. Ela encontrou um pote que era grande o suficiente e tinha uma tampa. Olhou para o relógio acima do fogão, e percebeu que tinha usado muito tempo, então o pote teria que servir.

Ela pegou as botas, em seguida enfiou os sapatos em um dos grandes sacos com zíper que Tess tinha deixado. Ela precisaria de uma bolsa para levar quaisquer pequenas coisas pessoais que ela precisava levar com ela.

Que coisas as mulheres carregam?

Ela caminhou em direção à porta, completamente focada em recordar cada imagem de sua formação sobre bolsas e seus conteúdos. Uma batida tranquila a fez dar um grito e tropeçar para longe da porta, seu coração batendo. A segunda batida, mais alta e impaciente, soava mais tranquilizadora, de um modo assustador.

Ela virou a fechadura e abriu a porta o suficiente para olhar para fora.

Simon Wolfgard olhava para ela.

— Sr. Wolfgard. — Ela abriu a porta. — Eu não estava esperando por você.

— Não estava? — Ele passou pelo batente, forçando-a a recuar. — Já que você ainda não teve esse tipo trabalho, eu pensei que você gostaria de uma explicação dos seus deveres. E pensei que você gostaria de conhecer o atalho para o Gabinete do Liaison em vez de andar pela rua.

Como ele sabia que ela queria evitar ficar em seu território, tanto quanto possível? Será que ele sabia quem ela realmente era? *O que* ela era?

Ele olhou para ela. Os óculos que ele usava não escondiam os olhos âmbar de um predador, olhos que a encararam na noite passada. Mas ele não estava fazendo nada além de observá-la... Porque ele estava esperando que ela pegasse o casaco para que ele pudesse mostrar onde ficava o Gabinete do Liaison, antes que ele fosse ao seu próprio trabalho.

Em alguns vídeos que viu, as pessoas diziam *Duh* ou batiam a mão contra sua testa para indicar um momento sem cérebro. Tinha a sensação de que ele já achava que ela era bonita, mas sem cérebro, e ela não quis confirmar isso.

Ela foi buscar o casaco vermelho do armário.

— Gorro, luvas e cachecol, — ele disse, olhando ao redor da sala, como se verificasse as diferenças entre o que ele tinha visto na noite passada e agora.

Ela encontrou os itens nas prateleiras ao lado do armário. Ela envolveu o cachecol em volta do pescoço e puxou o gorro enquanto corria na direção dele.

— Chaves, — ele disse.

Ela viu as chaves sobre a mesa. Ela olhou ao redor tanto quanto ele tinha e perguntou se havia qualquer outra coisa que uma pessoa normal se lembraria de fazer antes de deixar seu domicílio.

— Pronta? — Perguntou.

Isso era o que, uma pegadinha? Ela tinha tantas perguntas. Havia tantas coisas que ela não conhecia. Mas ele era seu empregador, por isso não parecia inteligente perguntar-lhe sobre qualquer coisa que não envolvesse seu trabalho.

Ele entrou no corredor e a observou fechar a porta. Ela colocou o molho de chaves no bolso do casaco, aliviada quando percebeu que o bolso tinha um zíper. As pessoas estavam sempre perdendo chaves. Ela tinha cicatrizes em seus dedos do pé para provar isso.

A poucos passos de distância da sua porta havia outro corredor que dava para a parte de trás do prédio, que terminava em uma porta de vidro e madeira.

Simon virou o bloqueio. — Esta chave é a terceira do molho. Você não precisa de uma chave para sair, mas precisa de uma para entrar.

— Terceira chave, — ela repetiu. Ela seguiu-o para fora e sentiu seus pulmões congelarem. — Está *frio.*

— Você está no Nordeste e é inverno. Supõe-se que seja frio. Tenha cuidado ao andar. A neve foi varrida esta manhã, mas a calçada pode estar escorregadia.

Em contraste com o seu aviso, ele desceu as escadas suavemente, enquanto Meg manteve um aperto firme no corrimão com uma mão enquanto segurava a bolsa com zíper na outra.

Simon apontou para um canto do edifício onde estavam. — Essa é a parte de trás do gabinete do Liaison. Vamos até lá em um minuto. Primeiro... — Ele passou por um edifício de um andar com grandes portas. — Garagens. Algumas têm veículos; e outras são utilizadas para armazenamento.

— Garagens, — ela murmurou, lutando para se manter ao lado dele.

Ele virou à esquerda, e passou por um espaço vazio cercado por paredes em três lados.

— Estacionamento dos empregados, — ele disse, fez uma pausa e apontou para uma porta na parede de trás. — Isso leva ao

estacionamento dos clientes. Está trancado e é usado somente quando estamos fazendo a manutenção. — Ele passou pelo estacionamento e passou por um arco.

Meg olhou para os prédios que cercavam o espaço aberto. Os edifícios que cercavam a praça tinham três andares de altura, e um dos lados tinha uma das maiores entradas em forma de arco, com dois andares.

— Esta é a Praça do Mercado, — disse Simon. — Há degraus que levam até a área aberta, mas você não pode vê-los agora, por estar perto dos edifícios. — Ele apontou para várias portas. — A biblioteca de Courtyard. Você pode pegar livros emprestados ou comprá-los na *Howling Boas Leituras*, se for algo que você deseje manter. Música e filmes, ambos podem ser alugados ou vendidos. Temos um supermercado, um açougue, um escritório para questões dos *indigenes da terra, bodywalkers*, o que você chamaria de médicos, uma farmácia, loja de artigos gerais, roupas...

— *Sparkles e Junk*? — Ela perguntou, avistando uma placa em uma loja.

— Os Corvos cuidam desse negócio. Você pode encontrar diamantes falsos, diamantes reais, ou uma boneca com um braço só. Os seres humanos que têm permissão para fazer compras na Praça do Mercado dizem que a loja dos Corvos é um cruzamento entre um mercado de *pulgas* e uma loja de joias. A maior parte dos Corvos acha que é atraente, mas eu sei que os humanos conseguem encontrar coisas boas se souberem o que estão procurando.

Sparkles e Junk soava como um lugar interessante, e ela avistou outros sinais simples que a intrigavam, incluindo uma loja que vendia sorvete e chocolate. Mas Simon já estava andando, então ela correu para alcançá-lo.

Ele parou na parte de trás do Gabinete do Liaison e apontou novamente. — Essas são as entradas para a livraria e a cafeteria. Tess vai fornecer a refeição do meio-dia como parte do seu salário. Você pode entrar por aquela porta quando tirar seu intervalo para a refeição.

Sua cabeça estava girando. Tantas imagens em um tempo tão curto. Tantas coisas para se lembrar! Mas ela reconheceu a escada dos fundos que haviam descido alguns minutos atrás, e se orientou, achando mais fácil. Agora, se ela pudesse apenas descobrir por que ele estava irritado com ela. Não era como se ela tivesse pedido por um passeio. *Foi ele* quem a manteve do lado de fora, no frio, apesar de frequentemente fazer um som no nariz como se ele estivesse escorrendo.

— A quarta chave no molho abre a porta de trás, — Simon disse, soando ainda menos amigável do que um momento atrás.

Meg sentiu que ele estava eriçado, ocupando muito espaço e ar enquanto ela se atrapalhava para pegar as chaves do bolso do casaco.

— Tudo o que você fez com o seu cabelo, não faça novamente, — ele rosnou.

Seu rosto de repente estava tão perto dela, que ela acabou deixando as chaves caírem. A área em frente da porta tinha sido empurrada, mas ela ainda tinha que usar uma luva para limpar as chaves depois de pegá-las.

— O que há de errado com o meu cabelo? — Ela disse, odiando que sua voz soava pequena e na defensiva.

— Ele está fedendo. — Nada simples ou defensivo na *voz* dele.

— Eu usei o xampu que estava no apartamento. É tudo o que tinha. — E ainda mais do que odiar a forma como sua voz soou na defensiva, ela odiava o pensamento de que ela poderia ter que agir submissa a alguém que assumiu que tinha o direito de controlar sua vida.

— E é tudo o que você *vai* usar. Os *indigenes da terra* vendem esses produtos em nossas lojas porque não poluem o ar e não fedem. Mas eu não estava falando sobre o sabonete ou o xampu. Estou falando sobre o que você fez com o seu cabelo, esse tom de casca velha, cor de sangue e laranja está fedendo, e você não vai fazer isso novamente!

Oh, deuses. Ela tinha pintado com pressa para disfarçar-se, e de alguma forma ela deve ter feito algo de errado quando usou a garrafa de

corante vermelho em seu cabelo. *Eu acho que a mudança de cor que vi esta manhã não era a iluminação ruim no banheiro do apartamento.*

— Coloque uma coisa em sua cabeça, Meg Corbyn; nós não deixamos os seres humanos viverem em nossa parte do mundo porque nós gostamos de vocês. Nós vamos deixá-la viver aqui, porque você pode ser útil, os humanos inventaram coisas que gostamos de ter. Se não fosse por isso, todos vocês seriam nada além de carne. Que é algo *que você* deve se lembrar.

— Ficar louco por causa do meu cabelo não é justo, — ela murmurou, tentando esconder que estava começando a tremer. Ela não pensou que tremer seria uma boa ideia no momento.

— Eu não tenho que ser justo, — ele retrucou. — Você está no meu Pátio. Quaisquer que sejam as regras humanas para os empregadores não são aplicadas aqui, a menos que eu diga as minhas regras. Então eu posso contratá-la, mesmo que você não tenha ideia do que está fazendo, e *eu posso demiti-la por achar que o seu cabelo está fedido!*

— A menos que eu corte tudo, não há nada que eu possa fazer sobre o meu cabelo! — Ela retrucou. E então ela sentiu medo de que ele poderia querer que ela fizesse exatamente isso.

Rosnar. Rugido. Gritos. Ela não podia começar a descrever o som que saiu dele.

Ela balançou. Ela não conseguiu evitar. Ele ainda parecia humano, mas também parecia selvagem.

— Trata-se de um mau momento para uma apresentação? — Uma voz retumbou.

Um homem grande com uma juba desgrenhada em forma de cabelo castanho médio balançou os ombros. Usava jeans e uma camisa de flanela, com um casaco aberto, como se o frio não o incomodasse.

— Você vai mantê-la tremendo de frio ou vai mostrar a ela onde trabalhar? — Ele perguntou, olhando para Simon. — Ou eu devo...

Simon rosnou.

O grande homem apenas esperou.

Puxando um conjunto de chaves do bolso, Simon abriu a porta. Em seguida, ele inclinou a cabeça para ela. — Esta é Meg Corbyn. — Ele deu ao homem um estreito olhar. — Este é Henry Beargard. — Sem outra palavra, ele a empurrou para dentro e fechou a porta.

Mesmo através da porta fechada, Meg ouviu a risada de Henry.

— Os pregos na parede são para os casacos, — Simon disse, soando desinteressado. — Os tapetes são para as botas e os sapatos molhados. O piso pode ser escorregadio quando está molhado. Nossos *bodywalkers* ainda não sabem nada sobre remendar os seres humanos, por isso, se você escorregar e quebrar uma perna, nós vamos comê-la, como seria com um veado. — Ele tirou suas botas e colocou um par de sapatos que estava na esteira. — Vaso sanitário e pia atrás daquela porta. A área de armazenamento está próxima. As caixas com roupas são para os *indigenes da terra*. Não toque nelas. Embaixo está o frigorífico. Fogão e uma chaleira elétrica para aquecer a água. Copos, pratos e utensílios de cozinha são armazenados nos armários abaixo. Você é responsável pela limpeza do que usar. — Ele lhe deu um olhar cortante. — Bem? Você só vai ficar aí, parada?

Ela tirou o casaco e as botas, colocou os sapatos que tinha trazido com ela, e lembrou-se das chaves quando ele rosnou.

Ele não era um homem bom, e ela iria aprender este trabalho o mais rápido que podia, para que não tivesse que lidar muito com ele.

Abriu outra porta de madeira que dava para outro quarto grande.

— Quarto de entregas, — ele disse quando moveu um painel na parede e acendeu um interruptor. — Este painel abre as portas de entrega. Eles ficam fechados, a menos que você esteja aceitando um carregamento, aprovando ou distribuindo entregas.

— Como vou saber se for caso de...

— Nos escaninhos nesta parede ficam os pedidos das lojas da praça e do mercado. Nas maiores ficam os pacotes e qualquer coisa que precise ficar plano. Mercadorias também podem ser armazenadas sob a mesa de triagem ou nos armários. — Simon deu-lhe um olhar hostil quando abriu outra porta e apontou para a placa parafusada na

madeira. — Vê isso? Diz PRIVADO. Ninguém, que não seja *indígene da terra* entra na sala de triagem, exceto você. Está claro?

— É claro, mas... Por quê? — ela perguntou.

— Porque eu disse. Porque o que se passa dentro do Pátio não é da conta de ninguém, exceto o nosso. — Simon olhou para o relógio na parede e rosnou. — Eu tenho outras coisas para cuidar, então você vai ter que descobrir os próximos passos em seu próprio tempo.

— Mas...

— As entregas são aceitas a partir das nove horas, e vão até o meio-dia. Entregas à tarde chegam geralmente depois das duas e vão até às quatro da tarde. Os caminhões dos *indigenes da terra* geralmente entregam, mas esses não são sua preocupação. Há uma lista de números de telefone na gaveta. Se você tiver dúvidas, pode ligar para o *Boas Leituras* o para a *Bite*. Todas as entregas do correio e os pacotes têm que ser conferidos para a entrega. Nós fizemos o que podíamos enquanto estávamos à procura de um agente de ligação, mas todos nós temos nosso próprio trabalho e não temos tempo para fazer o seu.

— Mas...

— A porta da frente abre as nove, — ele disse enquanto se dirigia para sair.

Meg olhou para a porta que dava para a sala, então pulou quando a porta externa se fechou.

Ela prendeu a respiração até que teve certeza que estava sozinha. Em seguida, murmurou — Lobo Mau, — e esperava que pudesse descobrir como iniciar o seu dia de trabalho.

****

Simon queria morder alguém, mas a pessoa encostada na parede ao lado da porta de trás do HBL era Henry, e um Lobo solitário não mexia com um Urso, especialmente quando esse urso agia como um guia espiritual do Pátio e era um dos poucos seres com quem Simon poderia falar sem guardar seus pensamentos ou palavras.

— Tenho certeza que o seu rabo deu um nó esta manhã, — Henry disse facilmente. — Você poderia tentar não assustar a nossa nova ligação antes que ela arrume algumas dessas entregas para nós.

Ele enfiou a chave na fechadura e a virou, mas não abriu a porta. — Ela não cheira como uma presa. Ela está descansada e alimentada, e não está com frio. Por que ela não cheira a presa?

— Nem todos os seres humanos cheiram, — Henry respondeu calmamente.

Simon balançou a cabeça. — Com alguns, nós decidimos que não são comestíveis, porque é inteligente mantê-los por perto. Mas ainda cheiram a presa, e *ela não.*

— Nem todos os seres humanos, — repetiu Henry. — Não há muitos que emitem esse sinal, mas tem havido alguns. — Ele fez uma pausa. — Talvez você não esteja pegando o cheiro de presa por causa do cabelo fedido?

Simon olhou para o urso. — Você conseguiu sentir o cheiro de onde estava?

— Não, o vento não estava na direção certa para eu sentir o cheiro, mas eu o ouvi gritando sobre isso. Como todos os *Outros* passando naquele momento.

Ele descansou sua testa contra a porta. — A falta de cheiro de presa me confunde.

— Eu posso ver isso. Mas ela não é *indigene da terra*. E disso eu tenho certeza.

— Assim como eu, mas ela cheira a humano, só não cheira a presa.

— Se ela está causando tantos problemas antes que a maioria de nós a tenhamos visto, talvez você devesse forçá-la a sair do Pátio.

Simon deu um passo atrás da porta e suspirou. — Eu vou deixar o resto da Associação Empresarial dar uma olhada nela antes de decidir. Precisamos de um agente de ligação. Poderia muito bem deixá-la ficar por um tempo.

Henry assentiu. — Você tentou explicar o que ela deveria fazer?

Ele rosnou um som frustrado.

— Então fique longe dela o resto da manhã e deixe alguém explicar.

— Quem?

— Você sabe quem.

Sim, ele sabia. Ele também sabia que se ele argumentasse sobre isso, Henry daria um golpe nele contra a parede para dar algum sentido nele. Pelo amor de sua amizade.

— Tudo certo. Deixe o Coyote lidar com ela por algumas horas.

Não foi até que estava dentro da livraria pendurando o casaco que ele percebeu que ainda estava usando os sapatos e seus pés estavam molhados. Ele esteve tão irritado e confuso e desesperado para fugir de Meg antes de se mover e mordê-la, apenas para provar que ela era uma presa, que tinha esquecido de trocar os sapatos por suas botas.

Agora estava com raiva de todos os seres humanos, em particular de um com cabelo fedido. Ele pisou duro até seu escritório no segundo andar para lidar com a papelada antes de verificar as novas adições que chegaram ontem. A loja não abriu por mais uma hora. Se todo mundo tivesse sorte, ele teria tudo sob controle até lá e não iria comer qualquer um dos clientes.

****

O maldito anúncio tinha ido embora.

Ásia olhou para a porta de vidro, sem se atrever a se aproximar da área de entrega do Pátio, pois tinha uma placa avisando que era a área dos *Outros*.

Ela queria o maldito trabalho. *Realmente* queria esse trabalho. Ela estava em Lakeside há meses e não tinha conseguido dar uma boa olhada em *qualquer coisa* no Pátio além do que todo mundo já tinha visto. Seus apoiadores estavam ficando inquietos, estavam começando a sugerir que eles poderiam precisar de alguém mais profissional para esta tarefa.

Sua boa aparência fazia sucesso, mas não arrumaria nada grandioso na cidade medíocre onde morava, ou seja, não teria futuro em sua cidade natal. Sua aparência a levou para Sparkletown, e a fazer algumas audições. Mas ela tinha apenas atuado nos *sofás* dos estúdios, e não na frente de uma câmera, até que ela descobriu um boato sobre a esposa de um figurão em Sparkletown, passou a informação aos ouvidos certos, e isso deu a oportunidade que o figurão precisava para se divorciar da esposa, sem penalidades financeiras.

Sob o pretexto de desenvolvê-la para um papel de protagonista em um programa de televisão *a ser determinado*, ele ajudou Ásia a refinar suas habilidades de investigação e inteligência natural e, em seguida, enviou-a para encontrar alguma informação sobre um concorrente.

Ela ainda não tinha certeza se isso foi uma primeira missão ou um teste, mas ela recebeu outra atribuição e um envelope gordo de dinheiro quando ela voltou com a informação.

Era como ser paga para pesquisar um papel, como um policial disfarçado ou um espião corporativo. Sim, esse seria o papel perfeito para ela: Ásia Crane, Investigadora Especial. Às vezes, ela passava um tempo em uma cidade grande, e usava roupas extravagantes e bugigangas. Outras vezes, ela passava algumas semanas em uma cidade que era uma variação de sua cidade medíocre, desempenhando o papel de uma viúva jovem e tímida, começando uma nova vida, usando roupas simples, enquanto desentocava informações sobre o seu *alvo* ou ajudava a arruinar sua carreira de negócios ou ambições políticas.

O trabalho é emocionante e divertido, e recebia bem por ele, e agora que a Bigwig tinha aumentado o seu interesse, estava disposta a financiar mais, e ela estava recebendo mais atribuições com metas mais desafiadoras. Não era a maneira como a maioria das atrizes começava suas carreiras, mas ela voltaria para Sparkletown em um ou dois anos com dinheiro suficiente para comprar qualquer coisa que quisesse.

Infiltrar-se em um Pátio era a sua maior e mais arriscada missão até agora. Ela havia se mudado para Lakeside, porque era a única da Courtyard em toda a Thaisia que tinha empregados humanos para fazer

a ligação. Mesmo em Toland na Costa Leste e Sparkletown no Oeste, os centros financeiros e de entretenimento do continente, não haviam Pátios com tanta tolerância com os seres humanos. Sua tarefa era entrar, observar e relatar tudo e qualquer coisa que pudesse ser útil para ajudar a lidar com os *Outros*, ou, melhor ainda, quebrar o seu domínio sobre as cidades humanas em Thaisia.

Com o mínimo de informação para trabalhar, apesar de ter amigos que tinham amigos no governo de Lakeside, Bigwig havia sugerido dois potenciais alvos para se infiltrar no Pátio: Elliot Wolfgard e Simon Wolfgard. Com Elliot, ela poderia começar com os funcionários do governo e alpinistas sociais que poderiam fornecer informações em troca de dinheiro. Mas, no último minuto, Bigwig descobriu que, antes de se mudar para Lakeside, Elliot tinha dito uma vez para uma mulher da sociedade que estava flertando com ele, que ela era a porra de um *macaco,* e não era diferente de um bicho de curral, e nem era de interesse para ele. Ninguém se lembrou do que ela disse em resposta, mas alguns dias mais tarde, a mulher da sociedade foi encontrada parcialmente comida no seu próprio quarto. Ásia riscou Elliot Wolfgard de sua lista.

E restou Simon, que parecia estar em seus trinta e poucos anos, jovem o suficiente para gostar de um encontro mais quente e velho o suficiente para não ser susceptível a perda do controle, deixando o parceiro humano quebrado com o cio de um lobo. Então, ela tinha escolhido uma personalidade suave, se encaixando com as outras estudantes universitárias que se penduravam ao redor da loja. Ela até se inscreveu em algumas classes na Universidade de Lakeside, como forma de preencher o tempo. E o que ela tinha conseguido por seus esforços até agora? Nada. Sem emprego, sem sexo, sem conversa de travesseiro, nem mesmo poucos minutos de flerte, nada de beijo de língua e cócegas. Ela não podia nem falsificar uma adesão no centro de fitness.

Ela precisava mostrar algum progresso em breve. Do contrário, seus apoiadores poderiam acabar com sua atribuição e enviar alguém. E se eles fizerem *isso,* Bigwig não iria cumprir suas promessas, e ela

poderia acabar de volta a sua cidadezinha em vez de ser a estrela de seu próprio programa de TV.

Um grasnar anunciou a chegada de alguns corvos pousando na parede de tijolos alta que corria ao longo do lado esquerdo da área de entrega. Um voou até uma escultura de madeira posicionada em frente de uma das janelas do gabinete de Liaison. Aquele observava o que estava acontecendo dentro do escritório. Os *Outros* quatro estavam a observando.

Girando como se ela tivesse uma pausa momentânea e não tinha interesse em qualquer coisa dentro de Courtyard, Ásia se afastou.

Ela não estava chegando a lugar nenhum com Simon Wolfgard. Talvez ela tivesse mais sorte com a nova ligação.

****

Meg abriu a porta marcada como privada, em seguida, fechou os olhos e imaginou o Gabinete do Liaison como se tivesse sido desenhado no papel. Um edifício retangular dividido em três grandes salas. O quarto dos fundos tinha um banheiro, que continha o vaso sanitário e pia. Ele também servia como sala de descanso e armazenamento. Havia outra porta que dava para fora e uma que acessava a sala de triagem. A sala de triagem tinha uma porta grande que dava para o lado de fora, para a entrega, a porta de entrega dava acesso à sala da frente e para a porta com a placa de PRIVADO que estava diretamente atrás do balcão, fechando a área com os seus três lados. A sala da frente, onde ela assumiu que seriam feitas a maioria das entregas, já que tinha um balcão, uma porta de vidro e duas grandes janelas.

Ela estudou a sala de triagem novamente e se perguntou quem tinha projetado o Gabinete do Liaison. Para um quarto que deveria ser *privado,* a sala de triagem tinha uma enorme quantidade de portas, para não mencionar uma janela de vidro que poderia ser visível, além do acesso ilícito.

Não era problema dela. Enquanto ela mantivesse as portas de entrega fechadas quando não fossem necessárias, ela poderia evitar ser comida. Talvez. Esperançosamente. Agora ela tinha que ficar pronta para o negócio.

Depois de acender as luzes na parte da frente do escritório, que foi fácil encontrar na parede ao lado da porta privada, ela foi até a porta da frente para abri-la, mas era um problema porque ela não conseguia descobrir como, e não tinha a chave, além do balcão que estava posicionado para não deixar ninguém entrar na parte principal da sala. Então ela pegou o banquinho da sala de triagem e o usou para passar por cima do balcão. Ela virou o bloqueio simples para a posição aberta e então percebeu que além do bloqueio simples havia um ferrolho pesado que exigia uma chave que não tinha no molho de chaves que tinha deixado na sala de triagem.

CAW CAW

Três pássaros pretos estavam empoleirados em uma placa de madeira, manobrando para obter um melhor olhar através de uma das janelas. Ela quase descartou sua presença, em seguida, perguntou se eles eram corvos *indigenes da terra* que vieram para dar uma olhada na nova ligação.

Tentando dar um sorriso feliz, Meg balançou seus dedos e boca com as palavras *Bom dia*. Em seguida, ela voltou para o balcão e tentou impulsionar-se para cima o suficiente para passar com as pernas por cima do balcão.

Os *Aqueles Com Nome* não davam quaisquer informações pessoais para as meninas sobre si mesmas, mas ela tinha ouvido algumas coisas. Ela tinha vinte e quatro anos de idade. Ela tinha um metro e sessenta e três de altura. Ela tinha cabelo preto, olhos cinzentos, e pele clara. Suas bochechas tinham uma tonalidade rosada, sem nenhuma cicatriz, seu rosto ainda estava imaculado, sem cicatrizes da navalha. As meninas no composto eram mantidas saudáveis e orientadas diariamente, mas elas não eram autorizadas a fazer coisas que lhes

dessem resistência desnecessária ou que as tornassem fisicamente fortes.

Às vezes, a determinação poderia compensar a resistência e a força. Mas às vezes não podia.

A quarta vez que ela caiu de volta no lado errado do balcão, uma voz disse calmamente: — Ainda que seja muito divertido observar, por que você não usa o passador?

Meg se afastou do balcão quando um homem magro passou pela porta que dizia "Privado". Ele tinha olhos castanhos claros e cabelo castanho, que era composto de uma variedade de tons, incluindo cinza.

— Desculpe, — ele disse. — Não quis assustá-la. Meu nome é Jester. Henry pensou que eu poderia ajudá-la para descobrir o que fazer, e já que Simon está mastigando seu próprio rabo esta manhã, e eu cuido dos pôneis, fui eleito para ajudar. — Ele ergueu as duas mãos. — Sem truques. Eu prometo. — Então ele deu-lhe um sorriso que era amigável e dissimulado. — Pelo menos não hoje.

— Eu tenho que abrir a porta antes que as entregas comecem a chegar, — disse ela, desejando não parecer tão ansiosa. — Me foram dadas chaves, inclusive para a sala de triagem, mas eu não tenho certeza se há uma chave para esta porta.

— Não há, — Jester respondeu, desaparecendo na sala de triagem. — Você tem uma chave para a porta dos fundos, — continuou ele, quando entrou na sala da frente e saltou sobre o balcão. — Vou te mostrar onde ficam as chaves do escritório.

Ele abriu o ferrolho, estudou os Corvos por um momento, depois sorriu enquanto caminhava de volta para o balcão. — Você já esteve no cargo por menos de uma hora e já é a Liaison mais divertida que tivemos.

— Obrigada, — disse ela, tentando não parecer azeda. Ela podia imaginar o que Simon Wolfgard diria se ele ouvisse falar sobre isso. — Você não vai contar a ninguém sobre o balcão, não é?

— Eu? Não. Eles sim. — Jester inclinou a cabeça na direção das janelas. Havia Corvos competindo por um lugar na placa de madeira, e

um par estavam de pé em frente à porta, olhando para dentro. — A maioria do Courtyard vai ouvir sobre isso dentro de uma hora.

Ela suspirou.

— Vamos. Vou mostrar-lhe o truque com isso. — Ele apontou para o parafuso que ligava o ferrolho ao longo balcão.

— Tentei fazer isso, — disse ela.

— Aquele ali mantém a porta fechada durante o dia, quando você pode estar entrando e saindo muito. — Ele andou até a parte mais larga. Um momento depois, Meg ouviu um parafuso recuando, depois outro. — Há dois grandes parafusos que mantêm esse ferrolho fechando o resto do balcão. Aqueles são bloqueados quando você deixar o cargo por um intervalo para a refeição ou no final do dia.

Jester empurrou o ferrolho, em seguida, afastou-se para deixá-la passar. Ele a seguiu, e fechou o ferrolho, usando o parafuso visível para prendê-lo. Depois de mostrar a ela onde os outros parafusos estavam localizados, ressaltou os suprimentos e outros itens que estavam nas prateleiras sob o balcão.

Uma prancheta com um bloco de papel. Um suporte cerâmico redondo cheio de canetas de diferentes cores. Clipes e elásticos. Um telefone na outra extremidade do balcão, e livros na prateleira de baixo. E catálogos. Vários catálogos de mercadorias de várias lojas, bem como menus de restaurantes locais.

— Nós temos um pouco de quase tudo na Praça do Mercado, mas parece um monte de nada, — disse Jester. — Há uma praça a poucos quarteirões daqui que serve os seres humanos que vivem nesta parte do Lakeside. Lá têm todos os tipos de lojas e mais variedade em termos de mercadoria. Um ônibus em Courtyard oferece transporte duas vezes por semana para quem quer fazer compras por lá.

— Não é perigoso? — Ela perguntou, lembrando-se das imagens de treinamento, luta, sangue e corpos cortados.

Ele deu-lhe um olhar estranho. — É sempre perigoso quando há alguns de nós entre os seres humanos. — Ele acenou com a mão para indicar os Corvos, em seguida, tocou os dedos em seu peito. — Lembre-

se disso, Meg Corbyn. Somos os únicos que você pode ver, mas não somos os únicos que estão aqui. É por isso que temos tantos catálogos, — ele continuou em um tom mais leve. — Nossas lojas encomendam coisas diretamente dos fabricantes, assim como fazem as lojas humanas. Algumas ficam aqui; algumas mercadorias são enviadas para nossos parentes que apreciam essas coisas, mas não queremos nenhum contato com os seres humanos. Mas há uma abundância de mercadorias que são vendidas nas lojas humanas e que são entregues aqui, que é onde você entra.

Meg assentiu, sem saber o que dizer. Tantos *avisos* mergulhados em suas palavras. Tantas coisas para pensar.

— Pronta para começar? — Perguntou Jester.

— Sim.

Eles foram para a sala de triagem. Jester pegou um saco do topo de uma pilha de sacos, abriu-o e jogou o conteúdo sobre a mesa de triagem.

— O caminhão do correio vem pela manhã, — disse ele. — Dê-lhes de volta as malas quando você as esvaziar. Você vai se acostumar com a triagem do correio mais especificamente, mas para começar, pode ordenar por Gard - *tipo de Outros* - ou localização. Então...

CAW CAW

Jester sorriu. — Parece que a sua primeira entrega chegou.

Meg foi até a sala da frente e fechou a porta parcialmente. Ela entrou na área de transferência e colocou o carimbo em cima do balcão, testou uma caneta para se certificar de que funcionava, e observou atentamente a data no topo da página, esperando que o calendário debaixo do balcão indicasse os dias com precisão.

Os Corvos estavam espalhados, a maioria saiu, enquanto alguns se estabeleceram novamente na parede de tijolo, entre uma escultura saindo da neve.

Quando um homem saiu da van verde e abriu a porta de trás, Meg anotou o horário, a cor do caminhão, e o nome da entregadora: *Everywhere.*

Ele era um homem mais velho cujo rosto havia sido revestido pelo tempo e anos, mas seus movimentos pareciam eficientes, enérgicos até. Ele deu uma cotovelada para fechar a porta da van, e deu uma olhada nos Corvos quando puxou a porta do escritório para abrir. Equilibrando quatro pacotes, ele hesitou na entrada.

— Bom dia, — disse Meg, esperando parecer amigável, mas profissional.

Ele relaxou e correu para o balcão. — Bom dia. Tenho alguns pacotes para você.

De repente lembrando que cada rosto poderia pertencer a um inimigo, ela lutou para segurar o comportamento profissional. — É o meu primeiro dia. Você se importa se eu escrever alguma informação?

Ele deu um sorriso largo o suficiente para ela pensar que seus dentes não eram os mesmos de quando nasceu.

— Essa é uma ideia muito boa, Miss...

— Meg.

— Miss Meg. Eu sou Harry. Escreve H A duplo R Y. Eu trabalho para a *Everywhere* fazendo entregas. Não é um nome de fantasia, mas verdadeiro. Normalmente chego perto das nove na Moonsday e Thaisday, mas os arados ainda estão limpando as ruas e a condução está meio lenta esta manhã. Tenho quatro pacotes hoje. Precisa assinar para receber.

Ela escreveu o nome dele, os dias que ele normalmente fazia as entregas, bem como o número de pacotes que ela assinou.

Harry olhou para a sua prancheta e soltou um suspiro feliz. — Aquece o meu coração ver alguém atrás do balcão fazendo o trabalho adequado. Os últimos que estiveram aqui? — Ele balançou a cabeça. — Eu não estou surpreso por mandarem aquele cara embora. Estou surpreso que não encontraram ninguém até agora. Ele agia sem compromisso, e isso não está certo. Mas aqui pode ficar muito frio com esse entra e sai dessa porta, abrindo e fechando o tempo todo. Você pode querer arrumar uma daquelas luvas sem dedos. A minha esposa usa uma dessas pela casa e ela jura que a ajuda a ficar mais quente. Você deve arrumar uma para você também.

— Eu farei isso.

— Tome cuidado, Miss Meg.

— Eu vou. Te vejo na Moonsday, Harry.

Ele deu aos Corvos um aceno amigável enquanto voltava até sua van.

Meg colocou o suporte da caneta de cerâmica em cima do balcão, e colocou as entregas em uma prateleira fora da vista. Em seguida, ela voltou para a sala de triagem.

Jester sorriu para ela. — Ele não é estranho, se é isso que você estava pensando. Ele está apenas aliviado por estar lidando com alguém seguro. Assim, ele estar preocupado sobre você pegar um resfriado é tanto por causa dele quanto a sua. — Ele olhou para ela. — Além disso, ele tem um bom argumento.

— Sério? — Ela não gostava do jeito que ele estava olhando para ela, especialmente quando ele agarrou seu braço e deu-lhe um aperto, soltando antes que ela tivesse a chance de protestar.

— Você não é gorda, mas você não tem muito músculo. Você precisa trabalhar com isso. Na *Run & Thump* tem esteiras e -

— Eu não gosto de esteiras. — Ela ouviu pânico crescente em sua voz. *Não pense sobre o composto. Não pense sobre o controlador ou as esteiras ou em qualquer outra coisa sobre aquele lugar.*

— Há muitos lugares aqui para você andar. — Sua voz era suave, mas algo afiado encheu seus olhos enquanto a observava. — Mas você não consegue nem passar por cima do balcão, então eu diria que você poderia fazer um pouco de exercício para fortalecer sua musculatura. E no segundo andar da Run & Thump tem aulas de dança ou flexão ou algo assim.

— Vou pensar sobre isso.

— Classifique por Gard, em seguida, por indivíduos, — Jester disse depois de uma pausa desconfortável. — Eu voltarei com alguns dos pôneis em algumas horas.

— Pôneis?

— Eles servem como correios de todo o Courtyard.

Ele a deixou, e ela se perguntou se ela já tinha falado demais.

****

Jester silenciosamente fechou a porta de trás e olhou em volta. Os Corvos estavam em movimento, espalhando-se para ver e ouvir o que os corvos regulares tinham a dizer. Os Falcões estavam voando bem alto, também observando.

E dentro do escritório do Liaison Human?

Segredos. Medo.

Ele queria cutucar o nariz sobre as razões para tanto.

Ele não podia falar com Simon. Hoje não. Henry já havia avisado a ele sobre isso. Mas Tess? Sim, Tess poderia saber como eles tinham adquirido sua nova agente de ligação. Ela mantinha um suprimento de chá para ele, no entanto, a *Bite* ainda não estava aberta para os clientes humanos, e ela poderia dar-lhe tempo para fofocar e expressar seus comentários e perguntas no caminho certo.

Ele estava feliz por Henry lhe dizer que Meg não tinha o cheiro de presa que era típico de seres humanos. Ele teria se sentido muito mais cuidadoso com sua agente de ligação se o urso já não tivesse reconhecido que havia algo peculiar sobre ela.

Ele queria saber como e por que Simon contratou Meg Corbyn. E, acima de tudo, ele queria saber o que havia nela que o fez sentir que ela poderia ser um perigo para todos eles.



CAPÍTULO 3

MONTY PAGOU O MOTORISTA DE TÁXI e saiu do carro entre a Whitetail Road e a Chestnut Street. Tomar um táxi não era um luxo que ele poderia pagar todas as manhãs, mas ele não queria se atrasar em seu primeiro dia. Ele teria que verificar as rotas de ônibus e os horários até que tivesse tempo para considerar se precisava comprar algum tipo de carro.

Ele olhou para o relógio e hesitou. A Delegacia em Chestnut Street estava à vista, e ele tinha meia hora antes de sua reunião com o Capitão Burke. Do outro lado da rua havia uma lanchonete, o tipo de lugar que servia pedaços saudáveis de carne e batatas nas refeições, com café forte o suficiente para ajudar um homem a ficar em pé quando estava cansado demais para ficar sozinho. No meio do quarteirão havia um pequeno Templo Universal.

Verificando o seu relógio mais uma vez, Monty atravessou a rua e caminhou até o Templo. Se era verdade ou não, aliviava seu coração pensar que havia algo além do plano físico, algo que era benevolente com os seres humanos, porque os deuses sabiam que não havia muito no plano físico que fosse benevolente com eles.

Ele abriu a porta, bateu com o pé para tirar a neve de suas botas, em seguida, entrou no Templo.

A luz natural infiltrava através de janelas polvilhadas de neve, velas de baunilha delicadamente perfumando o ar. Tons aleatórios de sinos, e músicas para meditação soavam pelo Templo através do sistema de som escondido. Os bancos acolchoados poderiam ser dispostos em vários padrões. Hoje eles foram espalhados para fornecer

assentos em cada um dos nichos que mostravam representações dos Espíritos Guardiões.

Mikhos, guardião dos policiais, bombeiros e médicos, estava em uma alcova próxima da porta, o que fazia sentido, já que o Templo era tão próximo da delegacia de polícia.

Integrando-se ao ambiente, ele acendeu uma vela em frente à alcova, então se sentou no banco e acalmou a respiração para limpar sua mente dos seus pensamentos, a fim de ouvir a voz calma da sabedoria.

Não sabedoria, mas uma memória encheu sua mente.

Você atirou em um ser humano para proteger um lobo.

Eu atirei em um pedófilo que tinha uma menina presa em sua casa. Ele tinha uma faca e ameaçou matá-la.

Você deixou um ser humano ferido por causa de um indigene da terra.

Eu não senti o pulso. Eu não sabia que ele ainda estava vivo quando fui verificar o resto da casa.

Ele não sabia que a menina era uma *indigene da terra,* uma Wolf. Ele não sabia que o bastardo que atirou ainda estava tecnicamente vivo, quando ele pediu ajuda para uma unidade médica e, em seguida, deixou a menina para que ele pudesse verificar rapidamente o resto da casa. Ele não sabia quanta destruição um jovem lobo faminto poderia fazer para um corpo humano em tão pouco tempo.

Ele não deveria ter ido sozinho. Ele não deveria ter deixado a menina. Haviam muitas coisas que ele não deveria ter feito. Considerando o que lhe custou depois, ele se arrependeu de fazer as coisas que não deveria ter feito. Mas, atirar no pedófilo? Ele não se arrependeu *dessa* escolha, especialmente depois que ele encontrou os corpos de outras seis meninas.

Se a garota que ele salvou fosse humana, ele ainda estaria vivendo em Toland com sua amante Elayne Borden e sua filha, Lizzy. Ele ainda estaria lendo uma história para dormir com sua filhinha, todas as noites, em vez de viver em um apartamento de um quarto a algumas centenas de quilômetros.

Mas ele tinha atirado em um ser humano para proteger um lobo, e ninguém ia esquecer isso. O comissário da polícia em Toland lhe tinha dado uma escolha: transferir-se para Lakeside ou renunciar qualquer tipo de trabalho policial para sempre.

Elayne tinha ficado furiosa, horrorizada, e humilhada por ter se associado a esse escândalo, tornando-a uma pária social, e acabou que Lizzy foi vítima de provocações e insultos, e até mesmo foi empurrada na escola, ganhando algumas bofetadas dos colegas que eram amigos até a semana anterior.

Nenhum contrato legal os unia. Elayne não queria oficializar a relação, pelo menos até que ele provasse que o seu trabalho poderia fornecê-la com os contatos sociais que ela desejava. Mas ela foi rápida o suficiente para chamar um advogado para assegurar pensão para Lizzy em um documento legal depois que ela se recusou a considerar morar com ele e começar de novo. Viver em Lakeside? Ele era louco?

Lizzy. Sua pequena Lizzy. Será que Elayne permitiria que ela o visitasse? Se ele pegasse o trem de volta para Toland para uma viagem de fim de semana, Elayne o deixaria ver sua filha?

Eu não vi um lobo, Lizzy. Eu vi uma menina não muito mais velha do que você, e por um momento, eu te vi nas mãos de um homem assim. Eu não sei se foi o policial ou o pai que puxou o gatilho. Eu não sei se você vai entender algum dia, mas não sei o que vou fazer neste lugar sem você.

Dando uma última respiração profunda de ar perfumado, ele deixou o Templo e foi até a delegacia de polícia para descobrir se ele tinha um futuro.

****

Capitão Douglas Burke era um grande homem com cabelo escuro bem aparado. Seus olhos azuis tinham uma espécie feroz de simpatia que poderia tranquilizar ou assustar a pessoa que encarasse esses olhos através de uma mesa.

Burke apontou para o assento na frente da mesa e abriu uma pasta de arquivo, Monty percebeu que seu perfil foi tomado: homem de pele escura, de estatura mediana, que apesar de estar em boa forma, mantinha seu peso com certo esforço, pois tendia a comer pão ou batatas nas muitas refeições em seu trabalho, e cujo cabelo encaracolado já estava mostrando alguns tons mais cinzas, apesar dos quarenta anos de idade.

— Tenente Crispin James Montgomery. — Deu a Monty um sorriso feroz, Burke fechou o arquivo e cruzou as mãos sobre ele. — Toland é uma cidade grande. Apenas Sparkletown e duas outras cidades em todo este continente combinam em população e tamanho. O que significa que as pessoas que moram lá podem viver toda a vida sem ter conhecimento dos Outros, o que faz com que seja fácil fingir que os *indigene da terra* não estão lá fora, observando os seres humanos. Mas Lakeside foi construída nas margens do Lago Etu, um dos Grandes Lagos, que são a maior fonte de água doce de Thaisia, e esses lagos pertencem aos *indigene da terra*. Temos algumas comunidades agrícolas e aldeias que estão dentro de trinta minutos dos limites da cidade. Há uma comunidade de gente simples que cultivam na Ilha Grande. E há a cidade de Talulah. Além disso, as vilas ou cidades humanas mais próximas estão há duas horas de trem em qualquer direção. Todas as estradas passam através das *Woods*. Lakeside é uma cidade pequena, o que significa que não é grande o suficiente para esquecer o que está lá fora.

— Sim, senhor, — disse Monty. Essa tinha sido uma das objeções de Elayne em se mudar para Lakeside: não havia maneira alguma de acreditar que as conexões sociais significavam alguma coisa quando você não podia esquecer que era apenas mais do que *carne* inteligente.

— Esta estação em Chestnut Street abrange o distrito que inclui o Lakeside Courtyard, — disse Burke. — Você tem a atribuição de ser o intermediário entre a polícia e os *Outros.*

— Senhor… — Monty começou a protestar.

— Você vai ter três oficiais respondendo diretamente para você. O Diretor Kowalski será seu motorista e parceiro; Os Oficiais MacDonald e Debany ficarão com a patrulha no segundo turno, você vai relatar quaisquer incidentes entre os turnos. Elliot Wolfgard é o cônsul que tem contato com o prefeito e agiliza as coisas para os outros funcionários do governo, mas você se entrosará melhor se familiarizar-se com Simon Wolfgard. Por um lado, ele é um *indigene da terra,* tem loja com empregados humanos e tolera clientes humanos. Por outro lado, eu acredito que ele tem muito mais influência no Pátio do que o nosso corpo governante pensa que ele tem.

— Sim, senhor. — Lidar diretamente com os *Outros*? Talvez não fosse tarde demais para voltar para Toland e encontrar algum outro tipo de trabalho. Mesmo se Elayne não voltasse para ele, ainda seria mais perto de Lizzy.

Burke levantou e deu a volta em sua mesa, fazendo um gesto para Monty permanecer sentado. Depois de uma longa olhada, ele disse: — Você sabe sobre a *Cidade Afogada?*

Monty assentiu. — É uma lenda urbana.

— Não. Não é. — Burke pegou um abridor de cartas de sua mesa, mexeu nele, em seguida, o colocou de volta ao lugar. — Meu avô estava em uma das equipes de resgate que saíram para encontrar sobreviventes. Ele nunca falou daquele dia, até o dia em que se formou na academia de polícia. Então ele sentou ao meu lado e me contou o que aconteceu.

— Pelo que foi descoberto depois, três jovens, todos cheios de *coragem,* decidiram se livrar dos *Outros* que queriam colocar os seres humanos em controle, seria o primeiro passo para dominarmos neste continente. Então eles soltaram tambores de cinquenta galões de veneno no riacho que fornecia água para Courtyard.

— Os *Outros* pegaram estes homens em sua terra e os entregaram sob o controle humano, de modo que chamaram a polícia. Os homens foram levados para a estação policial, e a punição deles foi tratada pela lei humana, e nos tribunais humanos.

A expressão de Burke ficou sombria. — Acabou sendo que um desses jovens era sobrinho de algum figurão. Assim, argumentou-se que, enquanto os rapazes estavam em pé ao lado dos tambores, ninguém os viu despejar o veneno no riacho. Eles foram libertados, e o governo da cidade foi tolo o suficiente para deixá-los declarar publicamente suas "*ações sem consequências",* como uma vitória para a humanidade. E os *indigene da terra* assistiram e ouviram a tudo isso.

— Tarde da noite, começou a chover. O céu se abriu e a água subiu rapidamente, as passagens subterrâneas foram inundadas e os riachos e córregos transbordaram e foi tudo tão rápido, antes que alguém percebesse que havia problemas. Relâmpagos precisos nocautearam a energia elétrica por toda a cidade. As linhas telefônicas ficaram mudas quase ao mesmo tempo. Meio da noite. Não havia forma de ver no escuro, não havia jeito de pedir ajuda. E continuava a chover.

— Grandes crateras surgiram, o suficiente para engolir carretas e cortar todas as estradas que levavam para fora da cidade. As sustentações das pontes, que tinham existido por cem anos, foram arrancadas do solo. Casas e edifícios em pedaços, enquanto sumidouros engoliam a superfície. E continuava a chover.

— As pessoas se afogaram em seus próprios carros tentando escapar, ou em suas próprias casas quando não conseguiram nem mesmo tentar fugir.

— A chuva parou de cair ao amanhecer. Caminhões de mercadorias que entraram na cidade para a entrega de manhã foram os primeiros a perceber que algo tinha acontecido e pediram ajuda. Eles encontraram carros cheios de mulheres e crianças flutuando em campos em ambos os lados da estrada.

Burke limpou a garganta. — De alguma forma, só havia carros com mulheres e crianças em fuga. E a maioria dos homens que estavam ao redor, da mesma idade daqueles que tinha envenenado o abastecimento de água dos *Outros,* não morreram de afogamento.

Monty observou o rosto de Burke e não disse nada. Esta não era a versão da *Cidade Afogada* que ele tinha ouvido.

— À medida que a água começou a recuar, as equipes de resgate em barcos entraram para procurar sobreviventes. Não eram muitos os que tinham sido levados para fora da cidade. Não havia um prédio do governo ou uma delegacia de polícia de pé. A equipe de resgate do meu avô ficou perto de um Pátio e percebeu que era observado. Aquele foi o seu primeiro olhar para a verdade sobre os Pátios e os *indigene da terra*.

Burke tomou fôlego e soltou lentamente o ar enquanto voltava para sua cadeira atrás da mesa e sentou-se. — Os *Outros*, mutantes e sanguessugas? Os que se aventuram em fazer compras naquelas lojas e interagir com os seres humanos? Eles são apenas carne, Tenente. E tão letais quanto eles, e que não são *menos* daqueles que vivem no Pátio, existe o invisível... Meu avô disse que o termo usado em relatórios confidenciais é *Elementais*. Ele não quis explicar o que eram, mas uma vida depois do que ele viu e suas mãos ainda tremem quando ele diz essa palavra.

Monty estremeceu.

Burke uniu os dedos e apertou as mãos em punhos sobre a mesa. — Eu não quero que Lakeside se torne uma cidade afogada, e eu espero que você me ajude a ter certeza de que isso não aconteça. Já temos uma mancha negra. Não podemos permitir outra. Estamos claros sobre isso, Tenente?

— Estamos claros, senhor, — Monty respondeu. Ele queria perguntar sobre essa mancha preta, mas ele já tinha o suficiente para pensar hoje.

— Pegue sua mesa, seus cartões e celular. O Oficial Kowalski estará esperando por você lá.

Levantou-se, uma vez que ficou claro que Burke terminou com ele. Deu um aceno para seu capitão e se virou para sair.

— Você conhece a piada sobre o que aconteceu aos dinossauros? — Burke perguntou quando Monty abriu a porta do escritório.

Ele virou-se para trás, oferecendo ao outro homem um sorriso hesitante. — Não senhor. O que aconteceu com os dinossauros?

Burke não sorriu. — Os *Outros* foi o que aconteceu com os dinossauros.

****

O Oficial Karl Kowalski era um homem gentil, de boa aparência em seus vinte e tantos anos, e sabia como lidar com um carro nas ruas com neve de Lakeside.

— Espero que os caminhões de sal e limpa neves façam um caminho muito em breve, — disse Kowalski enquanto observavam o carro na frente deles deslizar através de um semáforo. — Caso contrário, vamos passar o dia lidando com situações de trânsito, carros que saíram da pista e que estão presos na neve.

— É isso o que estamos verificando agora? — Perguntou Monty, abrindo o pequeno caderno que carregava em todos os lugares.

— Espero que sim.

Uma resposta estranha, já que sua primeira chamada foi para verificar um carro abandonado na Parkside Avenue.

Monty verificou as notas que tinha feito. — Um arado avistou o carro no fim da noite, mas não foi relatado até esta manhã? Por que a demora?

— O carro poderia ter deslizado para fora da estrada e ficado preso, — Kowalski respondeu. — O proprietário poderia ter chamado um amigo e obteve uma carona para casa, com a intenção de lidar com o carro na parte da manhã. Ou ele poderia ter chamado um serviço de reboque e encontrado abrigo em algum lugar, já que as empresas de reboque teriam listas enormes de chamadas em espera num tempo como este. Ou o reboque passou e não viu o proprietário do carro.

— Mas o carro ainda está lá.

— Sim, senhor. O carro ainda está lá, então temos que dar uma olhada. — Kowalski parou atrás do carro abandonado e acionou as luzes do carro patrulha. Ele olhou para os arbustos que forneciam uma tela de privacidade atrás de um longo trecho de cerca. — Ah, desculpe, Tenente.

Monty olhou para o que poderia ter sido uma fuga acima do muro. — O que é isso?

— Nada de bom, — Kowalski respondeu sombriamente quando saiu do carro patrulha.

Monty saiu, testando o chão sob a neve para se certificar de que não ia cair em uma vala. Tranquilizado, ele observou que o arado na neve fez um recuo, e encontrou o que poderia ter sido pegadas de outra pessoa.

CAW CAW

Ele olhou para a direita e viu um punhado de pássaros empoleirados nas árvores próximas.

Havia uma cerca que ia até altura do peito e não tinha aqueles picos decorativos para impedir alguém de tentar pular. Os arbustos não serviam com uma parede, especialmente se alguém pulasse a cerca para procurar ajuda. Percebendo as copas quebradas de dois arbustos, Monty chegou até a cerca que dividia o quintal.

CAW CAW

— Oh, deuses, há muito sangue, — disse Monty, avistando a neve pisada além dos arbustos. — Dê-me um impulso. Alguém está ferido e precisa de ajuda.

— *Tenente.* — Kowalski agarrou o braço de Monty e arrastou-o para trás antes de dizer em voz baixa: — Aqui é o Courtyard. Acredite em mim, não há ninguém ferido no outro lado da cerca.

Ao ouvir o medo sob a convicção na voz de Kowalski, Monty olhou em volta. O punhado de Corvos havia aumentado para mais de uma dúzia, e mais estavam voando na direção deles. Havia um Falcão empoleirado no topo da rua e outro logo acima. E todos estavam observando ele e Kowalski.

Então Monty ouviu o uivo.

— Precisamos voltar para o carro agora, — disse Kowalski.

Concordando, Monty voltou para o carro. Assim que estavam lá dentro, Kowalski trancou as portas e ligou o motor, aumentando o aquecedor.

— Eu pensei que a barreira entre os seres humanos e os Outros fosse mais... Substancial, — Monty disse abalado. — Isso é realmente o Courtyard?

— É isso aí, — Kowalski disse, estudando Monty. — Você não trabalhou perto do Pátio em Toland?

Monty sacudiu a cabeça. — Nunca fiquei perto dele. — Ele notou que as mãos de Kowalski não tinham parado de tremer. — Tem certeza que não há ninguém ferido do outro lado desse muro?

— Tenho certeza. — Kowalski inclinou a cabeça para indicar a terra aberta do outro lado da avenida de quatro pistas. — Quando o reboque chegar podemos verificar aquele monte de pedras para descobrir quem foi que passou por cima da cerca.

— Eu não entendo.

— Cada canto em Courtyard tem sua própria política quando se trata de lidar com os seres humanos. O Wolfgard tem funcionado bem nos últimos anos, e as suas regras são claras. As crianças que pularem a cerca para olhar ao redor, em um desafio, eles a jogam de volta e ficam sentados sobre elas até que nós a busquemos e as prendamos por invasão. Os adolescentes podem ser um pouco maltratados, talvez recebam uma mordida ou um osso quebrado antes que sejam atiradas por cima da cerca. Mas qualquer adulto que entra sem um convite não volta. E se algum garoto, ou adolescente ou adulto, pular a cerca com uma arma... — Kowalski sacudiu a cabeça. — Os *Outros* vão deixar as carteiras, chaves e outros pertences para sabermos que essa pessoa não vai voltar. Nós preenchemos um formulário FLD. Você sabe sobre isso?

Monty sacudiu a cabeça.

— FLD. Falecido, Localização Desconhecida. A família precisa de um desses para obter os certificados de morte quando um corpo não pode ser encontrado.

Monty olhou para os arbustos e pensou sobre a neve pisada e o sangue.

Kowalski assentiu. — Sim. Com um FLD, todos nós tentamos duramente não pensar sobre o que aconteceu com o corpo, porque pensar nisso não faz bem a ninguém.

Quantas pessoas em Toland tinham sido dadas como desaparecidas com FLD? — O que há de tão especial sobre o monte de pedras?

Kowalski verificou as árvores e o poste de luz. Monty não achava que tivesse havido qualquer alteração no número de *Outros* os observando, mas o seu parceiro teria um sentido melhor do que isso.

— Dois anos atrás, Daphne Wolfgard e seu filho estavam caminhando depois do horário de trabalho dela. Bem por aqui, na verdade. Ela foi morta a tiros por um homem, e outro homem atirou em seu filho, mas acabou errando. Eles foram embora antes que os lobos chegassem até ela ou que eles fossem atrás deles. Mas os lobos encontraram o local no parque onde os homens tinham esperado para dar o tiro e ficar dentro do alcance. Eles seguiram o cheiro dos homens, mas perderam a trilha onde um veículo de fuga devia estar estacionado.

— Naquela primavera os *Outros* colocaram essas cercas de zimbros para limitar a linha de visão, e o nosso prefeito e corpo governante de Lakeside moveu o parque em frente ao Pátio para um santuário de vida selvagem que está fora dos limites para as pessoas, exceto para passeios guiados e caça restrita. Qualquer um pego no parque durante a noite é preso e multado. Qualquer um pego com uma arma a qualquer momento vai para a cadeia a menos que seja a estação dos cervos e que tenha uma licença para a caça com arco.

— O Capitão Burke investigou muito para encontrar os homens que mataram Daphne Wolfgard, mas parece que eles deixaram Lakeside logo em seguida. A especulação era que eles não eram de Lakeside, e que fizeram isso para arrumar um *troféu* e, em seguida, desapareceram. Ainda é um caso em aberto.

— Por que mantê-lo em aberto?

O sorriso de Kowalski era sombrio. — Você quer saber sobre o imposto sobre água, Tenente?

— Sim, eu me perguntava sobre isso. — Ele ficou chocado quando sua senhoria explicou as regras restritas sobre o uso da água. Os outros inquilinos em seu prédio lhe contaram sobre o uso da água, e pediram para armazenar nos tambores a água da chuva para lavar carros e regar o jardim atrás da pequena cozinha. Ele achou estranho que ninguém queria dizer a ele *porque* havia um imposto sobre a água quando eles viviam bem próximos ao lago que a fornecia.

— Os *Outros* controlam toda a água doce. As tarifas de água e o contrato de arrendamento para a terra que fornece a maior parte da comida para Lakeside são negociados com este Courtyard. No ano em que Daphne Wolfgard morreu, um imposto sobre a água foi adicionado às taxas normais. Nada foi dito então, e nada foi reclamado, mas o Capitão mantém o caso em aberto, porque o que também não é dito é que, se os homens responsáveis pelo assassinato forem capturados e punidos, o imposto vai embora.

Monty respirou. — É por isso que você pegou esta tarefa? Pelo subsídio de risco?

Kowalski assentiu. — Vou me casar em seis meses. Esse subsídio extra a cada mês vai nos ajudar a pagar as contas. Você assume um risco cada vez que encontra um dos *Outros*, porque você nunca sabe se eles vão olhar para você e ver uma refeição. Eles são perigosos, e isso é a verdade, mas uma pessoa pode lidar com eles se for cuidadosa.

— A cerca é o limite? — Perguntou.

— Nah, a terra deles vai até a estrada. A cerca é mais um aviso do que uma barricada. Entre a estrada e o muro é considerado um corredor de acesso para os serviços públicos e trabalhadores da cidade.

— Que são vigiados, — disse Monty, olhando para o Falcão, que olhava de volta para ele.

— Sempre. E eles veem muito mais aqui do que em Courtyard e no Parque. — Kowalski verificou o seu espelho. — Chegou um reboque e outro carro de patrulha. Se essa equipe ficar com o reboque, podemos sair.

Quando Kowalski abriu a porta para falar com os outros oficiais, Monty pensou no que aconteceria depois de verificar o monte de pedras. — Quando há um FLD, quem informa as famílias? — *Por favor, não deixe que seja eu.*

Kowalski parou com a porta aberta. — Há uma equipe especial de investigadores, além de um conselheiro que cuida disso. — Ele fechou a porta.

Monty soltou um suspiro de alívio.

Nós somos os inquilinos, e não os latifundiários, um sacerdote do Templo disse uma vez em uma reunião semanal. *Pegamos emprestado o ar que respiramos e os alimentos que comemos e a água que bebemos.*

Isso foi fácil, o suficiente para esquecer em Toland. Ele suspeitou que o imposto sobre a água ajudasse a todos em Lakeside a lembrarem da verdade.

Kowalski voltou e colocou o carro no trânsito, em seguida, deu uma volta ao redor, e depois parou, quase que diretamente em frente de onde tinham estacionado um minuto atrás.

Mesmo com toda a neve que tinha caído ontem, a pilha de pedras e os objetos pessoais descartados não foram difíceis de encontrar.

Três carteiras com identificação e cartões de crédito. Três conjuntos de chaves.

— Há algum dinheiro aqui, — disse Kowalski. — Provavelmente não todo o dinheiro que estava nas carteiras para começar, mas os *Outros* nunca levam tudo isso.

Nem as crianças, Monty pensou quando olhou para as identidades. Jovens, com certeza, mas com idade o suficiente para saber melhor, e isso não iria ajudar suas famílias a enfrentarem a perda. — Eu teria pensado que os jovens pudessem levar mais coisas em seus bolsos.

— Provavelmente sim. As carteiras e chaves são geralmente tudo o que é deixado para trás. Joias, armas, bijuterias, e coisas assim vão acabar em uma das lojas que os Outros têm, pode ser em outro Courtyard na Região Nordeste, ou em algum outro lugar no continente. Mesmo as armas serão vendidas, apesar de não voltar para nós. Os *Outros* não

matam para roubar, mas uma vez que a *carne* está morta, eles fazem uso de tudo o que podem.

Uma sensação de mal-estar abateu sobre Monty. — É isso que você acha de sua própria espécie? Como carne?

— Não, tenente, eu não. Mas os *indigenes da terra* pensam assim, e eu já vi os resultados quando os oficiais, policiais, ou qualquer outro humano se esquece disso.

É melhor não começar a se perguntar se você deveria ter usado uma bala depois que viu que a jovem lobo voltou a ser a garota que você salvou. É melhor não começar a se perguntar. Não aqui. Não agora.

— Vamos levar esses itens para a estação, — disse Monty. — As famílias podem estar começando a se perguntar por que seus meninos não voltaram para casa na noite passada.

— Então o quê? — Perguntou Kowalski.

— Então eu acho que eu deveria me apresentar a Simon Wolfgard.

****

Já havia caixas e pacotes amontoados em dois carrinhos de mão quando os caminhões de entrega chegaram, provocando um turbilhão, seus condutores olhavam nervosamente para os corvos empoleirados na parede exterior e relaxaram visivelmente quando notaram uma humana baixinha atrás do balcão. Eles foram todos muito rápidos em apontar o nome de sua empresa, bem como o seu próprio nome, soletrando quando ela os escrevia em seu bloco. Identificação. Validação. Alguns tiveram de fazer duas viagens para trazer todas as entregas, e Meg se perguntou se eles tinham evitado essa parada por tantos dias quanto possível.

Nessa primeira hora, a porta se abriu e fechou com tanta frequência que ela decidiu procurar as luvas sem dedos que Harry havia mencionado e encontrar algum tipo de colete de isolamento para vestir sobre a gola alta da camisa.

Querendo um pouco mais de calor e mostrar algum progresso antes que Jester voltasse, ela entrou na sala de triagem para trabalhar com as entregas do correio.

A triagem do correio acabou por ser um desafio. Alguns eram dirigidos a uma pessoa, alguns eram dirigidos a um grupo, alguns tinham um destinatário tão mal escrito que não se entendia nada. A única coisa que o correio e as entregas tinham em comum era que todas eram para Lakeside Courtyard.

— Não é de se admirar que eles tenham dificuldade para organizar as entregas, — ela murmurou.

Ela conseguiu classificar o primeiro saco dos correios e organizou mais duas entregas antes que Jester retornasse.

— Não está ruim, — ele disse quando começou a mover algumas caixas do correio de uma pilha para outra. — Corvine é a casa dos Crowgard. É como eles chamam o complexo onde a maioria que voa mora. Os que moram nas Câmaras são os Sanguinati. Os números que indicam uma determinada parte são sobre a única residência que não é específica por espécie. Ela está localizada próxima à Praça do Mercado, e os membros da Associação Empresarial moram lá.

— Existe algum tipo de mapa ou lista que eu possa usar para me orientar? — Perguntou Meg.

O rosto de Jester ficou em branco por um momento. Então ele disse: — Eu vou perguntar. Agora venha conhecer seus ajudantes. — Ele andou até o painel na parede e desbloqueou a porta exterior da sala de triagem.

Meg voltou correndo para a sala pegar o casaco. Então ela viu seus ajudantes e se esqueceu do casaco.

— Estes são Trovão, Relâmpago, Tornado, Terremoto, e Névoa, — disse Jester. — Eles eram os únicos pôneis dispostos a fazer as entregas de hoje.

Eles eram altos o suficiente para olhá-la nos olhos. Meg não tinha certeza se isso significava que eles eram do tamanho típico de um pônei em termos de altura, mas o que ela viu foram pés peludos, corpos

robustos e rostos mal-humorados. Trovão era preto, Relâmpago era branco, Tornado e Terremoto eram castanhos, e névoa era de um cinza manchado.

— Olá, — disse Meg.

Nenhuma mudança nos rostos mal-humorados.

— Cada um deles tem cestas de entrega, — Jester disse, voltando para a mesa para pegar duas sacolas do correio. — As cestas têm as seções de Courtyard escritas nelas, consegue ver? Assim, por exemplo, a entrega que vai para Corvine ou alguém chamado Crowgard vai nas cestas do Trovão. — Ele colocou a entrega em um dos quatro compartimentos de uma cesta e, em seguida, acrescentou os envelopes e catálogos maiores na cesta no outro lado. Ele olhou para Trovão. — Você vai para os Corvos hoje.

O pônei balançou a cabeça e se moveu para fora do caminho.

Relâmpago recebeu o correio do complexo Wolfgard, Tornado foi para os Falcões, Terremoto para as Corujas e os pôneis do celeiro, e Névoa aos Sanguinati.

— O que acontece quando chegam aos Complexos? — Perguntou Meg.

— Oh, há sempre alguém para esvaziar os cestos e distribuir o correio para os indivíduos, — Jester respondeu, e fechou os cestos. — Hmm. Ninguém para entregar no Complexo Verde ou no lago. Adivinha quem vai ter que esperar até amanhã. — Ele inclinou a cabeça e sorriu para ela. — Simon lhe deu o seu passe?

Ela balançou a cabeça.

O sorriso ganhou uma diversão afiada. — Bem, ele esteve um pouco ocupado hoje. Basicamente, uma vez que você sair pela porta de trás deste escritório, precisará de um passe para visitar a Praça do Mercado ou o Complexo Verde, que é a única área residencial que não é completamente fora dos limites para os visitantes humanos. O passe é algo que você deve sempre levar com você para evitar mal-entendidos.

— Onde posso obter um?

— No escritório do Cônsul, que é o outro edifício que usa a mesma entrada da rua, como este escritório. Eu vou pegá-lo para você.

— O que eu faço com os carrinhos de mão na sala da frente que estão cheios de pacotes?

Jester abriu a porta de entrega interior e puxou os carrinhos de mão da sala de triagem. — Isso depende, — disse ele enquanto trancava a porta. — Se um pacote cabe na cesta, um pônei pode levá-lo com o resto do correio. Ou você pode entregá-lo na proa. Nós não incentivamos nossos Liaisons anteriores a fazer as entregas no Pátio, mas é vagamente dentro dos parâmetros de seu trabalho se você optar por incluí-lo.

Fazer entregas realmente era parte de seu trabalho, ou Jester estava tentando colocá-la em problemas por algum motivo? — Com o carrinho? — Perguntou ela.

— Carrinho ou motorizada. Há um pequeno veículo que circula dentro do Pátio. Ele funciona com eletricidade, por isso lembre-se de carregar a bateria se você não quer carregar peso. Tem um a sua disposição na garagem diretamente atrás do escritório, não dá para se perder.

— Eu tenho um carro, — disse Meg, satisfeita.

— Você tem uma caixa sobre rodas, — Jester corrigiu. — Não é um veículo que você pode levar para as ruas da cidade.

Deixar o Courtyard não era algo que ela planejava fazer.

— Você quer fazer uma pausa? — Perguntou.

Ela olhou para o relógio na parede e sacudiu a cabeça. — Eu deveria estar disponível para as entregas até o meio-dia, por isso vou manter a triagem do correio.

— Faça como quiser. Vou pegar uma coisa para você. — Jester saiu pela porta privada e saltou sobre o balcão. Ele voltou alguns minutos depois. Ele não tinha demorado, mas ele colocou outra coisa sobre a mesa da sala de triagem.

— Este é um mapa do Courtyard, — Jester disse calmamente. — Mostra as estradas de condução e onde cada *gard* vive.

Meu Controlador teria pagado uma fortuna por isso, Meg pensou enquanto estudava o mapa. *Ele teria matado sem pensar duas vezes para obter essa quantidade de informações sobre o interior de um Pátio.*

Wolfgard. Crowgard. Hawkgard. Owlgard. Sanguinati. Complexo Verde. Lago das Meninas. Ash Grove. Complexo Utilities. Lagos. Angra. Reserva de água.

— Eu sugiro que você guarde isso em uma gaveta quando não estiver usando, — disse Jester. — Os últimos dois Liaisons não eram confiáveis, como eu disse, nós não os incentivamos a explorar. Você deve ter cuidado com quem sabe que você tem isso, Meg Corbyn.

— O Sr. Wolfgard sabe que eu tenho um mapa de Courtyard?

— Simon me entregou este para lhe dar.

Um teste, Meg pensou. Simon Wolfgard estava dando a ela um teste para ver se ele poderia confiar nela. O que significava que ela não deveria contar na precisão do mapa. Se ele pensava que ela era uma espécie de espiã tentando ganhar acesso ao Pátio, proporcionar ao inimigo informações falsas era quase tão bom como não dar informação nenhuma.

Então, Jester sorriu, e era uma expressão que estava em desacordo com o seu tom sóbrio um momento atrás. — Eu vou deixar você agora. — E ele foi embora novamente.

Quando uma meia hora se passou sem uma entrega ou qualquer sinal de Jester, Meg foi até o leitor de discos e música. Não havia discos, e isso foi uma decepção, mas, enquanto ela brincava com os botões, ela encontrou o rádio e tentou sintonizar estações de rádio do lago. Ela passou alguns minutos girando o dial enquanto tentava sintonizar uma estação que tocasse alguma música. Em seguida, algo lhe atingiu. Ela não precisava mais de permissão ou aprovação de ninguém. Ela poderia tentar ouvir um tipo diferente de música todos os dias e decidir por si mesma o que ela gostava.

Animada, ela sintonizou em uma estação e voltou ao trabalho.

****

— Run & Thump? — Monty perguntou quando leu a placa sobre uma das vitrines dos *indigenes da terra.*

— Centro de Fitness, — Kowalski respondeu. Ele entrou no estacionamento que tinha menos um terço de espaço para carros, porque as vagas perto da parede de trás do estacionamento foram tomadas por montanhas de neve em ambos os lados de uma porta de madeira. — Esteiras de correr, e o som metálico dos aparelhos de musculação. Não tenho certeza do que eles fazem no segundo andar. Não sei por que os *Outros* frequentam um lugar assim quando podem correr nessas três centenas de acres.

Talvez até eles ficassem incomodados com o cheiro de pelo molhado e preferissem correr dentro de um ambiente com temperatura controlada. — E aquela loja que não tem uma placa?

— Centro social. Este Courtyard emprega seres humanos e, ocasionalmente, permite que alguns deles morem nos apartamentos acima da loja da costureira/alfaiate, e entretenham os convidados de fora ali. Mas não pode levá-los aos apartamentos no Courtyard. — Kowalski sacudiu a cabeça. — E se você quiser se reunir com amigos pode ser no centro social, inclusive se você quiser socializar com um conhecido que é *indigene da terra*.

— E se você quiser um tipo mais particular de encontro? — Monty estudou o homem mais jovem.

— Os quartos acima do centro social podem ser usados para esse *tipo* de encontro.

— É conversa de rua ou você tem conhecimento *pessoal*?

— Tenho que apresentá-lo a minha mãe?

Monty escondeu um sorriso, mas entrou na brincadeira. — Provavelmente.

Kowalski soltou um suspiro. — Eu realmente não tenho conhecimento *pessoal*. Eu *ouvi* que se você usar um desses quartos, você fica responsável por colocar roupa limpa na cama e deixar os lençóis utilizados no carrinho de lavanderia que é deixado no final do

corredor. Há um cofre ao lado do carrinho de lavanderia. Cinco dólares para a utilização dos lençóis e do quarto.

— E se o dinheiro no pote não coincidir com o número de lençóis que foram usados?

— Se não houver quaisquer lençóis limpos, as meninas ficarão muito ofendidas se forem convidadas a dividir um quarto sem lençóis, porque você não colocou os cinco dólares na jarra da última vez que usou.

Agora Monty não tentou esconder o sorriso. — Você é uma fonte de informações, Oficial Kowalski.

Kowalski lançou um olhar para ele.

Rindo, Monty saiu do carro. Apesar do vento, que ainda estava frio o suficiente para cortar até o osso, ele deixou seu sobretudo aberto para que a arma no coldre ficasse a mostra. Em seguida, ele pegou a sua identidade oficial, com a carteira de couro aberta, de modo que já estaria em sua mão quando entrasse na *Howling Boas Leituras.*

— Depois do tiroteio há dois anos, todas as janelas nestas lojas foram remodeladas com vidro à prova de balas, — disse Kowalski.

— Um homem armado poderia entrar na loja e começar a atirar, — Monty respondeu.

— Ele pode até entrar, mas não sairia vivo. — Kowalski inclinou a cabeça ligeiramente quando abriu a porta.

Monty olhou nessa direção quando entrou na loja e congelou.

Olhos cor de âmbar olhavam para ele. Uma boca lupina meio aberta estava expondo os dentes em um grunhido silencioso, quando a criatura na frente de uma estante de livros se levantou. A maldita coisa era *grande.* Seu ombro devia ter a mesma largura de seu quadril se ficassem de pé, lado a lado, e ele tinha certeza de que a criatura era mais pesada que ele.

A menina que ele tinha resgatado parecia uma versão áspera dos filhotes de lobo que ele vira em documentários. Mas não havia dúvida que *este* era o animal. Havia algo mais primitivo em seu corpo do que os animais que viviam no mundo agora. Os primeiros humanos a pisar neste continente deveriam ter usado a palavra *lobo* como uma maneira

de diminuir o seu medo quando olhava para eles da borda da floresta, ou quando os caçavam no escuro e não porque era uma descrição precisa.

Kowalski calmamente limpou a garganta.

Ciente que todo mundo estava parado e tremendo, enquanto eles estavam ali parados, ele levantou a carteira de couro que continha sua identificação e foi até o balcão.

À primeira vista, ele pensou que o homem atrás do balcão era humano. O cabelo escuro estava um pouco despenteado, parecendo um desses cortes de salão. A camisa e o pulôver eram casuais para o local de trabalho e iguais em qualidade das coisas que ele tinha visto nas melhores lojas em Toland. E os óculos de aros davam ao seu belo rosto um caráter acadêmico.

Então o homem olhou para ele com os mesmos olhos cor de âmbar do lobo na entrada.

Como alguém poderia olhar para aqueles olhos e não entender que um predador estava olhando para você? Monty pensou quando deu os últimos passos para o balcão. *Como você pode não saber que não havia nada de humano por trás desses olhos?*

— Sr. Simon Wolfgard? — Monty perguntou, ainda segurando sua identidade.

— Sou Wolfgard, — ele respondeu com uma voz de barítono que seria agradável exceto pelo ronco sob as palavras.

Fingindo que não ouviu o rosnado, Monty continuou. — Sou o Tenente Crispin James Montgomery. Meus superiores me atribuíram como seus contatos policiais, então eu queria aproveitar esta oportunidade para me apresentar.

— Por que precisamos de contatos da polícia? — Perguntou Simon. — Nós lidamos com as coisas no nosso Pátio.

O Lobo rosnou atrás dele.

Várias meninas que estavam na frente da loja gritaram e se dirigiram mais para trás, onde elas poderiam esconder-se atrás das prateleiras e espreitar para assistir ao drama.

— Sim, senhor. Estou ciente disso, — Monty respondeu, entrelaçando sua voz com cortesia calma, mas firme. — Mas se você precisar de algo, ou responder a qualquer pedido de socorro, eu espero que você sinta que não precisa lidar com as coisas de seu próprio jeito. Furtos, por exemplo.

Simon deu de ombros. — Se roubarem de nós, comemos uma mão, contanto que seja *apenas* uma primeira ofensa.

Risinhos nervosos de trás das prateleiras mais próximas.

— E se for uma segunda ofensa? — Perguntou Kowalski, aproximando-se do balcão, mas mantendo um olho sobre o lobo que estava em forma de lobo.

O olhar predatório nos olhos de Simon era afiado, assim como o sorriso. — Para uma segunda ofensa, ele não vai se preocupar em ficar com uma mão.

Ameaça compreendida.

Ele podia ver o esforço que Wolfgard estava mantendo para manter a língua e a máscara de lojista em sua forma humana, que ele assumiu junto dos óculos e as roupas.

Não seria sábio pressioná-lo hoje. Ele não seria capaz de esconder o predador.

Ou talvez estivesse exposto e nunca tenha ficado realmente escondido.

— Por que não damos uma passada ao lado para tomarmos uma xícara de café, — Simon disse, dizendo as palavras que eram menos uma pergunta e mais um comando. — Os agentes da polícia tomam café, não é?

— Sim, senhor, — Monty respondeu.

Simon sacudiu um dedo para uma menina de cabelos pretos e de olhos negros expressivos, que não tinha ficado no fundo da loja junto com os outros. Havia em seus olhos uma intensidade luminosa que fez Monty querer comprar-lhe uma pipoca para comer enquanto ela observava o show.

— Jenni, — Simon disse quando ela pulou em cima do balcão e, em seguida, sobre ele. — Você pode ficar no caixa por alguns minutos?

O sorriso que ela deu a Simon fez com que Monty pegasse a sua carteira para se certificar de que ainda estava lá.

— Se alguém for comprar algo, eles vão te dar dinheiro e você vai dar-lhes o troco, — disse Simon.

—Não precisa ser brilhante para isso, — Jenni disse, inclinando a cabeça. — Nos mantemos brilhantes.

Simon parecia que queria morder alguém, mas tudo o que ele disse foi: — Sim, tudo bem, você não tem que dar a todos seu lado brilhante. — Então ele olhou para o Lobo, que se aproximou e sentou-se em frente ao registro, um grande obstáculo peludo para quem queria pagar antes que Wolfgard retornasse.

Ele os levou para a loja adjacente.

Não havia um monte de clientes, Monty pensou quando olhou em volta. Um casal de pessoas estava trabalhando em computadores portáteis, enquanto tomavam seus cafés em grandes canecas, mas isso era tudo.

— Tess? — Simon, chamou uma mulher de cabelos castanhos atrás do balcão. — Três cafés aqui.

Eles se sentaram em uma mesa. Monty enfiou a identidade no bolso quando Tess colocou três canecas e uma bandeja contendo fatias de algum tipo de bolo sobre a mesa. Quando ela voltou com o bule de café, guardanapos, e uma jarra de creme, Simon apresentou Monty e, em seguida, esperou por Monty apresentar seu parceiro.

Simon estudou Kowalski. — Eu já o cheirei antes?

Kowalski ficou vermelho brilhante e quase derrubou a caneca. — Não, acho que não.

— Você está usando outro perfume em você?

Um balançar de cabeça. Então Kowalski empalideceu e sussurrou: — Minha noiva.

— Ela gosta de livros?

— Sim. — Kowalski tomou um gole de café. Suas mãos tremiam quando ele colocou a caneca para baixo. — Nós dois gostamos. Nós lemos muito.

Simon continuou a estudar o oficial de uma forma que fez Monty querer bater sobre a mesa ou começar a gritar apenas para quebrar esse foco.

— Polida, — Simon disse finalmente. — Cheira bem, e não guincha quando ela fala. Tenho livros que ela não encontrou em lojas humana. Devo ter entregas amanhã. Ela pode pegar aqueles que estão disponíveis. — Um sorriso descobriu seus dentes. — Ou você pode.

Kowalski olhou Simon nos olhos. — Tenho certeza de que ela preferiria pegar pessoalmente para se certificar que são os livros que ela queria.

— Os livros não eram a única coisa que a sua noiva estava interessada, mas a HBL não vende discos de música, e a loja de música não está aberta a qualquer um dos moradores de Courtyard. — Simon sorriu para Monty. — Mas podemos organizar uma excursão na nossa Praça do Mercado para os nossos novos amigos do departamento de polícia. Cada um pode levar um convidado, mesmo para fazer algumas compras.

— E esperamos que os comerciantes nos deem seu lado brilhante? — Perguntou Monty, lutando para manter a calma e a educação, esperando que Kowalski fizesse o mesmo.

Tess, que esteve a ponto de tirar as canecas, as empurrou de volta. — Ah, Simon. Você não deixou que um dos corvos ficasse no caixa, não é?

— Vai ficar tudo bem, — disse ele firmemente.

— Diga isso quando você tentar contar o dinheiro esta noite. — Balançando a cabeça, ela voltou para o balcão.

Monty olhou para longe antes que alguém o notasse olhando. Seu cabelo que era de um tom castanho e de corte reto quando entraram, agora parecia que ela tinha derramado corante verde sobre os fios. Mas ela não tinha saído do salão. Ele *sabia* que ela não tinha saído do salão.

— Já que eu vou fechar esta noite, talvez eu devesse assumir o caixa agora, — disse um homem enquanto se aproximava de sua mesa.

Cabelo preto, olhos escuros, camisa preta e jeans. Pele morena, e perigosamente bonito.

— Este é Vladimir Sanguinati, o co-gerente da *Howling Boas Leituras*, — disse Simon.

Kowalski balançou sua caneca de café na mesa.

— Desculpe, — ele murmurou, agarrando os guardanapos que Tess tinha colocado sobre a mesa.

— Estes são o Tenente Crispin James Montgomery e Karl Kowalski, nossos novos contatos de polícia, — disse Simon.

— Intrigante, — Vladimir respondeu.

Monty não sabia por que era intrigante, ou por que Kowalski reagiu ao nome dele, mas ele sabia que havia coisas que queria pensar e dizer, e não era seguro pensar ou dizer *agora,* enquanto estava nessa loja.

— Eu não vou tomar mais do seu tempo, Sr. Wolfgard, — Monty disse calmamente enquanto empurrava sua cadeira para trás e se levantava. Ele pegou um dos novos cartões de visita do bolso e o entregou a Simon. — Meu número na estação e meu número celular. Se precisar de ajuda, ou por qualquer outro motivo, por favor, me ligue.

Levantando-se, Simon colocou o cartão no bolso da calça sem olhar para ele.

— Já que agora todos somos amigos, você deve vir para tomar um café novamente, — disse Tess.

— Obrigado, minha senhora. Nós vamos fazer isso, — disse Monty. Ele abotoou o casaco enquanto ele e Kowalski iam até a porta. — Espere até que estejamos no carro, — acrescentou ao seu parceiro, sentindo os olhos dos *Outros* neles enquanto caminhavam, passando pelas vitrines até o estacionamento.

Quando eles entraram no carro, Kowalski soltou um suspiro e disse: — Onde, Tenente?

— Em nenhum lugar ainda. Basta ligar o carro, para que não congelemos aqui. — Monty olhava para frente, deixando os pensamentos

solidificarem em palavras. Mas ele não estava pronto para dizer o que entendeu, então ele fez uma pergunta. — Sanguinati. Você saltou como se tivesse sido picado com uma agulha quando ouvi esse nome. Por quê?

— Não significa nada para você? — Kowalski esperou um momento. — Você está familiarizado com o termo *vampiro*?

Monty virou a cabeça e olhou para o outro homem. — Aquele era um sanguessuga?

Kowalski assentiu. — *Do tipo que drena suas presas por sangue.* Na ficção popular eles são chamados de vampiros, mas essa espécie de *indigene da terra* chama-se Sanguinati. Ninguém realmente sabe muito sobre eles, exceto por eles beberem sangue, não parecem ter qualquer outra coisa em comum com a versão ficcional, e eles são tão perigosos quanto os mutantes. E tem havido algumas... Provas... Que eles têm outra maneira de extrair o sangue, além de morder você.

Ainda bem que ele não tinha bebido muito café, Monty engoliu para empurrar para baixo o estômago revolto. — Você acha que eles estão usando essas lojas como lugares fáceis de caçada?

Kowalski inclinou a cabeça para trás. Finalmente, ele disse, — Não é possível dizer com certeza sobre o Sanguinati, mas os shifters não usam as lojas dessa maneira. Wolfgard não estava brincando sobre eles comerem a mão de um ladrão, mas nunca preenchemos um FLD porque alguém entrou em uma dessas lojas. — Ele virou a cabeça e olhou para Monty. — O que está pensando, Tenente?

— Eu estive pensando que a maioria do que você sabe sobre os *indigenes da terra* você aprendeu porque esteve perto deles em sua vida. Você provavelmente cresceu em um bairro que está perto o suficiente do Pátio, para que você conheça as regras para o centro social.

— Eu não sou o único policial em Lakeside que já esbarrou nos *Outros* em uma ocasião social. Os *indigenes da terra* controlam a maior parte do mundo. É insensato não aproveitar a oportunidade para descobrir mais sobre eles. E, para o registro, antes de conhecer Ruthie, eu tive alguma intimidade com uma garota que trabalhava no Courtyard,

mas nos separamos depois de alguns encontros e eu nunca usei um dos quartos acima do centro social para uma brincadeira entre os lençóis.

Um silêncio encheu o carro. Monty continuou antes de se formar uma rusga entre ele e o homem mais jovem. — *Indigene da Terra.* Nativos da Terra. Na academia, nunca ninguém explica exatamente o que isso significa. Não sei exatamente o porquê disso, ou eles têm medo que a verdade pudesse assustar muitos de nós, e homens assustados com armas são perigosos.

— O que é mais assustador do que saber que você está cercado de criaturas que pensam que você é comestível?

— Eles realmente não são humanos, Karl, — disse Monty. — Intelectualmente, eu sabia disso. Agora eu sei, e tenho um corpo, bem como o cérebro. Os *indigenes da terra* não são animais que se transformam em seres humanos ou seres humanos que se transformam em animais. Eles realmente são algo desconhecido que aprenderam a transformar-se na forma humana porque lhes convinha. Eles ganharam algo da forma humana, e se colocaram na posição vertical com a conveniência de dedos e polegares, assim como eles ganharam alguma coisa com as formas de animais que eles absorveram.

— Você apoia a teoria da primeira forma? — Perguntou Kowalski.

— Isso não foi ensinado na academia, — Monty respondeu com um sorriso forçado.

— Ruthie encontrou alguns livros bolorentos de história um tempo atrás. Havia uma teoria de que os *Outros* tiveram um monte de formas, mudando suas formas enquanto o mundo e as criaturas ao seu redor alteravam para que eles permanecessem os predadores dominantes. Mas a primeira forma, seja ela qual for, é o antepassado evolutivo de todos os *indigenes da terra* e é a razão pela qual eles podem mudar de forma. A teoria também diz que eles assumem algumas das características das suas formas, igual aquela menina Corvo que era atraída por algo brilhante.

— Isso é perto o suficiente do que eu estava pensando, — disse Monty. — Eles aprenderam a se manter em sua forma humana, mas não

há humanidade em si, nada que eles possam nos reconhecer como mais do que carne. Somos mais inteligentes do que um veado ou gado, mas ainda carne. E, no entanto, quando eles não conseguiram encontrar os homens que mataram um deles, eles entenderam que deveriam punir todos na cidade, com a aderência de um imposto e taxas de água. O que significa que eles têm sentimentos sobre sua própria espécie.

— OK. Mas o que isso tem a ver com a oferta de Wolfgard para nos deixar ver algo que é normalmente fora dos limites, ou ter a certeza de que eu soubesse que eles reconheceram Ruthie? Você foi educado, mas encarei como ameaças.

— Eu não acho que foi uma ameaça. Eu acho que Simon Wolfgard estava tentando ser amigável. Mas os *indigenes da terra* tiveram que estabelecer uma linha, onde o lobo se estabeleceu há milhares de anos e o lado humano por apenas alguns séculos, na melhor das hipóteses, então ele soa ameaçador mesmo quando não está tentando ser. Ele tem seus próprios motivos para a abertura dessas lojas para os clientes humanos, e para nos convidar a ver um mercado que eu estou supondo que foi visto por muito poucos visitantes.

— Então?

— Então vamos aceitar a oferta, — disse Monty. — Vamos fazer uma turnê pelo mercado. Ruthie também poderia nos acompanhar, se você estiver confortável em pedir-lhe para se juntar a nós. Nós vamos tomar uma xícara de café em uma base regular. Nós vamos ser os rostos que os *Outros* reconhecem. Nós estamos tentando mudar a dinâmica, Karl. Eles não são humanos, nunca serão humanos. Mas podemos tentar levá-los a ver que pelo menos alguns de nós podem ser mais do que carne útil ou inteligente. Então, talvez, *talvez* na próxima vez que homens adultos agirem como tolos e entrarem no Pátio sem ser convidados, vamos receber uma chamada, em vez de ter que preencher um formulário FLD.

— Eu não tenho certeza se alguém já tentou mudar a dinâmica entre nós e os *Outros*, — Kowalski disse cautelosamente.

— Então talvez seja a hora de alguém fazer isso. — Monty suspirou. — Tudo certo, e mais uma parada. Eu gostaria de dar uma volta um pouco mais para obter uma sensação da área.

— Para onde?

— Vamos nos apresentar para a pessoa que poderia ser a nossa melhor aliada, o Liaison Human.

Eles saíram do estacionamento e entraram à esquerda no cruzamento da Avenida Crowfield e Main Street. Eles passaram por uma loja antes de voltar para a área de entrega do Gabinete do Liaison e o consulado.

— Essa loja é chamada de *Terra Nativa*, — disse Kowalski. — Vendem esculturas, cerâmicas, pinturas e tecelagens de *indigenes da terra* disponíveis para a venda aos seres humanos. Um escultor que trabalha na madeira faz algo chamado de *totens* para jardim a partir dos troncos das árvores caídas. Você pode comprar desde grandes esculturas, que podem custar algumas centenas de dólares, ou pedaços pequenos o suficiente para ser usado como um enfeite de sala. Ruthie quer comprar uma peça para o nosso novo apartamento.

Monty armazenou toda essa informação enquanto passavam de carro.

Kowalski apontou para a sua direita. — Aquele prédio é do consulado. Elliot Wolfgard tem um escritório lá, e as salas de reuniões são geralmente perto de qualquer cidade que tenha um Pátio.

— Fique aqui, — disse Monty. No momento em que saiu do carro, metade dos corvos se empoleiraram em uma parede e a outra metade começou a grasnar para ele. Alguém no outro lado da parede estava trabalhando com algum tipo de martelo, mas não havia som.

Monty foi até a porta do escritório e abriu-a, fingindo não ver os corvos, fingindo que não havia nada de sinistro no silêncio vindo do outro lado do muro.

Enquanto caminhava até o balcão, a primeira coisa que notou foi o cabelo da mulher. Isso o fez pensar em um dos bonecos que Lizzy tinha,

cujo cabelo era feito de fios de laranja. Então ele percebeu que o seu sorriso escorregou quando ela olhou para ele e viu o carro da polícia.

— Bom dia, senhora, — ele disse, puxando sua identidade. — Sou o Tenente Crispin James Montgomery.

— Eu sou Meg Corbyn, — ela respondeu. Ela estava nervosa, talvez até mesmo houvesse medo em seus olhos cinzentos, e suas mãos tremeram o suficiente para ser notado. — Há algo que eu possa fazer por você?

Ele tinha visto a placa sobre a porta. Ele sabia o que significava HLDNA. Em sua experiência, as mulheres geralmente não tinham medo sem razão. — Não, senhora. Eu sou o novo contato da polícia para o Pátio, e só queria me apresentar. — Ele tirou um cartão de visita e o colocou sobre o balcão. Quando ela não foi até ele, ele suavizou sua voz mais do que o habitual. — Senhorita Corbyn, você está aqui por sua própria escolha? Eu não posso deixar de notar que você parece nervosa.

Ela lhe deu um sorriso vacilante. — Oh. É o meu primeiro dia. Eu quero fazer um bom trabalho, e há muito para aprender.

Monty devolveu o sorriso. — Eu sei o que você quer dizer. É o meu primeiro dia de trabalho também.

Seu sorriso voltou e era aquecido, e ela pegou o cartão de visita. Em seguida, a testa franziu em uma pequena careta. — Mas, tenente, a lei humana não se aplica no Pátio.

— Eu sei que não, senhorita. Mesmo assim, se você precisar da minha ajuda, é só ligar.

Meg hesitou, então disse: — Você sabe alguma coisa sobre pôneis?

Monty piscou. — Pôneis? Não particularmente. Mas eu andava a cavalo quando era jovem. Levava uns pedaços de cenoura ou maçã comigo. Os cavalos não são muito interessados em receber visitas, mas eles apareciam na cerca para comer as cenouras.

— Talvez isso ajude, — Meg murmurou.

— É bom então, no que eu puder ajudar.

Ela riu como se não soubesse como, como se não fosse um som familiar. Incomodava-o que o riso fosse um som estranho para ela.

Essa não foi à única coisa nela que o incomodou.

Ele desejou-lhe sorte em passar o resto de seu primeiro dia, e ela desejou-lhe o mesmo. Satisfeito, ele saiu do escritório e notou o rosto tenso e a atenção inabalável de Kowalski. Olhando em direção ao canto esquerdo do prédio, ele viu um grande homem vestido de jeans e uma camisa de flanela, segurando um formão e o malho. Deve ser o escultor.

— Bom dia, — disse Monty, continuando a andar até o carro.

O homem não respondeu. Apenas o observou.

— Senhor? — Kowalski disse assim que Monty entrou no carro.

— Nós já conhecemos muitos residentes do Pátio para um dia, — Monty respondeu. — Me leve para o distrito.

— Seria um prazer.

— Que qualidades você acha que um agente de ligação tem normalmente? — Ele perguntou quando se afastavam do Courtyard.

— Força de caráter, experiência, — Kowalski respondeu sem hesitação.

— E inocência?

Kowalski deu a Monty um olhar assustado antes de voltar sua atenção de volta para a estrada. — Isso não é um rótulo que eu daria para qualquer um que trabalha para os *Outros*.

— Eu tenho a impressão que a Senhorita Corbyn não tem a maturidade de sua idade física. Se eu não a tivesse visto, eu teria dado a metade de sua idade.

Kowalski deu-lhe outro olhar. — Ainda encontramos pessoas simples que por vezes dão essa impressão porque vivem sem a mesma tecnologia que o resto de nós. Você acha que ela deixou sua comunidade na Ilha Grande para trabalhar aqui?

Ele nunca tinha conhecido qualquer pessoa de uma comunidade simples, então ele não poderia oferecer uma opinião, mas ele disse: — Vale a pena conferir.

— O problema é tenente, os *Outros* controlam tudo naquela ilha, exceto a terra que eles alugam para a comunidade de vida simples e uma dúzia de famílias que vivem ao longo da Costa Sul e trabalham com pesca,

na ferrovia, ou trabalham nas lojas que fornecem bens e serviços. Uma menina daquela comunidade poderia trabalhar para os *Outros* e achar que é menos assustador lidar com eles do que estar sozinha na cidade grande.

Essa explicação não pode ser tão simples assim, pensou Monty. Mas ele ainda se perguntava se trabalhar no Courtyard era a razão de Meg Corbyn estar tão nervosa, ou se ela tinha outro motivo para ter medo.

****

Ásia xingou sob sua respiração. Os malditos Corvos estavam prestando muita atenção no Gabinete do Liaison, e se ela se mantivesse parada no mesmo lugar, um deles iria perceber que ela estava usando o mesmo carro. Ver o carro da polícia no estacionamento tinha sido razão suficiente para se afastar. Sua aparência era memorável, e ela não queria que os policiais tomassem qualquer conhecimento dela. Mas ela queria dar uma olhada na nova ligação que Simon tinha contratado em vez dela. Até o momento, ela tinha contornado o quarteirão e passado em algumas ruas, e onde estavam os malditos idiotas? A maldita polícia estava parada em frente do Gabinete do Liaison!

Ela pensou que sua sorte tinha mudado quando os viu afastar, mas o *indigene da terra* que vendia esculturas e outras bugigangas estava indo para o escritório, e havia algo sobre ele, além de seu tamanho, que a deixava desconfortável.

Tente novamente amanhã, pensou.

Quando ela desligou o farol, ela percebeu uma van branca parada na frente dela, e parecia que também estava observando, assim como ela.

— Eu acho que não sou a única curiosa, — murmurou para si mesma. Ela sorriu enquanto seguia a van, por tempo suficiente para memorizar a placa do carro. Em seguida, ela parou na mesma área do estacionamento com o farol apagado e anotou os números. Isso era algo que ela poderia dizer a Bigwig. Ele sempre dizia que informação era uma

mercadoria valiosa. Saber que alguém estava interessado na nova ligação era o tipo de informação que ele e os outros apoiadores poderiam achar rentável.



CAPÍTULO 4

EXPERIMENTAR A MÁQUINA DE CAFÉ foi um desastre sem ressalvas, por isso Meg se contentou com uma tigela de cereal e uma maçã, e prometeu a si mesma uma pausa de dez minutos para comer alguma coisa, e pegar um grande bule de café logo que a loja fosse aberta.

Usando uma camisa azul e novamente a mesma calça jeans, pois a outra tinha que ser limpa, ela fez uma segunda promessa de parar na loja de roupas na Praça do Mercado e comprar roupas suficientes para usar ao longo dos dias de trabalho, ou o que pudesse pagar agora. Como é que os *Outros* lavavam as roupas? As roupas de Simon Wolfgard não tinham cheiro, então os *Outros* deveriam ter uma maneira de lavar roupa. Ela só tinha que descobrir onde e como.

Tantas coisas para aprender. Tantas coisas que ela conhecia apenas através de imagens ou recortes. Como iria descobrir o que precisava saber, sem revelar o quão pouco sabia?

Aqueles eram pensamentos para mais tarde. Agora ela tinha que terminar de se arrumar e ficar pronta para o trabalho.

Pegou três cenouras da geladeira, lavou, e as secou, e depois as colocou na tábua de corte. Ela empurrou as mangas de sua camisa, em seguida, pegou a faca de dentro do armário.

Carne e aço. Uma dança íntima.

Cada corte lhe traz mais perto do corte que vai te matar, Jean havia dito. *Se você continuar usando a navalha quando estiver livre deste lugar, então você se tornará o seu próprio assassino.*

A faca caiu no balcão. Meg deu um passo para trás, olhando para a lâmina brilhante enquanto esfregava seu antebraço esquerdo para aliviar as sensações de alfinetadas e agulhas sob sua pele. Ela tinha esse

sentimento, por vezes, pouco antes do próximo corte. Se o corte fosse adiado, a sensação ficava tão ruim que parecia um zumbido ou, pior ainda, como algo tentando mastigar seu caminho para fora de sua pele.

Apenas um pequeno corte, ela pensou quando puxou a lâmina do bolso de sua calça jeans. *Apenas um pequeno corte para ver se as cenouras irão funcionar, se os pôneis irão gostar de mim.*

Ela tentou se convencer de que nada de terrível aconteceria se esse gesto de amizade não funcionasse, e que utilizar a própria carne por algo insignificante era tolo. E como os *Outros* reagiriam a um corte fresco e ao cheiro de sangue? Ela não tinha considerado isso quando assumiu o cargo.

Mas ela já estava pegando algumas toalhas de papel do rolo para fazer uma almofada de papel em cima do balcão ao lado da pia. Ela abriu a navalha, alinhou a borda da mesa junto da primeira articulação do dedo indicador esquerdo, depois virou a navalha para que a borda afiada descansasse contra a pele. Ela tomou uma respiração lenta e pressionou a navalha contra seu dedo, fazendo um corte profundo o suficiente para formar uma cicatriz.

A dor surgiu, uma agonia que a lembrava das vezes que tinha sido punida por mentiras ou por desafio. Ela viu os pôneis e...

A dor foi se arrastando e se transformando em uma euforia *orgásmica. Este* era o êxtase que as meninas desejavam, o êxtase que só aparecia depois que a navalha beijava a pele. *Este. . .*

Meg piscou. Balanço. Olhou para o sangue sobre as toalhas de papel.

Algo sobre os pôneis.

A fim de lembrar o que você quer ver, você tem que engolir as palavras, juntamente com a dor, Jean havia dito. *Se você falar, o que você viu vai desaparecer como um sonho. Você deve se lembrar dos detalhes, mas não o suficiente para ser útil.*

Ela deveria ter falado, deveria ter descrito o que tinha visto. Mas não havia ninguém para ouvir as palavras, para escutar a profecia, e tudo o que ela poderia ter aprendido sobre os pôneis foi perdido.

Ela olhou para o dedo e pensou em fazer outro corte. Então, ela olhou para o relógio. Ela já tinha perdido muito tempo.

Correndo para o banheiro, Meg lavou o corte, em seguida, encontrou uma caixa parcialmente utilizada contendo ataduras e fita no armário de remédios em cima da pia. Depois cuidou do corte, correu de volta para a cozinha, limpou a navalha, e a colocou no bolso do jeans. Então ela pegou a faca de cozinha e cortou as cenouras. Se alguém notasse a gaze ou o cheiro do sangue, ela poderia explicar isso. Acidentes acontecem em cozinhas o tempo todo. Um corte em seu dedo não seria incomum, não daria a ninguém uma razão para perguntar sobre isso com ela.

Ela colocou os pedaços de cenoura em uma bacia com tampa, arrumou a cozinha, em seguida, arrumou os utensílios e recolheu o resto de suas coisas. Quando ela saiu do prédio, desceu correndo as escadas, e estava feliz por não ter que andar muito para chegar ao trabalho.

O ar ainda estava frio, cortante, mas muito mais pacífico do que na manhã anterior. Ou estava mais pacífica até que chegou à base das escadas e viu Simon Wolfgard saindo, e bebendo em uma daquelas grandes canecas com tampa que ela tinha visto ontem quando ela parou no supermercado da Praça do Mercado para comprar maçãs e cenouras.

Ele parou quando a viu. Então ele cheirou o ar.

Esperando que o seu cabelo ainda estivesse cheirando mal, o suficiente para desencorajá-lo de se aproximar, ela disse: — Bom dia, Sr. Wolfgard.

— Senhorita Corbyn.

Quando ele não disse mais nada, ela correu até o gabinete do Liaison, consciente que ele estava a observando até que ela abriu a porta traseira e entrou. Esperando que agora ele apenas fosse para o seu próprio negócio e a deixasse continuar com o dela.

Ela pendurou o casaco e trocou as botas por sapatos. Depois de um debate consigo mesma, que consumiu uns cinco minutos, ela decidiu que cenouras à temperatura ambiente eram provavelmente melhor para os pôneis, e deixou o recipiente sobre o balcão. Desejando que tivesse

algo quente para beber, ela verificou os armários na pequena área de cozinha. A última pessoa que trabalhou ali foi um verdadeiro pateta, e ela não colocaria nada de comer naquelas prateleiras até que as limpasse. O que significava, na verdade, aprender a limpar.

Pelo menos ela tinha música esta manhã. Ela tinha parado na loja de músicas e filmes ontem e levou cinco discos de música por empréstimo. Ela compraria um diário para anotar as músicas que ela gostava e das que não gostava, e a comida que gostava e a que não gostava e... Todo o resto.

Ela colocou o primeiro disco no leitor, em seguida, arrumou a entrada para a abertura do escritório. Ela colocou uma folha de papel na área de transferência para tomar notas sobre as entregas. Pegou as chaves da gaveta na sala de triagem, e deu um suspiro de alívio quando mexeu nos bloqueios e abriu o ferrolho, conseguindo destrancar a porta da frente.

As aves estavam de volta e havia três na parede e uma na escultura de madeira. Já que ela não tinha certeza se eles eram simples corvos ou *Outros*, ela enfiou a cabeça para fora da porta e disse: — Bom dia.

Um silêncio espantoso. Quando ela puxou a cabeça para trás, um par deles crocitou. Parecia mais suave do que outros corvos, então ela decidiu aceitar como uma saudação de retorno.

Ela mal teve tempo de tirar o mapa da gaveta e arrastar uma das malas postais para a mesa antes que o primeiro caminhão de entrega parasse.

Não há necessidade de um sino na porta quando há Corvos em frente, ela pensou quando folheou suas páginas e fez suas anotações sobre o caminhão.

Havia a mesma cautela de ontem quando as pessoas das entregas abriam a porta, e o mesmo alívio quando a viam e percebiam que não teriam de lidar com um dos *Outros*. Meg anotou as mesmas informações, mesmo sobre quem eles eram e os dias em que geralmente faziam as entregas.

Ela achou interessante que dois ou três caminhões chegaram quase ao mesmo tempo, o que a fez se perguntar se os motoristas tinham algum acordo entre si sobre a entrega para não ficarem sozinhos no Pátio, especialmente já que a maioria se cumprimentava pelo nome.

Quando a primeira onda de entregas terminou, ela abriu a porta para a sala de triagem e empurrou um dos carrinhos de mão do interior. Ela não gostava de esteiras, pois tinha muitas memórias delas no composto, mas talvez ela devesse passar por cima disso e fazer algum exercício e ver o que ela poderia fazer para ganhar alguns músculos. Se ela não fosse capaz de levantar pacotes ou malotes do correio, não iria ganhar nenhuma *estrela de ouro* de Simon Wolfgard.

Ela ligou o leitor de discos e começou a fazer a triagem das entregas, seus quadris seguindo o ritmo da música.

— Associação de Courtyard Business, — Meg murmurou enquanto lia o nome no envelope. — Eles tinham uma associação empresarial? Onde? — Ela colocou o envelope na pilha para perguntar a Jester.

Havia vários envelopes para as Câmaras com carimbos vermelhos de último aviso. Tinha a sensação de que iria encontrar advertências anteriores nos malotes na parte inferior da pilha.

Havia algum tipo de regra que outras pessoas não poderiam organizar a entrega, ou eles apenas esperavam que tudo ficasse como estava até que eles arrumassem alguém para fazê-lo? Ou eles eram tão ocupados fazendo outras coisas que não tinham tempo para cuidar do correio e dos pacotes?

Ela ainda estava ponderando quando a porta da frente abriu. Meg colocou a pilha de envelopes na prateleira e foi até o balcão, fechando parcialmente a porta privada.

A mulher que se aproximou do balcão tinha os cabelos na altura dos ombros, e era loiro e liso. Ela tinha olhos castanhos e um rosto cuidadosamente maquiado, o que Meg decidiu depois de ver as belas imagens femininas em seu treinamento. A parca que a mulher usava

estava aberta na frente, revelando um corpo cheio de curvas em um jeans confortável e blusa.

Não tendo nenhuma referência do mundo exterior, Meg não poderia decidir se uma mulher vestida assim durante o dia indicava uma estrela de cinema ou uma prostituta.

— Eu estou procurando o novo Liaison, — disse a mulher.

— Eu sou a nova Liaison, — Meg respondeu.

— Sério? — Raiva brilhou nos olhos da mulher, ao mesmo tempo em que dava a Meg um largo sorriso. — Ora, você é quase um pequeno animal de estimação.

Raiva e um sorriso estavam conflitantes nas imagens que ela passava, mas era um conflito que ela já tinha visto com bastante frequência nos rostos dos *Aqueles Com Nome*, especialmente quando Jean causava problemas e despertava algumas das outras meninas.

Sem saber como responder, Meg deu um passo para trás. Se ela precisasse de ajuda, havia um telefone na sala de triagem, bem como sobre o balcão, e a porta privada tinha um bloqueio.

A mulher a estudou, em seguida, disse: — Oh, querida, você não tem que ter medo. Estou irritada com Simon por ter contratado alguém, pois ele me prometeu este trabalho, mas eu não estou chateada com *você*.

— Com licença?

A mulher acenou com a mão. — Isso agora é *água debaixo da ponte*, como se costuma dizer. — Um sorriso amigável agora. — Eu sou Ásia Crane. Estudo na Universidade de Lakeside. *Howling Boas Leituras* é uma espécie de *casa* longe da *minha* casa, então eu espero que nós possamos nos encontrar muito daqui para a frente.

Improvável, já que ela não tinha a intenção de passar muito tempo na livraria, pelo menos não quando Simon Wolfgard estava por perto para olhar para ela ou se ofender com seu cabelo. — Eu sou Meg Corbyn.

Ásia bateu palmas. — Crane. Corbyn. Nossos nomes são tão semelhantes, poderíamos ser irmãs!

— Só que não nos parecemos em nada, — Meg apontou. O comportamento de Ásia era típico da quando as pessoas se encontravam com um estranho?

— Oh! Não vá estragar as coisas com meros detalhes! E por favor, não fique insultada sobre a minha observação de animal de estimação. É uma frase que devo ter pegado dos romances que eu tenho lido por diversão.

Meg não poderia imaginar Simon lendo ou comprando romances para a loja. Talvez, alguém tivesse uma palavra a dizer sobre requisitar esses livros para a loja?

— Foi bom conhecê-la Ásia, mas eu tenho que voltar ao trabalho, — disse Meg.

— Fazendo o quê? — Ásia inclinou-se sobre o balcão e franziu o nariz enquanto olhava ao redor. — Não parece que há muito a fazer aqui para não morrer de tédio. Talvez eu fique feliz por não ter conseguido este emprego afinal de contas.

— Mas eu tenho o que fazer sim, além de ficar no balcão e assinar os pacotes, — Meg disse defensivamente.

— Como o quê?

Ela hesitou, mas responder uma pergunta não parecia uma coisa terrível de se fazer, especialmente considerando que Simon tinha lhe dado o trabalho, mas o prometeu para Ásia.

Mas se ele prometeu o trabalho a ela, por que ele me contratou? — Eu recebo as correspondências para o Pátio, — ela disse, tentando ignorar o formigamento que, de repente encheu seu braço direito.

Os olhos de Ásia se alargaram. — De todo o Courtyard? Não apenas as lojas, mas a *coisa toda*? Apenas você?

Meg assentiu.

— Oh, querida, se esse for o caso, eu não tenho certeza se aquele homem pode pagar *alguém* o suficiente para fazer esse trabalho tedioso.

— Não é tedioso, e não é muito trabalho, ou não vai ser depois que eu organizar as entregas. O formigamento no braço piorou, e ela começou a se sentir desconfortável. Ela não deveria ter essa sensação

logo após um corte. Era um sinal de que havia algo de errado com ela? Os *Aqueles Com Nome* sempre disseram às meninas que elas não poderiam sobreviver por muito tempo fora do complexo porque seriam esmagadas pelo mundo. Jean disse que era uma mentira, mas que tinha sido um longo tempo desde que Jean tinha vivido no lado de fora, então talvez ela não se lembrasse mais das coisas corretamente.

— Bem, por que não pega algumas entregas para que possamos nos conhecer melhor? Eu poderia até lhe dar uma mão, — disse Ásia.

Meg sacudiu a cabeça e arrastou os pés de volta, dando outro meio passo para a porta privada. — É agradável você oferecer ajuda, mas as entregas têm que ficar na sala de triagem, e ninguém mais está autorizado a entrar sem a permissão do Sr. Wolfgard.

— Bem, *Simon* não vai me impedir de ajudar. — Ásia apoiou as mãos no balcão, deu um pequeno salto e conseguiu sentar em cima do balcão, balançando as pernas.

Foi quando a porta privada abriu e Simon se lançou para fora da sala de triagem, batendo ao lado da Meg. Quando ele tentou agarrar Ásia, ela gritou, jogou as pernas para trás por cima do balcão, e correu para fora de alcance.

— Simon *vai* impedir, — ele rosnou. — E a próxima vez que você balançar uma perna ao longo de um balcão e tentar colocá-la onde não pertence, você vai sair do balcão com uma perna a *menos*!

Ásia correu para a porta e correu até chegar à calçada. Então ela se virou e olhou para eles antes de correr pela rua.

Meg apertou-se contra a parede, querendo se afastar, mas sem ousar se mexer. — S-Sr. Wolfgard, eu disse que ela não era autorizada a entrar, mas soou como -

— Eu ouvi o que soou, — ele rosnou. — Eu não te pago para tagarelar com outros *macacos* quando há trabalho a ser feito. E se você quer este trabalho, ainda há muito trabalho lá.

— Eu-eu sei.

— Por que você está gaguejando? Está com frio?

Não se atrevendo a falar, ela balançou a cabeça.

Seu próximo rosnado soou tão cheio de frustração e raiva. Depois de um olhar mais ameaçador para fora, ele voltou para a sala de triagem.

Momentos depois, Meg ouviu a porta bater.

Agitada e ainda com muito medo de se mover, ela começou a chorar.

****

Simon invadiu a porta traseira da livraria, tirou suas roupas, e mudou para o Lobo, incapaz de suportar estar nessa forma humana por mais um momento. Então ele gritou, deixando toda a sua fúria no som.

Ele não sabia por que estava tão irritado. Ele só sabia que havia algo no tom de voz de Meg quando ela estava tentando defender seu território, e ficando *completamente* imobilizada sobre isso! Algo tropeçou dentro de seu cérebro.

John foi o primeiro a chegar ao armazém, mas um olhar para Simon o fez se afastar. Tess veio em seguida, seu cabelo listado de verde *e* vermelho.

— Simon? — Disse Tess. — O que está errado?

Antes que ele pudesse responder, a porta se abriu de novo, quase batendo em seu traseiro. Ele girou e encontrou Jenni, que tinha mudado de Corvo para humana, e agora estava nua, tremendo.

Ela ignorou o frio, e o ignorou, e isso estava além de um insulto, já que ele *era* o líder deste Courtyard. Em vez disso, ela se concentrou em Tess.

— Simon estava sendo cruel. Ele gritou com a Meg. Vou até a loja para ver se eu posso encontrar uma coisa brilhante que irá fazê-la sorrir novamente. A Meg sorri muito quando o Lobo não está rosnando para ela.

Jenni recuou, mudando para Corvo, e voou para Sparkles e Junk.

<Não rosnei para Meg,> Simon rosnou.

Balançando ao redor e seguindo Jenni para fora da porta, Tess disse por cima do ombro, — Eu vou falar com Meg e ver se eu posso reparar o dano.

Ele não tinha certeza se ele a ouviu murmurar — *Idiota*.

Ele olhou para John, que agora estava agachado para trazer a cabeça mais baixa do que Simon.

<*Traga roupas,*> Simon ordenou. Então ele subiu as escadas para o escritório da loja.

John trouxe suas roupas, e as colocou na cadeira mais próxima, e correu de volta para baixo.

Simon rondava o escritório, em seguida, uivou novamente.

Ele *não tinha* rosnado para Meg. Não exatamente. Mas ele duvidava que houvesse uma mulher no Pátio que iria vê-lo hoje.

Mudando de volta para humano, ele se vestiu. Então, ele foi para a janela voltada para a Crowfield Avenue e olhou para fora. As ruas estavam em boas condições. Não havia interdições no pavimento ainda, mas tudo mudava.

Afastando-se da janela, ele olhou para as pilhas de papelada esperando por ele, porque ele tinha incentivado mais contato com os seres humanos como uma forma de manter um melhor controle sobre eles.

— Era mais fácil quando tudo o que eu queria fazer era comê-los e tirar seus orgãos, — ele resmungou.

E tinha sido mais fácil quando ele não se importava se ele fazia algum deles chorar.

****

Ásia tremia tanto que não conseguia colocar as chaves na ignição para ligar o seu carro.

Bigwig tinha dito a ela que lidar com os *Outros* era uma tarefa arriscada, que foi por isso que ele e os outros doadores estavam dispostos a deixá-la levar o seu tempo se infiltrando no Pátio. Nos meses em que ela estava vivendo em Lakeside e rondando a HBL, ela não tinha visto

mais do que rosnados dos lobos e nem mesmo nenhuma ameaça do resto dos *Outros*. Agora ela percebeu por que Bigwig tinha lhe pagado tanto, porque *ele* sabia que era *arriscado* e poderia ser *mortal*.

Puxando uma garrafinha de dentro do porta-luvas, ela tomou um longo gole de uísque para acalmar seus nervos. Tomou outro gole para esquecer a imagem de suas pernas sendo arrancadas por um Lobo.

— Maldito Lobo, — ela disse, após o terceiro gole. — O maldito Lobo deveria ter ficado em sua própria loja, em vez de farejar onde não devia! — E ele não tinha que acabar contratando uma mulher sem aparência e nenhum senso de moda para representar o Courtyard, *ele havia contratado uma débil mental!*

Ela esperava um homem, e tinha se vestido para se apresentar a um homem, e tinha descoberto a razão de Wolfgard não tê-la escolhido. Era porque Liaisons eram geralmente homens e um homem poderia exercer aquele o trabalho. Em vez disso, Wolfgard havia contratado uma menina estranha, com cabelo estranho e débil mental, que achava que trabalhar na triagem de correspondência era *interessante*.

Ásia tomou outro gole, em seguida, colocou a garrafinha de volta no porta-luvas.

Se Meg *não era* uma débil mental, que tipo de pessoa *iria* querer trabalhar como Liaison? Alguém que tinha uma razão para se esconder de alguém? De que? De quem? O motorista da van branca estava mantendo o controle sobre algo ou alguém no Pátio? Meg Corbyn era a única funcionária nova?

Ela tinha um nome e uma descrição para dar a Bigwig quando entregasse seu relatório hoje à noite. Isso poderia ajudá-la a descobrir quem estaria interessado em alguém como Meg. Até que ela conseguisse obter mais informações, ela seria a nova melhor amiga de Meg Corbyn e usaria essa amizade para aprender tudo o que pudesse sobre o Courtyard. E isso significava lidar com Simon Wolfgard.

Suicídio por Lobo. Ela ouviu essa frase muitas vezes. Agora entendia o que significava. Mas se ela não empurrasse Simon agora, ela nunca teria outra chance com Meg.

Ela se debateu por um momento, então, decidiu que o aroma de *uísque* iria servir neste pequeno drama. Afinal, nenhum ser humano na livraria iria esperar que alguém iniciasse um confronto com um lobo, a menos que essa pessoa estivesse um pouco bêbada. E ela pensou que Ásia Crane, Investigadora Especial, seria um tipo de investigadora com um passado duvidoso e com a necessidade de tomar uma bebida durante o dia de vez em quando.

Ela precisava anotar essas idéias para o dia que se reunisse com Bigwig para discutir seu programa de TV.

Ela saiu de seu carro e caminhou até a *Howling Boas Leituras*. Assim que ela entrou na loja, ela fechou as mãos em punhos e gritou: — Simon Wolfgard! Coloque a sua bunda aqui! Tenho algumas palavras para dizer a você!

Várias pessoas deixaram os livros caírem. Em seguida, um silêncio terrível encheu a livraria quando Simon apareceu. Ásia esperava que as lentes de seus óculos estivessem captando algum tipo de luz que fazia seus olhos parecerem brilhantes e vermelhos.

Antes que ele chegasse muito perto, ela lançou seu ataque verbal. — Simon Wolfgard, você não passa de um pouco mais que um gambá com raiva!

— Você estava onde não pertencia! — Ele gritou.

— Bem, me perdoe por tentar ser simpática! Eu só passei para me apresentar e dar a sua nova empregada as boas-vindas. Eu não sabia que ela estava *proibida* de ter uma conversa simples com *outro ser humano*. É claro que a pobre menina tem alguns desafios. — Ásia bateu em sua testa. Não importa se Simon compreendesse o gesto; todos os seres humanos na loja iriam reconhecê-lo e assumir que ele tinha contratado um*a retardada.* — E então, quando alguém se interessa por ela, tudo *que você tem a* fazer são ameaças. Não me surpreenderia nem um pouco se ela escapasse alguma noite e não voltasse mais por causa da maneira como você a tratou. Você sabe o que você é, Simon?

— Não, — ele rosnou. — O que eu sou?

— Você não passa de um valentão com presas! Um ser humano teria de estar *desesperado* para trabalhar para alguém como você!

— Você estava disposta a trabalhar para mim, e fazer muito mais.

Seu rosto aqueceu, mas ela ergueu o queixo. — Isso foi antes de eu perceber que você é como os *Outros* que imitam os seres humanos para obter o que deseja, mas não sabe nada sobre o que está dentro de um ser humano.

Simon mostrou os dentes. — Nós sabemos o que há dentro de um humano, e são uns bocados saborosos. Especialmente o coração e o fígado.

Seus joelhos enfraqueceram e seu coração batia forte. Sua voz tremeu, mas ela mudou para uma tranquila e digna quando disse: — Não tenho mais nada a dizer a você.

Ela saiu da loja, e quando chegou ao estacionamento, saiu correndo para seu carro, apoiou uma mão sobre o capô, e vomitou.

Medo e uísque não eram uma boa mistura, ela pensou quando dirigia para o seu apartamento. Ela tomaria um banho quente, colocaria algumas roupas confortáveis, e assistiria os seus filmes favoritos o resto do dia.

Em um par de dias, ela voltaria para a livraria para ver se tinha uma chance de passar o tempo com a nova Liaison.

Pelo menos ela percebeu uma coisa. Se Meg Corbyn desaparecesse uma noite, por qualquer motivo, todo mundo descobriria que ela estava fugindo de Simon Wolfgard e ninguém faria muito esforço para encontrá-la.

****

Meg fungou e ordenou as entregas. Ela não tinha dinheiro suficiente para continuar fugindo, então ela tinha que ficar com este trabalho, tempo suficiente até receber o pagamento.

Ela olhou para cima quando a porta do quarto dos fundos foi aberta, mas não disse nada até que Tess estava do outro lado da mesa.

— Sr. Wolfgard voltou para o seu café. — Ela olhou para Tess, em seguida, voltou a focar no correio. Ela lembrava que ontem viu o tom verde no cabelo de Tess, mas não o vermelho. Estava mudando a cor do cabelo por algum tipo de hobby? E se fosse, por que Simon estava reclamando sobre o cabelo *dela*?

Tess franziu os lábios estudando a caneca fechada. — Na verdade, ele trouxe isso para você.

Assustada, Meg olhou para cima.

Tess assentiu. Então ela disse, gentilmente: — O que aconteceu, Meg? Você estava chorando, Simon estava irritado, e os Corvos apenas me disseram que Ásia saiu correndo daqui como se a matilha inteira estivesse em seus calcanhares.

— Eu estava começando a classificar as entregas, quando ela entrou e se apresentou. Ela disse que Wolfgard tinha prometido que ela poderia ter este trabalho, mas ele me contratou no lugar dela. Então ela estava curiosa sobre o que eu fazia além de receber os pacotes.

— Você contou a ela?

— Eu disse que organizava as entregas para o Pátio.

— Você comentou sobre quem está no Pátio? Mencionou algum nome?

Meg sacudiu a cabeça. — Eu acho que é natural que as pessoas estejam curiosas sobre este lugar, mas se oferecer para me ajudar a organizar as entregas me pareceu demasiado estranho. Mas algumas pessoas são assim, — acrescentou defensivamente. — Extrovertidas e faladoras. Harry é um dos entregadores que mais fala, mas Jester não disse nada sobre eu falar com Harry ser errado, e eu *queria* dizer a Ásia que eu precisava voltar ao trabalho. Ela não deveria ter se sentado no balcão ou passado as pernas por ele, mas as pessoas fazem isso quando querem conversar. Eles se sentam em uma peça de mobiliário e balançam as pernas.

Agora que ela não estava tão assustada, Meg começou a ficar meio louca. — Então o Sr. Wolfgard apareceu e ameaçou morder a perna de Ásia. Então, ela saiu correndo, e ela provavelmente nunca mais vai voltar.

— Você quer que ela volte? — Perguntou Tess.

—Tenho dúvidas, — Meg respondeu. — Mas tenho coisas que eu quero perguntar.

Tess ergueu as sobrancelhas. — O Sr. Wolfgard pode lidar com isso. — Ela suspirou. — Que tipo de perguntas?

— Eu não vi nenhum lugar na Praça do Mercado para lavar a roupa. Eu deveria lavá-las na pia do banheiro ou... — Sair para procurar uma lavanderia além do pátio não era algo que ela queria considerar.

Parecendo pensativa de uma forma assustadora, Tess pegou a caneca térmica e a entregou a Meg. — Não vai continuar quente, mas ainda deve estar quente. A propósito, essa caneca não é algo que você deva colocar no fogão.

— Ok. — Meg pegou a caneca, tirou a tampa, e obedientemente tomou um gole de café.

— Para lavar as roupas, enviamos algumas para uma lavanderia de serviços, como colchas, cortinas e... Outras coisas com as quais não queremos lidar. Há também uma máquina de lavar roupas que funciona com moedas no centro social que os funcionários estão autorizados a utilizar. E cada complexo residencial tem uma lavanderia.

— Essas máquinas que funcionam com moedas têm instruções?

Imagens de Treinamento. Uma lavanderia comercial, suas paredes salpicadas de sangue, e duas pessoas mortas no chão.

Meg estremeceu.

— Olhe, — disse Tess. — Eu vou passar por aqui por volta das quatro e meia. Isso é tempo suficiente para o fechamento habitual do Instituto e para quaisquer caminhões de entrega que ainda estão lentos pela neve. Nós vamos para a lavanderia, e podemos pegar o que você pode precisar para mais alguns dias. Então eu vou levá-la para a lavanderia no Complexo Verde. Alguém lhe deu o seu cartão para a Market Square?

— Jester me deu o meu passe, mas ele não me explicou o que ele faz.

— Típico, — Tess murmurou. — Faz o suficiente para agitar as coisas. É assim que funciona. Qualquer pessoa que trabalha em

qualquer uma das nossas lojas é paga em moeda corrente humana e também recebe créditos que podem ser usados em qualquer loja no Pátio. Mesmo que o seu salário não pareça muito em termos de dinheiro, você recebe o dobro desse valor em créditos no seu cartão a cada semana. No final de cada mês, você pode parar em nosso banco e receber um recibo dizendo o que lhe resta no cartão.

Considerando que ela não tinha que pagar por seu apartamento, os salários eram mais generosos do que ela pensava.

— Não tenho a pretensão de entender os seres humanos, — disse Tess. — Dar a ambos os lados a oportunidade de entender um ao outro é a razão pela qual a Associação Empresarial decidiu abrir algumas lojas também para os clientes humanos. Então, eu vou falar com Simon sobre deixar Ásia Crane por perto, contanto que você e ela entendam que Simon vai matá-la se ele pegar o cheiro dela onde ela não pertence. Mas se você tem dúvidas sobre estar no Pátio, você pode me perguntar. Tudo certo?

— Sim, obrigada.

Tess sorriu e olhou para o relógio na parede. — Então eu vou deixar você voltar ao trabalho. Os pôneis chegaram em breve. Não se esqueça de passar por lá para almoçar. Nós fornecemos a refeição do meio-dia.

— Lembrarei.

Ela esperou até que Tess saísse, em seguida, colocou a placa de *Volto em Cinco Minutos* no balcão, trancou a porta privada, e entrou no banheiro para lavar o rosto. Ela podia fazer nada sobre os olhos inchados, mas a poeira poderia causar olhos inchados também, não poderia? E o canto onde ficavam as malas postais e os pacotes antigos *estava* empoeirado.

Ela abriu a porta privada e guardou a placa sob o balcão, apenas a tempo de outro caminhão de entrega encostar.

Parecia que ela iria começar a usar a desculpa da poeira e ver se alguém realmente acreditava nisso.

****

— SIMON!

Ao ouvir a voz de Tess, Simon saltou por cima da caixa, uma resposta instintiva a algum conhecimento incorporado na essência da sua espécie. Quando ela saiu da parte de trás da loja, ele sabia por que queria ter algum espaço para lutar.

Seu cabelo estava completamente vermelho e enrolando enquanto ela caminhava na direção dele.

Não preto. Não era *ainda* a cor da morte. Mas perto o suficiente.

Tess olhou em volta. Sua voz trovejou através do HBL. — A *Howling Boas Leituras* está fechado para o dia. *Qualquer um* que ainda esteja na loja tem sessenta segundos a partir de agora ou nunca mais será visto novamente.

Outros e seres humanos correram para a porta mais próxima, uns correram para a porta que dava para a rua do HBL, outros passaram pelo arco que levava para a cafeteria.

— Tess? — Julia Hawkgard chamou a partir do arco. — Estamos fechando também?

— Os clientes podem sair. Você e Merri Lee ficam para fechar.

Quando Simon se virou para a porta da rua para travá-la e virar a placa para *FECHADO*, Tess rosnou, — Esse não é você, Wolfgard.

Ele andou até ela. — Eu sou o líder desta Courtyard. Você mora aqui por causa do *meu* convite. Lembre-se disso.

Fios de preto apareceram em seu cabelo vermelho.

— Se eu tiver que fazer amizade com um *macaco* a fim de limpar sua bagunça, você vai fazer algumas concessões, — ela disse.

— Você não tem que fazer amizades com ninguém. — Ele não tinha certeza se ela *era* capaz de fazer amigos. E, apesar dos esforços que ele e Henry tinham feito ao longo dos anos, eles ainda não sabiam que tipo de *indigene da terra* era Tess. Mas eles sabiam que ela era capaz de matar. Eles sabiam disso.

— Bem, eu tenho. Por causa do Courtyard, eu fiz amizades com os nossos Liaisons. Agora é sua vez.

— O que você espera que eu faça? Ásia Crane teria entrado onde não pertencia, e ela vai continuar a insistir.

Tess inclinou a cabeça. — Mesmo agora?

— Mesmo agora. E Meg não é forte o suficiente para manter-se firme. — Mas ela foi forte o suficiente para reagir a *algo*, ou *alguém*, e tinha caráter suficiente para pedir-lhe um emprego.

— E você transformou a Ásia em fruto proibido, — disse Tess.

— O que?

— Você já leu histórias humanas suficientes para saber a atração do fruto proibido.

Sim, ele tinha. E se Meg cheirasse à presa como deveria, ele não teria respondido de uma forma que estava mais perto da proteção de um dos seus próprios. Oh, ele ainda forçaria Ásia a recuar, mas ele teria feito da mesma maneira com que lidava com um cliente na loja que queria ter acesso a lugares que eram privados.

Por isso, era a culpa da Meg por ele não ter se comportado corretamente.

— Simon?

Ele ouviu a nota de advertência na voz de Tess. — Não vou proibir Ásia de visitar Meg enquanto ela fique em seu lado do balcão.

— E vou falar com os meus funcionários para me ajudar a fazer amizade com o Liaison, — disse Tess.

— E manter um olhar mais afiado na Ásia?

— Isso também.

Seu cabelo ainda estava vermelho, mas os fios negros foram embora e os cachos relaxaram.

Uma vez que não precisava ser visto em um refúgio, Simon deu um passo para trás e olhou em volta. — Acho que não vou abrir de novo.

— Ninguém vai vir hoje de qualquer maneira, — disse Tess. — Mas amanhã o medo vai ter desaparecido apenas o suficiente. — Ela sorriu. — Eu ouvi John mencionar que você recebeu uma remessa de livros de terror.

— Livros de terror. — Agora ele sorriu. — Incluindo um par de caixas de autores *indigenes da terra.* Eu não costumo colocar esses em exposição para os clientes humanos.

— Talvez você devesse fazer uma exposição deles e colocá-los à venda amanhã. Espero que nós estejamos ocupados.

— Nós poderíamos triplicar as vendas se tivéssemos comido um dos clientes antes que eles conseguissem fugir.

Tess riu. — Talvez nós possamos fazer isso da próxima vez.

Simon suspirou. — Preciso de um dia para ficar fora dessa pele.

— E eu preciso de algumas horas de solidão. Até amanhã, Wolfgard.

— Amanhã. — Ele inclinou a cabeça na direção da cafeteria. — E a sua loja?

— Julia e Merri Lee irão limpar e fechá-la. Vou dizer-lhes para levar alguma coisa para Meg antes de saírem.

Parecendo satisfeito, Simon pegou suas chaves e passou o ferrolho na porta que dava para a rua do HBL. Ele verificou o escritório, e parou por tempo suficiente para chamar Vlad e dizer-lhe que a loja estava fechada e também mencionou que ia fazer uma exibição de livros de terror de escritores *indigenes da Terra*. Em seguida, ele apagou as luzes enquanto passava pelo prédio, colocou o seu casaco de inverno, quando chegou ao almoxarifado, e saiu, fechando a porta de trás.

Ele não queria estar nessa pele. Ele queria usar o corpo do Lobo. Mas ele tinha que ficar em sua forma humana até que conseguisse que o filho de Daphne, Sam, tomasse alguns minutos de ar fresco do lado de fora, e isso era apenas o que o filhote podia tolerar desde a noite em que Daphne foi baleada. Uma vez que o jovem se estabelecesse, ele poderia mudar e correr sozinho por algumas horas.

Então ele partiu para o Complexo Verde, esperando que um passeio em um dia frio pudesse abrandar um pouco a sua raiva e frustração e desejando mais uma vez encontrar algo que pudesse afastar o medo que mantinha Sam trancado.

****

Meg estava com o seu casaco e a tigela com os pedaços de cenoura na mesa de classificação quando os pôneis relincharam. Ela abriu a porta exterior da sala de triagem e sorriu para os rostos mal-humorados.

— Bom dia, — ela disse, esperando que eles não pudessem reconhecer a alegria forçada dela. — Eu trouxe um deleite para vocês, já que todos nós estamos trabalhando duro para levar as entregas para todos no Pátio. Então deixe-me encher os cestos, e então vou mostrar o que eu trouxe.

Talvez eles não fossem mal-humorados, Meg pensou enquanto enchia as cestas de Trovão. *Talvez esse seja o jeito dos pôneis.*

Quando Trovão se afastou, ela queria lembrar-lhe que tinha uma surpresa para todos eles, e se sentiu decepcionada que ele estava saindo sem dar a ela uma chance de serem amigos. Mas ele simplesmente circulou ao redor até que estava atrás de Névoa, e seria o primeiro da fila novamente.

Ela trouxe a tigela com ela quando pegou a última pilha de correspondência para o Complexo Verde que Névoa iria levar hoje.

Aparentemente, pôneis *têm* mais de uma expressão. Quando ela ofereceu dois pedaços de cenoura para Trovão, ele pegou o primeiro com cautela e o segundo ansiosamente. Balançando a cabeça, ele afastou-se enquanto os outros se acotovelavam entre si para alcançar a tigela.

— Espere a sua vez, — disse Meg. — Eu trouxe muito para todos nós.

Sentaram-se e esperaram pelos seus deleites, parecendo tão interessados nela como estavam pelas cenouras. Quando Névoa se afastou, Meg fechou a porta e sentiu que algo finalmente tinha dado certo naquele dia. Colocou a bandeja sobre a mesa para que pudesse mastigar o resto das cenouras enquanto trabalhava e entrou no banheiro para tirar as manchas de cenoura e dos pôneis por babarem em suas mãos, além de colocar um curativo limpo em seu dedo.

****

Quando Kowalski parou na Crowfield Avenue, Monty notou a placa informando que estava FECHADO na *Howling Boas Leituras* na porta e disse: — Encoste. — Ele estudou a placa, em seguida, olhou para a placa de FECHADO na cafeteria. — É normal eles fecharem quando a maioria dos outros lugares está aberta?

— Não, não é — Kowalski respondeu. — Os *Outros* podem ser caprichosos sobre o horário comercial, e às vezes as lojas estão fechadas para os seres humanos para que o os *indigenes da terra* possam fazer compras sem estar perto de nós. Mas quando isso acontece, geralmente há apenas uma única placa pregada na porta, as luzes continuam ligadas, e você vê as pessoas nas lojas.

— Então o que causou isso não pode ser bom.

— Não, senhor, não pode ser bom.

Monty abriu a porta. — Eu vejo algum movimento na cafeteria. Espere aqui.

Saindo do carro, ele foi até a porta e bateu com força suficiente para garantir que as duas mulheres na loja não o ignorassem.

A de cabelo escuro correu para a porta e apontou para a placa. Ele respondeu, segurando sua identificação.

Ela virou a fechadura, abriu a porta e disse: — Estamos fechados.

— Existe algo que eu possa fazer para ajudar? — Perguntou Monty, sua voz calma e cortês.

Ela sacudiu a cabeça e começou a fechar a porta quando a outra mulher gritou: — Deixe-o entrar, Merri Lee. Ele pode tomar café e comer. Ele é polícia. Tess disse que deveríamos ser educadas com ele.

Merri Lee abriu a porta o suficiente para ele entrar, em seguida, trancou-a novamente.

— Desculpe, — ela disse, mantendo a voz baixa. — Alguém ficou chateado... então é melhor que nenhum ser humano entre aqui hoje.

— E você? — Perguntou.

— Julia é uma Falcão, então eu estou bem. — Ela levantou a voz para um volume normal e dirigiu-se até o bule de café e encheu duas grandes canecas para viagem. — Eu tenho que levar alguns alimentos para Meg.

— Já tem tudo separado para ela, — Julia respondeu. — Para você também. E eu. Você tem um saco de transporte?

Monty levou um momento para perceber que a questão foi apontada para ele. — Não, senhora, eu não.

— Nós geralmente vendemos, mas você é o policial, então eu vou dar-lhe um, — disse Julia.

O saco de tecido pesado tinha duas alças com o fundo reforçado, e era dimensionado para isolar as canecas de viagem, além de ter um compartimento com zíper que poderia conter sanduíches ou recipientes de alimentos. Havia até mesmo uma seção para levar talheres.

Ele a observou encher o saco com sanduíches e doces. Parecia que elas estavam colocando tudo para fora que não foi vendido naquele dia e que não seria vendido ao longo da manhã.

— O que aconteceu aqui? — Perguntou.

— Jenni disse que Simon perturbou a Meg e a fez chorar, — Julia respondeu. — Depois que Ásia entrou na *Howling Boas Leituras* e gritou com Simon, e, em seguida, Tess e Simon gritaram um com o outro sobre o que aconteceu com a Meg. Foi quando fecharam as lojas. Não é seguro quando Simon e Tess gritam um com o outro.

— É a Senhorita Corbyn está bem?

Merri Lee concordou. — Apenas chateada. — Ela observou Julia fechar o zíper do saco e acrescentou: — Você deve ir agora.

Preocupação misturada com um aviso. Seja o que for que aconteceu, já tinha acontecido antes. Os seres humanos, e os *Outros*, sabiam como resolver.

E esperava que eles vivessem?

Como não havia nada que pudesse fazer, ele aceitou o saco de transporte com alimentos, deu calorosos agradecimentos, e entregou um de seus cartões para Merri Lee quando ela o levou até a porta.

— Tenente? — Kowalski perguntou quando Monty entrou no carro.

— Entre no estacionamento. Eu gostaria de levar alguns minutos para pensar enquanto nós temos algo para comer.

Uma vez que Kowalski estacionou o carro, Monty entregou o café e a comida.

Merri Lee é humana, e ele não pode conversar com ela na loja, pois Julia Hawkgard poderia comunicar sua presença a alguém. Assim, ele não poderia parar e conversar com Meg Corbyn e assegurar-se de que ela estava apenas chateada, mas havia outras formas de verificação de coisas que não eram oficialmente sua preocupação.

Declarando-se satisfeito com isso, ele comeu a inesperada refeição.

****

Alguém bateu na porta dos fundos do escritório, em seguida, bateu de novo antes que Meg pudesse alcançá-la.

— Oi, — disse a mulher, quando Meg abriu a porta. — Eu sou a Merri Lee. Posso entrar o suficiente para que você não perca todo o calor?

Ainda se sentindo mal sobre a reação de Simon com Ásia e sentindo um toque desafiante porque *esta* mulher estava segurando um passe que dizia que ela tinha permissão para estar nesta parte do Courtyard, Meg se afastou.

— Eu trouxe a sua refeição do meio-dia, — Merri Lee disse quando entrou. — As coisas estão agitadas hoje, então... Uau. — Seus olhos se arregalaram quando ela olhou em volta. — Existe na outra sala qualquer produto de limpeza?

— Um pouco, não muito. — Meg olhou ao redor também. — Está muito sujo, não é? — Ela pensou que estava, mas ela não tinha certeza que outros seres humanos iriam ver da mesma forma.

— Aqui. — Merri Lee entregou-lhe o saco de transporte. — Veja. Ninguém além do Liaison e o *indigene da terra* podem estar neste

escritório, mas eu não gostaria de trabalhar aqui até que estivesse tudo limpo.

— Há um monte de entregas que eu preciso organizar, — disse Meg.

— E você tem que fazer isso, — Merri Lee concordou. — Mas a cafeteria ficará fechada hoje, e para que eu possa manter as minhas horas de trabalho, eu posso ajudar a limpar este quarto pelo menos.

— Se você não tem permissão para estar aqui, você pode ficar em apuros. — Havia um calor natural e simpatia em Merri Lee, e por isso, Meg não queria que ela se machucasse.

— Não se eu conseguir a permissão de um membro da Associação de Negócios. — Merri Lee parecia nervosa. — Não é possível pedir a Simon ou Tess, e eu prefiro não perguntar ao Vlad ou a Nyx. — Seu rosto se iluminou. — Mas se Henry estiver trabalhando em seu estúdio, eu posso perguntar a ele. Há algum material de limpeza aqui?

— Não que eu tenha encontrado.

— Nem mesmo para o banheiro?

Meg sacudiu a cabeça.

— Oh, deuses. Bem, eu vou pegar alguns suprimentos depois que eu falar com Henry. — Ela olhou para as mãos de Meg. — O que você fez com seu dedo?

— Eu estava cortando cenouras para os pôneis, — Meg respondeu. — Fui um pouco descuidada. Não é um corte profundo.

Merri Lee concordou. — Vou pegar algumas luvas de limpeza para proteger suas mãos. Os produtos de limpeza podem queimar se encostarem nesse corte. — Ela estendeu o outro saco. — Essa é a minha comida. Você pode armazená-la em algum lugar até que eu volte? — Meg lhe deu um sorriso e um aceno, e ela disparou para fora.

Meg colocou os sacos na mesa de classificação. Ela se sentia desconfortável em mentir para alguém que estava sendo gentil. Ela não sabia que uma mentira poderia ter um peso físico. Mas ela não ia contar a ninguém a verdade sobre os cortes e as profecias até que não tivesse outra escolha.

Tendo se decidido, ela abriu o zíper do compartimento que continha o seu alimento, e antes que pudesse remover um sanduíche, algo pequeno e marrom correu pelo chão e até a pilha de pacotes que ainda precisavam de classificação.

Quando Merri Lee voltou alguns minutos depois com Henry Beargard e duas fêmeas, Meg estava ajoelhada no topo da bancada de classificação, olhando para aquele canto da sala.

Merri Lee parou na porta e parecia pronta para resolver alguma coisa. Henry e as fêmeas entraram na sala de triagem.

Meg apontou com um dedo trêmulo. — Algo está se escondendo naquele canto.

Henry se moveu silenciosamente para aquele canto e cheirou. — Rato.

— Oh, deuses — disse Merri Lee.

— Eles são mais fáceis de pegar se você deixar a comida no chão, — disse a mulher de cabelos castanhos.

— Por que você faria isso? — Perguntou Meg.

— Lanche fresco, — a mulher de cabelos negros respondeu brilhantemente.

Merri Lee disse: — Oh, deuses — antes de colocar a mão sobre sua boca. Meg apenas a olhou.

Henry estudou Merri Lee, em seguida, Meg. — Os seres humanos não gostam de ratos?

— Não no prédio! — Disse Meg.

— E não perto de comida, — acrescentou Merri Lee.

Os três *indigenes da terra* pareciam perplexos.

— Mas é carne fresca, — disse finalmente a mulher de cabelos castanhos.

— Os seres humanos não comem ratos, — disse Merri Lee. — Ratos. Nós simplesmente não comemos ratos.

Silêncio.

Finalmente, Henry deu um grande suspiro, que parecia uma rajada de vento. — Vamos deixar de lado outros trabalhos hoje e deixar

este lugar humano limpo para a Liaison. — Ele apontou para Merri Lee. — Você vai nos mostrar como isso pode ser feito.

— Eu vou para a Praça do Mercado para pegar os suprimentos que você precisa para colocar um pouco de brilho sobre essas salas, — disse Merri Lee.

A mulher de cabelos negros crocitou. — Você pode deixar coisas brilhantes?

— De certa forma.

Assim, o Corvo foi com Merri Lee, enquanto Henry começou a escavar os malotes e empilhar as caixas no canto da sala de triagem.

A mulher de cabelos castanhos era uma coruja chamada Allison. Ela teve muito prazer em pegar os dois ratos, e ficou menos satisfeita quando Henry a fez ir para fora para comê-los.

Quando cinco pessoas se organizaram para arrumar três quartos, e um deles era um homem tão forte quanto um urso, a limpeza andou rapidamente, mesmo quando Allison fez mais duas paradas para devorar *lanches* de rato. Alguns dos pacotes no canto estavam mordiscados; outros estavam esmagados. Meg percebeu que muitos deles eram dirigidos a pessoas que moravam nas Câmaras, que a fez se perguntar pelos Sanguinati, e do motivo dos Liaisons anteriores não entregar os pacotes para eles.

Por outro lado, Jester havia dito que os Liaisons anteriores não eram incentivados a fazer entregas para qualquer pessoa no Pátio. Mas *algo* deve ter acontecido para acumular tantos pacotes, e para deixar as pessoas esperando por eles.

Ela tinha dado desculpas para não comer enquanto eles estavam trabalhando, sobretudo quando ainda havia a possibilidade de encontrar outros ratos. Já que Merri Lee também estava dando desculpas, apesar de um estômago roncando, os *Outros* aceitaram o comportamento estranho.

Finalmente, todos os pacotes antigos foram empilhados ordenadamente em um dos carrinhos; os balcões, mesas, armários e pisos foram lavados; o fogão e a geladeira foram limpos; e o banheiro não

iria mais fazê-la estremecer quando fosse usar. Allison voltou para o Complexo das Corujas, ainda sem entender porque os seres humanos tinham aversão pelos ratos. Cristal Crowgard trouxe da Sparkles e Junk algumas flanelas e um frasco de spray de limpeza que deixaria todos os seus balcões brilhantes.

Henry apontou para Meg. — As salas estão limpas. Agora você vai comer. — Ele apontou para Merri Lee. — Você pode ficar com ela no quarto dos fundos e visitá-la.

Meg olhou para o relógio na parede da sala de triagem. — São quase duas horas. Preciso fazer as entregas.

— Você vai comer, — Henry disse. — Eu vou ficar até que você se alimente.

Meg foi até o quarto e franziu a testa quando viu a pequena mesa redonda e as duas cadeiras. — Não estavam aqui esta manhã.

— Não, não estavam, — Merri Lee respondeu, puxando os alimentos da geladeira. — Mas eu mencionei a Henry que seria mais agradável se você tivesse um lugar para comer quando você não quisesse sair durante sua pausa, e ele pegou essa mesa em algum lugar. — Ela olhou ao redor da sala e assentiu. — Está muito melhor agora.

— Definitivamente melhor, — Meg concordou. — Obrigada.

Elas não falaram muito. Talvez ambas estivessem famintas demais para se concentrar em algo que não fossem os alimentos. Talvez, tivessem aprendido o suficiente sobre a outra no momento. Seja qual fosse a razão, Merri Lee logo terminou o que ela tinha para comer.

Meg guardou o resto da comida, em seguida, saiu para a sala da frente, a tempo de saudar os dois entregadores que olharam para Henry e foram se afastando.

Quando os homens lhe deram os pacotes e partiram, Henry balançou a cabeça como se estivesse satisfeito com alguma coisa.

— Eu não atendo o telefone quando estou trabalhando com madeira, — disse ele. — Mas se você precisar de mim, você pode dizer aos corvos e eu venho até aqui.

— Obrigado por toda a ajuda hoje, — disse Meg.

Ele saiu sem dizer nada mais.

Meg voltou para triagem das correspondências durante o tempo restante em seu dia de trabalho, mas ela ficava olhando para os pacotes antigos. Ela faria algo sobre eles amanhã.

Ela estava prestes a fechar quando um carro de patrulha parou na área de entrega.

Ele me encontrou, ela pensou e seu coração deu um salto. *O Controlador me encontrou. É por isso que a polícia está aqui.*

Ela não tinha visto esses homens antes, mas eles pareciam saber algo sobre os Outros porque quando ambos saíram, olharam diretamente para os corvos e acenaram antes de entrar no escritório.

— Senhorita, — disse um deles quando chegaram ao balcão. — Eu sou o Diretor Michael Debany. Este é meu parceiro, Lawrence MacDonald. Trabalhamos com o tenente Montgomery, e só queríamos nos apresentar e dizer que você pode contar conosco se precisar de alguma ajuda.

Enquanto conversavam, Debany mencionou novamente que eles forneceriam ajuda se fosse necessário e Meg percebeu que os homens estavam pescando para obter informações sobre o que aconteceu esta manhã com a livraria e a cafeteria, mas, principalmente, eles estavam tentando descobrir se ela foi ferida, mas estava com medo de sair.

Ela não teria ido com eles, mesmo se precisasse de ajuda, mas se sentia melhor por ter ajuda disponível para os outros seres humanos que trabalhavam com os *indigenes da terra.*

Quando os policiais saíram, ela trancou a sala da frente e continuou a triagem de correio até que Tess chegou para ajudá-la com as roupas, compras e a lavanderia, e isso acabou por ser uma experiência mais agradável do que ela esperava.

A única coisa que não pontuou bem a noite foi quando ela olhou pela janela do apartamento antes de ir para a cama e viu um homem de pé do outro lado da rua, olhando para ela.



CAPÍTULO 5

OS PÔNEIS APARECERAM no dia seguinte, à procura de entregas e cenouras. Meg encheu suas cestas, distribuiu as guloseimas, e deu um suspiro de alívio por ter pedaços de cenoura o suficiente para atendê-los. Ela não tinha certeza de quanto um pônei poderia comer, não saberia dizer se deveria dar um pedaço em vez de dois, mas não era a chance que ela queria tirar.

Ela acenou quando se afastou, em seguida, fechou a porta, lavou as mãos e voltou para a classificação. Aparentemente, Watersday era um bom dia para os entregadores das empresas humanas, mas os vários caminhões com o símbolo da *Terra Nativa* na cabine indicavam mais do que o usual. Esses caminhões não paravam em seu escritório, eles continuavam o caminho até ter acesso entre o Gabinete do Liaison e o consulado, e a área de entrega na Praça do Mercado.

De acordo com Merri Lee, o Lakeside em Courtyard servia como uma estação de transição para os *indigenes da terra* que queriam usufruir dos bens humanos, sem ter que lidar diretamente com os seres humanos. Carne, laticínios e produtos entravam para o Pátio das fazendas administradas pelos *Outros*; roupas, livros, filmes e produtos incidentais que eram requisitados por eles, eram entregues.

Meg olhou para alguns dos pacotes antigos. Os rótulos diziam: *Aos Cuidados do Pátio LAKESIDE*. Deveriam ser aqueles que saiam dos assentamentos dos *indigenes da terra* junto com as outras mercadorias? Ela não queria incomodar Henry, que normalmente não atendia ao telefone de qualquer maneira. E ela certamente não queria chamar o *Lobo Mau.* Mas ela tinha que perguntar a alguém, então ela ligou para a livraria e ouviu o telefone tocar.

— Talvez ele tenha sido atropelado por uma árvore, — ela murmurou, e imaginou uma árvore rolando de uma colina e achatando certo Lobo. Foi o que aconteceu em alguns dos vídeos que ela tinha visto, por isso *poderia* acontecer. Não poderia? O pensamento a animou, de modo que ela imaginou novamente a cena, mudando de uma árvore para um rolo compressor, achatando o lobo como uma torta peluda.

— *Howling Boas Leituras*, — disse uma voz masculina que não era a *dele.*

Levou um momento para realinhar seus pensamentos. — Oi, é a Meg Corbyn.

— Você quer falar com o Simon?

— Não.

— Oh.

Ela tentou pensar em uma questão onde ninguém na loja pudesse responder, de modo que ela pudesse desligar antes que alguém lhe dissesse que ela tinha ligado. Então ela olhou para os pacotes.

Relembranças. Uma mulher trancada em uma caixa-surpresa que seria entregue como um presente especial. Exceto que ninguém sabia o que estava na caixa, e ninguém sabia que tinham que entregar a caixa com urgência, mas a caixa não foi entregue como prometido.

As meninas podem não se lembrar de uma profecia no momento em que falam as palavras, mas as imagens não eram perdidas. Elas eram absorvidas para imagens de treinamento, conectadas a algo e lembrados como algo atual. Jean chamava aquelas imagens de *relembranças*, porque elas eram mais do que imagens de treinamento, mas menos que memórias pessoais.

Voltando ao presente, não havia nenhuma mulher dentro de qualquer um dos pacotes que foram deixados na sala de triagem, e uma vida não foi perdida em qualquer uma dessas pequenas caixas. Mas, cada um desses pacotes estava *manchado* pela decepção.

— Alguém poderia me dizer se qualquer um dos pacotes que tenho no escritório deve ser entregue nos caminhões dos *indigenes da terra* junto com as outras entregas?

Uma pausa. — Alguém que não seja o Simon? — A voz perguntou com cautela.

— Sim.

Vozes foram abafadas por uma mão sobre o receptor, mas Meg ainda podia ouvir a emoção nessas vozes e se perguntou se estava causando algum problema para quem estava trabalhando no HBL hoje.

O silêncio que se seguiu foi tão completo que ela pensou que tinha sido esquecida. Então a voz voltou e disse, — Vlad vai passar aí e dar uma olhada.

— Obrigado.

Ela desligou e voltou para a classificação. Ela não tinha certeza se Vlad seria melhor do que *ele*, mas pelo menos Vlad ainda não tinha gritado com ela. *Ainda.*

****

Vlad se encostou à porta do escritório e deu um sorriso que fez Simon alongar os caninos do Lobo e as suas unhas mudarem para garras duras.

— Eu estou indo até o Gabinete do Liaison, — Vlad disse agradavelmente.

— Por quê? — Simon rosnou.

— Porque parece que Meg é boa em guardar rancor e não quer falar com *você.* E você deve sentir que ela tem uma razão para esse rancor. Você não teria passado toda a manhã fazendo essa papelada que não gosta se não precisasse fazer *alguma* coisa.

— Eu não tenho que compensar nada!

— Você agitou bem as coisas ontem.

— *Ela* agitou as coisas.

— Você pode contar a história da maneira que desejar, — disse Vlad, se empurrando para fora da porta. — Não vai mudar o que é.

— Vá se ferrar!

— Você está muito azedo hoje. Eu preferiria...

Simon ficou de pé.

Vlad olhou para Simon, então ergueu as mãos. — Eu estou indo para lá a pedido dela para responder a algumas perguntas, nada mais. Você tem a minha palavra sobre isso, Wolfgard.

Era tolo lutar com um amigo quando ele sabia que Vlad estava puxando seu rabo por causa de seu comportamento ontem, e seria muito mais tolo lutar com um dos Sanguinati. Mas levou mais esforço do que deveria para aceitar a palavra de Vlad.

Obrigando-se a mudar para a forma completa humana, Simon sentou-se e pegou uma caneta, como se tudo estivesse resolvido. — Se você tem algo para provar a alguém, faça-nos um favor e vá morder Ásia Crane.

Vlad riu. — Agora você está sendo razoável.

****

Com base nas fotos que ela tinha estudado como parte de seu treinamento de identificação, Vlad seria rotulado como *Alto. Sombrio. Misterioso*, uma emoção perigosa.

Ele assustava. Seus movimentos eram mais sinuosos do que os outros *indigenes da terra* que tinha visto. *Eles* praticamente gritavam que eram predadores. Com Vlad, ela não achava que os seres humanos percebiam o perigo até que fosse tarde demais.

E ainda assim, ele foi cortês e não ficava cercando enquanto verificava as etiquetas nas caixas que foram retiradas, e concordou que as caixas deveriam ir para os caminhões que entregavam os suprimentos para outros *indigenes da terra.*

Ele chamou Jester e pediu um pônei atrelado a um trenó para transportar os pacotes, explicando que esperava que os motoristas soubessem melhor quais pacotes deveriam ir a qual caminhão.

Jester chegou com um pônei chamado Cordeiro, e ele e Vlad carregaram os pacotes para o pequeno trenó. Então Cordeiro puxou o trenó para a área onde os caminhões estavam estacionados.

— Se não há mais nada, devo voltar à loja, — disse Vlad com um sorriso. — Simon está fazendo a papelada hoje, por isso é melhor para os clientes se alguém lidar com ele. — Quando ele foi embora, ele acrescentou, — mas espero que o Wolfgard esteja pronto para dar uma pausa e tomar um pouco de ar fresco na hora do almoço.

O que significava que o Lobo poderia colocar o seu nariz em torno do escritório e encontrar outra coisa que ela tinha feito de errado, pelo menos de acordo com os caprichos de Simon Wolfgard.

— O que você vai fazer com estes pacotes? — Perguntou Jester, olhando para aqueles ainda no carrinho de mão. — Você quer que eu mande Cordeiro de volta para levá-los?

— Não, — Meg disse rapidamente. — Eu pensei em entregá-los em pessoa. Você disse que eu poderia fazer isso como parte das minhas funções.

— Sim, eu disse. — O riso em seus olhos lhe disse claramente que ele sabia por que ela não queria estar por perto durante a pausa para o almoço. — Já tirou o cabo de energia do carrinho?

Ela balançou a cabeça. Essa foi uma das coisas que ela ainda não tinha tentado fazer.

— Então eu vou fazer isso e trazê-lo para você neste momento.

— Estaria tudo bem se eu levar o mapa comigo até eu aprender meu caminho de volta?

O riso agora apagou. — Não é algo que você pode deslocar.

Ou dar a qualquer outra pessoa. — Eu vou ter cuidado com ele.

Um tipo diferente de risada encheu seus olhos. Afiado, quase predatório. — Por que não eu pego outra cópia para você no Três Ps? É apenas do outro lado. Lorne é um ser humano, mas ele é confiável, apesar disso. — O sorriso de Jester dizia a Meg com bastante clareza que nem todos os seres humanos que tinham trabalhado para os *Outros* foram confiáveis. — Três Ps representa postagem, impressão e papel. Lorne vende diversos tipos de artigos de papelaria, bem como os selos necessários para enviar as coisas para fora do Pátio. E ele imprime o boletim semanal do Pátio.

— Você tem um boletim de notícias? — Surpresa a fez deixar escapar as palavras.

— É claro que temos um boletim informativo. De que outra forma saberíamos quais filmes estão sendo exibidos na sala social em cada complexo residencial? De que outra forma todos saberiam sobre os novos livros que chegaram e estão disponíveis em nossa biblioteca? — Jester pressionou uma mão ao peito. — De que outra forma poderíamos aprender com a coluna da Senhora Sabe Tudo, sobre *Etiqueta para os Outros?*

— Uma coluna de conselhos? — Meg olhou para ele. — Você está brincando.

— Nós não brincamos sobre a Senhora Sabe Tudo. — ele respondeu. Então pegou o mapa e saiu.

Meg ficou onde estava tentando descobrir as palavras e a mudança de atitude de Jester quando ela perguntou se poderia levar o mapa. Ele trouxe o mapa em primeiro lugar e avisou para ter cuidado. Agora ele estava dizendo a ela onde fazer cópias e que ela poderia comprar selos para enviar cartas para pessoas de fora do Pátio. Ele estava *tentando* deixá-la em apuros?

Um teste, ela pensou. Talvez outras pessoas já tenham visto o mapa. Talvez não fosse um segredo tão grande como tinha sido levada a acreditar. Talvez este fosse um caminho que os *Outros* decidiam se podia confiar em um ser humano. *E talvez qualquer ser humano que falhasse neste teste nunca fosse visto novamente. Eu vou morrer neste Courtyard. Eu sei disso. Só não sabia se era por causa do mapa ou outro tipo de teste?*

Alguns minutos depois, ela ouviu o *beep beep* do carrinho. Deixando de lado todos os pensamentos de testes, ela colocou o casaco, abriu a porta de entrega da sala de triagem, e começou a carregar a parte de trás do veículo.

O carrinho era realmente uma caixa sobre rodas. Ele tinha dois lugares na frente. E o resto era a área de carga.

Muito espaço para um Lobo na parte de trás, Jester disse a ela depois que ele deixou a cópia do mapa no banco do passageiro e levou o original para a sala de triagem. Ela se perguntou se queria um lobo respirando em seu pescoço enquanto estava dirigindo, ou fazendo qualquer outra coisa.

Será que eles achavam que se mencionassem Simon ela iria esquecer o quão *assustador* ele tinha sido ontem? Talvez o medo não fosse algo que os *Outros* sentissem, mas os seres humanos certamente sentiam.

Mesmo os seres humanos como ela.

Foi um pouco antes do meio-dia quando ela trancou as portas dos fundos e foi para frente do escritório, certificando-se que tinha seu passe no bolso lateral de sua bolsa nova, onde seria fácil alcançar.

Quando Jester bateu na janela, ela abriu.

— Você está pronta? — Perguntou.

— Tudo pronto. — Ela esperava soar confiante. Ela realmente queria que ele fosse embora antes que ela andasse com o carrinho elétrico.

— Eu vou dizer a Tess que você estará aqui mais tarde para a sua refeição.

Ela se perguntou o que mais ele ia dizer sobre Tess, mas ela sorriu e disse: — Obrigada.

O riso estava de volta em seus olhos quando ela não fez nenhum movimento para mudar a engrenagem e dirigir. Então ele se afastou.

Recordando as imagens dos treinamentos sobre interiores de automóveis, ela encontrou as luzes e os limpadores de para-brisa. Ela encontrou o botão que controlava o aquecedor. Trêmula e confiante de que estaria bem contanto que não tivesse que fazer nada, apenas ir para frente, ela saiu para fazer suas primeiras entregas.

Depois de alguns minutos dirigindo em uma estrada que tinha sido mais ou menos limpa da neve, Meg começou a se perguntar se usar um pônei com um trenó não teria sido uma ideia melhor. O pônei não estaria inclinado a deslizar para fora da estrada. Não que o carrinho não

fosse um veículo com pouco jogo. Ele rosnava o seu caminho até um declive, lutando para encontrar a tração que precisava para chegar ao próximo pedaço de terreno plano.

Pelo que ela podia dizer a partir do mapa, ela estava na estrada principal que circundava toda a Courtyard, por isso, deveria estar suficientemente limpa no meio. Enquanto ela não se desviasse, ela ficaria bem. Além disso, o pensamento de voltar e encontrar Simon eram razão suficiente para se manter aqui, até porque, não saberia como conduzir para trás.

Não era culpa dela que ela nunca dirigiu na neve, ou em qualquer outra *coisa* ou *superfície.* Havia levado uma vida estéril e restrita, o que significava que as meninas não tinham outra estimulação, exceto as imagens, sons e outros recursos visuais nas lições; e o que era utilizado como referência para as profecias eram sempre verificados, porque eles garantiam que todas as meninas vissem e ouvissem a mesma coisa. E o que era aprovado pelos *Aqueles Com Nome* era um tipo de vida que deixava as meninas mais inclinadas a aceitar qualquer tipo de estimulação real, porque sempre estavam com *fome* de sensações.

Será que se cortar seria tão conveniente se houvesse outras maneiras de sentir prazer, outras sensações?

Mas aquela vida estéril pertencia ao seu passado. Agora ela estava ganhando a experiência de dirigir na neve, e, enquanto ela não batesse em outro veículo ou acabasse em uma vala, o Lobo não teria motivos para criticá-la.

A estrada se bifurcou. A entrada a esquerda levava na direção do Complexo Owlgard e o Pony Barn. A bifurcação à direita era a estrada principal e tinha um cartaz que dizia, INVADA e será comido.

Meg engoliu em seco e continuou na estrada principal, passando pelo Complexo Verde. Em seguida, ela passou pela Ash Grove e o Complexo Utilities. Finalmente, ela chegou às cercas pretas ornamentadas que marcavam as Câmaras, que era a parte do Courtyard reivindicado pelo Sanguinati.

Ela tentou puxar alguma coisa em sua memória sobre esse nome, ela tinha certeza de que sabia algo sobre eles, mesmo que as meninas tivessem sido ensinadas tão pouco sobre os *Outros*. Mas o aviso de Jester quando ela estava arrumando o arco era suficientemente claro.

As cercas em torno das Câmaras não são decorativas, Meg. Elas são limites. Nunca tente empurrar ou abrir um portão na terra dos Sanguinati por qualquer motivo. Qualquer um que entrar sem consentimento não sai, e eu nunca conheci alguém que recebeu o consentimento deles.

A coisa certa dessas palavras era a certeza de que eles aplicavam a mesma *lei* ao resto dos *indigenes da terra*, bem como aos seres humanos.

Mas ela não tinha que quebrar as regras para entregar os pacotes. Quando ela parou no primeiro edifício de mármore branco posicionado no centro da terra cercada, ela viu nove caixas de metal fora da cerca, pintadas de preto e presas a uma fundação de pedra. Elas não tinham números individuais, de modo que deveriam ser usados por todos os que moravam na... Era um mausoléu? Parecia pequeno, se o punhado de nomes com este endereço específico realmente moravam ali dentro.

Ela abriu a porta da primeira caixa. Espaçosa o suficiente para revistas e outras correspondências de tamanho similar. A outra caixa era mais larga e os pacotes que ela trouxe se encaixaram bem. Ela colocou pacotes em mais três caixas, em seguida, voltou para carrinho e foi para o prédio ao lado.

Quatro pacotes para os moradores desta parte das Câmaras. Desta vez, quando ela fechou a porta da última caixa, ela notou a fuligem em torno do mausoléu. Ou era fumaça? Era algo pegando fogo por dentro?

Ela inclinou-se no carro e se atrapalhou para pegar o celular que Tess tinha arranjado para ela. Ela havia obedientemente colocado os números de contato de Simon, Tess, e do consulado. Mas, a quem ela deveria ligar para relatar um incêndio? Como o Courtyard lidava com emergências?

Em seguida, a fumaça foi se afastando da estrutura com uma mudança deliberada, e estava indo na direção dela.

Ela soltou o telefone, entrou no carro, e dirigiu-se para a próxima área cercada.

Este mausoléu não parecia diferente dos outros dois, exceto que não havia uma cerca construída por perto separando as duas estruturas. A passagem do portão para a porta de madeira talhada estava clara com a neve, como estava o pórtico de mármore.

Fumaça perto das cercas.

Jester não disse que ela não seria prejudicada se estivesse deste lado da cerca. Ele apenas disse que ela seria prejudicada se ela entrasse na área cercada.

Talvez eles gostassem que alguém, finalmente, estivesse entregando seus pacotes?

Enfiando o celular dentro do bolso do casaco, ela saiu do carrinho, levantou a porta de trás, tirou os pacotes, e encheu várias das caixas.

Então ela tirou o pacote que era para o Sr. Erebus Sanguinati. Era um dos pacotes que estavam mais distantes naquele canto da sala de triagem, de modo que tinha estado lá por semanas, talvez até meses.

Não era um pacote pesado, mas era quadrado, em vez de um retângulo, tornando-o muito alto para caber nas caixas de metal. Ela mordeu o lábio inferior, imaginando o que ela deveria fazer.

— Algo errado?

Ela tropeçou um passo para trás. Ela não tinha visto ninguém se aproximando, não tinha ouvido ninguém, mas encontrou uma mulher bonita com olhos escuros e cabelos pretos que fluíam até abaixo da cintura, em seu vestido de veludo negro, e que agora estava perto da cerca que separava os dois mausoléus.

— Eu tenho um pacote para o Sr. Erebus Sanguinati, mas não cabe nas caixas.

— Você é a nova Liaison?

— Sim. Sou Meg Corbyn.

A mulher não ofereceu seu nome. Em vez disso, ela olhou para o maior mausoléu, cuja porta agora estava aberta apenas o suficiente para alguém espreitar para fora.

— Você pode deixar um formulário dizendo que há um pacote que foi entregue no Gabinete do Liaison, — disse a mulher.

— Esse pacote está no escritório por um tempo, — Meg respondeu. — É por isso que eu pensei que deveria entregá-lo em pessoa.

O sorriso da mulher era mais letal do que de admiração. — Você poderia deixá-lo na neve. Os Liaisons anteriores não foram tão corajosos, não o suficiente para virem até aqui.

Meg sacudiu a cabeça. — Tudo o que está por dentro pode ficar danificado se ficar molhado.

Um som como de folhas secas deslizando sobre uma calçada saiu do mausoléu maior.

A mulher parecia assustada, em seguida, estudou Meg com enervante interesse. — O avô Erebus diz que você pode entrar nas câmaras e colocar o pacote na frente da porta. Mantenha-se na passarela, e você não vai receber nenhum dano.

— Me disseram que eu não tinha permissão para entrar nas câmaras, — Meg disse.

O sorriso da mulher era afiado. — Mesmo o Wolfgard concorda com o avô.

O que significava que o Sr. Erebus era uma pessoa muito importante no Pátio.

Fumaça fluiu rapidamente sobre a neve, se reunindo ao lado do portão. Parte condensou, tornando-se um braço e uma mão que abriu a porta antes de mudar de volta para fumaça, e se afastou.

Algo sobre fumaça e o nome Sanguinati que ela precisava lembrar.

Abrindo a porta um pouco mais, Meg foi até o mausoléu. Avistou uma mão apoiada na borda da porta, uma mão calejada com juntas nodosas, grandes veias amareladas e unhas pontiagudas. Um rosto enrugado com olhos escuros olhava para ela.

Não bem o olhando nos olhos, no caso dele encarar como algo ofensivo, Meg colocou cuidadosamente o pacote embaixo da escada de mármore, no seco.

— Sinto muito por ter demorado tanto tempo para o senhor receber seu pacote, Sr. Erebus. Vou ficar de olho neles a partir de agora e trazê-los assim que eu puder.

— Doce criança, — ele sussurrou com a voz de folhas secas. — Que consideração com um homem velho.

— Eu espero que nada tenha estragado, — disse Meg, recuando. — Tenha um bom dia, senhor. — Ela se virou e caminhou de volta para o carro, ciente da fumaça no interior das cercas. A porta se fechou atrás dela. A mulher continuou a observá-la enquanto caminhava e entrava no carro e partia logo em seguida.

Ela tinha outro conjunto de pacotes em outro endereço nas Câmaras, mas estava se sentindo trêmula e queria ficar longe dessa parte do Pátio. Ela continuou dirigindo até que passou a última das cercas ornamentadas de preto e estava indo para o Complexo Hawkgard.

Então se lembrou. Fumaça. Sanguinati.

Ela bateu com o pé nos freios e quase deslizou em um banco de neve. Ela conseguiu fazer a curva no parque e aumentar o aquecedor antes de começar a tremer.

Vampiro.

Em uma de suas conversas proibidas e apressadas com Jean, ela tinha dito a ela que *vampiro* era o nome da Rua dos Sanguinati. A fumaça era outra forma que eles poderiam tomar quando estavam caçando.

E quando eles estão matando?

Agora entendia por que era tão perigoso pôr os pés na terra deles, e por que ninguém tinha entregado os pacotes para os Sanguinati.

Mas um velho e poderoso vampiro tinha dado permissão para que ela entrasse nas câmaras e entregasse um pacote.

— Oh, eu me sinto tonta. — Ela se inclinou para trás e fechou os olhos. Um momento depois, ela os abriu e estava inquieta sobre não ser capaz de ver o que estava se aproximando.

Quantos deles estavam lá fora, olhando para ela?

E isso não a fazia se sentir menos tonta, então ela colocou o carro em marcha e dirigiu o resto do caminho para o Complexo dos Falcões, que consistia em três edifícios em forma de U, com dois andares de altura, que eram separados por calçadas que levavam para garagens e uma área de estacionamento.

Cada apartamento possuía um pátio ou varanda com sua própria entrada. O que ela não pode ver eram as caixas de correio ou o ninho para as grandes caixas e pacotes. O que significava que tinha de haver uma sala em algum lugar para essas coisas.

Parando na frente do prédio do meio, Meg saiu do arco.

— O que você quer?

Ela guinchou e agarrou a maçaneta da porta antes de recuperar controle suficiente para olhar por cima do ombro. Um homem de cabelos e olhos castanhos olhava para ela e não parecia nem um pouco amigável.

— Olá, — ela disse, tentando um sorriso. — Eu sou a Meg, a nova Liaison. Eu tenho alguns pacotes para o complexo Hawkgard, mas eu não sei onde eu deveria deixá-los. Pode me ajudar?

Ele não respondeu por tanto tempo que ela não sabia o que fazer. Finalmente, ele apontou para o centro da sala no piso térreo. — Lá.

— Cada edifício tem uma sala de correio? — Ela perguntou, imaginando como ela poderia descobrir qual pacote era para determinado edifício.

Ele bufou. Ela poderia ter jurado que seu cabelo parecia como penas sendo afofadas com o aborrecimento.

— *Não.* — Ele foi para a parte de trás do carro e abriu a porta. Ele cheirou, em seguida, começou a procurar feliz em suas pilhas ordenadas.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou.

— Rato, — ele respondeu, pegando cada pacote e cheirando-o.

— Não existem ratos nos pacotes. Pelo menos, ela esperava que não houvesse. — Mas havia ratos em torno deles, onde os pacotes foram armazenados.

Ele parou de vasculhar, aparentemente perdendo todo o interesse. Mas ele a ajudou a levar os pacotes para a sala dos correios. A julgar pelos cubículos construídos em uma parede e a grande mesa no canto, este era o lugar onde todo o correio para o Complexo Hawkgard era entregue. Os cubículos tinham números, mas não os nomes, e a maioria dos pacotes foram destinados para Hawkgard com o número um.

Pensando sobre isso, um monte de correspondências que ela tinha ordenado para todos os complexos era da mesma maneira. Havia o *gard* e talvez uma inicial, e isso era toda a identificação. Seria difícil saber quantos moravam em um Pátio, se apenas alguns como Erebus Sanguinati e Simon Wolfgard forneciam um nome completo.

Eram indiferentes sobre essas coisas, ou apenas cautelosos sobre o quanto os seres humanos pudessem saber sobre eles?

O que significava que Erebus estava usando seu nome completo? Era uma forma de indicar a falta de preocupação por saberem que ele estava residindo no Lakeside Courtyard ou era um *aviso*?

Ela agradeceu ao Falcão por seu auxílio, e teve a impressão de que ele *cavou* seu conhecimento a respeito dos seres humanos para dar a resposta — De nada.

Quando chegou à ponte que atravessava Courtyard Creek, ela parou e estudou o mapa. Se ela continuasse indo direto, ela estaria na área de Wolfgard do Pátio, e ela não queria ir lá e ter a chance de *encontrá-lo.* Além disso, ela precisava voltar para o escritório, entretanto, ela não tinha muito tempo para olhar por aí e estava curiosa. Então, ela passou pela ponte e virou à esquerda na estrada que corria ao longo do pequeno lago.

Quando ela viu uma menina patinar no lago, ela parou o carro e saiu. O ar era tão limpo e frio que doía respirá-lo, e mesmo assim a menina usava um vestido de verão comprido, branco com mangas curtas, e não parecia notar o frio.

Meg andou até a borda do gelo e esperou. A menina olhou para ela, circulou em distância, em seguida, patinou até onde ela estava.

Uma menina em forma humana, mas não era humana. O rosto, especialmente os olhos, passou para a forma humana quando se aproximou.

— Eu sou Meg, — ela disse em voz baixa, e não sabia por que achava que esta menina era mais uma ameaça do que o Sanguinati.

— Você parou, — disse a menina. — Por quê?

— Eu queria me apresentar. — Ela hesitou. — Você está sozinha aqui? Onde estão os seus pais?

A menina riu. — A *Mãe* está em toda parte. O *Pai* não jorra sua semente nesta temporada. — Ela riu novamente. — Você não gosta de escapar? Deixa pra lá. Minhas irmãs e primos estão comigo, e isso é o suficiente. Nossas casas estão lá. — Ela apontou para um aglomerado de pequenas construções que foram feitas de pedra e madeira.

— Estou feliz que você não está sozinha.

Um olhar estranho. — Isso é importante para você?

— Eu sei como é se sentir sozinha. — Ela balançou a cabeça, determinada a livrar-se das memórias de isolamento, dentro de uma cela assistindo um vídeo em uma sala cheia de meninas, e ainda se sentir ainda mais sozinha. — De qualquer forma, eu estou planejando fazer entregas regulares a partir de agora, então me perguntei se havia qualquer coisa que você queria da Praça do Mercado. É uma longa caminhada para você e suas irmãs. Eu poderia dar uma ou duas passadas nas lojas.

— Bondade. Que inesperado, — a menina murmurou. — Há um tipo de entrega em Courtyard que passa uma ou duas vezes por dia, e qualquer *indigene da terra* pode comprar das lojas, e os pôneis estão sempre dispostos a me dar uma carona. Mas...

— Mas...?

A menina deu de ombros. — Eu fiz um pedido de alguns livros da nossa biblioteca. Eles não foram entregues.

— Espere um momento. Meg voltou para o carro, pegou o bloco e uma caneta de sua bolsa, e voltou de volta para o lago. Ela ergueu o

bloco. — Se você anotar os títulos, eu passo na biblioteca depois do trabalho e vejo se algum deles está disponível.

A menina pegou o bloco e caneta, escreveu vários títulos, em seguida, entregou o bloco e a caneta de volta para Meg.

— Se suas irmãs estiverem fora quando eu voltar, a quem devo entregar?

Outro olhar estranho, que era assustador porque não havia diversão nele.

— Minhas irmãs estão dormindo nesta temporada, então só os meus primos podem ficar por aí, — respondeu a menina. Depois acrescentou: — Eu sou Inverno.

— É um prazer conhecê-la, — disse Meg, e seus dentes começaram a bater.

Inverno riu. — Sim. Você teve bastante prazer, eu acho.

— Eu acho. Vou procurar esses livros. — Ela correu de volta para o carro, e quando estava no interior, com o aquecedor fazendo seu melhor para descongelá-la, ela acenou para a menina.

A menina acenou de volta, em seguida, virou-se para olhar para os corvos e os falcões reunidos em árvores do outro lado do lago. Todos eles decolaram em um turbilhão de asas, como se estivessem nervosos sobre chamar a atenção da menina.

Mas Meg notou, pelo menos alguns deles seguiram-na por todo o caminho de volta para o escritório.

Meg direcionou o carro para a garagem, com muito cuidado. A garagem era quase duas vezes maior que o veículo, mas os nervos de Meg ainda estavam dançando, até que ela conseguiu colocar o carro dentro da garagem e desligá-lo.

Seus nervos ainda estavam dançando quando saiu da garagem e viu um homem parado lá. Usava um macacão azul de mecânico e sua única concessão ao frio cortante era uma camisa de gola fina alta sob o macacão. Ele tinha cabelos castanhos, os olhos cor de âmbar de um lobo, e uma expressão irritada que informava claramente o suficiente que ela já tinha mexido com seu dia e ele não gostou.

— Eu sou Meg, a nova Liaison, — disse ela.

— O Wolfgard disse que eu tenho que cuidar do carro para você neste momento.

— Oh. — Ela olhou para o cabo e os botões na parede de trás da garagem. — Acho que eu deveria aprender a fazer isso.

— O Wolfgard disse que eu vou cuidar dele. Você deveria conseguir comida e abrir o escritório antes das entregas começarem a chegar. Os tolos não vão sair de seus caminhões se verem um lobo em vez de você, e estou esperando algumas entregas. — Ele passou a mão possessiva sobre o capô do carro. — Eu não estaria perto dos *macacos* se eu não estivesse à espera de peças que *supostamente* devem chegar hoje.

— Então eu vou almoçar e abrir o escritório, — Meg disse brilhantemente enquanto se afastava dele. Este parecia mais selvagem do que Simon, de uma forma que ela não podia explicar, e ela não tinha certeza — que pensar antes de morder — era um conceito que ele entendia. — Obrigado por cuidar do carro.

— Só porque *ele* bate com o rabo na porta, o resto de nós tem que ser educados, — ele resmungou. Então ele cheirou o ar, e cheirou novamente com a cabeça virada em sua direção. — O que você usa para fazer o seu cheiro ficar fedido?

Irritação dizimou a cautela. Todos estavam *obcecados* com o seu cheiro? — Eu não uso nada. E o meu cabelo fede menos agora.

— O mesmo acontece com um gambá.

Já que este comentário parecia ser o seu parecer final, ela marchou até a porta de trás um pouco mais dura que o usual.

Tess deu uma olhada em seu rosto e sorriu. — Vejo que você conheceu o Blair.

— Talvez, — Meg murmurou. — Ele gosta de todos os seres humanos?

— Claro, — Tess respondeu alegremente. — Embora ele seja muito opinativo sobre a falta de carne magra na maioria deles.

— Eu acho que não quero o almoço.

— Sim, você quer, tenho sopa de legumes e um sanduíche de peru. Vou embalá-lo para você.

Meg seguiu Tess de volta para o balcão. — Então, quem é ele?

— É o terceiro Lobo, depois de Simon e Elliot. Aqueles dois lidam com os seres humanos e com o mundo fora do Pátio. Blair cuida do interior do Pátio. Ele mantém o controle do jogo em nossa terra, leva a caça, quando o açougueiro faz um pedido de carne de veado, ele é o executor principal. Ele também é o único aqui em Lakeside que é mais intrigado com coisas mecânicas e fontes de energia, de modo que ele supervisiona os *indigenes da terra* que se importam com os moinhos de vento e os painéis solares que usamos para alimentar a maioria dos edifícios fora do distrito de negócios. — Tess sorriu enquanto colocava o almoço em uma bolsa para Meg. — E isso o mantém ocupado e limita seu contato com os seres humanos, que é a maneira como ele e Simon se entendem.

— Ele está esperando uma encomenda. Se chegar, a quem devo chamar? — Perguntou Meg, e Tess olhou para ela até que ela suspirou. — Eu deveria ligar para o Simon.

A porta da garagem do carrinho estava fechada pelo tempo que ela chegou à porta de trás do escritório, e ela não viu nenhum lobo à espreita nas proximidades. Mas quando ela abriu a porta da frente, ela viu que havia três caminhões esperando por ela, e ela viu um sedan preto atrás deles, incapaz de sair, até que pelo menos um dos caminhões partisse.

Parecia o tipo de carro que ela imaginou que um cônsul conduziria, ou ele teria um motorista? Então ela assinou os pacotes tão rapidamente quanto possível, fazendo anotações apressadas para não ser a causadora de um atraso. Parecia que as pessoas das entregas compartilhavam esse sentimento, e dentro de alguns minutos, eles foram embora e o sedan parou em frente à porta do consulado.

O homem que saiu tinha uma compilação magra e o cabelo baixo. Ele olhou em sua direção, em seguida, entrou.

— Se aquele for Elliot Wolfgard, acho que eu não vou ganhar nenhuma estrelinha dele, — ela murmurou.

Ela poderia viver sem *estrelinhas*. Hoje ela ficaria feliz se conseguisse passar o resto do dia sem ser comida.

Ela colocou o sanduíche de peru e a sopa na geladeira, preocupada demais para considerar a comida. Depois de uma hora tranquila de triagem com as entregas e os pacotes, ela ligou para a Boas Leituras e deixou uma mensagem de que havia alguns itens para B. Wolfgard, bem como outros pacotes dirigidos ao Complexo Utilities, e foi informada de que Blair iria pegar todos eles após o escritório fechar.

Talvez houvesse uma vantagem em ter o cabelo fedido, se encorajava os lobos a manterem distância.

Feliz com esse pensamento, ela aqueceu o sanduíche de peru e apreciou o almoço tardio.

****

Olhando pela janela de trás do gabinete do HBL, Simon observou Blair sair do Escritório do Liaison com alguns pacotes, e observou quando ele os colocou no carrinho atribuído ao Complexo Utilities. O Lobo tinha esperado apenas o tempo suficiente para ter certeza que Meg tinha saído, antes de pegar as entregas.

Ela havia se encaminhado para a Praça do Mercado, o que significava que ela estaria voltando pela rua principal, quando voltasse para o seu apartamento. Melhor para ambos se eles não vissem um ao outro. Melhor para ele, de qualquer maneira. Henry iria bater nele se um encontro com ele perturbasse Meg hoje, e bater em um urso não era divertido, mesmo para um lobo.

Vestiu o casaco e parou no balcão, tempo suficiente para dizer a Heather, um de seus empregados humanos, que ela deveria informar a Vlad se Ásia Crane entrasse na loja. Em seguida, ele saiu pela porta dos fundos e andou até o Gabinete do Liaison.

— Você tem suas peças? — Simon perguntou quando Blair saiu com outro pacote que ele colocou no carro.

Blair assentiu enquanto fechava a porta traseira do veículo. Então, ele trancou a porta do Gabinete do Liaison. — Você precisa de uma carona?

Ele não *precisava de* uma carona, mas, talvez ele pudesse convencer Sam a gastar um pouco mais tempo fora de casa, se ele chegasse na casa enquanto ainda estava claro. E se Blair estava descontente com Meg por algum motivo, era melhor saber antes que sangue fosse derramado. — Obrigado.

Nenhum dos dois falou enquanto percorriam a rua rumo ao Complexo Verde. Em seguida, Blair disse casualmente, — O Liaison. Acha que poderíamos usar a mesma solução que usamos com os jovens?

Simon soltou uma gargalhada. Em seguida, ele considerou o apelo de fazer exatamente isso e as consequências, e relutantemente balançou a cabeça.

Blair suspirou. — Não penso assim. — Uma pausa. — Elliot pode querer ter uma palavra com você. Os caminhões de entrega ficaram esperando ela voltar, e o carro preto e brilhante dele não conseguia sair de onde estava.

— Ele não se preocupa com o carro preto e brilhante.

— Não, mas ele se preocupa com a manutenção do status dele, de forma que os *macacos* entendam, e eu acho que ter que esperar a *sua* humana abrir a porta para as entregas esta tarde não vai encorajá-lo a tolerá-la.

— Ela estava fazendo o trabalho dela.

— E causando problemas.

Simon rosnou, e notou a forma como os lábios do Lobo se contraíram em diversão.

Blair não disse outra coisa até que ele parou no Complexo Verde. Então ele olhou para frente. — Ainda é a estação dos cervos, então haverá alguns caçadores com arcos no Parque por mais algumas semanas.

— E? — Simon abriu a porta do passageiro e saiu.

— Se ela não usar um chapéu, a Liaison não precisará usar o colete laranja que os caçadores usam para não pegar uns aos outros.

Simon fechou a porta do carrinho um pouco mais forte do que o necessário, mas ele ainda podia ouvir Blair rindo como um lobo enquanto ia embora.

Pegando as suas chaves, Simon foi até seu apartamento. Os apartamentos do Complexo Verde tinham uma mistura variada de tamanhos, compartilhavam paredes comuns e acomodavam as diferentes espécies de *indigenes da terra* que escolheram morar lá. Alguns eram mais parecidos como moradias de dois andares, enquanto os apartamentos menores eram de apenas um único piso. Como os outros complexos residenciais, o Verde tinha a forma de U, com uma seção contendo a sala do correio, área de serviço e uma sala de convívio no segundo andar, onde os filmes eram projetados na televisão de tela grande, e um par de mesas fornecia uma área para jogar jogos de tabuleiro, e outras haviam se convertido em versões humanas desses jogos.

No momento em que sua chave deslizou na fechadura da porta da frente, ele ouviu o som sibilante da porta, o uivo de Sam.

Sua grande sala de estar tinha um tapete e um sofá, um par de lâmpadas, um leitor de discos, de vídeo e televisão, uma mesa baixa, com cestas de armazenamento, e a gaiola onde Sam morava.

Sam estava com o rabo abanando, fazendo uma saudação de filhote feliz, até que Simon abriu a porta da gaiola. Em seguida, o jovem se amontoou na parte de trás da gaiola, choramingando.

Simon estendeu a mão. — Vamos, Sam. Ainda está claro lá fora. Estaremos seguros. Venha para fora fazer xixi e cocô.

Quando o Lobinho continuou a tremer e choramingar, Simon estendeu a mão e o puxou para fora, ignorando as tentativas de Sam em mordê-lo e fugir. Eles já fizeram isso várias vezes, desde o dia em que Daphne morreu, e Simon se tornou o guardião de Sam. Sam tinha pavor de sair, porque lá fora foi onde sua mãe tinha morrido, bem na frente dele.

Sam tinha parado de crescer naquela noite, não tinha continuado o seu desenvolvimento da forma como os filhotes deveriam. Eles não tinham nenhuma maneira de saber o que tinha acontecido à sua forma humana, porque ele não tinha mudado em dois anos.

Simon não podia imaginar ficar preso em uma mesma pele toda a sua vida, incapaz de mudar. E ele não queria imaginar o que era ter essa sensação de medo, de que já não podia fazer essa escolha.

Ele pegou o filhote lutando em seu colo, e firmemente fechou a porta do apartamento.

— Fazer xixi e cocô, — ele disse, e caminhou até uma árvore com um vaso, que fazia parte da área central do jardim. Ele colocou Sam para baixo e se colocou entre o filhote e o apartamento. Eles não sairiam dali até que Sam obedecesse, mas quebrava o seu coração um pouco mais cada vez que ele fazia isso, e as presas de seu ódio pelos homens responsáveis cresciam um pouco mais.

Um dia, ele prometeu a si mesmo quando Sam fez os seus negócios.

Sam estava tremendo e à beira do pânico por estar do lado de fora por tanto tempo, quando o sedan preto e brilhante parou na frente do complexo. A porta traseira se abriu e Elliot Wolfgard saiu. Como Daphne e Sam, Elliot tinha os olhos cinzentos em vez de âmbar, mas eram de uma aparência fria e cinzenta, que se adequava a expressão severa que ele normalmente tinha em seu rosto humano.

Agora a expressão severa mudou para um sorriso caloroso quando Elliot veio na direção deles, com os braços abertos. — Olá, Sam. — Ele se agachou na neve para esfregar as orelhas do lobinho e irritar sua pele. — Como está o nosso rapaz? — Ele olhou para Simon quando ele fez a pergunta.

Simon deu de ombros para dizer: *o mesmo de sempre.*

O sorriso de Elliot esmaeceu enquanto se levantava. — Você deve dizer ao Liaison para usar um relógio, para ela voltar a trabalhar no tempo certo.

— Na verdade, ela estava fazendo entregas no Pátio, não perdendo tempo em sua própria diversão, — Simon respondeu com os dentes, apenas o suficiente para lembrar a Elliot quem era o dominante.

— Eu admito, — disse Elliot depois de um momento. — Eu deveria ter sabido que ela estava atendendo seus deveres. Os corvos gostam dessas fofocas e eles a acham divertida, se o número deles reunidos em torno dela for qualquer indicação. Prefiro não lidar com eles, mas a minha equipe teria ouvido algo se alguém reclamasse dela.

— Ela não gosta de ratos para lanche, e isso a torna peculiar, pelo menos de acordo com as corujas.

— Tudo bem, Simon, você fez seu ponto, — disse Elliot. — Se nós finalmente temos um agente Liaison que irá fazer o trabalho, eu vou tentar mostrar mais tolerância.

— Agradeço.

— Blair a conheceu?

Simon assentiu. — E não a mordeu.

— Isso é algo. Eu vou estar fora esta noite em um jantar como convidado do prefeito. Vou levar meu celular se precisar de mim.

— Aproveite a sua noite.

— Isso vai depender do cardápio. Se for carne, será uma refeição tolerável. Se for frango... — Elliot estremeceu. — Qual é o ponto em comer *frango*?

— Ovos?

Elliot acenou com a mão com desdém. — Vejo você amanhã.

Assim que Elliot foi embora, Sam começou a raspar a perna de Simon, tentando pular em seus braços.

— Você precisa trabalhar as pernas, — Simon disse ao filhote, fazendo-o caminhar de volta para o apartamento. Mas ele pegou Sam antes de abrir a porta, pegou uma toalha da cesta na entrada, e secou os pés e o pelo dele.

Assim que ele estava livre, Sam correu para a segurança de sua gaiola.

Determinado a não deixar transparecer sua decepção, Simon entrou na cozinha, colocou a toalha sobre uma cesta perto da porta de trás, e fez o jantar para ele e Sam. Então ele pegou um dos filmes que Sam adorava assistir, instalou-se na sala de estar com os alimentos e um livro, e deu ao sobrinho o máximo de conforto e companhia, enquanto o filhote aceitasse.

****

Meg abriu o diário que tinha encontrado na loja geral. Ela escreveu na primeira página: *Livros;* pulou uma página, em seguida, outras duas, até que parou para escrever: M*úsica*. Ela pulou outra página, colocou a data no topo da página, e parou.

O que ela deveria escrever? *Querido Diário, eu não comi hoje.* Isso era verdade, mas isso não era uma coisa importante para se dizer. Ou talvez fosse tudo o que precisava ser dito.

Ela ainda não tinha certeza se os seres humanos não ficavam muito tempo em empregos no Pátio porque desistiam ou porque não sobreviviam com lidar com os *Outros.* Exceto por Lorne, que dirigia o Três Ps, e Elizabeth Bennefeld, a terapeuta que estava disponível no *Good Hands Massage Parlor* algumas tardes por semana, havia Merri Lee que era a outra humana mais antiga empregada no Courtyard, e ela estava trabalhando na cafeteria por pouco mais de um ano. Claro, os funcionários eram considerados não *comestíveis*, mas isso não significa nada se a pessoa fizesse algo que os *Outros* consideravam uma traição.

O que os *Outros* consideram uma traição? Certamente um ato físico contra eles contaria, mas e uma mentira que não tem nada a ver com eles? Seria visto como uma traição?

No final, com medo de que a privacidade ainda fosse uma ilusão, ela evitou mencionar nomes ou que partes do Courtyard ela tinha visitado ao fazer as entregas, mas ela anotou os exercícios de Relaxamento mental realizados no segundo andar da *Run & Thump*, e quando visitou a biblioteca Courtyard.

Ela tinha encontrado três dos livros que *Inverno* tinha solicitado e dois para si mesma antes de encontrar Merri Lee, que a havia convencido a tentar a classe de Relaxamento mental, em seguida, foi com ela em algumas lojas para selecionar um colchonete e roupas de ginástica.

Ela estava fazendo amigos, e desenvolvendo uma rotina que poderia tornar-se uma vida satisfatória pelo tempo que durasse. Se apenas se lembrasse de parar no supermercado para comprar alimentos para as refeições da noite, estaria tudo bem. Como havia esquecido, ela comeu o que restava da comida que Tess tinha trazido, e estava cansada demais para sair quando cambaleou até o seu apartamento.

Agora, com os músculos frouxos depois de um banho quente, e adequadamente alimentada, ela enfiou-se na cama com um dos livros, o conteúdo era bom de ler, enquanto os carros iam passando e as vozes das pessoas eram transportadas pelo ar, enquanto se encaminhavam para suas casas.

Ela ouviu os lobos uivando, mas não tinha certeza o quão perto eles estavam desta parte do Courtyard. Até aonde o som levava os uivos? A biblioteca tinha computadores que poderiam ceder informação das linhas telefônicas. Talvez, pudesse encontrar informações sobre o *animal* lobo que pudesse ajudá-la a entender o Lobo *indigene da terra*.

Ela ficou tensa quando ouviu um ruído de passos pesados perto de sua porta, mas soltou um suspiro de alívio quando foi seguido pelo barulho de chaves na porta do outro lado da dela. Ela tinha passado por Henry na Praça do Mercado, naquela tarde e ele mencionou que iria se hospedar em um dos outros apartamentos esta noite porque queria ficar perto de seu estúdio.

Pegando seu diário, ela fez uma nota para procurar algumas esculturas e totens quando tivesse a chance de usar o computador na biblioteca.

A porta de Henry abriu e fechou. Carros trituravam a neve, e Meg se levantou para fazer uma xícara de chá de camomila, em seguida, voltou para a cama e continuou lendo, um pouco escandalizada com o fato de que ninguém a tinha impedido de levar o livro.

Então não havia sons de carros, e pessoas indo para casa.

Meg olhou para o relógio e com relutância, fechou o livro. Levantou-se, tempo suficiente para colocar sua caneca na pia e ir ao banheiro. Amanhã seria um dia de descanso, e o Gabinete do Liaison e a maioria das lojas em Courtyard estariam fechados, e esperava que não incluíssem o supermercado. Maçãs para os pôneis em Moonsday? Ela iria precisar cortá-las pouco antes que os pôneis chegassem. Caso contrário, os pedaços ficariam marrons por causa do ar. Ela sabia disso pelas imagens de treinamento. As meninas tinham passado uma semana inteira olhando fotos com legendas de diferentes tipos de frutas, de frescas a podre. Em uma profecia, frutas que estavam podres um número específico de dias poderiam indicar o tempo que uma pessoa esteve sumida... ou morta.

Meg soltou um suspiro tempestuoso. Talvez sua espécie sempre visse o mundo como imagens que poderiam ser reutilizadas para criar uma imagem inteira para alguém. Ou talvez fosse a maneira como ela havia sido treinada para pensar e aprender. Jean não tinha usado as imagens padrão o tempo todo, mas ela tinha sido incomum, difícil. Diferente.

Você terá uma chance de escapar dessa vida, Meg. Você vai ter a chance de ser alguém por si mesma. Quando a oportunidade surgir, vá e viva e não volte. Nunca deixe que eles te tragam de volta aqui.

E você?

Os Aqueles Com Nome fizeram com que eu não possa mais correr, mas um dia eu vou estar livre. Eu vi isso também.

O formigamento sob a pele de Meg começou em seus pés e correu para cima de ambas as pernas. Ela sufocou um grito, não querendo que Henry escutasse e batesse na porta, exigindo uma explicação.

Ela caminhou na direção do banheiro, na esperança de encontrar algo no armário de remédios que aliviaria essa sensação.

Ela sabia o que faria a picada ir embora, mas era muito cedo para se cortar novamente. Além disso, ela também sabia o quanto doía segurar

uma profecia e falar sem um ouvinte aliviaria a pressão, mas não lhe faria nenhum bem.

Quando ela tentou falar em fazer outro corte, o formigamento desapareceu por conta própria.

Meg jogou um pouco de água no rosto, em seguida, voltou para a sala de estar de seu apartamento, determinada a focar no presente e não no passado, porque, muito provavelmente, o seu presente poderia ser medido em dias ou semanas.

Os petiscos em Moonsday. Quantas maçãs para os pôneis? Era melhor trazer extras, no caso de mais pôneis aparecerem. Quantos moravam no Pátio de qualquer maneira? Ela teria que perguntar a Jester, já que ele era a pessoa que cuidava deles.

Sua mente rodava sobre os pôneis e as maçãs e no que ela poderia fazer em seu dia de folga. Meg puxou a cortina e olhou para a rua e esqueceu tudo sobre dormir.

O homem estava lá novamente. Ela não conseguia distinguir suas feições, mas ele estava usando o mesmo casaco fechado e o relógio escuro, igual o homem que tinha visto na outra noite. Ela tinha certeza disso.

Enquanto ela observava, ele cruzou a Crowfield Avenue, indo direto para a porta de vidro que dava acesso a rua dos apartamentos. Mas a porta estava trancada. Ela ainda estava segura, pois a porta estava trancada.

Imagens de Treinamento. Mãos manipulando instrumentos de metal fino para abrir um cadeado.

A porta trancada não a manteria segura. Pânico a manteve congelada na janela. Em seguida, o formigamento retornou em suas pernas quando ela ouviu um som que ela não conseguia identificar. As mãos e os braços começaram a formigar enquanto ela se lembrava da última vez que ela e Jean tinham se falado.

Nunca deixe que eles a tragam de volta aqui.

Meg estava imóvel do outro lado da sala, certa de que aquele homem havia sido enviado pelo Controlador.

Não podia sair. Presa, tal como antes, quando ela vivia no complexo! Não, não como antes. Agora *que ela* tinha as chaves. O ferrolho só precisava de uma chave.

Ela arrastou-se até as chaves em sua bolsa, ofegando enquanto suas mãos tremiam tentando encaixar a chave na fechadura.

Era o homem subindo a escada? Rastejando pelo corredor? Se ela abrisse a porta, ele estaria ali, esperando agarrá-la?

O formigamento nas mãos tornou-se um zumbido que era tão doloroso que ela deixou as chaves caírem. Incapaz de escapar, ela bateu na porta e gritou, — Henry! Henry! — Ele podia ouvi-la? *Por favor, deuses, que ele me escute!*

Sentiu-se melhor quando ouviu o rugido que encheu o corredor, seguido por um grito assustado e o barulho de botas.

Correndo para a janela, Meg viu o homem correndo pela rua, dobrando a esquina e desaparecendo de vista. Refazendo seus passos, ela pegou as chaves com as mãos trêmulas e finalmente conseguiu abrir a porta.

Henry estava no final do corredor, olhando para baixo das escadas. Ela não podia ver sua expressão, e nem as luzes do apartamento dele não chegavam tão longe, e ele não tinha acendido a luz do corredor, mas ela teve a impressão de que ele estava muito irritado.

— Henry? — Ela disse hesitante. — Devo ligar para alguém?

— Quem você chamaria? — Ele perguntou, parecendo mais curioso do que irritado.

— Eu não sei. A polícia? Ou alguém no Pátio?

Ele voltou para a porta e a estudou. Em seguida, ele sacudiu a cabeça. — Não há necessidade de chamar ninguém. Vou dar uma olhada agora e falar com Simon na parte da manhã. Mantenha a sua porta trancada, Meg, e você vai ficar bem.

Não, ela não estaria bem. Ela não podia explicar isso a Henry, então ela fechou a porta e girou a chave na fechadura. Em seguida, ela pressionou seu ouvido contra a porta, ouvindo enquanto contava lentamente.

Ela alcançou cem antes que Henry voltasse para o corredor e as escadas. Assim que ela teve a certeza de que ele não iria ouvi-la, ela se moveu com o desespero controlado, pegou um jeans e um suéter, arrumou um pequeno saco de artigos de higiene, pegou seu livro, uma vela, e caixa de fósforos e colocou tudo em uma das malas com zíper. Ela pegou o travesseiro e a manta do baú no final da sua cama. Então ela colocou o casaco e as botas e prendeu a respiração enquanto girava a chave, ouvindo tão duro quanto podia algum movimento de Henry.

Ela saiu de seu apartamento e o trancou, em seguida, fugiu para a entrada dos fundos e desceu as escadas. Ela correu para o gabinete do Liaison, atrapalhou-se para abrir a porta, e deixou escapar um soluço de alívio quando estava lá dentro.

Como em seu apartamento, ela também estava exposta aqui sozinha, mas já que as lojas e o consulado não abririam amanhã, ninguém sabia que ela estaria aqui. A luz baixa na parte da frente do escritório estava sempre acesa e não atraia atenção. A luz da vela seria visível apenas a partir da janela na sala de triagem, e esta janela dava para o quintal e o jardim de esculturas do estúdio de Henry.

Ela estaria segura aqui esta noite, ou tão segura quanto pudesse ficar.

Recusando-se a acender as luzes do teto, ela tirou suas botas e colocou seu acolchoado na sala de triagem, deixando o travesseiro e cobertor sobre a mesa antes de ir para o balcão que corria sob a janela. Recuperando a vela e fósforos de seu saco de transporte, ela acendeu a vela. Ela não precisa cortar a pele para descobrir que o Controlador a encontrou. Era apenas uma questão de tempo antes daquele homem encontrar uma maneira de recuperá-la.

Era apenas uma questão de tempo.

Espalhando o cobertor sobre a mesa de triagem, Meg subiu e ficou tão confortável quanto pôde em sua cama improvisada.

****

Na parte ocidental do continente, onde os *Grizzlies indigenas da terra* governavam muitos Pátios como os lobos, alguns seres humanos chamavam a primeira forma do Urso de *Espírito*.

O Espírito do Urso se movia através do mundo invisível, mas alguns podiam sentir sua passagem. Alguns diriam que ele estava lá antes de tomar a forma tangível que tinha dentes e garras.

Agora Henry seguia o rastro do estranho até que terminou mais acima na rua onde o veículo do homem estava estacionado.

Voltando-se para o Pátio, ele foi até a porta de vidro e estudou a fechadura quebrada enquanto considerava o que significava.

Havia muito medo por trás da porta de Meg, tanto desespero quando ela gritou seu nome.

Se ele não quisesse estar perto do seu trabalho no estúdio esta noite, ela teria desaparecido e nos deixaria achando que ela era apenas mais um ser humano que os usou para dar abrigo por alguns dias? Ou será que a fechadura quebrada na porta e o cheiro de um estranho agitassem Simon e o resto dos *indigenes da terra* que moravam aqui?

Afastando-se da porta, Henry andou até a esquina e virou à esquerda, seguindo a fronteira do Courtyard, incerto do que estava procurando, mas deixando o instinto guiá-lo.

Ele rondou a área de entrega, pegando os aromas ao redor da frente do Gabinete do Liaison e o Consulado. O cheiro do estranho não estava lá, mas aproximando-se das portas de entrega da sala de triagem, ele pegou outro perfume que era mais fresco do que deveria ser.

Movendo-se em torno do escritório até o quintal atrás de seu estúdio, ele viu o lampejo de uma luz na sala de triagem. Retomando a forma de urso completo, Henry levantou uma pata na parede e olhou na janela.

Meg, dormindo sobre a mesa de triagem.

Meg, que não estava no apartamento onde alguém poderia encontrá-la durante a noite.

Afastando-se da janela, Henry chamou, <*corujas!*>

Cinco responderam a sua chamada, desembarcando na parede que separava seu estúdio da área de entrega.

<*Por que nos chama?*> Allison perguntou.

<*Intrusos,*> ele disse. <*Mantenha-se na vigia ali. Meg está lá dentro do escritório.*>

Duas das corujas voaram, ocupando posição no telhado do consulado. Outra voou até o telhado do seu estúdio. Allison e um macho juvenil permaneceram na parede.

Ciente de que teria uma abundância de avisos se o estranho voltasse, Henry caminhou de volta para o apartamento, mudou para a forma humana, e recuperou suas roupas onde as tinha deixado na escada. Fez uma xícara de chá preto forte generosamente misturado com mel, em seguida, se acomodou na cadeira de balanço perto da janela, que lhe dava uma visão do Escritório da Liaison. Enquanto bebia seu chá, ele se perguntava sobre a fêmea que tinha de repente entrado em suas vidas.

Durante o resto da noite, perguntou-se muito.

E se perguntou o que Simon ia dizer na parte da manhã.



CAPÍTULO 6

SIMON SAIU DO CHUVEIRO e esfregou a toalha vivamente sobre sua pele. Ele não gostava dessa conformidade, como os seres humanos levavam dias em pequenas caixas. O sol, a lua e as mudanças das estações deveriam ser suficientes para qualquer um. Mas se ele *tinha* que se conformar com isso a fim de agenciar um negócio do tipo humano, ele não deveria ter que pensar sobre isso por um dia em toda a semana, quando poderia viver como Lobo de um nascer do sol ao próximo.

Earthday era o dia de descanso, o dia em que o Courtyard estava fechado para os seres humanos para que os *indigenes da terra* pudessem correr e jogar e ser o que eram: os nativos dessa terra. Era o único dia em que ele não tinha que mudar para a pele que era útil, mas que nunca o fazia se sentir *em casa.*

Porque lidava tanto com os seres humanos, ele *precisava* de um dia com os Wolfgards, *precisava* de sua própria espécie. Essa era a armadilha para outras pessoas que tinham contato excessivo com os seres humanos, se adaptado muito a fim de lidar com eles, você corria o risco de esquecer *quem* você era e poderia acabar não sendo nem uma coisa, nem outra. Foi por isso que mesmo sentindo a aflição de Sam ao vê-lo como um lobo, não era o suficiente para ele desistir do que precisava para *si* mesmo.

Mas a mensagem de Henry no celular esta manhã o fez quebrar sua própria regra, já que o Beargard havia deixado claro que precisava do Wolfgard em forma humana no estúdio.

Ele vestiu-se, em seguida, parou na sala de estar para se certificar que Sam tinha comida e água e não tinha sujado a gaiola. Já que ele estava nesta forma de qualquer maneira, ele levaria o filhote para fora

antes de mudar para a pele e encontrar Blair e alguns outros para uma corrida.

Depois de analisar os benefícios da uma caminhada do Complexo Verde para o estúdio, a fim de fazer exercício para a forma humana, ele deu a volta e foi até a garagem e pegou um dos carros. Ele fez com que esta forma tivesse uma abundância de exercícios. Hoje, quanto mais cedo pudesse mudar esta pele, mais feliz ele estaria.

Alguns centímetros de neve haviam caído durante a noite. Combinado com o que ainda estava nas estradas de Courtyard, acrescentou um pouco de emoção em dirigir um carro, e lembrou-lhe de falar com o *indigene da terra* que trabalhava no Complexo Utilities e que também limpava as estradas do Pátio. Se Meg ia sair para fazer as entregas de amanhã, ele teria que pedir para Jester explicar a ela sobre se manter nas principais estradas para evitar ficar presa. Os carrinhos poderiam lidar com a neve muito bem, contanto que o motorista não fosse estúpido.

Quando chegou ao distrito de negócios do Courtyard, ele estacionou o carro no estacionamento dos empregados, o que o colocava entre a Praça do Mercado e as outras lojas, incluindo o estúdio de Henry. Saindo do carro, ele parou e ouviu o som rítmico de alguém usando uma pá de neve.

Saindo do estacionamento, Simon caminhou ao redor das garagens, então parou quando viu as pegadas do lado de fora do escritório do Liaison. Não havia entregas em Earthday, por isso não deveria haver pegadas frescas saindo do escritório esta manhã.

Ele foi até Henry, que estava trabalhando com pá entre as portas traseiras das lojas e o Gabinete do Liaison. Removendo a neve. Eliminando as pegadas.

— Difícil não deixar um rastro quando há neve fresca, — disse Henry. O olhar nos olhos do Grizzly deixou Simon cauteloso, especialmente depois que Henry acrescentou: — Tivemos um visitante na noite passada.

Simon olhou para porta de trás do escritório. — Um intruso?

— Não mais, — disse Henry, inclinando a cabeça para o escritório. Então ele abanou o dedo polegar em direção as escadas que levavam até os apartamentos dos funcionários.

Por um momento, Simon apenas olhou para Henry. Em seguida, ele absorveu o significado das palavras e rosnou quando seus caninos alongaram, suas unhas cresceram, e sua pele saltou no peito e nas costas.

— Eu disse a Meg que tínhamos regras sobre visitantes. Eu *disse a* ela... — Ele engasgou com a fúria crescendo dentro dele, fúria que queria rasgar e destruir essa sensação estranha e terrível de traição, e a pessoa que tinha causado.

— Simon.

Ele tinha pensado que ela era diferente dos outros malditos *macacos*. Ele pensou que havia, finalmente, um humano que poderia ser capaz de trabalhar com o *indigene da terra*, apesar da forma como ela o deixava meio louco de confusão por *não ter cheiro de presa*. Ele tinha autorizado deixá-la ter um mapa de Courtyard porque ela parecia querer fazer seu trabalho. Se ele quisesse um mentiroso como Liaison, ele teria contratado Ásia Crane!

— *Simon.*

Ao ouvir a advertência na voz de Henry, ele fez um esforço para voltar na pele humana.

— Se você quer esgueirar-se com um visitante, você não tem que quebrar a fechadura da porta da rua. E você não chama a atenção para a presença de alguém gritando alto o suficiente para ser ouvido pelo Grizzly que estava no apartamento do corredor.

— Ela não sabia que você estaria lá, — Simon disse, engasgando com o esforço de fazer seus dentes voltarem ao tamanho humano.

— Sim, ela sabia. Eu a vi na Praça do Mercado ontem e disse a ela que estaria ali para que ela não se assustasse se ela me ouvisse.

Assustada. A palavra aplacou a sua fúria e o deixou pensar novamente.

Meg estava se escondendo de algo ou alguém. Ele percebeu isso quando ele a contratou, mas ele estava perseguindo tanto o rabo por causa dela - ou a evitando para evitar ser pisado em outra pessoa - que ele acabou esquecendo que ela tinha fugido de algo ou alguém.

Ele olhou para as pegadas que saiam do escritório.

— Depois que o intruso saiu correndo, ela saiu e passou a noite na mesa de triagem, — disse Henry.

Medo demais de ficar em seu próprio apartamento? Inaceitável!

Levou esforço para moldar palavras. — Você viu o intruso?

— Não bem o suficiente. Mas eu tenho o cheiro dele, e vou reconhecê-lo novamente se ele voltar.

Se esse estranho estava caçando Meg, ele voltaria. — Não é possível consertar essa fechadura até amanhã. — Um lobo e um falcão estavam aprendendo a mudar e consertar trancas. Eles podem ser capazes de substituir o que quebrou, mas o Courtyard tinha um acordo com uma empresa de fechaduras, e eles estavam dispostos a ensinar aos *Outros* esta habilidade, e por esta razão, Simon fez negócios com Chris da *Fallacaro Lock & Key.*

— As Corujas ficaram de guarda na noite passada e vão ficar de olho novamente, — disse Henry. — Eu já falei com alguns Falcões e alguns Corvos sobre manter vigilância sobre esta parte do Courtyard hoje. E vou ficar no apartamento novamente esta noite.

— E hoje? Com as lojas fechadas, ela vai ficar sozinha lá em cima durante o dia. — Não é provável que alguém venha à luz do dia, mas imaginar Meg sozinha o dia todo era muito parecido como observar um cervo que era a presa perfeita, quando separado do resto do rebanho.

E que o lembrou muito de Daphne e Sam correndo sozinhos naquela noite terrível, pensando que estavam a salvo.

— Devemos chamar a polícia? — Perguntou Henry.

— E dizer o quê? Que alguém quebrou uma fechadura? Nada foi levado. Não temos certeza de que o intruso estava atrás de Meg. Tivemos pessoas tentando entrar e usar os apartamentos. Poderia ter sido alguém

que só queria sair do frio em uma noite fria, e que achava que poderia escapar antes de percebemos.

— Isso é chamado de invasão de propriedade, — Henry apontou. — Os seres humanos têm uma lei contra isso também.

— Vamos lidar com isso do nosso jeito, — disse Simon. — Vou pegar outra pá e ajudá-lo a limpar a neve. — E apagar as pegadas que poderiam dizer a um tipo diferente de predador onde encontrar sua presa.

— E quanto a Meg?

Ela não tinha pedido sua ajuda. Incomodava-lhe que ela não tinha pedido sua ajuda. Ele era o líder do Courtyard, afinal de contas. — Vamos manter a vigia hoje. Amanhã consideramos o que mais pode ser necessário.

Como a obtenção de algumas respostas sobre de *quem* ela estava fugindo e por que alguém iria querê-la de volta.

****

Meg ouviu o uivo assim que desligou o chuveiro. Soou como uma matilha inteira deles sob as janelas. Secando-se tão rápido quanto podia, ela envolveu a toalha em torno da cabeça, vestiu um roupão, e foi para as janelas para olhar para fora.

Nenhum sinal deles, mas a julgar pela forma como um carro derrapou quando parou no estacionamento do Pátio e o motorista tentou acelerar para fugir de tudo o que viu, eles não estavam muito longe.

Ele não encontrou nenhum sinal de Henry quando ela correu de volta para o apartamento dela. Ele estava trabalhando em seu estúdio no Earthday, ou ela estava sozinha nesta parte do Courtyard? Merri Lee tinha dito a ela que nenhuma loja era oficialmente aberta aos Earthday, mas a biblioteca não estava trancada, e pela manhã, um par de *Outros* estavam servindo sobras no restaurante do Market Square, Carne Nada Verde. Ela poderia caminhar até o restaurante para uma refeição e, em seguida, passar algum tempo navegando através dos livros da biblioteca.

Outro uivo, facilmente ouvido apesar das janelas fechadas.

Estamos aqui.

Acima dela, em algum lugar no telhado, ela ouviu vários Corvos grasnando.

Estamos aqui.

Algo que foi ferido dentro Meg desde a noite passada começou a relaxar. Não havia nenhum ser humano em torno desta parte do Courtyard hoje, mas ela não estava sozinha. Ela poderia passar a tarde lendo ou cochilando, talvez até mesmo fazendo algumas tarefas agora que aprendeu como limpar. Nem todas as lojas humanas fechavam aos Earthday, então havia carros passando pelas ruas, inclusive, ela notou antes de se afastar da janela, um carro da polícia. Ela ficaria segura o suficiente enquanto houvesse luz do dia.

Ela podia decidir mais tarde sobre onde se esconder depois de escurecer.

****

Naquela tarde, Ásia Crane passou lentamente pela entrada do Gabinete do Liaison e o consulado. Como de costume em Earthday, uma corrente estava esticada na entrada da rua, com uma placa de metal *Fechado* pendurada no centro. Era uma maneira simples, mas eficiente de impedir que as pessoas usassem a área de entrega como um parque de estacionamento para os restaurantes e as outras empresas em frente ao Pátio.

Bigwig não foi capaz de lhe dar qualquer informação sobre a van branca ou o motorista que parecia observar o Pátio. Provavelmente, nada mais do que um marido ou namorado descontente procurando uma oportunidade para levar sua mulher idiota de volta para casa. Embora por que alguém iria querer o problema sem graça em forma de *Meg...* isso sim era um mistério.

Ela não se importava com o que, como, ou por que, desde que Meg não ficasse com o trabalho do Liaison, deixando-o aberto para ela ter outra chance de ter acesso ao Pátio.

Droga! Não havia nada que parecesse com uma placa de *Procura-se* colada na porta do escritório. Isso significava que o *Homem de Branco da Van* não tinha cuidado dos seus negócios. Bem, ela poderia ajudar com isso.

Amanhã ela faria um ataque duplo. Ela voltaria na *Howling Boas Leituras*, e faria um esforço em fazer amizade com Meg.

Seu próximo passo vai depender de sua recepção, mas de uma maneira ou de outra, Simon Wolfgard pagaria por seus apoiadores terem ficando impacientes com sua falta de progresso.



CAPÍTULO 7

SIMON ABRIU A TRANCA NA PORTA da frente da *Howling Boas Leituras*, virou a placa para ABERTO, colocou os óculos de aro de metal, e começou o resto da rotina para a abertura da loja.

Um minuto depois que abriu a HBL, Ásia Crane entrou. Ela era uma cadela determinada, então ele não estava surpreso que o susto que ela levou não a tenha mantido afastada por muito tempo. Se ele pudesse apontar algo que gostava dela, ele poderia ter admirado sua determinação para atraí-lo para ter relações sexuais.

E se alguma vez ele descobrisse que ela estava cheirando em torno do Pátio e ele, por algo mais do que uma caminhada pelo lado selvagem, ele a mataria.

Ásia deu-lhe um olhar arrasador quando abriu a parca e caminhou em direção à exibição dos livros novos, cada solavanco de seus quadris era um forte movimento em seus jeans apertados.

Ele observou a maneira como seu peito subia e descia sob a camiseta curta e apertada, e observava a maneira como ela movia os quadris, e se movia mesmo quando estava pegando livros e olhando para a parte de trás, quase como se ela não se atrevesse a parar de se mover, porque já tinha perdido uma boa chance, e que ela não seria capaz de iniciar novamente. Quando ela percebeu que ele a observava, deu um sorriso de satisfação, e foi quando ele percebeu que ela estava querendo que ele a observasse. Por que ela ficaria satisfeita? Considerando a forma como ela lutou para expandir o peito, ela sequer parecia um *petisco* esta manhã.

Ou talvez ele ainda estivesse cheio do cervo que tinha comido ontem e não estava interessado em outro animal fraco.

— Sr. Wolfgard?

Ele focou seus olhos âmbar, dando sua maior atenção para Heather, um de seus empregados humanos.

— Se o senhor for lidar com a papelada, quer que eu abasteça as prateleiras? — Ela lhe deu um sorriso hesitante e de repente ficou nervosa.

— Você é uma mulher sensata, — ele disse, erguendo a voz para que Ásia, que estava em frente ao novo display de livros, não sentisse a necessidade de escapulir para ouvir o que ele estava dizendo.

— Obrigada, — disse Heather. — Hum... Por que? Eu não fiz nada ainda.

Ele acenou com a mão para ela. — Suas roupas não bloqueiam o seu corpo. Você pode respirar tranquilamente. E se você for perseguida, você não iria cair alguns passos depois por falta de ar. — Ele estava pensando nela escapando de um perseguidor humano. Um lobo correria, e em segundos ela podia estar respirando ou não.

Heather olhou para ele.

Ele continuou a estudá-la, compreendendo pelo cheiro do medo, que ele tinha dado um passo em falso em algum lugar no minuto passado. Ele estava indicando a aprovação dele, porque estava claro para ele que Ásia fazia esses movimentos de quadril exagerados para esconder o fato de que ela não podia andar rapidamente, sem sentir a falta de ar. Ele não sabia o que tinha dito para deixar Heather com medo, mas o olhar em seus olhos o fez pensar em um coelho pouco antes ser executado.

Mesmo quando não estava com fome, ele gostava de perseguir coelhos.

— Eu vou estocar algumas prateleiras, — disse Heather, afastando-se dele.

— Tudo bem. — Ele tentou soar agradável para que ela não fosse embora. Vlad detestava fazer a papelada tanto como ele, quando um funcionário humano saia, razão pela qual eles fizeram uma promessa para não comerem os funcionários apenas para evitar a papelada. Como

Tess tinha apontado, comer a equipe era ruim para a moral e tornava muito mais difícil encontrar novos funcionários.

Quando Heather voltou com um carrinho de livros em vez de correr pela porta dos fundos depois de deixar um bilhete colado na parede: *fui embora,* igual a um casal de empregados anteriores tinha feito, ele voltou sua atenção para Ásia.

Ela deve ter esperado por esse momento. Suas bochechas eram uma explosão de cores e ela parecia prestes a cuspir pedra. Ela bateu com um livro no visor e ergueu o queixo.

— Eu acho que não há nada de interesse aqui esta manhã, — ela disse friamente.

— Então você deve ir, — ele respondeu. — Apesar... — Ele saltou por cima do balcão, passou para o outro lado da tela, pegou um livro, e o estendeu. — Você pode achar isso interessante.

Era um dos livros de terror escrito por um *indigene da terra.* A capa era preta, com a boca aberta de um lobo antes dele dar uma mordida em seu inimigo. Ou talvez tenha sido a segunda mordida, já que havia um pouco de sangue nos dentes.

Ásia esqueceu tudo o que sabia sobre lobos e correu para fora da porta.

Ele viu sua corrida em direção ao estacionamento e decidiu duas coisas: uma, ela não podia correr muito por conta daquelas roupas apertadas, e duas, ele achou o cheiro de medo dela agradável.

****

Monty ajustou a gola de seu casaco com uma mão enquanto batia na porta de seu Capitão.

— Entre, Tenente, — Capitão Burke disse, acenando para ele entrar, mantendo a atenção na folha de papel que estava estudando. — Você está se adaptando bem?

— Sim, senhor. Obrigado por perguntar.

Ontem ele tinha ido ao Templo perto de seu prédio e tinha encontrado um pouco de paz e comunhão lá. Então ele ligou para Elayne na esperança de falar com Lizzy, e ficou decepcionado. Lizzy nunca foi autorizada a ir para casa de um amigo antes da refeição do meio-dia, e no dia de descanso e meditação. Ele não achava que Elayne mudaria essa regra, mas se foi o caso, era apenas para negar-lhe algum tempo para falar com sua menina. Até aquele telefonema, ele ainda pensava em ser o amante de Elayne, apesar do atual estranhamento, mas ela deixou claro para ele que ela estava procurando alguém cuja posição social iria apagar a *mancha* que ele tinha colocado em suas vidas.

E lhe disse claramente que suas chances de falar com Lizzy, e de visitá-la durante as férias de verão, seriam quase nulas.

— Recebemos algumas ligações sobre Lobos sendo vistos ontem, — disse Burke. — Você pode ouvi-los uivando por quilômetros, então as pessoas estão acostumadas a isso, mas se reunirem no estacionamento de Courtyard durante o dia é incomum.

— Vou dar uma olhada, — disse Monty.

Burke assentiu, em seguida virou o papel que ele estava estudando para Monty vê-lo. — Sua prioridade é o Courtyard, mas mantenha os olhos abertos para essa pessoa enquanto você está em patrulha. Temos quer esse pegar esse ladrão e devolver os itens roubados com pressa, e você tem a força para puxar cordas com o governador da Região Nordeste. E o governador vai puxar as cordas do nosso prefeito, e você sabe como ele pode cair se não resolvermos.

Monty olhou para o cartaz e sentiu o sangue esvair de sua cabeça.

Que todos os deuses acima e abaixo tenham piedade de nós.

— Vou fazer cópias desta foto e distribuir, e -

— Você não pode.

Burke cruzou as mãos e deu a Monty um sorriso que estava cheio de ameaça amigável. — Você está dizendo a seu Capitão o que ele pode ou não pode fazer?

Monty apontou para o rosto no cartaz, observando o modo como sua mão tremia. Ele tinha certeza de que Burke percebeu isso

também. — Essa é a nova Liaison no Lakeside Courtyard. Eu a conheci no outro dia. — Ser procurada por roubo de alguém próximo ao governador poderia explicar por que Meg Corbyn estava tão nervosa quando ele a conheceu. Ela não estava preocupada em trabalhar com os Lobos; ela estava preocupada em ser reconhecido por *ele.*

— Você tem certeza, Tenente? — Burke perguntou em voz baixa.

Monty assentiu. — O cabelo parece mais escuro na foto... — Um trabalho ruim de tintura explicaria a cor laranja estranha. — Mas é ela.

— Você conheceu Simon Wolfgard. Você acha que ele a entregaria a você?

A lei humana não se aplicava nos Pátios, e em qualquer da Terra, os seres humanos foram *autorizados* a cultivarem a Terra dos *indigenes da terra* a fim de terem fazendas e cidades, mas *nenhuma lei era* aplicada aos *Outros.* Mas Simon Wolfgard trabalhava em um negócio e não tinha nenhuma tolerância para os ladrões. Faria diferença?

— Eu posso parar com a distribuição deste cartaz, — Burke disse, — mas tenho certeza que cada delegacia recebeu esta foto, bem como todos os outros Capitães vão deixar uma cópia com os seus homens. Então se vou ser eu a desafiar o Capitão ao ir contra uma ordem direta do prefeito para apreender essa mulher, é melhor você me dar uma razão para eu levar à sua honra.

— Eu gostaria de fazer uma cópia desta foto e levá-la ao Sr. Wolfgard, — disse Monty. — Vou mostrar a ele e deixá-lo decidir.

— Basta lembrar que essa mulher é a única que sabe onde a propriedade roubada está escondida. Precisamos desta pessoa viva, não um corpo. Certifique-se que ele entenda isso.

— Sim, senhor.

— Faça sua cópia e me mantenha informado.

Monty levou o cartaz, fez sua cópia, e devolveu o original para Burke. Quando ele terminou, ele encontrou Kowalski inclinando um quadril contra a mesa.

— Vamos para a livraria, — disse Monty.

— Vamos perguntar sobre os avistamentos dos Lobos? — Perguntou Kowalski.

Monty dobrou cuidadosamente o cartaz de PROCURADA em quatro e o colocou no bolso do casaco desportivo. — Algo parecido.

Enquanto dirigiram para a livraria, Monty considerou várias maneiras de abordar Simon Wolfgard com esta informação. Ele não sabia se havia uma maneira de obter o resultado que o prefeito e o governador queriam, mas ele sabia uma coisa: se os *Outros* optassem por não cooperar, a maioria dos pôsteres que fossem espalhados poderiam ser tão perigosos para os seres humanos em Lakeside quanto os barris de veneno que foram espalhados no rio duas gerações atrás.

****

Simon tirou todos os pedaços de papel de dentro do envelope e os colocou no balcão de acordo com os *Gards.* A maioria era de livros dos assentamentos que os *indigenes da terra* atenderam em Lakeside Courtyard. Alguns eram ordens que ele iria passar para outras lojas na praça do mercado.

Os telefones e os emails dos computadores eram uma forma útil de comunicação quando a informação tinha que viajar de um Pátio para outro rapidamente ou quando se lidava com os seres humanos. Mas os *indigenes da terra* que não tinham que lidar com os *macacos* tinham apenas um leve interesse nessas coisas elétricas, e em um território que abrangia três vezes a área da cidade de Lakeside, apenas uma dúzia de edifícios tinham linhas telefônicas e energia elétrica para os computadores. Exceto em situações de emergência, a maioria dos *Outros* ainda utilizava papel ao enviar uma ordem ou uma solicitação para um Pátio.

A cafeteria sempre era agitada nas manhãs de Moonsday, mas na HBL era geralmente tranquila até o almoço, que foi por isso que ele deixou de lado desta vez a solicitação dos pedidos. Recuperando um carrinho na parte de trás, e depois de levar um momento para se certificar que

Heather ainda estava realmente trabalhando e não enrolada em algum lugar em um esforço para se esconder dele, Simon voltou para a frente da loja. Após uma verificação rápida dos títulos, pegou o carrinho com os novos títulos para exibição e encheu a prateleira de cima com um punhado de cada livro. Então, ele colocou o carrinho de volta ao lado do balcão, pegou o primeiro pedaço de papel e começou a preencher suas ordens.

— Marcadores, — ele murmurou. Os marcadores eram pequenos itens úteis, e um suvenir que vinha com o livro. Mesmo se fosse apenas um livro encomendado, saía com um marcador com ele.

Antes que ele pudesse saltar de volta ao balcão para pegar o saco de marcadores, a porta se abriu e o Tenente Montgomery entrou.

O Tenente e seus homens estavam sempre à vista desde a primeira reunião em Thaisday passado. Não era um desafio pela dominância ou nada tolo assim. Mais como uma versão calma de um uivo, uma maneira de um Lobo dizer: *estamos aqui.* Kowalski tinha entrado e comprado um par de livros de terror no dia após que a HBL teve que ser fechada, junto com a cafeteria *Bite*.

Simon não tinha certeza se Kowalski ou sua fêmea estavam interessados nesses tipos de livros ou se foi uma desculpa para olhar ao redor. Ele teve a sensação de que o policial ficou tão aliviado por não ver qualquer mancha de sangue fresco, como os outros clientes ficavam desapontados com a falta de excitação.

O Tenente se aproximou do balcão. — Sr. Wolfgard.

— Tenente Montgomery. — Simon absorveu o olhar no rosto dele, a expressão nos olhos escuros, e o cheiro de nervoso, mas não medo demais. — Você não está aqui para comprar um livro.

— Não, senhor, não estou. — Montgomery puxou um pedaço de papel do bolso do casaco desportivo, desdobrou-o e o colocou sobre o balcão, entre eles. — Eu vim para mostrar-lhe isso.

Sua mente absorveu as palavras *PROCURA-SE* e *Ladra*, mas o que ele viu foi à imagem de Meg.

Ele não percebeu que estava rosnando até Montgomery se afastar, uma mão afastou o casaco esportivo do caminho, a fim de alcançar a arma. Sabendo o que ele faria se a mão tocasse a arma, ele olhou fixamente nos olhos de Montgomery. O homem instintivamente congelou, sequer ousando respirar.

Ciente de que Montgomery não faria nada tolo, pelo menos não agora, Simon olhou para o cartaz novamente.

— Não é uma imagem difusa, — disse ele depois de um momento. — Então, por que não há um nome?

Montgomery sacudiu a cabeça. — Eu não entendo.

— Eu assisto aos seus programas às vezes. Quando você pega uma imagem de alguém que rouba uma loja ou banco e não os conhece, a imagem é difusa. Quando você tem uma imagem como essa, — ele apontou para o pôster — a polícia sempre sabe o nome de sua presa.

Ele sabia que ela estava fugindo de alguém. Ele sabia que Meg Corbyn não era seu nome verdadeiro. Ele deveria tê-la deixado congelando na neve, em vez de contratá-la. Mas agora que ela *estava* dentro, o que acontecia com ela era decisão *sua*.

— Por que não há um nome? — Simon perguntou novamente.

Ele observou Montgomery estudar o cartaz e sentiu o mal-estar do homem.

— Parece que é uma foto de identificação, não é? — Montgomery disse suavemente. — Como uma foto da carteira de motorista ou... — Ele enfiou a mão no bolso, tirou sua carteira de couro, e a abriu para mostrar sua identidade. Então, ele colocou a carteira de volta no bolso. — Se alguém poderia fornecer esse tipo de foto, por que não o nome?

Simon obteria uma resposta para essa pergunta. Ele decidiria mais tarde se partilharia essa resposta com os seres humanos.

Pegando o cartaz, ele o redobrou e o colocou no bolso da calça. — Vou falar com os membros da nossa Associação Empresarial. Se tiver qualquer informação sobre essa pessoa, nós vamos deixar você saber.

— Devo enfatizar que nós estamos queremos apreender e *questionar* essa pessoa sobre o roubo.

Simon sorriu e deliberadamente mostrou os dentes, especialmente os caninos que ele não foi capaz de fazer voltar ao tamanho humano. — Eu entendo. Obrigado por trazer esse assunto a nossa atenção, Tenente Montgomery. Manteremos contato.

Desânimo. Preocupação. Mas Montgomery teve o bom senso de sair da loja sem outro argumento. Não havia *nada* que a polícia pudesse fazer sobre o que acontecia no Pátio.

Ele esperou alguns momentos, então Vlad chamou.

— Simon, — disse Vlad. — Nyx e eu precisamos falar com você.

— Mais tarde, — Simon respondeu, tentando não rosnar. — A Associação de Empresas tem algo a discutir. Preciso que você ligue para eles, quero todo mundo disponível na sala de reunião em uma hora. E ligue para Blair e Jester. Eu os quero lá também. E um representante do Owlgard, Hawkgard e Crowgard.

— Mais alguém? — Vlad perguntou em voz baixa.

Ele sabia por que Vlad fez essa pergunta, assim como ele sabia qual grupo de *indigenes da terra* estava sendo deixado de fora desta discussão. Mas *eles* nunca estavam interessados em tais coisas.

— Não, isso deve ser suficiente, — disse Simon.

— Em uma hora, então. Mas Simon, nós ainda precisamos conversar. É importante.

Simon desligou. Então ele gritou para Heather quando passou para o almoxarifado. — Fique no registro e trabalhe preenchendo esses pedidos. Ligue para John. Diga a ele para voltar.

Vestiu o casaco e as botas para a caminhada ao Gabinete do Liaison. Estava agindo civilizado e controlado. Se ele não ficasse no controle...

Ela *mentiu* para ele.

... Ele ia mudar para o Lobo, e eles nunca seriam capazes de limpar o sangue bem o suficiente para contratar alguém depois que ele rasgasse a garganta *dela* para que ela não pudesse mentir para mais ninguém.

A porta traseira do escritório não estava trancada, então ele entrou, tirou as botas, e caminhou pela sala de meias. Ele podia ouvir música baixa, mesmo através da porta fechada que ligava a sala de triagem. Quando entrou no quarto, viu Meg tirar um CD do leitor e dizer: — Eu não gosto dessa música.

— Então por que ouvi-la? — Perguntou.

Ela virou-se, cambaleando para manter o equilíbrio. Ela colocou o CD de volta em sua caixa e fez uma anotação em um diário que estava ao lado do aparelho antes de lhe responder. — Estou ouvindo uma variedade de música para descobrir do que eu gosto.

Por que você não sabe do que você gosta?

— Existe algo que eu possa fazer por você, Sr. Wolfgard? Os carregadores ainda não chegaram, mas há algumas entregas antigas. Vou colocá-las na sala de distribuição do HBL. — Ela indicou os cubículos na parede de trás da sala de triagem. — Além disso, eu ainda não estou certa se os pôneis podem entregar os correios para as empresas no Market Square ou se alguém dessas empresas buscará essas entregas.

Agora ele não se importava com as entregas, ou com os pacotes, ou com qualquer outra coisa maldita dos *macacos.*

Ele pegou o cartaz do bolso, abriu e o colocou sobre a mesa. — Sem mais mentiras, — ele disse, com a voz em um grunhido de ameaça contida. — O que acontecer a seguir vai depender se você vai responder a duas perguntas de forma honesta.

Ela olhou para o cartaz. Seu rosto empalideceu. Ela balançou, e ele disse a si mesmo para deixar a cadela cair se ela desmaiasse.

— Ele me encontrou, — ela sussurrou. — Eu me perguntei após a outra noite, mas eu pensei... Esperei... — Ela engoliu em seco e olhou para ele. — O que você quer saber?

A desolação em seus olhos o deixou tão irritado quanto suas mentiras.

— Qual é o seu nome, e o que você roubou? — Não poderia ter sido uma coisa pequena. Eles não a caçariam assim se fosse uma coisa pequena.

— Meu nome é Meg Corbyn.

— Esse é o nome que você deu quando você veio aqui, — ele retrucou. — Qual era antes?

Sua expressão era uma mistura ímpar de raiva e orgulho. Isso o deixou cauteloso porque o lembrava que ela inexplicavelmente *não era uma presa*.

— Minha designação era *cs759*, — ela disse.

— Isso não é um nome!

— Não, não é. Mas foi tudo o que me deram. Eles davam essa designação para qualquer uma de nós. Uma designação. As pessoas dão nomes aos seus animais de estimação, mas *uma propriedade* não é merecedora de um nome. Se você dar-lhes designações em vez de nomes, então você não tem que pensar sobre o que você está fazendo para eles, não tem que considerar se *a propriedade* tem sentimentos quando você...

Seus olhos ficaram fixos nos dele, apesar de seu súbito esforço para respirar.

Simon ficou perfeitamente imóvel. Se ele se movesse, presas e fúria iriam se soltar. *O que eles fizeram para você, Meg?*

— Quanto ao que eu roubei, eu levei isso. — Ela tirou algo do bolso e colocou em cima do cartaz de procurado.

Ele pegou. Prata. De um lado era decorado com folhas bonitas e flores. O outro lado tinha *cs759* gravado em letras simples. Ele encontrou um ponto onde abriu com a unha, e revelou uma lâmina brilhante de uma navalha fina.

Ele tinha visto uma dessas a uns vinte anos atrás, e ver outro agora o fez estremecer.

— É muito, mas não pode valer a pena tanto assim. — Sua voz soava áspera, incerta. Ele sentiu como se tivesse perseguindo um coelho que de repente se transformou em um urso. Algo não estava certo sobre isso. Então muitas coisas não estavam bem sobre isso.

— Por si só, provavelmente não vale muito, — Meg respondeu. — A segunda coisa que eu roubei foi isso. — Ela tirou a camisa e jogou de

lado. Ela empurrou a manga esquerda da gola até que estava acima de seu cotovelo. Em seguida, ela estendeu seu braço.

Ele olhou para as cicatrizes uniformemente espaçadas.

Uma mulher de idade, seus braços nus bronzeados pelo sol, suas cicatrizes finas estavam esbranquiçadas, sentada atrás de uma pequena mesa onde ela distribuía suas cartas e dizia a sorte para ganhar o dinheiro que pagava por seu quarto. A pequena comunidade de seres humanos que ganhava a vida na costa, em um acordo antigo, que se divertia levando os turistas para as florestas tirarem fotos e contar histórias e, por vezes, até mesmo alguns filmes eram exibidos nos cinemas. Alguns ensinavam habilidades básicas aos Outros, como tecelagem ou carpintaria. Alguns iam aos passeios. E sempre houve aqueles que foram à procura de uma desculpa para morrer e estavam apenas ganhando tempo, sabendo que os Lobos e Ursos os obrigaria eventualmente.

Ela estava sentada no sol escaldante, com a cabeça coberta por um chapéu de palha, sorrindo para os jovens, humanos e Outros, que riam dela enquanto passavam em seus vários grupos.

Mas ele não tinha rido, não tinha. As cicatrizes o intrigavam, o incomodavam. O olhar em seus olhos o enervava. E depois...

— Não tenho muito mais pele disponível, mas isso precisa ser feito para você...

A navalha de prata brilhava ao sol quando ela a tirou do bolso do vestido. Um corte preciso na bochecha, uma cicatriz fina da largura da lâmina.

O que ele viu naquele dia, o que ela disse naquele dia, havia moldado sua vida.

— Profetisa de Sangue, — Simon sussurrou enquanto continuava a olhar para Meg. — Você é uma *Cassandra de Sangue*.

— Sim, — ela respondeu, baixando seu braço e empurrando para baixo a manga.

— Mas... Por que você foge? O seu tipo mora em lugares especiais. Você é mimada, dado o melhor para...

— Quer você seja espancada ou mimada, alimentada com os melhores alimentos ou passar fome, mantida na sujeira ou mantida limpa, uma gaiola ainda é uma gaiola, — Meg disse com paixão feroz. — Nós somos ensinadas porque os *Aqueles Com Nome* querem que nós saibamos, porque é isso o que faz um bom Profeta, mas e se ela não puder descrever o que vê? Nós ficamos sentadas em salas de aula, dia após dia, olhando fotos que descrevem as coisas que existem no mundo, mas nunca temos permissão de conhecer o mundo, nunca nos permitiram ter amigos, nunca nos permitiram falar, a menos que seja parte de um exercício. É nos dito quando comer, quando dormir, quando caminhar na esteira para fazer exercício. Eles até mesmo agendam quando devemos ser disciplinadas! Nós estamos vivas, mas não temos permissão para viver. Quanto tempo *você* duraria se fosse mantido assim?

Ela estava tremendo. Ele não poderia dizer se ela estava com frio ou chateada, mesmo quando ela recuperou a camisa e a vestiu.

— Por que os outros não fugiram também? — Perguntou.

— Acho que viver em uma gaiola e não ter um nome não incomoda a maioria deles. Além disso, aonde eles iriam? — Ela não encontrou seus olhos. — Você vai me deixar ficar até o escurecer? Eu poderia ser capaz de passar pelo homem que o Controlador tem enviado para mim se eu puder ficar aqui até o anoitecer.

Simon inclinou a cabeça, lutando para entendê-la. — Você quer fugir de novo?

Agora ela olhou para ele. — Eu prefiro morrer a voltar para lá.

Uma declaração tranquila. A honestidade o assustou porque havia um pouco demais de Lobo em sua voz quando ela disse aquelas palavras. Ela não era um *indigene da terra*, mas ela também não era humana, como os outros seres humanos. Ela era uma confusão, e até que ele a entendesse mais, tudo o que ele tinha para trabalhar era o seu instinto.

Há poucos dias, ela veio à procura de um emprego porque ela queria viver. Se isso não fosse verdade, ela teria dormido em um banco de neve em algum lugar. Agora ela estava disposta a morrer?

Ele não gostava disso. Ele não gostou nada disso.

Ele embolsou a navalha de prata e o cartaz de PROCURADA.

— A navalha é minha, — ela protestou.

— Então você vai ter que ficar sem até que eu a devolva.

— Sr. Wolfgard...

— Você vai ficar, Meg — ele rosnou. — Até que eu diga diferente, você vai ficar. — Ele ouviu um caminhão parar, depois outro. — Você tem trabalho.

Quando voltou para a sala, agarrou suas botas, mas não parou para colocá-las. Em vez disso, ele correu de volta para a HBL.

Cs759. O significado dessas letras era bem claro. Ele não queria pensar sobre o significado do número.

O *Controlador* estava tentando colocar a polícia em seu encalço. Que outros tipos de caçadores estavam em busca da Meg? Aquele que tentou entrar aquele dia era um predador contratado?

Depois de dizer a John e Heather que estava de volta, ele foi até o seu escritório e trocou as meias por outras secas. Enquanto esperava os membros da Associação de Empresas chegarem para a reunião, ele olhou pela janela que lhe dava uma visão do Escritório da Liaison.

Poder. Quando os *indigenes da terra* tratavam com seres humanos, ele sempre encontrou no poder o conflito em potencial.

Ele era o líder do Lakeside Courtyard e o que ele queria teria peso, mas esta escolha era muito grande para ele fazer sozinho.

****

Meg desligou o leitor de CD. Não havia nenhum ponto em ouvir música para aprender o que ela gostava. Em vez disso, ela pegou algumas cartas do último saco velho e tentou manter sua mente na triagem, em terminar *algo* antes que *ela* estivesse terminada.

Um quarto branco e uma daquelas camas terríveis. E Simon Wolfgard. Ela tinha visto essas coisas na profecia que havia revelado seu próprio futuro.

Ele ia entregá-la ao Controlador, talvez até mesmo trocá-la por algumas profecias? Ou agora que ele sabia quem ela era; faria a mesma coisa que o Controlador tinha feito? Será que ele sabia como? Foi por isso que ela tinha visto a cama que foi usada quando as meninas se dirigiam para os tipos mais íntimos de cortes?

Ela se concentrou duramente em não pensar sobre o que Simon iria decidir, ela se sacudiu quando ouviu o relinchar do lado de fora da porta da sala de triagem.

— Oh, deuses — ela murmurou, olhando para o relógio. Ela queria correr até o supermercado para pegar cenouras ou maçãs, só que não tinha mais tempo para fazer isso agora. — Só um minuto, — ela gritou quando o relinchar tornou-se um coro. Ela podia imaginar o que Elliot Wolfgard diria sobre o ruído se os trabalhadores no consulado fossem perturbados.

Correndo para a sala para pegar seu casaco, ela pensou no que poderia servir como um deleite. Ela não queria pensar sobre a reação dos pôneis se ela *não* tivesse nada para eles.

As únicas coisas na área da cozinha, além de um frasco de café instantâneo e sacos de chá de ervas, eram uma caixa de cubos de açúcar, uma caixa de biscoitos e uma lata que continha um pacote aberto de biscoitos de chocolate.

Ela vestiu o casaco, pegou a caixa de cubos de açúcar, em seguida, correu para abrir a porta, porque o próximo coro de relinchos estava acompanhado pelo grasnar dos Corvos.

— Eu estou aqui, eu estou aqui, — ela ofegava quando abriu a porta. Colocou a caixa sobre a mesa de triagem, pegou a primeira pilha de correspondência, e começou a preencher as cestas.

Os pôneis se moviam, empurravam, e mordiscavam o casaco de um modo que a fez pensar em uma criança puxando a manga de um adulto em uma tentativa de atenção.

Ela não tinha entregas suficientes para preencher as cestas dos oito pôneis que tinham aparecido, mas ela fez com que todos tivessem algo para transportar. Então ela abriu a caixa de cubos de açúcar.

— Esta Moonsday tem algo de especial, — ela disse, estendendo dois torrões para Trovão. Ele os comeu felizmente. Eles todos comeram. Tão felizes, na verdade, que todos tentaram entrar na fila novamente para outro torrão de açúcar.

Quando ela fechou a caixa e acenou um adeus, todos eles olharam para ela e para caixa por um longo momento antes de trotar para entregar o correio.

Suspirando e tremendo, Meg fechou a porta, devolveu o açúcar no armário no quarto dos fundos, e continuou com seu trabalho.

****

A sala de reuniões da Associação de negócios tinha um anel de cadeiras de madeira ao redor, uma mesa baixa e redonda. Também tinha uma mesa para os secretários e armários, bem como um computador em outra mesa que poderia ser usado para e-mail ou fazer encomendas para empresas humanas.

Já que o escritório da Associação de Empresas ficava na outra metade do segundo andar do HBL, Simon foi o primeiro a chegar. Ele escolheu um assento e esperou pelo barulho de costume, as devidas posições de lugar, porque as Gards das aves não estavam dispostas a sentar-se ao lado de outro *Outro* e *nenhum* deles queriam se sentar ao lado do Sanguinati.

Vlad e Nyx chegaram um minuto depois dele. Todo o resto veio em um momento posterior, deixando seus casados sobre o cabide na pequena sala de espera, atrasando sua entrada por tempo suficiente para os Sanguinati escolherem os seus lugares.

Vlad sentou-se ao lado dele e Nyx se sentou à direita de Vlad. A partir daí, as cadeiras ao redor da mesa foram preenchidas por Jester, Blair, Jenni Crowgard, Tess, Julia Hawkgard, e Henry. Allison Owlgard ficou na última cadeira.

Jenni fazia parte da Associação de Empresas, mas Julia e Allison não. O que significava que os líderes de suas Gards provavelmente as

tinham escolhidos como representantes, o mesmo quando queriam contornar algo ou quando tinham contato com as empresas humanas.

— Estamos todos aqui, Simon, — Henry disse em um ronco silencioso.

— O Tenente Montgomery veio me ver esta manhã, — disse Simon.

— Nós ficamos na nossa própria terra ontem — Blair rosnou. — Ou nas calçadas nos fundos, que são considerados bens públicos. Os seres humanos não têm motivo de queixa sobre isso.

— Eu ouvi que alguns jovens se divertiram cavando na pilha de compostagem, — disse Jester. — Alguém relatou isso?

Blair sacudiu a cabeça. — É tecnicamente a nossa terra, mas deixamos os parques e Lagos para as pessoas usá-las também. Ambos os lados estão com pilhas de compostagem e podem fazer uso do material. O parque e os trabalhadores não nos incomodam ao cavar. Salvo algum trabalho com as pilhas. Além disso, os jovens não tiveram muito divertimento. O material está congelado como tudo agora.

— Eu não estou aqui para falar sobre sermos vistos ou sobre a compostagem, — disse Simon. Deslocando seu quadril, ele tirou o papel e a navalha do bolso. Ele abriu o papel e o colocou no centro da mesa redonda.

— Oh, — disse Jenni, parecendo satisfeita. — A Meg parece mais com um corvo nesse quadro.

Jester sentou-se, como se quisesse distância do cartaz. Vlad se deslocou inquieto, e Nyx estava ainda mais inquieto. O cabelo de Tess ficou verde e começou a ondular descontroladamente.

Os olhos de Blair estavam cheios de raiva aquecida, mas sua voz era calma quando perguntou: — O que ela roubou?

— Isso. — Simon colocou a lâmina de prata ao lado do cartaz.

— Brilhante!

Jenni tentou agarrar a navalha, em seguida, puxou a mão de volta quando Blair virou a cabeça para ela. Ela fez um show segurando sua mão protetoramente contra o peito, inclinando-se para Tess.

Henry se inclinou para frente. — O que é *cs759*?

— A designação dela. — Simon hesitou. — Meg é uma *Cassandra de Sangue*.

— Uma Profetisa de Sangue? — Disse Jester. — A nossa Liaison é uma *Profetisa de sangue*?

Simon assentiu. — Ela fugiu do lugar onde era mantida presa. É assim que ela acabou aqui.

— É raro para eles estarem no mundo, — Henry disse pensativo. — Sabemos pouco sobre seu tipo humano, porque tão poucos deles ficam fora do mundo. Pergunto-me se Meg não cheira como uma presa porque ela é um tipo diferente de humana.

— Eu não acho que o Owlgard sabe muito sobre eles, exceto por alguns rumores, e aqueles sempre as fazem soar como especiais e mimados, — disse Allison.

— Enjaulada. Ela disse que eles a mantinham enjaulada, — disse Simon. Depois de um momento, acrescentou, — Ela disse que prefere morrer a voltar para lá.

Um silêncio constrangedor. Enjaular um *indigene da terra* era considerado um ato de guerra, por isso manter Sam em uma gaiola para a própria segurança do filhote estava matando Simon um pouco mais a cada dia.

— Você viu alguma cicatriz? — Perguntou Nyx.

Ele assentiu. — No seu braço esquerdo, acima e abaixo do cotovelo. Uniformemente espaçados.

Jester soltou um suspiro. — Meg é a primeira Liaison decente que já tivemos neste Courtyard, pelo menos desde que eu tenho vivido aqui. Mas se a polícia tem este cartaz e estão mostrando a você, eles sabem que ela está aqui. Queremos entrar em uma briga com eles por outro ser humano? Nós sequer sabemos o suficiente sobre Profetas de Sangue para saber se vale a pena essa luta.

Tess de repente se moveu em sua cadeira, com raiva. Seu cabelo estava agora vermelho-sangue com listras verdes e fios pretos.

Jenni olhou para Tess, soltou um CAW, e deslizou sua cadeira para tão perto de Blair quanto podia.

— Não me pergunte como eu sei essas coisas, — disse Tess em voz áspera. — Só sei que elas são verdadeiras.

— Diga, — Simon disse, lutando para não fazer quaisquer alterações que aumentasse sua agressividade.

— *Cassandra de Sangue,* — disse Tess. — Profetisa de Sangue. Mil cortes. Aparentemente, alguém determinou que fosse quantos pudessem ser obtidos de uma dessas meninas. A distância entre os cortes tem que ser precisa. Muito próximas, e as profecias... São manchadas. Faça espaço demais na pele e é desperdiçado. Um corte preciso com uma lâmina muito afiada para produzir a euforia e as profecias. As meninas se tornam dependentes da euforia, se cortam para além de qualquer outra coisa. E isso é o que as mata no final. Sem supervisão, elas podem cortar muito profundamente ou pegar em uma veia e sangrar enquanto suas mentes estão dentro da euforia e das profecias. Ou elas podem cortar muito perto e as profecias ficarem mistas e deixá-las meio loucas. No entanto, isso acontece, e a maioria morre antes dos trinta e cinco anos de idade.

— Então elas ficam trancafiadas como uma gentileza? — Perguntou Henry, parecendo relutante.

— Você teria que perguntar a alguém que viveu nesse tipo de gaiola, — disse Tess. — Enquanto ela tenha alguma pele que possa ser cortada, Meg é um ativo valioso para alguém, uma fonte de riqueza em potencial. Como qualquer outro tipo de criatura, uma *Cassandra de Sangue* tem diferentes níveis de habilidade. Um corte simples, uma profecia valiosa, e mesmo isso ainda vale a pena algumas centenas de dólares. Uma pele sensível, combinada com a inteligência? Dependendo da parte do corpo que está sendo cortado para a profecia, você está falando de muitos lucros, uns mil dólares por corte, ou dez mil ou mais.

Blair deu um assobio. — Isso aumenta os riscos.

Simon olhou para as pessoas ao redor da mesa. Sim, isso elevava as apostas. Meg poderia valer milhares de dólares para o ser humano que a controlava.

O que é que ela vale para nós?

— Então a razão que você nos chamou aqui foi por causa da luta em potencial, permitir que Meg fique ou não, — disse Vlad.

Simon assentiu.

— Então Nyx e eu gostaríamos de acrescentar algumas informações que o resto de vocês precisa antes de tomar uma decisão. — Vlad olhou para Nyx, que assentiu. — Meg conheceu o avô Erebus.

Todos empurraram suas cadeiras.

— Ela foi entregar os pacotes, — Nyx disse, — e ela se afligiu porque uma das caixas não se encaixava. Tinha ficado no escritório por um tempo, e ela não a levou de volta, e não queria deixar na neve como a maneira de outros seres humanos teria feito. Então o avô lhe deu permissão para entrar nas câmaras e colocar a caixa na frente de sua porta. Acabou por ser a caixa de filmes antigos que ele estava esperando há um tempo...

— Ele decretou que o sangue doce poderia entrar nas câmaras para entregar os pacotes, que o Sanguinati não fará nada para prejudicar ou assustar o sangue doce, dentro das câmaras ou em qualquer outro lugar no Pátio, — disse Vlad.

— Sangue doce? — Disse Simon. — Será que ele sabe que ela é uma Cassandra de Sangue?

Vlad deu de ombros. — Isso importa? Há uma doçura sobre ela que o agrada, e ele deixou claro o que ele espera de sua gente, quanto o assunto é a Meg.

Simon não fez comentários. Meg tinha um certo apelo, mas *ele* não iria chamá-la de doce. Como um filhote de cachorro em alguns aspectos, que interessariam ao Lobos, mas definitivamente não doce.

Agora Julia e Jenni moveram suas cadeiras.

— Ela encontrou a menina no lago, — disse Julia.

Jester lamentou.

— Qual delas? — Perguntou Blair.

— Quem estaria patinando, usando nada além de um vestido de mangas curtas e sapatos brancos? — Julia respondeu.

— Inverno, — Simon respirou fundo. — Meg falou com Inverno?

— Os Falcões e Corvos foram alertados. Aparentemente a Elemental não queria compartilhar a conversa. Não sabemos o que foi dito, mas ela e a Meg conversaram por um tempo, e depois a Meg saiu.

Então pelo menos um dos Elementais também tinha interesse em Meg. E Inverno, se provocada, poderia ser uma cadela terrível mesmo para os *indigene da terra.*

Eles olharam um para o outro. Em seguida, todos se viraram para ele e ele balançou a cabeça.

— Meg permanece, — Simon disse em confirmação. — E vamos garantir que Meg e a polícia fiquem sabendo de que nós a consideramos uma de nós agora.

— Como você vai fazer isso? — Tess perguntou quando os fios pretos desapareceram de seu cabelo.

Simon pegou a navalha e o cartaz de PROCURADA. — Com uma ligeira mudança de endereço.

****

Meg não precisava ver o entregador de repente ficar tenso ao saber que Simon estava parado na porta privada. Quando o homem saiu, ela continuou a olhar para a rua em vez de olhar para o Lobo.

— Devo fechar o escritório? — Perguntou ela.

— O escritório está fechado a partir do meio-dia até duas horas, e é quase meio-dia, — disse Simon. — Então, sim, você deve fechar até você reabrir depois.

Agora ela virou-se para olhar para ele. — Eu posso ficar?

— Com algumas mudanças.

— Que tipo de mudanças?

— Feche o escritório, Meg. Então vamos conversar.

Ela fechou o escritório, vestiu o casaco e botas, em seguida, seguiu-o para fora da porta de trás, que fechou antes que ela pudesse puxar suas chaves.

Ele a levou até um carro estacionado perto da porta e a enfiou no banco do passageiro. Até o momento que ela entrou, ele estava ao volante e dirigiu para o Pátio.

Ela começou a se perguntar novamente o que ele tinha a dizer, mas ele estava franzindo a testa mais e mais. Em seguida, ele bateu com o pé nos freios, e o carro deslizou para o lado antes de parar.

Aqueles olhos de âmbar olhavam para ela. A carranca se aprofundou. — Como você foi ensinada sobre as coisas naquele lugar onde foi mantida?

Ela notou que ele não disse onde ela *morou*. Pelo menos ele entendia essa distinção. — Eles mostravam imagens. Às vezes, desenhos, às vezes fotografias. Nós assistíamos documentários e filmes como treinamento. Às vezes, cenas de filmes. Depois nos ensinaram a ler, e nos foi dada tarefas de leitura, ou um instrutor lia em voz alta. Às vezes líamos em voz alta, a fim de aprender a falar corretamente e pronunciar as palavras. — E havia coisas que tinham sido feitas por eles — para a experiência, — ou coisas que foram feitas com uma menina que foi utilizada, ou que era muito deficiente para ganhar seu sustento por meio do corte.

A carranca de Simon aprofundou um pouco mais. — Você pegou o carrinho no outro dia. Como você aprendeu a dirigir?

— Não é tão difícil, — ela murmurou. Depois acrescentou defensivamente, — Pelo menos eu não deslizei como você acabou de fazer.

Ele endireitou o carro e continuou pela estrada. — Você não foi ensinada a dirigir, você não foi ensinada a fazer nada a não ser falar as profecias?

— Você não fica dependente de seus guardas se você pode fazer por si mesma, — respondeu ela calmamente.

Os sons que ele estava fazendo eram terríveis e assustadores. Quando ele olhou para ela, ele parou os sons, mas no momento em que seus olhos se encontraram, ela viu um lampejo vermelho no âmbar.

— Para onde estamos indo? — Perguntou ela. Parecia que eles estavam indo para o Complexo Verde. Um minuto depois, ele parou em um estacionamento na rua em frente ao complexo.

— Este é estacionamento ou estacionamento temporário, — Simon disse saindo do carro. Quando ela se juntou a ele, ele apontou para uma pista que passava ao lado do edifício em forma de U. — Esse caminho leva às garagens e ao estacionamento residente. O ônibus que passa de manhã não vai levá-la ao trabalho a tempo, então nós podemos usar o carrinho do Liaison que você aprendeu a dirigir.

— Eu posso dirigir, — ela protestou. — Pelo menos daqui para frente.

Ele olhou para ela. — Você não pode pegar uma carona?

Ela não respondeu.

— Certo. Nós vamos dirigir para o trabalho juntos por alguns dias.

— Mas...

— Você não pode ficar no apartamento perto das lojas, Meg. Você fica muito vulnerável lá. Então se você vai ficar e continuar sendo nossa Liaison, você vai morar aqui.

— Aqui? Mas aqui é dentro do Pátio. Seres humanos não moram aqui.

— Você vai morar.

Havia uma finalidade no jeito como ele disse as palavras, a maneira como ele a pegou pelo braço e a levou do outro lado da estrada. Ela tinha visto uma parte do Complexo Verde quando Tess a trouxe para lavar suas roupas.

Fora de vista. Fora do alcance. Segura.

— Segundo andar, — ele disse e a levou até uma escada. A varanda tinha uma treliça em ambos os lados e ao longo de metade da frente. Ela adivinhou que iria fornecer sombra, abrigo e alguma privacidade no verão. E algum abrigo da neve agora.

Ele puxou um conjunto de chaves do bolso do casaco, abriu a porta e se afastou.

Ela pisou em um tapete de boas-vindas, tirou as botas, e as colocou em uma esteira ao lado da entrada. Então, ela olhou em volta.

A sala de estar era grande, de madeira natural em tons de terra. Havia alguns móveis. Não preenchiam o espaço, mas eram eficientes. Ela olhou para Simon. Ele estava perto da porta, com um olhar indecifrável no rosto. Hesitante, ela explorou.

Dois quartos. Um estava vazio; o outro tinha uma cama de casal e uma cômoda. O banheiro parecia modestamente limpo, e a cozinha tinha um ambiente agradável, arejado, incluindo uma sala de jantar. Também tinha uma porta que dava para uma passagem exterior e uma escada, que dava para outra porta externa, que era compartilhada com o apartamento ao lado dela.

— Aceitável? — Ele perguntou quando ela voltou para a sala de estar.

— Sim. Obrigada.

Ele virou a cabeça em direção a porta, ouvindo por um momento antes de concordar. — Algumas fêmeas irão ajudá-la a fazer sua limpeza humana. Vou levá-la de volta para o escritório em tempo para as entregas desta tarde.

Quando ele abriu a porta, ela ouviu Merri Lee e Jenni Crowgard falando quando eles apareceram nas escadas.

— Sr. Wolfgard? — Ela disse antes de sair pela porta. — Eu observei a movimentação da porta da cozinha. Quem vai morar no outro apartamento?

Ele lhe deu um longo olhar. — Eu vou.

Em seguida, ele se foi, e Merri Lee, Jenni, Allison Owlgard, e uma jovem que se apresentou como Heather Houghton foram acumulando alimentos e material de limpeza. No momento em que todos saíram para voltar aos seus postos de trabalho habituais, a única coisa que restou para ela fazer seria trazer suas roupas e as coisas que tinha adquirido.

Simon estava esperando na parte inferior das escadas. À medida que as mulheres passaram por ele, Jenni disse: — A Meg não queria lhe

perguntar, mas não há nenhuma televisão ou filme aqui. Ela poderia pegar a do pequeno apartamento?

Simon olhou para elas, depois para Meg. — Algo mais?

— Meg gosta de livros, — Merri Lee respondeu alegremente. — Se tiver uma estante no apartamento dos funcionários, você poderia trazer também.

— Eu não disse... Eu não estava pedindo... — Meg gaguejou.

Ele a pegou pelo braço e a levou para o carro. As outras mulheres entraram no outro carro ao lado dele, Merri Lee no assento do motorista, Heather ao lado dela, e Jenni e Allison entulhadas na parte de trás. Enquanto Simon observava.

Balançando a cabeça, ele abriu a porta do passageiro e, mais uma vez, colocou Meg dentro. Ficando no lado do motorista, ele disse, — Merri Lee não conduz melhor do que você.

— Eu dirijo muito bem, — Meg agarrou.

— Considerando que você não sabe como. — Ele saiu do estacionamento e dirigiu voando pela estrada a uma velocidade que não teria considerado.

Cruzando os braços, ela olhou pela janela lateral e murmurou, — Lobo Mau.

Sua única resposta foi cair na gargalhada.

****

Monty seguiu o homem chamado John pelas escadas e por um corredor, até a porta que tinha ESCRITÓRIO pintado em letras pretas e vidro fosco. John bateu, abriu a porta, e se retirou.

— Entre, Tenente — Simon disse, levantando-se da cadeira atrás da mesa de executivo feita de uma madeira escura.

Deu uma rápida olhada antes de dar ao Lobo sua atenção completa. Era um escritório típico, com telefone, computador, bandejas para documentos; um grande calendário que também servia como mata-borrão e uma proteção para a madeira. Havia armários de arquivamento

ao longo de uma parede, e uma falta de qualquer coisa pessoal, sem fotografias ou até mesmo cópias emolduradas, mas alguns homens preferiam um ambiente de trabalho austero, de modo que não era totalmente fora do comum. A única coisa no quarto que não era típico do escritório de um homem de negócios humano era a pilha de travesseiros e cobertores em um canto.

— Eu aprecio por você ter respondido tão prontamente, — disse Simon.

— Francamente, Sr. Wolfgard, estou surpreso que você solicitou minha presença. — Monty respondeu, e havia algo sobre aqueles olhos cor de âmbar. Eles estavam mais ferozes agora do que nesta manhã, se isso fosse possível.

— Eu conversei com os membros da Associação de negócios, e todos concordamos que, enquanto a mulher no cartaz tenha uma forte semelhança com a nossa Liaison, elas não são a mesma pessoa.

Monty abriu a boca para discordar, então percebeu que não havia nenhum ponto. Wolfgard sabia perfeitamente bem que Meg Corbyn era a mulher no cartaz de procurado.

— Além disso, — Simon continuou, — parece que a polícia não são os únicos que cometeram esse erro. Na madrugada de Watersday, alguém tentou arrombar os apartamentos dos funcionários que mantemos sobre a loja da costureira/alfaiate. Ele chegou até a quebrar a fechadura da porta e subiu as escadas antes de ser afugentado por Henry Beargard.

— Tem certeza de que era apenas um homem? — Perguntou Monty.

— Não poderia ter sido outro, mas Henry cheirou apenas um intruso.

Mesmo a forma de Wolfgard não mudando, ele não estava fazendo qualquer pretensão agora em passar por humano.

— Você não relatou a tentativa de arrombamento, — disse Monty, enfiando as mãos nos bolsos do sobretudo para esconder o tremor.

— Estou relatando agora. A fechadura quebrada não era razão suficiente para incomodar nossos amigos na polícia, mas se foi uma tentativa de levar nosso Liaison contra a sua vontade, então ela merece a atenção de todos. Temos, é claro, tomado precauções. Meg Corbyn é agora residente no Complexo Verde, onde o acesso seguro só é possível mediante acordo prévio. Eu moro lá. O mesmo acontece com Vladimir Sanguinati e Henry Beargard.

Mensagem entendida. Ninguém que tentasse alcançar Meg Corbyn quando ela estivesse dormindo ou vulnerável sobreviveria.

— Tenho certeza que a Senhorita Corbyn aprecia seu interesse em seu bem-estar, — disse Monty.

Simon soltou uma gargalhada. — Não o suficiente. — Então seu rosto assumiu aquele olhar feroz que era terrível de ver em uma face humana. — A lei humana não se aplica no Pátio, Tenente. Não importa o que vocês pensem, Meg Corbyn é nossa agora, e nós protegemos os nossos. Certifique-se de enviar essa mensagem de volta para quem fez o cartaz.

— Você sabe por que alguém está fazendo tanto esforço para encontrá-la?

— Isso não importa mais.

Tentou de outro ângulo. — Se os itens que foram roubados fossem devolvidos, eu acho que a Sra Corbyn não seria de interesse.

Lampejos de vermelho nos olhos de âmbar de Wolfgard. Quando ele falou, Monty achava que Simon não estava ciente da maneira como sua voz rosnava, — Meg é *nossa.*

Outra mensagem, e uma súbita suspeita de que ele poderia estar lidando com algo muito mais delicado e perigoso do que percebeu.

— Obrigado pelo seu tempo, Sr. Wolfgard. — Foi difícil de fazer, mas ele virou as costas para o lobo e saiu do escritório, fechando a porta atrás de si.

Ele ainda estava nas escadas quando ouviu o uivo no andar de cima.

Ele acenou para o jovem pálido que estava atrás do balcão e saiu da livraria, e notou como muitas pessoas que estavam andando na frente da loja olharam para cima e, em seguida, se dirigiram para o caixa.

Kowalski estava esperando por ele quando ele entrou no banco do passageiro do carro patrulha. Do outro lado do estacionamento parada na neve, havia uma van com o nome FALLACARO Lock & Key pintada nas laterais.

— Qualquer coisa? — Ele perguntou, enquanto ajustava o cinto de segurança.

Kowalski inclinou a cabeça na direção dos três homens em torno de uma porta de vidro. — Invasão na outra noite, fechadura quebrada. O intruso não foi longe o suficiente para entrar em qualquer um dos apartamentos e levar qualquer coisa. Chris Fallacaro atende aqui. Seu pai está semi-aposentado, e ele não tem nenhum preconceito contra os *Outros*, ou contrafazer essas chamadas de serviço em particular.

— Será que o Sr. Fallacaro trabalha em outras fechaduras residenciais no Courtyard?

Kowalski sacudiu a cabeça. — Ele está ensinando alguns *Outros* sobre a substituição de fechaduras, e eles têm sua própria máquina de corte de chave criada em seus Complexos Utilities. Eu tive a chance de falar com ele por um minuto antes dos *Outros* aparecerem. Ele diz que eles não discutem sobre um projeto, pagam em dinheiro, e exceto os sons que fazem para ver o que ele está fazendo, e quanto o cheiram - o que pode ser irritante porque eles percebem se ele esteve com sua namorada ou o que sua mãe serviu para o jantar na noite anterior - ele disse que não é nada difícil trabalhar com eles.

— Se ele pisasse errado, ou encontrasse o seu caminho em mãos erradas, aquele menino não sobreviveria um dia, — disse Monty.

— Oh, ele sabe disso, Tenente. É por isso que ele é muito cuidadoso sobre entregar todas as chaves. Ele vai para o Complexo ajudá-los a fazer conjuntos extras.

— Tudo certo. Vamos voltar para a estação. Parece que eu vou estragar a tarde do Capitão Burke.

****

Monty observou a expressão mais pedregosa de seu Capitão quando ele deu seu relatório.

— Você realmente acha que eles vão lutar sobre isso? — Perguntou Burke.

Monty assentiu. — Eles vão lutar.

Burke se recostou na cadeira. — Você tem alguma opinião sobre por que essa mulher é tão importante para eles, ou o que ela roubou?

— Por que levamos um gatinho de rua para nossa casa e o alimentamos? — Monty respondeu. — Pode ter sido nada mais complicado do que isso no começo, mas agora que alguém invadiu sua terra para chegar a Srta. Corbyn, os *Outros* estão muito mais interessados em mantê-la. — Ele fez uma pausa, incerto quanto a revelar sobre suas próprias suspeitas. — Algo que Simon Wolfgard me disse me deixou incomodado. Se a vítima do roubo sabia o que foi levado, e poderia nos dar o que equivale a uma identificação com foto para o cartaz de procurado, por que ele não poderia nos fornecer um nome? Se isso é algum tipo de roubo corporativo e Meg Corbyn era uma empregada, porque não disseram o nome?

— Você tem um ponto. O que pensa?

— E se ela não tem um nome? Ou é uma espécie de anonimato para sua própria proteção?

— Todo mundo tem um... — Burke lentamente sentou-se para frente.

— Pelo que eu entendo, esses compostos são bem guardados, como em qualquer Courtyard, e ninguém, incluindo os clientes que entram nestes lugares, sabe realmente o que se passa no interior.

Burke suspirou. — Estamos pisando em gelo fino, Tenente, e se qualquer parte do que você acabou de dizer implica em verdade, haverá muitas pessoas poderosas jogando pedras de uma ponte, tentando acertar o gelo fino debaixo dos seus pés e do meu. Deuses acima e abaixo,

se o nosso governo for visto como estando do lado errado desse argumento, e nosso prefeito, junto com o nosso governador idiota, que já nos colocou no lado errado, dando essa ordem para circular esse pôster…

Ele não terminou o pensamento. Ele não precisou. Finalmente, ele se levantou. — É melhor eu falar com o chefe e ver o que ele pode fazer sobre tirar os cartazes das ruas antes que alguém tente fazer uma prisão. O que você vai fazer?

— Falar com MacDonald e Debany quando eles chegarem do turno e verificar se eles estão conscientes do potencial conflito. E vou ver se posso confirmar ou negar as minhas suspeitas sobre o porquê de a Srta. Corbyn ser tão interessante para muitas pessoas.

Monty pendurou o casaco e fez uma xícara de chá verde. Depois se sentou na frente se seu computador e passou as próximas horas investigando o pouco que a polícia realmente sabia sobre a raça de seres humanos conhecidos como *Cassandra de Sangue.*



CAPÍTULO 8

TENTANDO SUA ABORDAGEM, Ásia dirigiu seu carro até a área de entrega do Gabinete do Liaison e estacionou de uma maneira que lhe garantia que o veículo iria ocupar mais espaço. Então ela pegou uma taça de plástico do suporte de copo e correu para o escritório. Ao ver Meg, hesitou na porta da sala marcada como particular, ampliou seu sorriso e caminhou até o balcão.

— Eu peguei um turno mais cedo e só tenho um minuto, — Ásia disse, soando um pouco sem fôlego. — Nós começamos com o pé errado no outro dia, e foi totalmente minha culpa. Eu fico muito entusiasmada, por vezes, e eu realmente queria me familiarizar porque eu não tenho muitos amigos e eu acho que você é alguém com quem eu poderia conversar, sabe? Enfim, isso é uma oferta de paz. — Ela colocou o copo para viagem no balcão na frente de Meg. — Eu não tinha certeza de como você toma seu café ou até mesmo se você bebe; então eu trouxe uma xícara de chocolate quente, nada pode dar errado com chocolate, eu sempre digo.

Ela mudou de posição, sua linguagem corporal era estranha, mas sincera. — De qualquer forma, eu espero que não tenha causado nenhum problema.

— Você não causou problemas, — disse Meg. — Eu aprecio o chocolate quente, e eu gostaria de conversar com você em algum momento, mas...

— Mas agora você tem trabalho e eu tenho trabalho. — Ásia olhou por cima do ombro quando uma buzina soou e os Corvos empoleiraram-se na parede de pedra. Ela revirou os olhos quando se virou para Meg. —

E eu estou no caminho desses caminhões de entrega e criando um bloqueio na estrada do comércio.

Meg sorriu. — Mais como um carrinho bloqueando um caminhão.

Ásia acenou e correu para seu carro, lançou um sorriso para o entregador que tirou o olhar azedo de seu rosto, e saiu do pátio. Quando olhou pelo espelho retrovisor antes de sair para o tráfego, ela notou dois corvos decolando.

Ponto; pensou Ásia. Deixe aqueles fofoqueiros pretos de penas dizer a todos que ela tinha parado no escritório. Meg Corbyn não tinha habilidades sociais e não podia mentir, nem com o corpo ou com as palavras. A *debilóide* tinha comprado a nova versão de Ásia Crane, e isso é tudo o que Ásia poderia começar hoje.

Uma xícara de café aqui, uma fatia de pizza lá, e ela se tornaria amiga de Meg, e ela não poderia dizer não. E então ela seria capaz de continuar com a sua tarefa e deixar seus apoiadores felizes.

****

Um arrepio passou por Monty quando ele entrou na sala de investigação da estação e viu o Capitão Burke distribuindo os cartazes de Meg Corbyn.

— Tenente? — Kowalski sussurrou atrás dele. — Talvez devêssemos nos sentar.

Burke entende o perigo. Por que ele iria...?

Monty olhou para os rostos dos outros homens quando eles olhavam para o cartaz e, em seguida, estudou o seu Capitão, e a sua reação a esta assembleia particular.

Quando todos estavam sentados, Burke deu o seu sorriso feroz.

— A maioria está aqui, — disse Burke. — E temos um crime de roubo. Vocês vão notar que não há menção de que foi roubado ou a identidade desta pessoa, apesar de uma indicação de que ela é, de fato, conhecida para a pessoa ou pessoas que relataram o roubo. Todas as cidades na metade oriental de Thaisia foram convidadas a estar atentas

na busca desta pessoa, e vamos fazer o nosso dever para com o governo e a nossa cidade, mantendo os olhos abertos.

— Mas, senhores, há algumas coisas que eu quero enfatizar. Em primeiro lugar, nada me leva a crer que esta pessoa esteja armada, ou seja, perigosa ou represente qualquer ameaça direta a nós ou aos cidadãos de Lakeside. Então, se alguém acreditar ter avistado esta mulher, usar força não é necessário para o contato inicial. Quero isso claro.

— Em segundo lugar, foi dito que cada pessoa tem um sósia que se parece muito com você, e pode ser confundido com você. Isso pode deixar as histórias interessantes, ou causar equívocos de identidade, a menos que o sósia more em um Pátio.

Mudanças repentinas nas cadeiras, tiques nervosos, tosses nervosas.

— Chegou ao meu conhecimento que alguém que mora na Lakeside Courtyard tem uma forte semelhança com esta mulher no cartaz. Eu confio que vocês entendem as consequências para esta cidade se tentarmos apreender a pessoa *errada*. O Tenente Montgomery e sua equipe estão atribuídos para lidar com quaisquer incidentes com os *Outros*, se os *indigenes da terra* estiverem no Pátio ou fora, entre nós na cidade. Se você vir alguém com os *Outros* que se pareça com a mulher no cartaz, ligue para o Tenente Montgomery. Se ele ou qualquer um de sua equipe pedir apoio ou assistência, o resto de vocês irá fornecê-la.

— O governador quer que esta suposta criminosa seja presa e a propriedade roubada devolvida ao seu legítimo proprietário. Ele deu as ordens para os prefeitos de todas as cidades e vilas da Região Nordeste. Esses prefeitos deram suas ordens para os delegados de polícia de suas cidades, que passaram essas ordens para os chefes de polícia, que passaram para os capitães, que estão como eu, passando para o resto de vocês.

Burke fez uma pausa e olhou para todos eles. Ele ainda estava sorrindo, mas seus olhos azuis brilhavam de raiva. — Então agora vocês

sabem o que o *Meritíssimo* quer que vocês façam. Espero que todos entendam o que *eu* quero que vocês façam.

Monty saiu sem dizer nada. Ele parou em sua mesa, tempo suficiente para pegar o casaco, em seguida, deixou a estação. Kowalski o pegou no carro de patrulha.

— Onde, Tenente? — Kowalski perguntou quando ligou o carro.

Monty soltou sua respiração em um suspiro. Burke tinha andado na corda bamba verbal para advertir os homens de um conflito em potencial com os *Outros*. Ele esperava que sua própria fala fosse tão bem-sucedida. — *Howling Boas Leituras*.

Kowalski afastou da estação. — Eu não acho que HBL esteja aberta tão cedo, mas a cafeteria *Bite* deve estar aberta agora.

Monty olhou para o outro homem antes de olhar para fora da janela do passageiro. — Karl, café em casa é uma coisa, mas não podemos aceitar sanduíches e bolos todas as manhãs. E MacDonald e Debany não devem aceitar sopas gratuitas todas as tardes.

Um sorriso rápido. — Eu não acho que o Oficial Debany esteja parando para uma sopa.

— Oh? — Ele pensou na mulher humana que trabalhava para Tess e compreendeu o interesse de Debany. — No entanto, esta generosidade constante poderia ser mal interpretada, e poderia ser a indicação de que não queremos pagar.

— A última vez que ele se ofereceu para pagar a comida, a proprietária pareceu insultada, e, francamente, Tenente, eu tenho muito mais medo dela do que dos outros.

Tess. Definitivamente não era alguém que ele queria insultar. — Tudo certo. Mas... Nada de excessos. — Monty suspirou novamente. — Além disso, se eu continuar comendo como agora, vou ter que encontrar uma academia.

Kowalski prestava uma quantidade excessiva de atenção nas estradas. — Ruthie tem falado sobre entrar para uma academia ou centro de fitness, especificamente, a *Run & Thump*, já que é o lugar mais próximo do apartamento onde estamos nos mudando. Todos os moradores e

funcionários do Courtyard podem usar a R & T, mas também existem algumas associações abertas para os seres humanos que não trabalham para eles.

— Isto pode não ser o melhor momento para tal associação, — disse Monty. — Se alguma coisa der errado...

— Eu sei, mas Ruthie pensa que dar aos *Outros* uma exposição positiva dos seres humanos pode nos ajudar em longo prazo. Ela vai até a HBL o tempo todo e diz que nunca se sentiu ameaçada. Se ela é educada, os *Outros* são educados.

— Ajudar quem? A polícia?

— Ajudar a todos nós. Não é a exposição mútua a razão de Simon Wolfgard abrir algumas lojas para os seres humanos?

Talvez, pensou Monty. Depois de alguns dias em contato com os *Outros,* ele não achava que Wolfgard queria amizade com humanos mais do que um Lobo queria ser amigo de veados, mas como ter uma melhor compreensão de sua presa, o que era útil por várias razões.

— Basta ter cuidado, incluindo você, — disse Monty.

— Conte com isso.

Quando chegaram ao pátio, HBL ainda estava fechada com uma placa na porta, mas a *Bite* estava aberta. Kowalski parou no estacionamento.

— Espere aqui. — Monty estendeu a mão para a maçaneta da porta, depois parou. Algo sobre a maneira que Burke tinha redigido as coisas ao falar sobre o Courtyard. Algo sobre a maneira como os homens de repente ficaram inquietos.

Ele sentou-se. — Karl? Existe algo que deveria aparecer naquele monte de pedras no parque?

— Não havia um lugar específico para procurar uma identificação quando um corpo desaparecia até Daphne Wolfgard ser assassinada há dois anos. — Kowalski olhava para frente. — Não aconteceu desde que o Capitão Burke assumiu como capitão de patrulha na estação de Chestnut Street, mas houve momentos no passado, quando um oficial foi dado como desaparecido e o carro de patrulha abandonado e um crachá

manchado de sangue eram as únicas coisas que foram achadas. Há algumas especulações de que o chefe e o capitão terem uma... Compreensão... Porque se o Capitão Burke quer que *alguém seja* transferido para fora da estação de Chestnut Street, essa pessoa terá desaparecido no dia seguinte, sem argumentos ou perguntas. — Hesitação. — Há um ditado entre os oficiais: é melhor ser transferido do que ser um desaparecido.

— O bônus de risco por estar nesta equipe vale a pena o risco? — Perguntou Monty.

— Tenente, se as coisas realmente derem errado entre nós e os Outros, nenhuma quantidade de pagamento vai valer a pena o risco. Mas não há qualquer lugar em Lakeside que *seja* seguro, então talvez tomar esses riscos é o que faça a diferença para todos.

Já que Kowalski não parecia inclinado em adicionar qualquer outra coisa, Monty saiu do carro e entrou na *Bite*.

Tess estava atrás do balcão. O sorriso que ela lhe deu o fez sentir como se alguém tivesse cortado as suas costas, deixando-o fraco e tremulo.

— Tenente. O café é doce; os bolos são de ontem. Todo mundo parece estar tendo um início lento esta manhã.

— O café seria apreciado, — Monty respondeu. — Mas eu parei para ver se eu poderia ter uma palavra com o Sr. Wolfgard. Notei que a HBL não está aberta ainda, então eu queria saber se você poderia encontrar uma maneira de entrar em contato com ele.

— Motivo?

— A discussão que tivemos ontem. Fios pretos de repente apareceram no cabelo castanho de Tess, e ele começou a enrolar.

— Por este caminho. — Sua voz, que tinha sido quente antes, agora era brutalmente fria.

Ele a seguiu até a porta da estrutura que separava as duas lojas. Ela abriu a porta, entrou na HBL, e disse: — Vladimir, o Tenente Montgomery quer uma palavra. — Virando-se para Monty, ela acrescentou: — Os membros da Associação Empresarial sabem tudo

sobre sua discussão. Simon não está disponível agora, então você pode conversar com Vlad.

Ela caminhou de volta para sua loja e fechou a porta, deixando-o com um dos Sanguinati.

O sorriso de Vladimir era tão brutalmente escarnado quanto à voz de Tess tinha sido um momento antes. Levou toda a coragem que Monty pode reunir para abordar o display de agendas que o vampiro estava reorganizando.

Ele não queria dizer aos Outros nada sobre Meg Corbyn que já não soubessem, mas não dizer o suficiente poderia levar a um abate. E talvez, *talvez,* um pouco de informação poderia persuadir o *indigene da terra* a permitir que os seres humanos lidassem com os seres humanos.

— Eu queria que o Sr. Wolfgard estivesse ciente de que o cartaz que eu mostrei a ele ontem foi distribuído em todas as delegacias de polícia em Lakeside, e em todas as delegacias de polícia em toda a parte oriental da Thaisia, na verdade.

— Isso é significativo?

Vlad parecia estar fazendo um esforço para mostrar um interesse educado, mas Monty se perguntou quanto tempo levaria para que *petisco* alcançasse o Pátio mais distante na costa leste e o que isso significaria para a polícia nessas outras cidades. — Eu também queria torná-lo consciente de alguns detalhes que me deparei ao verificar as informações sobre o cartaz. — Ele fez uma pausa para considerar suas palavras. — Há um pequeno segmento da população humana que é considerada em risco. Suas mortes são causadas por ferimentos auto infligidos, então uma lei humana foi criada para permitir que outra pessoa tome conta deles, como uma *propriedade benevolente,* para tal indivíduo.

— Não seria essa *propriedade benevolente* chamada de escravidão se ela forçar qualquer outro tipo de ser humano? — Vlad perguntou, agora parecendo um pouco confuso. Antes que Monty pudesse responder, o vampiro continuou. — E sobre o segmento da sua população que escolhe suicídio por Lobo? Como defensor do seu povo, você sabe que acontece. Será que o seu direito de insistir nesta *propriedade benevolente*

para eles leva em consideração aqueles que se jogam na frente de uma matilha?

Suicídio por Lobo. A frase gelou Monty e o vampiro notou.

— Não, — disse Monty. — A nossa lei não tem nenhuma disposição para isso. — Ele não pensou em explicar sobre as enfermarias mentais e os hospitais da cidade ser uma boa idéia, já que ele não tinha certeza que Vlad entenderia a diferença de cuidar e a propriedade benevolente.

Vlad parecia mais e mais friamente encantado. — Há sempre o mais forte e o mais fraco, os líderes e os seguidores. Não se força o mais fraco entre vós a aceitar as migalhas que são deixadas quando o mais forte come sua comida? Não vestem os trapos desgastados em vez de roupas quentes? Mais fortes e mais fracos existem em qualquer grupo, mas você decidiu claramente que alguns *tipos* de seres humanos são mais importantes do que outros. Alguns tipos de seres humanos são humanos e outros tipos são... Propriedades? É assim que funciona? Eu não sabia que vocês *macacos* tinha tal selvageria em vocês. Em seguida, vocês comerão o seu tipo mais fraco a fim de mantê-los fortes e saudáveis.

— Não.

Monty sabia que o olhar que Vlad lhe deu assombraria seus sonhos nos próximos anos.

— Quanto tempo chegará essa última atitude se não houver nenhum outro alimento? — Vlad perguntou suavemente.

Por um momento, Monty não conseguia respirar. Essa era uma ameaça real? Cortar os alimentos como um experimento de canibalismo ou era apenas os peculiares trabalhos intelectuais de uma mente *indegene da terra*?

— Há alguma coisa que você queria dizer a Simon? — Perguntou Vlad.

Esta, pelo menos, era uma informação que ele poderia dizer. — Sim. Existe uma preocupação de que, com tantos policiais procurando o indivíduo nesse cartaz, possa acontecer algum erro de identificação.

— Você está se referindo a essa pessoa que tem um aspecto semelhante à nosso Liaison?

Monty assentiu. — Eu gostaria de ser informado sempre que a Sra. Corbyn deixar o pátio. Os meus homens e eu não iremos interferir com ela, mas eu me sentiria mais confortável em estar presente. Para evitar quaisquer mal-entendidos.

— Essa é uma excelente sugestão, Tenente Montgomery. — Vlad sorriu. — Mal-entendidos saíram caros no passado.

Pensando na Cidade Afogada, Monty estremeceu. — Sim, Sr. Sanguinati, eles saíram. — Quando o silêncio foi a única resposta, Monty deu um passo para trás. — Vou deixá-lo com o seu trabalho. Eu aprecio que você arrume um tempo para falar comigo.

Vlad deu um passo à frente e estendeu a mão. — A qualquer hora, Tenente.

Não se atrevendo a ofender, Monty pegou a mão do vampiro e instantaneamente sentiu um formigamento que se foi em um momento posterior. E nesse mesmo momento, sentiu a estranha sensação de que o aperto forte de Vlad era menos substancial.

— Você pode sair pela *Bite*, — disse Vlad, soltando a mão de Monty e voltando sua atenção para o display de livros.

Feliz em sair, Monty foi até a porta, quando estendeu a mão para abri-la, ele percebeu as alfinetadas de sangue na palma da mão.

Ele oscilou quando a compreensão foi substituída pela perplexidade. Ele não se atreveu a virar-se e olhar para o vampiro.

Quanto sangue Vlad tinha tirado dele nos poucos segundos em que suas mãos tinham se tocado? Era uma alimentação, um aviso ou uma ameaça?

Ele correu para a cafeteria e voltou para a porta, querendo escapar. Mas a voz de Tess o parou ao dizer: — Não se esqueça de seu café, — fazendo-o voltar atrás.

Os fios pretos tinham desaparecido, mas o cabelo ainda estava estranhamente encaracolado.

Ela entregou-lhe alguns guardanapos de papel e sorriu.

Levou um grande esforço para não correr, mas ele saiu da *Bite* e juntou-se a Kowalski, que estava encostado no carro de patrulha, observando os telhados dos edifícios.

— Eles com certeza estão mantendo uma estreita vigilância, — Kowalski disse enquanto Monty lhe entregava um dos cafés. — Uma dúzia de corvos e um par de falcões vieram e foram enquanto você estava lá dentro. Está tudo bem, Tenente?

— Vamos entrar no carro, — Monty respondeu.

Quando eles estavam dentro e parcialmente protegidos dos observadores de penas, Monty afastou os guardanapos de sua mão.

— Deuses acima e abaixo, — disse Kowalski, assobiando suavemente. — O que aconteceu?

— Eu apertei as mãos de Vladimir Sanguinati.

— Por quê?

— Não tinha uma boa alternativa, e considerando a conversa com ele, não parecia inteligente insultá-lo.

Kowalski empalideceu. — Eles podem tirar sangue apenas tocando?

— Pelo visto sim. Você tinha mencionado que havia alguma evidência de que eles poderiam tomar sangue sem morder uma pessoa. Parece que acabou de ser dada uma demonstração de que esse método é correto.

Monty levou o copo aos lábios, depois o abaixou sem beber. — Vamos sair daqui, Karl. Eu preciso comer algo, e preciso ficar longe do Courtyard por um tempo.

Kowalski colocou o copo em um suporte e saiu do estacionamento.

Sinais de alerta em todos os lugares, pensou Monty. O prefeito queria que o criminoso perigoso fosse capturado e a propriedade roubada devolvida ao seu legítimo proprietário. Exceto que a propriedade não era uma *coisa*; era uma pessoa. Meg Corbyn havia roubado seu próprio corpo, tinha fugido de alguém — *propriedade benevolente*.

Considerando o que uma *Cassandra de sangue* podia fazer, quanto era benevolência e quanto era lucro?

Monty fechou os olhos, deixando Kowalski escolher o lugar para uma refeição rápida.

Agora que Vladimir Sanguinati tinha colocado o pensamento sobre a mesa, Monty não tinha certeza de que, neste caso, *a benevolência* não era outra palavra para escravidão. Ele também não tinha certeza se deixar uma profetisa de sangue sozinha não era uma forma passiva de assassinato.

Mas, ele *estava* certo de que qualquer intervenção no que dissesse respeito à Meg Corbyn, e seu vício em cortes, teriam que vir de Simon Wolfgard agora, e não ele.

****

O telefone tocou quando Meg estava puxando um casaco. — Olá?

— Meg? É Jester. Ouça, o velho Furacão está indo com os outros pôneis. Ele está aposentado agora, por isso está morando em Lakeside, mas seria bom para ele se sentir útil; você poderia dar-lhe algumas entregas para Owlgard ou Pony Barn?

— Certo. Como vou saber qual deles?

— Juba e cauda branca e um manto cinza com um toque de azul. Você não vai confundi-lo com qualquer um dos outros.

— Tenho que ir, — Meg disse quando ouviu o coro de relinchos.

Ela abriu a porta de entrega e, em seguida, olhou.

Havia doze pôneis esperando por ela. Meg não reconheceu quatro deles, mas ela descobriu qual era o Furacão com base na descrição que Jester lhe deu. Em vez de formar sua fila de costume, os pôneis estavam brigando pela primeira posição na porta, empurrando e se aglomerando até que Trovão bateu com uma pata.

A *explosão* sacudiu o prédio e Meg teve que agarrar a porta de entrada para manter o equilíbrio.

Ela olhou para o pônei. *Oh, ele não podia ter...*

De repente, uma voz gritou: — Pelas bençãos de Thaisia! O que está acontecendo?

Ela nunca tinha ouvido aquela voz antes, mas estava disposta a apostar que foi Elliot Wolfgard gritando de uma janela no consulado.

No silêncio absoluto que se seguiu, ela ouviu uma janela se fechar.

— Você vai me causar problemas, — disse a Trovão em um sussurro alto.

O pônei não estava olhando para ela, o que confirmou que ele foi o responsável por esse trovão.

— Agora, — ela disse com firmeza. — os entregadores de Lakeside são pôneis bem educados. Qualquer um que não pode se comportar terá que ir para casa.

Ela não podia realmente fazê-los voltar para o celeiro se eles não tivessem boas maneiras, mas ela apenas ficou na porta da sala de triagem. Os pôneis olharam para ela como se estivesse tentando decidir se ela estava blefando. Em seguida, eles se ordenaram em uma fila reta, com o Trovão na sua primeira posição habitual.

— Obrigada. — Uma vertiginosamente triunfante Meg foi até a mesa e pegou as pilhas de entregas para cestas do Trovão. Com cada pônei em fila, ela encheu os cestos de Relâmpago, Tornado, Terremoto e Névoa. Voltando para a mesa para pegar os últimos três lotes, ela se perguntou sobre os nomes dos pôneis. Se Trovão poderia fazer muito som batendo as patas, o que poderia fazer Tornado e Terremoto se eles brigassem?

Ela não podia pensar nisso. Assim como ela *não iria* pensar em ter lobos e vampiros morando no mesmo complexo de apartamentos que ela morava, ou por que se sentia mais segura estar ao redor deles, do que dos seres humanos que moravam no composto.

Assim como ela não iria admitir que se sentia curiosa sobre a forma do Lobo. Ela não tinha uma imagem de um *indigene da terra* Lobo, apenas imagens do animal. Até mesmo seu Controlador, com todo o dinheiro que ele adquiriu a partir do uso de sua propriedade, não foi capaz de comprar uma fotografia de um Lobo para usar como referência.

Sacudindo esses pensamentos, Meg pegou a tigela e estendeu dois pedaços de cenoura para Trovão.

Ele olhou para ela, olhou para as cenouras, e sacudiu a cabeça.

— Cenouras, — disse Meg. — Você gostava de cenouras na semana passada.

Outra vibração da cabeça. Trovão levantou um casco, olhou para o consulado, e colocou o casco para baixo com cuidado.

Meg estudou os pôneis e sentiu seu estômago vibrar. *Ah, não.*

Recuando e se tornando consciente do quão frio o quarto estava porque ela estava com a porta aberta por muito tempo, ela voltou para a sala, pegou o calendário e um marcador, em seguida, mostrou para os pôneis.

— Olhem. Ela fez uma grande A em Moonsday, depois virou o calendário ao redor para os pôneis verem. Não que ela pensou que eles pudessem ler, mas eles pareciam entender as palavras. — Tivemos torrões de açúcar em Moonsday, como um tratamento especial. Nós não teremos torrões de açúcar novamente como deleite até a *próxima* Moonsday, que é aqui. — Ela fez outro A no calendário. — *Hoje* nós temos as cenouras.

Ela colocou o calendário e marcador para baixo, pegou a tigela, e voltou para a porta. — Cenouras hoje. — Ela estendeu dois pedaços de cenoura.

Conseguindo transmitir decepção e resignação, Trovão comeu seus pedaços de cenoura e saiu para entregar seu correio.

Todos os pôneis comeram suas cenouras, incluindo os que apareceram hoje que devem ter aparecido porque esperavam o açúcar.

Meg fechou a porta do lado de fora, verificou a sala da frente para garantir que nenhum caminhão de entrega encostou, em seguida, entrou na sala para fazer uma xícara de chá de hortelã. Se eles teriam uma discussão assim todos os dias, ela iria colocar suas botas e ficar do lado de dentro de agora em diante. Pelo menos assim ela poderia se aquecer depois.

****

Simon desligou o telefone do escritório e sentou-se em sua cadeira. Este foi o terceiro líder em Oeste Coast Courtyard que ligou esta manhã, perguntando se tinha havido quaisquer ataques peculiares no território do Lakeside Courtyard.

Algo novo tinha encontrado o seu caminho entre os seres humanos. Algo que foi absorvido pelos *indigenes da terra* quando comeram a carne. Os seres humanos estavam ficando mais violentos e agressivos, e não apenas entre sua própria espécie. Eles estavam *atacando* alguns dos *Outros*; estavam atacando principalmente os Corvos, atacando-os em ambas as formas, por matilhas de seres humanos agressivos, e que não tinham instintos de sobrevivência. Os predadores dominantes nesses Pátios tinham retirado os *macacos,* em seguida, começaram a lutar entre si, logo após consumir a carne.

Então era preocupante que lobos e ursos e gatos estivessem de repente passivos, que não podiam nem se defender contra um ataque de um bando de seres humanos.

Os bodywalkers - os curadores entre os *indigenes da terra* - não encontraram nenhuma evidência de veneno ou drogas, mas *algo* estava fazendo os seres humanos se comportar estranhamente e também estavam afetando os *Outros.*

Muitos seres humanos nas grandes cidades tomavam drogas, que além de danificar suas vidas, modificavam o gosto da carne. Mas nenhum dos incidentes relatados foi nas grandes cidades. Este novo perigo estava acontecendo em aldeias agrícolas de pequeno porte ou centros industriais, onde moravam algumas centenas de cidadãos. Os tipos de lugares onde os *Outros* tinham o mínimo de contato com os seres humanos e não saberia que poderia haver razões para não comer uma matança.

Os tipos de lugares que, se os *Outros* se sentissem ameaçados e decidissem eliminar os seres humanos, os números de mortos seriam trágicos na televisão ou nos jornais, mas, na verdade não seria mais que uma inconveniência. Outro grupo de seres humanos seria selecionado para trabalhar nas fazendas ou executar as máquinas, iriam esfregar o

sangue e se mudar para as casas, se os *Outros* não chegassem lá primeiro e simplesmente recuperassem a terra e propriedades para si próprios.

Os seres humanos não entendiam que eles eram dispensáveis? Os *indigenes da terra* eram tão antigos como o mundo, tão antigos como a terra e os mares. Eles aprenderam com os verdadeiros predadores, e se tornaram *mais* do que os predadores. Sempre se adaptando, sempre mudando quando Namid mudava. *Eles* viveriam para sempre.

Os *indigenes da terra* em Thaisia não precisavam tanto dos seres humanos para ter as coisas materiais que queriam. Se os *macacos* se tornassem uma ameaça real, eles não teriam mais nada a oferecer para tornar sua presença suportável. Se esse dia chegasse, os seres humanos seguiriam o mesmo caminho que as outras criaturas antes deles, e se tornariam uma carne extinta.

****

Meg não se surpreendeu quando Jester apareceu uma hora depois que os pôneis saíram. Ela arrumou uma pilha de correspondência que tinha feito triagem e estendeu a bandeja. — Pegue uma cenoura.

Jester inclinou-se sobre a bacia, inalou, então se inclinou para trás. — Prefiro carne.

— Dê um bom exemplo, — Meg rosnou. — Coma uma cenoura.

Jester deu um passo para trás e olhou para ela. — Você está soando como um Lobo. Houve algum problema com os pôneis, esta manhã?

Meg colocou a bacia na mesa. — Só que eles não conseguiram os torrões de açúcar hoje, mas o açúcar é um tratamento especial e não é algo que devem comer todos os dias, por isso hoje eu dei as cenouras, e Trovão... Trovejou... O que irritou Elliot Wolfgard, que enviou algumas Corujas para me lembrarem que o consulado lidava com governo humano e não deveria ser constrangido por travessuras do Pátio.

Ela não tinha percebido o quanto da reprimenda a tinha perturbado. Afinal, ela não tinha feito nada para merecer isso.

Não. Ela não estava chateada. Ela estava *brava.*

Era bom estar brava. Parecia revigorante ser capaz de sentir as emoções sem medo de punição. Parecia *viva.*

Ela olhou para Jester.

— Você deu açúcar para os pôneis? — Perguntou.

— E daí? Um pouco de açúcar não vai prejudicá-los.

— Não. Claro que não. — Ele deu mais um passo para longe da mesa. — Eu dobro o meu rabo entre as pernas, mas é muito desconfortável quando estou usando calças, e eu acho que ambos preferimos que eu permaneça vestido.

Ela pegou a bacia e a estendeu. — Coma uma cenoura em vez disso. Ela não vai te machucar também.

Suspirando, ele pegou um pedaço de cenoura e a mordiscou. — Haverá açúcar de novo?

O calendário agora estava ao lado do leitor de música. Ela o ergueu e bateu no grande A — Moonsday é dia de açúcar.

— Certo. Vou explicar isso a eles.

Sua raiva desinflou. — Eu não estou chateada com você, Jester. É só que eu quero fazer um bom trabalho. Eu realmente quero fazer. Mas eu ainda nem completei uma semana, e continuo recebendo reprimendas.

Sorrindo, Jester colocou o polegar e o indicador juntos. — Um pouco de dificuldade, que é amplamente compensada pelo entretenimento que você está oferecendo.

— Muito obrigada. — Ela hesitou. Ela não sabia muito sobre qualquer coisa, mas ela queria saber o que fazer com o tempo em suas mãos. — Jester? Quando eles terminavam o seu trabalho, o que faziam os outros Liaisons enquanto esperavam as entregas?

Ele olhou ao redor da sala. — Você entregou todas as entregas e pacotes antigos?

— Sim.

Ele parecia um pouco confuso. — Eu não sei, Meg. Eu não lembro de ter visto esta sala tão limpa. Talvez... Ler livros?

— Há outra coisa que eu poderia fazer para ser útil?

— O que você quer fazer?

Boa pergunta. Uma que merecia algum pensamento.

— Sua sugestão sobre leitura é uma boa. Vou começar com isso. — Ela poderia estudar qualquer coisa que quisesse, podia ler sobre um assunto do começo ao fim, se ela quisesse. Ela poderia aprender como fazer as coisas em vez de ter uma cabeça cheia de imagens desconexas.

— Bom, — disse Jester. — Bem. Vou falar com os pôneis. A partir de agora, eles vão ficar felizes com o seu tratamento.

Então ele se foi, saindo da porta tão rápido que ela quase se perguntou se ele esteve lá mesmo.

Meg sacudiu a cabeça. Ela não tinha certeza se os seres humanos poderiam, ou deveriam entender como os *Outros* pensavam. Mas a sugestão de Jester era boa, por isso, durante a sua pausa para o almoço, ela iria pegar um livro para estudar, um livro para ler e se divertir, e refletir sobre o que mais ela poderia fazer para ganhar seu sustento.

Em seguida, ocorreu-lhe que se os *Outros* não tinham sugestões sobre o que fazer com seu tempo, ela poderia ajustar o seu trabalho para incluir tudo o que *ela* queria. Ela já não tinha feito isso ao fazer as entregas?

Colocando um disco de música no leitor, Meg encheu a sala com uma melodia animada e voltou para a classificação.

****

Ao ouvir o barulho de pneus atrás dele, Simon foi para o lado da estrada. Mas o sedan preto e brilhante desacelerou para manter o ritmo dele, e a janela traseira rolou.

— Quer uma carona para casa? — Perguntou Elliot.

Simon balançou a cabeça. — Preciso caminhar.

— Pare o carro, — disse Elliot ao seu condutor.

Simon esperou por Elliot trocar os sapatos de couro caros pelas botas práticas e sair do carro. O sedan foi embora, deixando os dois Lobos caminhando em direção ao Complexo Verde.

— Qual o problema? — Perguntou Elliot. — A sua Liaison causou outro problema? Um por dia não é o suficiente?

— Poderia ter sido pior, — Simon respondeu dando um rosnado baixo sob as palavras. — Pelo menos Trovão expressou sua opinião. E se ele não estivesse se mostrando ou tentando assustá-la, ou o que fosse que ele estava tentando fazer, sua patada não teria feito isso.

— E se tivesse sido Furacão ou Terremoto expressando uma opinião em torno de tantos edifícios?

— Mas não foi. — Se tivesse sido, ele teria uma conversa desagradável com a menina no lago, uma vez que os pôneis eram corcéis dos Elementais. Em vez disso ele teria uma conversa desconcertante com Jester. O Coyote adorava saber que Meg era capaz de puxar a cauda de Elliot com tão pouco esforço, mas Jester também era cauteloso com a Liaison de cabelos estranhos. Ela não se comportava como outros seres humanos, de modo que nenhum dos *Outros* tinha certeza de como lidar com ela, o que deixava a coisa mais interessante e frustrante quando seus caminhos eram cruzados.

— Há problemas nos Pátios ocidentais, — disse Simon enquanto caminhavam; comentou com Elliot sobre os telefonemas, os ataques e as mortes. — Vou selecionar alguns líderes de Courtyard para nos reunir na Região Centro Oeste para discutir esta nova ameaça.

Elliot fez uma careta. — Esta... Doença é contagiosa?

Simon balançou a cabeça. — Não é uma doença. Ela desaparece como uma droga em poucas horas. Há *algum* tipo de impureza escorrendo em pequenos assentamentos humanos, e os nossos bodywalkers não conseguem encontrar a fonte de qualquer um deles.

— Você irá representar a Região Nordeste?

— Se for convocada uma reunião, eu vou ser o único dos Pátios nesta parte de Thaisia a ir nesse encontro.

Um breve silêncio desconfortável. Em seguida, Elliot disse: — E sobre Sam? Vou cuidar dele, você sabe disso, mas eu não posso mantê-lo em uma gaiola.

— A gaiola é para proteção dele. — Um argumento. Em seu terror e dor depois de ver sua mãe morta, Sam tinha ficado em um frenesi de comportamento autodestrutivo e nenhuma quantidade de disciplina da matilha conseguiu impedir. Após a segunda vez que o filhote tinha chegado muito perto de se matar, Simon o colocou na gaiola, com a intenção dele se acalmar, assim o filhote permaneceu. Mas pelo tempo que deixou Sam confinado, o filhote tinha decidido que a gaiola era o *único* lugar seguro, e fazê-lo sair, mesmo que por alguns minutos, tinha se tornado uma batalha diária.

Tanto quanto Elliot amava Sam e ainda lamentava a perda de Daphne, era uma batalha que o Lobo mais velho se recusou a suportar. E a visão de Sam em uma gaiola perturbava todos no complexo Wolfgard, especialmente os outros filhotes.

— Henry vai cuidar dele. Ou Vlad.

— Quanto tempo você vai ficar fora?

— Alguns dias. Talvez uma semana. — Ele não queria considerar o que poderia acontecer em uma semana, ou quem poderia não estar no Pátio quando ele voltasse. — Tente manter a calma com Meg, tudo bem? Ela é a primeira Liaison que tivemos em um longo tempo que realmente faz o trabalho, e isso inclui as entregas nas Câmaras.

Elliot parecia desconfortável com a lembrança de que Erebus Sanguinati aprovava a sua nova Liaison. — Bem, eu posso dizer uma coisa dela, ela é o primeiro *macaco* que causou uma confusão a poucos metros dos edifícios, mas que entrega o correio do consulado pessoalmente para que eu receba a correspondência em tempo hábil.

Tendo estabelecido seus pontos, eles terminaram a caminhada para o Complexo Verde em um silêncio fácil. O sedan preto estava esperando no estacionamento dos visitantes.

Elliot abriu a porta, então parou. — A propósito, o prefeito ligou para reclamar sobre uma ladra perigosa e sobre um rumor de que ela

poderia estar escondida no Pátio, mesmo posando como a nossa Liaison, e é de vital importância que a propriedade que foi roubada seja devolvida ao seu proprietário.

Simon se contraiu. Ele deveria contar a Elliot sobre Meg? A decisão da Associação Empresarial foi de não contar a ninguém que Meg era um Profetisa de Sangue, e que tinham levado uma ameaça de Tess em obter a mesma promessa de Jenni Crowgard em não compartilhar essa informação com ninguém, incluindo os outros Corvos. Mas talvez saber ajudasse Elliot a lidar com os macacos que batiam em seu ouvido?

— O que você disse a ele? — Simon perguntou, sabendo que sua hesitação tinha dado a Elliot um indício de que ele tinha mantinha informações sobre a sua nova Liaison, além de sua capacidade de organizar o correio e entregar os pacotes.

Elliot mostrou os dentes em um sorriso. — Eu disse a ele que a nossa nova Liaison não tinha a espinha dorsal para ser perigosa ou a inteligência para ser uma ladra bem-sucedida.

— Isso vai ajudar. — Não era um elogio para Meg, mas era o tipo de resposta que o governo humano poderia achar útil. Então algo lhe ocorreu. — Como é que o prefeito sabe que Meg se parece com a mulher no cartaz de procurada? Apenas um punhado de policiais a viu, e os entregadores não teriam nenhuma razão para saber sobre o cartaz.

— O prefeito disse que recebeu uma denúncia anônima, — disse Elliot.

— Masculina ou feminina?

— Ele não disse.

Como é que a Ásia Crane teria visto um desses cartazes? Ela não estava acima de causar mal para a pessoa que tinha o trabalho que ela afirmou que queria. Ou era outra pessoa? Alguém que pode obter informações de um policial. Ou alguém que trabalhava para os Outros e que tinha ganhado algum grau de confiança.

Outra coisa que iria discutir com Henry, Vlad e Tess, especialmente se ele tivesse que ir para essa reunião.

Simon observou Elliot ir para o Complexo Wolfgard antes de atravessar a estrada e ir para seu apartamento. Saudou Sam logo que Simon abriu a porta da gaiola e pegou o filhote.

Ignorando os gemidos, ele arrastou Sam para fora da gaiola e o levou para fora. Como de costume, assim que as patas de Sam tocaram o chão, ele tentou sair correndo para o apartamento.

Rosnando, Simon voltou-se para pegá-lo. Colocá-lo em uma maldita gaiola o rasgava por dentro, tanto como Elliot, mas o que eles deveriam fazer? Deixar o filhote morrer?

O que você vai fazer se ele começar a crescer novamente, se alguma vez ele amadurecer como um lobo e ainda precisar de uma gaiola?

Ele tinha dado um par de passos com o filhote quando Sam deslizou até parar e se dirigiu para longe de sua porta, farejando o chão com um interesse que ele não tinha mostrado por muito tempo.

Intrigado, Simon se juntou ao filhote e se abaixou para ver se ele poderia pegar o cheiro que Sam achou tão interessante.

Meg.

Quando ele se endireitou, viu que ela se aproximava, e estava passando pela área de estacionamento atrás do complexo. Ela estava carregando alguns sacos em ambas as mãos, e estava tendo dificuldade em carregá-los.

De uma forma ou de outra, ele garantiria que ela tivesse mais exercícios, mesmo que ele tivesse que persegui-la como um coelho.

— Meg, — disse ele, balançando a cabeça.

— Sr. Wolfgard.

Chamá-lo de Sr. Wolfgard estava se tornando um tapa eficaz em seu rosto, e ele não gostava disso. Se ela continuasse a fazê-lo, pensar nela como um coelho de duas pernas ia acabar tendo mais e mais apelo.

Então ela olhou para baixo, sorriu e disse: — Olá. Quem é você?

Foi quando ele se lembrou do filhote, que estava meio escondido entre as suas pernas.

Sam deu-lhe seu uivo estridente como saudação.

Quando jovens, os Lobos *indigenes da terra* não eram muito diferentes dos lobos. À medida que iam maturando, as diferenças em tamanho e formato ficavam aparentes.

— Este é o Sam, — disse Simon. Ele não ofereceu uma explicação de quem era o Sam. Meg não pareceu notar.

— Olá, Sam.

O filhote resmungou e uivou em tons de conversação. Ainda seguro entre as pernas de Simon, ele foi à frente para farejar Meg, em seguida, saltou para trás para se esconder. Em todo esse tempo, o corpo de Sam tremia e sua cauda batia contra a perna de Simon.

Ela não cheira como uma presa, Simon pensou. *Ela também não cheirava como o tipo de seres humanos que haviam destruído o mundo de Sam. Meg era algo novo, e seu cheiro fez o filhote esquecer que ele estava com medo de estar do lado de fora.*

Não era interessante?

— Você precisa de ajuda para subir as escadas? — Perguntou Simon.

— Não, obrigada. As escadas estão sem neve, então eu vou ficar bem. Além disso, esta é a minha segunda viagem. Boa noite, Sr. Wolfgard. Tchau, Sam.

Ele a observou subir as escadas antes que levasse o filhote para a área que estava usando como banheiro. Os residentes eram tolerantes porque era Sam e porque estava frio, e porque os falcões e as corujas não se opunham ao fato que os ratos e os camundongos eram atraídos pelas fezes. Mas mais cedo ou mais tarde ele teria que limpar todo o cocô.

Assim que o filhote tinha feito o seu negócio, Sam fez uma corrida até as escadas que levavam ao apartamento de Meg. Simon o pegou a meio caminho e o levou para dentro de seu próprio lugar.

— Não, — ele disse com firmeza. — Eu não acho que ela queira brincar esta noite.

Ele podia imaginar, muito claramente, os dois brincando com Meg na neve.

— Vamos. Vou dar-lhe uma boa escovada. As meninas gostam de um lobo bem penteado.

Meg fazendo essa escovação, os dedos profundamente em seu pelo.

Era melhor não pensar *nesse tipo* de imagem.

Sam permaneceu bastante calmo depois de uma boa escovação e sobre ficar do lado de fora da gaiola. Enquanto Simon dava a limpeza, ele se aventurou até a porta da frente e farejou a entrada.

Foi fácil descobrir qual perfume o filhote estava procurando.

E isso não era interessante?



CAPÍTULO 9

MEG ESTAVA LAVANDO UNS FRASCOS quando alguém bateu na porta da sua cozinha. Suas mãos tremiam quando ela colocou o frasco sobre a mesa, e seu coração saltou em sua garganta. Alguém a tinha encontrado, mas ela não conseguia se mover, não foi capaz de correr para a porta da frente e fugir.

Em seguida, o baque foi repetido, seguido por um rosnado — Abra, Meg!

O alívio a deixou tonta. Ninguém a encontrou, exceto o Lobo irritado cujo apartamento dava acesso ao corredor em comum e a escada de entrada.

— Só um minuto! — Chaves. Ela precisava...

Uma chave girou na fechadura, mas a porta ainda estava fechada pelo ferrolho deslizante. Essa resistência foi seguida por um grunhido que a fez estremecer quando ela correu para a porta e deslizou o ferrolho para abrir a porta.

Simon explodiu em sua cozinha, agarrou-a, e antes que ela pudesse se soltar, ele a arrastou, em seguida passou pela porta, que já estava aberta, de seu apartamento.

Ela lutou e era uma necessidade instintiva de escapar de um homem irritado, até que ele se virou para ela, seus dentes estavam tão perto da ponta do seu nariz, que ela se perguntou se ele tiraria uma camada de pele.

— Eu não tenho tempo para brincar. — Seu grunhido retumbou sob as palavras quando ele a puxou através de uma sala vazia por um corredor, descendo as escadas, até a cozinha dele. — Eu tenho que ir

embora e vou ficar fora por alguns dias, e eu preciso que você cuide do Sam.

Sensação de alfinetes e agulhas encheu seus braços e mãos logo que ele disse essas palavras, mas ela não se atreveu a esfregar sua pele e chamar a atenção para si mesma.

— Por que você está indo embora? Onde você está indo? — Não era só curiosidade ou preocupação que a fez perguntar. Simon ainda tinha a navalha. Ela tinha cerrado os dentes por uma hora ontem à noite, enquanto um desejo parecia comer o seu caminho através de seu peito e barriga. Não sabia como o cheiro de sangue poderia viajar e afetar a natureza predatória de seus vizinhos, especialmente o vampiro, o Grizzly e o Lobo, mas ela tinha conseguido resistir a usar uma faca de cozinha para simular um pequeno corte. Mas ela não ia ser capaz de resistir por muito mais tempo.

— Isso não lhe diz respeito, — disse Simon. — Basta fazer o seu trabalho até eu voltar, e você vai ficar bem. — Ele abriu um armário baixo, puxou para fora um saco de comida de cachorro seca, e colocou um pouco em uma tigela. — Essa é a comida de Sam. Coloque de manhã e na hora do jantar. E coloque água junto da comida.

Cambaleando pela responsabilidade que ele tinha jogado nela, Meg disse, — Mas eu não sei nada sobre como cuidar de um filhote de cachorro!

— Basta dar-lhe comida e água duas vezes por dia. — Simon repetiu quando ele empurrou um conjunto de chaves na mão dela. — São as chaves deste apartamento. Se você tiver alguma dúvida, pergunte a Vlad ou Henry.

Meg correu atrás dele quando ele caminhou até a porta da frente e pegou uma pasta. — Sr. Wolfgard!

Ele se virou e olhou para ela. O formigamento sob a sua pele se transformou em um zumbido áspero que enfraqueceu suas pernas, bem como seus braços.

Algo ruim aconteceu. Algo muito ruim.

— Que tal levar o Sam lá fora? — Ela perguntou, forçando sua voz e corpo para imitar a calma, uma habilidade que tinha aprendido por necessidade. Não importava o que os *Aqueles Com Nome* tinham dito sobre agir profissionalmente, e mesmo quando as tocavam *clinicamente* quando manuseavam os corpos femininos, quando as meninas lutavam contra ser amarradas para o corte, alguns deles faziam... *Coisas*... Após o corte e a profecia, a fim de aliviar sua própria resposta ao sofrimento das meninas. E, contanto que nenhuma pele utilizável fosse danificada, o Controlador escolhia *fingir* que não via o que o seu povo estava fazendo. Afinal, algumas experiências reais davam detalhes mais ricos para as visões, especialmente as visões mais *escuras.*

Para a sua surpresa e alívio, Simon respondeu com calma.

Ele balançou sua cabeça. — Se Sam ficar longe de você, ele pode se machucar antes que você possa alcançá-lo. Ele vai ter que fazer o seu negócio na gaiola. Vou limpá-la quando eu voltar.

Todo o apartamento iria feder a cocô se a gaiola não fosse limpa por alguns dias.

Uma buzina tocou.

Simon pegou sua pasta.

— Sr. Wolfgard. — Quando ele olhou para ela novamente, ela ergueu o queixo. — Você tem algo que me pertence.

Ele não fez nada além de endireitar-se e encará-la, mas ela sentiu a ameaça subjacente. Qualquer um que olhasse para ele agora saberia que ele não era humano. Por causa disso, ela tinha certeza que já foi o tempo em que não podia se dar ao luxo de recuar. Se o fizesse, algo nele a forçaria a permanecer submissa.

— Você não precisa dela, — disse ele.

— Isso não é para você decidir. Mas você está certo, eu não preciso. Uma faca de cozinha pode fazer o mesmo, mas erros acontecem mais frequentemente quando a lâmina não tem um peso familiar e a borda mais afiada.

Não era um blefe. A maioria das meninas que usavam algum outro tipo de borda afiada quando elas não poderiam ter em suas mãos

a navalha adequada, podia acabar em ruínas, de uma forma ou de outra, se não acabassem mortas.

Ele olhou para ela, cintilações vermelhas em seus olhos. Então ele mostrou os dentes, e ela observou incrédula, enquanto seus caninos se alongaram, e depois voltaram para o tamanho *quase* humano.

O Lobo estava definitivamente muito perto da superfície esta manhã.

Sem dizer nada, ele enfiou a mão no bolso da calça, tirou a navalha de prata e entregou a ela.

Alguém de fora tocou novamente a buzina.

Simon agarrou sua pasta e saiu pela porta da frente, sem se preocupar em fechá-la.

Meg saiu correndo atrás dele e o observou entrar em uma pequena van. Ela não conseguia ver quem estava dirigindo, mas parecia que havia outras pessoas no banco de trás.

Quando a van partiu, ela lembrou que lá fora estava frio. Mas quando se virou para voltar para dentro, uma feroz necessidade de corte caiu sobre ela. Lembrou-se da euforia que produzia uma vibração passando por sua pélvis, uma deliciosa força da excitação.

Um corte para uma boa causa. Alguma coisa ruim tinha acontecido. Algo que estava levando Simon para longe do pátio. Um corte poderia dizer-lhe o motivo.

Meg entrou, fechou a porta, e depois se inclinou contra ela quando abriu a navalha.

Uma corte poderia ajudar Simon e se livrar desse terrível zumbido sob sua pele. Mas, sem nenhuma idéia do por que ele a deixou, no que devia se concentrar? Profecias poderiam ser muito generalizadas, se a *Cassandra de Sangue* não se focasse em alguém ou em alguma coisa específica. Mesmo uma fotografia não era normalmente o suficiente, porque a profecia poderia ser sobre a pessoa que *tirou* a foto, não a pessoa *na* foto. Era por isso que os clientes do Controlador tinham que estar na mesma sala que a Profetisa, a fim de orientar suas visões sobre a pessoa certa.

Quando levantou o braço esquerdo e estudou a pele em seu antebraço e mão, ela ouviu um gemido. Ela entrou na sala e estudou o filhote na gaiola. Ele estava encolhido no canto de trás, parecendo assustado.

Uma Profetisa precisava de alguém para ouvir a profecia, precisava falar as palavras, a fim de sentir a euforia de um corte. Engolir as palavras e suportar a dor; foi como ela se lembrava das visões que lhe mostraram como escapar.

Ela seria corajosa o suficiente para sofrer assim de novo?

Simon tinha ido embora, mas ainda havia alguém que poderia ouvi-la. Exceto que o filhote não seria capaz de dizer a ela o que foi dito, e ela não iria se lembrar o suficiente depois do corte para ser útil, seria apenas para algum alívio físico.

CAW CAW CAW

Meg se sacudiu ao som dos Corvos. Deuses! Acima e abaixo! Ela ia se atrasar para o trabalho!

Perturbada, ela fechou a navalha e enfiou-a no bolso. Ela pegou o prato de comida de cachorro que Simon havia deixado na cozinha e o colocou na gaiola. Em seguida, ela trancou a porta da frente e saiu correndo pelas escadas do corredor, indo em direção de sua cozinha, e abriu a porta. Havia fatias de carne bovina e frascos de picles no frigorífico. Ela retornaria durante seu horário de almoço para ver como Sam estava, e guardaria tudo corretamente.

Um último olhar ao redor para se certificar que tudo estava ligado ou desligado como deveria ser. Então ela pegou seu casaco e o saco de maçãs para os pôneis, enfiou os pés em suas botas, e trancou a porta. Correndo escada abaixo, ela correu para a garagem onde estava o seu carrinho.

Não foi até que ela estava dirigindo na direção do escritório do Liaison que ela percebeu que Simon não tinha dito a ela o que fazer se o cachorro Lobo mudasse para um menino.

****

Simon esperou até que chegassem ao Complexo Utilities antes de virar a cabeça e olhar para Nathan Wolfgard e Marie Hawkgard, que estavam sentados na parte de trás da van. — Vocês vão a algum lugar?

— Eles vão com você, — Blair grunhiu, desacelerando no portão do Complexo Utilities.

O Lobo aguardando no portão o abriu apenas o suficiente para permitir que a van saísse. Ele acenou para Simon, que assentiu em troca.

Blair voltou para o tráfego, ainda rosnando. — O trem não vai esperar por você, e não temos tempo a perder com todos estes *macacos* na estrada. Por que eles estão na estrada?

— Eles estão indo para o trabalho, — Simon respondeu. Olhando para Nathan e Marie, ele acrescentou: — Eu não preciso de companhia.

— Eles não são sua companhia, — rebateu Blair. — Eles são guardas. Você é o líder do Lakeside Courtyard. Você não viaja sozinho. Especialmente agora. Os seres humanos podem ver um lobo sozinho no trem, eles podem ficar estúpidos e matá-lo. Você se lembra do que aconteceu da última vez que um *indigene da terra* foi cercado em um trem?

Foi em um trem em uma viagem do Leste para o oeste de Thaisia. Durante três meses, qualquer trem que viajasse pelo continente era atingido por um tornado na mesma linha onde o Falcão foi morto pelos humanos.

Três meses de corpos e de mercadorias rasgadas e jogadas ao longo dos trilhos. Em seguida, os Elementais, tendo feito o seu ponto, voltaram ao seu modo habitual de interagir com o mundo.

— Eu me lembro, — disse Simon.

Blair assentiu. — É por isso que os executores de Wolfgard e Hawkgard estão indo com você. Também avisei na estação de trem que você viajaria no trem sentido oeste, esta manhã, e pedi ao Henry para ligar para o policial para ele deixar algumas de suas pessoas na estação.

— Supõe-se ser uma reunião tranquila de líderes para falar sobre o que aconteceu em Jerzy ontem.

— Quando você sair do trem na estação de Midwest, você vai sair das terras dos *indigenes da terra.* Até então... — Blair olhou para ele. — Simon, não há nada de óbvio, mas você não pode passar por humano hoje. Os trabalhadores da polícia e do trem precisam manter sua espécie sob controle porque os seres humanos não podem se dar ao luxo de causar outro problema.

Os seres humanos nesta parte do Thaisia podem não ter ouvido a notícia, no entanto, uma vez que ouvissem, eles ficariam em choque, com raiva e pânico. Não seria um bom momento para um *indigene da terra* estar entre eles, uma caça maciça. Mas os *Outros* também estavam cheios de raiva. Um movimento errado da parte dos seres humanos agora, e um monte de suas aldeias, povoados ou até mesmo as grandes cidades poderiam desaparecer.

— E Sam? — Perguntou Blair.

— Meg vai cuidar dele.

— Meg? — Blair tirou os olhos da estrada para olhar para Simon um momento muito longo, e quase bateu no carro na frente dele. — Por quê?

— Porque ela é a primeira coisa em dois anos que o deixou curioso suficiente para esquecer que ele tem medo de estar do lado de fora.

Um gemido suave de Nathan.

— O que Elliot disse? — Perguntou Blair.

— Eu não disse a ele.

Blair parecia pensativo. Em seguida, ele assentiu. — Quando ele descobrir, eu vou lidar com isso.

— Quero que os corvos fiquem de olho no escritório, — disse Simon. — Diga a Vlad e a Henry para manterem um olho em Meg. Ela não teve muito contato com outros *indigenes da terra,* não tem o perfume de *presa* e isso pode causar confusão. — *Em alguém além de mim,* ele acrescentou silenciosamente. Apesar de que saber que o cheiro dela era causado por ela ser uma *Cassandra de sangue* aliviou um pouco a confusão dentro dele. Ela ainda era um quebra-cabeça, mas era algo interessante para explorar.

— Jester teve mais contato com ela, — disse Blair. — Ele a acha divertido, mas ele também é cauteloso com ela.

<*Se alguém pegar algum perfume de sangue de Meg, por mais fraco que seja, eu quero que Vlad ou Henry saibam disso,*> Simon disse a Blair. Se ele não pudesse impedi-la de se cortar, ele queria saber o que ela faria cada vez que fizesse isso.

Blair assentiu.

Eles dirigiram o resto do caminho até a estação de trem em silêncio. Os pensamentos de Simon estavam cheios de Sam e Meg. Ele lamentou não estar lá para vê-los, mas talvez fosse melhor assim. Eles teriam que descobrir como lidar um com o outro por conta própria.

Quando eles pararam dentro do estacionamento da Estação de Trem, Simon notou o carro da polícia quando saiu da van, deixando Nathan recuperar a sua pasta na parte de trás. O Tenente Montgomery saiu do carro.

— Temos que ir ou vamos perder o trem, — disse Nathan.

Simon acenou para Montgomery, em seguida, entrou na estação, seguido por Nathan e Marie.

Quando ele embarcou no trem, ele e seus guardas tinham a metade traseira do trem de passageiros só para eles. Um condutor bloqueou o corredor depois que eles tomaram seus assentos, orientando os seres humanos que não tinha encontrado outro lugar, para ficarem do meio até a frente do trem.

Olhares nervosos. Um zumbido de sussurros quando o trem começou a se mover. E um guarda da segurança ferroviária ficou na entrada para garantir que não haveria nenhum problema.

Nathan estava sentado alguns assentos na frente de Simon. Marie alguns assentos atrás dele, no lado oposto do corredor. Eles, juntamente com o guarda humano, ficariam de guarda.

Nada que pudesse fazer no momento. A droga nova, ou a doença que estava tocando os seres humanos e outros similares, estava se tornando mais do que uma preocupação. O que tinha acontecido no Jerzy poderia iniciar uma guerra. Os líderes *indigenes da Terra* precisavam

atender, precisavam falar, precisavam decidir o que deveria ser feito. Os seres humanos tinham armas que poderiam desafiar as garras e as presas. Eles tinham armas e bombas que poderiam matar os shifters e até mesmo os Sanguinati quando estavam em forma humana, eles poderiam morrer antes que pudessem se deslocar para a fumaça. Mas nada poderia parar os Elementais, que era algo que os humanos tendiam a esquecer até que fosse tarde demais. E essa era uma das razões pelas quais os *indigenes da terra* detinham os metais e os combustíveis, e os seres humanos tinham os materiais necessários para criar suas armas. O resultado de uma guerra não mudaria, então por que shifters teriam que morrer antes que os *macacos* fossem extintos? Além disso, matar todos os seres humanos de uma só vez era um desperdício de carne.

Simon fechou os olhos. Nada que pudesse fazer no momento. Blair ficaria no Courtyard e manteria um olho em Sam e Meg. Quanto aos seres humanos, ele teria que confiar no Tenente Montgomery para manter a paz até que ele voltasse.

****

— Oh, isso não é bom, — Meg murmurou quando viu o sedan preto passar em marcha lenta ao lado do Gabinete do Liaison, e ficou incapaz de se mover para frente por causa de todos os caminhões de entrega que estavam no caminho.

Estacionou seu carrinho de qualquer jeito, esperando que ninguém precisasse tirar outro veículo das garagens, e saiu correndo para o escritório. Ela tinha que pegar algumas dessas entregas antes que Elliot Wolfgard cuspisse uma bola de pelo.

Será que os lobos têm bolas de pêlo? Como ela poderia saber dessas coisas?

Balançando a cabeça, ela tirou as botas, correu para a sala de triagem... E parou. A sala privada estava totalmente aberta, e ela pode ver isso de onde estava na frente do balcão. O Falcão que ela conheceu no outro dia estava de pé atrás do balcão, com os braços cruzados, e sua

postura agressiva. Ele olhou para alguém que ela não conseguiu ver e disse: — Basta escrever as palavras que a Meg vai querer e deixar as caixas.

Um dos Corvos de pé no balcão crocitou ao visitante, em seguida, caminhou até o recipiente cheio de canetas, levantou uma e, segurando-a em seu bico, voltou. Ele bateu com a ponta da caneta sobre o balcão, em seguida, ergueu-a como se fosse oferecer a alguém, que, obviamente, não a pegou, porque a caneta foi deixada novamente no balcão.

Apressando-se, Meg enfiou a cabeça na sala da frente e olhou para o entregador.

— Oi, Dan. Desculpe, estou atrasada. Dormi e não coloquei o alarme. Apenas me dê um segundo para pendurar meu casaco e eu estarei com você.

Ela não tinha percebido o quão nervoso ele estava por estar sozinho com os *Outros* até que viu o alívio no rosto dele. Ela não tinha pensado que os falcões e os corvos fossem tão perigosos, mas talvez ele soubesse mais sobre eles do que ela.

— Oh, tudo bem, Senhorita Meg. Acontece com todos nós.

O corvo bateu a caneta sobre o balcão e segurou-a novamente.

Meg deu um sorriso para o Falcão em forma humana e para o Corvo. — E vocês dois abriram o escritório? Isso é ótimo! Obrigada. Volto já para você, Dan.

— Eu sei o que você precisa que eu faça.

E ele não esperou por ela.

Quando ela voltou para a sala de triagem, o viu cautelosamente pegar a caneta do Corvo. No momento que ela tirou o casaco e as botas; Dan já estava lá fora, conversando com outros entregadores, e Harry estava abrindo a porta, fazendo malabarismos com sua entrega em um braço.

— Bom dia, Harry, — disse Meg. Será que ela se lembrou de escovar o cabelo? Depois do confronto com Simon esta manhã, ela tinha tirado a sua rotina matinal de sua mente. Ela tocou um lado de sua cabeça.

— Bom dia, Miss Meg. — Harry olhou para a mão dela e sorriu. — Vejo que você tem um par de ajudantes hoje. Você pode levar o seu tempo para resolver suas coisas. Nós vamos ajeitar tudo.

O Corvo pegou a caneta em cima do balcão e a levantou.

Tomando a palavra de Harry, Meg se retirou para o banheiro e se olhou no espelho. Seu cabelo não estava todo despenteado, mas tinha sido esmagado por sua boina. Ela passou um pente no cabelo, e decidiu que ficou bom o quanto pode, e voltou para o balcão.

O último entregador estava escrevendo sua informação sob o olhar atento do Corvo. Ele olhou para Meg e sorriu. — Logo no dia que você chega atrasada, é o dia que todos nós temos entregas em Courtyard como a nossa primeira parada.

— Bem, todos cuidaram disso, e eu agradeço, — Meg respondeu, enquanto observava o sedan preto sair da Main Street.

— O Beargard disse para ajudá-la hoje, Meg. — disse o Falcão.

— Oh. — O Corvo estava se entretendo puxando as canetas para fora do recipiente e organizando-as em cima do balcão, mas o que ela deveria fazer com o Falcão? E quanto tempo eles esperavam que fosse continuar — *essa* — ajuda hoje?

Já que ele estava em sua forma humana, havia uma coisa que o Falcão poderia fazer.

— Eu não tive tempo para tomar meu café da manhã, — disse Meg. — Poderia ir à *Bite* e pedir a Tess um café? Diga-lhe que é para mim, e ela vai saber o que pegar. E lhe pergunte se a HBL têm quaisquer cópias do jornal de Lakeside.

O Falcão olhou para ela. — O Lorne faz o jornal. Ele está ali. — Ele apontou na direção dos três Ps.

— Não o boletim do Courtyard. Eu gostaria de um exemplar do jornal que os seres humanos podem ler.

— Porque você iria querer aquilo?

O Corvo olhou para cima de sua arrumação das canetas para olhar para ela também.

Claramente, estar *muito* interessada em algo das atividades humanas era um comportamento suspeito aqui, mesmo se a pessoa fosse uma humana. Mas, alguma coisa ruim tinha acontecido e algo aconteceu para que Simon saísse com pressa. Talvez ela pudesse descobrir o que era sem se cortar.

— Como Liaison, eu deveria estar ciente do que está acontecendo na parte humana da cidade, — disse Meg, escolhendo as palavras com cuidado. — E eu posso verificar os anúncios das lojas e fazer uma lista de coisas que possam interessar a qualquer *indigene da terra*.

Depois de um momento, o Falcão assentiu e saiu. Meg sorriu para o Corvo e trouxe o carrinho de pacotes para a sala de triagem.

Alguns eram pequenos o suficiente para serem levados nas cestas. Outros ela iria colocar no carrinho para as entregas, junto com sua entrega pessoal.

O Falcão retornou com um grande café, um jornal, e um pequeno saco. Ele colocou os itens em uma extremidade da mesa de classificação.

— HBL recebe esses jornais, — disse ele. — Tess vai dizer para Vlad que você quer um agora. Trouxe comida, e não há nenhum rato, a Merri Lee disse que você não gosta desse tipo de carne.

Graças aos deuses por Merri Lee. — Obrigado. — Quando ele olhou para ela, ela acrescentou, — Eu não preciso mais de ajuda nesse momento.

Ele se virou e entrou na outra sala. Meg estava levando o seu café quando o viu caminhando para frente da porta, totalmente nu. Ele passou por ela, saltou por cima do balcão, em seguida, estendeu um braço para o Corvo, que hesitou, mas pulou em seu braço. Os dois saíram do escritório. O Corvo se juntou aos seus amigos na parede que separava a área de entrega e o quintal de Henry. O Falcão ficou à vista para qualquer pessoa que passava na rua, por tempo suficiente para Meg explicar a causa de todos os acidentes de carro quando a polícia ligava. Em seguida, ele mudou e voou.

Meg colocou todas as canetas de volta no suporte, e entrou na sala de triagem. Não havia nada a fazer até que o caminhão do correio

chegasse; então, ela comeu o seu café da manhã e deu uma olhada no jornal *Lakeside Notícias,* da primeira à última página. Ela encontrou algumas coisas que ela achava que poderia ser interessante para os *Outros*, mas ela ia perguntar para Tess ou Vlad antes de fazer qualquer coisa.

O que ela não encontrou foi qualquer tipo de notícia que explicaria por que Simon a havia deixado com tanta pressa naquela manhã.

****

Monty hesitou na porta do escritório do Capitão Burke. Algo sobre a forma como o homem estava sentado atrás da mesa lhe deu a forte impressão de que não queria ser incomodado, e mais uma emergência não seria tolerada. Entretanto, quando Monty deu um passo para trás, Burke disse: — Entre, Tenente, e feche a porta.

Ele fechou a porta e se aproximou da mesa.

— Alguma coisa em sua mente? — Perguntou Burke. Ele parecia subjugado.

— Simon Wolfgard e outros dois *indigenes da terra* pegaram um trem no sentido oeste esta manhã, — disse Monty. — Henry Beargard me ligou com esta informação e sugeriu que um carro patrulha ficasse na estação para assegurar um bom comportamento por parte dos seres humanos. Kowalski me disse que isso é incomum, pois os *Outros* viajam de trem o tempo todo e a presença da polícia não é solicitada. — Ele estudou Burke. — Isso significa alguma coisa, não é?

— Isso significa que Simon Wolfgard sabe mais sobre o que está acontecendo no Oeste do que nós, — Burke respondeu. Ele suspirou. — Muito provavelmente, as versões dos jornais e da televisão são uma versão diluída para evitar a evasão do Oeste para outras partes de Thaisia.

Monty estremeceu. — Senhor?

— Nos povoados que têm menos de um milhar de pessoas, os *Outros* não têm um Pátio. Eles não precisam de um, porque não há nada

que delimite uma área dentro ou fora desses lugares, exceto as estradas que atravessam as terras dos *indigenes da terra*. Mas os *Outros* têm geralmente uma casa na beira da vila, um lugar para a entrega do correio e pacotes para ser entregues, e onde eles vivem têm eletricidade e telefone, eles desfrutam da tecnologia que nós desenvolvemos. Os *gards* se revezam usando a casa e cuidam dela, bem como lidam com as entregas do correio e os pacotes.

— Na noite passada, em Jerzy, uma aldeia agrícola que fornece cerca de um quarto dos alimentos para uma das maiores cidades da Costa Oeste... — Burke parou e ficou olhando para frente por um longo momento. — Bem, nós realmente não sabemos o que aconteceu, mas alguns jovens tolos pularam alguma cerca e descobriram onde os corvos estavam reunidos para uma noite de cinema. Eles invadiram a casa, e atacaram os *Outros.* Um dos Corvos conseguiu alcançar o telefone e pedir ajuda, e um par deles fugiu e alertaram o resto dos *indigenes da terra*. Os policiais que responderam ao chamado foram filmados pelos invasores, juntamente com vários Corvos. Isso ficou muito claro. Depois disso... Os *Outros* pegaram alguns atacantes e os mataram, e os comeram bem no meio da rua. E então, depois disso eles ficaram loucos. Algumas pessoas na aldeia, em vez de ficarem em suas casas, pegaram as armas, e foi uma luta.

Burke juntou suas mãos e as colocou sobre a mesa. — No momento que os reforços policiais de outros povoados chegaram à vila, a luta já tinha acabado e os *Outros* tinham desaparecido em sua própria terra. Não sabemos quantos *indigenes da terra* morreram nessa luta, mas um terço das pessoas em Jerzy está morta. Nós sabemos que os humanos começaram, então os sobreviventes são sortudos por que os *Outros* geralmente não deixam ninguém vivo.

A voz de Burke tinha subido para algo próximo a um rugido zangado.

Com o canto do olho, Monty viu homens dando uma parada para olhar, antes de se afastarem para longe.

— Como você ficou sabendo sobre isso, senhor? — Perguntou Monty.

Burke mudou e seu rosto assumiu um tom cinza doentio. — Um dos policiais que responderam ao chamado é o filho de um amigo meu. Os *Outros* encontraram Roger e o levaram para a clínica; eles salvaram a vida dele, outros três policiais não conseguiram. Então, Roger foi o único que sabia ao certo o que aconteceu até receber um tiro. Meu amigo me ligou esta manhã, para me contar sobre Roger e me avisar sobre algo que Roger tinha ouvido antes de desmaiar. — Ele se empurrou de sua mesa e levantou. — Vou falar isso com o meu chefe, para outros Capitães, e para todos os líderes de equipe dessa estação. O chefe vai decidir quem mais precisa saber.

— Sobre o ataque?

Burke sacudiu a cabeça. — Sobre algo que está estimulando esse comportamento agressivo. Um dos atacantes estava se gabando de parecer — *'mais que um lobo'* e como eles se tornariam o inimigo, a fim de derrotá-los.

— Deuses! Acima e abaixo, — Monty sussurrou.

— Então se você ouvir quaisquer sussurros sobre seres humanos parecerem "*mais que um lobo"* ou sobre alguma coisa na rua que estimule essa agressão, eu quero saber. Entendido?

— Sim, senhor. — Ele hesitou, sem saber o que mais poderia perguntar. — E quanto ao resto do povoado em Hamlet? O que vai acontecer com eles?

— Os *Outros* permitiram que uma ambulância entrasse e levasse Roger para um hospital na cidade. Eles permitiram isso porque ele respondeu ao chamado quando os Corvos pediram ajuda. Em seguida, eles colocaram barricadas nas estradas. Agora não há uma única maneira de sair de Jerzy, não para qualquer humano, e neste momento não está claro se as pessoas iriam sobreviver se tentassem sair. Mas uma coisa já aconteceu na cidade, o fornecimento foi interrompido por Jerzy.

— Rações, — disse Monty e se lembrou de um inverno, quando era criança, em que sua mãe só estava fazendo sopas e ele ficou tão

irritado quando ele e seus irmãos tentavam pegar um segundo pedaço de pão. Naquela primavera, ele e seu pai e irmãos tinham cavado um pedaço do seu quintal, o jardim de sua mãe, onde ela tinha enterrado latas em conserva para os tempos difíceis, e nunca ia ao açougue ou ao supermercado sem o seu caderno de ração.

— Rações, — Burke concordou. — E você pode apostar *que isso* vai ser notícia em todas as cidades ao longo de Thaisia, mesmo que o motivo não seja esse. Isso é tudo, Tenente, a menos que você tenha algo a acrescentar.

— Não senhor, nada.

Quando Monty voltou para sua mesa para verificar suas mensagens, ele se lembrou das palavras de Vladimir Sanguinati.

Em seguida, vocês comerão o seu tipo mais fraco a fim de mantê-los fortes e saudáveis.

Ele afundou em sua cadeira, pois suas pernas tremiam. Alguém estava *tentando* provocar uma guerra entre os humanos e os *Outros*? Alguém achava que os seres humanos poderiam ganhar?

E se os seres humanos começassem uma guerra e perdessem; o que aconteceria com os sobreviventes? *Haveria* sobreviventes?

Monty tirou a carteira e a abriu para olhar a foto de Lizzy. Ele olhou para a foto por um longo tempo.

Eu farei o meu melhor para mantê-la segura Lizzy, minha menina. Mesmo se eu nunca mais vê-la novamente, eu vou fazer o meu melhor para mantê-la segura.

Colocando sua carteira de volta no bolso, ele saiu para encontrar Kowalski.

****

— Sim?

— Pelos deuses! Você ouviu sobre Jerzy? Todas aquelas pessoas mortas!

— Havia alguma menção de uma aldeia com esse nome, mas as notícias eram muito vagas.

— O que você vai fazer sobre isso?

— O que aconteceu não tem nada a ver comigo. Como para o que você deve fazer, este parece ser o momento de ajustar o preço de suas colheitas. A profecia indicava que um incidente criaria uma oportunidade para grandes lucros.

— Mas a profecia não disse nada sobre o abate!

— Por que deveria? Você queria saber se você poderia obter mais lucro em suas fazendas sem mais investimento. Os preços sempre sobem quando há uma escassez. Já que você possui a maior parte da terra em outro povoado que abastece a mesma cidade, você terá grande influência na fixação dos preços para uma variedade de culturas.

— Mas você não disse que a escassez seria causada por pessoas serem mortas!

— E você não perguntou sobre qualquer coisa, apenas sobre o lucro quando a menina foi cortada.

Um silêncio desconfortável. — Eu deveria ter formulado o meu pedido com mais cuidado. Eu não sabia que eu tinha recebido uma menina tão inferior.

Uma ameaça tranquila. — Você pagou por um corte em uma das minhas melhores meninas, e foi isso o que você recebeu.

— Sim, claro. Você gerencia essa instituição, e todas as suas meninas são de qualidade excepcional. Mas para o meu próximo compromisso, eu poderia reservar a cs759?

— Cs759 não está mais presente na lista.

— Isso é uma vergonha! Ela tem a melhor pele. É como se ela começasse a sintonizar uma profecia, mesmo antes do corte. Quando você vai colocá-la de volta na lista?

— Em breve. Prevejo que ela estará disponível novamente em breve.



CAPÍTULO 10

MEG SENTOU-SE EM SEUS CALCANHARES e olhou para o filhote de Lobo que estava olhando para ela. Sam parecia tímido, o que fazia sentido já que ela era uma estranha, mas ele também parecia interessado em conhecê-la. Pelo menos, parecia dessa forma quando ela reabastecia sua comida e água. Mas quando ela enfiava a mão na gaiola com um par de toalhas de papel para pegar o cocô no canto de trás, ele se virava para ela, e se afastava cada vez que ela tentava chegar mais longe, impedindo que ela pegasse a sujeira da gaiola.

— Vamos, Sam. Você não quer sentir o cheiro de cocô todos os dias, não é?

O filhote de cachorro latia para ela, e já que ela não falava a língua dos Lobos, ela não tinha idéia do que ele dizia, mas ela tinha a impressão de que ele estava envergonhado, e que ela percebesse o cocô só piorava as coisas, mas ela não sabia o que fazer sobre isso. Os *indigenes da terra* não eram humanos, não pensavam como seres humanos, mesmo quando eles estavam em uma pele humana. Ela aprendeu muito na semana que estava trabalhando para eles. Mas eles tinham sentimentos. Ela aprendeu isso também.

Ela olhou para o relógio de parede e suspirou. Se ela não se mexesse, chegaria novamente atrasada para o trabalho.

Ela fechou a porta da gaiola. — Tudo certo. Você ganha, porque eu tenho que ir trabalhar. Mas esta discussão não acabou.

Ele latiu de volta, então abaixou a cabeça.

Ela apostaria seu salário de uma semana - quando ela recebesse o salário - que Simon não se deixaria levar pela *conduta* do filhote de

cachorro. Claro, ela não achava que Simon Wolfgard aceitasse esse tipo de conduta de ninguém.

Ela levantou e estudou o filhote. Por que ele estava em uma gaiola? Se ela perguntasse, alguém contaria a ela?

Ele não ficava sempre na gaiola. Sam tinha saído na outra noite. Simon iria rasgá-la em pedaços se ela deixasse Sam sair e algo acontecesse com o filhote. Mas, ela tinha que fazer *algo* para mantê-lo seguro quando ela pudesse levá-lo para fora.

— Vejo você quando voltar do trabalho. — Sam não lhe respondeu, mas quando ela trancou a porta da frente de Simon, ela ouviu um grito estridente vindo de Sam.

Dizendo a si mesma que ela não deveria se sentir culpada por ter deixado Sam sozinho, afinal, Simon fazia isso o tempo todo, ela correu para a garagem, tirou o carrinho da fonte de energia, e dirigiu-se para o trabalho. Ela estava tentada a pisar no pedal. E depois de lembrar-se de todas aquelas imagens de formação, conduções de carros em alta velocidade, em uma rampa, e outro vídeo sobre como manter a velocidade controlada, ela estava se sentindo mais confiante sobre dirigir no futuro, especialmente agora que as estradas principais de Courtyard estavam com pouco gelo.

Ela virou a placa de *aberto* na porta do escritório, um minuto depois de nove horas. Quando ela colocou a cabeça para fora da porta para dar bom dia para os quatro Corvos e o Falcão, que tinham reivindicado o topo da escultura de madeira, lhe proporcionando a melhor visão de dentro do escritório, ela notou Elliot Wolfgard saindo do consulado.

Boas roupas e uma atitude de poder. A maioria dos homens que solicitavam os serviços do Composto olhava para sua pele com uma avidez que era quase sexual, e usavam boas roupas com atitude.

Dando-lhe um aceno rápido, ela se retirou e voltou para a sala de triagem, fechando parcialmente a porta privada. Em seguida, ela apoiou as mãos na mesa e fechou os olhos.

Tinha passado uma semana desde o seu último corte. O medo de fazer um corte ruim com uma lâmina desconhecida foi o suficiente para entorpecer seu desejo de euforia. Medo e as lembranças das coisas que Jean tinha dito a ela.

— Eles nos cortam todas essas vezes por causa do dinheiro. Lembro-me de minha mãe dizendo que quanto mais você se corta, mais você quer se cortar. Mas, Namid nos deu esse dom e os bons sentimentos como recompensa para o corte, quando as pessoas precisam de ajuda. — Jean fez uma pausa. — Claro que, quando o corte é a única coisa que faz você se sentir bem, a maioria das meninas não vai lutar quando são colocadas na cadeira.

Era assim como se sentia quando estava presa? Os *Aqueles Com Nome* sempre disseram que as meninas *precisavam* do corte. Verdade ou mentira? Será que ela realmente precisava de um corte ou ela queria apenas a euforia? Já que ela poderia fazer suas próprias escolhas sobre seu corpo, o que importava?

A parte superior dos braços seria o lugar mais seguro sem um observador. Ou as pernas, enquanto ficasse longe da face interna das coxas.

Deslizando a mão no bolso da sua calça de brim, Meg acariciou a navalha, o polegar correndo ao longo do caractere gravado *cs759*. Uma designação, não um nome. E isso fazia a *diferença.*

Ela ouviu o baque de caixas sendo colocadas no balcão. Levantou sua mão, parou de tocar a navalha, e meio trêmula, saiu para pegar a primeira entrega.

****

Ásia comprou dois copos para viagem de chocolate quente na *Bite*, em seguida, foi até o gabinete do Liaison.

Ela passou uma noite na Universidade de Lakeside, pendurada em torno das meninas que gostavam de dar um passeio pelo lado selvagem. Ela tinha a esperança de recolher algumas ideias para obter

esse tipo de interesse por parte dos *Outros,* mas depois de uma hora, ela percebeu que havia rapazes lá fora alegando ser o que não eram, e as meninas que achavam que já tinha brincado com um Lobo ou um vampiro, na verdade nunca tinham visto um de verdade.

Isso lhe deu uma ideia de tentar uma alternativa, uma maneira de entrar por uma *porta lateral*, por assim dizer, mas ainda se tornar amiga de Meg. Ela seria obrigada a aprender algo interessante para justificar sua presença em torno do Gabinete do Liaison, e ela também queria uma oportunidade para tentar algo no consulado.

E tinha havido aquele telefonema interessante da parte dos seus apoiadores, uma informação de seu contato no escritório do prefeito. Aparentemente, Meg tinha sido uma menina impertinente, e o *Homem da Van* estava à procura de um ladrão, não um cônjuge fugitivo. Então manter o controle sobre Meg poderia ser rentável por si só.

Um entregador segurou a porta para ela. Ásia lançou-lhe um sorriso, mas ela não se preocupou em flertar porque Meg estava no balcão, parecendo perplexa, e isso a deixou curiosa.

— Algum problema? — Ela perguntou, colocando os copos de chocolate quente no balcão.

— Esta loja me enviou oito catálogos, — disse Meg. — Por que uma loja iria enviar oito catálogos da mesma coisa?

— Para que você possa distribuí-los?

— Para quê?

Apenas de onde você veio; você não sabe nada sobre encomendas de catálogos?

— Você não notou os anúncios no *Lakeside Notícias*? Os jornais são impressos a cada dia, e eles estão autorizados a ter apenas uma quantidade específica de páginas. Quando uma loja está executando um especial ou uma venda, elas fazem um catálogo com todos os seus itens, onde você consegue encontrar a descrição dos produtos. Mesmo quando não ocorre uma venda, muita gente verifica os catálogos antes de ir a uma loja, poupando assim a gasolina para a viagem.

O rosto de Meg passou de confuso para animado. — Isso é bom! Eu poderia mostrar aos *Outros* e indicar como usar catálogos. Posso enviar um para cada complexo, para referências futuras.

— Lá vai você. — Ásia cutucou o chocolate quente mais perto de Meg.

— O que acontece com os catálogos antigos?

— Eles são recolhidos e devolvidos para as lojas, o subsídio de papel de uma loja é baseado na quantidade de papel que está retornando para a reciclagem. Quanto menos catálogos retornam, menor é o número de novos catálogos para a impressão. Quando o catálogo retorna, é quase uma garantia de novos catálogos, mesmo os comerciais...

— Vou fazer uma nota para que eu possa obter os antigos de volta. Obrigada, Ásia.

— Fico feliz em ajudar. — Ásia hesitou, depois decidiu que o momento era bom. — Me diga, Meg. Você tem visto Simon ultimamente? Estou na universidade é claro, mas eu ainda estou procurando algum outro trabalho para ajudar a pagar as contas. Eu queria ver se ele poderia querer alguém para uma ou duas noites por semana no HBL. De preferência à noite, quando ele não está em serviço. Ele me deixa nervosa, então eu acabo travando como um manequim em torno dele, mas eu sou uma boa trabalhadora. Eu realmente sou.

Meg hesitou. — Eu não acho que Simon será encontrado na loja por alguns dias, mas você poderia falar com Vlad. Ele é educado.

Ásia não teve que fingir um estremecimento. — Não, obrigada. Eu gosto do meu pescoço do jeito como é. — Vendo o olhar vazio de Meg, ela acrescentou: — Você sabe o que ele é, não é?

— Oh, sim. Eu não tive muito contato com ele, mas ele tem sido cortês. Ele certamente não é tão mal-humorado como os Lobos que eu já conheci.

É bom saber, pensou Ásia. Talvez isso significasse que os vampiros consideravam a Liaison fora dos limites para o jantar. Ela estaria disposta a ter relações sexuais com um *indigene da terra*, mas ela

queria alguma garantia de que iria sobreviver à experiência. Talvez seu erro tivesse sido Simon. Talvez Vlad tivesse sido uma escolha melhor para um amante. Doar um *pouco* de sangue por alguma conversa de travesseiro útil seria uma troca justa.

Ela deu a Meg um olhar — de uma mulher com pouca sorte, mas ainda com algum orgulho — um olhar que ela tinha praticado no espelho na noite passada. E ela não olhou para o chocolate quente que não deveria ter comprado se estivesse sem dinheiro, especialmente quando pediu uma porção extra para viagem.

Meg brincava com as canetas no balcão. Finalmente, ela disse: — Eu posso pedir a Vlad para contratar ajuda extra de vez em quando.

— Agradeço. — Ásia respirou fundo e colocou uma nota de falsa de alegria em sua voz. — Tenho que ir.

— Obrigada pelo chocolate quente.

Com um aceno descuidado, Ásia saiu do escritório e voltou correndo para seu carro. Parecia uma coisa pequena, mas Simon estar longe do Courtyard, logo após o incidente no Oeste, era uma pepita sólida de informações, especialmente quando os jornais e os noticiários na TV ainda não sabiam o que aconteceu em Jerzy. A ausência de Simon era uma boa indicação de que os *Outros* estavam envolvidos de alguma forma, e informar aos seus apoiadores era o mesmo que dinheiro no banco para ela.

E com Simon afastado, lhe dava tempo para descobrir mais coisas sobre Meg e o Homem na Van Branca.

****

Dias, meses e anos de imagens de treinamento e sons. Recortes, imagens e fotografias do belo e do terrível. Filmes e documentários, pedaços cuidadosamente editados a partir de uma notícia. Durante todas essas lições, os Aqueles Com Nome nunca disseram às meninas quais imagens eram faz de conta e quais eram reais. Real era uma palavra com pouco significado para alguém em uma cela, para as coisas físicas que

eram feitas com as meninas que não eram mais tão úteis para viver - coisas que eram compartilhadas — a título de experiência completa — para as visões exigidas por clientes particulares.

E havia outras imagens, as que nadavam sob a superfície de sua memória e se levantavam sem aviso ou contexto. As que vinham de profecias. Elas pareciam diferentes, eu me sentia diferente. Às vezes me sentia muito viva, eram experiências demais. Mas elas eram veladas pela euforia, e os Aqueles Com Nome não sabiam que as meninas nunca se esqueciam de tudo o que foi visto ou ouvido durante as visões. Não, nada era realmente esquecido, mas essas relembranças, como Jean as chamava, não poderiam ser deliberadamente lembradas como as imagens de treinamento.

Meg sacudiu a cabeça, empurrou esses pensamentos, e voltou para a triagem de correspondência. Pensando que se lembrar do Composto não faria nada bem, apenas dar-lhe pesadelos esta noite. Ela precisava se lembrar de algo que iria ajudá-la a lidar com Sam. *Se* ela já tinha visto alguma coisa em todos esses vídeos cheios de imagens, qual seria útil agora?

— Meg?

Ela ouviu a voz um momento antes de Merri Lee colocar a cabeça na porta da sala.

— Gostaria de dividir uma pizza com Heather e eu? — Perguntou Merri Lee. — Hot Crust fica na praça a poucos quarteirões daqui, e hoje é um dos dias que um ônibus pode levar os *indigenes da terra* de Courtyard para uma viagem de compras. Henry disse que iria pegar a pizza para nós, e eu pedi algumas pizzas, tamanho extra, para o Complexo Verde.

Meg franziu a testa. — O Hot Crust não faz entregas?

— Eles costumavam, mas houve um... Incidente... E eles não entregam mais para o Pátio. — Merri Lee se iluminou. — Mas talvez eles comecem a oferecer de novo, agora que você é a Liaison.

Meg procurou em sua memória imagens de diferentes tipos de pizza. Imagens de pessoas comendo pizza. Ela tinha recebido um pedaço uma vez, a fim de saber o gosto, a textura e cheiro.

— Eu não gosto daquelas de peixe salgado, — ela disse. Ela não tinha certeza se era verdade, mas ela não tinha gostado da aparência delas.

— Nem nós, — disse Merri Lee. — Nós normalmente pedimos metade com *pepperoni* e cogumelos e metade com pimentas doces. É bom para você?

— É bom, mas eu não tenho dinheiro.

— Não seja por isso, é o nosso convite de boas-vindas ao Courtyard. A última Liaison deixava Heather e eu desconfortáveis, por isso estamos realmente felizes por você estar aqui. E por falar em dinheiro. — Merri Lee entregou um envelope para Meg. — Seu primeiro envelope de pagamento. Abrange os três dias em que trabalhou na semana passada.

Meg abriu o envelope e olhou para as várias notas.

— Eu sei, — disse Merri Lee. — A maioria das empresas escreve um contracheque. No Pátio, você recebe dinheiro, e isso é bom para o seu imposto de renda, porque eles não se preocupam com qualquer coisa, só com o declarado. Você pode abrir uma conta no banco da Praça do Mercado, assim você pode escrever cheques para as despesas de fora do Pátio. Ou há um banco na Praça que a Associação Empresarial usa quando prescreve os cheques para seus fornecedores externos.

— Eu não acho que esta seja a quantidade certa, — disse Meg, folheando as notas. — É demais para as horas que trabalhei na semana passada.

— Essa é a outra coisa boa de trabalhar para os *Outros*. Você nunca vai ter menos do que eles concordaram em pagar, mas às vezes eles lhe darão mais, sem explicação. Nós entendemos que é a maneira deles de dizer *'Bom trabalho, e não saia'* sem realmente ter que dizer isso. Eles não fazem isso toda semana, mas Lorne diz que se você não receber um pagamento acima do esperado pelo menos uma vez em um

mês, você deve encarar como um aviso de que você está fazendo algo que a Associação Empresarial não gosta. — Merri Lee voltou para a porta dos fundos, dizendo por cima do ombro, — Eles estão prevendo mais neve esta noite. Espero que não congestione a cidade, pois se acumular mais neve, vamos ter de subir nos bancos de neve e entrar em nossas casas pelas janelas do segundo andar.

Imagem de Treinamento. Neve, clima estéril, rocha, vertical. Homens agarrados à rocha, amarrados com cordas.

Cordas. Linhas de segurança. Amigos.

Meg correu para o quarto dos fundos, pegando Merri Lee na soleira da porta. — Quando sai o ônibus para a Praça? — Ela perguntou sentindo sua pele quase zumbindo em resposta a sua excitação.

— Onze e meia. Ele retorna da Praça à uma e meia.

— Obrigado.

Assim que Merri Lee saiu, Meg voltou para a sala de triagem e pegou a lista telefônica de Lakeside. Os cabos não iriam funcionar, mas... Sim! A Praça tinha uma loja de animais. Ela deveria ser capaz de encontrar algo lá que fosse confortável para Sam e ela ficarem juntos.

Sua mão pairou sobre o telefone enquanto ela passava a lista de *Outros* que ela conhecia. Vlad e Tess estariam trabalhando em suas próprias lojas. O mesmo para Jenni. E Henry estaria no ônibus. Julia ou Allison? Talvez. Blair? Lembrando o que ele disse sobre entregadores e lobos, definitivamente não. O que restava...

O telefone foi atendido no segundo toque. — Pony Barn. Jester falando.

— Jester, é a Meg.

Uma pausa. — Algum problema, Meg?

Será que o seu nome significa automaticamente problemas? — Não, mas eu queria pedir-lhe um favor.

— Pergunte.

— Há algo que eu quero comprar na Praça, e preciso pegar o ônibus que sai às 11.30. Preciso de alguém para dar uma olhada no

escritório no caso de uma entrega chegar antes de fechar para a pausa à tarde.

— Vou levar os pôneis e ficar até você voltar.

— Obrigada, Jester.

Depois de desligar, ela olhou para o telefone e pensou sobre o que ela estava prestes a fazer. O Pátio era seguro. Ninguém podia tocá-la no pátio. Mas em uma praça humana, onde a lei humana *era* aplicada?

Arriscado.

Ela virou a palma direita da mão para cima e estudou as cicatrizes na parte de trás de cada dedo. Ela não costumava fazer cortes no dedo, pois recebia algumas imagens desconexas, no máximo.

Entrar em um ônibus cheio de *indigenes da terra* com um novo corte em sua mão? Será que ela realmente queria ter a chance de desencadear um ataque? Além disso, ela tinha certeza que Henry sabia que ela era uma *Cassandra de Sangue*, então como é que ela explicaria o corte se ele percebesse?

— Você não precisa se cortar para ir para uma loja, — disse a si mesma. — Jester é o único que sabe que você está deixando o pátio. Você vai ficar bem. Basta comprar as coisas para Sam, e então voltar para o ônibus e esperar o resto deles voltarem.

Ela rapidamente esfregou os braços e tentou ignorar as alfinetadas e as agulhadas sob sua pele, concentrando-se nas entregas que tinha que separar para os pôneis.

****

É uma coisa boa o Capitão Burke esperar que cada um de seus Tenentes entregue um relatório pelo menos uma vez por turno, Monty pensou quando entrou no escritório de Burke. Caso contrário, os outros homens iriam começar a se perguntarem se ele estava tentando ganhar tempo.

— Alguma coisa para relatar, Tenente? — Perguntou Burke.

— Alguém chamado Jester me ligou para dizer que Meg Corbyn estava no ônibus de compras do Courtyard, juntamente com cerca de quinze *Outros,* incluindo Henry Beargard e Vladimir Sanguinati.

Burke olhou para ele, e Monty não conseguia ler nada naqueles olhos azuis, nada que pudesse lhe dar uma pista sobre o que o homem estava pensando.

— Dê-me um minuto, e então eu vou comprar o almoço, — Burke disse finalmente. — Vamos com o meu carro, assim, diga ao Oficial Kowalski para encontrá-lo na praça, talvez ele gostasse de pegar algum almoço ou esticar as pernas.

Deixando Burke, Monty esperou em sua mesa para avisar Kowalski. Nenhuma mensagem, nenhum relatório. E graças aos deuses, nenhum relatório de ausência de corpo para preencher. Ele esperava que ainda fosse verdade que os *indígenas da terra* pudessem fazer uma viagem de compras.

Quando Kowalski se juntou a ele, disse a Karl sobre a ligação e que ele e o Capitão Burke estariam na praça.

— Mas ele quer um carro de patrulha estacionado nas proximidades, — Kowalski disse, balançando a cabeça. — Eu provavelmente não serei o único. O ônibus de Courtyard traz *Outros* para o Plaza a cada Sunsday e Firesday, ao mesmo tempo. Carros de patrulha tendem a ficar no estacionamento do Parque por um tempo para o almoço. Ajuda a manter todos honestos.

— Vejo você lá então, — disse Monty quando Burke saiu de seu escritório, ajustando a gola do casaco de inverno.

Ele não tinha certeza se Burke esperava uma pequena conversa de seus Oficiais ou queria apenas o silêncio, a fim de se concentrar na direção. Uma fina camada de neve cobria as ruas, e depois de ver outros carros escorregando ao tentar parar no semáforo, ele decidiu não retirar a atenção de Burke da estrada.

****

Ásia seguiu o ônibus do Courtyard para a Praça, e parou no estacionamento do Parque, onde ela podia ver o veículo verde escuro, mas não seria notada pelos *Outros.* Ela deu uma varredura com o olhar e notou a van branca parar na outra direção.

Não era um bom lugar para ter um fragmento de conversa, a menos que Meg caminhasse tão perto da van que o condutor pudesse agarrá-la e ir embora antes que os *indigenes da terra* percebessem que havia problemas.

Em seguida, um carro de patrulha parou dentro do Parque e estacionou alguns metros atrás do ônibus, e outro parou na direção oposta e também manteve alguns metros de distância.

— Droga, — Ásia sussurrou. Não era incomum ver carros de polícia na Praça em dias de compras dos *Outros*, mas eles não estavam tentando ser sutil desta vez. O que significava que eles estavam mais preocupados do que o habitual e iriam encerrar os problemas antes deles começarem.

Eles estavam nervosos por causa do que aconteceu em Jerzy, ou havia uma preocupação mais imediata?

Ásia percebeu que ela tinha uma resposta para isso quando Meg Corbyn desceu os degraus do ônibus.

****

Burke estacionou perto do ônibus verde com *PÁTIO LAKESIDE* pintado na lateral.

— Eu não acho que eles gostariam de anunciar qual veículo seja o deles, — disse Monty. Ele olhou para o estacionamento rapidamente se enchendo. — Especialmente quando ocuparam umas quatro vagas no estacionamento.

— Eles se anunciam assim para evitar que haja problemas quando tentem reivindicar a carne de alguém que não sabia que estavam brincando com o veículo do Pátio. Além disso, os blocos do Plaza mantêm

esses espaços para dar aos *indigenes da terra* muito espaço. É mais seguro para todos dessa maneira.

Absorvendo o significado da palavra *carne*, Monty sentiu o estômago se contrair e de repente não tinha certeza se queria o almoço.

Burke saiu do carro e se aproximou do ônibus. Correndo atrás dele, Monty viu a razão. Meg olhou para os dois quando ela desceu do ônibus, seu rosto empalidecendo. Ela se moveu para o lado, para deixar o resto dos *indigenes da terra* sairem, e ficou perto do ônibus. Um grande homem, a quem Monty reconheceu como o escultor, e assumiu que era Henry Beargard, desceu, olhou para eles e rosnou, e o resto dos *Outros*, que estavam indo na direção das lojas, todos voltaram para olhar para ele e Burke.

Beargard deu um passo para a direita, e Vladimir Sanguinati desceu e, de alguma forma, deslizou entre Meg e o ônibus, para ficar do lado esquerdo.

Sentindo a tensão, Monty não estava certo do que fazer. Tinham-lhe chamado, então por que essa hostilidade?

Porque ela está com medo, ele percebeu quando olhou para Meg. *Ela tem medo, e os Outros estão esperando para ver o que fazemos, onde a lei humana poderia se aplicar.*

— Srta. Corbyn, — Monty disse, forçando um sorriso. — Posso apresentar meu capitão, Douglas Burke?

— É um prazer conhecê-la, Srta. Corbyn, — Burke disse, estendendo a mão.

Ela hesitou, e Monty não se atreveu a respirar até que ela apertou a mão de Burke.

— Obrigada, Capitão Burke, — ela disse. — Você me dá licença? — O resto dos *indigenes da terra,* exceto Vlad e Henry, se espalhou para cuidar de seus próprios interesses, enquanto Meg corria para as lojas do outro lado do estacionamento.

— Quando ligamos para o Tenente Montgomery, não estávamos esperando ver um oficial de tal alta classificação, — disse Vlad, olhando para Burke.

O sorriso de Burke poderia ter passado por genial se você não conhecesse o homem. — Eu estou levando o Tenente para um almoço na *Bandeja Picante*, e aproveitar para apresentá-lo a alguns dos melhores molhos vermelhos na cidade.

— Uma excelente opção para as refeições. Eu também desfruto de um bom molho vermelho, — disse Vlad.

O sorriso de Burke congelou.

— Capitão? — Disse Monty. — Devemos obter uma mesa antes da multidão do almoço chegar.

Com um aceno de Vlad e Henry, Burke virou e abriu o caminho para a *Bandeja Picante*. Monty não disse nada até que eles estavam sentados e a garçonete entregou os menus e tomou as suas encomendas para o almoço.

— Capitão, acho que ele não quis dizer o que soou... — Monty parou, pois não estava disposto a mentir para o homem.

— Soou ameaçador? — Perguntou Burke. — Oh, eu tenho certeza que ele falou sério. Eles deram aquele telefonema para ver o que iríamos fazer, mas não confiam em nós, especificamente sobre Meg Corbyn. — Ele sorriu para a garçonete quando ela trouxe o café e tomou seus pedidos. — Você conheceu Vladimir Sanguinati antes. Qualquer razão para que você não me apresentasse a ele?

Monty estremeceu e esfregou a palma da sua mão direita. — Eu não quero colocá-lo na posição de ter que apertar a mão dele.

Burke deu um longo olhar para a mão de Monty, depois mudou a conversa para conversa fiada e histórias sobre Lakeside.

****

Quando Meg chegou ao *Palácio Pet* no outro lado da Praça, ela olhou ao redor. Os *Outros* que estavam no ônibus com ela não estavam mais à vista, mas havia pássaros pairando na parte iluminada do estacionamento. Ela não podia dizer se eram *Corvos* ou corvos. Não que

isso importasse. Se essa saída funcionasse, todos no Complexo Verde saberiam sobre suas compras.

E ela esperava que os *Outros* fossem perceber que ela estava apenas tentando ajudar Sam e não comê-la por tentar ajudar.

— Posso ajudá-la? — O funcionário perguntou assim que ela passou pela porta.

Meg deu ao homem um sorriso brilhante. — Estou à procura de um arnês de cão e uma trela longa.

Ele a levou a um corredor que tinha uma variedade desconcertante de coleiras, chicotes e coleiras.

— Qual é o tamanho do cão? — Perguntou.

Ela mordeu o lábio inferior. — Bem, ele ainda é um filhote de cachorro, mas ele é grande. Pelo menos, eu acho que ele seria considerado um filhote de cachorro grande.

— Seu primeiro cão? — O funcionário parecia encantado. — Que raça é?

— Ele é um Lobo.

Ela pensou que os filmes que mostravam a pele de alguém ficando de um tom verde doentio tinham sido faz de conta. Aparentemente não.

— Você quer colocar uma correia *em um lobo*?

Havia algo na voz dele que indicava choque? Medo? E ela se perguntou o quanto de problema ela iria arrumar até que ela pudesse pensar em alguma outra forma de conseguir a segurança para Sam. — Ele é jovem, e eu não quero que ele se machuque se eu levá-lo para um passeio.

Ela não viu ninguém na loja, mas ele se inclinou mais perto. — Como você vai colocar suas mãos em um filhote de Lobo?

— Eu sou a Liaison do Courtyard. Ele mora no apartamento ao lado do meu. Você vai me ajudar ou não?

Ela não tinha certeza que ele faria, mas ele finalmente pegou uma correia e uma trela. Suas mãos tremiam e sua voz falhou, mas com base nas informações que ela poderia lhe dar, ele encontrou um cinto

vermelho, que ele pensou que iria caber, e uma coleira vermelha longa que daria espaço para Sam passear.

— Mais alguma coisa? — Perguntou o funcionário.

Meg pensou sobre isso. — Que tipo de brinquedos um filhote de cachorro gosta?

Ela acabou com uma bola e uma grande corda atada. Então, ela viu bolinhos para cães e pegou algumas caixas de sabor carne e frango.

O funcionário parecia tão aliviado quando ela entregou seu grande saco de compras com zíper que ela se perguntou se a loja ficaria fechada a partir de agora, quando os *Outros* viessem para a praça.

— Você tem um catálogo? — Perguntou ela.

Ele deslizou dois dentro do saco. — Os pedidos são geralmente entregues no dia seguinte.

Ela pagou suas compras e suspirou de alívio quando estava na calçada. Ela não tinha feito nada de errado, mas ela não tinha certeza de como os Outros se sentiam sobre lojas de animais. Ela começou a caminhar entre dois carros estacionados, depois parou, incapaz de dar outro passo.

Lembranças. A porta do carro abre de repente, quando uma jovem mulher caminhava. Mãos fortes a pegam, e a agarram. Capuz escuro. Difícil de respirar. Impossível de ver. E aquelas mãos tocando e...

— Você está bem?

Meg recuou e quase caiu, em seguida, quase escorregou novamente tentando evitar a mão estendida para ela.

Corvos grasnavam, soando um aviso.

Ela se concentrou no homem, e ficou muito quieta. Policial. Nem um dos dois que lhe foi apresentado, mas não era um desconhecido.

— Oficial Kowalski, senhora. Eu trabalho com o Tenente Montgomery.

Ela deixou escapar o fôlego lentamente. Ela tinha visto ele no carro, no dia que o Tenente parou para se apresentar.

— Meus pensamentos vagaram, — disse ela. — Eu não estava olhando para onde estava indo. — Isso não explicaria tudo o que ele tinha

visto em seu rosto quando ele estendeu a mão para ela, mas a maneira como ele a olhou lhe disse com clareza suficiente que aceitava a explicação dela, mesmo que não tenha sido o suficiente para se acreditar.

— Deixe-me dar-lhe a mão para ajudá-la a voltar para o ônibus. O estacionamento do Parque está um pouco escorregadio hoje.

Sentir-se instável e dar uma desculpa para recusar a ajuda dele poderia causar problemas, então ela aceitou seu braço e percebeu, mesmo em frente ao estacionamento, a forma como Vlad endureceu enquanto os observava. Ela também notou a maneira como mais dois policiais saíram de um carro de patrulha e começaram a olhar ao redor.

— Alguém foi sequestrado nessa Praça recentemente? — Meg perguntou, e percebeu que o formigamento nas pernas começou a desaparecer.

— Senhora? — Kowalski deu-lhe um olhar penetrante.

Lembranças e imagens não costumavam inundar sua mente assim quando não estava focada em uma questão particular, e nem quando estava se preparando para um corte e profecia. Quando as pessoas falavam sobre recordar as memórias e informações, seria isso o que elas experimentavam? Essa associação imediata de uma coisa para outra?

Isso significava que ela estava começando a processar a informação em torno dela como as outras pessoas faziam, ou essa era a primeira etapa da loucura em uma *Cassandra de Sangue*? Os *Aqueles Com Nome* diziam às meninas que elas ficariam loucas se tentassem viver fora do complexo. Apenas Jean insistia que não aconteceria isso, mas ela era realmente meio louca.

— Não foi nada, — Meg mentiu. — Imaginação fértil. Tenho que parar de ler histórias de terror antes de deitar.

Ele assentiu. — Minha noiva diz a mesma coisa, mas isso não a impediu de continuar lendo esses livros.

Eles soltaram os braços quando chegaram ao ônibus, e Vlad sorriu para Meg e Kowalski. — Obrigada pela escolta.

— O prazer foi meu, senhorita. — Acenando para Vlad, ele voltou para o seu carro de patrulha.

— Algum problema? — Perguntou Vlad.

Ela balançou a cabeça.

— Você quer fazer mais compras?

Ela balançou a cabeça novamente. Ela queria sair da vista, queria se esconder. A necessidade de fazer isso era quase dolorosa, e ela não sabia o que estava fazendo ela se sentir assim. Mas ela se lembrava de como Simon tinha se acalmado, em resposta a sua calma, por isso não foi difícil adivinhar que os predadores não reagiam bem ao medo.

— Eu gostaria de colocar isso no ônibus e, em seguida, fazer algumas notas sobre as lojas daqui, — disse ela.

— Vou levar isso. — A mão de Vlad fechou no topo de seu saco de transporte.

Ela não conseguia pensar em uma maneira de recusar a ajuda sem deixá-lo curioso sobre suas compras, assim, ela entregou o saco, e, em seguida, puxou um caderno de sua bolsa. Quando os *Outros* voltaram para o ônibus com várias mercadorias, Meg fez uma lista das lojas e tentou ignorar a sensação de que além da polícia e dos *indigenes da terra,* alguém mais estava olhando para ela.

****

Ásia caiu em seu banco, olhando por cima do painel quando o ônibus de Courtyard saia do estacionamento.

— Deuses, — ela murmurou, quando a Van Branca saiu momentos depois. — Pode ser mais óbvio? — O tolo estava andando na direção de Meg, apenas um punhado de carros de distância, quando o policial se aproximou dela. Policiais, Corvos e um maldito vampiro, todos observando o estacionamento. Observando *Meg.* Será que esse idiota realmente acha que ele poderia ter escapado? Na melhor das hipóteses, ele estaria tendo uma longa conversa com os policiais. Na pior das

hipóteses, pedaços dele estariam espalhados em todo o maldito estacionamento do Parque.

Satisfeita por não haver mais ninguém para notá-la, ela saiu com seu carro.

Era hora de ligar para Bigwig e ver se ele tinha mais alguma informação sobre Meg Corbyn. Alguém que deveria ser apenas uma ladra não deveria estar recebendo proteção policial. Poderia ser uma reportagem de capa. *Mulher em fuga sai do esconderijo por conta de uma falsa acusação de roubo. Ela está sob custódia, e um policial acredita que a sua história é verdadeira e ajuda com sua fuga. Em seguida, os dois estão em fuga, correndo contra o tempo para descobrir uma conspiração mortal.*

Esse tipo de filme poderia ser um sucesso. Ela teria que escrever a ideia e falar com um figurão sobre isso. Em vez de um filme, talvez pudesse ser uma história especial de duas partes no programa de TV *Ásia Crane*, onde ela seria uma consultora para policiais, uma fonte ou até uma amante com informações.

Enquanto ela estivesse discutindo essa ideia com Bigwig, talvez ele fosse capaz de descobrir por que tantas pessoas estavam dando tanta atenção a Liaison do Pátio.

****

Meg se ajoelhou na frente da gaiola de Sam. Ela esperava que ainda houvesse algo funcionando, mas aparentemente, até mesmo as empresas disponíveis para os clientes humanos por vezes fechavam por algum capricho.

Ou talvez as pizzas que Henry levou até o centro social fossem a razão dos moradores do Complexo Verde irem para casa mais cedo.

Se ela esperasse até ficar mais escuro para tentar fazer isso, teriam menos chance de serem vistos, mas poderia ser mais assustador para Sam. Então iriam fazer isso agora.

— Sam, — ela disse. — Eu acho que devemos tentar o sistema de amizade, para que possamos sair juntos.

Ele choramingou e estremeceu.

— Quando os seres humanos escalam as montanhas, eles amarram uma corda em torno de si que os conecta ao seu amigo. Dessa forma, se um deles ficar preso em um monte de neve, o outro pode tirá-lo.

Ela uniu e explicou as imagens em sua mente, de forma a adaptar nessa situação, mas ela imaginava que Sam não soubesse disso. Além disso, não havia nenhuma montanha no Courtyard, mas havia desvios significativos que poderiam enterrar qualquer um deles.

— Então eu comprei isso. — Ela levantou a coleira. — Vê? É uma corda de segurança. Eu vou colocar em volta da minha cintura, desse modo. — Ela escorregou uma extremidade da coleira através da alça de pulso, em seguida, entrou na ponta maior e a puxou até a cintura. — Este clipe se conecta ao arnês que você usará em torno do peito. — Ela levantou o arnês, a corda e o clipe e o ergueu para ele ver. — Quer experimentar o sistema de amizade? Nós não iríamos muito longe. Apenas uma caminhada em torno do interior do complexo. O que você acha?

Ela abriu a porta da gaiola. Ela tinha certeza que Sam não podia sair do apartamento, mas ela se lembrou do vídeo de uma casa bagunçada depois de um cão brincar com um ser humano que corria através dele.

Se isso acontecesse, Simon iria dar uma olhada em sua casa quando ele retornasse e a comeria.

Sam se arrastou até a porta da gaiola e esticou o pescoço para farejar o arnês. Ele olhou para a corda, em seguida, olhou para ela... E saiu da jaula, fazendo sons pouco ansiosos.

— Tudo bem, — ela disse brilhantemente. — Vamos andar na neve!

Ela deslizou sua extremidade da trela e atou ao arnês dele, garantindo que não estivesse nada muito apertado. Então ela colocou o

casaco e deslizou a corda de volta na cintura. Sam hesitou e parecia pronto para fugir para sua gaiola, mas ele a seguiu até a porta da frente e se pressionou contra suas pernas, o que a fez ficar meio sem equilíbrio por um momento.

Tirando as chaves de Simon no bolso da jaqueta, ela abriu a porta da frente, e ela e Sam saíram.

Fechando a porta, ela respirou fundo e segurou a ponta do arnês antes do laço afrouxar e escorregar, e só então se afastou do edifício. Depois de um momento, Sam a seguiu.

— Olá Henry e Vlad, — disse ela, vendo o vampiro e o Grizzly do outro lado do complexo. — Vamos passar por eles e dizer um Olá. — Ela começou a andar, mas parou assim que sentiu um puxão em torno de sua cintura. Ela olhou para Sam, que não se moveu, mas estava estudando a guia vermelha estendida entre eles.

Meg sorriu. — Vê? É a linha de segurança.

Sua cauda começou a abanar. Ele trotou até ela, e os dois seguiram caminho até chegarem a Vlad e Henry.

Ela não podia identificar as expressões em seus rostos, mas já que eles não estavam gritando com ela, ou ameaçando comê-la, ela lhes deu um sorriso brilhante e disse: — Sam e eu somos valentes aventureiros, assim como nos filmes.

— Eu posso ver isso, — Henry respondeu após um momento. Ele olhou para Sam. — Você pode seguir melhor um perfume do que ela, então você vai ter que garantir que a Liaison não se perca.

Sam respondeu na língua Lobo, e ela e o cachorro continuaram o seu circuito em torno do complexo.

****

Observando a mulher e o filhote de Lobo, Vlad se sentiu aliviado que Simon não ia ter fácil acesso a um telefone. Quando ele tinha prometido manter um olho nos dois, ele não tinha previsto Meg fazendo nada parecido com *isso.*

— Aquele é o Sam, — disse ele, lutando para manter a voz neutra e não provocar o urso.

— É, — Henry concordou.

— Aquele é Sam *em uma trela*. — Devido sua segunda forma, ele não poderia ser contido por tais coisas, o Sanguinati não tinha o mesmo ódio de cadeias e gaiolas dos shifters, mas, mesmo ele sentiu raiva ao ver um *indigene da terra* ser tratado como um... um... Cachorro. Ele podia imaginar o que Blair ou, pior ainda, Elliot diria se descobrisse.

Quando ouviu os Corvos, ele emendou o pensamento de *quando* eles descobririam.

— E aquela é a Meg com uma coleira em volta da cintura, — Henry disse, e Sam corria em volta dela em círculos, puxando as pernas dela, e a jogando em um banco de neve. — Pode até ficar difícil dizer quem está levando quem, mas é uma boa maneira de transportar alguém quando há problemas.

Uma boa maneira de capturar dois em vez de apenas um. Mas Vlad não disse isso. Ele só observava a menina e filhote de Lobo saindo do monte de neve.

— Algo a assustou na praça, — disse Henry. — Por um momento, o ar carregou o cheiro do homem que tentou entrar nos apartamentos dos funcionários humanos. Mas com toda a polícia ao redor, não era um bom momento para caçar.

Vlad observou quando Meg e Sam começaram o segundo circuito em torno do complexo, voltando para ele e Henry. Sam estava à frente de Meg agora, farejando tudo. Então Meg recuperou sua vantagem por um momento, antes de Sam saltar para a liderança novamente.

Este era o Sam de que ele lembrava antes de Daphne morrer ao lado do filhote. Como um pedaço de couro e um arnês poderiam ofender tanto, se faziam tanta diferença? *Por que* isso fazia tanta diferença?

Sam estava cavando algo na neve, e Meg estava observando Sam. Então, nenhum deles viu Blair de pé na entrada do complexo, com a boca aberta, enquanto olhava para a trela e o arnês.

— Henry, — disse Vlad.

— Eu vi.

Antes de Meg e Sam notarem a presença dele, Blair saiu de vista, mas antes ele viu quando Sam deu um salto correndo e puxando a trela.

Ele uivou, aquele som sibilante que não poderia ser confundido com qualquer outro lobo. Meg riu e deu um passo para trás. — Suba Sam. Escalada! Somos amigos de aventuras, e poderosos escaladores de neve! — Ela puxou, e Sam subiu, até que ele saiu da deriva. Ele se sacudiu e olhou para Meg, abanando a cauda, e a língua de fora parecendo um sorriso.

— Vamos jantar? — Perguntou ao filhote.

Sua resposta foi dar uma corrida em um ritmo acelerado, puxando-a atrás dele.

Quando Meg e Sam estavam dentro do apartamento de Simon, Vlad observou Blair reaparecer na entrada, parecendo cauteloso. O arnês e a trela iriam enfurecer todos os Lobos no Pátio, e sem a presença de Simon, Blair, como segundo no Pátio, teria que defender Meg ou deixar os outros Lobos pegá-la por esse delito. O que deixaria os Lobos em conflito com o Sanguinati, porque o avô Erebus estava entretido pela Liaison e sua cortesia, e ele deixou claro que Meg estava sob sua proteção até que ele dissesse o contrário.

Blair olhou para eles, assentiu com a cabeça, e se afastou.

— O que você acha? — Perguntou Vlad.

— Veja o que você pode encontrar nos livros ou no computador sobre aventureiros e cordas. Veja se você pode descobrir por que Meg fez isso.

— Eu posso procurar. Ou posso simplesmente perguntar a ela.

— Ou você pode simplesmente perguntar a ela. — Pausa pensativa. — Ela não pensa como os outros seres humanos, e ela não pensa como nós. Ela é algo novo, algo pouco conhecido e não compreendido. Mas ela descobriu uma maneira de acalmar o medo de Sam, e isso não deve ser esquecido.

Não, isso não devia ser esquecido, que era algo que ele gostaria de salientar a Blair.

Henry soltou um suspiro. — Vem. Temos pizza e um filme. O que foi escolhido para o entretenimento?

Vlad sorriu, revelando as presas Sanguinati. — *Night of the Wolf.*



CAPÍTULO 11

COM O CASACO PENDURADO EM UM BRAÇO, Meg correu de volta para a sala de Simon e gritou, — Sam! O que você está fazendo? Pare com isso! Pare!

O filhote estava mastigando a gaiola e empurrando suas pequenas patas contra as grades com tanta força que parecia que os dedos dos pés tinham se alongado em dedos peludos, que estavam tentando alcançar o trinco.

Ela bateu na gaiola com a palma da sua mão, assustando-o o suficiente para dar um passo atrás.

— Pare com isso! — Ralhou. — Você vai quebrar um dente ou cortar suas patas. O que você tem?

Ele *falava* com ela. Ela jogou as mãos para cima, exasperada.

— Você tem comida. Você tem água. Você já comeu os biscoitos, e demos uma rápida caminhada. Eu tenho que ir trabalhar agora, do contrário vou chegar atrasada de novo, Elliot Wolfgard vai me *morder*, e eu aposto que ele morde *duro.*

Sam levantou o focinho e lamentou.

Meg olhou para ele e se perguntou o que aconteceu com o filhotinho que ela tinha escovado ontem à noite, o filhote que tinha se aconchegado no sofá com ela enquanto ela assistia a um programa de televisão. Ele tinha ido muito bem para a gaiola quando ela disse que era hora de dormir. Ele não tinha feito nenhuma confusão sobre ela voltar para o seu apartamento. E ele tinha ficado bem quando ela veio esta manhã, até que ela tentou sair.

— Você não pode trabalhar comigo, — disse Meg. — Você ficaria entediado, e eu não posso brincar com você. Você fica em casa o tempo todo quando Simon vai trabalhar.

Sam uivava.

— Eu posso voltar durante meu horário de almoço para uma caminhada.

Sam *uivava.*

Se ela saísse, ele iria parar de uivar? Se ela saísse, ele *ainda* estaria uivando quando ela voltasse? Quanto tempo duraria antes de Vlad ou Henry ou Tess começarem a bater na porta para descobrir o que estava errado? Ou era algo que Sam fazia todas as manhãs e os moradores sabiam disso?

Talvez eles soubessem, mas ela não.

— Tudo bem! — Ela gritou e abriu a porta da gaiola. — Fora! Fora! Fora! Fora! Espere por mim perto da porta.

Sam correu para fora da gaiola e ocupou-se tentando puxar o arnês e trela que estava pendurado na frente da porta.

Meg pegou suas tigelas de comida e água e correu para a cozinha. Encontrou uma lata vazia com uma tampa em um dos armários, encheu com ração e jogou alguns biscoitos em cima, despejou a água na pia e secou a tigela, em seguida, agarrou um dos grandes sacos pendurados em um gancho e encheu-o com as coisas de Sam. Um momento de reflexão sobre a neve e filhotes, e correu para o banheiro para pagar uma toalha de banho do armário.

— Eu estou atrasada, estou atrasada, estou atrasada, — ela murmurou enquanto descia as escadas. Enfiou Sam no arnês, ignorando suas queixas porque ela não suavizou todo o seu pelo na direção certa. — Vou arrumar depois de chegar no escritório.

Filhote, bolsa, Sam no carrinho. Toalha sobre um braço, a trela enrolada ao redor de seu pulso. Fazendo malabarismo de tudo, ela abriu a porta, tentando encontrar as chaves no bolso. Assim, quando ela saiu, Sam puxou a coleira, e a tirou de equilíbrio.

Ela deixou as chaves caírem, e uma mão de pele morena a pegou antes que caísse no chão.

— Precisa de uma mão? — Disse Vlad, sorrindo para ela.

— Ou de muitas.

Ele parecia perplexo e muito divertido. — Eu não entendo.

Ela balançou a cabeça.

Ele trancou a porta da frente de Simon e entregou-lhe as chaves.

— Obrigada, — disse ela, jogando as chaves em sua bolsa e procurando a chave do carrinho. — Estou tendo uma manhã difícil, Sam! Pare de me puxar!

— É a época do mês? — Perguntou Vlad.

Uma sensação explodiu através dela. Poderia ter sido constrangimento, mas ela suspeitava que estivesse mais próxima da raiva. — *O quê?*

Ele a estudou. — Essa não é uma pergunta apropriada para fazer?

— Não!

— Interessante. Nos muitos romances que eu li, os machos humanos muitas vezes fazem essa pergunta quando uma fêmea está agindo... — Com uma expressão perplexa, ele continuou a estudar seu rosto. — Embora agora eu considere que eles geralmente não fazem essa observação para a fêmea em si.

— Eu tenho que ir trabalhar agora, — disse Meg, pronunciando cada palavra.

— Ah. — Ele olhou para Sam, depois para os sacos de transporte e a toalha. — Onde Sam está indo?

— Ele está vindo comigo.

Algo nos olhos de Vlad. Surpresa? Pânico? Ela ficaria bem com o pânico. Isso significaria que ela não era a única que se sentia fora de controle hoje.

Apesar de que um vampiro se sentindo fora de controle possa não ser saudável para as pessoas ao seu redor.

— Eu vou ajudá-la com tudo isso, — disse Vlad.

Ela não discutiu, até por que ela não tinha encontrado a chave do carrinho ainda. Vlad jogou a toalha por cima do ombro e segurou as alças dos sacos em uma mão, como se não pesassem nada, então abriu caminho para a garagem, deixando-a para lidar com Sam. Ela encurtou a coleira para impedir o filhote de correr em torno dela em círculos. Pela forma como as coisas estavam indo, ela iria acabar de cara na neve. Mais uma vez.

Pela forma como as coisas estavam indo, se ela não batesse o pé, ela iria acabar com um filhote um pouco tirano demais.

Ela ainda estava tentando encontrar a chave e se perguntando se ela tinha deixado em sua mesa de cozinha, quando Vlad mergulhou a mão no bolso, tirou uma chave e abriu a parte de trás do seu carro.

— O quê? — Ela gaguejou. — Como?

— Qualquer um desses carros tem a mesma chave em Courtyard, — disse Vlad. — Torna mais fácil, já que muito poucos deles são designados para um indivíduo em particular.

Enquanto ela olhava para ele, ele pegou Sam, limpou os pés do filhote, então colocou o filhote e a toalha no banco, onde Sam poderia olhar para fora entre os assentos dianteiros. Ele colocou os sacos na parte de trás. — Você está andando na parte de trás? — Ele sacudiu um dedo para a coleira ainda enrolada em seu pulso.

Ela tirou a coleira e a jogou na parte de trás. Vlad fechou a porta e caminhou até o lado do motorista. Ele foi cortês, e com exceção da pergunta *indiscreta,* ele foi educado. Mas ela tinha a nítida impressão de que ele estava rindo dela.

— É o meu carro, então eu vou dirigindo, — disse ela.

— Encontrou sua chave? — Ele não esperou pela resposta dela. — Já que eu tenho uma chave, eu vou dirigindo, e nenhum de nós chegará tarde demais para o trabalho.

Ela fez um som de rosnado, e isso o deixou com as sobrancelhas levantadas de surpresa, mas ela superou o momento, então foi para o lado do passageiro e entrou.

****

Esses carros foram construídos para pouca velocidade, pois rodavam em torno de uma comunidade fechada como a Courtyard, mas sabendo que Elliot já tinha reclamado sobre o atraso da Liaison, Vlad cutucou o veículo para a sua velocidade máxima, ciente de que Meg estava tentando *observá-lo* sem parecer que estava. Pelo que os membros da Associação de Empresas foram capazes de reunir observando-a, Meg absorvia o que via e ouvia com clareza enervante, e essas imagens lembradas se tornavam sua referência de mundo. O que ela via, ela conseguia repetir e fazer do seu jeito. Havia lacunas, omissões de informação, que ele suspeitava serem deliberadas, de modo que o *Profeta de Sangue* pudesse fazer muito pouca coisa de forma independente. Pelo que Tess tinha recolhido das informações que Merri Lee soltava, Meg poderia identificar uma grande quantidade de objetos, mas ela sabia muito pouco o que fazer com eles.

E isso fazia sua fuga do Composto onde vivia desde a sua chegada em Courtyard ainda mais notável. De alguma forma, ela tinha descoberto o suficiente para fugir e permanecer viva enquanto fugia.

Pensando sobre o que Henry e Tess e Simon diriam se Meg acabasse em uma vala por observar como *ele* dirigia, Vlad desacelerou para uma velocidade moderada e tomou cuidado para não fazer nada que pudesse ser considerado má condução. Isso foi algo em que eles concordaram em ser mais precisos ao mostrar a Liaison como fazer algo para que ela aprendesse o que ela precisava saber.

Claro, Simon ignorou isso completamente quando ele saiu e jogou um filhote de lobo no colo dela.

Algo novo, Henry tinha dito sobre ela. *Algo pouco conhecido e não compreendido.* Ela era tudo isso, e mais. E ela era uma ameaça potencial, porque alguém com a habilidade de Meg para recordar imagens e descrever com precisão poderia dizer a um inimigo muito sobre o seu Pátio e sobre os *indigenes da terra*.

Ele empurrou esses pensamentos de lado quando um Falcão, uma Coruja, e quatro Corvos voaram na direção deles a partir do Escritório do Liaison.

<*Os macacos estão esperando a Meg,*> Falcão disse a Vlad.

<*Estamos quase lá,*> ele respondeu a todos eles. <*Os seres humanos vão esperar por ela.*>

<*Vamos contar a Nyx,*> os Corvos disseram enquanto circulavam em volta, e voando de volta.

Ele não estava muito atrás deles, portanto um minuto depois, ele parou no escritório do Liaison, estacionando perto da porta de trás. — Você entra e se instala. Vou levar Sam e os sacos.

— Obrigada, — Meg respondeu, saltando para fora do carro.

Sam tentou saltar para o banco da frente e segui-la, mas Vlad o agarrou quando Meg fechou a porta. O filhote lutou por um momento, depois olhou pela janela, fazendo sons ansiosos.

<*Ouça-me, Sam. Ouça,*> disse Vlad. <*Este edifício é um lugar onde lidamos com seres humanos. Haverá muitos deles indo e vindo. Meg terá que falar com eles. Você tem medo deles, mas se você vai ficar aqui com a Meg, terá que ser corajoso. Você entendeu?*>

Sem resposta, exceto uma respiração superficial, ansiosa, e acompanhada de um gemido.

Vlad suspirou. Como Simon suportava este silêncio de um filhote que amava?

Ele saiu do carro, levando Sam para que ele não tivesse que secar o filhote. Depois de colocá-lo no chão na parte de trás da sala, observou quando Sam correu para a sala de triagem para encontrar Meg, pegou os sacos e a toalha do carro e os levou para dentro.

Movendo-se silenciosamente, ele entrou na sala de triagem. Sam estava cheirando um canto do quarto, agora alheio a tudo, exceto no perfume que ele tinha encontrado. Abrindo a porta Privada, ele olhou para a cena e pensou: *um Corvo, uma Profetisa, e um vampiro andando em um escritório...*

Então soltou um suspiro. Soava como o início de uma daquelas piadas estúpidas que os *indigenes da terra* nunca entendiam.

Havia três entregadores com várias caixas e todos estavam em volta do balcão. Deixando cair à caneta que estava segurando, o Corvo crocitou para eles, caminhou até uma extremidade do balcão, selecionou outra caneta, em seguida, retornou e bateu a caneta no papel preso na área de transferência.

Os homens hesitaram em se aproximar, como se essa pequena distância fizesse qualquer diferença. Se Nyx quisesse se alimentar, não havia nada que a presa pudesse fazer para impedi-la. Se ela usasse jeans e um suéter, os homens não saberiam que ela era uma das Sanguinati. Mas Nyx preferia usar vestido longo, geralmente de veludo negro, com um profundo decote e aquelas mangas drapejadas, bem tipo do vestuário das vampiras, muitas vezes usando os modelos que o seu avô tanto amava nos filmes antigos. Ela achava divertido usá-los, porque ela dizia que era uma maneira de dizer a sua presa *o que ela era,* mesmo antes de começar a se alimentar.

Ainda em seu casaco de inverno, Meg pegou a caneta do Corvo. Sorrindo e falando com os homens, ela rapidamente preencheu as informações, enquanto eles colocavam os pacotes nos carrinhos e ficavam olhando para Nyx.

Percebendo que nenhum dos homens estava saindo, Vlad disse, *<Nyx.>*

<Eu não fiz nada. É o próprio medo deles que os detém,> ela respondeu, seus olhos escuros observando os homens, enquanto ela permanecia perfeitamente imóvel. *<Meg vai fazer seu trabalho, e eu permanecerei onde estou.>*

<Por que ficar?> Perguntou ele, embora ele não tenha feito nenhum movimento para sair também.

<Para ensinar os seres humanos que não são presas quando estão neste escritório. Eles vão aprender que devem valorizar aqueles que lidam com Meg, mesmo se ela estiver atrasada. Eles irão valorizá-la, e por causa disso eles serão um tipo diferente de guarda.>

<Você já ouviu falar alguma coisa que indique que há uma razão para outro tipo de guarda?>

<Ela agrada ao avô. Isso é motivo suficiente para mantê-la segura,> Nyx respondeu.

Meg sorriu para os entregadores quando eles saíram juntos pela porta e entraram em seus caminhões ou vans. Ela continuou a sorrir, até que eles foram embora. Então ela soltou um suspiro e se virou para Nyx e o Corvo.

— Obrigada por abrirem o escritório. Eu não quero chegar tarde todas as manhãs. As coisas ficaram complicadas nos últimos dias.

Olhando por cima do ombro para Sam, que ainda estava ocupado cheirando em torno da sala de triagem, Vlad disse, — Isso é compreensível.

— Foi divertido, — disse Nyx. — E Jake sabia o que fazer.

O Corvo que estava puxando as canetas para fora do suporte e organizando-as em cima do balcão olhou para eles e crocitou.

— Eu acho que há um pacote para o Sr. Erebus, — disse Meg. — Você quer levá-la com você?

Nyx riu. — E privá-lo de uma visita sua? Não. Mas vou dizer-lhe que um pacote chegou. — Ela mudou para fumaça, dos pés até o peito, e flutuou sobre o balcão. Voltando à forma sólida, ela estendeu o braço para o Corvo, que pulou para ser levado para fora.

Meg olhou quando o corvo voou e Nyx mudou completamente para fumaça, flutuando em direção à via de acesso que levava à Praça do Mercado. Então ela olhou para o balcão, e, finalmente, para Vlad. — Eu sou a *única* pessoa que precisa usar o ferrolho?

Sentindo Sam chegar ao lado dele, Vlad sorriu para ela. — Não, você não é a única. Pelo menos por agora. Vou estacionar o carro na garagem para você. Se você não encontrar a sua chave, me avise e vou te levar para casa.

Ele não esperou pela resposta dela. Ele precisava abrir a HBL, e ele queria que Henry soubesse que Sam estava com Meg - supondo que Jake já não tivesse dito ao espírito guaridão do Courtyard.

E ele ainda precisava encontrar uma maneira sutil de advertir todos em Courtyard, até que Simon voltasse, e ele e Henry Beargard lidassem com Meg e Sam.

****

Meg colocou água e ração para Sam, alisou o pelo sob o arnês, e o deixou vaguear pela sala de triagem sem a coleira. Depois que ela quase pisou em sua cauda ou dedos das patas um par de vezes, ele meio que ficou fora do caminho, mas ainda podia vê-la classificar o correio e pacotes. O pacote para o Sr. Erebus era pequeno o suficiente para ir com as entregas, mas lembrando o que Nyx disse, Meg a colocou junto de suas entregas, incluindo uma entrega especial para Inverno que ainda não teve a chance de fazer.

A manhã passou depressa. Quando ouviu os pôneis, ela pegou a coleira e o arnês de Sam e colocou a outra extremidade em seu pulso antes de abrir a porta exterior, apenas no caso do filhote decidir trancá-la do lado de fora. Mas Sam estava intrigado, e ficou feliz em ficar com ela enquanto ela andava até os pôneis. Por seu lado, os pôneis pareciam curiosos, mas não estavam preocupados com o filhote.

Congratulando-se em passar mais uma semana sem ser comida ou demitida, ela bateu com os dedos na pilha de papéis das suas notas sobre as entregas da semana. Seu dedo mindinho deslizou ao longo da borda dos documentos.

Um tremor de dor veio antes que o sangue brotasse na junta do dedo. Ela olhou para a mão esquerda, tentando lembrar-se de algo de suas lições que explicaria esse corte, não querendo acreditar que um simples papel pudesse cortar a pele. Em seguida, a *dor* veio, sufocando-a no peito e torcendo sua barriga.

Sam uivava de terror.

Ela olhou para o filhote para tranquilizá-lo, na esperança de soltar palavras comuns antes da Profecia começar a fluir através dela.

Exceto que Sam não estava uivando. Ele estava ao lado dela, observando-a com ansiedade quando o seu próprio corpo lhe dizia que algo estava errado.

Sam não estava uivando. Mas ela podia ouvi-lo. Mesmo agora, sabendo que ele não estava fazendo um som, ela ainda podia ouvi-lo.

A visão tinha começado. Ela não sabia o que estava por vir, que tipo de imagens veria. Mas se Sam era parte dela... Se ela experimentasse a euforia, ela não iria lembrar o suficiente, se ela lembrar alguma coisa, ninguém saberia por que Sam estava com medo. Mas se ela não falar, se ela engolisse as palavras para que *ela* pudesse ver a profecia... Pelo amor de Sam, ela poderia suportar a dor?

— Fique aqui, — ela disse entre dentes. Ela correu para o banheiro e fechou a porta antes que Sam pudesse segui-la.

Sua garganta estava entupida com coisas terríveis. Inclinando-se sobre a pia, ela lutava para respirar quando a dor se arrastou dentro dela e a visão encheu sua mente como se estivesse assistindo a um vídeo.

Homens. Todos vestidos de preto. Mesmo os seus rostos, suas cabeças, eram negras. Alguns tinham armas; outros carregavam rifles... *Pule...* Um homem estava segurando alguma coisa, mas ela não podia ver... *Pule...* Um som quando um carro acoplado a uma trela... *Pule...* Neve caindo tão rápido, feroz e grossa, ela não conseguia ter uma noção de lugar, não poderia dizer se ela estava vendo o Pátio ou uma cidade, ou outro lugar com uma tempestade de neve... *Pule...* Sam estava lá, gritando de terror.

Meg voltou para si mesma quando os músculos em suas mãos estavam apertando a pia duramente.

Concentre-se na respiração, disse a si mesma. *A dor vai desaparecer. Você sabe que vai desaparecer.*

Ela lavou as mãos, tendo o cuidado de limpar completamente o dedo mindinho.

Era um pequeno corte ao longo da borda da articulação. Se ela cortasse novamente para alongá-lo, talvez pudesse ver mais. E talvez visse outra profecia, mas seria uma mistura de imagens que ela já tinha

visto neste pequeno corte. Os *Aqueles Com Nome* chamavam o resultado de um corte expandido de outro corte, de visão dupla, e geralmente ocorriam pesadelos quando uma profecia se impunha sobre a outra e as imagens colidiam de maneira que normalmente deixavam terríveis consequências na mente da menina.

Às vezes, as imagens que se colidiam não eram terríveis. Às vezes, se a menina pudesse aceitar o que estava vendo, as imagens poderiam mudar uma vida. Elas tinham mudado a vida dela quando o Controlador tinha cortado cicatrizes antigas como forma de castigo. As profecias que se colidiram lhe mostraram os primeiros passos de sua fuga.

Só porque ela tinha sobrevivido às visões duplas anteriormente, não significava que sua mente não iria quebrar se ela tentasse fazê-lo novamente.

Ela secou suas mãos, colocou anti-séptico e uma atadura do kit de primeiros socorros, e enrolou com cuidado o corte. Movendo-se lentamente, ela voltou para a sala de triagem e Sam. Abrindo seu diário pessoal, ela escreveu o que tinha visto enquanto os detalhes estavam frescos.

Ela tinha que dizer isso a alguém, mas quem iria ouvir?

Desejando poder conversar com Simon, Meg pegou o telefone e fez uma chamada. O telefone na outra extremidade tocou e tocou. Em seguida, a secretária eletrônica atendeu.

— Henry? É Meg. Eu preciso falar com você.

Henry chegou um minuto depois que ela estava trancada no seu horário de almoço. Deixando Sam na sala de triagem com alguns biscoitos, ela encontrou-se incapaz de olhar para o homem grande, e muito menos dizer alguma coisa.

— Você está ferida, — ele finalmente disse.

Ela balançou a cabeça.

— Você tem um cheiro de dor, de fraqueza.

Não de fraqueza. Não, ela não era fraca. Mas a dor, mesmo desvanecendo, ainda era uma coisa assustadora.

A voz de Henry era um ronco silencioso. — O que você fez para a sua mão, Meg?

— Eu não sabia que papel poderia cortar. — Mesmo para os seus próprios ouvidos, ela parecia chorosa. — Eu pensei que era uma imagem de *faz de conta.*

— Faz de conta?

— Irreal.

Ele parecia confuso. — Deixe-me ver sua mão.

— Minha mão está bem. Esse não é o motivo.

Ele tomou sua mão esquerda e desembrulhou o curativo em seu dedo mindinho. Suas mãos eram grandes e ásperas, mas ele a tocou com surpreendente gentileza.

— Você tem cicatrizes, — disse Meg, olhando para os dedos deles.

— Eu trabalho com madeira. Às vezes eu sou desajeitado com as minhas ferramentas. — Ele estudou o corte em seu dedo, em seguida, abaixou a cabeça e cheirou. Balançando a cabeça, ele tornou a colocar o curativo. — Um pequeno corte não deveria causar tanta dor.

Ele queria uma explicação, mas a dor não tinha nenhum significado no que ela tinha visto; então agora isso não era importante. — Henry, eu vi alguma coisa.

Liberando sua mão, ele se endireitou em toda sua altura, elevando-se sobre ela. — Você viu...?

Olhando ao seu redor, ela pegou o seu diário da mesa na sala e entregou a ele.

Ela o observou ler as palavras, a ruga entre seus olhos escuros ficando mais profundas enquanto tornava a ler.

— Algumas profecias se parecem com uma série de imagens ou sons, — disse ela. — Algumas como esta pode parecer como um filme, ou vídeo, ou uma série de imagens com sons e ação. A mesma imagem pode aparecer em centenas de profecias, por isso a pessoa que queria a visão pode compreender o significado.

Henry a estudou. — Você ouviu um lobo uivando. Tem certeza de que era Sam?

— Será que qualquer outro uivo de lobo pode soar como Sam?

— Não — Henry pensou por um momento. — Por que você teve uma visão sobre Sam? Ele não poderia ter lhe pedido para ver nada.

— Não, mas ele era a única pessoa comigo quando me cortei com o papel. Meg estremeceu. — Quem são esses homens? Por que eles querem Sam?

Com Henry no meio da sala, ela não tinha espaço para andar.

— Eu sou tão inútil! — Ela gritou. — Eu vejo isso, mas eu não posso dizer onde vai acontecer, ou quando, ou por quê!

Henry ergueu o diário dela. — Eu preciso falar com alguns dos *Outros*. Eu poderia ficar com isso um pouco mais? Vou devolvê-lo.

— OK. Sim. E Sam?

— Vlad levará Sam para casa. Ele esteve aqui tempo suficiente para um dia.

— Mas...

A porta traseira se abriu e Vlad entrou, dando a Henry um olhar interrogativo. Então ele olhou para suas mãos e endureceu.

Algo se passou entre o Grizzly e o vampiro que não foi compartilhado com ela. Vlad deslizou para a sala de triagem, enquanto Henry pegou o casaco que estava num cabide na parede.

— Vem comigo, — disse Henry.

— Minha bolsa está na sala de triagem, e minhas chaves estão lá também.

Antes que ela tivesse pegado as suas botas, Vlad abriu a porta o suficiente para entregar a bolsa para Henry, e usou um de seus pés para bloquear as tentativas de Sam de se juntar a ela.

— Para onde estamos indo? — Ela perguntou, quando ela e Henry sairam.

— Não longe.

Ele a levou para o quintal atrás de sua loja. Um caminho estreito entre uma loja até a porta do estúdio, que não estava trancada. Grandes janelas enchiam a parede de trás em ambos os lados da porta, fornecendo luz. As laterais do estúdio eram paredes de tijolos, os mesmos do

edifício. O chão era de tábuas de madeira e estava coberto por uma camada de lascas de madeira tão espessas que ela não tinha certeza do que era o piso e o que não era. O estúdio estava mais quente do que do lado de fora, mas não quente o suficiente para que ela desistisse de seu casaco, e Henry não indicou que ela deveria remover suas botas.

Ele apontou para um banco. Ela sentou-se, perguntando por que ela estava lá. Além de várias peças de madeira e um carrinho cheio com ferramentas, havia um armário de armazenamento com um tampo em granito e uma mesa redonda esculpida com um leitor de música.

Henry tirou seu casaco e o pendurou num cabide antes de ligar uma chaleira elétrica que estava no gabinete. Enquanto a água aquecia, ele colocou seu caderno em uma das prateleiras do armário, em seguida, selecionou um disco de música e o colocou no leitor. Poucos minutos depois, ele lhe entregou uma caneca, ouvindo música, e começou a trabalhar no pedaço de madeira no centro da sala.

O aroma de hortelã-pimenta levantou da caneca. Não tendo certeza do motivo dela estar ali, ela colocou as mãos em torno da caneca para sentir o calor e observou enquanto ele esculpia na madeira. A música, uma mistura de tambores e chocalhos e algo como uma flauta, fluiu no ar, e o som de Henry trabalhando parecia se misturar com o resto.

— Eu gosto dessa música, — disse Meg. — O que é?

Ele olhou para ela e sorriu. — Música da minha terra natal. Quando os seres humanos inventaram os leitores de música e os discos que retêm os sons de canções e histórias que poderiam ser compartilhados por muitos, vimos o valor dessas coisas e estávamos dispostos em gravar a música do nosso povo.

— Você gosta de música humana?

— Algumas. — Henry acariciou a madeira. — Mas não aqui. Não quando eu toco na madeira e ouço o que ela quer se tornar.

Meg estudou a forma áspera que parecia estar saltando para fora do bloco de madeira. — É um peixe.

Ele assentiu. — Um salmão.

Quando ela não disse mais nada, ele pegou suas ferramentas e começou a trabalhar novamente. Ela observou o salmão emergir da madeira, seu corpo uma curva graciosa. Não estava acabado, com certeza, mas não estava disforme.

Ela esperava que ela ainda estivesse lá para vê-lo quando ele terminasse.

A música terminou. A caneca ficou vazia. Tomando dela, Henry disse: — A dor está mais silenciosa agora. Vamos comer alguma comida, e descansar um pouco mais antes de voltar ao seu trabalho.

Ela ficou. — Obrigada por me deixar ficar aqui sentada. Desculpe por não ser mais útil.

— Você nos deu o aviso. Essa é a ajuda. Quanto ao resto, você está convidada para vir aqui e deixar o seu espírito tocar a madeira.

Agora que a dor tinha embotado, ela estava com fome de mais do que a sopa de costume e o sanduíche que ela comia da *Bite*, então ela foi até Carnes Verdes, o restaurante na Praça do Mercado.

Imagens de treinamento lhe disseram que este não era um desses restaurantes de luxo, as toalhas eram de plástico e papel, em vez de pano que precisava ser lavado, mas o cardápio tinha uma grande variedade, desde aperitivos até jantares completos. Ela pediu um bife com purê de batatas e ervilhas, saboreando a experiência de fazer uma escolha.

Quando ela voltou para o escritório, ela encontrou um recipiente de sopa e um sanduíche embrulhado no pequeno frigorífico, e sua caneca com tampa, com café fresco.

— Não tenho que me perguntar sobre o jantar, — ela disse enquanto pegava as cópias do *Lakeside Notícias* e o boletim do Courtyard que alguém havia deixado na mesa. Ela levou seu café para a sala de triagem, em seguida, abriu o escritório para as entregas da tarde.

****

Henry, Vlad, Blair e Tess se reuniram na sala de reuniões da Associação de Negócios.

Henry colocou o diário sobre a mesa. — É da Meg. Eu acho que tudo o que está escrito aqui é privado, mas ela ofereceu estas palavras para todos nós vermos.

Nenhum deles falou enquanto lia o registro da visão de Meg, mas Blair começou a rosnar.

— Em um livro, a visão teria incluído um jornal que iria indicar a data que a visão iria acontecer, — disse Vlad.

— Mas isso não é um livro, — Henry respondeu. — Ela nos deu muito para um pequeno corte. Um acidente, — acrescentou quando Blair olhou para ele.

Blair assentiu e voltou a estudar as palavras.

Henry olhou para Tess. — Você disse que havia prazer no corte. Tudo o que eu cheirava nela era dor. Por quê?

— Eu não sei, — respondeu Tess. — Talvez seja a diferença entre um corte acidental e um feito deliberadamente. Talvez fosse porque havia algo que ela não era capaz de fazer sozinha, então ela experimentou a dor em vez de euforia. Eu lhe disse tudo o que sei sobre Profetas de Sangue.

— Eu usei o computador para verificar se havia livros ou quaisquer escritos sobre eles, — disse Vlad. — Há histórias que têm *Cassandra de Sangue* como personagens, mas eles foram listados como títulos de terror ou romances de suspense, então eu duvido que haja alguma informação útil. Eu adicionei um par deles para a próxima compra da HBL. Vou continuar procurando.

— Alguém sabe sobre elas, — disse Tess.

— Meg sabe, — Henry disse calmamente. — Com o tempo, ela vai nos dizer. — Ele olhou para o Lobo. — Blair?

Blair soltou um suspiro lentamente. — Poderia ser este ano, pode ser daqui a cinco anos. Ainda a tempo de sobra para uma tempestade como essa, antes que a Inverno entregue a estação para sua irmã. Aquele som. Menor do que um carro, mas não um carrinho. E se move bem sobre a neve.

— Eu posso ajudar a procurar com Vlad nos computadores, procurar por um veículo desse tipo, — disse Tess. Ela hesitou. — Devemos dizer ao policial que fala com Simon?

— Essas visões podem dar errado? — Perguntou Blair. — Podemos saber se aqueles homens que entram com armas e rostos escondidos não são policiais?

— Por que a polícia ia querer Sam? — Perguntou Vlad.

— Por que alguém iria querer? — Henry respondeu.

Lampejos de vermelho dançaram nos olhos de âmbar de Blair. — Daphne está morta, e Sam é o filho do Wolfgard. Alguém seria tolo o suficiente para tocá-lo e começar uma guerra?

— Alguém *vai* ser tolo o suficiente, — disse Henry. — Meg viu isso.

Silêncio.

Finalmente Blair disse: — Os céus estão limpos hoje. A menos que alguém irrite a menina no lago, não devemos ter outra tempestade por alguns dias.

Tess inclinou-se e passou um dedo sobre a página que continha as notas de Meg sobre a visão. — Um profeta de sangue nunca está errado, mas o que ela vê está aberto à interpretação. Meg nos mostrou o início de uma luta, mas não há nada aqui que mostra como isso vai acabar.

Ela olhou para os três homens. Apesar de sua força como um urso, Henry sentiu um arrepio na espinha quando viu o cabelo dela começar a enrolar.

Tess saiu da sala, aparentemente decidindo que não havia nada mais a dizer.

— Sam não vai aceitar ser deixado para trás o tempo todo, — disse Vlad. — E estar perto de Meg é bom para ele. — Ele deu a Blair um olhar aguçado. — Você não gosta do arnês e da trela, e eu entendo isso, mas alguns dias com Meg têm tirado Sam do lugar ruim em que ele esteve desde que Daphne morreu. Isso deve contar para alguma coisa.

— Eu não posso falar pelos outros Lobos, mas conte comigo, — disse Blair. — Vamos manter Sam seguro. E Meg também.

Vlad mudou de posição na cadeira. — Ela não tem visto um Lobo ainda. Exceto Sam.

— Há sempre um Lobo de plantão no HBL, — disse Blair.

— Sim, mas ela não foi a loja desde que ela se tornou a Liaison, para que ela tenha visto um de vocês.

— Eu vou atribuir um par de lobos para dar uma olhada em torno do escritório. Em forma humana.

— Tenha em mente que eles vão ver Meg e Sam, — disse Henry.

Blair rosnou. — *Isso* é para Simon lidar quando ele voltar.

— Concordo.

Satisfeito que tinham feito o que podiam no momento, Henry levantou. — Eu estou por perto durante o dia, e os Falcões e Corvos vão vigiar quando Meg está trabalhando. Eles vão alertar os Lobos se houver uma ameaça.

Os três voltaram para o seu próprio trabalho.

Quando Henry andou pelo caminho estreito para a porta do estúdio, ele olhou para os Corvos que se reuniram na parede. <*Qualquer coisa para me dizer?*>

<*Seres humanos e caixas,*> Jake respondeu. <*A Meg não precisa de ajuda com a escrita.*> Ele parecia desapontado.

De volta para dentro, Henry pendurou o casaco e caminhou em torno dos pedaços de madeira à espera de receberem um novo tipo de vida e pensou na mulher que, apesar de ser humana, ele estava começando a ver como uma amiga.

****

Entre as entregas, Meg leu o *Lakeside Notícias*, mas não viu nada que devia ser relatado a Henry ou Tess, e se perguntou se ela tinha até mesmo que estar à procura de algo. Certamente, Tess ou Vlad fariam isso de qualquer maneira. Mas eles não tinham todas as imagens que ela teve, e poderiam não reconhecer algo que poderia ter um impacto sobre os *Outros*.

Ela notou os anúncios de venda, que estavam configurados como Ásia disse, mas ela não sabia se alguns moradores estariam interessados em tais itens.

Ela leu os quadrinhos e não entendeu a maioria deles. Mas havia um quadrinho que a perturbava. Parecia ser parte de uma história em curso, de modo que as palavras tinham pouco significado, mas o Lobo babando, de pé e parecendo como um homem peludo com uma cabeça de lobo, a deixava incomodava. Talvez fosse uma forma de diminuir algo que se temia, mas era perigoso. Ela não podia dizer se era perigoso para os *Outros* ou para os seres humanos, mas ela absorveu a imagem, em seguida, olhou para a data no topo do jornal. Outra imagem.

Dobrou o jornal, e estendeu a mão para pegar o boletim informativo da Courtyard, depois parou. Informação demais, muito para absorver por hoje. Além disso, a distribuição dos catálogos para os complexos residenciais tinha produzido uma enxurrada de pedidos que chegaram naquela tarde, de modo que ela ainda tinha que separar os pacotes e comunicar os complexos para virem pegar suas encomendas.

Ela trancou o escritório prontamente às quatro horas, encheu a parte de trás do carro com pequenos pacotes para as Câmaras e o Complexo Verde, separou o pacote para Inverno, e saiu para fazer suas entregas.

Ainda ficava nervosa ao entrar de carro e parar em qualquer um dos mausoléus que abrigavam os Sanguinati, com exceção da casa do Sr. Erebus, mas ela já estava se acostumando com a fumaça que fluía para fora dos edifícios quando ela parava com o carro. Os Sanguinati em forma de fumaça não fluíam para além de suas cercas quando ela estava por perto, e os que permaneciam em forma humana não falavam com ela ou a abordavam. Ela sempre lhes oferecia uma boa tarde enquanto colocava os pacotes nas caixas, e sempre dava um suspiro de alívio quando nenhum deles queria fazer uma refeição dela.

Sr. Erebus, por outro lado, desceu a passarela para encontrá-la quando ela saiu do carro.

— Seus filmes chegaram, — disse Meg, segurando o pacote. Ela notou que as unhas não pareciam tão amarelas e escamadas de quando se viram da primeira vez, mas talvez fosse porque ela estava nervosa e a entrada estava escura.

— Eu desfruto dos meus filmes, — disse ele. — Quando uma menina tão doce pode trazê-los para mim. — Em seguida, ele apontou para as caixas de entrega pretas, indicando onde ela deveria colocar o pacote. Mesmo quando ele saia para encontrá-la, ele não pegava o pacote diretamente em sua mão.

— Tenho o prazer de fazê-lo, — disse Meg.

Erebus a estudou enquanto ela colocava o resto dos pacotes no interior das caixas de entrega. — Vladimir é gentil com você?

A pergunta a surpreendeu. E o que a surpreendeu mais foi à sensação de que o bem-estar de Vlad dependia de sua resposta. — Sim, ele é gentil. Ele e Nyx foram muito úteis nesta manhã.

— Isso é bom. — Ele deu um passo para trás. — Vai terminar o seu trabalho, em seguida, aprecie a noite.

— Eu vou.

Enquanto ela dirigia em direção ao lago, ela se perguntou se isso era um aviso de que ela deveria ficar dentro da área verde do Courtyard depois de escurecer.

Inverno estava patinando no lago, usando o mesmo vestido branco. Meg estacionou no mesmo lugar, e como a primeira vez em que a visitou, tirou um cachecol do saco de compras, em seguida, caminhou até a beira do lago.

A menina gradualmente se juntou a ela.

— É a Liaison, — disse Inverno. — Você patina, Meg?

— Eu nunca aprendi.

— Os seres humanos usam um metal em seus pés para deslizar sobre o gelo. Não tenho necessidade de tais coisas. — Inverno inclinou a cabeça. — Você veio para recolher os livros da biblioteca? Ainda não terminei de lê-los.

— Não, eu não estou aqui pelos livros. Trouxe-lhe isso. — Meg estendeu o cachecol.

A menina ficou tensa, e os olhos fixos em Meg estavam preenchidos com uma raiva desumana.

— Você me trouxe a cor do verão?

Meg cambaleou pela profundidade da raiva, e olhou para o cachecol verde. — Verão? Não, eu não penso nisso como um verde verão.

Inverno parecia mais alta do que um momento atrás, e menos humana. E o ar, que tinha sido tolerável naquela tarde, de repente estava mais cortante.

Ela tinha insultado a menina, e isso ela entendeu. Soou como se Inverno e Verão não se davam bem, apesar de serem irmãs. *Eram* irmãs?

— Quando eu vi isso, pensei em você — disse Meg, na esperança de se explicar.

— Em mim... A palavra era um sussurro furioso. A neve de repente aumentou do outro lado do lago, uma cortina movendo-se na direção delas.

— Devido a isso. — Meg desdobrou o cachecol, revelando os flocos de neve nas extremidades brancas da franja. Ela lutou para encontrar as palavras certas. — Inverno não é a ausência de cor; ele tem todos esses tons de branco. E depois há as *sempre-vivas* com seus ramos com pontas de neve, a sua cor incrementa o branco. Quando eu vi o cachecol em uma loja na Praça do Mercado, eu pensei em você, porque o seu vestido tem tons de branco, e o verde seria um incremento para o vestido, como as *sempre-vivas* são para a terra.

A neve do outro lado do lago se aquietou. Inverno estudou a terra e as árvores, em seguida, olhou para o cachecol. — *É* mesmo da cor das *sempre-vivas*. — Ela estendeu a mão e esfregou o cachecol entre as mãos. — Suave.

Meg mal se atrevia a respirar.

— Bondade, — Inverno murmurou, pegando o cachecol e o envolvendo em torno de seu pescoço. — Tão inesperado.

Olhos que nunca seriam confundidos com olhos humanos olhavam para ela. — Obrigada, Meg.

— Não há de que, Inverno. — Ela caminhou de volta para o carro e acenou antes de entrar. A menina não acenou de volta, mas quando Meg foi embora, uma segunda menina, que deslizava sobre o gelo, uniu suas mãos com Inverno.

Durante a viagem de volta para o Complexo Verde, Meg percebeu como a neve ao lado da estrada rodava no ar quando as patinadoras giravam sobre o gelo no lago.



CAPÍTULO 12

DEPOIS DE UM LONGO BANHO QUENTE e um pequeno almoço tardio, Meg preencheu Earthday com tarefas, Sam, e sua primeira aparição social. Enquanto a máquina lavava a roupa, ela e Sam caminharam ao redor do complexo. No momento em que ela chegou a casa para guardar suas roupas, Sam estava esparramado no chão do quarto, sem vontade de se mover. Ela teve que arrastá-lo de volta para sua gaiola na sala de estar de Simon.

Depois deu a hora de se juntar as mulheres que estavam reunidas na sala social do Complexo Verde para assistir a um filme. Jenni Crowgard e suas irmãs estavam lá, junto com Julia Hawkgard, Allison Owlgard, e Tess.

Eles reorganizaram as cadeiras e o sofá ao seu gosto, para facilitar a distribuição das pipocas, nozes e dos biscoitos de chocolate que Tess tinha trazido. Então Jenni colocou o filme.

Havia mães chorando sobre os filhos e os filhos gritando com as mães. Havia pais discutindo com os filhos. Havia amigos oferecendo conselhos indesejados para todos. Mas no final, todos estavam sorrindo e se abraçando.

Meg não poderia decidir se era uma história sobre uma família de verdade ou se era *faz de conta,* e se isso não acontecia realmente em uma comunidade humana. Os *Outros* não entenderam a história também, mas todas concordaram em uma coisa: não havia uma única garota em todo o filme.

No momento em que ela voltou, Sam estava acordado e pronto para brincar. Então comeram e brincaram e assistiram outro filme, que definitivamente tinha galinhas e outros animais.

— Se você me deixar dormir um pouco esta noite, você pode vir comigo na parte da manhã, — Meg disse quando trancou a gaiola. — Mas se você começar a uivar e mantiver todos acordados, você vai ter que ficar em casa sozinho.

Sam gemeu, fazendo Meg se sentir como uma vilã. Mas ele se estabeleceu, e ela voltou para seu apartamento e mal teve tempo de fazer sua rotina noturna antes de cair na cama e dormir profundamente.

****

Na manhã seguinte, não havia nenhum som no apartamento de Simon. Nem um latido ou uivo. Como acordou com o alarme, Meg não tinha certeza se teria ouvido Sam antes que ela tropeçasse da cama, mesmo com o quanto de barulho ele tivesse feito. No entanto, no momento em que ela saiu do chuveiro, o silêncio tinha tomado uma sensação sinistra.

E se ela não tivesse trancado a gaiola corretamente na noite passada? E se Sam tinha saído e, sentindo-se chateado com ela por deixá-lo, tinha feito uma das coisas que tinha preocupado Simon o suficiente para comprar a gaiola em primeiro lugar?

Esfregando seu cabelo molhado, Meg enfiou a toalha na prateleira, colocou seu roupão e chinelos, e correu para o apartamento de Simon. Ela estremeceu quando se atrapalhou com a tranca do corredor, e o ar frio quase a manteve dentro de casa. Essa não era uma boa época do ano para ficar com o cabelo molhado e roupas mínimas.

Ela iria corrigir ambas as coisas, logo que verificasse Sam.

E se ele não estava fazendo nenhum barulho, pois estava ferido e não podia uivar para obter ajuda? E se ele estivesse doente? E se...

Ela desceu correndo as escadas e até a sala de estar.

... Ele estava comendo os últimos pedaços de ração de sua tigela, esperando por ela, pois ela disse que iria levá-lo com ela.

Sam abanou o rabo e soltou um suave *arrooooo* de saudação.

— Bom dia, Sam — disse Meg. — Eu só queria que você soubesse que eu vou buscá-lo em poucos minutos. OK?

Aceitando o som que ele fez como acordo, ela correu de volta para o apartamento dela para secar o cabelo e se vestir. Ela fez sua rotina matinal, quase se engasgando com o café da manhã comendo apressada a manteiga de amendoim e o pão.

Até o momento que ela conseguiu fechar seu apartamento, e voltar para o apartamento de Simon, Sam estava dançando dentro da gaiola. Assim que ela abriu a gaiola, ele saltou para fora, e começou a dançar na frente dela. Ela o colocou em seu arnês e empacotou suas tigelas e toalha. Quando ela saiu, Vlad estava esperando por ela.

Ele pegou os dois sacos e ficou pensativo. — O que você está trazendo todos os dias?

— As tigelas de comida de Sam, — Meg respondeu, virando a tranca duas vezes na porta de Simon, porque ela se lembrou de imagens de ladrões invadindo casas. E também havia a visão recente daqueles homens vestidos de preto e Sam tendo medo. Ela não achava que alguém se infiltraria no Pátio e tentar roubar dos *Outros*. Por outro lado, pessoas faziam coisas loucas o tempo todo.

— Meg, se você vai levar Sam para o escritório com você na maioria dos dias, compre outro conjunto de tigelas de modo que você não precise levá-las no carrinho com você, — disse Vlad.

— Eu vou olhar o catálogo da Palace Pet esta manhã e ver o quanto elas custam, — ela disse enquanto os três partiram para as garagens, parando ocasionalmente para Sam fazer xixi. Ela não queria ser mesquinha, mas a viagem de compras em Firesday tinha lhe mostrado o quão rapidamente o dinheiro se esvaia, e ela não queria ficar sem nada antes de receber o envelope de pagamento seguinte. E com esse pensamento, ela se lembrou de parar no banco da Praça do Mercado e descobrir o quanto de crédito para as lojas ela poderia antecipar a cada mês. Ela estava começando a entender por que tantos clientes do Controlador queriam profecias sobre dinheiro.

— Compre o que você precisar para Sam e deixe a Associação de Negócios pagar as notas, — disse Vlad. — Eu vou autorizar as compras.

— Obrigada.

Eles colocaram os sacos e Sam no carro. Então, apesar de ela estar com a chave dela naquela manhã, Vlad levou os três ao Gabinete do Liaison.

Quando ela abriu a porta da frente, Harry estava estacionando na entrada das entregas.

Sem atrasos hoje, ela pensou quando acenou para Harry e um vislumbre de alguém observando do segundo andar do consulado. *Por pouco.*

Já que Harry sempre conversava com ela por alguns minutos, Meg levou o seu tempo para pegar sua prancheta e preencher as informações sobre os pacotes que ele trouxe. Ao contrário de Ásia Crane, ele não era descaradamente curioso sobre o Pátio. Harry conversava sobre sua própria vida, uma versão do mundo humano que era tão estranha para ela quanto os modos de vida dos *indigenes da terra.* Mas Meg absorvia as palavras, e sempre que ela tinha alguns minutos de tempo de silêncio, ela tentava combinar as coisas que Harry falava com as imagens e vídeos que fizeram parte de sua formação.

****

— Estacione, mas não fique no caminho das entregas, — Monty disse enquanto Kowalski entrava no Pátio. — Isto não vai demorar mais do que um par de minutos.

Não tinha havido mais notícias da Costa Oeste, não havia confirmação de quantas pessoas em Jerzy morreram na semana passada, nenhuma informação sobre o porquê de um bando de homens jovens atacaram os *Outros* e começaram uma luta que se transformou em um massacre. E, apesar de ter um carro de patrulha esperando na estação de trem sempre que um trem vindo de Eastbound parava, não tinha havido nenhum sinal de Simon Wolfgard.

Preferindo evitar mais relações com Vladimir Sanguinati, Monty tinha decidido se aproximar da Liaison. Ele não achava que Meg Corbyn podia lhe contar nada, mas ele queria lembrá-la de que ele estava lá para ajudar.

Quando ele abriu a porta do escritório, um dos Corvos sobrevoou a parede de pedra, enquanto outro voava para fora, sem dúvida, para dizer a alguém que ele estava lá.

Houve esse lampejo de medo nos olhos cinzentos de Meg Corbyn quando o viu, e rapidamente foi seguido por um esforço em esconder esse medo. Ele se perguntou se ela nunca iria olhar para ele e não ter esse medo, de que ele iria levá-la de volta para o que ela tinha fugido? Mas por que ela ainda tinha medo? Ela não sabia que os *Outros* não tolerariam ela ser levada?

— Bom dia, Tenente Montgomery. Há algo que eu possa fazer por você?

Alcançando o balcão, Monty sorriu e balançou a cabeça. — Não, senhorita. Só passei para ver se havia alguma coisa que podemos fazer por você hoje.

— Oh. — Ela olhou para o catálogo no balcão, como se procurasse a resposta correta entre as mercadorias.

Já que ela não estava olhando para ele, ele se concentrou no quarto além da porta privada, que ela tinha deixado aberta. A parede de trás tinha ranhuras e prateleiras. Havia uma caixa de açúcar em uma grande mesa no meio da sala. E um filhote de cachorro cinzento estava na porta, seus lábios escancarados, revelando uma boca cheia de dentes saudáveis.

Não é um filhote de cachorro, Monty pensou quando o animal rosnou para ele. *Um filhote de lobo.*

Meg sacudiu com o som. Depois olhou para o Lobo, e olhou para Monty, e disse: — Este é Sam. Ele está me ajudando por alguns dias. — Então ela olhou para o jovem. — Sam, este é o Tenente Montgomery. Ele é um policial. — De volta para ele. — Ele é jovem. Eu não tenho certeza que ele sabe o que é um agente da polícia.

Quando os *Outros* começam a mudar para a forma humana? Ele era um cachorro e um menino também? *Quem era o* menino?

Ele não precisava dos três palpites para descobrir *quem ele era,* mas o deixou saber que outros deveres Simon Wolfgard poderiam exigir de sua Liaison.

— Talvez a livraria tenha um daqueles livros, — disse Monty. — Eu não me lembro o nome, mas a essência dos livros é ajudar as crianças a identificar as coisas. Tipo *Este é um gato. Este é um carro. Este é um rato. Este é um alce.*

Havia uma expressão estranha em seus olhos, e sua pele clara empalideceu. — Lembro-me desse tipo de livro, — ela sussurrou. — Eu não sabia que outras crianças eram ensinadas dessa maneira.

Ele estava pensando em todas as noites em que se sentou com Lizzy, lendo os livros para ela, e como ela tinha ficado animada quando eles foram ao jardim zoológico das crianças e ela conseguiu identificar o bode, o frango e o coelho. Mas, olhando para Meg, ele duvidava que ela tivesse o mesmo tipo de memórias quentes sobre esses livros.

— Obrigada, essa é uma boa sugestão, — disse ela. — Se a HBL não tiver livros infantis, talvez a biblioteca Courtyard tenha.

Hora de partir. Ele olhou para o catálogo, que estava aberto em uma seleção de cama para cães, e notou que ela tinha circulado uma. Ele levou um momento para avaliar o filhote, então inclinou a cabeça para olhar para sua escolha.

— Eu ficaria com a cama de tamanho médio, não a pequena, — disse ele.

— Mas ele é pequeno, — Meg protestou. Ela fez uma pausa. — Pelo menos eu acho que ele é pequeno. Eu não vi um Lobo maduro ainda.

Ele sorriu, mas ele se perguntou *por que* ela não tinha visto um Lobo ainda. — Acredite em mim. Sam já é maior do que o que as pessoas consideram ser um cão pequeno.

— Oh. Bem, é bom saber.

— Tenha um bom dia, Senhorita Corbyn.

— Você também.

Quando ele saiu do escritório, ele avistou a expressão de Kowalski. Olhando para a direita, ele viu o urso parado do outro lado da parede, observando-o. Naquele primeiro momento, seus pulmões se recusaram a respirar e suas entranhas viraram água.

— Bom dia, Sr. Beargard, — ele disse calmamente. Então ele caminhou até o carro de patrulha e entrou.

— Nós podemos sair? — Kowalski perguntou, ainda mantendo um olho sobre o urso.

— Sim. Vamos, — Monty respondeu.

Henry Beargard os observou até que eles saíram para o tráfego.

— Um cara do consulado saiu assim que você entrou na sala do Liaison, — disse Kowalski. — Ele queria saber o que estávamos fazendo ali. Disse-lhe que era uma visita de cortesia.

— E era mesmo.

— O cara estava na minha linha de visão, então quando vi o urso, eu pensei que ele era uma daquelas esculturas, até que o urso virou a cabeça e viu você falando com a Liaison. — Kowalski parou com cuidado, pois o semáforo estava vermelho. — Nunca vi um dos ursos antes. Não posso dizer que estou ansioso para ver outro. — Uma pausa quando a luz mudou e eles começaram a se mover novamente. — Você acha que ele poderia ter destruído uma parede?

Poderia ter passado por ela ou a destruído. Não encontrando nenhum conforto nessa certeza, Monty não respondeu à pergunta.

****

Meg ligou para o Palácio Pet e fez seus pedidos com o gerente da loja, já que o vendedor que atendeu ao telefone não queria a responsabilidade de entregar nada para o Pátio. Recebendo uma promessa de que as tigelas e cama seriam entregues na manhã seguinte, ela considerou a próxima chamada.

Algo estava errado com Sam, ou tinha feito algo errado. Ela tinha entendido que quando ele estava na gaiola da sala de estar de Simon,

deveria dar a ração, mas ela duvidava que fosse uma comida típica para qualquer um dos Lobos.

Alguma coisa tinha mudado nos últimos dias. Sam parecia mais ágil, mais parecido com um filhote curioso agora. Se ele estava se comportando mais como um filhote de cachorro, um Lobo típico, talvez isso explicasse a crescente falta de interesse na ração.

Apesar de não explicar o seu interesse nos biscoitos que havia comprado para ele.

Já que ela não poderia pedir para Simon algum conselho e com certeza ela não queria pedir para Blair, ela ligou para o açougue na Praça do Mercado, para ver se ela poderia obter uma resposta.

E enquanto ela ouvia o telefone tocar, um pensamento lhe ocorreu. Ela tinha estado no Pátio quase duas semanas agora e ouvia os Lobos todas as noites, então, por que *não tinha* qualquer um dos Lobos em sua forma de Lobo? Eles estavam sob ordens para evitá-la quando estivessem nessa forma? Eles eram realmente tão assustadores?

— Temos carne e peixe hoje, — disse uma voz masculina. — Procura algo?

— É Meg, a Liaison. Você tem alguma carne especial?

O silêncio, seguido por um murmúrio. — Carne especial? *Você* quer um pouco da *carne especial*?

Obviamente havia uma carne especial. Assim como, obviamente, nem todos estavam autorizados a tê-la.

— É para Sam, — disse Meg. — Ele não está entusiasmado com a ração, então eu perguntei se havia uma carne especial para os filhotes. Bem, talvez algo como coelho ou veado não seja realmente especial, já que os Lobos comem isso o tempo todo, não é? — Quando ele não disse nada, ela continuou. — Pequenos Lobos na idade de Sam podem comer carne, não é?

Um suspiro tempestuoso. Então aquela voz, parecendo aliviada, disse: — Claro que comem carne. Claro que eles comem. Tenho alguns bons pedaços de carne hoje. Seria mais que um simples prazer para ele

comer carne de veado ou coelho, a menos que queira um pernil inteiro de coelho. Tenho um pernil em mente, eu o peguei esta manhã.

De repente, se sentindo enjoada, Meg disse: — Um pequeno pedaço de carne seria bom. Eu não quero dar-lhe muito se ele não teve isso por um tempo.

— Eu vou levar. — Ele desligou.

Meg olhou para o telefone. — Por que ele ficou tão chateado por que eu pedi pela carne especial?

De repente, só poucas pessoas tivessem permissão para tê-la. Ou eram apenas os *seres humanos* que não deveriam querer isso por que...

Antes que perdesse a coragem, ela ligou para a *Bite* e silenciosamente agradeceu a todos os deuses quando Merri Lee respondeu.

— Seres humanos são considerados carne especial? — Perguntou Meg.

— Esta não é uma coisa boa para falar ao telefone, — Merri Lee disse finalmente.

Por um momento, Meg não podia pensar, mal podia respirar quando um desenho de uma vaca com setas apontando para os vários cortes de carne surgiu em sua cabeça. Em seguida, ela imaginou um desenho de um ser humano com os mesmos tipos de flechas. Poderia haver um sinal como esse no açougue?

— Merri? O açougue no Pátio vende peças de pessoas?

Silêncio.

— Oh, deuses.

Depois de outro silêncio, Merri Lee disse: — Eu tenho certeza que a *carne especial* não é mais vendida no açougue, se já foi algum dia, — disse ela, com a voz quase um sussurro. — E eu tenho certeza que quando os *Outros* matam um ser humano, essa pessoa é usualmente consumida no local e não há quaisquer sobras. — Ela engoliu em seco o suficiente para que Meg pudesse ouvi-la ao telefone. — Mas quando a carne especial *está* disponível, você verá um sinal na porta da loja. Não é tão óbvio, mas nós fomos capazes de adivinhar quando colocam a

placa. Como eu disse, eu tenho certeza que eles não vendem mais esse tipo de carne lá, mas o sinal informa a todos os *Outros* que ela está disponível.

— Mas nós compramos lá!

— Você já esteve lá dentro?

— Não. Eu não sei cozinhar, então eu não comprei nenhuma carne de lá. — E nunca poderia comprar nada lá.

— Quando comprar, não se esqueça de perguntar que tipo de carne está recebendo. Ou informe o que você está procurando. Se você pedir um bife e não especificar o animal, você pode obter carne de vaca ou cavalo ou veado ou alce ou mesmo bisões. Isso pode ser interessante, mas você pode não *querer* sempre o interessante.

Sentindo-se vacilante, Meg apoiou uma mão sobre o balcão e desejou que nunca tivesse pensado em conseguir um deleite para Sam. — Ok. — Ela soltou um suspiro. — OK. Obrigado, Merri.

Ela desligou e voltou para a sala de triagem a tempo de ouvir uma batida forte na porta dos fundos. Sam a seguiu, ainda usando o arnês e a trela porque ele não a deixava soltar a linha de segurança.

Ela abriu a porta. O homem tinha o cabelo castanho e os olhos dos Falcões, e estava usando um avental manchado de sangue ao redor de sua cintura. Ele estendeu dois pacotes embrulhados em papel pardo.

— Um bom bife, e alguns pedaços de guisado de carne, — disse ele. — Ainda está um pouco quente, espere antes de dar a Sam. O outro pacote tem pedaços de osso de veado seco. Os filhotes gostam de mastigar essa carne.

— O que é um osso de veado seco? — Perguntou Meg, pegando os pacotes.

Ele olhou para ela por um momento, então colocou um punho abaixo do seu cinto e bateu com o polegar no local.

— Oh, — disse Meg. — *Oh.*

Ele se virou e voltou para a Praça do Mercado.

Ela fechou a porta, olhou para os pacotes em suas mãos, e disse: — Eeewwww.

Mas Sam estava saltando ao redor dela, dançando sobre as patas traseiras para farejar os pacotes.

O primeiro pacote que abriu tinha a carne. Imaginando que ela poderia aquecê-lo no fogão, ela colocou o pacote no pequeno frigorífico. O próximo pacote tinha três pedaços de... Veado. Usando o polegar e o indicador, ela pegou um pedaço e deu a Sam. Então ela rapidamente fechou o embrulho e correu para o banheiro para lavar as mãos. Duas vezes.

É claro que ela não iria ficar na sala escutando Sam mastigar, então ela começou a triagem do correio enquanto ignorava o que Sam estava segurando entre as patas e roendo com tanto prazer.

****

Vlad olhou por cima das faturas e estudou o Lobo na porta. — Algo errado?

Blair entrou e sentou-se no outro lado da mesa. — Boone diz que não vai mais armazenar *carne especial* na loja porque ele não quer ter problemas com Henry agora e nem com Simon quando o Wolfgard retornar.

— Porque é que Boone está preocupado em ficar em apuros?

— Porque Meg perguntou se ele tinha alguma carne especial.

A boca de Vlad caiu. — *Meg?*

— Boone diz que ele vai ficar em apuros se não vender para ela quando ela pedir para ele, mas ele vai ter mais problemas se ela comprar e*, em seguida,* descobrir o que é. Ele não pode vender o que não tem; então ele não vai vender.

— *Meg?* — Vlad disse novamente. Ele não podia decidir se ele estava intrigado ou perturbado por essas informações.

— Acontece que ela estava procurando um deleite para Sam. — Os lábios de Blair se contraíram em uma sugestão de um sorriso. — Pelos sons que ele estava fazendo quando ele me chamou, eu estou supondo que o Falcão vai começar a muda de algumas penas antes do tempo.

Vlad riu alto.

Blair se levantou da cadeira. — Claro, ele também trouxe pedaços de carne de veado para Sam.

— Pare, — Vlad confessou, rindo tanto que não conseguia respirar. — Não, espere. Será que Meg sabe o que era?

— Ela sabe agora. Eu disse a Boone que ele deve continuar a entregar um pouco de carne para Sam. — Uma pausa. — Simon ligou, ele estará de volta em Windsday.

Ainda tentando recuperar o fôlego, Vlad acenou com a mão para reconhecer que tinha ouvido.

— Parece que ele não tem todas as respostas, — disse Blair.

Sóbrio, Vlad assentiu. — Nós vamos conversar quando ele voltar. — Uma vez que Blair deixou o escritório e teve a certeza que o lobo estava fora da audição, ele acrescentou, — Sobre muitas coisas.

****

Meg olhou para a porta de trás da livraria. Levar um Lobo na loja não era um problema; ela tinha ouvido falar que um ou dois *Outros* geralmente ficavam em forma animal para garantir a segurança da loja. Não, o problema era como eles reagiriam aos arreios de Sam e o arnês, e se ela estaria quebrando alguma regra tácita, trazendo um jovem *indigene da terra* em uma loja frequentada por seres humanos.

Deixar Sam no escritório não era uma opção depois que ela considerou o quanto de problemas ele poderia causar. Então, aqui estava ela, hesitando na porta.

O portão de madeira na parte traseira do quintal de Henry se abriu. O Beargard estudou os dois por um longo momento, antes dele olhar para a porta traseira do HBL. Indo na direção dela, ele pegou a coleira.

— Vamos, Sam. Você fica comigo por um tempo. Quanto mais cedo Meg cuidar de suas tarefas, mais cedo você pode comer.

Este é Henry, e Sam estaria seguro com o urso, mas Meg não se sentia tão tranquila sobre outras pessoas segurando a coleira dele e tendo o controle de Sam, e ela particularmente não gostava do filhote aceitando que outras pessoas *poderiam* segurar sua coleira.

Seu desconforto deve ter se mostrado em seu rosto, porque Henry disse: — Nós vamos ficar bem, Meg. Faça suas tarefas.

Ela olhou para Sam. — Seria melhor se você ficasse com o Henry. OK?

Ela não esperou por uma resposta. Ela entrou na HBL e correu até o almoxarifado. Mas ela não tinha nem chegado na parte pública da loja antes que ela ouvisse o protesto sibilante e o uivo de Sam por ter sido deixado para trás.

Ela já se sentia culpada por deixá-lo, e soltou seu próprio guincho quando o uivo de Sam foi respondido por um uivo mais profundo em algum lugar da loja. Ela hesitou. Então, movida pela curiosidade, foi até o salão de armazenamento.

Talvez ela visse os Lobos pela primeira vez.

Aparentemente, ela não foi à única pessoa envolvida nos chamados e uivos dos Lobos. Todos os clientes que passaram estavam à procura de algo que não estava nas prateleiras, mas ela chegou à frente da loja sem ver nenhum dos *indigenes da terra* em forma de lobo. Ela encontrou John Wolfgard, que a levou para a seção infantil. Ele parecia muito alegre para ser um lobo, e se perguntou se os clientes que lidavam com ele estavam aliviados ou decepcionados com isso.

Chamado por outro cliente, ele a deixou visitar os livros de imagens. Ela escolheu alguns livros — *Isto é* — e um livro de histórias infantis. Incerta de por quanto tempo ela estava ali, e desejando uma oportunidade de olhar o livro por si mesma, ela correu da seção infantil e foi para frente da loja onde tinha visto uma exposição de livros, e quase bateu no homem que obstruiu seu caminho.

Ele estava próximo da idade de Simon, com um rosto magro e corpo esguio, mas seu cabelo era uma mistura de cinza e preto, e seus olhos cinzentos tinham uma ilusão menor de humanidade de qualquer

shifter que ela tinha visto no Pátio até agora. Ele usava jeans, uma camisa branca, e, uma jaqueta de couro preta cheia de cicatrizes. Não havia nenhuma dúvida em sua mente que ele era o Lobo que tinha respondido ao uivo de Sam.

Ele não se moveu de seu caminho, e nem tentou mudar de posição o suficiente para ela se espremer por ele. Quando o fez, ele se inclinou e a cheirou, sem sutileza alguma. Então ele espirrou.

Meg não se incomodou de suspirar sobre outro lobo que iria reclamar sobre como seu cabelo fedia, não, muito obrigado.

Mesmo o sorriso de John vacilou quando ele percebeu quando o outro Lobo a seguiu até a frente da loja, mas ela continuou com suas compras, incluindo um romance que ela pegou da mesa de exibição, para provar que ela poderia comprar um livro para si, e colocou tudo no saco que trouxe com ela.

Agradecendo a John, ela foi em direção ao fundo da loja, cada vez mais nervosa sobre o Lobo que parecia decidido a segui-la. Ela deu um suspiro de alívio quando ele hesitou, em seguida, virou-se e entrou na cafeteria. Querendo voltar para o escritório antes que ele começasse a segui-la novamente, ela abriu a porta de trás do HBL e correu para a porta do quintal de Henry.

Uma bola de neve atingiu seu ombro, surpreendendo-a e extraindo um guincho dela. Mas foi o Lobo caindo nela que a fez gritar tão alto que os Corvos e Falcões se agruparam todos em torno do quintal de Henry e do gabinete do Liaison, decolando em um turbilhão de asas. Meg caiu em suas mãos e joelhos, e, em seguida, se enrolou, cobrindo a cabeça e pescoço com os braços.

O Lobo aterrissou em suas costas, rosnando ferozmente enquanto ele deslizava dela, em sua tentativa de agarrar seus braços.

Em seguida, uma cabeça pequena empurrou debaixo do braço dela, e uma língua deu em seu rosto um par de lambidas rápidas. Sam latiu para ela por um momento antes dele levantar a cabeça para fora do espaço e, felizmente, pulou em cima dela novamente.

A risada de Henry soou. — Você fez uma pegada adequada, Sam. Agora vamos levantá-la.

Meg contou até dez. Quando ninguém pulou em cima dela, ela lentamente se desenrolou. Um momento depois, uma grande mão agarrou a parte de trás do seu casaco, e puxou-a na posição vertical, e começou a tirar a neve de cima dela.

— Você faz uma boa encenação de brincadeira, Meg, — disse Henry, sua voz repleta de riso. — Sam, é hora de você ir.

— Isso foi o suficiente, — ela suspirou, afastando a neve da frente de seu casaco.

Henry pegou sua bolsa e saco de transporte, tirando a neve de ambos. — Foi agradável ver você brincando de ser presa.

Ela não estava brincando de qualquer coisa. O arnês e a corda vermelha não foram registrados em seu cérebro. Tudo o que ela tinha visto foi um Lobo indo na direção dela, em uma corrida. Sam estava parecendo muito maior naquele momento, e cair no chão foi instintivo.

— Eu provavelmente deveria ter corrido, — ela murmurou, levando a bolsa e o saco de transporte de Henry. Sam voltou, balbuciando e arrastando a extremidade da coleira atrás dele.

— Não, — Henry disse calmamente, sua atenção em algo atrás dela. — Correr teria sido a coisa errada a se fazer.

Tomando a coleira de Sam, ela a prendeu e colocou a outra extremidade em seu pulso antes de voltar a olhar para o que quer que Henry estivesse assistindo.

O Lobo que a tinha seguido na HBL estava por perto, segurando um pequeno isopor, o mesmo que Tess usava para entregar comida ou café para as pessoas que trabalhavam na Praça do Mercado. Ele olhou para ela com uma fúria que beirava o ódio enlouquecido.

— O que você quer, Ferus? — Perguntou Henry.

Era Sam, de pé entre seus pés e rosnando para o outro Lobo, que finalmente, afastou a atenção de Ferus para longe dela. Mas não por muito tempo. Ele não conseguia afastar o foco do arnês e da trela que prendia Sam a um ser humano.

— *Ferus.* — A voz de Henry era tanto de comando quanto de advertência.

— Tess me pediu para levar isso para o *Liaison*, — Ferus disse, as palavras quase se perdendo em um rosnando.

— Você deve ir agora, — disse Henry a Meg, descansando a mão em seu ombro. — Você precisa abrir para entregas da tarde em breve. — Ele deu-lhe um pequeno empurrão em direção ao escritório.

— Vamos, Sam, — disse Meg, com muito medo agora, e falou quase em um sussurro.

Por todo o caminho de volta para o escritório, Sam estava na ponta da coleira, depois parou e ficou lhe esperando até alcançá-lo. E, por todo o caminho de volta, Ferus se arrastava atrás dela, uma ameaça silenciosa.

Memória. Um vídeo mostrando uma matilha de lobos comuns puxando um cervo. Começando a se alimentar antes que o veado estivesse realmente morto. Rasgando. Ingestão excessiva de carne fresca.

Eles passaram o mesmo vídeo uma tarde inteira porque uma das meninas tinha lutado contra ser cortada, e a profecia resultante tinha sido de qualidade inferior. E, enquanto as meninas assistiram ao clipe, os Aqueles Com Nome sussurravam mais e mais, — Isso pode acontecer com você. Se alguma vez você parar de querer se cortar, é isso o que os lobos vão fazer com você.

Eles cuidavam de bens, não de pessoas. Disposta a arriscar sua vida, a fim de *ter* uma vida, ela tinha terminado em um Pátio, escondendo-se entre seres que eram ainda mais perigosos que os homens que viam nela algo apenas como uma ferramenta viva. Apesar de Simon rosnar para ela sobre uma coisa ou outra, e sempre ameaçar comê-la porque tinha feito algo que ele não gostou, e apesar do medo condicionado dos *Outros,* que os *Aqueles Com Nome* tinham tentado incutir nela, ela não tinha pensado em si mesma como presa. Até agora.

Ela não tinha necessidade de cortar a pele para saber que era exatamente como Ferus a via. Para ele, uma humana se igualava a uma presa, igualava a carne. Ela não precisava usar a navalha para saber que

não era uma questão de *se* ele iria puxá-la para baixo e rasgá-la como o cervo que tinha visto naquele vídeo; era uma questão de *quando.*

Ela esteve tão ocupada construindo uma vida aqui que esqueceu a outra parte da sua visão pessoal. Ela ia morrer neste Courtyard.

Mas ela também tinha visto a si mesma naquela cama estreita, e Simon andando naquela sala branca. Como ela poderia estar lá se os Lobos rasgassem sua carne?

Sam latiu, e ela percebeu que tinha chegado na porta de trás do escritório. Suas mãos tremiam enquanto ela lutava para colocar a chave na fechadura.

Uma vez que ela abriu a porta e Sam correu para dentro, ela se atreveu a olhar para o outro Lobo. — Obrigada por carregar meu almoço.

Ele apenas olhou para ela. Então ele estendeu a caixa do almoço.

Ela pegou, e entrou no escritório, fechou a porta e quase se molhou quando ouviu o uivo furioso do outro lado da porta.

Ofegante em seu esforço para respirar, ela colocou todos os sacos na mesinha e ignorou a neve que estava espalhando no chão. Deslizando a coleira de seu pulso e tirando o casaco, ela entrou no banheiro, fechando a porta antes que Sam pudesse segui-la.

Ela precisava fazer xixi, mas agora ela não conseguia relaxar os músculos o suficiente para isso. Finalmente capaz de cuidar dos seus negócios, ela saiu do banheiro a tempo de ver Sam subir em uma cadeira e tentar roubar a lancheira.

Agarrando o filhote, ela secou os pés, tirou as botas, e limpou o chão. Então, com ele dançando em torno dela, ela abriu a caixa de almoço. Um recipiente de carne, e sopa de legumes para ela, e um recipiente menor de sopa para Sam. Ela despejou o conteúdo, derramou a sopa em sua bacia, e mergulhou o dedo para se certificar de que não estava muito quente. Sam começou a lamber a sopa logo que ela saiu do seu caminho, e abriu seu próprio recipiente. A sopa estava quente, e ela percebeu que Tess deve ter deliberadamente deixado a porção de Sam refrescar. Um sanduíche de queijo estava incluído com o seu almoço. Arrancando um pedaço, ela deu a Sam, em seguida, forçou-se a

comer o sanduíche, e um par de colheres de sopa. Seu estômago ainda estava balançando de medo, por isso mesmo um pouco mais de comida a deixou enjoada.

Desistindo, ela aqueceu a água enquanto embrulhava a comida e se perguntou se tinha como evitar que o filhote abrisse a geladeira e os armários inferiores.

Depois de fazer uma xícara de chá de hortelã, ela agarrou o saco de transporte com os livros e se dirigiu para a sala da frente, com a intenção de abrir mais cedo e dar uma boa olhada nas entregas de livros.

A caixa de cubos de açúcar que ela tinha deixado sobre a mesa de triagem estava derrubada e a parte superior da caixa estava rasgada. As gavetas, onde ela mantinha o seu material de escritório, foram puxadas.

E havia alguém fazendo barulhos furtivos na sala da frente.

Tranquilamente girando a maçaneta, Meg abriu a porta privada, em seguida, olhou para o Corvo que, perturbado por ter sido pego, quase caiu do balcão.

— Jake?

Jenni tinha dito a ela que Jake gostava de usar as canetas com os humanos que traziam os pacotes, e tinha a intenção de ajudar Meg sempre que ele era designado para observar essa parte do Pátio.

Ajuda não era a palavra que veio à mente quando Meg abriu a porta da frente. E como Jake tinha entrado? Até onde ela sabia, apenas alguns membros da Associação de Empresas tinham as chaves para o Gabinete do Liaison. Bem, ele poderia ter escapado quando guardava alguma entrega e se escondido para que pudesse vasculhar as gavetas enquanto ela estava fora do escritório.

Ela pegou duas caixas vazias do chão, em seguida, olhou para todos os lápis que foram espalhados no balcão, junto com a maioria das canetas que ela normalmente guardava no suporte. Ela não tinha certeza do que o Corvo estava construindo, mas ele certamente esteve a procura nas gavetas para encontrar o que queria.

— Jake, você não pode ter todos os lápis e canetas, — disse Meg. Ela pegou uma das canetas. Ele a bicou. — Ei! — Ela estava farta

da vida selvagem hoje e não precisa de um Corvo traquinas para roubar suas coisas.

Caw!

— Eu preciso dessas canetas!

Caw!

— Jake! — Seus olhos se encheram de lágrimas, o que era estúpido. Tudo era estúpido, mas ela tinha se assustado duas vezes no espaço de poucos minutos, e ela não precisava disso, o que quer que fosse.

Jake inclinou a cabeça de um lado a outro. Então ele se agitou em torno de sua criação, tirou uma caneta azul, e ofereceu a ela. Quando ela a pegou, ele selecionou uma caneta vermelha e também lhe ofereceu. Por fim, ele pegou outra caneta, uma preta e começou a reconstruir o que ele estava construindo em seu balcão.

— Minhas, — ela disse, fungando enquanto colocava as três canetas sob o balcão com sua prancheta.

Ela estava prestes a perguntar sobre o açúcar, quando Ásia entrou no escritório.

— Deuses acima e abaixo, Meg. O que está acontecendo? Alguém ferido?

— Ferido?

— Esse *grito*. Você não ouviu? Eu estava olhando a exibição de cerâmica do *indigene da terra* e ouvi esse *terrível* grito. E todos os pássaros de repente voando ao redor, ficando loucos e fazendo um som sibilante. — Ásia jogou as mãos para cima, fazendo com que Jake agitasse suas asas em protesto.

Meg queria escapulir para a sala de triagem e trancar todas as portas e nunca mais sair. Ela iria ficar lá até que tudo se tranquilizasse, e não precisasse fazer mais esse som.

Em seguida, ela considerou que os lobos ficariam felizes em fazer esse tipo de som.

— Você ouviu?

— Claro que eu ouvi! — Ásia se afastou do Corvo e baixou a voz. — Sabe quem era?

— Eu, — Meg murmurou e seu rosto queimou de vergonha. — Fui eu.

— Você?

— Eu estava assustada. E até mesmo pequenos Lobos parecem muito grandes quando estão correndo para você.

Claro, esse foi o momento que Sam escolheu para ficar na porta, abanando o rabo e lambendo os beiços.

— Oh, — Ásia jorrou, inclinando-se sobre o balcão, mas tendo cuidado para não ter qualquer parte de si mesma *além* do balcão. — Ele não é a coisa mais doce! — Seus olhos foram até a porta. — Falando de coisas doces, você deve ter uma grande gula por doce, Meg.

Meg olhou para trás. — Oh, o açúcar é para os pôneis. Eles recebem um tratamento especial na Moonsday. — Ela olhou para Jake. — Você sabe como a caixa foi derrubada e a parte superior rasgada?

O Corvo levantou as asas, de uma forma que imitou perfeitamente um encolher de ombros.

Meg inclinou-se para Jake. — Se alguém escondeu um torrão de açúcar, a fim de atrair insetos para comer, esse *alguém* não vai ser mais permitido brincar com os lápis.

Ele olhou para ela. Então se agitou no chão, bicou em torno da borda do balcão por um momento, voou de volta para cima, e deixou cair o torrão de açúcar no balcão.

Suspirando, Meg pegou o torrão de açúcar e ouviu algo cair no quarto dos fundos.

— Ásia, este não é um bom dia para uma visita.

— Eu percebi, — respondeu Ásia. — Tome cuidado. Talvez possamos almoçar qualquer dia desses...

— Não tenho certeza. Eu estou cuidando de Sam, e ele já é demais.

Um baque, seguido por Sam *latir/ falar* de volta para alguma coisa.

— Eu tenho que ir, — disse Meg, apressando-se para a sala de trás.

Por um momento, tudo o que ela pode fazer era olhar. Sam tinha de alguma forma arrastado uma cadeira do outro lado da sala e foi subindo até chegar à caixa de biscoitos de cachorro que tinha deixado no balcão. A porta da geladeira estava aberta, e restos de seu sanduíche de queijo estavam espalhados no chão, junto com o embrulho, que tinha sido rasgado em pedaços. Ou ele não estava interessado ou ele não foi capaz de pegar o recipiente de sopa. Ela não queria pensar na confusão se isso acontecesse.

Decidindo que iria beber o chá de hortelã-pimenta, agora frio, antes de lidar com Sam comendo o *seu* almoço, ela pegou o filhote e foi para a sala de triagem, fechando firmemente a porta da sala de trás.

Foi quando ela viu a caixa de açúcar sobre a mesa e percebeu que não tinha mais o torrão de açúcar que tinha tirado de Jake, e não tinha idéia de onde tinha deixado cair.

Indo para a sala da frente para recuperar o seu chá, ela viu Ferus do lado de fora do consulado, conversando com Elliot Wolfgard e gesticulando em direção ao escritório. Fácil de adivinhar o que eles estavam falando: Sam em uma trela. Vlad e Henry não pareciam preocupados com isso quando ela e Sam caminhavam ao redor do complexo, mas tinha a sensação de que os Lobos não teriam a mesma compreensão sobre amigos e linhas de segurança.

— Corvo na sala da frente, filhote na sala do meio, Lobo louco do fora de fora, — ela murmurou. — Tem como ficar melhor?

Aparentemente, tem. Felizmente, ela percebeu o *inseto* que Jake deve ter deixado cair no seu chá como uma oferta de paz *antes* que ela tomasse um gole.

****

Entrando no *Veado e Lebre*, um restaurante que ficava em frente à entrada das entregas do Courtyard, Ásia sentou em uma mesa em frente às janelas. O frio de fora esfriava os vidros, e a maioria dos clientes estavam amontoados nas mesas mais próximas da lareira no centro da sala principal.

Mantendo o casaco, Ásia fez o seu pedido e olhava pela janela, analisando as coisas que tinha visto e como considerava o que poderia usar em sua vantagem.

Meg tinha gritado, e todos os *indigenes da terra* em quase toda Courtyard tinha respondido, mesmo aqueles que trabalhavam no consulado. De acordo com Darrell Adams, um ser humano que trabalhava para Elliot Wolfgard, todos que trabalhavam no consulado pensavam no Gabinete do Liaison como *um parente pobre;* algo que tinha de ser tolerado, mas era ignorado, tanto quanto possível.

Parente pobre ou não, mesmo que não dessem alguma atenção, foi uma exceção quando Meg gritou. Portanto, não havia uma maneira de redirecionar a atenção dos *Outros,* mesmo que apenas por um minuto ou dois. Muitas coisas poderiam ser realizadas em um ou dois minutos.

E havia aquele filhote de Lobo *usando um arnês*. Ele poderia mudar para um menino? Ou o arnês impedia sua capacidade de se transformar em forma humana? Se um dos *Outros pudessem* ser contidos e controlados, seus apoiadores provavelmente conheciam alguns colecionadores que se arriscariam à ira dos *indigenes da terra* para ter um Lobo como um animal de estimação, mesmo que apenas por pouco tempo. Eles poderiam até considerar o uso de um Lobo domesticado em alguns filmes de terror, pelo menos até que se tornasse velho o suficiente para ser perigoso.

Ásia sorriu para o garçom quando ele trouxe uma tigela de sopa. Quando a refeição simples a esquentou, ela olhou para o Pátio e sorriu novamente.

Meg estava cuidando de um filhote, enquanto Simon Wolfgard estava fora. Não precisava ser um gênio para somar dois e dois e obter *dinheiro.*

Afinal, manter alguém para pedir um resgate era muitas vezes um negócio lucrativo, e arriscado.



CAPÍTULO 13

NA MANHÃ DE SUNSDAY, o novo conjunto de tigelas e a cama do filhote foram entregues no escritório como prometido, e Sam estava muito satisfeito em ter o seu próprio lugar confortável onde pudesse observar Meg enquanto ela classificava o correio e os pacotes. Boone trouxe um pequeno recipiente de carne picada, alegando que agora ela era uma cliente regular. Meg não perguntou que tipo de carne era ou quem havia feito o pedido. Ela apenas aquecia a carne e misturava com a ração.

Naquela manhã, não havia nenhum sinal de Jake Crowgard. Também não havia sinal de lápis ou canetas espalhadas, só havia as três que deveriam ser as dela. Entre as entregas, ela ligou para lojas de brinquedos, encontrou o que estava procurando, e uma promessa que a loja iria entregar a mercadoria esta tarde.

Às vezes, Sam se escondia dos entregadores; às vezes ele observava da sala de trás, quando ela separava as entregas, e Meg observou a forma com alguns entregadores estudavam a corda vermelha um pouco demais para o seu gosto.

E, muitas vezes ao longo do dia, quando ela pensou sobre a visão dos homens de preto e Sam uivando de terror, ela encontrou-se esfregando os braços para aliviar a comichão sob a pele, enquanto lutava com o desejo de fazer outro corte.

Já estavam em Windsday, Meg e Sam tinham uma rotina matinal viável, e pela primeira vez desde o início de sua temporada cuidando do filhote, já há sete dias, eles chegaram ao escritório sem pressa.

Quando ela abriu a porta da frente, Meg enfiou a cabeça para fora e sorriu para os Corvos, que tinham tomado a sua posição habitual na parede. — Digam a Jake que tenho um pacote para ele.

Depois de ajeitar as coisas, ela soltou a coleira e removeu o arnês de Sam. Ela tomou essa decisão depois de acordar duas vezes com medo de sonhos que ela não conseguia se lembrar. Ela iria manter o arnês e trela acessíveis, mas ela não queria que ele a usasse quando não fosse necessário.

Além disso, Merri Lee disse a ela que Ferus tinha sido transferido para trabalhar com Blair no Complexo Utilities. E ontem Henry de repente entrou no escritório várias vezes para verificar uma entrega ou dar uma olhada no catálogo, alegando encontrar algo que não tinha. Não havia escapado seu aviso de que o urso aparecia cada vez que Elliot Wolfgard deixava o consulado. Percebendo que Blair e Henry tinham feito essas coisas porque alguns Lobos estavam chateados com o arnês, era outra razão para Sam não usá-lo.

— Nós não precisamos da nossa linha de segurança quando estamos dentro do escritório, — ela disse a ele quando ele tentou saltar e pegar o arnês do balcão. — Tudo o que você tem que lembrar é não ficar sem eles quando enchermos os cestos dos pôneis.

Ele latiu de volta, mas ela lhe deu biscoitos e outro pedaço de veado, que ele levou de volta para a sua cama para roer, terminando a discussão.

Jake Crowgard não foi tão fácil para distrair.

Meg não sabia quando ele entrou sala, mas ele estava em cima do balcão, estudando o suporte de canetas, agora vazio, quando ela voltou para a sala da frente. Ela colocou o seu chá de hortelã-pimenta sobre a mesa de triagem, onde estaria fora do alcance de qualquer um que acidentalmente o derrubasse, tirou uma caixa debaixo do balcão, a abriu, e mostrou as rodinhas de madeira, as varas coloridas, e uma variedade de conectores.

— Me devolva todos os meus lápis e as canetas, me prometa deixá-las sozinhas a partir de agora, e você pode ficar com isso, — disse ela.

As negociações teriam sido mais simples se Jake estivesse em sua forma humana para que ele pudesse realmente falar com ela. Tinha certeza de que essa era a razão pela qual ele não queria mudar. Ele tentou

fingir que não entendia o que ela estava dizendo, então ela sorriu para ele, fechou a caixa, levou-a para a sala de triagem, e fechou a porta privada.

Ela ignorou o grasnar de Jake enquanto ela organizava o correio. Ela ignorou o uivo de Sam quando ela abriu a porta do quarto de classificação, em seguida, voltou para a sala para buscar o casaco e a tigela com os pedaços de cenouras que era o deleite dos pôneis naquele dia.

Sam ficou na frente da porta do lado de fora, murmurando no fim da trela e abanando o rabo. É evidente que a linha de segurança era necessária para ficar com a porta aberta. Perguntando-se se ela havia enfatizado o sistema de amizade um pouco demais, Meg colocou a guia em seu pulso e pegou os dois primeiros pacotes de entregas, quando um coro de relinchos anunciou a chegada dos pôneis. Satisfeito consigo mesmo, Sam ficou ao lado dela enquanto ela andava para trás e para frente, entre a mesa e os pôneis, carregando seus cestos com as entregas, catálogos de lojas próximas e embalagens planas.

Uma vez que os pôneis estavam a caminho e Sam tinha se desviado um pouco na neve, tempo suficiente para ficar com o pelo cheio de neve, Meg trancou as portas. Em seguida, ela verificou o quarto da frente. Jake não estava à vista, mas havia três lápis no balcão.

Ela pegou os lápis e colocou duas varas coloridas e uma roda em seu lugar.

Quando ela fechou para o almoço, ela sorrateiramente tirou os brinquedos do escritório e os trancou em seu carro. Então ela levou Sam para frente do quintal de Henry, para uma hora de brincadeira enquanto ela ia para a cafeteria para uma refeição descontraída.

Retornando ao escritório, encontrou mais três lápis e quatro canetas no balcão e uma pena preta na sala de triagem. Aparentemente, Jake tinha tentado arrumar um extra, procurando pela caixa. Sentia-se estranhamente orgulhosa de que foi mais esperta que um Corvo.

Ela nunca o via durante as horas de entrega da tarde, mas cada vez que verificava o quarto da frente, mais canetas ou lápis estavam sobre

o balcão. Quando o suporte de canetas e lápis estava cheio, Meg colocou todas as peças do brinquedo restantes no balcão e trancou para o dia. Ela tinha entregas para fazer, e ela precisava deixar Sam em casa antes de sair.

Quando ela e Sam saíram pela porta dos fundos, Starr Crowgard correu até eles.

— Jake quer saber se você encontrou os últimos lápis, — disse Starr.

— Sim, encontrei. — Meg fez uma pausa, a chave na fechadura.

— Ele perguntou se ele poderia ter o resto das varas.

Ele perguntou? Meg pensou quando abriu a porta. — Certo.

Eles foram para a sala da frente. Meg colocou as peças restantes de volta na caixa e entregou para Starr, que trocava de pé para pé.

Foi um erro pensar que os *Outros* viviam exatamente como as aves ou animais que imitavam, mas depois de viver nessas formas por tantas gerações, eles tinham absorvido alguns dos comportamentos desses animais. Juntando o que sabia sobre os Corvos, como a maneira que Starr estava olhando para ela, Meg tentou não suspirar. — Quantas caixas você gostaria para a sala social da Corvine?

Starr levantou cinco dedos.

— Vou pedi-los amanhã.

Sorrindo, Starr saiu, em seguida, correu em direção à Praça do Mercado, onde suas irmãs, e sem dúvida Jake, estavam esperando na Sparkles e Junk para terminar de construir o que *estavam* construindo.

Quando ela e Sam estavam no carro, Meg soltou um suspiro tempestuoso. Não era fácil lidar com os *Outros,* mas pelo menos ela tinha mostrado aos Corvos que ela não era uma tarefa simples.

****

Os Corvos poderiam ter aprendido que ela não era uma tarefa simples, mas essa lição particular foi perdida pelo filhote. Quando ela estacionou no Complexo Verde, Sam não quis sair do carro.

— Sam, — Meg disse severamente. — Eu tenho entregas para fazer antes de podermos brincar. Você tem que esperar por mim em casa.

Ele latiu de volta, e ela não precisava falar *Lobês* para saber que ele queria ir com ela e não estava concordando com tudo o que ela disse sobre ele ficar em casa sozinho.

Até poucos dias atrás, ele ficava sozinho em casa o tempo todo. Aparentemente, ele não queria mais isso.

Meg olhou para o filhote desafiante, considerando o problema. Ela podia pegá-lo, mas ele era rápido o suficiente para voltar para o interior do carro, e havia a possibilidade de ele esmagar um pacote que continha algo quebrável. Ela poderia tentar agarrar a corda, mas ele poderia esquecer que eram amigos e mordê-la. Ou, ela poderia pegar a coleira e puxá-lo para fora do veículo. Mas ela tinha passado uma vida inteira sendo controlada e mantida em uma espécie de coleira ou de outra, e ela não queria que Sam pensasse que ele deveria deixar alguém controlá-lo sem lutar com essa pessoa em todo o seu caminho.

Alguém humano, de qualquer maneira, uma vez que Simon Wolfgard controla praticamente tudo e todos no Pátio. E não podia ajudá-la agora, enquanto ele ainda estivesse fora da cidade.

Inclinando-se no carro, ela sacudiu o dedo para Sam, dando tapinhas no nariz dele um par de vezes.

— Tudo bem, — disse ela. — Você pode vir comigo. Mas, Sam, você tem que se comportar, ou nós dois vamos ter problemas. Você entende?

Ele lambeu o dedo dela e abanou o rabo. Uma vez que ela teve a confirmação de patas, caudas, e a trela a salvo no interior, ela fechou a porta e deu a volta para o lado dela.

Depois de ligar o carro, ela considerou sua rota de entrega. Ela não iria perto do Complexo Wolfgard enquanto Sam estivesse com ela. Isso seria pedir problemas. Ela tinha uma caixa para Jester. O Pony Barn era seguro o suficiente. O Complexo Utilities? Mais complicado se Blair e Ferus estivessem lá, mas ela tinha enviado uma nota junto com uma entrega, dizendo a Blair que ela iria entregar suas caixas quando

fizesse sua ronda da tarde, e ela não achava que fosse uma boa ideia quebrar uma promessa para o executor do Pátio.

— Eu vou ser mordida de uma forma ou de outra, — ela murmurou enquanto se dirigia para o Pony Barn. Quando parou em frente, ela contou quatro corujas empoleiradas em uma peça decorativa de madeira. Três Falcões reivindicaram uma cerca pouco semelhante do outro lado do celeiro. E nas árvores ao redor do celeiro estava uma dúzia de Corvos. Aparentemente, ela ainda estava recebendo o suficiente para os Outros observarem suas atividades.

Jester caminhou até o carro, olhou na janela do passageiro, e sorriu. Vindo para o lado de Meg, ele esperou até que ela abriu a janela e bloqueou a tentativa de Sam de subir no seu colo e enfiar a cabeça para fora.

— Tem um ajudante hoje? — Perguntou Jester.

— Eu tenho algo, — ela respondeu. Então, — Sam! Pare com isso! Você prometeu se comportar.

— Se você tivesse um melhor senso de cheiro, você iria gostar de farejar também, — disse Jester. Ele olhou para seu rosto e soltou sua risada. — Eu vou pegar a minha caixa da parte traseira.

— Obrigada. — Ela agarrou Sam antes que ele subisse na parte de trás com os pacotes, mas ela não poderia impedi-lo de uivar para deixar todos em Courtyard saberem que ele estava lá. E todo o Courtyard *iria* saber, porque os Corvos grasnavam, os Falcões gritavam, as corujas piavam, e os pôneis relinchavam, e o maldito Coiote levantou a sua voz junto com o resto deles, apesar de estar em forma humana.

— Dirija com cuidado, — disse Jester. — Tem um pouco de neve vindo. Ele fechou a porta de trás do carro e se dirigiu para o celeiro.

Quando ela foi embora, vários pôneis, incluindo o Trovão, Relâmpago, e o velho Furacão, deixaram o celeiro e correram atrás dela, saindo de suas baias, enquanto ela continuava as entregas no Complexo Utilities.

Blair estava lá, à espera de sua entrega, assim como Ferus. Quando ela parou, ambos se encaminharam para ela.

— Você tem que ficar dentro do carro, — Meg disse calmamente. — Grandes Lobos não gostam da linha de segurança. — Ela saiu do carro e abriu a porta traseira antes que os dois lobos se aproximassem.

Houve lampejos de vermelho nos olhos de Ferus. Ele rosnou para ela. Blair imediatamente se virou e rosnou para ele até que Ferus baixou os olhos e deu um passo para trás. E Sam, enfiando a cabeça entre os assentos para observar os lobos, vocalizou sua opinião para todos.

Blair estudou o filhote. Em seguida, ele estudou Meg. Finalmente, ele disse: — Você tem quaisquer pacotes para o complexo Wolfgard?

— Sim.

— Você pode deixá-los aqui. Eu vou levá-los comigo quando voltar para casa.

Aliviada, ela pegou as caixas e pacotes, e Blair entregou a Ferus para levar para dentro do prédio Utilities.

— Simon vai estar em casa hoje à noite, — Blair disse quando pegou a última caixa.

— Oh, isso é bom. — Era bom, mas também significava que ela precisava deixar Sam em casa antes que Simon chegasse.

Tendo expressado suficientemente sua opinião, Sam se enrolou no assento do passageiro, e dormiu, quando ela voltou para o carro e se dirigiu para as Câmaras.

Suas mãos tremiam um pouco quando o carro passava pela estrada coberta de neve, que rapidamente cobriu o pavimento. Ela queria terminar suas entregas e chegar em casa antes que houvesse uma queda de neve que superasse suas habilidades de condução, e não precisaria de muita neve nas estradas para fazer isso.

Sam não se mexeu quando ela parou no primeiro conjunto de caixas de entrega para as Câmaras, mas ele acordou quando ela vasculhou o carro para encontrar a escova de neve e limpar as janelas antes que ela pudesse dirigir para o próximo grupo de Mausoléus que os Sanguinati chamavam de casa.

Quando ela parou em frente da casa de Erebus, Sam estava quase saltando de excitação, arranhando a janela do passageiro e, em seguida, a maçaneta da porta.

— Pode sair, — disse Meg, mantendo sua porta aberta.

Ele saltou para fora do carro e se esquivou até o outro lado da estrada para explorar, o tanto quanto a coleira permitia.

— Por aqui, Sam. — Meg deu um suspiro de alívio quando ele obedeceu imediatamente. Agachada, ela colocou a mão em sua cabeça. — Nós nunca devemos atravessar a rua sem olhar para os dois lados. Poderia haver outros veículos na estrada, e o motorista poderia não vê-lo quando você atravessasse. Isso seria muito ruim, especialmente se alguém se machucar. Assim, você não corre para o outro lado da estrada desse jeito. Tudo certo?

Ele lambeu o queixo dela, e ela tomou esse gesto como acordo.

Quando eles foram para a parte de trás do carro, ela começou a recolher os pacotes, e observou como o filhote olhava para a cerca de ferro, e o pensamento do que Jester tinha contado a ela sobre as Câmaras surgiu.

Chamando a atenção de Sam novamente, ela disse: — Esta é também uma regra muito importante que todos nós temos de seguir. *Ninguém* está autorizado a ir para dentro da cerca, a menos que o Sr. Erebus dê a sua permissão. Mesmo Simon não entra nas câmaras sem permissão. Por isso, fique do lado de cá da cerca e sequer cutuque com o seu nariz entre as barras.

Sam suspirou.

— Eu sei, — ela disse quando abriu uma caixa de entrega e começou a enchê-la. — Há uma série de regras para se lembrar quando você decidir ir além do Complexo Verde, regras complexas, ainda mais quando se sai do Pátio. Se você tivesse me deixado te levar para casa, você poderia estar em uma casa quente, assistindo a um filme, em vez de estar aqui na neve comigo.

— Você gosta de filmes, Lobinho?

Meg deu um pulo e soltou um grito. Sam respondeu dando rosnados de filhote, o rosnado teria soado mais impressionante se ele não tivesse saltado para trás dela e, em seguida, enfiado a cabeça entre os joelhos para expressar essas opiniões.

Ela olhou para o velho de pé na porta, sorrindo gentilmente para ela. — Sr. Erebus.

— Eu não queria assustá-la.

— Eu sei. Eu só não pude vê-lo. — Ela olhou para o seu mausoléu. A porta estava aberta, mas não havia pegadas frescas na neve, indicando uma caminhada. Ela tinha ficado tão acostumada a ver fumaça sobrevoando a neve, que ela ainda não tinha notado até agora.

Erebus não fez comentários. Ele ficou ali, sorrindo gentilmente.

— Sam gosta de filmes, — disse Meg para preencher o silêncio. Ela fechou a caixa de entrega, em seguida, voltou para o carro para pegar outro grupo de pacotes. — Mas eu acho que ele não vê o mesmo tipo de filmes que o senhor vê.

— Eu gosto de muitos tipos de filmes, — Erebus respondeu, olhando para Sam. — Você já viu os filmes chamados de desenhos animados? Gosto especialmente daqueles onde os animais ou as pessoas fazem as coisas mais loucas e ainda sobrevivem.

Sam ficou perto dela enquanto ela enchia as caixas, mas quando ela voltou para o carro para pegar os últimos pacotes do senhor Erebus, Sam se afastou do carro para estudar o patriarca vampiro.

Erebus abriu o portão, se agachou e estendeu uma mão para além do limite das Câmaras. Sam cheirou a mão, lambeu o dedo, e abanou o rabo.

Erebus riu suavemente enquanto acariciava o filhote. — Você é um menino encantador. Estou feliz que você está cuidando da nossa Meg.

— Parece que o senhor tem outro filme, — disse Meg. Quando Erebus estava no saguão, ela esperava que ele dissesse onde ela deveria deixar as caixas de entrega. Mesmo quando ela descarregava o carro, e levava os seus pacotes até a porta, ele sempre a observava, e ela deixava as entregas na varanda esperando as suas instruções. Mas ele tinha

acariciado Sam, e ela tinha a sensação de que ele queria dizer alguma coisa. Então ela estendeu o pacote.

Ele hesitou. Erebus, na verdade hesitou antes de pegar o pacote da mão dela.

— Namid é cheia de muitas coisas, algumas maravilhosas e outras terríveis, — ele disse suavemente. — E algumas de suas criações são ambas; obrigado por trazer os meus filmes, Meg. Eu gosto muito dos meus filmes antigos.

Ela abriu a porta do passageiro, pegou a toalha que estava no banco, e secou Sam. Uma vez que ele estava no carro, ela entrou, acenou para Erebus, e partiu.

Por que ele sempre hesitava em pegar um pacote de sua mão? Haveria algum tipo de tabu sobre um Sanguinati tocar em uma *Cassandra de sangue*? Será que ele sabia o que ela era? E por que ele *olhou* para ela quando disse que algumas das criações do mundo eram ao mesmo tempo terríveis e maravilhosas? Sim, profecias poderiam ser às vezes ambas, mas ela não achava que Erebus tinha falado sobre as profecias.

O que a fez se perguntar sobre o que ele sabia sobre seu tipo, o que ela não sabia.

A neve caía mais rápido. Meg parou o carro e pegou a cópia do mapa de Courtyard, que colocava na bolsa cada vez que saia para fazer as entregas. Ela não estava ignorando o perigo de tirar o mapa do escritório do Liaison, mas ela teve o cuidado de mantê-lo fora da vista. E, enquanto o mapa mostrava onde cada gard ficava dentro do pátio, o mapa não mostrava quaisquer estradas, salvo as estradas pavimentadas, que eram adequadas para os veículos. Não, nem de longe era tão detalhado como o mapa de Lakeside que tinha encontrado na biblioteca do Courtyard.

O Controlador teria pagado muito dinheiro por esta quantidade de informação sobre o interior de um Pátio.

Depois de estudar o mapa por um minuto, ela o enfiou de volta em sua bolsa, colocou o carro na engrenagem certa, e virou para uma

estrada no interior. Ela faria as outras entregas amanhã, se as estradas de Courtyard estivessem passáveis. Neste momento, ela queria voltar para o Complexo Verde enquanto pudesse.

Até o momento, quando o carro deslizou na Ripple Bridge, Meg estava segurando duramente o volante e mal ousando respirar. Mesmo com os limpadores funcionando e o aquecedor ligado soprando o ar quente sobre a janela da frente, estava ficando cada vez mais difícil de ver.

Um cavalo branco estava parado na beira da estrada se misturando com a neve, e ela não teria visto por nada nesse mundo, se outro cavalo preto e o seu cavaleiro não estivessem na estrada, esperando por ela.

Ela parou o carro, mas não desligou, com medo de que se ela fosse desligá-lo, o carro não fosse limpar a neve das janelas o suficiente para levá-la para casa. Abaixando o vidro de sua janela, ela olhou para os cavalheiros ao lado do veículo. Não eram meninas. Eram mulheres adultas, mas ainda assim, um pouco jovens demais para serem consideradas maduras.

Seus rostos eram misteriosos, sedutores e atraentes, pareciam ainda menos humanos do que a menina Inverno, mas o cachecol verde confirmou a identidade do condutor do cavalo preto.

— Inverno?

Inverno riu, e a neve rodopiou em torno deles. — Sim, sou eu. Trovão e Relâmpago queriam esticar as pernas, de modo que Ar e eu estamos montando. — Seu sorriso era arrepiante.

Meg olhou para os cavalos bonitos, criaturas sobrenaturais com longas crinas e caudas, que, com exceção de sua cor, não se pareciam em nada com os pôneis gordinhos que entregavam os pacotes.

Então, Trovão levemente bateu com uma pata, e o som rolou suavemente através do Pátio.

— Seja paciente, — Inverno repreendeu suavemente. — Esta é a nossa Meg.

Trovão sacudiu a cabeça como se concordasse. Em seguida, o cavalo enfiou o nariz na janela no mesmo momento que Sam subiu no colo de Meg. Os dois respiravam o perfume um do outro, e pareciam satisfeitos.

— Mais neve está chegando, — disse Inverno, quando Trovão puxou sua cabeça para trás. — Você deveria ir para casa.

— Eu estou com os livros da biblioteca que você solicitou. — Sam voltou de volta para o banco do passageiro, e ela começou a se torcer em torno para encontrar o saco de transporte.

— Deixe-os com Jester, — disse Inverno. — Nós vamos buscá-lo na volta. — Ela estudou o carro, em seguida, trocou um olhar com ar. — E nós podemos dar-lhe uma pequena ajuda para chegar na casa.

— Você não tem que fazer isso. — Meg não sabia o que elas estavam oferecendo, mas ela não queria enfrentar Trovão e Relâmpago tão cedo, se eles acabassem atrelados à frente do carro para puxá-la de volta para Complexo Verde.

— Não, não temos. Mas vai ser divertido, — respondeu Inverno.

— Você acha que a tempestade vai adiar por tempo suficiente para Simon chegar em casa? — Perguntou Meg. Foi mais um pensamento em voz alta do que uma questão de verdade.

Outro olhar entre Inverno e Ar. — O Wolfgard será capaz de chegar a casa hoje à noite. Siga-nos.

Virando-se, eles galoparam pela estrada.

Subindo a sua janela, Meg colocou o carro em marcha e os seguiu.

Neve soprava para fora da estrada à sua frente, deixando o pavimento claro para o carro passar atrás dos cavalos, e voltando momentos depois que Meg passava. Era como dirigir dentro de um túnel em forma de neve que era iluminado por lampejos de relâmpagos e tremores quando o trovão passava. Deveria ser assustador, mas ela se sentia estranhamente segura dentro do casulo que os Elementais moldavam ao seu redor. Alguns flocos caíam e foram afastados pelos limpadores, mas ela podia ver a estrada e os cavalos na frente, e isso era tudo o que era realmente necessário.

Quando se aproximaram da Pony Barn, ela viu outro cavalheiro sair em um cavalo marrom, e notou o funil de neve que seguia Tornado.

Eles pararam no Pony Barn, tempo suficiente para Jester sair e buscar o saco de livros da biblioteca. Depois disso, Inverno e Ar escoltaram Meg e Sam por todo o caminho de volta para a garagem do Complexo Verde.

— Obrigada, — disse Meg, pegando seu saco de transporte e a toalha de Sam quando o filhote pulou do carro.

Com um aceno de cabeça, Inverno e Ar viraram os cavalos e partiram.

Meg fez uma pausa longa o suficiente para verificar se ela tinha desligado as luzes. Ela não conseguia se lembrar o que o medidor de energia indicava, mas ela balançou a cabeça e fechou a porta da garagem. Deveria haver energia suficiente para ela chegar ao escritório, ou ela poderia pegar outro carro da garagem até lá. Além disso, a neve caía mais forte agora, e estava tão frio que doía respirar.

Sam não tinha nenhum problema com a neve, mas depois que Meg derrapou algumas vezes e quase caiu sobre seu traseiro, ele abrandou o trote para acomodar as pernas humanas. Fazendo uma pausa na parte inferior de suas escadas para recuperar o fôlego, ela notou o sedan preto em marcha lenta ao lado da estrada.

— O que ele quer? — Ela murmurou e ficou inquieta enquanto olhava ao redor. Sem luzes acesas no apartamento de Henry. O mais provável era que ele ainda estivesse trabalhando em seu estúdio. Ela parou por um momento mais longo, em seguida, subiu as escadas para o apartamento dela.

— Vamos, Sam. Você pode ficar aqui comigo até que Simon chegue a casa. — Ela tinha passado tanto tempo no apartamento de Simon nos últimos dias, que ela não teve a oportunidade de ficar em sua própria casa.

— Meg!

Meg abriu a porta, jogou a toalha no chão perto da esteira, e disse para Sam ficar na toalha. Em seguida, ela cumprimentou Tess enquanto a outra mulher subia as escadas.

— Aqui, — disse Tess, segurando uma lata da padaria. — Biscoitos de chocolate, ainda quentes do forno. Eu mandei todos mais cedo para casa, e fechei a *Mordida* mais cedo, mas depois que eu cheguei a casa, eu me senti inquieta e decidi assar.

Meg pegou a lata. — Obrigada, Tess. Você quer entrar?

— Não. Eu tenho uma caçarola no forno agora. Você está tremendo. Você deve entrar.

Tess não estava tremendo, mas ela não estava vestida para estar do lado de fora por muito tempo.

Meg entrou.

O cabelo de Tess começou com uma faixa verde. Ela balançou a cabeça, mas o cabelo continuou a mudar para o verde e começou a enrolar. — É esta tempestade, — explicou ela. — Todo mundo vai estar nervoso se o Wolfgard ficar preso esta noite.

— Inverno disse que a tempestade vai adiar até que Simon seja capaz de chegar em casa, — disse Meg.

Tess deu-lhe um olhar estranho. — Ela disse? Bem, ela saberia.

Descendo as escadas, Tess correu de volta para seu próprio apartamento. Meg fechou a porta e colocou a lata junto com o resto de suas coisas, enquanto tirava as botas e pendurava o casaco.

Sam imediatamente começou a cheirar a lata de biscoitos. Quando ele não conseguiu abri-la, ele se sentou e agarrou a lata entre suas patas dianteiras, tentando tirar com as suas garras a tampa.

— Não, — disse Meg, tirando a lata dele. Ela foi para a cozinha com ele saltando ao lado dela, ela colocou a lata no meio da sua mesa, abriu e recordou tudo o que podia sobre biscoitos e animais.

Os biscoitos de chocolate estavam com um cheiro delicioso, e ela queria morder um. Mas ela olhou para Sam, que estava equilibrado sobre as patas traseiras com suas patas dianteiras descansando na beira da mesa, e fechou a lata.

— Sinto muito, Sam, mas eu não sei se os Lobos podem comer esses biscoitos. Lembro-me de que o chocolate é ruim para cães... — Ela levantou a mão para detê-lo quando ele começou a vocalizar. — Sim, eu sei que você não é um cachorro, e talvez, se você pudesse mudar para a forma humana, você poderia comer chocolate, mas como você está peludo, não posso correr o risco de deixá-lo doente, especialmente à noite, quando seria difícil obter ajuda. Então não vai comer biscoitos de pessoas. E eu não vou comer nenhum também. — *Pelo menos não até que você vá para casa.*

Sam uivava.

Alguém bateu na porta da frente.

Meg hesitou, quando veio a sua mente uma lembrança de coisas ruins acontecendo quando alguém respondia a alguém batendo na porta. Então, lembrando-se de que estava a salvo no Complexo Verde, ela correu para a porta. De repente fosse Vlad, verificando se ela e Sam tinham chegado a casa bem. Ou talvez Henry tivesse voltado para casa nos últimos minutos e queria deixá-la saber que ele estava por perto.

Mas quando abriu a porta, Elliot Wolfgard entrou o suficiente para impedi-la de fechar a porta. O ódio em seus olhos a congelaram no lugar, ainda mais quando Sam saiu da cozinha, arrastando a coleira, porque ela não teve tempo para remover o arnês.

— Sam, — ele disse ainda olhando para Meg. — Venha comigo.

Sam lamentou e olhou para ela.

— *Sam,* — Elliot rosnou.

— Está tudo bem, — Meg disse ao filhote. — Simon vai estar em casa logo.

Elliot pegou Sam. — Depois de deixá-lo em casa, eu irei voltar. Eu tenho algumas coisas para te dizer.

Assim que Elliot desceu as escadas, Meg fechou a porta e correu para o telefone.

— Tess? — Ela disse assim que a outra mulher atendeu ao telefone.

— Meg? Algo está errado?

— Elliot Wolfgard esteve aqui. Ele levou Sam de volta para a casa de Simon. Está tudo certo deixar Sam ir com ele?

Uma pausa. — Em termos humanos, Elliot é o avô de Sam, então não há nenhuma razão para que o filhote não possa ir com ele.

Então por que Simon não pediu para Elliot ficar com Sam? — Tudo bem. Obrigada. Tenho que ir. Alguém está à porta.

— Ligue para mim assim que o visitante sair.

Ela desligou sem prometer ligar e correu de volta para a porta.

Elliot entrou, deixando-a tremendo, porque, mais uma vez, ele não foi longe o suficiente para que ela fechasse a porta.

— O Executor pode estar disposto a protegê-la, mas o resto dos Lobos nunca irá perdoar o que você fez, — ele rosnou. — Tanto quanto eu sei, você é carne mal utilizada, e eu vou fazer de tudo ao meu alcance para executá-la antes que a matilha enfie as presas em você pelo o que fez para Sam.

— Eu não fiz nada para Sam!

Ele bateu no rosto dela.

— Desfrute da sua noite, seu pedaço de carne. Você não vai viver mais para ver outras noites.

Ele desceu as escadas, deixando-a tremendo. Momentos depois, ela ouviu a porta da frente de Simon bater.

Ela ia morrer no Pátio. Ela sabia disso, desde a primeira vez que tinha posto os olhos em Simon Wolfgard.

Ela engoliu em seco, mas sua boca ficou cheia de saliva. Ela mal chegou ao banheiro antes de vomitar.

****

Vlad fluia sobre a neve em direção ao Complexo Verde, pronto para passar uma noite tranquila em casa. Blair estava indo pegar Simon e os dois guardas que foram com ele, Nathan Wolfgard e Marie Hawkgard. Se a previsão do tempo estava certa sobre Lakeside, mais neve cairia esta noite, e as vendas seriam lentas.

Depois de ouvir o relatório, ele enviou Heather para casa, fechou a *Howling Boas Leituras*, e se trancou no centro social. Tess já tinha fechado a *Bite* e a *Run & Thump*, juntamente com os outros negócios de Courtyard, tinha fechado uma hora depois disso. Mas um bar do outro lado da calçada, em Courtyard, ainda estava aberto, e havia clientes. Ele tinha se alimentado o suficientemente de duas meninas encantadoras, que alegaram que tinham perdido o ônibus e estavam no bar bebendo enquanto esperavam pelo próximo. Ele tinha as suas suspeitas sobre o motivo delas estarem no bar, mas ele não tinha dúvida de que estavam bebendo, porque ele estava um pouco bêbado do álcool no sangue delas.

Se o tempo estivesse mais suave, ele teria deixado às meninas encontrarem seu próprio caminho até o ponto de ônibus, já que elas estavam à vista dentro do bar. Por si só, a quantidade de sangue que ele tinha tirado de cada uma delas não faria mais do que deixá-las cansadas. Mas o policial, o Tenente Montgomery, estava prestando atenção ao Courtyard agora, e Vlad não achava que Simon gostaria de receber perguntas sobre duas meninas caindo em um sono de embriaguez e morrendo em um monte de neve tão perto de onde os Sanguinati moravam, especialmente quando não havia nenhuma razão para as meninas morrerem. Então, ele fez um sinal para o táxi e pagou ao motorista para levar as meninas de volta para sua residência na faculdade de tecnologia nas proximidades.

Ele não tinha certeza se gostava de pensar nos seres humanos como algo diferente de presa útil ou se deveria se preocupar com o seu bem-estar, já que ele se alimentava deles, mas levando em conta o que os seres humanos fizeram na parte ocidental da Thaisia, dar atenção a uma presa era uma questão de interesse, algo até compreensível.

Enquanto ele fluía para o Complexo Verde e se dirigia para o seu apartamento, ele se tornou ciente de sons vindos do apartamento de Simon. Sam estava uivando, um som infeliz. Provavelmente significava que Meg queria algum tempo para si, ou não estava interessada em dar nenhuma caminhada com a queda da temperatura e a neve caindo tão fortemente.

Passando em sua porta, Vlad mudou para a forma humana e foi até as escadas que levavam ao apartamento de Meg. Já que a neve não o incomodava, ele iria se oferecer para levar o filhote a um passeio. Isso, pelo menos, lhe daria um pouco de calma.

A porta da frente estava aberta.

Mudando de volta para fumaça, ele correu até as escadas, até seu apartamento. Nenhum sinal de intrusos. Nenhum sinal de luta. Ele correu para a cozinha e não encontrou nada. Nada em seu quarto.

Mudando de volta à forma humana, ele hesitou do lado de fora da porta do banheiro.

— Meg? — Ele chamou suavemente. — Meg? Você está aí?

— Eu... Sim, eu estou aqui.

Ignorando quantas maneiras ele poderia perturbar uma fêmea humana ao entrar em um banheiro sem ser convidado, ele abriu a porta, em seguida, correu para ela. O quarto cheirava a vômito, o que ele achou repulsivo, mas não de sangue. Não havia ferimentos, apenas a doença.

— Você está doente? — Se ele ligasse para Heather, poderia descobrir o que os seres humanos usavam para alguma doença de estômago? Ou talvez Elizabeth Bennefeld. Será que ela conhecia o corpo humano por seu trabalho dando massagens?

— Não, — respondeu Meg. — Eu estou... — As lágrimas caiam pelo seu rosto. Ela balançou a cabeça.

— Sam?

— Casa.

Ele sabia menos ainda. — O que aconteceu aqui?

Ela assentiu com a cabeça. Ela corou no banheiro mais uma vez e fechou a tampa do vaso. Quando ele a ajudou a se levantar, ele viu o outro lado de seu rosto.

— Quem fez *isso*?

Ela balançou a cabeça. Quando ele continuou a bloquear seu caminho para fora do banheiro, ela sussurrou: — Por favor! Não torne isso mais difícil.

O que mais? Pensou Vlad.

— Eu realmente gostaria de ficar sozinha agora, — disse Meg.

Não sabendo mais o que fazer, ele deixou seu apartamento, fechando a porta atrás dele. Ele hesitou no topo das escadas, em seguida, desceu e bateu na porta de Simon.

Ele ouviu um estrondo, seguido pelo grito de raiva de Elliot. Ele bateu novamente, mais forte. Elliot finalmente abriu a porta o suficiente para olhar para fora, seu corpo bloqueando o espaço.

Vlad cheirava o sangue. — Algum problema?

— Um assunto de família, — Elliot respondeu sombriamente.

Ele inclinou-se para Elliot. — Se Meg acabar com outro hematoma inexplicável ou ficar assustada novamente com uma doença, isso também será uma questão de família. Mas a família envolvida não será a do Wolfgard.

Ameaça entregue, Vlad foi para seu apartamento. Ele informaria ao seu avô Erebus amanhã. Isso daria a Simon tempo para resolver as coisas à sua maneira.

****

Ladeado por Nathan e Marie, Simon desceu do trem, atravessou a estação, e saiu pela porta que dava para o estacionamento. Havia bandas de neve ao longo do caminho, mas quando pegou o trem de Lake Etu, a neve tinha se transformado em algo mais sério. No momento em que chegaram à estação de trem em Lakeside, Simon descobriu que a neve deixaria as principais estradas intransitáveis.

Ele deu um suspiro de alívio quando viu Blair abrir a janela da van, e sentiu os músculos tensos quando viu o carro da polícia em marcha lenta no estacionamento.

Depois de entregar sua pasta para Nathan, que entrou com Marie atrás, Simon subiu no banco do passageiro na frente da van. Blair entrou no lado do motorista, um momento depois, ligou os limpadores, e colocou a van em marcha.

Simon inclinou a cabeça na direção do carro da polícia. — Há algum problema que eu deveria saber?

Blair sacudiu a cabeça. — Eu acho que Tenente vem farejando, e queria saber quando você voltasse.

As marcas de pneus dos carros que tinham chegado para pegar os passageiros já estavam preenchidas com a neve fresca. Blair saiu da área do estacionamento e dirigiu lentamente na direção da saída da estação.

— Você acha que vamos chegar em casa hoje à noite? — Perguntou Nathan, se inclinando para frente.

Por um momento, Blair não respondeu. Olhando para o rosto do Lobo, Simon teve a forte impressão que o Executor do Courtyard estava escondendo alguma coisa. Talvez mais do que uma coisa.

— Tess ligou enquanto eu estava esperando o trem chegar, — disse Blair. — Aparentemente, o Liaison expressou a mesma preocupação de você ser capaz de chegar em casa. A menina no lago assegurou-lhe que você iria chegar na casa esta noite. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Vlad ligou também, mas não sobre o tempo.

Um vento mais forte encheu a entrada para o estacionamento do Parque com uma parede de neve. Blair acelerou o motor do furgão e passou através da neve. A van perdeu a tração por um momento, seus pneus girando. Em seguida, ele conseguiu passar através da barricada branca e chegaram à estrada.

— É claro, — Blair disse secamente, — a menina no lago não disse que chegar seria fácil.

Não, não seria fácil, mas havia ruas que precisariam ter a neve removida, e as que não foram limpas, tinha neve em padrões não naturais, o que lhes deu um nível razoável de passagem, uma faixa.

Simon ficou em silêncio até chegarem ao Pátio, deixando o foco de Blair na condução. Quando eles entraram na entrada do Complexo Utilities, os portões estavam abertos o suficiente para a van se espremer e entrar.

— Isso não é uma boa medida de segurança, deixar as portas abertas, — Nathan rosnou.

— Nós não podemos fechar até que a neve desobstrua, — Blair respondeu. Ele não estava satisfeito com isso.

— Eu acho que um potencial intruso não chegaria tão longe, — disse Simon. Parecia que alguém tinha fechado a estrada principal do Courtyard que ligava ao Complexo Verde. Na outra direção, a estrada estava completamente escondida sob a neve fresca.

Ele se torceu em sua cadeira para olhar para Nathan e Marie. — Me parece que vocês não vão voltar para a casa esta noite.

— O apartamento de Julia é no Complexo Verde. Eu posso ficar com ela esta noite, — disse Marie.

— Nathan?

Antes de responder, Nathan olhou para Blair. — Eu acho que posso usar a cama de um dos apartamentos acima do Gabinete do Liaison?

Blair assentiu. — E eu vou voltar para o Complexo Utilities e manter um olho nas coisas. Os corvos vão cuidar do portão Corvine.

<*Aconteceu alguma coisa?*> Simon exigiu.

<*Algumas coisas que não podemos discutir ainda,*> Blair respondeu.

Um arrepio passou por Simon quando Blair dirigiu lentamente em direção ao Complexo Verde.

<*Sam está bem?*>

Os lábios de Blair se contraíram. <*Sam está bem.*>

Ele hesitou. <*E Meg?*>

<*Não tão bem.*> Uma nota escura na voz de Blair. <*Mas nada que não possa ser corrigido.*>

O que *isso* significa? Ele estava cansado e frustrado e tão preocupado quanto o resto dos líderes dos *indigenes da terra* sobre a agressão inexplicável, que havia terminado com tantos mortos naquela vila ocidental. Eles não tinham respostas, sequer sabiam por onde

começar a procurar o inimigo escondido em algum lugar nas aldeias humanas e cidades espalhadas por toda Thaisia.

Ele sabia qual seria a solução que os *Outros* tomariam se os seres humanos se tornassem uma ameaça. Ele faria a mesma escolha. Mas ele queria o extermínio como a última opção, não a primeira.

Ele não queria voltar para casa com o problema. Ele esperava Meg e Sam...

Mas Blair disse que Sam estava bem. Então por que Meg não estava?

Quando a van parou na entrada do Complexo Verde, Blair enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um molho de chaves ligadas a um cinto de couro, tirando algumas chaves.

— Pegue um carro, e tome cuidado na medida do possível, — ele disse entregando as chaves para Nathan e depois apontando para o veículo estacionado no espaço do visitante. — Você consegue. Ligue para Henry quando chegar ao apartamento.

— Eu deveria estar à procura de algo em particular? — Nathan perguntou quando abriu a porta do furgão.

— A mesma coisa que sempre deve procurar, — Blair respondeu. — Intrusos.

— Vou fazer uma varredura no Gabinete do Liaison até o portão Corvine na parte da manhã, — Marie disse, levantando sua pequena mala. Ela seguiu Nathan para fora da van.

Simon observou eles marcharem com vários centímetros de neve. Ele queria mudar, queria lançar-se no seu Executor, queria purgar a inquietação crescente dentro dele. — Estamos sozinhos. Agora me diga.

— Sam está bem. — Blair olhou para frente. O único outro som era o som rítmico dos limpadores. — Eu não encarei de modo fácil o que ela fez, mas eu tenho certeza que ela não quis ofender, e eu vi os resultados. — Ele virou a cabeça para olhar para Simon. — Ele saiu da gaiola, e não apenas alguns passos para fora do apartamento para fazer xixi e cocô. Eles caminharam ao redor do Complexo. Ele foi para o escritório com ela. Ele estava com ela esta tarde, quando ela fez algumas

entregas antes do tempo começar a virar. Talvez ele estivesse pronto para mudar, e ele fez coisas que foram estranhas o suficiente para deixar escorregar o seu passado, o seu medo.

Simon desviou o olhar, confuso com o que ele estava sentindo. Ciúmes? Mágoa? Ele passou dois anos tentando encontrar uma maneira de ajudar Sam a voltar para eles, e Meg havia encontrado a resposta em poucos dias? Sentia-se como se um par de mandíbulas se fechasse em garganta, tornando difícil respirar.

— Como? — Ele finalmente perguntou.

— Algo que nenhum de nós teria considerado, — disse Blair. — Um arnês e trela. Choque. Medo. Fúria. Como se atreve *qualquer* humano tentar conter um Lobo?

— Você a deixou fazer isso?

— Primeiro, eu soube disso quando eles estavam andando ao redor do Complexo, e eu assumi que Henry e Vlad, não iriam disciplinála. E depois de ver como o filhote estava *brincando*, achei melhor não interferir. — Blair fez uma pausa. — Ele está brincando de novo, Simon. Ele está comendo carne novamente. Ele está agindo como um jovem Lobo. Na maior parte do tempo. Ele ainda não falou com qualquer um de nós, mas eu acho que falará se ele não estiver com medo de voltar para a gaiola.

— Por que ele estaria? — O filhote estava brincando de novo? Ele não permitiria que nada interferisse com isso.

Blair voltou a olhar para fora da janela. — Como eu disse, eu não lidei muito bem com a forma que Meg tirou Sam da gaiola, mas Henry e Vlad têm mantido um olho neles, e não têm encontrado objeções. Elliot, no entanto, é um problema.

— Ele machucou Meg? — Simon perguntou e sua voz estava despida de emoção. Elliot não sabia sobre Meg. Se ele a mordesse, se a cortasse...

— Ela está vomitando de medo. Eu tive a sensação de que havia algo mais, mas Vlad não estava interessado em me dizer. Ele apenas

queria me lembrar que, mesmo que os Sanguinati não costumem caçar outro *indigene da terra*, não estão isentos de ser uma *presa*.

Simon não podia acreditar no que estava ouvindo. — Os Sanguinati irão atrás de Elliot?

Uma longa pausa. Em seguida, Blair disse calmamente: — Eu acho que isso depende do que você falar para a Meg ficar.

— Bem, ela não vai a lugar nenhum hoje à noite. — É claro, alguém que estava vomitando medo não poderia considerar o perigo de tentar atravessar as estradas ruins e o ar muito frio. Especialmente quando essa pessoa já tinha fugido uma vez, exatamente nesse tipo de clima.

Ele soltou o cinto de segurança. — Qualquer outra coisa que não possa esperar até de manhã?

Outra pausa. — Nada que não possa esperar. Mas se alguns macacos vestidos de preto tentarem entrar no Complexo esta noite, apenas os mate. — Uma pausa mais longa. — Foi algo que Meg viu. Henry pode dizer mais sobre isso.

Simon estremeceu, e não foi por causa do frio. Meg tinha se cortado quando ele estava fora? Quantas vezes? Que outros fragmentos de informação seriam atirados para ele?

— Nós todos vamos nos encontrar amanhã de manhã, — ele rosnou. — Você, eu, Tess, Henry, Vlad, Jester, e qualquer outra coisa que você ache que precise estar lá.

— Eu te ligo de manhã para descobrir se vamos nos reunir na Associação Empresarial ou na sala social aqui no complexo, — disse Blair.

Ele assentiu. Exceto Blair, o resto deles morava no Complexo Verde. Eles poderiam se encontrar cedo e depois ver sobre a abertura das lojas e a abertura das estradas.

Agarrando sua mala e pasta, Simon saiu da van e entrou no corredor que dava para a porta da frente de seu apartamento. Ele estendeu a mão para a porta, em seguida, deu um passo para trás e olhou

em volta. Luzes iluminavam as janelas de cada apartamento, exceto no de Meg.

Não era tão tarde, por isso não deveria ser estranho ver todas as residências iluminadas. Mas parecia que havia muitas luzes, muito brilho, tornando esse espaço escuro muito perceptível, quase ameaçador.

Por que Meg estava no escuro?

Sua inquietação tornou-se uma coceira debaixo de sua pele humana, deixando-o ansioso para mudar para uma forma mais natural. Como Lobo, ele tinha as presas e força para lidar com os problemas da coceira.

Ele ouviu Sam uivando em alguma resposta para Elliot. Abrindo a porta da frente, ele entrou, e havia muita tensão em seu corpo para mudar. Ele estava lutando para não mudar e forçar ambos os Lobos a sua submissão.

Jogando sua mala e pasta, entrou na sala de estar pisando forte para tirar a neve das botas. Elliot virou para encará-lo, mostrando os dentes, os caninos alongados demais para passar por um humano. Sam deu a Simon um olhar acusador, então se sentou em um canto de sua gaiola, de costas para os adultos.

<*Sam?*> Simon disse.

Nenhuma resposta. Nem mesmo um resmungo.

Parecendo estranhamente inquieto, Elliot virou a cabeça para o filhote, — Pare com essa tolice, e saia dessa jaula! Você não precisa ficar aí dentro!

<*Na cozinha,*> Simon rosnou. Sangue e raiva. Ele podia sentir o cheiro de ambos.

— Pelo menos tire as botas de neve, — Elliot disse. — Você está todo molhado, o...

Simon agarrou Elliot e o empurrou contra a parede do corredor. — Eu não sou um ser humano que você pode intimidar. E não sou mais um filhote. Não me diga o que fazer. *Ninguém* me diz o que fazer.

Ele alongou suas presas e esperou.

Elliot olhou para ele por um momento. Então fechou os olhos e levantou a cabeça, expondo sua garganta ao seu líder.

Simon deu um passo atrás, não se sentindo suficientemente humano ou Lobo para decidir como deveria responder. Soltou Elliot, entrou na cozinha, tirou suas botas, e as colocou sobre o tapete da porta dos fundos.

Elliot foi buscar um par de toalhas velhas e limpou o chão. Quando ele voltou para a cozinha, Simon estudou seu pai.

— Você agitou as coisas aqui, — ele finalmente disse. — Por quê?

— Eu não sou o único que -

— Você irritou os Sanguinati, e isso não vai ajudar qualquer um de nós agora.

— Você não sabe o que está acontecendo aqui, — Elliot estalou. — O que essa fêmea de macaco tem feito.

— Ela não é uma porra de macaco, e ela não é uma presa, — Simon disse, com a voz baixa, e ameaçadora. — Ela é a Meg.

— Você não sabe o que ela fez!

— Ela recebe e entrega os pedidos aos Complexos em uma base regular. Ela tem uma rotina com os entregadores, e é assim que nós recebemos as mercadorias que compramos. E ela tirou o Sam daquela maldita gaiola!

— Ela o pôs em uma trela, Simon. *Em uma* trela!

— Não é uma trela, — uma voz jovem e arranhada gritou. Ou tentou gritar. — É uma linha de segurança, amigos de aventura usam uma linha de segurança para que eles possam ajudar uns aos outros.

Elliot olhou, e congelou. Simon se virou, quase sem respirar.

Um garoto pequeno e nu se balançava nas pernas magérrimas. Seu cabelo era de um ouro misturado com o cinza Lobo, e essa cor era mais rara do que um lobo preto ou branco puro. Olhos cinzentos cheios de lágrimas de raiva, e ainda assim, havia uma posição dominante no corpo fraco que não combinava com o de Simon, mas era maior do que a posição de Elliot dentro da matilha de Lakeside. Ou seria quando Sam fosse um adulto.

— Sam, — Simon murmurou.

Sam o ignorou e olhou para Elliot. — Você fez Meg gritar, então eu não sinto muito, eu vou te morder!

Agora Simon fechou a distância entre eles e desceu em um joelho na frente do menino. — Sam. — Dedos hesitantes o tocaram, braços fracos, mas musculosos. Seu nariz se contraiu com o odor de um corpo sujo. — Ei, Sam.

Os grandes olhos do menino estavam fixos nele agora. Ele era o líder. Ele deveria tomar as melhores decisões, fazer as coisas direito.

Vou te morder, ele pensou. Ele entendia o *filhote*. Ele não tinha certeza do que fazer com o *menino*.

<*Elliot...* > Simon olhou por cima do ombro para seu pai, que parecia pálido e abalado.

<*Diga quaisquer palavras que possam mantê-lo conosco,*> disse Elliot.

— Esta linha de segurança para amigos de aventura é uma coisa nova que você aprendeu com Meg? — Perguntou Simon.

Sam assentiu.

— Não é algo que os Lobos conhecem; então Elliot pensou que a linha de segurança fosse outra coisa, algo que poderia machucá-lo.

— Meg não me machucaria, — Sam protestou. — Ela é a minha amiga.

— Eu sei disso, Sam. Eu sei. — Outro toque hesitante sobre os ombros do menino. Em comparação com a forma humana de outro filhote de Lobo de sua idade, Sam estava pequeno e muito magro. Mas isso mudaria se o menino não desaparecesse novamente dentro do Lobo.

— Meg está indo embora? — Perguntou Sam.

Simon balançou a cabeça. — Não. Ela não vai embora.

Elliot limpou a garganta. — Eu vou oferecer um pedido de desculpas amanhã.

Sam balançou. Seus músculos das pernas tremiam com o esforço de mantê-lo na posição vertical. Mas o olhar que ele deu a Simon, enquanto tímido, tinha claramente um foco.

— Simon?

— Sam?

— Posso ter um biscoito?

Ele não tinha certeza de que havia algo para comer além da ração de Sam. Ele *estava* certo de que não iria encontrar nada. — Sinto muito, Sam. Não temos quaisquer biscoitos.

— Meg tem. — Sam lambeu os lábios. — Eles cheiravam muito bem, mas ela não sabia se os Lobos poderiam comer chocolate, por isso, não comi nenhum; mas eu poderia comer um agora.

Oh claro, mastigar a cauda e cuspir a pele. Claro, o *menino* poderia ter um biscoito, se o homem estivesse disposto a bater na porta de Meg e implorar.

Ele faria muito mais do que implorar a fim de obter os biscoitos que Sam queria.

— Eu vou perguntar a ela. — Ele torceu o nariz e sorriu. — Talvez você devesse tomar um banho antes de comer um deleite.

— Eu posso ajudar o Sam, — Elliot disse calmamente.

Simon levantou-se e recuou. — Então eu vou pegar os biscoitos. — E, enquanto estivesse por lá, ele iria descobrir se Meg estava planejando fugir.

Pensando em seu apartamento escuro e querendo saber se algum *indigene da terra* seria bem-vindo, ele pegou o conjunto reservas de chaves antes de ir para o apartamento dela.

Uma batida rápida. — Meg? — Outra batida, mais alta. — Meg? É o Simon. Abra a porta. — Quando ele não ouviu uma resposta, ele usou a chave, dando um suspiro de alívio que ela não tinha usado a tranca também.

Ela estava sentada na mesa da cozinha, no escuro, com os braços em torno de si mesma.

— Eu não quero visitas, — ela disse sem olhar para ele.

— Muito ruim. — Ele estendeu a mão para acender a luz do teto, então, considerando o brilho, acendeu a luz sobre a pia. Voltando à mesa, ele olhou para o rosto dela e não conseguiu parar de rosnar quando viu

o hematoma. Isso explicava por que Vlad estava ameaçando ir atrás de Elliot.

Ele se inclinou, capturando o queixo dela entre o polegar e o indicador, a fim de virar a cabeça e dar uma olhada melhor. Ele se inclinou mais perto, respirando o cheiro dela. O cheiro de doença permanecia em suas roupas, e não tendo certeza do que fazer, ele deu uma lambida suave em sua bochecha.

— Neve, — ele disse soltando seu rosto. — Neve vai ajudar.

— O que?

Seus olhos pareciam machucados. Não fisicamente, o que de alguma forma parecia pior. — Fique aí. — Ele encontrou uma toalha de cozinha, em seguida, desceu as escadas de volta para fora. Inclinando-se o suficiente para alcançar a neve, ele arrumou uma bola na toalha e levou para ela. — Coloque isso em seu rosto.

Quando ela obedeceu, ele pegou outra cadeira da cozinha e colocou ao lado dela, para que pudesse encará-la.

— Eu não queria causar problemas, — ela sussurrou e lágrimas encheram seus olhos, rolando pelo seu rosto. — Eu não estava tentando ferir Sam.

— Eu sei. — Levantando a mão, ele acariciou a pele macia e delicada, uma pele que era a porta de entrada para profecias. — Elliot não entendeu, e ele sente muito por te machucar. *Eu estou* arrependido de te machucar.

— Ele disse... — Ela estremeceu.

Simon balançou a cabeça. — Não importa o que ele disse. Você está segura aqui, Meg. Você está segura com a gente. Eu vou garantir isso.

Ela afastou a toalha de seu rosto. — A neve está derretendo.

Ele pegou a toalha e a despejou na pia. Então ele se virou para olhar para ela. O que deveria fazer com ela? O que era *adequado* fazer com ela? Ele sabia como lidar com as fêmeas humanas clientes na loja. Ele sabia o que fazer quando elas queriam o calor do sexo e ele

estava com disposição para fornecer. E ele sabia o que fazer com uma presa. Mas ele não sabia o que fazer com Meg.

— Você quer comida? — Ele perguntou, estudando seu rosto.

Ela balançou a cabeça.

— Chá?

Outra vibração da cabeça.

Ele tinha vindo aqui para pegar algo para Sam, mas isso não parecia mais certo. E, no entanto, como ele poderia desapontar o menino?

Retornando para a mesa, ele sentou-se na cadeira. A lata da padaria estava bem ali na frente dele, provocando-o. No momento que ela tinha aparecido na livraria, metade congelada, ela mudou algumas das regras. Antes era muito mais fácil lidar com os seres humanos.

— Meg? — Ele perguntou em voz baixa. — Posso pegar um biscoito para Sam?

Ela piscou, afastando as lágrimas com as mãos. Então ela olhou para a lata de padaria e franziu a testa. — Esses biscoitos são de chocolate. Lobos podem comer chocolate?

Não lhe ocorrera a pergunta. — Ele mudou, Meg. Ele é um menino. — Ele não podia encontrar seus olhos, e ele ouviu seu próprio gemido de confusão. — Ele não mudou para ser humano desde que sua mãe foi morta. Ele não falava conosco, desde a noite que Daphne morreu. Ele tem estado com medo de sair da gaiola, e ele tentou se machucar algumas vezes. Foi por isso que eu o coloquei na gaiola. Mas você mudou isso. Ele não poderia comer um biscoito como um lobo, então ele mudou para um menino. Eu não poderia alcançá-lo, mas você conseguiu, com uma *trela* que não é uma *trela,* e um biscoito.

— Você cuidou dele e você o ama; você cuidava da segurança dele, — ela disse. — Mesmo não mostrando, ele *estava* aprendendo com você. — Ela murmurou, em seguida, se levantou e remexeu no armário até encontrar um pequeno recipiente. Depois de colocar alguns biscoitos no recipiente, ela lhe deu a lata da padaria. — Você tem algum leite para comer com os biscoitos?

— Eu não sei.

Ela abriu a geladeira e lhe deu um litro fechado.

Ele deu uma rápida olhada em seu frigorífico para se assegurar que *ela* tinha o suficiente para comer, especialmente se eles estivessem com neve alta pela manhã.

Ele estava farejando a vida pessoal de uma mulher. Estranho, e já não se sentia tão certo em lhe empurrar algo, quando ele não hesitou em empurrar *algo* para ela antes de viajar. Estranho, porque de alguma forma ela estava começando a lhe importar como o seu próprio povo lhe importava.

Ele recuou. — Obrigado.

— Não deixe que ele coma todos os biscoitos, — disse ela. — Mesmo como um menino, poderia deixá-lo doente.

Balançando a cabeça, saiu do apartamento dela, e voltou para seu próprio apartamento.

Sam estava sentado na mesa da cozinha, explicando sobre as linhas de segurança para Elliot, que ouvia cada palavra como se fosse desesperadamente importante. As palavras secaram assim que Simon colocou a lata de biscoitos na mesa.

— Um, — Simon disse com firmeza. Ele derramou um copo de leite para cada um e abriu a lata.

Sam deu pequenas mordidas, saboreando o gosto enquanto olhava para a lata até que Simon colocou a tampa de volta, confirmando que *um* significava *um*.

— Os biscoitos de Lobo são bons, mas estes são melhores, — disse Sam.

— Biscoitos de Lobo? — Perguntou Elliot.

Sam assentiu. — Meg comprou os especiais para mim.

<O que são biscoitos de Lobo?> Elliot perguntou a Simon.

Ele encolheu os ombros. Outra coisa que ele precisava descobrir.

Sam bocejou.

— Longo dia para todos nós, — disse Simon.

Sam lutou para se sentar. — Eu não estou cansado. Meg me deixava assistir a um filme.

<*Meg vai ser a vara que ele vai tentar usar em nós a partir de agora?*> Elliot perguntou.

<*Apenas até eu descobrir o que Meg realmente lhe permitiu fazer,*> Simon respondeu. — Tudo certo. Vá pegar o filme.

Ele foi, balançando e usando as paredes como apoio. Mas ainda se segurando a uma forma que foi descoberta recentemente, antes que o medo tivesse congelado Sam em forma de Lobo.

Simon esvaziou o copo, em seguida, esvaziou o copo de leite de Sam. — Os caminhos para o Complexo Wolfgard não estão transitáveis. Você deve ficar aqui.

— Tudo bem. — Elliot hesitou. — Eu prefiro não ficar nessa forma.

Ele queria mudar de pele também. — Vamos esperar até que Sam esteja dormindo.

Não demorou muito tempo. Escondido no sofá, enrolado em um cobertor para proteger seu pequeno corpo, Sam dormiu cinco minutos após começar o filme. Simon verificou as portas, desligou as luzes, e conferiu se tudo estava seguro. Até o momento que voltou para a sala de estar, Elliot já havia mudado.

Deixando o filme, Simon tirou suas roupas. Em seguida, ele mudou e se estabeleceu ao lado de Elliot no chão da sala de estar. Mesmo se piso não fosse tão quente ou confortável como as camas no andar de cima, o menino dormindo no sofá fornecia uma forma diferente e mais profunda de contentamento e conforto.



CAPÍTULO 14

— MAS EU QUERO IR COM A MEG!

Enquanto secava o seu sobrinho, Simon lhe deu um olhar duro e teve um desejo totalmente inapropriado, de que por mais um dia, ele poderia lançar o filhote na gaiola, em vez de lidar com um menino, que mesmo não sendo um estranho na família, estava agindo irritantemente como um humano.

— Você não pode ir com a Meg hoje, — ele disse com firmeza. Ele sentiu que estava dizendo as mesmas palavras desde o momento que Sam acordou. — Você vai ficar aqui com Elliot, enquanto eu vou para a reunião.

— Mas quem vai ser o amigo de aventura dela, se Meg e eu não estivermos juntos?

— Alguém vai ter que ser o amigo de aventuras dela. — Preocupado com a lista de itens de higiene pessoal dos seres humanos, ele não percebeu quando cometeu um erro até que Sam lhe deu um olhar horrorizado cheio de lágrimas.

— Mas *eu sou o* amigo de aventura dela. Ela *disse que* eu era! — Sam lamentou.

Antes que Simon pudesse pegar o menino, Sam afastou-se da porta do banheiro e correu para fora do quarto de Simon.

Pernas bambas. Escadas.

Saltando para o quarto, Simon agarrou o jeans que deixou na cama e correu para o corredor. Quando ele não viu Sam na escada, ele puxou as calças de brim, em seguida, tentou fechou o botão enquanto corria atrás do menino, esperando encontrar Sam se escondendo na sala

ou na cozinha, lamentando que Elliot não tivesse permissão para ir até Meg.

Mas quando Simon desceu as escadas, a porta da frente estava aberta, as roupas de Sam estavam espalhadas por todo o chão, e a maldita coleira tinha ido embora, e havia evidência na neve fresca de profundidade, de um filhote fazendo a sua fuga.

Simon saltou para fora da porta e rosnou quando seus pés descalços afundaram na neve. Dando poucos passos, ele viu a varanda de Meg e Sam de pé sobre as patas traseiras, e as patas dianteiras mudando para braços peludos que poderiam alcançar a campainha, e suas patas dianteiras mudaram apenas o suficiente para os dedos pressionarem a campainha, pressionar e pressionar.

— Merda! Porra! Droga! Maldita *droga!* — Os palavrões foram uma das melhores coisas que os humanos inventaram, Simon pensou quando voltou para as escadas. Ele estava quase ao alcance quando a porta se abriu e Sam entrou, com a trela vermelha atrás dele.

Meg estava na porta, tentando fechar o roupão que não cobria as pernas dela. Em outra ocasião, ele teria dado uma boa olhada, apenas para verificar se a pele visível tinha cicatrizes. Agora, com Sam todo peludo e latindo de volta para ele e Meg, parecendo um coelho que tinha se esquivado de um Falcão, apenas para dar de cara com um lobo, ele fez o que descobriu ser a coisa mais humana e educada para fazer, e manteve os olhos no rosto dela.

Isso não o impediu de agarrar a mão dela, antes que ela recuperasse o suficiente da sua inteligência para fechar a porta na cara dele.

— Meg.

— Sr. Wolfgard, o que...?

— Você pode ficar com Sam por um tempo? Tenho uma reunião esta manhã. Eu vou pegá-lo na hora do almoço. Mas esta manhã, vocês podem ser amigos de aventura.

— Mas... Eu ia entrar no chuveiro, — Meg protestou fracamente. Ela estremeceu. — Eu tenho que ir trabalhar.

— Então vocês dois podem ser amigos de aventura no escritório. É só não ficarem enterrados na neve. — Um esforço fraco de humor, já que era uma possibilidade.

<É por isso que temos a linha de segurança!>

Ele estava tão assustado com Sam se comunicando com ele na forma *indigene da terra* depois de tanto tempo de silêncio, que ele apertou a mão de Meg com força suficiente para fazê-la estremecer.

— Sr. Wolfgard, — Meg disse puxando a mão dele. — Você não está vestido.

E nem ela. — Por favor, Meg. Apenas esta manhã. — Ele colocou alguma mordida nas últimas palavras e olhou por cima dela, para Sam.

Sam abanou o rabo, nem um pouco arrependido ou preocupado, sobre como ele conseguiu o que queria.

Quando Meg não disse nada, Simon deu um passo para trás. — Entre no chuveiro, vai aquecê-la.

Fechando a porta, ele correu pelas escadas e de volta ao seu apartamento. Elliot estava na entrada, olhando para as roupas no chão e a porta aberta.

— Abençoada Thaisia, o que está acontecendo?

Porra, seus pés estavam frios, e a calça de brim estava molhada. — Meg vai ficar com Sam esta manhã. Coloque suas roupas em um saco de transporte. Vou deixá-las com Meg quando eu sair para a reunião. E ligue para Nathan. Veja se as ruas ao redor do escritório e as nossas lojas estão trancadas. Não há nenhum ponto em deixar Meg trabalhar se não haverá entregas.

Ele subiu as escadas, com a intenção de tomar outro banho quente e estar completamente vestido antes de se aventurar para fora.

— Simon? — Elliot chamou, parando-o no topo da escada. — Já que eu não vou olhar o Sam, eu gostaria de assistir a essa reunião. Se for aceitável para você.

Embora houvesse indivíduos específicos que ele queria nesta reunião, qualquer líder de um gard, ou qualquer *indigene da terra* era autorizado a sentar nas reuniões da Associação de Negócios. Hoje, havia

coisas para discutir sobre a semana passada no Pátio. Também havia coisas que precisavam considerar sobre o que aconteceu em Jerzy, e Elliot deveria ouvir o que fosse dito sobre isso.

E talvez Elliot devesse escutar algumas coisas sobre Meg.

— Tudo certo. Verifique com Nathan primeiro, em seguida Blair e lhe informe que iremos nos reunir na sala social Verde.

Ele não esperou pela resposta de Elliot. Ele entrou em seu banheiro, tirou o jeans molhado, e ficou no chuveiro tempo suficiente para se aquecer. Enquanto se vestia, ele considerou o novo desafio de afastar Sam de sua companheira de aventura.

Mas primeiro ele teria que descobrir uma boa razão para querer fazer isso.

****

Não parecia que eles iriam a qualquer lugar.

Meg olhou para os montes de neve além do carro, além da área de estacionamento e das garagens do Complexo Verde. As estradas se confundiam em torno do complexo, os moradores até poderiam chegar à lavanderia, a sala de correio, a sala social, e aos apartamentos, mas não havia nenhuma maneira que ela pudesse sair da garagem, e muito menos chegar à estrada.

— Vamos, Sam. Vamos dar uma rápida caminhada e voltar para dentro. — Ela pegou no saco de transporte que continha um conjunto completo de roupas de menino e voltou para o apartamento dela, pensando em como iria começar a trabalhar. As empresas ficavam abertas após as tempestades de neve. As entregas seriam feitas. O carteiro traria o saco e recolheria as correspondências depositadas na caixa de correio azul, que estava escondida contra a parede do consulado. As pessoas mantinham o seu negócio no inverno, mesmo que levasse um pouco mais de tempo do que o habitual.

Enquanto ela e Sam caminhavam em direção à outra extremidade do Complexo, ela ouviu os sinos.

Sam levantou o focinho e uivou.

— Vamos lá, — disse Meg, andando o mais rápido que pôde.

Eles chegaram à estrada a tempo de ver um trenó sendo puxado por dois cavalos marrons. Um cavalo tinha uma juba e a cauda pretas; a crina e cauda do outro eram de ouro pálido.

Tornado e Furacão em suas outras formas equinas.

E ali, no banco da frente, estavam Inverno e Ar, ainda parecendo mulheres jovens, em vez de meninas. Elas não usavam casacos, chapéus nem luvas. Seus vestidos eram de um material oscilante, que parecia ter sido tecido por nuvens, que variavam em tons de branco ao cinza escuro tempestuoso.

— Você está trabalhando hoje? — Perguntou Inverno quando o trenó parou ao lado de Meg.

— Não, não vai dar certo, — Meg respondeu. — Eu não posso tirar o meu carro da garagem, e não tenho certeza se vou ser capaz de chegar ao escritório.

— Está almejando atingir algo importante no seu cargo? — Perguntou Ar.

— Sim, se queremos receber as nossas entregas ou qualquer um dos pacotes que estão nos caminhões de entrega.

Inverno olhou para janelas do segundo andar da sala de social. Então ela sorriu. — Nós podemos chegar ao seu escritório. Não vai demorar muito.

Meg olhou por cima do ombro, depois de volta para a Elemental. — Tem certeza de que não vai chegar atrasada para a reunião? Acho que o Sr. Wolfgard e alguns dos *Outros* já estão lá.

Inverno deu-lhe um sorriso arrepiante, mas Meg estava certa, não estava destinado a ser malévolo.

— Eu não vou chegar atrasada para uma reunião que é de meu interesse e das minhas irmãs, — disse Inverno.

— Então obrigada. Eu aprecio o passeio. E eu nunca andei em um trenó antes. — Este era mais interessante que o seu carro e tinha dois bancos corridos.

Ela pegou Sam, e grunhiu com o peso inesperado. Ele poderia ter chegado a esse peso todo em uma semana? Ela o colocou no chão do banco de trás, em seguida, subiu para sentar-se atrás de Ar. Quando ela se acomodou, ela viu Jester de pé na porta de seu apartamento, observando-os.

Inverno levantou as rédeas. — Dê um giro na neve, meus meninos lindos. A nossa Meg quer trabalhar.

Quando Tornado e Furacão trotaram a uma velocidade que fez os olhos de Meg se encher de água do vento e frio cortante, a neve na frente deles girava em funis, deixando a estrada suficientemente limpa para proporcionar uma boa superfície para o trenó. Ela teve que admitir, eles se moviam na neve muito melhor do que o seu carro, e Inverno a deixou na porta dos fundos do escritório mais cedo do que ela esperava.

Uma área em torno do Gabinete do Liaison estava apagada, e não havia um caminho limpo para a *Howling Boas Leituras*, e nem para a *Bite*, e o quintal de Henry. Depois de agradecer a Inverno e a Ar, Meg seguiu o caminho para frente do edifício.

Ela não reconheceu o homem empunhando a pá, mas já que ele não estava usando nada por cima da camisa de flanela, ela percebeu que ele não era humano. Ela teve certeza disso quando ele olhou em sua direção e endureceu no momento em que viu Sam, a corda vermelha e a trela.

Por sua parte, Sam *latiu* uma saudação e saltou na neve intocada.

O Lobo observou o filhote por um momento antes de caminhar até Meg e inclinar a cabeça, que poderia ter sido uma saudação.

— Eu sou Nathan Wolfgard, — ele disse e deu alguns rosnados sob as palavras, enquanto ficava olhando para Sam. — Dormi aqui na noite passada.

Ela olhou para o segundo andar do edifício. — Há alguns apartamentos no andar de cima? — Ela tinha notado a escadaria atrás do prédio e a porta do segundo andar, mas o que estava acima do escritório não era da conta dela. — Você mora lá?

Ele balançou sua cabeça. — Fiquei lá por que Blair queria olhos sobre esta parte do Pátio.

Por quê? Não era uma pergunta que poderia fazer a ele, mas sua pele estava formigando de repente, tanto que ela queria cavar suas unhas através de todas as camadas de roupa.

— Tem um caminho aberto da rua até a sua porta, — disse Nathan. — Não vai dar para parar todos os veículos até que o arado do Complexo Utilities passe por aqui, mas os macacos podem chegar ao prédio, se eles conseguirem. — Ele não parecia feliz com isso.

— Obrigada por limpar os caminhos até as portas, — disse Meg. — Vamos, Sam. Sacuda essa neve. É hora de ir para o trabalho.

Sam, que estava com neve no pelo, felizmente se agitou vigorosamente antes de seguir Meg para o edifício. Ela conseguiu diminuir a neve do casaco antes de abrir a porta da frente e virar a placa *aberto.* A neve ao longo do quintal de Henry parecia uma rampa, fazendo-a se perguntar se a neve estava acomodada da mesma maneira do outro lado.

Cinco Corvos estavam empoleirados na parede. Eles não grasnaram para o Lobo, e depois de observar Nathan pela janela, ela decidiu que ninguém provocava um Lobo segurando uma pá de neve, ou ele poderia embalar uma bola de neve tamanho médio e abrir *fogo* em alvos preto com penas, caso os alvos se tornassem irritantes.

Ela colocou água fresca em uma das tigelas de Sam, derramou um pouco de ração na outra tigela, e fez uma xícara de chá de hortelã. Deixando Sam roer o último pedaço da carne de veado, ela tomou seu chá e pegou as edições do boletim Courtyard da frente do balcão. Estava mais frio lá fora do que na sala de triagem, mas ela não tinha nada para classificar ainda e ela queria manter um olho na rua.

Ela viu a cabeça de Nathan na parte traseira do edifício, com a pá no ombro. Um minuto depois, ela ouviu o rangido do chão acima de sua cabeça. Em seguida, o som calmo e constante de vozes. Não era uma conversa. Depois de um momento, ela concluiu que Nathan devia estar ouvindo a televisão ou o rádio, enquanto mantinha a janela aberta.

Havia outra razão para Blair e Simon quererem olhos nesta parte do Courtyard? Ou era simplesmente uma questão de ter alguém por perto caso as lojas não abrissem hoje?

Já que não era provável que ela fosse receber uma resposta de qualquer um dos Lobos, Meg abriu o primeiro boletim informativo para descobrir o que estava acontecendo no Pátio.

****

— O portão do Complexo Utilities deve ser escavado e depois fechado, — Blair disse depois que sentou em um assento na sala social Verde. — Temos que passar o arado, e limpar as áreas que dão acesso aos negócios. Podemos usar os caminhões e o trator para arrastar a neve. Vamos ter que mover a neve e amontoá-las; temos que limpar o estacionamento, a área do consulado e do Gabinete do Liaison. Nathan está com uma pá abrindo caminho da rua até o escritório. Ele vai ficar no apartamento de cima por um tempo, a menos que você o queira em outro lugar.

— Ele fica lá, — disse Simon. Sam mudando para um menino na noite passada e o tumulto nesta manhã tinha mantido sua mente ocupada. Agora ele se perguntou se Blair estava sendo tão cauteloso por causa de alguma ameaça vaga que poderia vir dos humanos ou porque ele queria mostrar aos outros residentes do Pátio que os Lobos estavam cuidando da Liaison corretamente. Ou Blair estava tentando evitar qualquer incidente que fosse começar uma luta entre os Lobos e os Sanguinati?

Ele não tinha que esperar muito tempo. Ele só tinha que observar o Executor do Courtyard quando Vlad entrasse na sala e notasse Elliot.

Assim ele saberia se os vampiros estavam sérios sobre matar um Lobo.

Jester e Henry entraram juntos. O Coyote parecia um pouco alegre. O Grizzly apenas parecia sonolento.

Tess entrou com o seu cabelo completamente verde e enrolado. Assim que ela viu Elliot, amplas estrias vermelhas apareceram junto com fios pretos.

— Há um novo perigo para os *indigenes da terra* e os seres humanos, — disse Simon. Ele esperou até que Tess se sentasse antes de continuar. — Até agora, não houve relatos de mortes estranhas na parte oriental da Thaisia, mas tem havido várias mortes estranhas ou esquisitas de ataques no Oeste. Uma matilha de Cães atacou uma matilha de Lobos. Os Cães foram mortos, mas os Lobos, em seguida, perseguiram vários veados selvagens sem parar, para se alimentar. Em outra aldeia, um bando de machos humanos atacou três fêmeas e dois machos subordinados com tanta violência, que a polícia pensou no início que fosse um ataque de algum animal. Três das presas morreram durante o ataque. Os outros dois morreram no hospital. Houve mais ataques ocorrendo ao longo de vários meses. Uma vez que os ataques eram humanos contra humanos, não havia nenhuma razão para pensar que era uma doença que se espalhava dos humanos para nós.

— Até as mortes em Jerzy, — Henry disse calmamente. — Até que os líderes entre os *indigenes da terra* se reuniram para falar, e começaram a ver um padrão.

Simon assentiu. — A maioria dos ataques dificilmente tocou a todos nós, exceto que a polícia tem farejado para encontrar alguma forma de nos culpar. Em alguns casos, a doença começou em uma vila de humanos que é delimitada por nosso território, e ninguém pode dizer como chegou à aldeia, quando outras aldeias na mesma estrada não foram tocadas. A doença deveria ter se espalhado de aldeia em aldeia, deixando um rastro, mas isso não tem acontecido até este momento.

Vlad cruzou uma perna sobre a outra. — Os líderes dos Pátios que foram afetados estão convencidos de que esta doença começa com os seres humanos?

— Sim. Mas os líderes humanos acreditam fortemente que nós somos a causa.

— Não importa o que *eles* acreditam, — Jester rosnou.

— Se os seres humanos estão espalhando uma nova doença para nós, só há uma maneira de corrigir o problema, — disse Blair, olhando para Simon.

— Essa não é a resposta, — disse Henry, se deslocando em sua cadeira. — Ainda não. Em primeiro lugar, os seres humanos devem encontrar a raiz desta doença, em seguida, decidir o que precisa ser morto.

— Concordo, — disse Simon. — Especialmente porque não houve nenhum sinal desta doença no Leste. — Ele suspirou. — Mas houve um padrão em cada um destes ataques contra nós: alguns Corvos foram mortos perto de cada uma das aldeias, um ou dois dias antes do ataque ocorrer. Vou falar com Jenni Crowgard. Se os Corvos começarem a morrer sem razão, precisamos tomar isso como um aviso de que a doença atingiu Lakeside.

Ele esperou um momento. — Agora. O que está acontecendo aqui?

Ele não tinha certeza se estavam apenas esperando o momento certo, ou se Vlad tinha enviado um sinal, mas assim que ele fez essa pergunta, a porta se abriu e Inverno entrou na sala, seguida de Erebus Sanguinati. Depois de um momento de silêncio assustado, duas cadeiras foram adicionadas ao círculo.

Elliot estava sentado perto o suficiente para que Simon pudesse cheirar o medo em seu pai. Ruim o suficiente ter Erebus nesta reunião, mas um dos Elementais? Eles raramente se preocupavam com alguma coisa, apenas com sua conexão com Namid. E quando se interessavam por algo, os resultados eram imprevisíveis e geralmente devastadores.

— Meg teve uma profecia enquanto você estava fora, — disse Henry, suas palavras bruscas mudando a direção da discussão antes de começar.

Elliot deu a Simon um olhar assustado. — Profecia?

— Meg é uma *Cassandra de Sangue*, — Simon respondeu.

Inverno não teve qualquer reação. Erebus simplesmente assentiu.

— O que você sabe sobre os Profetas de Sangue? — Ele perguntou a Erebus.

— Muito pouco. Meg é a primeira de seu *tipo* que eu já vi, então eu não sabia que um determinado tipo de ser humano poderia ser uma *Cassandra de Sangue* com sangue doce. — Erebus respondeu.

— O que é um sangue doce? — Henry perguntou e seus olhos estreitaram em pensamento.

— Eles têm corpos de adultos, mas mantêm a doçura do coração de uma criança, — disse Erebus.

Simon pensou sobre a velha que tinha cortado o rosto para ver seu futuro. A doçura nos olhos, seu sorriso, apesar de sua idade. Não era um ser débil, como alguns adolescentes a tinham chamado. Não, não havia nada de errado com sua mente. Mas talvez essa inocência infantil criasse um véu contra as coisas terríveis, quando os Profetas realizavam as visões.

— Não são *presas*, — disse Henry, olhando para Simon. — Temos reconhecido algo de diferente em alguns seres humanos, sem perceber o que era.

Simon assentiu. — Meg.

— Os Sanguinati não se alimentam de jovens, — disse Erebus. — E nós não nos alimentamos do sangue doce, porque eles são ambos, maravilhosos e terríveis. Isso foi proibido há muito tempo, e ainda é transmitido de um Sanguinati para outro, mesmo que tivéssemos esquecido a razão para isso.

— Por que terrível? — Perguntou Tess, inclinada para frente. Seu cabelo ainda estava colorido, mas os cachos estavam mais soltos.

Erebus deu de ombros. — Profecias nadam no sangue. Eu não acho que gostaria de ver tais coisas se eu bebesse de uma *Cassandra de Sangue*.

— Nossa Meg *vai* ficar, não é? — Perguntou Inverno, dando uma olhada em Elliot que gelou o ar. — Minhas irmãs e eu ficaríamos infelizes se alguém a mandasse embora.

Como ela sabia sobre a discussão entre Meg e Elliot? Mais ao ponto, o que faria com esse conhecimento?

Ele não queria pensar sobre isso, então ele se concentrou em Henry. — Que profecia?

Tess, Vlad, Jester, e Blair já sabiam sobre Sam estar de alguma forma ligado a homens entrando no pátio com armas. O que explicava Nathan ser atribuído para dar uma olhada no escritório do Liaison, e por que Blair tinha passado a noite mantendo o portão do Utilities aberto. Os homens que Meg tinha visto tinham entrado durante uma tempestade.

— Estamos vigilantes, — disse Henry. — O filhote não fica sozinho. Meg não fica sozinha. E ambos têm se unido mais nos últimos dias.

Apesar da ameaça em potencial vista na profecia, Simon relaxou um pouco à medida que cada membro da Associação de Empresas lhe dava um relatório. Ele até riu durante a conversa entre Boone com a Liaison, e o seu pedido de *carne especial.* Não houve confrontos com os seres humanos em geral ou com a polícia enquanto ele esteve fora, não houve confrontos entre os *indigenes da terra*, exceto o passo em falso de Elliot, irritando os Sanguinati. Mas isso não aconteceria novamente. Ele baniria Elliot do Lakeside Courtyard antes que ele deixasse outro Lobo - ou qualquer outra pessoa, fazer danos a Meg de qualquer forma.

E Meg. Fazendo entregas, fazendo amigos, fazendo uma vida entre eles em tão pouco tempo.

Meg. Uma das criações de Namid, ao mesmo tempo terrível e maravilhosa.

Isso era algo que ele ia ter que pensar.

****

Prezada Sra. Sabe Tudo,

Na outra noite, eu chamei um amigo para jantar e dar uma caminhada no lado selvagem (se você sabe o que quero dizer). Tudo estava indo bem até os beijos e carícias. Eu fiquei um pouco animada quando ele

começou a me tocar, beijar de volta... Eu acabei beliscada e, assim, acabei mordendo-o na coxa. Não foi uma grande mordida, não precisou nem de pontos; ele disse que não era o meu brinquedo de mastigar. Agora ele não retorna as minhas chamadas. O que eu devo fazer?

Assinado,

Confusa.

Cara Confusa,

Em primeiro lugar, o jovem indigene da terra muitas vezes se confunde quando o alimento fornece mais de um tipo de estimulação. Mas quando você convidar um ser humano para jantar, ele espera ser servido o jantar, e não ser o jantar. Em segundo lugar, mesmo que os humanos gostem de desfrutar de mordidas como preliminares, só é válido quando seus parceiros não têm dentes afiados. Em terceiro lugar, o sexo masculino, seja humano ou Outro, são mais sensíveis quando os dentes ficam muito próximos do brinquedo que se quer usufruir. Então aproveite a experiência, e a próxima vez que você convidar um ser humano para dar um passeio no lado selvagem, tente uma corrida no parque.

Tentando respirar e engolir ao mesmo tempo, Meg cuspiu o chá de hortelã por todo o balcão.

Sra. Sabe Tudo. Conselheira do boletim das interações entre os seres humanos e os *indigenes da terra.*

Deuses acima e abaixo.

Ela se perguntou se Lorne achava a coluna humorística, ou se saber o que os *Outros* pensavam era uma boa dica para garantir bons conselhos para lidar com eles, e como era um humano, este era o motivo dele preferir continuar onde estava, perto da maioria de seus clientes no Três Ps.

Ela ainda estava limpando o chá de seu balcão quando ela viu Harry parando no estacionamento. Ela abriu o ferrolho e chegou à porta, ao mesmo tempo em que ele. Abrindo a porta, até que ele pudesse passar o ombro, ela pegou o pacote de cima e correu para o balcão.

Pensando melhor...

Colocando o pacote no carrinho de mão, ela esperou por ele.

— Aconteceu algo, Miss Meg? — Harry perguntou quando colocou o resto dos pacotes no carrinho de mão. Havia um tom estranho em sua voz.

— O balcão ainda está molhado, — ela respondeu, olhando por cima do ombro, em seguida, de volta para ele. — Vá em frente. Vou preencher as minhas notas, logo que eu terminar de limpar o balcão. Eu vi carros escorregando e deslizando esta manhã, e você não quer que o seu caminhão fique encalhado na neve.

— Isso eu não quero. Mantenha-se aquecida, tudo bem? E cuidado com o *molhado.*

— Eu vou. Dirija com cuidado. Te encontro em Moonsday.

Harry acenou para os Corvos quando ele abriu a porta e se dirigiu para o seu caminhão. Meg terminou de limpar o balcão, dobrou os boletins de notícias, e os colocou na bandeja de papel para a reciclagem no quarto dos fundos.

Quando ela entrou no banheiro para lavar as mãos, ela olhou no pequeno espelho sobre a pia. Então ela ficou ali, atordoada.

Harry não tinha comentado sobre o balcão molhado. Ele estava olhando para o seu rosto quando perguntou sobre o que aconteceu.

Ela tinha esquecido a contusão. Ela tinha ficado tão apressada para ficar pronta para o trabalho, com Simon e Sam aparecendo e interrompendo sua rotina, ela não tinha olhado no espelho naquela manhã, nem mesmo quando passou um pente pelos cabelos.

Se Harry ou um dos outros entregadores ligassem para a polícia e contassem sobre a contusão...

Ela tinha que dizer a alguém. Tinha que dizer a Simon. Apenas no caso.

Quando ela passou pela sala de triagem para usar o telefone no balcão da frente, ela olhou para Sam, que ainda estava feliz roendo sua carne de veado.

O estômago de Meg fez um pequeno salto engraçado. Enquanto esperava alguém atender ao telefone do HBL, prometeu a si mesma que, a partir de agora, ela iria garantir que a carne de veado do Boone para Sam realmente fosse de veado.

****

Monty estava do lado de fora da estação de Chestnut Street, à espera de Kowalski para trazer o carro de patrulha. A tempestade da noite passada proporcionava uma boa desculpa para dar uma passada de cortesia no Pátio sem ser demasiado óbvio que eles estavam verificando o líder do Courtyard, esperando alguma informação sobre o que aconteceu em Jerzy.

— Eu poderia tomar um pouco de café esta manhã, — disse Monty depois que entrou no carro. — Você acha que as lojas no Pátio estarão abertas?

— É difícil dizer, — Kowalski respondeu, entrando no trânsito. — Os *Outros* não abrem suas lojas para obterem lucro. É mais um hobby, uma experiência para eles, e é uma maneira de obter mercadorias e serviços sem ter que ir para as empresas humanas.

Não, eles não teriam de se preocupar com o lucro. Quando você era o proprietário de uma cidade inteira, e cobrava aluguel pelos serviços e a utilização dos espaços, qualquer outro negócio administrado por um Courtyard era uma acomodação.

Quando chegaram ao Pátio, Monty viu *Outros* ocupados removendo a neve de seu estacionamento, utilizando um pequeno trator de neve com uma pá, para recolher a neve e despejá-la na carroceria de uma caminhonete. Havia algumas luzes acesas na *Bite*, e na *Howling Boas Leituras*, mas não o suficiente para dar a impressão de que as lojas estivessem abertas.

— Vamos verificar o Gabinete do Liaison, — disse Monty.

Meg Corbyn abriu o escritório para negócios. A julgar pelas luzes nas janelas, assim como no consulado. O acesso ao Pátio já estava arado.

— Espere aqui.

Ao entrar no escritório, ele caminhou até o balcão. O filhote de lobo estava na porta Privada, observando-o.

— Bom dia, — disse Monty. — A Senhorita Corbyn está?

Já que ele não esperava uma resposta, ele deu um passo para trás, e assustado, o filhote de repente mudou para um menino nu e gritou, — Meg! O ser humano polícia está aqui!

— Quem...? — Meg ficou à vista e olhou para o rapaz. — Ah... Sam? Está frio. Você deve colocar algumas roupas.

O menino olhou para si mesmo. Então ele olhou para Meg e sorriu. — Não preciso de roupas. Eu tenho pelo!

E ele tinha. Ele também tinha quatro patas e uma cauda quando passou correndo por ela e fora da vista.

Meg parecia um pouco instável quando se aproximou do balcão.

— Um novo desenvolvimento? — Perguntou Monty, olhando para a porta. Ele tinha visto um deles mudar de Lobo para criança uma vez antes. Então ver o quão rápido eles poderiam mudar fez o seu coração disparar.

— Muito novo, — disse Meg. — Ele não desenvolveu algumas regras ainda. Ou até mesmo nem sabe que existem regras.

Ele olhou para o rosto dela e sentiu raiva, mas ele manteve sua voz suave. — E esta marca? Isso também é um novo desenvolvimento?

Ela suspirou. — Foi um mal-entendido. Não vai acontecer novamente.

— Você tem certeza?

Simon Wolfgard passou pela porta privada. — *Eu tenho certeza.*

Ele não tocou em Meg, mas usou seus quadris e ombros para se manter na frente dela, garantindo que ele era o único de pé na frente de Monty.

— Sr. Wolfgard, — disse Monty. — Eu estava esperando ter uma palavra com você, se você tiver um minuto.

Um longo olhar. O que Wolfgard via? Um inimigo? Um rival? Talvez um aliado?

Ruídos vinham do quarto ao lado, como se alguém estivesse pulando e xingando com o esforço.

Meg começou a se virar para ver o que estava acontecendo, mas Simon balançou a cabeça.

— HBL ainda não está aberta, — disse Simon. — Mas Tess acabou de fazer um pouco de café. — Ele olhou para Meg. — O seu está na mesa de classificação, juntamente com uma xícara de chocolate quente e alguns muffins. — Ele ergueu a voz. — Os bolos e o chocolate quente só podem ser comidos por um rapaz usando roupas.

Escutou um Yip seguido pelo arranhar de unhas no chão.

— Existe algum tipo de regra para quando Sam deve ser um menino e quando for um Lobo? — Perguntou Meg.

— Um Lobo levanta a perna e deixa a neve amarela. Um rapaz tem de usar o banheiro, — Simon respondeu.

— E isso vai funcionar?

— Só se ele precisar fazer xixi.

Monty tossiu alto para encobrir a risada.

— Convide o seu oficial e leve o carro para trás, — disse Simon. — Nós limpamos um monte de neve, mas deixar o carro estacionado em frente ao escritório da Meg vai tornar mais difícil para os caminhões de entrega fazerem a manobra. Eu vou esperar por você na entrada da *Bite*.

— Senhorita Corbyn. — Monty inclinou a cabeça e saiu. Quando ele abriu a porta e olhou para trás, Simon Wolfgard estava olhando para ele e não havia nada amigável naqueles olhos cor de âmbar.

Correndo para o carro patrulha, ele instruiu Kowalski para dar a volta.

Pensando naquele olhar, ele se perguntou se haveria outro — *mal-entendido* — que acabaria deixando Meg Corbyn com outra contusão.

****

Assim que Montgomery estava fora de vista, Simon olhou para Meg. — Aquele macaco está te incomodando?

Olhos de coelho, toda assustada com o inesperado.

— Não, — Meg gaguejou.

— Ele a deixa nervosa. — Ele cheirava sobre ela.

— Eu... — Ela hesitou. — Quando vejo a polícia, é difícil lembrar que eu não posso ser levada embora, que eles não vão me fazer voltar...

Ele não conteve o rosnado. — Eles não vão levá-la embora. O quê mais? Ele estava com raiva. Ele não tem o direito de estar com raiva de você.

Outra hesitação. Então ela levantou a mão para o lado esquerdo do rosto. — Isso te deixa bravo?

— Sim!

— O deixa bravo também.

Levou esforço, mas ele deu um passo para trás. Montgomery estava irritado com a contusão? Uma reação que combinava com a sua própria. Isso era bom. Isso era algo que ele entendia no humano.

— O Tenente Montgomery está esperando por você, — disse Meg.

— Você ligou para a loja. Para falar comigo.

— Para dizer que alguns carregadores podem ter visto a contusão e alguns deles podem chamar a polícia para denunciá-lo.

— Os seres humanos fazem isso?

— Às vezes.

E às vezes eles não faziam. Essa era a verdade não dita que viu em seus olhos cinzentos. Ele estudou o rosto e o cabelo estranho que tinha uma linha de preto perto do couro cabeludo.

— Sr. Wolfgard?

Um rangido do assoalho acima dele. <*Nathan?*>

<*Aqui.*>

<*Mantenha a guarda.*>

— Eu vou estar de volta com Sam na hora do almoço, — disse Meg.

Então ele saiu, passando por Sam quando foi para a porta dos fundos. As roupas do menino não estavam abotoadas direito, mas ele

deixaria Meg lidar com isso, já que ele e Sam teriam algo a mais para lidar quando ele tivesse o filhote de volta em casa.

Enquanto caminhava até a porta da *Bite*, ele percebeu quando o Oficial Kowalski estacionou o carro de patrulha onde ele falou; o policial não iria perder tempo quando fosse sair.

Montgomery o observava, um monte de coisas acontecendo por trás daqueles olhos escuros. Parecia que um monte de coisas não seriam ditas hoje.

Ele os levou para dentro da loja. O cabelo de Tess ainda estava verde, mas agora havia manchas marrons que indicavam que ela estava ficando mais calma. Ela trouxe café e um prato de doces que, mesmo aquecido, não parecia muito fresco. Não que qualquer um deles comentou esse fato. Você comia o que Tess oferecia ou não.

Ele e Montgomery circularam entre si usando palavras educadas quando perceberam que não tinham muito a dizer ao outro. Mas conseguiu *ouvir* o que foi dito, Simon entendeu que Montgomery tinha mais interesse em manter a paz do que ele. Seu único interesse era manter sua própria espécie segura por qualquer meio necessário.

E, enquanto eles conversavam e circulavam entre os assuntos, ele entendeu que sua própria espécie agora incluía a Meg.

****

Ásia parou o carro na área de entrega na frente do Gabinete do Liaison.

— Obrigado pelo passeio, — disse Darrell Adams. Ele brincou com a maçaneta da porta, mas não abriu. Em vez disso, ele olhou para a parede forrada com os Corvos.

Malditos espiões. Ela sabia que Darrell queria dar-lhe um beijo, sabia que ele queria fazer muito mais. Ela jantou com ele um par de vezes e não demorou muito para preparar sua conversa, mas apesar de trabalhar no consulado, ele tinha informações superficiais. Ok, ele era um humano trabalhando para os *indigenes da terra*, por isso, não iria

dizer-lhe muita coisa importante. Ainda assim, ele era uma maneira diferente de entrada no Pátio. O problema era, se ela fosse mantê-lo interessado, o suficientemente para lhe conceder um pequeno favor, ela ia ter que lhe dar sexo. Não que ela se importasse de usar sexo como parte de um trabalho, mas os homens com quem ela tinha dormido até agora tinham influência social. Por outro lado, ela precisava enviar aos seus apoiadores alguma informação fresca, em breve.

Mas aqueles *anormais* de penas pretas estavam observando, e alguém dando um passeio na neve não era tão interessante relatar, como alguém dando um beijo de língua.

— Acho melhor eu ir, — disse Darrell.

— Acho que sim, — Ásia concordou. — Tome cuidado. — Ela não ofereceu lhe dar uma carona para casa. Ela não estava a ponto de deixá-lo em seu apartamento, e ela não queria uma cena embaraçosa se ele a convidasse para entrar. Além disso, assim que ele entrasse, ela queria ver a Meg, e dar outra olhada naquele filhote de Lobo.

Antes de Darrell chegar à porta do consulado, ela desligou o carro dela, e viu um carro de patrulha saindo do caminho de acesso entre os edifícios, e ela estava no caminho deles. O carro dela não era incomum, mas esteve estacionado aqui vezes o suficiente para alguém notar.

Então ela deu aos homens no carro um sorriso brilhante e um aceno alegre antes de se dirigir para a saída. E ela só respirou mais fácil até que estava dirigindo para longe, e estava certa de que a polícia tinha pegado outra direção.

****

Quando Simon pegou Sam, seu sobrinho voltou a ficar peludo. Blair tinha trazido o carro da Meg para o escritório. Já que ela planejava fazer compras na Praça do Mercado durante sua pausa para o meio-dia, ele pegou o carro e dirigiu de volta para o Complexo Verde.

Estacionando no espaço de visitante, ele levou Sam para o outro lado da estrada, em seguida, deixou o filhote levantar a perna antes de entrarem.

Ele fechou a porta do apartamento e a trancou.

Ficar trancado por medo durante dois anos fez muita diferença em uma série de maneiras, mas pelo bem de ambos, não podia deixar de fazer a diferença das formas mais importantes. Não quando Elliot tinha ligado para dizer a ele que o prefeito de Lakeside ainda estava lamentando sobre a incapacidade da polícia em prender a ladra perigosa que se parecia com Meg Corbyn. Não quando alguém tinha trazido uma doença desconhecida para a parte ocidental de Thaisia. Não quando era tão vital para o seu próprio bem-estar que ele permanecesse o líder deste Courtyard.

O que significava que ninguém estaria autorizado a contestar ou minar a sua liderança, de forma alguma.

Foi a maneira arrogante com que Sam levantou a cabeça, achando que conseguiria tudo o que quisesse a partir de agora, que estalou o temperamento de Simon. Ele estava no filhote em um piscar de olhos, empurrando-o para o chão antes de rolar-lhe as costas. Uma mão pressionou no peito de Sam, enquanto ele se inclinava sobre o jovem, suas presas crescendo, com os olhos fixos na garganta vulnerável.

<*Eu sou o líder, você não é,*> Simon rosnou. <*Eu dou as ordens, você não. O deixei fugir e me desobedecer esta manhã, mas não vai acontecer de novo. Não vai acontecer Sam! Se você não obedecer, você não irá morar aqui, você vai ter que morar com Elliot no Complexo Wolfgard. E se ainda assim você não puder obedecer; você será enviado para morar com uma matilha além do pátio.*>

Sam mudou para menino. Simon pressionou com mais força no peito e trouxe suas presas para mais perto da garganta vulnerável.

— Por que não posso ficar com a Meg? — Sam lamentou. — Eu quero ficar com a Meg.

— Você é um Lobo. Meg é humana. Há muitas coisas que você precisa saber que ela não pode ensinar. *E você não pode escolher.* —

Simon esperou, mas o menino não ofereceu nenhuma provocação. — Você precisa estar com outros Lobos novamente. Você precisa aprender novamente.

Lágrimas encheram os olhos de Sam. — Meg?

— Meg será a recompensa por bom comportamento. — Ele tinha certeza que iria colocá-lo do lado errado com Meg, mas ele não ia se preocupar com isso. Meg, também, precisava aprender. Ela não tinha visto um Lobo adulto ainda, e ele teria que mudar isso.

Assim que Simon soltou Sam, o menino mudou para filhote e correu de volta para a gaiola.

Isso também iria mudar.

Mas enquanto aquecia a comida para os dois, ele se perguntou se estava tentando tirar a amiga de aventura de Sam porque ele realmente acreditava que era o melhor para Sam e Meg, ou se ele estava fazendo isso porque se sentia excluído.



CAPÍTULO 15

WATERSDAY, Simon fechou a gaveta de dinheiro do registro e abriu a HBL para os negócios. Ele não estava em seu melhor estado de espírito para lidar com os clientes, mas a papelada não iria distraí-lo de pensar sobre o que ia fazer quando Meg fechasse o escritório para a pausa do meio-dia.

Ontem o dia foi ensolarado, e os arados em torno da cidade tinham parado de trabalhar nas principais estradas da beira do lago, bem como nas ruas residenciais. Então hoje todos os seres humanos estavam nas ruas, e depois da tempestade na noite de Windsday, onde as lojas ficaram fechadas por quase quarenta e oito horas no máximo, o estacionamento para os clientes do Courtyard estava cheio. Havia humanos que trabalham na *Run & Thump*, incluindo a Ruthie, que era a companheira do Oficial Kowalski. A maioria das mesas na *Bite* estava cheias, e agora que a HBL estava aberta, ele antecipou que muitos desses clientes iriam entrar na loja para fazer compras ou apenas passear, apenas por estar em algum lugar que não fosse sua casa, por um pouco mais de tempo.

Cabin Fever[2], os seres humanos chamavam. Uma frase que não fazia sentido para o *indigene da terra.* Quando havia uma tempestade, você dormia ou ficava em algum lugar tranquilo, seco e quente. Quando a tempestade passava, você saia para caçar e jogar. Não havia necessidade de ficar frenético sobre isso. Os elementos e as intempéries faziam parte da sabedoria de Namid, que era comunicada a todas as suas criaturas.

[2] Termo americano que significa um tipo de histeria provocada por passar muito tempo dentro de casa.

A *maioria* de suas criaturas de qualquer maneira.

Não que ele se importasse. Os seres humanos iriam acabar comprando livros ou revistas, e então iriam embora, saindo no frio, dirigindo-se para o próximo lugar onde iriam passar mais um tempo antes de finalmente retornar aos seus *poleiros*.

John se aproximou do caixa, um olhar preocupado em seu rosto normalmente alegre. — Bom dia, Simon. Eu vi Sam no Complexo Wolfgard. Está tudo bem?

— Ele está brincando com alguns dos outros filhotes esta manhã.

— Como um filhote?

Ah, essa era a razão para a preocupação dele. Os Lobos souberam que Sam tinha finalmente deslocado para humano, mas a maioria não tinha visto o menino, não tiveram a chance de identificar pela visão ou cheiro que Sam estava em sua outra pele.

— Provavelmente, — Simon respondeu, mantendo a voz suave. — Ele deveria ficar na forma humana na metade da manhã, mas acho que ele testa a paciência de Elliot desde o momento que levantou para tomar seu café da manhã, quando recebeu a permissão para mudar. — Ele não podia culpar Elliot por fazer essa escolha. Deixar Sam mudar de volta para Lobo era mais fácil do que ouvir a ladainha contínua: *Meg faz isso deste modo. Meg não faz assim*.

Meg era agora o critério pelo qual eles deveriam medir todas as coisas humanas. É claro, o menino também fazia campanha para Meg ficar com ele na escola, porque havia coisas que ela *não conhecia.*

Simon achava que Meg não se interessaria em saber como estripar um coelho. Ele poderia estar errado sobre isso, mas ele simplesmente não podia imaginar Meg saltando sobre um coelho e rasgando-o com os dentes.

Talvez se ele tentasse imaginá-la fazendo isso com mais intensidade?

— Parece que há um bando de meninas da faculdade ali ao lado, — disse John. — Você quer que eu fique na *Bite* para dar suporte, ou fique aqui, mude e faça a segurança?

Ele sentiu o cheiro de outros dois lobos antes de vê-los. Quando chegaram à frente da loja, Nathan estava em forma humana, e Ferus como um lobo.

Simon observou quando Ferus ficou no canto, o que dava ao Lobo uma boa visão da porta e de toda a área frontal da loja. Já que ele ou Vlad ficavam geralmente na loja quando abriam, eles normalmente não tinham mais do que um Lobo como segurança adicional. Se era a vez de Ferus ficar de vigia como Lobo, então por que Nathan estava com ele? — Blair espera problemas?

Nathan sacudiu a cabeça. — Henry disse que deve haver uma caixa de livros aqui para a nossa biblioteca. Ele quer trabalhar com a madeira esta manhã, e eu não estava fazendo nada de especial, então eu disse-lhe que ia pegar a caixa e levá-la até a Praça do Mercado. — Ele sorriu para Simon. — Além disso, amanhã é Earthday, e eu estou procurando algum sossego. Se eu ajudar pegando os livros novos, posso ser o primeiro a lê-los.

— Você sempre pode comprar um, — disse John.

Nathan apenas riu.

Já que a presença de Nathan lhe dava um Executor extra nesta parte de Courtyard, Simon não via qualquer razão para não usar o Lobo. — Antes de pegar a caixa, passe pela *Run & Thump* e no Centro Social. Confira os quartos no andar de cima; dê uma olhada em todos que passarem por lá hoje. A Ruthie estava lá quando eu olhei na janela. Ela está acoplada a um dos policiais. Fique de olho nela. Nós demos a ele e a ela, um passe para fazer compras na Praça do Mercado. Ela conhece as regras, mas isso não significa que alguém não vai tentar *deslizar* com ela, se ela decidir fazer compras antes de ir para casa.

— Eu vou procurar e deixar todo mundo saber que os Lobos estão de olho. Marie está vigiando de cima, mas a maioria dos humanos não pensam nos Falcões quando tentam fazer algo estúpido.

A maioria dos humanos não pensa também nos Corvos, na capacidade deles de soar um alarme e poder viajar por todo o Courtyard

mais rápido do que a maioria dos seres humanos poderia causar problemas.

Nathan saiu pela porta da frente. John entrou para buscar alguns livros. E Simon observou os primeiros clientes entrarem na HBL e na *Bite*. Ele tentou não rosnar quando notou Ásia Crane entre os clientes. Ele não estava com o temperamento certo para lidar com Ásia esta manhã e esperava que ela fosse comprar um livro e ir logo embora.

— Olá, bonito, — ela disse quando se aproximou do balcão. — Não vejo você há um tempo. Está se escondendo de mim?

Havia outro perfume nela. Algo familiar, mas estava fraco o suficiente, e ele não estava familiarizado com o cheiro para reconhecer imediatamente. Ele queria se inclinar sobre o balcão e cheirar melhor, mas ela poderia confundir com interesse em seus seios, que era geralmente seguido por um convite para fazer sexo. Considerando que ele não estava interessado nos seios dela e nem em sexo com ela, ele escolheu uma forma diferente de descobrir o que queria saber.

<*Ferus. Venha aqui e descubra com quem ela está se esfregando.*>

— À procura de algo em particular, Ásia? — Perguntou Simon.

Ela se inclinou sobre o balcão, dando-lhe uma visão clara do seu decote. — Você tem algo em mente?

Ela soltou um grito muito gratificante e quase saltou alto o suficiente para pousar em cima do balcão quando Ferus empurrou o focinho entre as pernas dela.

<*O Darrell é o cara, mas ainda não teve sexo,*> Ferus relatou. Então ele espirrou e voltou para o seu lugar no canto.

— Maldito da porra! — Ásia gritou. — O que foi isso?

Simon tirou os óculos de seu balcão e os colocou. — Curiosidade. Pelo menos ele não encontrou qualquer coisa que quisesse morder. — Ele mostrou os dentes, dando um sorriso e levantou a sua voz. — Está meio cheio hoje. Muitas pessoas estão estocando livros, parece que outra tempestade vai chegar. O meu assistente pode ajudá-la a encontrar algo?

Parecia que ela queria rasgar a garganta dele, e naquele momento, ele não teve problemas em imaginar *ela* rasgando um coelho.

— Eu não quero nada de *você*. — Ela saiu da loja.

Ele esperava que fosse verdade. Ele esperava que ela fizesse sexo com Darrell e parasse de cheirar em torno dele.

Ele olhou para o bando de meninas de faculdade que estavam nas proximidades, com a boca aberta, olhando o drama. — E vocês? Estão interessadas em comprar livros?

Ele recebeu várias garantias de que estavam lá para comprar livros. Elas fugiram para as prateleiras, onde as deixaria fora da vista. Ele inclinou a cabeça, ouvindo John conversar com as meninas quando ele voltou do almoxarifado, pegando o tom, mas não as palavras.

As meninas tinham conseguido o que queriam. Elas iriam comprar alguns livros como forma de pagamento, pois iriam falar com os seus amigos que tinham visto, *de verdade*, um lobo farejar a virilha de uma mulher *em público.*

Suspirando, ele puxou a pilha de pedidos de livros de baixo do balcão. Antes, ele não tinha o suficiente para ocupar sua mente. Agora ele tinha *muito.*

Apesar de seus esforços de flerte com ele, Ásia estava se esfregando com Darrell, um ser humano que trabalhava no Consulado. Elliot nunca tinha manifestado nenhuma queixa sobre o homem, o que significava que Darrell era um bom trabalhador, mas ele não era o tipo de macho que Simon teria esperado que Ásia corresse atrás. Ele parecia muito comum para uma mulher que queria andar no *lado selvagem.*

Simon grunhiu de frustração. Alguma coisa estava faltando. Ele não pensava como um ser humano, então estava faltando alguma coisa.

Infelizmente, ele não confiava o suficiente nos seres humanos para conversar sobre o interesse da Ásia em Darrell, e o que não estava certo.

****

Lobo maldito! Ele costumava deixá-la flertar com ele. Agora ele a tratava como uma cascavel que queria pisar sob sua bota. E agora que ela pensava sobre isso, Simon Wolfgard tinha começado a ficar assim desde que a nova Liaison apareceu.

Mas ele não podia transar com alguém que se parecia com uma idiota! Pelo que Darrell tinha dito, ela era de confiança, é claro, Simon Wolfgard não iria ficar entretido com uma convidada. E desde que a sua irmã foi morta, Ásia tinha entendido que a sua recusa em responder aos seus convites fazia mais sentido. Mas a maneira como ele lidava com a atenção dela agora, poderia irritar até a melhor profissional. E, caramba, ela não queria se contentar com Darrell porque Meg estava de alguma forma estragando as suas chances com Simon.

E assim que Ásia chegou ao seu carro, ela olhou para a rua e viu a van branca parada. E ela sorriu.

****

Meg olhou para a cama do filhote vazia, então desviou o olhar e disse a si mesma para se concentrar na triagem do correio. Ela já teve que verificar um par de pilhas duas vezes quando percebeu que tinha colocado o correio para as Câmaras como entrega para o Crowgard. Se o correio errado fosse para o Complexo Corvine, as chances dos Sanguinati não abrirem os pacotes... Bem, ela não deixaria haver *essa* possibilidade.

Sam precisava conviver com sua própria espécie, ele tinha que passar tempo com outros filhotes de Lobos. Ele já tinha perdido dois anos, e ela tinha a impressão de que não havia muitos jovens de sua idade no Pátio, independentemente da espécie. Assim, ele precisava estar com Lobos, e ela estava feliz de trabalhar sozinha, sem interrupções.

Claro que ela estava.

Ela o conheceu há algumas semanas atrás. Como ela podia sentir tanto a ausência dele? Quando ela o conhecia a tão pouco tempo!

Preste atenção, ela repreendeu-se. *Os pôneis estarão aqui em breve, e eles esperam que você tenha entregas para eles distribuírem.*

Ela focou no trabalho e tentou ignorar o silêncio, mesmo que a conversa no rádio não conseguisse preencher.

****

Simon olhou para o relógio na parede atrás do balcão de check-out e tentou não agarrar Vlad pelo atraso.

O Sanguinati estudou o Lobo. — Algo errado?

Simon balançou a cabeça. — Só tem uma coisa que precisa ser feita.

Vlad olhou ao redor. — Estamos fornecendo abrigo, ou os seres humanos estão comprando muitos livros?

— Um pouco de ambos. As vendas foram muito bem hoje. Heather fez campanha de alguns livros que eu normalmente não teria na loja, porque dá aos seres humanos algumas ideias erradas.

Vlad parecia divertido. — Você quer dizer os tipos de histórias em que o lobo come a mulher depois que ele faz sexo com ela?

— Ásia esteve aqui, houve uma agitação esta manhã; Ferus colocou o focinho em suas partes íntimas, e depois disso, acabamos vendendo todos os livros de *Lobo amante.* Se você beber de um dos clientes do Pálido, devemos vender todas as pilhas de histórias de *Vampiro amante*.

— Heather deve saber melhor, — Vlad murmurou.

Simon passou por Vlad e não disse nada. Haveria um aumento no número de meninas que sairiam para um passeio na floresta e nunca mais se ouviria falar. Havia sempre essas histórias retratando os *indigenes da terra* saindo com os seres humanos, onde só queriam ser amados.

A maioria dos *indigenes da terra* não queria amar os seres humanos; eles queriam comê-los. Por que os seres humanos têm tanta dificuldade em entender isso?

— Você vai voltar? — Vlad perguntou.

Ele hesitou. — Não tenho certeza.

Ia depender de como Meg ia responder vendo um Lobo maduro.

****

Quase na hora de fechar para a pausa do meio-dia, e de acordo com a programação de Courtyard, Jenni Crowgard e suas irmãs iriam deixar disponíveis na biblioteca novos livros hoje. Já que amanhã era Earthday, Meg ficaria com muito tempo disponível, então pegaria alguns livros. Talvez também pegasse algumas músicas e filmes. E precisava pegar algumas coisas no supermercado a caminho de casa. Talvez ela ligasse para a *Hot Crust* e pedisse para entregar uma pizza no escritório antes de sair no fim do dia.

Muitas coisas que ela poderia fazer amanhã. Um monte de coisas.

Meg desligou o rádio e ouviu os sons tranquilos provenientes da outra sala.

— Merri Lee? É você? — Ela tinha parado pouco na *Bite* nesses últimos dias, mas Tess poderia ter enviado alguém com sua refeição. — Julia?

Quem abriu a porta e entrou na sala de triagem não era um ser humano ou um Falcão.

O Lobo tinha um tipo terrível de beleza, e apesar das imagens que tinha visto do animal, em nada se comparava com o *indigene da terra* naquela forma. Grande e musculoso, o Lobo se aproximou dela; ele tinha uma pelagem escura, com tons mais claros e leves. Meg não tinha certeza se era o animal ou qualquer outra coisa em sua natureza que o fazia parecer menos *substancial* quando mudava, pois os seus olhos lutavam para *vê-lo*.

Quantas pessoas pensavam que estavam tendo alucinações, até o momento em que foram atacadas?

Os olhos cor de âmbar tinham uma inteligência feral, e com uma frustração irritada ela o reconheceu.

— Sr. Wolfgard?

O Lobo levantou a cabeça.

— Simon?

Ele abriu a boca em um sorriso de Lobo.

Ela o reconheceu. Pontos para ela.

Então ela olhou para ele novamente. Sam ia crescer e se parecer com isso? — Uau.

Ele abanou o rabo e parecia satisfeito. Então ele começou a cheirar ao redor da sala, fazendo grunhidos felizes enquanto remexia o canto que costumava ter um ninho de ratos. Ela afastou-se quando ele chegou a sua parte da sala, e ela teve a impressão de que ele cheirou toda a passagem e teria ido mais a fundo se ela permitisse. Então ela deu mais um passo para trás e não disse nada quando ele enfiou o nariz na cama de Sam.

Ele se dirigiu para a sala dos fundos, seu ombro escovou sua cintura ao passar por ela.

Ela ficou onde estava.

Isso era o que estava escondido dentro da pele humana? Essa força, esses *dentes?* Não admira que os lobos não a tenham deixado vê-los até que se acostumasse a viver no Pátio. Quando Sam correu em sua direção fingindo uma caça, tinha sido assustador o suficiente. E ser perseguida por uma matilha de Lobos desse tamanho...

As pessoas que entravam no Pátio sem um convite eram simplesmente loucas! Lobos eram grandes e assustadores, mas tão fofos; como alguém poderia resistir e não dar um abraço e sentir todo esse pelo?

— Ignore o macio, — ela murmurou. — Lembre-se da parte grande e assustadora.

Então ela ouviu sons que a fizeram correr de volta para a sala.

— O que você está fazendo? — Ela gritou.

Ele tinha aberto todos os armários e encontrado os biscoitos de cachorro. Rasgou a caixa e já havia pedaços espalhados. Ele agarrou um dos lados da caixa e sacudiu a cabeça, jogando alguns biscoitos no chão.

— Pare com isso! — Meg repreendeu. — Pare! Você vai dar um mau exemplo para Sam.

Ela não pensou, sequer considerou a estupidez do que estava fazendo. Ela só pegou o outro lado da caixa e tentou afastá-la dele.

Nunca brinque de cabo-de-guerra com um Lobo que pesa o dobro de você, ela pensou quando ficou claro para ela que os seus sapatos tinham uma melhor tração, mas ele tinha garras e mais experiência nesse jogo.

Antes que ela pudesse descobrir como terminar esse embate, a caixa rasgou e os biscoitos saíram voando.

Simon deixou a caixa rasgada e mergulhou nos biscoitos. Lambeu um, e triturou, triturou, então engoliu antes de ir atrás do próximo.

— Não coma no chão! — Meg o empurrou dos biscoitos, tirando um grunhido dele.

Eles olharam um para o outro, ele com os lábios levantados para mostrar-lhe um impressionante conjunto de dentes, e ela acabou percebendo que, provavelmente em muitos anos, ninguém ousara empurrá-lo e afastá-lo dos alimentos que ele queria.

Ela recuou e tentou fingir que estava lidando com uma versão grande de Sam, e se sentiu mais segura para lidar com Simon, o Lobo dominante... E seu chefe.

— Tudo bem, — disse ela. — Vá em frente e se encha de biscoitos. Mas *você vai* explicar para Sam que existem regras quando ele me visitar.

Virando as costas para ele, ela entrou na sala de triagem e continuou até que chegaram os entregadores na sala da frente, suas pernas trêmulas a cada passo.

— Deixe-o ter os biscoitos, — ela murmurou, enquanto observava uma van branca parar na área de entrega. — Talvez ele vá se encher o suficiente para se esquecer de comer a mulher irritante.

Pegando a prancheta da prateleira sob o balcão, ela esperou a última entrega da manhã.

****

Henry entrou em seu quintal e fechou a porta da oficina. A madeira tinha parado de falar com ele há alguns minutos, então ele afastou suas ferramentas. Ele iria pegar algo para comer no *Carne Verde*, então iria cuidar dos novos livros da biblioteca. Eles receberam muitos livros novos. Felizmente, havia uma lista para que ele soubesse quais livros deveriam estar nas prateleiras.

Os Corvos estavam desconfortáveis e em silêncio.

<*O que?*> Henry perguntou.

<*Estranho entrou com uma caixa. Ele fala com a Meg.*>

Nada de anormal nisso. Agora que finalmente eles tinham uma Liaison decente, eles estavam recebendo muito mais entregas.

Ele respirou o ar frio e limpo e soprou raiva quente quando sentiu o cheiro que vinha de cima do muro e que chegou a ele. Esse cheiro pertencia ao intruso que tinha arrombado a porta da Meg quando ela estava morando nos apartamentos dos funcionários.

Um intruso que agora estava dentro do escritório, conversando com Meg.

<*Simon?*> Perguntou aos Corvos.

<*Dentro com a Meg,*> Jake respondeu.

<*Fiquem tranquilos.*> Ele abriu a porta da sua sala de trabalho, em seguida, tirou as botas e meias, colocou tudo lá dentro e fechou a porta.

Ficar em sua *meio* forma não era encorajado nos Pátios. Os seres humanos ficavam *perturbados* demais, despertava muito medo. Neste momento, ele não se importava. Ele mudou o que precisava. Seus pés mudaram de forma, até formarem patas com garras. Suas palmas cresceram, e almofadaram, e seus dedos ficaram mais atarracados.

A neve compactada contra a parede do seu quintal formava uma rampa. Ele passou por cima da neve e pulou o muro, agachado ao lado da camada de neve enquanto ele estudava a van. Então ficou abaixado, e cruzou a área aberta e atingiu a porta traseira.

Deu uma olhada no escritório. Meg falava com o intruso.

Parecia que ela *não* queria falar com esse macaco. Mas ele queria. Ah, sim. Ele queria.

****

Simon perseguia um biscoito no chão, apreciando o jogo bobo.

Meg não ficou perturbada ao vê-lo como o lobo. Ela tinha de fato, sido estupidamente corajosa, ao ousar empurrar o líder, tentando afastá-lo dos alimentos. E eles tinham *brincado.* Ele não conseguia se lembrar de *brincar* com um ser humano.

Perseguir o que você iria comer não contava.

Será que ela brincava de *cabo de guerra* com Sam? De perseguir e jogar? Ele achava que ela não era forte o suficiente para jogar nada muito longe, mas ainda poderia ser um jogo agradável. E três poderiam jogar. Eles poderiam...

Simon levantou a cabeça, rosnando baixinho, mas ainda não sabia o que estava sentindo para fazê-lo se preparar para atacar.

Ele entrou na sala de triagem, cheirou o ar... E soube.

Meg não estava apenas desconfortável. Meg estava *com medo.*

****

Sua pele se arrepiou com tanta força que teve que dar tudo de si para não deixar a prancheta cair e pegar a navalha para aliviar a sensação horrível que tinha começado assim que o homem entrou no escritório. Tudo nele era *errado*, mas ele realmente não tinha feito nada.

— Você fica sozinha, trabalha sozinha, — disse ele.

— Ah, não. Há pessoas indo e vindo todos os dias. — Para não mencionar os Corvos que mantinham o controle de quem ia e vinha.

Tentando ignorar o formigamento, Meg franziu a testa quando viu a parte de trás da van; não havia informação, só muitos espaços em branco. Que tipo de serviço de entrega era esse, de qualquer maneira?

Desistindo da van, ela olhou o pacote, e tentou deslizar seus olhos para obter outro olhar do homem. Grande. De aparência rude. Sem nome bordado no bolso da camisa. Nenhum logotipo de empresa ou identificação.

— Não há nenhum nome da empresa neste rótulo, — ela disse, e a caixa era grande o suficiente para que pudesse ver o rótulo, mas não conseguiu ler facilmente. Outra marca negra para este serviço de entrega e para o motorista, que não parava de se inclinar para ela. — Quem mandou isso?

Ele encolheu os ombros. — Não poderia dizer.

— A entrega deve estar acompanhada de sua papelada. — Sua voz se tornou afiada. Havia algo nos olhos dele que lembravam os *Aqueles Com Nome* quando uma das meninas se atrevia a fazer uma pergunta que não era tratada na lição. — Para quem é isso?

— Para um dos *Outros.* Que diferença faz?

Algo feio em sua voz agora. Mas ele era mais assustador quando tentava ser amigável, como se ela não pudesse ouvir a feiura sob as palavras.

— Desculpe, — disse ele. — Tive algumas entregas irregulares anteriores. Reclamações sobre coisas que não posso corrigir. Você sabe?

Isso era possível, embora ela suspeitasse que ele merecesse as reclamações. Colocando a caneta e a prancheta no balcão, ela estendeu a mão para pegar a caixa, com a intenção resolver logo na esperança que ele pudesse ir logo embora do Complexo. Se ela não pudesse entender o rótulo, ela recusaria a entrega e escreveria um memorando para Simon e Vlad no caso de que alguém *estivesse* esperando pelo pacote.

O homem se moveu rápido, colocando uma mão em seu pulso.

— Por que você não vem comigo? — Ele disse sorrindo quando ela não conseguiu se soltar. — Nós podemos pegar algo para comer e nos conhecer melhor.

— Não. — Ela se torceu, tentando se libertar. — Solte o meu pulso!

— O que você vai fazer? Morder a minha mão?

Simon explodiu da sala de triagem. Ele não se incomodou com a mão. Sua investida o levou ao longo do balcão, o suficiente para que os seus dentes atingissem o rosto do homem.

O homem a soltou e correu para a porta. — Sua puta! Eu estava apenas lhe pedindo uma refeição. Você não tinha que soltar a porra do seu cão em mim!

O *cão* rosnou tão selvagemente, que o homem saiu correndo do escritório e entrou na van, seus movimentos tão bruscos que os pneus do lado do motorista subiram no pavimento por um momento. Mas não havia tempo para pensar sobre isso, porque Simon usou seu corpo para empurrá-la para a sala de triagem.

Ele se levantou sobre as patas traseiras e mudou, mas ele não voltou a ser humano completamente antes de agarrá-la, em sua fúria, o olhar dele uma mistura estranha de humano e lobo, o calor dele aquecendo sua pele fria.

— Onde está? — Ele a puxou para perto e começou a cheirá-la. — *Onde está?*

Ela tentou afastá-lo, perturbada pela sensação de pele cobrindo o peito humano. — Onde está o quê? — Quando ele se inclinou para cheirar a sua cintura e quadris, ela gritou e lutou para fugir.

— Onde está o corte, Meg? — Ele rosnou.

— Eu não me cortei! — Ela começou a lutar com ele. Ele estava muito parecido como nos pesadelos agora, e ele a aterrorizava. — Pare com isso, Simon! Solte-me!

Ela afastou-se dele, batendo contra o balcão quando uma mão, que não era bem uma mão, levantou sua blusa. Ela ouviu o som do material se rasgando nas emendas. E ela ouviu sua respiração áspera, enquanto olhava para a parte superior de seu braço esquerdo.

— Eu não me cortei, — ela disse tentando não chorar. — Eu estava na sala de entregas, e estava tentando lidar com o entregador.

— Mas você sabia que ele era ruim, — Simon argumentou. — *Você sabia.*

— Não porque eu me cortei! Não por causa de uma profecia. Você me ouviu descrever uma visão?

— Você não tem que dizer as palavras em voz alta!

Ela não entendia por que ele estava tão irritado com a possibilidade de um corte. Era, afinal, escolha dela agora. Mas ela percebeu que havia coisas que ele não entendia sobre uma *Cassandra de Sangue*, e, a julgar pela maneira como ele ficava olhando para as cicatrizes, ela sabia que ele não estava bem. Ele não sabia muita coisa.

— A maioria das pessoas só divulgam a euforia, o êxtase que os profetas de sangue sentem com um corte.

Ele inclinou a cabeça para mostrar que estava ouvindo.

— Não há sempre a euforia, podemos sentir o êxtase, que é semelhante ao prazer sexual prolongado, mas também Sr. Wolfgard, há dor. Quando a pele recebe o primeiro corte, naquele momento antes do profeta começar a falar, há um monte de dor.

Ele não gostava disso. Ela poderia julgar o quanto ele não gostava pela cintilação vermelha em seus olhos âmbar.

— Você sabe como uma garota como eu é punida? — Ela levantou a mão direita e traçou as cicatrizes diagonais em seu braço esquerdo. — A menina é amarrada à cadeira, como sempre, então ela é amordaçada. O controlador fica sentado em sua cadeira, enquanto um dos *Aqueles Com Nome* faz o corte com a navalha e fatia as cicatrizes de visões antigas, velhas profecias, e esses cortes novos nos fazem sentir algo terrível. Todas essas imagens misturadas sem nenhum ponto de referência, nenhuma âncora. E como ela fica amordaçada, a menina não pode falar. As palavras precisam ser ouvidas, Sr. Wolfgard. Quando uma profecia não é falada, não é compartilhada, não há euforia. Há apenas a dor.

Ele deu um passo mais perto dela, seus olhos ainda em seu braço. Ele levantou a mão, mas os dedos não estavam mais em garras do Lobo, e pairavam sobre sua pele frágil.

— Por que eles punem as meninas?

Mais de uma vez. Ela poderia contar o número de vezes que ela tinha tentado desafiar o Controlador e os *Aqueles Com Nome*. Uma seção

do seu braço era um quadriculado de cicatrizes. O que ela tinha visto e sofrido poderia tê-la levado à loucura. Em vez disso, as imagens estavam reunidas em um padrão que tinha lhe mostrado como escapar.

— Eu menti, — ela disse. — Havia um homem. Um homem muito mau. Ele era um cliente favorito do Controlador que dirigia o Composto. Este homem fazia coisas ruins para as meninas. Ele viajava muito por conta de seus negócios e em uma dessas viagens tinha encontrado duas meninas que gostava em cidades diferentes. Uma profecia disse que ele poderia tomar uma das meninas sem ninguém saber. Mas se ele levasse a outra garota, ele seria encontrado e capturado e iria morrer. Ele pagou por outra profecia para lhe dizer qual garota que ele poderia pegar e evitar ser capturado.

— Você deu a ele as imagens erradas, no lugar errado, levou-o a uma escolha errada.

Ela assentiu com a cabeça. — Antes que ele pudesse machucar a menina, a polícia o encontrou, e o matou. — Ela tentou cobrir as cicatrizes com a mão, mas havia muitas. — O Controlador recebia muito dinheiro com este cliente, então ele ficou muito irritado quando o homem morreu. Eu fiquei amarrada à cadeira e fui punida várias vezes porque o cliente morreu. — Ela engoliu um sentimento de doença. — A dor é terrível. Eu não tenho imagens para transmitir a você do quão é terrível. Então eu não teria me cortado e mantido silêncio, Sr. Wolfgard. Não sem uma boa razão.

Ele parecia menos zangado, mas ela não achava que ele estava convencido ainda.

— Se você não se cortou, como é que você sabia que o entregador era ruim?

Agora ela se permitiu extravasar um pouco de sua raiva. — Eu presto atenção, e ele não se comportou como os outros entregadores que vêm aqui! — E como a sensação a preocupava, o suficiente para que ela quisesse que alguém soubesse sobre isso, ela acrescentou: — E um formigamento terrível começou sob a minha pele, mais rapidamente quando ele entrou no escritório.

Simon inclinou a cabeça novamente. — Formigamento?

— Eu não sei como posso descrevê-lo de outra forma. É enlouquecedor! Eu costumava sentir essas picadas apenas quando ia ser cortada. Agora sinto todos os dias, e eu quero me cortar e cortar e cortar para fazer isso parar!

Ele a estudou. — Talvez isso seja natural para o seu tipo quando você não está enjaulada. Talvez esse formigamento seja à maneira do seu corpo te avisar que algo está errado. Se eu ouvir um barulho perto de uma pista de jogo, eu não tenho que ser mordido para confirmar que tem uma cobra lá. Talvez agora que você está morando fora do Complexo; seus instintos estejam despertando. Para um lobo, isso é uma coisa boa.

Ela não tinha pensado nisso.

— Então o que os seus instintos lhe disseram sobre esse homem? — Perguntou Simon.

Seu rosto tinha mudado para humano. Exceto os ouvidos. Eles estavam um pouco menores do que um minuto atrás, mas ainda eram ouvidos peludos de Lobo, e foi difícil se concentrar nas palavras quando os ouvidos dele se moviam para pegar os sons do lado de fora, em seguida, viraram na direção dela quando ela falou. E algo sobre a maneira como ele olhou para ela, lhe disse que queria testar a solidez dos seus instintos.

— Todos os caminhões de entrega ou vans têm o nome da empresa na lateral ou na parte de trás, e eles estacionam de uma maneira que eu consigo ver o nome antes que o motorista entre no escritório, — ela explicou. — Os homens têm seus nomes costurados em suas camisas ou algum crachá com sua foto, e suas jaquetas geralmente têm um nome ou logotipo da empresa. Eles *querem* que eu saiba quem são e *onde* trabalham. Aquele homem não tinha crachá ou mesmo um logotipo em seu uniforme. Não havia nenhum nome na van. A placa traseira estava cheia de neve e não pôde ser lida. E o pacote! — Agora que ela estava falando todas as coisas que não estavam bem, sua voz começou a subir. — Ele não poderia me dizer qual era a empresa que tinha enviado e não me disse para quem era. A frente da caixa não tinha o nome da

empresa, e a escrita era tão ruim que eu não poderia dizer se havia realmente algo escrito. Nenhuma empresa que fez negócios com o Courtyard teria enviado um pacote como esse!

Ela pensou sobre o que ela tinha acabado de dizer. — Simon, — ela sussurrou. — Nenhuma empresa que faz negócios com o Courtyard teria enviado esse pacote.

Simon não precisava vê-la pálida para saber o que ela estava pensando.

Bomba.

Ele saltou para a sala da frente e saltou sobre o balcão. Pegou a caixa, e correu para a porta, abrindo com um ombro. Então ele deu alguns passos para longe do escritório, para se dar algum espaço, e jogou a caixa.

Ela voou sobre a maior parte da área de entrega e pousou perto da entrada da rua. Derrapando na camada remanescente de neve, a caixa finalmente parou na beira da calçada, quase virando na rua.

Os pedestres tropeçaram; os carros buzinaram e desviaram quando viram a caixa deslizando pela rua.

Então as pessoas o viram e começaram a gritar. Alguns simplesmente se viraram e correram. Outros enfrentaram o tráfego e quase foram atingidos.

A porta do consulado foi aberta. Elliot, pálido, gritou: — Simon! Você está entre as formas!

Ele não respondeu. Em vez disso, ele ergueu a cabeça e uivou uma canção de batalha.

Os corvos explodiram da parede de pedra, grasnando seus avisos.

Ele uivou novamente e outros uivos responderam da Praça do Mercado, do Complexo Utilities, e, alguns segundos depois, o Complexo Wolfgard. Corvos e Falcões e até mesmo algumas Corujas, espalharam o aviso, soando uma chamada para a batalha.

E os Lobos continuaram a uivar.

Uma voz <*Simon.*> Elliot parecia mais controlado, mas ainda chocado.

<Chame a polícia. Ligue para o Montgomery. Diga-lhe para vir aqui agora.>

Elliot foi para dentro do consulado.

Ele estava tentando obter o controle. Tinha que sair da vista e mudar para uma forma ou para a outra.

Ele queria ficar como Lobo. Mas o Courtyard e Meg precisavam dele usando a pele humana por um tempo. E precisava descobrir o que aconteceu com aquela van e o intruso.

Quando se virou para voltar para dentro, ele notou as pegadas de ursos.

<Henry?> Chamou.

<Eu peguei o intruso. Vou lidar com isso. Cuide de Meg.>

Apenas um líder tolo desafiaria um urso irritado sem uma boa razão.

Ele se dirigiu para a porta da frente, em seguida, viu Vlad no caminho de acesso que levava à Praça do Mercado e ao resto do Pátio. Mudando de direção, ele chegou ao Sanguinati e continuou na parte de trás do edifício.

— O que aconteceu? — Perguntou Vlad. — Eu tranquei a porta do HBL e coloquei Ferus de guarda na frente da porta. Ninguém deixará a loja até que tenhamos respostas. Tess fez o mesmo..

— Um macaco tocou na Meg, — Simon rosnou. — Tentou *levar a* Meg.

— Ela está machucada?

Ele achava que ela não estava ferida, mas ele sabia que algo precisava ser feito antes que mais alguém a visse. — Espere. Diga a Tess para nos encontrar aqui fora. A polícia está vindo.

— A lei humana não se aplica aqui, — Vlad disse friamente.

— Não, isso não acontece. Mas vamos deixar que a polícia lide com o que está na caixa que o intruso trouxe para o escritório.

Ele entrou no escritório pela porta dos fundos, depois parou. Meg ainda estava na sala de triagem. Em mais alguns minutos, haveria Corvos e policiais por toda esta parte do Courtyard. E haveria Sanguinati

e Lobos. Ele esperava que as meninas no lago se contentassem com um relatório do Jester.

Precisou de esforço para mudar plenamente para humano. Ficar humano não era tão útil como o Lobo.

Voltou à maior parte do corpo humano, mas ainda tinha um manto de pele sobre os ombros que descia pelas suas costas e peito, e ele não conseguia retrair seus caninos até o tamanho humano.

Ele teria que conseguir. Ele vestiu a calça jeans e a camiseta que estava usando por baixo da camisa quando chegou pela primeira vez. Esquadrinhando a sala, ele pegou a camisa cinzenta e entrou na sala de triagem.

Meg estava apoiada no balcão, os braços em torno de si mesma.

— Era uma bomba? — Ela perguntou.

— Não sei. A polícia vai descobrir. Aqui. — Ele estendeu a camisa. — Em breve teremos um monte de pessoas ao redor, e a polícia vai querer falar com você. — Ela estava pálida, e isso o incomodava. — Se você colocar isso, ninguém vai ver as cicatrizes.

Ela tirou a camisa rasgada e vestiu a outra de manga comprida.

A camisa era grande e ela parecia meio ridícula. Ele gostou. E gostava do fato dela estar usando algo que carregava o *seu* perfume.

— Fique aqui, — ele disse. — Eu vou estar de volta em poucos minutos.

Ela olhou para a sala em volta dela. — Estou com frio. Eu ia fazer um chá de hortelã-pimenta.

Ele assentiu. Ele iria sair de qualquer maneira. — Isso é bom. Basta ficar no prédio. — Tomando a camisa rasgada, ele voltou para frente da sala, colocou suas botas, e saiu.

Vlad e Nyx estavam lá. Tess apareceu com o cabelo cheio de faixas vermelhas, com listras em preto.

— Meg está bem, — disse Simon.

Tess olhou para a camisa com a manga rasgada em sua mão. — Isso indica que ela não está bem.

— Ela está, — ele rosnou.

— Por que este homem tentou levar a Meg? — Perguntou Nyx.

— Henry vai descobrir, e depois todos vamos saber.

Uma dúzia de Corvos soou um alarme, ao mesmo tempo em que Simon ouviu as sirenes vindo em direção ao Pátio de várias direções.

<*Muitos macacos,*> Jake disse a ele momentos depois. <*Conheço alguns rostos, mas não todos.*>

— A polícia está aqui, — disse ele.

— Poderia muito bem destrancar a porta do HBL, — disse Vlad. — Os clientes não irão muito longe com esta comoção toda acontecendo.

Tess suspirou e estendeu a mão. — Me dê isso. Vou mandar Merri Lee à Praça do Mercado para substituí-la.

Suas mãos agarraram o material que continha o cheiro de Meg. — Merri Lee não precisa de um presente para buscar outra camisa.

Tess deu-lhe um longo olhar. Em seguida, ela voltou para a *Bite*.

Nyx se deslocou para fumaça abaixo da cintura e ficou no caminho de acesso. Os Sanguinati estavam menos preocupados em serem vistos entre uma forma e outra, do que os Lobos. Talvez porque os seres humanos não entendiam o perigo e não tivessem medo suficiente.

— Vou cuidar da loja, — disse Vlad depois de um momento.

— Vou lidar com a polícia, — disse Simon.

— Montgomery não é um tolo. Você o chamou, ele vai fazer perguntas.

Simon assentiu. — Ele não é um tolo. Vamos esperar que isso signifique que ele vai saber quando parar de fazer perguntas.

****

O coração de Monty batia contra o peito, e sua mente ficava jogando as imagens da história da Cidade Afogada.

Uma possível bomba deixada no Gabinete do Liaison! Um ataque contra os *Outros?* Ou contra Meg Corbyn? De qualquer maneira, a reação poderia paralisar a cidade se os líderes do Courtyard decidissem punir todos os seres humanos por causa das ações de um.

Os carros de polícia bloquearam a intersecção de Crowfield Avenue e Main Street, redirecionando o tráfego para se afastarem do Pátio. O esquadrão de bombas já estava lá, junto com um caminhão de bombeiros e uma ambulância. Outros carros com dúzias de policiais estavam estacionados a esmo na Main Street. Quando Kowalski parou e estacionou, Monty viu sua outra equipe, os Oficiais Debany e MacDonald.

Policiais em todos os lugares, mas nenhum deles com um único dedo do pé dentro do Pátio.

— Deuses acima e abaixo, — Kowalski respirava com força. — O que aconteceu aqui?

— É o que vamos descobrir. — Monty abriu a porta, então sinalizou para Debany e MacDonald se juntarem a ele. — Vocês dois deem uma volta ao redor e falem com quem está na *Bite* e na *Howling Boas Leituras* hoje. Veja se eles sabem de alguma coisa, e tentem confirmar que os clientes humanos e os funcionários estão todos contabilizados. — *E ilesos,* acrescentou silenciosamente. Isso não era algo que ele precisava dizer aos seus homens.

Uma vez que eles estavam em seu caminho, Monty se aproximou da barricada erguida pelo esquadrão anti-bombas. — Louis?

Louis Gresh, comandante do pelotão, falou baixinho aos seus homens, em seguida, caminhou até a barricada. — Monty. Ele acenou para Kowalski. — Não é uma bomba. Apenas uma caixa cheia de trapos e uma lista telefônica para dar-lhe algum peso. Vou levá-la e entregá-la na central. Nosso povo pode encontrar algo útil com as digitais.

Corvos sobrevoando. Alguns se estabeleceram em telhados. Outros atravessaram a rua para pousar nos postes. Eles crocitavam um para o outro, percebendo tudo.

Louis os observava. — Provavelmente há muitas testemunhas que poderiam dizer o que aconteceu aqui, mas eu duvido que você vá encontrar uma que irá falar qualquer coisa.

Depende de como eu vá fazer as perguntas, pensou Monty. — Obrigado pela resposta rápida.

— A qualquer hora. — Louis olhou para todos os Corvos observando a polícia, em seguida, olhou para cima.

Seguindo seu olhar, Monty viu os Falcões voando sobre Courtyard. E mais ao fundo do pátio, ouviu os lobos uivando.

— Boa sorte, — Louis disse antes de se afastar.

Respirando fundo, Monty convocou os Oficiais que tinham respondido à chamada. Ele lhes deu a tarefa de verificar os negócios do outro lado da rua a partir do Pátio. Seria possível encontrar alguém que tenha visto alguma coisa e corajoso o suficiente para admitir?

Deslizando em torno da barricada, Monty entrou no Courtyard, Kowalski ao lado dele. — Karl vá ver se há alguém trabalhando no consulado.

— Sim, senhor.

Ele não olhou para os Corvos que se reuniram na parede ou para a mulher de vestido preto que estava ao lado do escritório. Ele simplesmente abriu a porta e caminhou até o balcão.

Quando Meg Corbyn saiu da outra sala, ela estava pálida e estava usando um moletom cinza que era grande demais para ela.

— Está tudo bem, Srta. Corbyn? — Monty perguntou em voz baixa. Isso foi o mais longe que conseguiu antes de Simon Wolfgard aparecer na porta privada. Ele teria preferido falar com ela a sós. Ele ainda tinha uma pergunta sobre aquela contusão em seu rosto, e geralmente a mulher não costumava pedir ajuda com o abusador ouvindo cada palavra.

Não, ele se lembrou. *Wolfgard não fez essa contusão nela.*

— Abalada, mas eu estou bem, — Meg respondeu.

Ele a estudou por um momento e decidiu que estava perto o suficiente da verdade, então tirou de dentro do paletó um caderno e caneta. Ele pediria para qualquer outra pessoa ir até a estação fazer uma declaração. Nenhum ponto em perguntar quando ele sabia que ela não iria, e se o fizesse, ele não consideraria que ela estaria indo com ele. — Você pode me contar o que aconteceu?

Ela falou sobre a van branca e todos os detalhes que não estavam lá e como deveria ter sido. Ela levantou a manga da camisa e lhe mostrou o hematoma escuro em seu pulso onde o homem tinha a agarrado, e então lhe disse quando o homem correu de volta para a van quando Simon apareceu.

Mas ela não podia dizer onde a van foi, o caminho que ela tomou quando saiu do Pátio. Ela estava na sala de triagem quando a van partiu.

Ela não disse isso, mas ele estava disposto a apostar que ela foi mantida na sala de triagem para não ver onde a van foi.

Um olhar para Simon Wolfgard foi aviso suficiente para não perguntar sobre a van.

A pergunta seguinte ficaria perto da barreira do perigo, mas ele a faria de qualquer maneira. — Você precisa de atenção médica, Srta. Corbyn? Você tem outras contusões, além do seu pulso? — Ele estava olhando para o rosto dela, mas ele não falou dessa *outra* contusão. — Há uma ambulância lá fora, e pessoal médico. Você parece precisar de um hospital... — Ele hesitou quando Wolfgard começou a rosnar.

Meg sacudiu a cabeça. — Estou me sentindo um pouco dura, mas do contrário, estou bem.

Ele tinha que aceitar sua palavra.

— Isso é tudo, Tenente? — Ela perguntou. — Eu gostaria de sentar.

— Isso é tudo. Obrigado. A informação fornecida irá nos ajudar. — Ele viu algo em seu rosto. — Algo mais?

As palavras não foram ditas para causar alarme, mas Simon imediatamente bloqueou a porta, os olhos cor de âmbar focados em Meg.

— Meg? — Disse Simon. — Há mais alguma coisa?

Ela suspirou. — Não é nada. Apenas uma besteira sob todas essas circunstâncias.

Humano e Lobo apenas esperaram.

Ela suspirou novamente. — Eu estava com esse desejo tolo de pedir uma pizza, e antes disso acontecer, eu ia ligar para a Hot Crust e pedir uma, e agora é difícil pensar em qualquer outra coisa.

Dificilmente era a resposta esperada de alguém que tinha acabado de escapar de uma tentativa de sequestro. Entretanto, a mente da pessoa a protegia de todas as formas, incluindo se focar em uma situação, e talvez este fosse o caminho típico que uma *Cassandra de Sangue* reagia a experiências assustadoras.

— Você está com fome? — Simon perguntou e um pouco da tensão deixou seu corpo enquanto ele a estudava.

Meg balançou a cabeça, em seguida, acrescentou esperançosamente, — Eles já estão entregando no Gabinete do Liaison.

Hoje não, pensou Monty. — Circunstâncias especiais. Vou ligar e fazer o pedido para você e vou enviar um carro para buscar. — Quando ela começou a protestar, ele levantou uma mão. — Vou pedir para a equipe também. Até os policiais precisam comer.

Ele viu um lampejo de algo nos olhos de Simon. Diversão Feral? Ou será que o Lobo apreciava a cortesia que ele estava demonstrando para a Liaison do Courtyard?

— Pepperoni e cogumelos? — Perguntou Monty. — Ou você prefere algo mais?

— Esse é bom, — disse Meg. — Obrigada.

Simon deu um passo para o lado e a deixou voltar para a outra sala e ficar fora da vista.

— Boa atitude, vindo de você, — disse Simon.

— Eu estou aqui para ajudar. — Quando o Lobo não respondeu, Monty virou para ir embora. Então ele parou e acrescentou: — Um homem em fuga pode deixar cair a sua licença, e até mesmo uma carteira de motorista ou carteira, e não notaria se caísse na neve. Se descobrirmos onde o homem mora, podemos encontrar algo para nos dizer se ele estava trabalhando *para* alguém, ou *com* alguém.

Ele não queria que os *Outros* olhassem para todos os seres humanos como uma ameaça em potencial, mas a possibilidade de um parceiro significava que Meg ainda não estava segura.

Um silêncio pensativo que continha tanto *peso* que ele pôde sentir sobre seus ombros.

— Algo pode ter sido eliminado, — disse Simon. — E nós podemos pegar o cheiro de algo, mesmo que esteja escondido na neve. Se encontrarmos alguma coisa, eu vou informá-lo.

Monty assentiu. — Eu vou enviar um de meus oficiais para trazer a pizza.

— É melhor se for um humano que já conhecemos.

Outro aceno de cabeça, e Monty saiu do escritório. Kowalski acertou o passo com ele.

— Conseguiu algo? — Perguntou Monty.

Kowalski sacudiu a cabeça. — Primeiro, eles ficaram cientes do problema quando Simon Wolfgard soou o alarme. Depois disso, todo mundo enlouqueceu.

— *E enlouquecer* significa "*preparar para a batalha"*?

— É assim que eu vejo.

Assim que ele cruzou a linha que separava a parte humana do Courtyard, Monty parou para avaliar a rua. O esquadrão anti-bomba estava ao lado do caminhão de bombeiros, uma ambulância, e metade dos carros de polícia. A intersecção ainda estava bloqueada, mantendo o tráfego afastado da entrada do Pátio.

Mas a chegada do carro preto e lustroso e o homem encostado nele deveriam ter acontecido a pouco, enquanto ele estava falando com Meg e Simon.

Enquanto caminhava até onde o Capitão Burke estava esperando por ele, Monty avistou os policiais que tinha enviado até as lojas em frente ao Pátio. Ele parou e esperou por eles. — Alguma coisa?

— Ninguém se lembra de nada sobre os veículos que estavam entrando e saindo de lá hoje, — disse o oficial Hilborn. — Mas *todo mundo* que estava sentado perto da janela do *Hart e Hare* viu o Homem Lobo.

Monty franziu a testa. — Lobisomem?

— Meio homem, meio Lobo. Ou um homem peludo com uma cabeça de Lobo. A maioria pensou que era um chamariz para algum filme de terror ou algum tipo de trama do tipo muda e temerária, alguém

usando uma roupa desse tipo e estar onde os Outros pudessem vê-lo; mas quando perceberam que ele era o *verdadeiro*, eles se assustaram e se cagaram de medo.

Aquelas imagens nas histórias de terror e filmes devem ter vindo de algum lugar, pensou Monty. — Então ninguém viu a van branca deixar o Courtyard?

Hilborn sacudiu a cabeça. — Tudo o que eles se lembram de ter visto foi àquela forma assustadora que eles não imaginavam morar no Pátio.

Medo demais deixa as pessoas estúpidas.

Monty olhou para o Capitão Burke que estava observando os corvos olhando para ele. O homem não ficaria incomodado por esperar algum tempo, mas não teria muito tempo para ouvir Debany e MacDonald antes que entregasse o seu próprio relatório.

— Escreva seu relatório, — disse Hilborn.

Hilborn inclinou a cabeça para indicar seu parceiro e os outros dois oficiais que foram designados para recolher os testemunhos das pessoas nas lojas. — Não tenho certeza se vai ser uma boa coisa, mas todos concordaram que era algo entre um Lobo e um homem ao mesmo tempo. Depois disso... Bem, escolha o seu filme de terror favorito.

— Entendido. — Com um aceno de despedida, Monty se voltou para Debany e MacDonald.

— Ninguém na *Bite* sabia que havia problemas até Tess trancar a porta da frente e correr para a parte de trás, deixando o Falcão como guarda e a Senhorita Lee para lidar com os clientes, — disse Debany.

— Praticamente a mesma história na *Howling Boas Leituras*, — disse MacDonald. — A porta foi fechada, e um Lobo ficou de guarda, sem explicação. — Ele olhou para Kowalski. — Ruth estava lá. Aparentemente os seres humanos que trabalham na *Bite* recebem um passe para a Praça do Mercado e podem ser marcados como funcionários temporários. Ou talvez ela tenha se oferecido para ajudar. Essa parte não estava clara. De qualquer maneira, ela acabou trabalhando na caixa registradora e teve

uma discussão com um Corvo sobre a necessidade de dar às pessoas o troco correto, mesmo que isso signifique dar-lhes as moedas brilhantes.

Após Debany e MacDonald se encaminharem com os pedidos das pizzas, Monty voltou-se para Kowalski. — Leve uns cinco minutos e dê outra olhada ao redor da HBL.

— Obrigado, senhor.

Faltando Burke, Monty se aproximou de seu Capitão.

— Tem algum motivo para manter o cruzamento bloqueado? — Perguntou Burke.

— Não, senhor. Acho que não haverá mais problemas aqui hoje.

— Hoje, — Burke disse pesadamente. — Parece que alguém ainda está sussurrando no ouvido do governador, e ele ainda está se inclinando sobre o prefeito para reaver sua propriedade roubada. Você acha que isso está ligado?

— Sim, senhor.

— Então acho isso. O que temos?

Monty disse a ele sobre a van sem a logo, e o comportamento suspeito do homem posando como um entregador. Então disse-lhe sobre os relatos de um homem Lobo, e viu Burke ficar pálido.

— Você já viu um dos *Outros* assim?

Burke assentiu. — No início de minha carreira, eu trabalhava em uma aldeia bem no meio do país selvagem. A maioria das terras em Thaisia faz parte do país selvagem, mas era mais uma indicação de que a aldeia não estava perto de uma cidade grande. As pessoas que moram nos lugares selvagens... Elas não sabem se não *podem* mudar para a forma humana o suficiente para passar por humano ou se simplesmente não querem. Mas você percebe essas misturas de formas quando visita os assentamentos, e eles realmente são a *essência* dos pesadelos. — Ele soltou um suspiro. — Você acha que o motorista da van deixou Courtyard?

— Não, senhor. Mas estou esperando que Simon Wolfgard vá se sentir obrigado a confiar o suficiente em nós para "*encontrar"* a carteira do homem e entregá-la.

Burke não disse nada. Então se afastou do carro e abriu a porta. — Você está conseguindo manter as coisas suaves, Tenente. Bom trabalho. — Ele entrou, ligou o carro e partiu.

E um punhado de Corvos saiu voando para o Pátio para relatar.

Monty entrou em seu carro. Enquanto esperava Kowalski, ele pegou um envelope do bolso interno do casaco. O envelope era a letra de Elayne, e a pressão da caneta sobre o papel lhe disse que tinha sido encurralada para enviá-lo. O cartão feito à mão por dentro era de Lizzy, sua querida menina. Abraços e beijos para o pai dela.

Ele afastou o cartão e fechou os olhos. *Mantendo as coisas suaves.* Além de todas as vidas em jogo aqui em Lakeside, ele tinha uma boa razão para manter as coisas suaves.

****

Com um pouco de esforço, Ásia mexeu na fechadura da porta do apartamento e entrou. Desde que ela estava nesta nova atribuição, ela conseguiu algumas habilidades para a sua série de TV. Ásia Crane, *Investigadora Especial,* nativa de Toland... Não. A maior parte dos Investigadores Especiais atualmente na TV era da Costa Leste de Big City. *Ela* seria uma especialista trazida do Cel-Romano, a Aliança das Nações para descobrir a intriga corporativa em Thaisia, ou desmascarar uma ameaça para o governo humano, ou mesmo lidar com os problemas entre os seres humanos e os *indigenes da terra*. Talvez sua personagem pudesse ter um romance em curso com um Oficial a bordo de um navio que rotineiramente viajava por todo o Atlantik, fornecendo transporte entre Cel-Romano e Thaisia. Talvez ela poderia ter um Lobo manso como um assistente, que poderia farejar informações que os outros investigadores não seriam capazes de encontrar. Não *seria* um chute no traseiro de Simon Wolfgard?

De uma forma ou outra, esta atribuição iria torná-la uma celebridade muito quente, podendo escrever seus próprios roteiros e dar o seu preço.

Graças aos deuses que tinha estacionado na rua lateral quando ela voltou para o Pátio. Ela queria estar por perto quando Simon Wolfgard percebesse que a idiota da Meg estava desaparecida. Em vez disso, ela encontrou carros de polícia em todo o lugar, o cruzamento bloqueado, e os policiais falando sobre alguém *tentando* levar algo suspeito no escritório da Liaison. Algo a ver com uma caixa ou uma van ou... Alguma coisa.

Todos que estavam falando ao celular estavam conversando bobagens, mas foi o suficiente para entender que o cara da Van Branca tinha falhado.

O idiota não só estragou o plano, como foi pego. Ela não estava preocupada com ele voltando para encontrá-la em seu apartamento. Mesmo que ele conseguisse sair do Pátio, ele se *foi, foi, foi.* Mas ela tinha deixado algumas notas impressas no limpador de pára-brisa da van, fornecendo informações sobre a rotina de Meg. Um profissional teria descartado as notas.

Um profissional não teria sido pego.

Como pesquisa para o seu próximo papel, ela seguiu o cara da van uma noite para descobrir onde ele morava. Sua localização tinha lhe ofertado um pedacinho de informação para os seus apoiadores, mesmo que não fosse de muito interesse. No entanto, ela imaginou que seria útil se ela precisasse apontar os policiais na direção de uma suspeita convincente. Mas o tolo tinha feito isso a si mesmo. Pior, ele havia se jogado para os Lobos, e só os deuses sabiam o que ele iria dizer antes que o matassem.

Então, ela estava aqui, fazendo uma busca rápida para garantir que os policiais ou alguém pior encontrasse alguma coisa que pudesse *prendê-la* ou *mordê-la.*

Nada.

Ela descobriu revistas debaixo do colchão e revirou os olhos. Mas ela as folheou mesmo assim, esperando que as páginas pudessem conter alguma nota, e encontrou um pedaço de papel com um número de telefone.

Não era um número local. E considerando o que o cara da van vinha tentando fazer, esse número poderia ser lucrativo.

Ásia embolsou o pedaço de papel, colocou as revistas de volta sob o colchão, e saiu do apartamento.

****

À tardinha. Debany e MacDonald entregaram a pizza, e o peito de Simon ficou aliviado quando Meg mostrou entusiasmo e apetite com o alimento.

Ela não estava realmente machucada. Não se estava comendo com prazer óbvio. Sem medo, porque um intruso entrou no escritório. E não tinha medo dele, não quando ela estava disposta a brincar com ele sobre estar demasiado cheio de biscoitos e querer pizza.

Meg feliz o deixava mais calmo.

Meg feliz ficava disposta a dividir a comida. Ela ainda arrancou a parte superior da caixa de pizza, colocou dois pedaços sobre ela, e a levou para fora, para dar aos Corvos.

Ele sabia o suficiente para insistir que ela colocasse os pedaços atrás do escritório, em vez de na frente, onde os seres humanos podiam ver. Os seres humanos já tinham visto o suficiente do *entre as formas*. Era melhor se eles não vissem os Corvos com mãos pequenas nas extremidades das suas asas, puxando e separando os alimentos.

Enquanto os corvos estavam distraídos, ele pegou pedaços de pizza e comeram no balcão da frente, olhando para a rua.

Merri Lee tinha trazido novas camisas para Meg e a convenceu a ver Elizabeth Bennefeld para uma massagem relaxante. Então Meg estava na Praça do Mercado sendo mimada no momento em que Simon finalmente trancou o Gabinete do Liaison. Quando ele saiu pela porta de trás, ele percebeu Blair encostado na garagem, esperando por ele.

— Henry está muito irritado, — disse Blair em voz baixa. — Ele mudou de forma e quer ser deixado sozinho até amanhã.

— Ele disse alguma coisa antes de mudar? — Perguntou Simon.

— Alguém contratou o intruso para levar Meg de nós. Deram-lhe um número para ligar, mas nada mais. Ele também disse que alguém deixou mensagens, dizendo-lhe onde Meg morava e quando ela estava no escritório. Ele não sabia quem o estava ajudando.

— Alguém que sabe onde Meg vive. — Ela estava protegida no Complexo Verde, mas no escritório? — Alguém fica com ela a partir de agora. Mais Corvos vigiando. Quero alguém com ela, para impedir de alcançá-la antes que ela seja machucada.

Blair hesitou.

— Ela já me viu como Lobo, e não teve medo. Portanto vai ser um dos Wolfgard no escritório quando ela estiver trabalhando.

Blair assentiu. — Boone quer saber se ele deveria colocar a placa para que todos saibam que temos carne *especial.*

Simon quase concordou. Então ele pensou na polícia. Ele tinha que deixá-los entrar, e Montgomery iria farejar por um tempo. E ele pensou em Meg pedindo carne para Sam, e ele pensou sobre as compras de Ruthie na Praça do Mercado. Cedo ou tarde, as duas fêmeas iriam ver a placa e entenderiam o significado. Mas desta vez, seria muito óbvio de onde a carne veio.

— Nenhuma placa, — disse ele. — Passe a palavra que há carne disponível para quem quiser. E certifique-se que pelo menos um pouco do sangue seja oferecido ao Erebus.

— Essa parte já estava feita. Nyx veio e recolheu o sangue.

Sim. Erebus iria querer o sangue do homem que tentou levar Meg, que *tocou* em Meg.

— Você quer que guardemos algum pedaço de carne para você? — Perguntou Blair.

Ele não era humano, nunca seria humano. — Quero o coração. Vou passar por aqui mais tarde para comê-lo.

Quando Meg estivesse dormindo.



CAPÍTULO 16

MEG ACORDOU NA MANHÃ SEGUINTE, o sol estava brilhando e o céu estava limpo e azulado. Ela colocou o nariz para fora de sua porta e se convenceu de que, apesar do céu azul e do dia lindo de sol, ainda estava muito frio. E uma vez que não havia nada para fazer e nem para onde ir, ela aqueceu o último pedaço de pizza e comeu no café da manhã, enquanto lia mais alguns capítulos do livro que tinha pegado emprestado da biblioteca de Courtyard.

Os dois últimos Earthdays no Pátio estavam cheios de turbulência, de um tipo ou de outro, mas só de olhar para fora da janela, Meg percebeu a diferença. Hoje, o Complexo Verde, talvez até mesmo todo o Pátio, parecia mais calmo.

Quando ela se cansou de leitura, ela espanou o mobiliário, varreu o chão, e passou o aspirador sobre os tapetes. E quando tomou um banho e limpou o banheiro, também ficou cansada da domesticidade, e sentindo-se um pouco desconfortável com a falta de companhia.

Ela era a única no Complexo? Todos os *Outros* estavam fazendo algo em outra parte do Courtyard?

Você está segura aqui, pensou ela. *Ninguém vai vir do Pátio até aqui, e procurar por você.*

Mesmo assim, pelo tempo que ela tinha comido o ensopado que o restaurante *Carne Verde* tinha enviado para ela ontem, ela quis sair do apartamento, apesar do frio. Então ela recolheu suas roupas e toalhas, e fez uma trouxa para fazer a caminhada até a lavanderia. Quando colocou suas roupas quentes, ela foi na direção da sala social.

Henry olhou para cima e sorriu quando ela entrou.

— Não esperava te ver hoje, — disse ele.

Ela moveu seus pés, de repente desejando que tivesse ficado no calor. — Os seres humanos não são *tão* frágeis assim. Eu estava com medo ontem, e meu pulso teve uma leve torção. Não é como se eu tivesse caído de um penhasco ou algo assim.

Ele riu e o som era quente. — Você é o primeiro ser humano a viver entre nós aqui, por isso há muito para aprendermos.

Ela aproximou-se da mesa onde ele estava sentado. — Mas vocês têm esses apartamentos que deixam as pessoas usarem. E vocês tem pessoas trabalhando para você e fazendo as compras na Praça do Mercado.

— Nós temos essas coisas, — ele concordou, — mas isso não é o mesmo que viver entre nós, da maneira que você faz agora.

Ela não sabia o que dizer, então ela se concentrou sobre as cores e as peças sobre a mesa. — Um quebra-cabeça?

— Uma diversão agradável em uma tarde de inverno. — Ele apontou para a outra cadeira. — Sente-se e me ajude se quiser.

Ela sentou-se e pegou vários pedaços, um após o outro.

— Você nunca montou um quebra-cabeça? — Perguntou Henry.

Meg sacudiu a cabeça. — Eu vi imagens de jogos, incluindo enigmas como este, mas não havia nenhuma necessidade para nós reproduzi-los, a fim de reconhecê-los em uma visão.

— Então é hora de você experimentar o mundo em vez de apenas identificar suas peças.

Ela observou as peças por um minuto antes de começar a olhar a conexão de peças. Havia uma facilidade entre o silêncio deles. Na verdade, eles não falaram nada desde que ela entrou na lavanderia, depois de colocar roupas e toalhas nos secadores.

— Somos os únicos no complexo? — Ela perguntou quando tomou seu lugar à mesa.

Henry assentiu. — A maioria passa o dia com seus parentes nos outros complexos. O Coyote está desfrutando de uma corrida.

— E Tess? — Meg colocou quatro peças do quebra-cabeça antes de pegar seu pensamento. — Eu a vi apenas em sua forma humana.

— Nenhum de nós já viu sua outra forma. Sabemos que ela é *indigene da terra.* Nós sabemos como ler seus sinais de alerta. Mas o que ela *é* quando muda de pele só é conhecido por Namid.

Depois de decidir que fez perguntas suficientes, Meg trabalhou no quebra-cabeça com Henry até que sua roupa estava seca. Ela arrumou sua trouxa de roupa, colocou o casaco para a caminhada rápida, e voltou para seu apartamento.

No meio do caminho, ela viu um Lobo correndo em sua direção na luz do entardecer.

— Sam! Não! — A voz de Simon.

O filhote passou correndo por ela, em vez de saltar sobre ela, virou-se para trás e tentou agarrar um canto da trouxa de roupa recém lavada.

— Se você rasgar essa trouxa, eu terei que lavar todas essas roupas de novo, e vou lavá-las com você, — Meg avisou.

Cabeça inclinada. Sua cauda abanando. E ela se perguntou se tinha acabado de colocar uma ideia muito ruim na cabeça do filhote. Mas ele não iria realmente tentar entrar em uma máquina de lavar. Tentaria?

Sam virou-se e correu na direção de Simon, que estava parado em frente à porta do seu apartamento. O filhote pulou, mal dando a Simon tempo suficiente para pegá-lo antes de pular para baixo e correr de volta para Meg.

Uma vez que ela estava perto o suficiente, ele começou a saltar entre eles, e começou a falar com ela.

Sorrindo, ela balançou a cabeça. — Eu não falo *Lobês.*

— Não mude aqui, — Simon disse com firmeza. — Está *frio.*

Sam falou de volta ao seu tio.

Como resposta, Simon abriu a porta do apartamento. — Vá para dentro, e eu vou perguntar a ela.

Sam saltou para o apartamento, deslizando quando seus pés molhados bateram no chão nu. Balançando a cabeça, Simon fechou a porta e olhou para ela.

— Está tudo bem hoje? — Perguntou.

— Tranquilo, — ela respondeu. — Em paz.

Ele moveu seus pés e parecia incerto. Na verdade, ele parecia relutante em olhar diretamente para ela.

— Sr. Wolfgard?

— Depois que Sam tomar seu banho, nós vamos assistir a um filme, e ele estava perguntando se você gostaria de se juntar a nós.

As emoções eram mais difíceis de definir em uma face real do que em uma imagem rotulada, e ela não tinha certeza qual a mensagem que ela deveria responder. Ele a convidou para se juntar a eles, mas... — Você preferiria se eu encontrasse uma razão para recusar?

— Não. — A palavra foi dita rápida e com veemência. Então ele deu um passo para trás, e ela ouviu um gemido suave e frustrado.

Simon deve ter ido para a escola em algum momento e deve ter recebido o tipo de educação que lhe permitiu gerir uma empresa e um Pátio, mas de repente ela entendeu o que Henry quis dizer sobre a diferença entre *lidar* com os seres humanos e *viver* entre eles. Quando o tratavam como um *amigo.*

Ele queria que ela assistisse ao filme, mas alguma coisa o deixava infeliz com isso.

— Eu passo muito tempo nessa pele nos outros dias. — Simon bateu no peito e olhou para a neve empilhada no centro do pátio do Complexo. — Earthdays são os dias em que posso ser Lobo. Mas eu quero encorajar Sam a mudar, e isso significa usar a pele humana por um tempo todos os dias agora.

Ela levou as palavras à parte, como se fossem imagens que seriam colocadas juntas para fazer uma profecia e compreendeu. — Você gostaria de passar a noite em sua outra forma.

— Sim.

— Bem, depois de fazer a pipoca e colocar o filme, porque você não pode fazer isso?

Agora ele olhou para ela. — Você não se importaria?

— Não, eu não me importaria.

— Sete horas?

Ela sorriu. — Eu te vejo às sete.

Ela sentiu Simon olhando para ela enquanto subia as escadas para o apartamento dela. Ela ouviu o uivo de Sam. E se perguntou se os moradores do Courtyard saberiam que ela ia até a casa de seu vizinho para assistir a um filme.

****

Simon lavou os pratos e engoliu sua impaciência. Ele não podia esperar mais para sair desta pele, mudar de forma. Ele tinha algumas vantagens quando estava na forma Lobo puro, era *natural*, e depois de permanecer muito tempo em uma só pele, o Lobo começava a raspar o coração e a mente poderia empurrar um *indigene da terra* para uma raiva enlouquecida.

Nada de diferente aconteceu no Oeste, exceto que a fúria enlouquecida tinha ocorrido enquanto os *Outros* estavam em formas de animais.

Não é algo que um líder que tinha que *parecer* humano na maior parte do tempo queria considerar que pudesse acontecer com ele.

Ele balançou a cabeça, como se isso pudesse fazer voar os seus pensamentos.

Meg disse que estava tudo bem com ele na forma Lobo enquanto ela assistia a um filme com Sam. Ele achava que ela não estava mentindo.

Ele subiu as escadas e tirou Sam do banho, passando boa parte do tempo ouvindo os grandes planos que o menino pensou que iria ter antes de se deitar. Sam hesitou sobre qual filme iria assistir enquanto ele foi para a cozinha e fez a pipoca. Mesmo nesta forma, as coisas não tinham qualquer apelo especial para ele, mas era um prazer humano tradicional assistir filmes, então ele fez uma grande tigela para Meg e Sam compartilharem.

Ele tinha acabado de derramar a manteiga derretida sobre a pipoca quando alguém bateu na porta da frente. Sam soltou um som que

era parte guincho de menino e parte uivo de Lobo quando correu para a porta e a abriu.

As palavras do menino saiam tão rápidas que fazia pouco sentido, exceto para transmitir emoção feliz. Então havia a voz de Meg, ainda perto da porta.

Simon levantou uma orelha. Por que ela ainda estava perto da porta? Será que ela mudou de ideia sobre passar o tempo com eles?

Não, ele percebeu que ouviu sua voz na sala de estar agora. Ela tinha parado para tirar as botas e o casaco. Por que ela não tinha usado a porta dos fundos? A porta da frente mandava uma mensagem diferente da porta dos fundos?

Ele tinha trabalhado duro para aprender as regras de fazer negócios com os seres humanos, mas poderia haver outro conjunto de regras para interações pessoais.

Frustrado agora e suspeitando que estivesse complicando uma coisa simples, Simon levou a pipoca para a sala. Ele voltou para a cozinha para pegar duas grandes canecas de água. Colocou tudo sobre a mesa em frente ao sofá, cumprimentou Meg e se retirou para a cozinha para tirar as roupas e mudar.

Ele se arrastou para a porta da sala, em silêncio e esperando. Sam e Meg colocaram um CD no player e tudo começou. Ele ouviu pedaços sobre outros filmes, ouviu o menino e a mulher estabelecendo-se no sofá. Ele esperou alguns minutos a mais, em seguida, entrou na sala de estar.

Eles estavam instalados em uma extremidade do sofá, a tigela de pipoca no colo de Meg, seus olhos focados na televisão.

Passou atrás do sofá e saiu do outro lado.

Tensão por um momento, medo por um momento. Então, Meg deu um tapinha na sofá e disse: — Acho que nós deixamos espaço suficiente para você.

Ele subiu no sofá, enchendo o espaço restante.

— Pipoca? — Perguntou Meg, mostrando a bandeja na direção a ele.

Como resposta, ele se afastou da bacia, pressionando levemente o focinho e na testa contra seu braço. Mais tensão, mas quando ele não fez nada, ela lentamente relaxou e começou a comer a pipoca.

Simon fechou os olhos. Mantendo a cabeça contra seu braço, ele respirou os aromas que eram de Meg. O cabelo ainda estava fedido, mas não tanto agora, e o resto dela cheirava bem. Agradável. Reconfortante.

Depois de alguns minutos, ele cutucou seu braço até que sua cabeça descansou em sua coxa. Outro momento de tensão. Então, não fazendo nenhum protesto, ela trocou de lado a bandeja da pipoca.

Poucos minutos depois, ele sentiu os dedos dela timidamente cavando seu pelo.

A primeira vez que ela respirou fundo, ele quase levantou, pensando que ela tinha ouvido algo lá fora. Então ele começou a entender o ritmo de seu toque e os comentários de Sam sobre a história. Cochilando, ele poderia seguir a história através dos dedos e respiração de Meg, apenas metade ouvindo o menino — *Esta é uma parte assustadora, mas eles vão ficar bem,* e *Veja o que acontece agora!*

Prazer. Conforto. Contentamento.

Exceto o cabelo, ela realmente tinha um cheiro bom.

Simon ficou totalmente acordado quando Sam disse: — Eu posso assistir outro?

— Você pode, talvez — Meg respondeu. — Mas eu tenho que trabalhar amanhã, então é hora de eu ir para casa.

— Mas...

<Chega filhote,> Simon disse. *<Escove os dentes como eu mostrei. Vou levar Meg em casa e verificar o chão em torno do nosso apartamento. Então eu vou voltar e ler para você uma história.>*

<Meg poderia ler uma história pra mim.>

Simon levantou a cabeça e olhou para o menino.

Sam deslizou do sofá. Ele deu a Meg um sorriso tímido e para Simon um olhar cauteloso.

— Eu posso trabalhar com você amanhã, — disse Sam.

— Você tem escola amanhã, — Meg respondeu, sorrindo. — E eu não vou concordar com algo sem falar com seu tio primeiro. Então boa noite, Sam.

Ele fez um beicinho com o lábio inferior, como se estivesse tentando ver que tipo de reação conseguiria. Quando Meg e Simon apenas olharam para ele, ele suspirou, disse boa noite, e subiu as escadas.

Meg colocou a tigela sobre a mesa, em seguida, olhou para a mão dela. — Acho que eu deveria ter usado alguns guardanapos em algum momento.

Ele esticou o pescoço e passou a língua sobre a palma da mão dela. Quando ela não se afastou, ele deu outra lambida, e continuou lambendo até que limpou todo o sal e a manteiga de sua pele.

Ela cheirava bem. Ela tinha um sabor ainda melhor.

— Isso é bom. Obrigada, — ela disse e pegou a tigela e as canecas, levantou e saiu da sala.

Saindo do sofá, ele bocejou e espreguiçou-se, depois a seguiu até a cozinha.

— Eu não tenho certeza se pipoca entra no saco para reciclagem ou no saco do incinerador, — disse Meg. — Então vou deixar isso para você.

Refazendo seus passos, ela vestiu o casaco e botas.

Era difícil se manter um pouco afastado, difícil não saltar, difícil não convidá-la para jogar. Mas era quase hora de dormir, e ele não queria que Meg se irritasse ou ficasse preocupada em torno de um grande Lobo. Ele poderia ir para passeios com ela e Sam, pois ela não tinha medo do Lobo.

Ele saiu com ela e a levou até sua própria porta. Ele esperou até que ela estivesse lá dentro, em seguida, deu uma cheirada profunda em torno de sua varanda antes de ir para baixo e verificar o resto do Complexo.

Quando chegou à estrada, Allison piou uma saudação e deslizou por ele a caminho de casa. Luzes estavam acesas no apartamento de

Vlad, o que significava que o vampiro havia retornado de sua noite nas Câmaras.

Sem aromas estranhos. Nenhum sinal de perigo.

Por esta noite de qualquer maneira, todos estavam seguros.

Satisfeito, Simon trotou de volta para seu apartamento e o menino que estava à espera de uma história.

****

— Olá?

— O mensageiro que você contratou para recuperar sua propriedade foi descuidado. Os Lobos o pegaram antes da polícia.

— Quem é?

— Alguém que tem a melhor chance de ajudá-lo a readquirir sua propriedade com a taxa certa.

— Como você conseguiu esse número?

— Como eu disse, o seu mensageiro foi descuidado. — Uma pausa. — E eu pensei que poderia ser inconveniente se a polícia encontrasse esse número quando procurasse no apartamento do homem.

— Há vários mensageiros à procura de minha propriedade. Qual deles foi descuidado?

— Um em Lakeside.

— Tem certeza que você encontrou minha propriedade? Descreva.

Hesitação. — Baixa, delicada, tem olhos cinzentos.

Silêncio. Então, — Quanto tempo vai levar para recuperá-la?

— Algumas semanas.

— Inaceitável. Muitos lucros serão perdidos nesse período de tempo.

— Sua propriedade está escondida em um lugar muito inconveniente.

— Eu posso ajudar com isso, fornecendo algum músculo e acessórios.

— Eu prefiro confiar em meus próprios acessórios, mas o músculo virá a calhar.

Outro silêncio. — Eu vou dar-lhe uma semana para chegar a alguma informação útil que me ajude a readquirir a minha propriedade. Se você vir a ser uma fonte válida, vamos discutir taxas e gratificações.

Clique.

Ásia ouviu a estática por alguns segundos, em seguida, desligou o telefone e observou as mãos tremendo. Ela fez o contato, e ele soou como um profissional que readquiria propriedades a cada dia. Pareceu alguém que não recuaria ao readquirir uma propriedade quando necessário.

Portanto, Meg não era apenas uma ladra; *Ela* era *a propriedade que foi roubada*? Alguém valia tanto assim, o suficiente para que várias pessoas fossem contratadas para encontrar a idiota?

— Se Ásia Crane tivesse essa informação, o que ela faria? — Ásia murmurou.

Ela pegou o telefone e ligou para Bigwig. — Que tipo de pessoa poderia ser roubada e considerada uma propriedade? — Ela perguntou assim que ele atendeu ao telefone.

Emoção crepitante encheu a linha de telefone. — Nós pegamos um par de rumores de que uma Profetisa de Sangue se afastou, — disse ele. — Os homens têm procurado na Região Nordeste por algum sinal dela. Você acha que a encontrou?

Os pensamentos de Ásia giravam tão rápidos que ela mal conseguia pensar. Meg era uma *Cassandra de Sangue*? Não é de admirar que o Homem da Van tentasse agarrá-la. Não era surpresa alguém ter pressionado o governo de Lakeside para ajudar a encontrá-la. A pele dela valia milhares e milhares de dólares. Talvez até milhões!

E estava cercada por presas, garras e bicos que poderiam torná-la inútil.

— Você acha que a encontrou? — Bigwig perguntou novamente.

— Eu não sei. Talvez. — Ásia hesitou, tentando descobrir quem lhe daria a melhor oferta. — Alguém tentou raptar a Liaison hoje no Courtyard, então eu vou ter que ter cuidado ao fazer perguntas.

— Você acha que ela está lá? No Pátio? — Uma pausa. — Sim. Sim, isso faz sentido. O prefeito está bastante frustrado com a falta de progresso da polícia no que diz respeito à captura da ladra que lhe falei. Então o profeta e a ladra são a mesma coisa.

Você tem que decidir agora! Pensou Ásia. *Jogar com alguém que pode fazer uma boa oferta, ou ficar com os homens que podem garantir que eu vá ter um show próprio, e ganhar o suficiente para ser uma mulher muito rica?* — Sim, acho que elas são.

— Mesmo se não conseguirmos encontrar o proprietário original, há outras...

— Eu já o encontrei. — Havia um peso no silêncio que seguiu suas palavras, então ela empurrou. — Eu fiz alguma investigação e procurei no apartamento do *candidato* a sequestrador. Eu encontrei um número de telefone. Eu acabei de desligar o telefone com a parte interessada, pouco antes de te ligar. Ele está enviando o seu próprio povo, mas vamos receber uma taxa de corretagem e alguma compensação para assistência mútua.

— Eu acho que você quer estrelar seu próprio programa de TV.

Ela sorriu. — Eu acho que eu realmente mereço. — Depois de prometer dar-lhe atualizações diárias, ela desligou e ficou andando em torno de seu apartamento, incapaz de relaxar.

Algo em seu tom de voz. A falta de confiança que não tinha estado lá até que ela lhe disse que já tinha feito contato com o homem que ela assumiu ser o controlador de Meg.

Bigwig esperava vender Meg para o maior lance? Ou ele esperava colocar a Idiota em algum lugar, para ser usada exclusivamente por poucos escolhidos?

Não importava agora. O *músculo* contratado iria para Lakeside. Hora de mudar seu foco. E isso significava que Darrell ia ter sorte afinal de contas.

E a sua sorte estava mudando também. Bigwig e os outros doadores poderiam ficar infelizes se a profetisa de sangue escorregasse por entre os dedos, mas ela iria trazer-lhes algo ainda melhor: uma moeda de troca pequena e peluda.



CAPÍTULO 17

QUANDO MEG ENTROU NA SALA DA FRENTE do escritório em Moonsday de manhã, ela encontrou um Lobo olhando para ela do outro lado do balcão. Um olhar sobre o ferrolho confirmou que as trancas ainda estavam no lugar. O que não ajudava com qualquer sentimento de segurança, especialmente quando o Lobo ficou sobre as patas traseiras e deixou suas patas dianteiras sobre o balcão, da mesma maneira que um homem faria para descansar os antebraços.

Passando pela porta privada, ela fechou a porta e virou a fechadura, e correu para o telefone na sala de triagem. Suas mãos tremiam, tornando mais difícil digitar os números, mas ela conseguiu falar com a livraria.

— Há um Lobo no Gabinete do Liaison! — Ela gritou.

Silêncio desconcertado encheu a linha de telefone antes de John Wolfgard dizer, — não deveria estar?

— Não! Onde está Simon? Eu preciso falar com Simon!

Mais silêncio. Então, cautelosamente, — Ele está no escritório.

— Não, ele não está. Eu sei como o Lobo de Simon parece, e *aquele não é o Simon!*

— É o Nathan, — Simon disse, entrando pelo quarto dos fundos. — Ele está de serviço esta manhã.

Meg abaixou o telefone, em seguida, pegou o telefone, disse: — Adeus, John, — encerrou a ligação e colocou o receptor de volta no gancho.

— Você abriu a porta da frente? — Perguntou Simon, pegando as chaves do escritório na gaveta. Pegou as chaves no balcão ao lado do telefone, e deu um passo em direção à porta privada.

— Não, eu não abri a porta. Havia um Lobo no caminho!

Ele parou e a estudou. Deu uma fungada no ar. — Você está agindo de forma estranha. Está naquela época do mês?

Ela gritou. Seus ouvidos humanos se achataram de uma forma que ouvidos humanos não deveriam, e ele se afastou dela.

Na sala da frente, o Lobo uivou.

Então Simon pareceu se lembrar que era o líder. Ele parou de recuar, e seus olhos cor de âmbar de repente tinham aquele brilho de predador.

— Você não teve medo de mim quando eu era Lobo, — ele disse. — Por que você está com medo de Nathan?

— Ele tem pés grandes! — O que era verdade, mas não era o *ponto*. Foi apenas a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— O que?

Um som insultado em forma de *arrrroooo* veio do outro lado da porta, um lembrete de que os Lobos também tinham orelhas grandes.

Meg fechou os olhos, em seguida, respirou fundo e soltou o ar. Tomou outra respiração. Ela não ia chegar a qualquer lugar com qualquer um deles se ela continuasse parecendo uma tola. E ela estava tendo alguma dificuldade em explicar a si mesma por que ela tinha entrado em pânico. — Um Lobo estranho é mais assustador do que um Lobo familiar, especialmente quando você não está esperando Lobo nenhum.

Simon acenou com a mão, descartando o que ela achava que era um ponto perfeitamente lógico. — É o Nathan. Ele está hospedado aqui. Como líder do Courtyard, eu tomei essa decisão.

— Como a Liaison, eu deveria ter sido informada *antes de* uma alteração ser feita para este cargo.

Simon deu um passo na direção dela. Ela deu um passo na direção dele.

— *Arrrooooo?* — Perguntou Nathan.

— Alguém pagou aquele homem para levá-la embora, Meg, — Simon rosnou. — Alguém tentou feri-la. Assim, um Lobo vai estar em

guarda quando o escritório estiver aberto. Nathan é um Executor para o Pátio. Ele é um dos nossos melhores em uma luta.

— Mas -

— *Já está decidido.*

Ela não ia ganhar, não estava nem mesmo tentando convencê-lo o suficiente para deixar Nathan ficar fora de vista. Ela olhou para a porta privada e baixou a voz. — O que vai acontecer se ele morder um entregador?

— Isso vai depender se ele estiver com fome.

Ela queria dizer, *Ha, ha. Muito engraçado.* Mas ela tinha certeza que ele não estava brincando.

E ela tinha certeza que ele estava certo sobre o homem que a agarrou. Às vezes, lidar com os *Outros* enchia tanto sua cabeça, que ela se esquecia do Controlador.

— Eu deveria ter sido consultada. — Ela tentou uma última vez.

Sua única resposta foi abrir a porta privada, em seguida, abrir a porta da frente e inverter a placa para ABERTO.

Pelo menos ele teve que usar o ferrolho, já que havia um Lobo *entupindo* o balcão. Quando ele voltou para a sala de triagem, jogou as chaves na gaveta e atirou-lhe um olhar que a fez querer se esconder.

— Sr. Wolfgard...

Ele se voltou para ela, mostrando os dentes que se alongaram enquanto a observava.

— Se você disser mais uma palavra sobre isso, eu vou te comer, e eu não vou soltar nenhum ruído para *ele.* — Ele sacudiu a cabeça para a sala da frente.

Em seguida, ele se foi. Ela estremeceu quando a porta dos fundos bateu.

Ela olhou para a sala da frente. Nathan não estava pendurado sobre o balcão. Ele estava deitado no chão, olhando para o Corvo empoleirado na escultura de madeira do lado de fora. Assim que ela entrou na sala da frente, ele olhou para ela.

Ela tentou um sorriso. — Bom dia, Nathan. Desculpe a confusão.

Ele ergueu o lábio para mostrar-lhe alguns dentes, em seguida, incisivamente virou a cabeça e voltou a olhar para o Corvo.

Sim, pensou Meg. *Ele foi insultado, e eu não vou ser perdoada em breve.*

Recuando para a sala de triagem, ela folheou o catálogo da Palace Pet para ver se havia alguma coisa que ela pudesse pedir que mudasse isso.

****

— Harry, Nathan. Nathan, Harry.

O entregador olhou para o Lobo e empalideceu. O Lobo olhou para o entregador e lambeu os beiços.

Meg achou que a manhã estava indo por água abaixo. Mas Harry a surpreendeu.

— Ouvi a notícia de que houve alguns problemas aqui, — disse Harry. — Não sei de detalhes, mas nunca há sobre as coisas que envolvem o Pátio. — Ele a estudou. — Esse problema foi aqui, neste escritório?

Como resposta, ela levantou sua manga da camisa, o suficiente para mostrar-lhe a contusão no pulso. — Um homem que fingiu fazer uma entrega me agarrou. Sr. Wolfgard apareceu antes que ele pudesse fazer mais alguma coisa.

Harry apertou os lábios e fez um som peculiar com os dentes. Então ele deixou escapar um suspiro. — Os Corvos lá fora são bons para avisar sobre problemas, mas eles não têm a força para cuidar de problemas uma vez que passam por esta porta. — Ele bateu os dedos no balcão. — Tome cuidado, Miss Meg.

Ele saiu, dando a Nathan um aceno rápido em seu caminho para fora.

O resto da manhã foi da mesma maneira. Havia uma reação automática quando um entregador entrava e via Nathan. A maioria dizia algo como, — *Você tem um novo ajudante? O que aconteceu com o Corvo?*

— Meg achou que isso significa que lidar com um Corvo poderia ser peculiar, mas era muito melhor do que lidar com algo que pesava tanto quanto a pessoa, além de rosnar para você.

Apenas um entregador se recusou a entrar ao ver Nathan, e era o mesmo homem que tinha dado muita atenção para Sam e o arnês que o filhote estava usando. Ela acabou ligando para Lorne, no Três Ps, para ele receber em sua loja os pacotes, pois Nathan bloqueou a porta, impedindo-a de sair enquanto o homem *especial* estivesse lá.

Depois que os pedidos foram entregues, Meg verificou sua lista atual e da semana anterior. Ela olhou para Nathan, que estava farejando a sala da frente de uma forma que diminuiu sua esperança de achar que ele sabia a diferença entre um balcão e uma árvore.

— Essa foi a última entrega regular desta manhã, — ela disse esperando que parecesse brilhante, em vez de demente. — Eu vou trabalhar na sala de triagem por um tempo. Você quer ir lá fora por alguns minutos e esticar as pernas?

Ele não respondeu, então ela entrou na sala de triagem para lidar com as entregas e a distribuição dos pacotes. Um minuto depois, ela ouviu os Corvos. Quando ela espiou pela porta, ela viu Nathan do lado de fora, indo e voltando na área de entrega, com o nariz no chão. Então, ele levantou a cabeça e uivou.

— Bem, isso vai ajudar com o tráfego, — ela murmurou enquanto uivos de atendimento penetraram no edifício vindo de várias direções.

Estamos aqui.

Essa era sempre a mensagem. Mas ela achava que as pessoas que iam para a livraria contavam em ver um Lobo, e o uivo era muito mais sinistro.

****

<*Nathan?*> Simon chamou. Ele olhou pela janela do escritório, enquanto ouvia os Lobos que responderam ao uivo de Nathan. <*Onde você está?*> O primeiro uivo não foi abafado pelas paredes ou vidros.

<Fora.>

<Você deveria estar lá dentro, guardando Meg.>

<Meg disse para ir lá fora.>

<Você não recebe ordens de Meg.>

<Ela vai se sentir mais tranquila sobre eu estar no escritório, se ela achar que eu recebo.>

Nathan tinha um ponto. A reação peculiar de Meg ao ver um Lobo no escritório arranhou a pele dele. A maioria dos seres humanos que já tinham visto um Lobo não ficava chateada em ver outro, contanto que não fosse atacar alguém. Pelo menos, isso era verdade com os clientes que entravam na *Howling Boas Leituras*. Para eles, um Lobo era um Lobo. Por outro lado, ele gostava da ideia de que ela não tinha a mesma postura com o resto dos Wolfgards e que Meg o reconheceu desde a primeira vez que ela o viu como o Lobo.

Ele viu Nathan quando o Lobo virou uma esquina para farejar em torno do escritório.

<Alguma coisa?> Simon perguntou.

<Nenhum aroma que não deveria estar aqui,> Nathan respondeu, levantando uma perna para amarelar um pouco a neve.

Levou muito esforço para se impedir de correr para o escritório e marcar seu território. Não que ele devesse considerar o Gabinete do Liaison como sendo mais *seu* território do que o resto do Pátio.

Ele moveu seus pés e gemeu baixinho.

Tenho que ficar na forma humana e fazer o meu trabalho e confiar em Nathan para fazer o dele.

Ele ouviu os Corvos, e observou a cabeça de Nathan se levantar na porta de trás e entrar no escritório.

<Entrega?> Perguntou aos Corvos.

<Uma fêmea,> foi à resposta. *<Conhecemos o seu rosto.>*

Uma fêmea familiar no escritório para conversar com Meg. Alguém que não era *indigene da terra.* Os Corvos teriam dito se a fêmea fosse *Outro*. Isso estreitava as possibilidades. Mas Heather estava no andar de baixo, nas estantes do estoque. Merri Lee não iria trabalhar

na *Bite* até a hora do almoço. Ruthie? Talvez, mas ele não se lembrava de vê-la perto da loja esta manhã, e ela geralmente gastava mais tempo na *Run & Thump* no final do dia. Restava Ásia Crane.

Simon imaginou Ásia sozinha com Meg e rosnou. Nenhuma razão. Ásia não tinha feito nada, exceto ser muito agressiva sobre querer o trabalho de Liaison e querendo que ele a levasse para um passeio no lado selvagem. Mas ela não parecia mais tão interessada em qualquer dessas coisas.

E se ela estava interessada em algo, não estava dizendo nada para ele.

<Nathan? Fique perto de Meg. >

Ele não obteve uma resposta e não esperava por uma. Voltando à sua mesa, Simon olhou para o telefone. Com Elliot no consulado, havia cinco Lobos nesta parte do Courtyard, mas apenas dois estavam em forma de Lobo, Nathan e Ferus, que estava de plantão no HBL. Não faria mal nenhum ter mais alguns Lobos por perto, especialmente porque ele tinha prometido a Sam que o filhote poderia passar a tarde com Meg.

Talvez ele devesse mencionar o seu plano a Meg?

Ele pegou o telefone, mas ele não ligou para Meg. Em vez disso, ele ligou para Blair e organizou um aumento de presenças Wolfgards nessa parte do Pátio.

****

Ásia caminhou até o escritório, com o chocolate quente da Liaison na mão. Em seus encontros anteriores com Darrell, ela deu a entender que Simon poderia ser um pouquinho ciumento sobre o tempo que ela estava gastando com outro homem. Agora que os planos tinham mudado, ela queria que todos no Pátio soubessem que ela era a namorada de Darrell.

Ela achava que Simon não daria à mínima, de uma forma ou outra, mas ela esperava que ele fosse baixar a guarda, se ela já não estivesse prestando atenção nele e não tivesse muito tempo para Meg.

— Aí está você! — Ásia disse quando Meg se aproximou do balcão. — Eu estava cheia de trabalho e fiquei muito preocupada, mas esta foi à primeira chance que eu tive para dar uma olhada em você. — Um olhar rápido sobre o ombro de Meg. Ela não viu o filhote de Lobo, o que foi uma decepção, mas ela viu a caixa de cubos de açúcar na mesa grande, e foi à confirmação de que Meg trouxe o açúcar na Moonsday.

— Me olhar? — Disse Meg.

— Eu ouvi que a polícia estava aqui e houve uma grande comoção. E ouvi que você foi ferida, talvez até mesmo no hospital, então eu só tinha que ver por mim mesma que você estava bem. Aqui. Eu trouxe um pouco de chocolate quente. — Darrell realmente não tinha dito nada sobre Meg. Ele tinha apenas mencionado que uma ambulância estava em cena e disse alguma história louca sobre um homem Lobo em pé onde todos podiam ver muito mais do que queriam ver.

— Obrigada. — Meg tomou um gole e colocou o copo no balcão. — Estou bem. Alguém trouxe uma caixa suspeita, isso foi tudo.

Não mesmo, Ásia pensava. *Esse pequeno incidente deixou todo o Courtyard movimentado, junto com os policiais.* — Bem, eu estou contente de ouvir que você não se machucou. — Agora ela fez um show com o olhar saudoso em Meg. — Onde está aquele lindo filhote adorável que estava com você no outro dia? Ele é a coisa mais fofa.

— Ele não está aqui hoje.

Antes que Ásia pudesse forçar mais para descobrir onde o cachorro ficava quando não estava no escritório, um Lobo maduro apareceu na porta, assustando-a e fazendo que desse alguns passos para trás. Apesar de seu tamanho, o maldito estava tão *tranquilo*. Depois que aquele Lobo bateu com o nariz em sua virilha, ela estava muito menos interessada em estar perto de qualquer um deles, a menos que ela pudesse pegá-los e levá-los embora.

Meg olhou para o Lobo, em seguida, disse para a Ásia, — Eu tenho um diferente no escritório agora.

— O tempo todo? — Perguntou Ásia.

Meg hesitou. — O incidente de Watersday... Foi alarmante, e com tantos policiais respondendo a chamada, causou muitos problemas. Assim, o Sr. Wolfgard decidiu acrescentar um pouco de segurança no escritório durante o horário de expediente, o mesmo tipo que ele tem na livraria.

Ela não tinha apreciado o que o Homem da Van fez, Ele tinha estragado a possibilidade de conversa, e isso apenas confirmou quão inútil seria continuar pairando perto de Meg. Qualquer coisa que ela falasse agora seria relatado para Simon.

Um coro de relinchos deu-lhe uma desculpa para sair.

— Mais amigos? — Perguntou ela.

— Os pôneis estão aqui para as entregas.

— E o açúcar.

— Isso também. Agradeço pelo chocolate quente.

— Eu ainda gostaria de sair para almoçar um dia desses, — disse Ásia. — Me avise quando quiser sair.

Não que isso fosse acontecer, ela pensou quando deixou o escritório. Ela olhou para o consulado, viu Darrell em uma das janelas do andar de cima, e soprou-lhe um beijo. *Eu vou estar distraída com o meu novo namorado.*

Ela passeou para o HBL e ficou o suficiente para se certificar de que ela tinha sido *cheirada.* Em seguida, ela pegou um livro ao acaso, aliviada que não era Simon no registro quando foi pagar pelo livro.

Assim que ela voltou ao seu carro, ela ligou para Darrell. Ele estava emocionado por ter a oportunidade de convidá-la para jantar em outro encontro.

****

Meg não sabia onde Nathan tinha ido quando foi para a *Bite* almoçar, então caminhou até a Praça do Mercado para navegar na biblioteca por um tempo, mas ele estava esperando por ela na porta traseira quando voltou para abrir o escritório na parte da

tarde. Perguntou-se se ele estava fazendo um esforço para não assustá-la de novo, já que o seu aparecimento naquela manhã tornou óbvio que ele poderia entrar no prédio sozinho.

Ela abriu as portas e espalhou a *Lakeside Notícias* sobre a mesa de triagem para servir de consulta e interesse para os *Outros.* Nathan estava na sala da frente, farejando tudo.

Quando os Corvos começaram a agitação, ela foi até o balcão, enrijecendo quando viu um caminhão de entrega. Em seguida, ele virou o suficiente para ela ler o nome da empresa em toda parte.

— É Harry, — ela disse para Nathan, enquanto ela correu para abrir a porta para o entregador.

— Fui convidado a fazer uma entrega especial esta tarde, — Harry disse quando colocou a caixa no carrinho de mão. — Poderia colocar no balcão, mas você poderia querer certificar-se que o piso está seco onde for colocá-lo.

— Boa ideia. — Meg correu para o quarto dos fundos e pegou uma toalha. Enquanto Nathan se movia de um lado a outro, claramente incerto de onde ele devia estar; ela limpou o chão onde ele esteve deitado naquela manhã. — Bem aqui, Harry. — Ela pegou o tecido de pelúcia volumoso dele e o posicionou.

— Preciso de sua assinatura, Miss Meg, — disse Harry.

Ela assinou, fez sua própria anotação em sua prancheta, e esperou até que Harry partiu antes de sorrir para Nathan. — Dê uma olhada.

Ele avançou com cautela. Ele circulou, cheirou e bateu com uma pata. Em seguida, ele encontrou a etiqueta do produto e olhou para ela por um momento. Voltando-se para ela, ergueu o lábio em algo que poderia ter sido um sorriso de escárnio.

— Eu sei que diz que é uma cama de cão, mas eu tenho certeza que um Lobo pode usá-la, — disse Meg.

Nada além de sons ganidos do Lobo.

— Bem. Se você quer deitar no frio e no chão duro em vez de algo confortável e aconchegante só porque em vez de *Lobo* está escrito cão, vá

em frente. — Ela entrou na sala de triagem e fechou a porta. Então se lembrou da outra caixa e abriu a porta da recepção, o suficiente para puxar o carrinho para a sala de triagem. Se ele seria rude sobre ela tentar fazer algo de bom para ele, com certeza ela não iria deixar seis caixas indefesas de bolinhos de cão sozinhas com ele.

Ela colocou as três caixas para filhotes de cachorros e três para cães de grande porte nos armários sob sua mesa de triagem. Em seguida, ela voltou a ler o jornal até os Corvos anunciarem o próximo caminhão de entrega.

****

Simon entrou na sala da frente do Gabinete do Liaison e olhou para o Lobo enroscado no...

— O que é isso? — Ele perguntou, batendo a neve de fora das suas botas enquanto dava um passo em direção a Nathan.

<*Meu,*> Nathan respondeu.

— Como chegou a ser *seu*?

<*Eu estou de guarda, por isso é meu.*> Dando a Simon um olhar presunçoso, Nathan acrescentou, <*Gostei dos biscoitos também.*>

Ignorando o grunhido de advertência, Simon passou a mão sobre o tecido, apertou o recheio, e olhou para a etiqueta.

— Onde você encontrou isso? — Não só parecia confortável, como ficaria melhor que a pilha de cobertores velhos que ele tinha em seu escritório para os momentos em que queria mudar para o Lobo por um tempo.

<*Meg encontrou.*> Nathan colocou sua cabeça em cima de suas patas e observou Simon.

O líder sempre tinha a primeira escolha de alimentos, de mulheres, de qualquer coisa que vinha a sua atenção. Um líder sempre podia tomar o que o outro tinha, e um líder também acabava constantemente lutando para manter a liderança.

— Este aqui fica para quem está na guarda. Vou pedir para Meg pedir outro para mim. — Ele olhou para a porta fechada e se perguntou por que Meg não tinha saído, já que, mesmo para os ouvidos humanos, ela deve tê-lo escutado falando com Nathan. <*Algum problema?*>

<*Não, mas um Falcão me disse que Darrell perguntou se Elliot dava permissão para usar um dos quartos. Eu acho que ele encontrou uma mulher para o sexo.*>

Ele tinha uma boa ideia de qual sexo feminino Darrell tinha encontrado.

A primeira vez que Ásia entrou na livraria e indicou que gostaria de ter sexo com ele, ele tentou imaginar estar com ela. Algo sobre seu interesse não parecia certo, e tudo o que ele podia imaginar era uma armadilha com dentes de aço escondidas sob folhas e galhos. Mas essa foi sua reação a ela, e, para ser honesto, ele estava aliviado que ela voltou sua atenção para um macho humano e que o deixaria sozinho agora.

Ele não gostava dela, então ele não confiava nela. Ele não se importava se era justo ou não. Assim como ele não se importava se era justo perguntar se os *Outros* deveriam continuar confiando em Darrell uma vez que ele começasse a ter relações sexuais com a Ásia. Afinal, homens faziam muitas coisas tolas quando queriam sexo.

Ele não disse nada para Nathan. Suas novas reservas sobre Darrell eram uma discussão que teria com Henry e Vlad. Mas agora ele tinha que enfrentar outra discussão.

Usando o ferrolho, ele passou para o outro lado do balcão, estudou a porta fechada, e debateu por um momento, em seguida, bateu antes de abri-la apenas o suficiente para dizer: — Meg?

Nenhuma resposta. Entrando na sala, ele não encontrou a mulher. E antes que tivesse a chance de uivar sobre ela ter saído, ele ouviu o som do carro chegando. Seu paradeiro descoberto, ele abriu os armários até encontrar os biscoitos. Ele estava com a mão na caixa quando Meg entrou na sala.

Ele enfiou um par de biscoitos no bolso do casaco, depois fechou a caixa e a colocou de volta onde encontrou.

— Onde você conseguiu a cama para Nathan? — Perguntou.

Ela suspirou. — Realmente importa que a etiqueta diga *cão* em vez de *lobo*?

Seria, se eles decidissem enviar algumas para os assentamentos, mas ele podia ignorar as palavras aqui no Pátio. — Eu perguntei por que gostaria de obter uma para o meu escritório. E talvez um par extra para colocar em nossas Lojas.

— Vou fazer o pedido para o Palácio Pet.

Ele estremeceu, pensando no que Elliot diria sobre fazer qualquer compra em um lugar assim. Bem, ele não ia dizer a Elliot de onde as camas vieram.

— Peça mais.

— Tudo bem. — Ela lhe deu um olhar perplexo. — Como é que você sabe sobre a cama?

— Eu não soube. Eu vim saber se Sam poderia ficar com você o resto da tarde. Vou buscá-lo na escola. Ele pode ir com você fazer as suas entregas, ou você pode deixá-lo com Henry.

— Tudo bem. — Agora ela parecia desconfortável. — Simon, Ásia perguntou sobre Sam. Ela viu Sam quando você estava fora da cidade, quando ele esteve aqui comigo.

— O que você disse a ela?

— Eu disse que ele não estava aqui. Então ela viu Nathan. Nós conversamos por alguns minutos, e ela saiu. Sam é bonito, e os seres humanos gostam de afagar cachorros e gatinhos. — Ela encolheu os ombros. — Eu não acho que ela queria perguntar para fazer qualquer dano, mas eu pensei que você deveria saber.

— Bom. — Ele assentiu. — É bom saber disso. Vou levar o seu carro e buscar Sam agora.

Ele saiu pela porta dos fundos. Enquanto cruzava o espaço para a garagem, ele olhou para a escada que levava aos dois pequenos apartamentos acima do Gabinete da Liaison. Um ponto de encontro. Um lugar durante a noite. Um lugar para sexo entre os *indigenes da terra,* cujo estatuto no mundo humano era necessário para dar mais

privacidade, do que os que estavam disponíveis nos quartos acima do centro social.

Uma armadilha com dentes de aço. Ele precisava descobrir o que ele não entendia sobre Ásia estar com Darrell antes que armadilha se fechasse.



CAPÍTULO 18

COM SAM AO SEU LADO NO BANCO DA FRENTE, Simon saiu dirigindo da escola do Pátio até o escritório do Liaison. A escola estava escondida perto do centro do pátio, bem escondida de olhares curiosos dos humanos.

Não era seguro para os jovens *indigenes da terra* irem para a mesma escola com as crianças humanas, de modo que os Pátios davam aos seus residentes uma educação semelhante ao que os humanos recebiam. Um ser humano não poderia enganar um Lobo na soma e na subtração, como qualquer outra pessoa. Dois mais dois davam quatro, não importava de qual espécie você pertencia.

A história de Thaisia, por outro lado, era um assunto completamente diferente. Os seres humanos detinham opiniões muito diferentes sobre *esse* assunto.

Mas o relatório desse dia foi matéria aritmética, leitura e escrita, e ocuparam boa parte da manhã. Agora Sam estava de volta em um tópico mais importante.

— Mas Nathan não está *fazendo* nada, — disse Sam. — *Por que* ele não pode brincar comigo?

— Ele está fazendo alguma coisa, — Simon respondeu. — Ele está em guarda, para que ele possa brincar somente durante o intervalo do meio-dia, quando Meg não estiver no escritório.

— Por que Meg precisa de um guarda agora? Nathan não estava de guarda quando eu estava com Meg antes.

Ele não queria dizer ao menino sobre o intruso, mas se ele não dissesse algo, o filhote iria continuar a perturbá-lo e a Nathan sobre o porquê do Lobo em guarda não poder brincar.

— Um homem entrou no escritório. Ele queria pegar a Meg. Nós não deixamos, e então Nathan está lá para garantir que ninguém tentará mais nada com ela.

Sam olhou para fora da janela. Então ele perguntou em voz baixa: — Ele é o homem que machucou a mamãe?

— Não. Aqueles homens fugiram. Nós vamos encontrá-los um dia, Sam. Nós vamos. Mas o homem que entrou no escritório não era um deles.

— Eu quero ser Lobo quando estou no escritório.

Simon olhou para o rapaz. — Meg não pode se comunicar da forma como um *indigene da terra* pode. Você não será capaz de lhe dizer o que você aprendeu na escola hoje se você estiver como Lobo.

— Eu posso dizer quando chegarmos em casa. Eu não posso usar o cinto nesta forma, por isso tenho que manter a linha de segurança na minha mão, e às vezes eu esqueço e a solto.

— Você não tem que usar mais o cinto. — Ele desejou que o menino não estivesse tão focado no arnês e na trela. Ele deixava os outros Lobos inquietos. Bem, não iria incomodar qualquer um deles muito mais tempo. O filhote já tinha crescido o suficiente nesses poucos dias e o cinto não caberia mais nele em uma semana.

Sam deu-lhe um olhar incrédulo. — Se eu não usar o cinto, como vou puxar Meg de fora de um banco de neve se ela cair?

Simon manteve os olhos na estrada. O menino tinha dito *se*. Quantas vezes Meg já caiu em um banco de neve? Ela era apenas desajeitada, ou estava brincando? Ou ela acabava na neve depois de ser desarmada por um filhote?

— E Meg não é uma boa escavadora, — Sam continuou. — Como Lobo, eu sou muito melhor em cavar.

— É por isso que você foi o único cavando em torno do carro quando ele ficou preso na neve ontem? — Simon perguntou suavemente.

Sam deslizou para baixo em seu assento e murmurou, — Você não deveria saber sobre isso.

— Uh-huh. — Uma dúzia de Falcões, Corujas, Corvos e um par de Lobos que tinha visto aquele pedaço de idiotice não puderam esperar para contar a ele sobre a cena. Ele achou interessante que nenhum deles se ofereceu para ajudar. Na verdade, os Lobos disseram-lhe que ficaram deliberadamente fora de vista, deixando Meg e Sam trabalhando por si mesmos. E eles conseguiram. Eles conseguiram deslocar o carro da neve e continuar com as entregas.

E também explicou por que, quando voltou de sua corrida com Blair e alguns outros Lobos, ele tinha encontrado a televisão ligada e o filhote e a profetisa dormindo no chão da sala de estar.

Desde que ela estava em torno de Sam para mantê-lo quente, Simon tinha pensado de forma sensata, e ficou em sua forma Lobo, dobrando-se contra as costas dela para *mantê-la* quente.

O fato de se aconchegar contra ela não tinha nada a ver com essa decisão. *Nada mesmo.*

Quando chegou ao escritório de Meg, Simon ajudou Sam a dobrar suas roupas e colocá-las em uma das caixas de armazenamento da sala, em seguida, abriu a porta para a sala de triagem depois que o menino mudou para Lobo. O filhote deu a Meg uma saudação exuberante, *arrooooo* para Nathan, em seguida, começou a farejar ao redor da sala em busca dos biscoitos que Meg tinha escondido.

— Você quer que eu leve alguma coisa para o consulado? — Perguntou.

— Não, obrigada, — respondeu Meg. — Darrell veio e pegou o correio. — Ela fez uma pausa, parecendo confusa.

Ele sentiu o cheiro de mal-estar em seu aroma e deu um passo na direção dela. — Algo de errado com ele vindo até aqui?

Ela balançou a cabeça. — Só que ninguém do consulado já pegou as entregas e as correspondências antes desta semana.

Ele se debateu sobre a possibilidade de contar a ela sobre o maldito macaco Darrell, mas ele não disse nada, porque de repente ela gritou.

— Seu nariz está frio! — Ela disse, olhando para Sam. — E não estou comprando a desculpa de — *eu estava apenas procurando os biscoitos* - para colocar um nariz frio contra o meu tornozelo!

Sam latiu para ela, parecendo muito satisfeito consigo mesmo, então trotou ao redor da mesa de classificação para retomar em sua busca pelos biscoitos.

Sorrindo, Simon saiu do escritório e dirigiu-se ao consulado.

Darrell estava em uma mesa, parecendo que já tinha pegado o cheiro de uma fêmea no cio e estava prestes a perder seu cérebro com isso. Dando ao ser humano um aceno de cabeça, Simon subiu as escadas até o escritório de Elliot.

— Você queria me ver? — Ele perguntou quando seu pai olhou para cima.

— Sim.

Elliot apontou para a cadeira do visitante, e Simon se perguntou qual político ele estava imitando. Ele também se perguntou por que o outro Lobo parecia desconfortável.

— Tudo vai bem com a Srta. Corbyn? — Elliot finalmente perguntou.

— Alguma razão para não estar?

— Ontem à tarde eu vi Nathan e Sam a perseguindo atrás do escritório. Eles pareciam... Sérios... Em sua busca.

Ah. — Henry falou com Meg sobre jogar a caça ao veado, alegando que Sam precisava trabalhar em suas habilidades de perseguição. Eu acho que ele estava principalmente certificando-se de que ela obtivesse algum exercício. Meg é convincente em seu papel como presa designada, razão pela qual Henry queria mantê-la em forma no caso dos passeios com Nathan se tornarem muito entusiasmados, ou outro Lobo confundir o jogo com uma caçada real. No final, esse jogo vai dar alguns músculos e alguma resistência para Meg, e construir músculos e resistência em Sam, e Nathan vai ter um bom tempo brincando com eles como uma recompensa para o serviço de guarda.

Claro, ouvir a lamentação de John ontem sobre não poder sair e jogar não tinha feito nada para sua vontade e *autodisciplina*, especialmente porque ele poderia dizer, apenas observando, que Meg era realmente um bom brinquedo estridente.

Elliot sorriu. Em seguida, ele disse. — É bom ver o filhote brincando. Agora podemos simplesmente tirá-lo daquele cinto de segurança.

— Ele diz que precisa dele para tirar Meg dos bancos de neve, — Simon respondeu, com a voz branda.

Elliot riu. Quando o riso desapareceu, ele ficou sério. — Me desculpe, por tê-la machucado. Meus instintos foram estranhos, mas foram do coração, eu acho.

Simon assentiu. Era um pouco chato ter Sam citando Meg sobre as coisas humanas, quando ela realmente sabia menos sobre o mundo humano do que todos os membros da Associação de Negócios, mas a sua falta de conhecimento sobre os *Outros* estava trabalhando a seu favor. Outro ser humano iria aceitar um rótulo, a fim de um Lobo persegui-la?

— Darrell está tendo a sua atribuição, esta noite, — disse Elliot.

— Nós concordamos em deixá-lo usar um dos quartos acima do Gabinete do Liaison, — disse Simon.

— Ele também quer permissão para levar a sua companheira à Carne Verde para o jantar.

— Por quê? Não é um lugar luxuoso, se você quer impressionar uma mulher. Você vai a um restaurante de gerência humana para isso.

— Mas é na Praça do Mercado, um lugar onde muitos poucos estão autorizados a entrarem. Algumas mulheres ficam bastante estimuladas pela emoção do proibido.

— Você sabe quem ele quer trazer?

— É a mulher que estava cheirando em torno de você. Pelo menos, Ferus disse que cheirava Darrell nela.

Simon assentiu. — Ásia Crane. — Emoção proibida. Isso explicava porque jovens da universidade, ou das lojas e da escola técnica

estavam sempre farejando na HBL, e na *Bite*, ou querendo passar uma noite no Centro Social, na esperança de se esfregarem contra um *indigene da terra*. Mas ele tinha a impressão que Ásia estava farejando algo mais. Será que os seres humanos ganhavam algum status entre sua própria espécie se eles estavam autorizados a entrarem na Praça do Mercado do Courtyard? Talvez ele perguntasse para Ruthie na próxima vez que ela entrasse na HBL. Ela estava provando ser bastante confiável para um ser humano.

— Dê a ele um passe de convidado para a Praça do Mercado, — disse Simon. — Diga a Darrell que ele pode levar sua fêmea em todas as lojas que estão abertas. Mas certifique-se que ele saiba que é um passe temporário.

— Vou dizer a ele.

Simon levantou da cadeira. — Eu tenho que ir. Vlad vai lidar com a loja hoje, mas eu prometi lidar com a papelada.

Ele voltou para a HBL, desviando pela *Bite* para pegar uma torta de frutas que ele cheirou no início do dia. Levando o seu deleite ao escritório da livraria, ele rosnou para alguns papéis e tentou sacudir o mal-estar que sentia sobre o passe para Ásia Crane ter qualquer tipo de acesso ao Pátio.

****

Meg manteve seus olhos na estrada enquanto seguia a rota familiar para as Câmaras. — Hoje você *não* vai pular em mim e me assustar, fazendo com que eu caia em um banco de neve porque você viu um cervo e queria sair e persegui-lo. Certo? Porque nós não precisamos ficar presos na neve por dois dias seguidos.

Ela tinha realmente, realmente, realmente esperado que Simon e Blair não tivessem ouvido falar sobre o caso do banco de neve, mas encontrar uma pá de cabo curto na parte de trás do carro para cavar na neve foi prova suficiente de que um ou ambos, sabiam sobre a aventura de ontem.

Sam sorriu e abanou o rabo.

Não haveria ajuda ali.

Claro, ela nunca tinha visto um veado ao vivo antes, e ver um punhado deles no que parecia ser um curral de neve, foi à outra razão pela qual ela não tinha se concentrado na estrada naqueles poucos segundos antes de atolar na neve.

Não que ela ia admitir isso.

Conforme ela dirigia passando pela casa de mármore de Erebus Sanguinati, ela olhou para a esquerda. Então ela parou e olhou para uma das estradas interiores. A maioria não tinha nenhum caminho transitável, e os poucos caminhos que levavam aos edifícios não tinham nenhuma entrega. Já que ela não precisava do carro para dirigir por essas estradas e fazer suas entregas, além de achar que o carro não conseguiria passar de qualquer maneira, essas estradas ligavam o anel externo e as estradas interiores que forneciam acesso a todos os complexos, bem como o Pony Barn e as meninas no lago.

Talvez na primavera, quando essas estradas não marcadas fossem acessíveis novamente, ela poderia conduzir ao redor do interior do Pátio e encontrar seu próprio lugar, onde ela poderia ir quando quisesse alguma solidão.

Mas quando ela olhou para aquela estrada estreita, coberta de neve, a pele logo abaixo das cicatrizes mais novas - as que tinham lhe mostrado quando a sua vida iria acabar - estava picando tão ferozmente que ela queria gritar. Se Simon estava certo e isso era algum tipo de defesa instintiva que uma *Cassandra de Sangue* possuía, então esse caminho representava algum tipo de perigo.

Quando ela passou pela estrada, a picada não desapareceu. Na verdade, piorou, tornando-se mais concentrada sob a pele abaixo das novas cicatrizes.

Ela acendeu os faróis do carro, perguntando-se como ela poderia ter esquecido que ela precisava de luzes para dirigir à noite.

Só que não era noite. Ela e Sam estavam fazendo as entregas da tarde, e ela não precisava das luzes para ver a estrada.

Agitada, Meg parou o carro e o colocou em espera, ignorando o choramingar de Sam quando ele tentou subir em seu colo e lamber seu rosto.

O formigamento se transformou em um zumbido áspero sob sua pele.

Fazia mais de uma semana desde seu último corte, e tinha sido um corte de papel, um acidente. Talvez seja por isso que se sentia tão nervosa, tão desesperada para aliviar a comichão.

Talvez seja por isso que ela tinha escorregado em algo que não era bem uma visão. Ou era uma visão, só que não da maneira que tinha sido treinada para ver.

Isso era novo, desconhecido, assustador. Era pior do que ser distraída por um cervo durante alguns segundos. Se ela não tivesse se lembrado que estava dirigindo, aquela visão estranha continuaria até que ela batesse com o carro?

Ela estava dirigindo sozinha. À noite. Então, seja o que fosse, era pessoal. Era sobre ela. E só havia uma maneira de descobrir mais.

Não se tratava de um desejo físico. Nem mesmo a euforia. Mas ela *tinha* que descobrir por que teve uma visão e reagiu tão fortemente a uma estrada que tinha passado por alguns segundos.

Tenho que esperar, ela pensou rangendo os dentes, quando engrenou o carro. *Tenho que esperar até terminar as entregas e deixar Sam em casa.*

— Não há muitos pacotes hoje, — disse para Sam enquanto dirigia para a última seção das Câmaras. Ela o deixou na frente enquanto colocava alguns itens nas caixas de entrega do lado de fora da cerca, mas ela colocou a trela em seu cinto quando chegou ao Complexo Hawkgard e o deixou ir com ela até a sala de correio.

Dois pacotes para o Complexo Wolfgard, em seguida, quatro caixas de blocos de brinquedos de construção para o quarto social Corvine. Ela não tinha ideia do que os Corvos estavam construindo, mas com base nos comentários feitos por Jenni e Crystal quando os viu na

Praça do Mercado, os Corvos se reuniam todas as noites para trabalhar nestas construções e estavam se divertindo muito.

No momento em que ela chegou ao Complexo Verde e estacionou seu carro na garagem, sua necessidade emocional para fazer o corte estava tão feroz quanto sua necessidade de aliviar a comichão na pele dela. Ela tentou parecer e agir normalmente, mas os lamentos ansiosos de Sam diziam claramente a ela que o filhote sabia que algo estava errado.

E se Sam sentiu isso antes que ela fizesse qualquer coisa, ela ia ter que evitar Simon até que fizesse o corte. Ela só não sabia como fazer isso quando ele voltasse para buscar o filhote.

Quando estavam dentro de seu apartamento, ela pendurou o casaco, tirou as botas, e sorriu para Sam. — Eu tenho que usar o banheiro. Você quer mudar enquanto eu estou fazendo isso?

Não foi surpresa para ela que ele a seguiu até o banheiro e tentou entrar com ela em vez de ir para o quarto se mudar e colocar as roupas que ela tinha preparado para ele.

Ela se trancou, em seguida, tirou a camisa de gola alta. Pegando a navalha do bolso das calças de brim, ela a abriu e colocou a lâmina plana em seu braço, as costas contra a cicatriz anterior. Então ela virou a mão, trazendo a borda afiada contra a pele virgem, apertando levemente para baixo.

A sensação de pele sendo cortada parecia como se estivesse cortando o aço.

Ela levantou a lâmina, colocou a navalha sobre a pia e se preparou para a dor. Fluiu de algum lugar escuro dentro dela enquanto o sangue escorria do ferimento.

Era uma estrada do interior, depois da casa de Erebus. Não havia muita neve na calçada, mas a neve que caia era pesada e rápida. Estava escuro lá fora, mas ela não podia dizer se era noite ou o entardecer. Um som, como um motor acoplado a vespas. Dirigindo sozinho no escuro a uma velocidade imprudente, sem luzes para dar sua posição. Esse som estava se fechando em torno dela. E atrás dela, Sam uivando de terror.

Mas seguro. Desta vez, ele estava seguro.

Saindo da profecia, Meg se preparou contra a pia e engoliu a necessidade de gritar de dor. Foi muito pior do que aquele pequeno corte em seu dedo. Talvez ainda pior do que os cortes que tinha lhe mostrado o Pátio e Simon Wolfgard.

Pelo menos o formigamento sob a pele tinha parado. Ela tinha obtido muito alívio com o corte.

Ofegante e chorando, ela lavou o corte antes de colocar o creme anti-séptico fazendo uma almofada espessa de gaze sobre o corte, na esperança de esconder o cheiro de sangue. Então limpou a navalha e a pia. Como último passo, ela usou o banheiro, incerta se conseguiu disfarçar os aromas do nariz do Lobo.

Ela colocou a blusa de gola, com cuidado para não puxar o curativo, então a camisa, e saiu do banheiro. Ela esperava encontrar Sam vestido, mais ou menos, e esperando por ela na cozinha com sua lista de lanches desejados, mas o encontrou ainda em forma de Lobo, encolhido na sua porta da frente. Ele olhou para ela e gemeu, mas não veio a ela, e não se afastou da porta.

Desconfortável, ela não o empurrou. Ela trouxe-lhe um par de biscoitos, que ele se recusou a comer. Ele apenas ficou amontoado ao lado da porta, tremendo.

Ela soube o momento que Simon começou a subir as escadas da porta da frente. Sam alternou entre uivos e arranhões na porta.

— Saia do caminho, Sam, — disse ela. — Eu não posso abrir a porta com você aí.

Assim que a porta estava aberta, ele saiu correndo de seu apartamento e desceu as escadas, correndo para Simon.

— Ele está chateado, — ela disse e tentou fechar a porta na cara de Simon, mas ela não foi rápida o suficiente. Ele não forçou sua entrada, não fez nenhuma exigência, mas teve certeza de que os lampejos de vermelho em seus olhos e a maneira como ele cheirou o ar significava que ele sabia exatamente por que Sam estava chateado.

Voltando para a cozinha, ela derramou um copo de suco de laranja. Então se sentou à mesa e esperou o que Simon ia fazer.

****

Ele tinha colocado a gaiola em uma das caixas de armazenamento. Ele estava disposto a procurar outro arnês e trela por mais algum tempo, especialmente agora que ele sabia por que Sam queria usá-lo, mas ele não podia tolerar olhar para aquela gaiola.

E, no entanto, quando ele abriu a porta de seu apartamento, Sam correu para o ponto onde a gaiola costumava estar.

Simon tirou as botas, entrou na sala de estar, e ajoelhou-se ao lado do filhote trêmulo.

<Sam? O que há de errado?> Além do cheiro de sangue em Meg.

Lamentando-se, Sam subiu nos braços de Simon.

<Aconteceu alguma coisa quando você e Meg estavam fazendo as entregas?>

<Não sei.> Apenas um sussurro, mas pelo menos, Sam estava respondendo. *<A coisa ruim aconteceu depois.>*

<Aonde vocês foram depois?>

<Meg foi para a caverna dela.> Lamentações e tremores. Então, *<Eu me lembrei do cheiro. Quando a mãe... Algo no banheiro feriu Meg, e tinha aquele cheiro.>*

Cadela estúpida, Simon pensou enquanto abraçava Sam. *Por que cortar-se quando o filhote ainda estava com ela? Por que não podia esperar até que ele tivesse ido para casa e não pegasse o cheiro de sangue fresco?*

Por que?

Quando o cheiro do sangue dela desapareceu, substituído pelos aromas familiares de seu próprio lugar, a raiva de Simon também desapareceu.

Não há euforia se as palavras de uma profecia não forem ditas. Apenas a dor.

Havia outras razões para um cheiro de sangue, especialmente no banheiro de uma mulher. Poderia ter sido um corte acidental. Poderia ser um tipo diferente de sangue que um filhote ainda não conhecia.

Não. Um *tipo* de sangue que foi misturado com um cheiro de medicina.

Ele não percebeu que estava rosnando até que Sam começou a lamber seu queixo, fazendo sons ansiosos.

Ele esteve errado da última vez que a acusou de cortar a si mesma. Ele não cometeria esse erro novamente.

<*Henry?*> Simon chamou.

<*Aqui.*>

<*Preciso de orientação.*>

<*Estou quase em casa. Encontre-me lá.*>

Alívio passou através dele. Talvez suas próprias memórias após encontrar Daphne e Sam naquela noite terrível tornassem mais difícil para ele ser racional sobre Meg ser ferida. Talvez ele estivesse vulnerável com Sam dessa forma.

— Sam? Eu preciso falar com Henry, você pode ficar por si mesmo, ou você quer que... Elliot ou Nathan fiquem com você? — Ele disse isso, mas sabia que Meg havia se tornado a sua primeira escolha para ficar com o filhote.

Sam mudou. Simon colocou o casaco no menino nu, deixando seu próprio calor na pele dele.

— Posso assistir a um filme? — Perguntou Sam.

— Você pode assistir a um filme.

— Posso ter um lanche?

— Você pode ter o lanche que eu vou fazer para você.

Olhos cinzentos e preocupados olhavam para ele. — Simon? Meg vai morrer e nos deixar?

Simon balançou a cabeça. — Se Meg ficou gravemente ferida, ela nos diria. E ela não parecia ferida, Sam. — Na verdade, ela parecia. Seu rosto, seus olhos, ainda mostrava sinais de dor quando ela abriu a porta e tentou fingir que estava tudo bem. — Eu vou ver como ela está depois de falar com Henry.

Ele não podia fazer mais do que isso para o menino ou a mulher, então ele fez um lanche para Sam e colocou um filme antes de ir até

Henry. O urso já estava em casa, e fazendo chá quando Simon entrou na cozinha do Beargard.

Ele esperou até que estivessem sentados à mesa, com chá fumegante nos copos; e disse a Henry sobre Sam e o cheiro de sangue.

— Ela parecia ferida? — Perguntou Henry.

— Ela não está ferida, — Simon retrucou. — Ela se cortou. Você sabe e eu sei disso. Mas eu não sei o que fazer *sobre* isso.

— Não é decisão sua.

— Eu sou o líder. É decisão minha.

Henry tomou um gole de chá e não disse nada por um minuto. Simon lutava para manter seus caninos do tamanho humano adequado enquanto esperava, entendendo que Henry o estava fazendo esperar.

— Em quantos seres humanos você confia? — Henry finalmente perguntou.

— Não muitos. Quase nenhum.

— Eu acho que a nossa Meg confia ainda menos do que você. À sua maneira, ela é ainda muito privada, mais do que um *indigene da terra,* e acho que ela nunca foi autorizada a tão pouca privacidade. Você agirá como aquele ser humano que a usou e pensou que era seu dono, ou você vai ser um amigo em que ela pode confiar?

Simon mostrou os dentes e rosnou para Henry. Em seguida, o grunhido desapareceu porque o Beargard tinha revelado a armadilha. Se Meg se cortou, ela viu uma profecia. Se ele a obrigasse a dizer o que viu, ela poderia acreditar que ela tinha trocado um tipo de Controlador por outro. Ela poderia tentar fugir novamente.

Ele suspirou e foi um som cheio de aceitação e frustração. — Se a média de um corte leva uma semana, e durante cinquenta e duas semanas, em quantos anos ela poderá sobreviver a essa taxa?

— Eu não sei, — Henry respondeu calmamente. — A pergunta a fazer é: Onde você quer que ela passe esses anos?

— Conosco. Eu quero que ela gaste com a gente. — Ele se afastou da mesa. — Obrigado pelo chá.

Voltando para o apartamento dele, ele subiu as escadas e bateu na porta de Meg. Ela respondeu prontamente, e ele suspeitou que ela estivesse esperando por ele.

— Sam pensou que você não estava se sentindo bem, — disse Simon. — É por isso que ele estava chateado.

— Estou bem.

Ela não parecia bem, e parecia cansada. Ele não gostava dela estando sozinha quando parecia tão cansada.

Não era seu lugar forçar ou exigir, mas ele não gostava disso.

— Qualquer coisa que você queira me dizer? — Perguntou.

Ela hesitou, então balançou a cabeça.

— Tudo certo. Te vejo amanhã.

Ele desceu as escadas, alerta para o menor som dela, a chamada mais suave para voltar.

Tudo o que ele ouviu foi o fechamento suave da porta.

****

Ásia fechou os olhos e pensou em um jantar elegante, quartos de hotel luxuosos, e homens que sabiam mais sobre sexo do que: *Ferramenta A deve entrar na Ranhura B*. Muitas pessoas que ela tinha visto comer na Carne Verde iam saborear a aventura, pois o lugar era motivo suficiente para chamar exterminadores para eliminarem todos os tipos de pragas. Ela não teve queixas com o seu filé até que ela cometeu o erro de perguntar que tipo de carne era, e soube que era de cavalo.

Exceto pela imagem que colocou em sua cabeça, a carne de cavalo não era tão ruim quanto o filé de alce de Darrell. Aparentemente, era uma questão de se adaptar a qualquer tipo carne.

E os apartamentos no piso superior do Pátio eram usados para entretenimento íntimo! Ela não podia imaginar que tipo de mulheres desejam passar uma hora *naquilo,* mas apenas para aventuras, ou alguma meta lucrativa.

Quanto ao sexo, a menos que ela pensasse nisso, especialmente quando ela teria que aceitar outro convite de Darrell. Ela tinha visto o suficiente esta noite para ter um plano, foi ousada com Darrell, ofegou pedindo mais, mas sem parecer *muito* experiente. Mas isso deveria valer um bônus, e provar o seu calibre e as suas habilidades de atuação.

Ásia Crane, Investigadora Especial. Ela podia imaginar Darrell em um par de anos, se gabando de ter dormido com Ásia, uma estrela de uma série de TV de sucesso.

Ela suspirou, beijou o peito de Darrell, e começou a mexer-se da cama.

— Onde você está indo? — Ele perguntou, tentando puxá-la de volta para ele.

— Querido, já é tarde. Eu tenho que ir.

— Eu pensei que íamos passar a noite juntos.

— Ah, não. Eu não posso fazer isso. Não na a primeira vez. Não seria certo. E meu carro está no estacionamento do Pátio. E se alguém perceber que estava lá durante a noite?

Darrell franziu a testa. — Você ainda está preocupada com Simon Wolfgard ser ciumento? Porque ele sabe sobre nós. Ele deu sua aprovação dando o passe que eu dei para você.

Claro, ela queria que as pessoas ao redor do Pátio soubessem que Darrell era o namorado dela, mas não lhe ocorreu que Simon saberia que ela era a mulher aqui com Darrell esta noite. Mas Ásia Crane, Investigadora Especial, teria esperado que Simon soubesse disso, e encontraria uma maneira de usá-lo.

Sim. Simon saber que ela estava aqui esta noite era bom. Melhor do que bom, porque agora ele não teria qualquer razão para questionar que o cheiro dela estava em um lugar que não podia estar.

Ela deu um beijo rápido no peito de Darrell. — Não, querido. Eu não estou preocupada com Simon Wolfgard. Deixei claro no outro dia que eu estou procurando um homem de *verdade*, não um Lobo fingindo ser algo que não é, e nunca poderá ser. — Ok, ela não tinha dito essas

palavras quando fez mais uma tentativa de flerte com Simon, mas ela não achava que Darrell perguntaria ao Lobo, de modo que ninguém saberia.

Ela sentiu uma mudança em Darrell, sentiu a forma possessiva de suas mãos acariciando o seu corpo.

— Então qual é o problema? — Perguntou.

— Eu já te disse. Eu não fui capaz de resistir, e me apaixonei por alguém especial, mas eu não sou o tipo de garota que vai para um jantar e depois *tem* sexo no primeiro encontro. — Ela acariciou seu peito. — Além disso, eu não trouxe nada comigo para passar a noite. — Ela pressionou um dedo contra seus lábios antes que ele pudesse argumentar. — Não estrague tudo. Por favor. Apenas me diga quando eu posso arrumar uma bolsa para passar a noite.

— Assim que eu providenciar novamente este quarto. — Ele rolou, imobilizando-a. — Mas nós temos tempo para mais uma; não é?

— Oh, sim. — Ela colocou os braços em volta do pescoço dele quando ele se estabeleceu entre suas pernas. — Nós certamente temos tempo.



CAPÍTULO 19

— OLÁ?

— Você recebeu o meu presente? Os itens foram selecionados apenas para você.

— Um mensageiro especial entregou, mesmo que eu não tenha dado o meu endereço.

— A informação pode ser adquirida quando se sabe a quem perguntar.

— Bem, eu amei o meu presente. Posso usar alguns desses itens no meu encontro amanhã à noite.

— Você gostaria de um pouco de companhia? O meu mensageiro especial tem uma variedade de habilidades. Na verdade, duas dezenas de mensageiros dessa empresa estão agora na cidade. Eles são treinados para lidar com pacotes *delicados* ou *voláteis.*

Uma risada. — Não, obrigada. Vou fazer muito bem do meu jeito. E espero encontrar *algo* para enviar como um muito obrigado.

— Nesse caso, eu vou aguardar ansioso a nossa próxima conversa.

Ásia desligou o telefone e colocou as luvas finas utilizadas na ala contagiosa de um hospital. Ela examinou cada frasco na caixa, cuidadosamente embalada, enviada pelo proprietário de Meg Corbyn, e silenciosamente agradeceu a Bigwig por toda a informação que recebeu sobre as várias drogas e como usá-las. Na época, ela tinha pensado nisso como informações úteis para o seu papel na TV. Agora era informação vital para os seus propósitos.

Alguns itens na caixa eram fáceis de circular, porque havia poucos efeitos colaterais sobre a pessoa que recebia a droga. Alguns poderiam deixar uma pessoa vários anos em uma prisão áspera apenas

por possuir o material, e uma sentença de prisão perpétua, se você fosse pego usando. Um dos itens ela nunca tinha ouvido falar, algo chamado *Nocaute de Lobo*. Até que ela descobrisse o que fazia, ela não iria ignorar o aviso para usá-lo com moderação.

Ásia levantou o último frasco, leu o rótulo, e o colocou de volta com muito cuidado.

Alguns itens levariam uma pessoa a uma viagem só de ida para o país selvagem. Nenhuma prisão. Nada tão amável. Apenas uma longa viagem para o território dos *Outros*, e, depois, seriam soltos, sem comida, sem água, sem sapatos.

Não havia registro de alguém sobreviver dessa punição em particular.

Seu novo benfeitor, como ela tinha começado a pensar no proprietário de Meg, poderia ser capaz de puxar cordas o suficiente para manter-se a salvo das penalidades por ter qualquer um desses itens, mas ela não tinha ilusões de que ele iria protegê-la. Como ela não tinha dúvida que Bigwig e o seu grupo de apoiadores iriam se distanciar se ela fosse pega com qualquer uma dessas drogas dignas de prisão, ainda mais daquela que carregava uma pena de morte automática. Por isso, era seu melhor interesse usar esse último frasco o mais rapidamente possível.

E ela sabia exatamente como usaria.

— Sabe o que eu realmente gostaria de fazer? — Disse Ásia para Darrell enquanto ela dirigia pela via de acesso e estacionava o carro atrás do Gabinete do Liaison. Não estava protegido de potenciais ladrões e nem fora da vista dos carros de patrulha que poderiam tomar conhecimento de um carro deixado no estacionamento do Pátio durante a noite. Em Sunsday, o carro parado no estacionamento foi sua desculpa para sair. Hoje à noite, tê-lo escondido significava que Darrell era o único que sabia com certeza que ela tinha voltado para o Pátio com ele.

— Eu tenho uma ideia muito boa, — Darrell respondeu com um sorriso que parecia um pouco fora da média.

— Antes *disso.* — Ela desligou os faróis do carro e mal podia distinguir a forma do homem no outro banco.

Se algumas das empresas em Courtyard tinham iluminação em suas portas traseiras, ninguém se lembrara de ligá-las, nem mesmo a que ela sabia que estava no topo da escada, onde ela estaria em breve. Uma luz acesa era muita cortesia para mostrar a um ser humano, ou os *Outros* assumiram que Darrell iria cuidar dela?

Esse pensamento a fez se perguntar se haveria lençóis limpos na cama, e se alguém tinha utilizado o quarto ontem.

— O que você quer fazer? — Perguntou Darrell, com o sorriso *médio* como se nunca tivesse estado lá.

Ela se inclinou para ele, encontrou o zíper da calça e o abriu uma polegada. — Dar uma saída.

— Até o apartamento? — Sua voz se elevou, e quase se engasgou quando ela puxou o zíper para baixo outra polegada. — Onde?

— Para o Complexo Verde.

Sua mão se fechou sobre a dela. Ela não achava que sua respiração ofegante era unicamente devido à luxúria.

— Ásia, você está louca?

— Seres humanos são permitidos na Área Verde.

— Só se tiverem um passe! E mesmo assim é arriscado, uma vez que você estiver longe da Praça do Mercado.

— Mas você tem um passe, — ela disse colocando uma forte dose de mel nas palavras enquanto seus dedos trabalhavam seu zíper outra polegada. Ela tinha deslizado algumas gotas de *Nocaute de Lobo* em sua última bebida, só para ver o que aconteceria. E, até agora, a resposta foi absolutamente nada. Talvez ela tivesse sido um pouco moderada. — Eu *quero* ser o tipo de mulher corajosa o suficiente para fazer algo um pouco arriscado. Como passar a noite inteira com um homem, — ela terminou quando tentou afastar sua mão para longe de seu zíper.

Sua mão apertou a dela quase dolorosamente antes dele soltá-la. Retirando a mão, ele se sentou afetadamente, seus olhos olhando para frente.

— Eu apenas pensei que nós poderíamos ter um pouco de aventura antes... — Ela moveu seu corpo para transmitir

constrangimento. — Eu queria fazer algo especial para você esta noite. Algo como aquela menina estava fazendo no filme que assisti da última vez. Que você queria que eu fizesse, mas eu não podia. Eu até comprei um livro. Você sabe. Um desses manuais. Fui a uma livraria na cidade para comprá-lo. Mas eu acho que você não quer...

Ele engoliu em seco, e ela soube que o tinha.

— Nós não sairemos do carro, — ele disse com um tremor em sua voz.

— Oh, não, — ela concordou. — Isso seria *muito* arriscado.

— Não podemos levar o seu carro, — ele disse depois de um momento. — Eles não usam carros como este dentro do Pátio. Seríamos avistados um minuto depois de sairmos da Praça do Mercado. Mas *ninguém* poderia estar dirigindo um desses carrinhos do Complexo Verde para uma visita.

É bom saber, pensou Ásia. — Então o que devemos fazer?

— Espere aqui. Eu preciso pegar uma chave no consulado.

Depois que Darrell saiu do carro, ela contou até vinte antes de abrir a porta e sair. Ela desabotoou o casaco e estendeu a mão para a câmera que tinha escondido em um bolso. Então ela olhou em volta. Não adiantava tentar tirar fotos desta área. Mesmo o flash da câmara não lhe daria qualquer coisa útil.

Darrell voltou, arfando como se tivesse corrido uma maratona. Ou perseguido por uma matilha de Lobos.

— Eu não tenho certeza qual carrinho pode estar disponível, mas a chave se encaixa em qualquer um deles, — disse ele.

Também é bom saber disso, Ásia pensou ao vê-lo abrir e fechar a porta de uma garagem vazia.

— Aqui está um. — Ele acenou para ela se juntar a ele.

Ela pegou as chaves e trancou o carro dela. Pegou uma bolsa com roupas e os seus acessórios *especiais* no porta-malas. Ela não estava planejando usar qualquer uma das roupas, por isso não importa se elas estivessem duras de frio. E os pós nos frascos não iriam congelar.

Apressando-se pela calçada de neve, ela deslizou no banco do passageiro do carrinho, e se perguntou se a *coisa* tinha um motor e esperava que tivesse um aquecedor.

Ele tinha os dois, mais ou menos.

Ela apertou os dentes enquanto Darrell saia da garagem, em seguida, passou para fechar a porta da garagem.

— Se uma Coruja ver a porta aberta, ela vai soar o alarme, — Darrell disse enquanto conduzia para fora da área de negócios do Courtyard.

— Oh. Estou contente por ter pensado nisso. — Eles ainda estavam à vista do distrito de negócios quando viu um tubo de luz amarela ao lado da estrada. — O que é isso?

— Placa solar, — Darrell respondeu. — Os *Outros* colocam nas estradas. O Complexo Verde fica no anel externo.

— E aquele garfo de chumbo, uma mão indicando a esquerda?

— Pode ser o interior do Pátio. Ou talvez seja a direção do portão Corvine. Eu não sei.

Ele parecia muito nervoso, então ela parou de fazer perguntas.

Não havia iluminação pública, então não havia nada para se ver e não havia marcos para ela descrever a alguém. Até onde ela podia ver, havia um monte de nada no Pátio até que chegaram ao Complexo Verde, onde Simon Wolfgard morava. Quando Darrell estacionou em uma das vagas de estacionamento na entrada do complexo, Ásia engoliu a sua decepção. Era apenas um edifício de apartamentos em forma de U, que sequer tinha simetria para dar-lhe um olhar de concluído. Então era este o lugar onde os membros da Associação de Negócios, os agitadores entre os *indigenes da terra*, moravam?

A abundância de luzes. Muitos *Outros* em casa?

— Os seres humanos são muito melhores neste tipo de coisas, — disse Ásia.

— Que coisas?

— Edifícios e carros e *tudo* mais.

Concordando, Darrell fez um som depreciativo. — *Eles* pensam que estão vivendo maravilhosamente bem, porque eles têm água corrente e aquecimento central e não tem que pegar merda nenhuma da floresta se não quiserem.

Que linguagem era essa de Darrell? Ásia o estudou com mais interesse. De onde vinha aquela centelha de raiva? — Eu pensei que você gostasse de trabalhar no consulado.

— Trabalhar em um consulado parece ser bom em um currículo, — ele respondeu. — E com o crédito na Praça do Mercado, os funcionários recebem acima dos seus salários, eu recebo quase o dobro trabalhando para o consulado, e não iria receber o mesmo em uma posição equivalente no governo humano. Mas este é apenas um trampolim, um caminho para algo melhor.

Qual era o verdadeiro Darrell Adams: o submisso sexualmente inepto que ela tinha dormido na outra noite, ou este homem irritado que provavelmente passava as noites fantasiando sobre colocar uma bala no cérebro de Elliot Wolfgard?

— Você os odeia, não é? — Ela perguntou.

Quando Darrell estava prestes a responder, Vladimir Sanguinati saiu de um dos apartamentos. O vampiro olhou para o nada e fez uma pausa, em seguida, parecia muito concentrado neles para o seu gosto.

— Você já viu o suficiente? — Darrell perguntou, e sua bravata de valentia murchou enquanto o vampiro caminhava para eles. Ele colocou o carrinho na engrenagem e foi embora, girando os pneus em seu esforço para colocar alguma distância entre eles e o Complexo Verde, e antes que Vlad chegasse perto o suficiente para identificá-los.

Ela não tinha visto o suficiente. Ela ainda não sabia qual apartamento pertencia a Meg Corbyn e qual pertencia a Simon Wolfgard. Mas pelo menos ela teve algumas informações que o mensageiro especial necessitaria.

E ela precisava pensar sobre como uma substância chamada *Nocaute de Lobo* tinha mudado um homem submisso para um irritado, mesmo que a mudança tenha durado apenas um minuto ou dois. Um

monte de coisas poderia ser alcançado em um minuto ou dois, se fossem os minutos certos. Poderia valer à pena outro experimento, se ela tivesse que aceitar outro encontro.

Por enquanto, ela precisava terminar seus planos desta noite. Então quando eles voltassem para o quarto, ela daria a Darrell o tipo de sexo que ele não teria condições e bolas suficientes para sequer sonhar.

Ásia observou Darrell por mais um minuto antes de sair da cama. Tinha apenas o suficiente de *Nocaute de Lobo* em seu sistema para torná-lo interessante, e quando foi despertado em seu sistema, as duas vezes foram mais do que suficiente. Algumas gotas de *Sonífero* iriam mantê-lo dormindo durante pelo menos uma hora, e isso era muito tempo.

Ela vestiu as calças de Darrell, e apertou com o cinto que tinha comprado ontem, para que os aromas das outras pessoas que tinha entrado na loja ainda fossem frescos. Ela vestiu a camisa dele, até mesmo as meias. Ela vestiu o casaco de inverno. Puxou o gorro de lã de um bolso, e escondeu seu cabelo. Ela transferiu sua câmera e uma pequena lanterna de seu casaco para o dele, em seguida, colocou suas próprias botas, porque ela não queria correr o risco de cair.

Sua mente pairou sobre a questão durante a noite. Havia várias formas de isso dar errado. Mas se ela conseguisse, a recompensa ia ser doce o suficiente para torná-la a estrela mais quente na Sparkletown.

Ela selecionou um frasco e o colocou no bolso do casaco. Pegando as chaves da mesa de cabeceira, ela saiu do quarto e fez o seu caminho para a porta dos fundos do Gabinete do Liaison.

Três chaves no molho. Uma delas era para o quarto que eles estavam usando. A outra era para outra sala. E a terceira...

Sim! Ásia pensou quando abriu a porta traseira do escritório. Tirou as botas, em seguida, esfregou os pés para pressionar o cheiro de Darrell no chão. Ela tirou a lanterna, e a ligou, olhando em volta.

A sala era um típico escritório. Uma mesa e duas cadeiras, uma cozinha ridícula com um mini frigorífico e o fogão. Um banheiro e uma área de armazenamento cheio de caixas de roupas, algumas limpas e algumas apenas jogadas de lado.

Nada no frigorífico que fosse útil para os seus planos. Mas no armário debaixo do balcão, ela encontrou o que estava procurando: uma caixa parcialmente utilizada com torrões de açúcar.

Desejando que pudesse acender uma luz, Ásia colocou a lanterna no chão e pegou o frasco de seu bolso. Os cristais não pareciam diferentes dos cristais de açúcar, e pelo o que ela aprendeu sobre este material, não tinha um gosto muito diferente, e era por isso que seria eficaz, mas as penas por usá-los eram muito altas. Ela bateu os cristais sobre a camada superior de torrões de açúcar, em seguida, delicadamente sacudiu a caixa para cobrir mais grumos. Ela continuou fazendo isso até que ela derramou os últimos cristais sobre o açúcar.

Colocou o frasco vazio de volta no bolso do casaco, repôs a caixa de açúcar no lugar, pegou a lanterna e foi para a sala seguinte.

Não havia muito para olhar. Quem poderia trabalhar aqui, em um lugar tão chato, dia após dia? Não havia nem mesmo uma pilha de entregas que lhe daria alguns nomes daqueles que ela não conhecia da livraria, ou da cafeteria.

Ela abriu um armário e encontrou caixas de biscoitos de cão. Por um momento, ela se arrependeu de usar todos esses cristais sobre o açúcar, em seguida, percebeu que foi uma coisa boa não ter agido no impulso. Se alguma coisa acontecesse com um Lobo, poderia ser visto como um ato de guerra. Mas ela nunca tinha ouvido falar dos Outros citando algum pônei, o que significava que os pôneis estúpidos eram apenas animais. Eles seriam uma distração, uma forma de agitar as coisas, nada mais do que causar um dano colateral no esquema geral.

Abrindo uma gaveta sob o balcão, ela olhou para uma folha de papel por um longo momento. Em seguida, seu coração bateu com emoção. Ela tinha encontrado um mapa de Courtyard. Os portões, as estradas, os edifícios, tudo o que a equipe de extração deveria necessitar.

Dia de pagamento!

Puxando a camisa de Darrell em sua mão, Ásia pegou o mapa com dois dedos e o colocou sobre a mesa grande. Então ela pegou sua câmera... E xingou sob sua respiração.

A lanterna e o flash da câmara poderiam denunciá-la, mas se ela queria fotos úteis, ela ia ter que acender as luzes, apenas por um minuto.

As cortinas na janela. Nada do que ela poderia usar rapidamente para bloquear a luz.

Pare de enrolar, ela pensou quando acenou a lanterna sobre as paredes até encontrar o interruptor de luz. *Quanto mais rápido você tirar as fotos, mais rápido você pode sair daqui.*

Acendendo as luzes, ela correu de volta para a mesa e tirou várias fotos do mapa, com a página inteira, em seguida, várias outras fotos no modo zoom para fornecer mais detalhes. Ela colocou a câmera no bolso do casaco e o mapa na gaveta, apagou as luzes e ouviu o som de uma Coruja.

Porra, porra! Seria uma daquelas que *ficavam* empoleiradas na parede ao lado do escritório? Ou, pior ainda, empoleirada no corrimão da escada que ela precisava passar?

Ela entrou na sala de trás, colocou suas botas, abriu a porta do lado de fora, e ouviu outro pio. Não havia penas roçando em cima, não havia mais pio.

Escorregando para fora da porta, ela a trancou, em seguida, desligou a lanterna. Seus pés já estavam no primeiro degrau quando pensou no frasco vazio no seu bolso. De acordo com Bigwig, a presença da polícia e a velocidade em que eles respondiam a qualquer coisa que envolvessem os *Outros* eram incomuns. Isso significava que um frasco vazio poderia ser tão bom como uma confissão, se eles a encontrassem com ela.

Tirando o frasco do bolso do casaco, ela deu alguns passos na escada e jogou o frasco em um monte de neve, tanto quanto pode. Em seguida, ela empurrou a neve ao redor para cobrir o buraco, limpou a manga do casaco e subiu correndo as escadas.

Tirou as roupas de Darrell, pegou as roupas que usara naquela noite no banheiro, juntamente com as roupas que usara com ele durante a noite. Ela tinha tomado um banho com Darrell como parte das preliminares, usando o sabonete e o xampu que os *Outros* insistiam que os seus empregados usassem. Agora, ela jogou um spray em suas roupas e corpo, o aroma floral e outros cheiros associados com Ásia Crane, porque ela *sempre* usava aquele cheiro quando entrava na *Howling Boas Leituras* ou na *Bite*.

E esse cheiro não estava no Gabinete do Liaison.

Ela guardou tudo e deitou na cama, grata pelo calor do corpo de Darrell, que ainda estava em um sono pesado e não fazia mais do que grunhidos e se afastava quando ela tentava se aquecer no seu corpo quente.

Uma hora se passou. Em seguida, duas. Ela pensou no frasco escondido na neve, onde poderia permanecer até a primavera. Ela pensou sobre a câmera e as fotos incriminadoras no cartão de memória da sua câmera. Ela pensou que tinha que romper seu relacionamento com Darrell.

Ela pensou sobre o que Ásia Crane, Investigadora Especial, faria.

Ela saiu da cama, vestiu-se, juntou suas coisas e saiu. Ela não deu tempo suficiente para o seu carro aquecer, e não tirou a neve da janela de trás antes de sair do Pátio. Era tarde, e não havia quase nenhum tráfego. Isso não significava que um policial não pudesse pará-la.

Ela dirigiu outro bloco antes de parar e limpar devidamente a neve de todas as janelas. Em seguida, ela tirou seu telefone celular de sua bolsa e fez uma chamada, mas não foi para Bigwig.

— Olá?

— Eu preciso de um de seus mensageiros especiais. Alguém que possa imprimir algumas fotos e também possa dar instruções a mais pessoais.

— Ele pode estar em sua residência em trinta minutos.

— Eu já devo estar lá.

Ásia terminou a chamada, colocou o telefone de volta, e foi para o seu apartamento. Ela tinha escolhido o bairro universitário porque era perto o suficiente do Pátio, mas não era um dos bairros que ficava no limite do território controlado pelos *Outros*. Não era provável que alguém a tenha visto. Exceto quando ela visitava as lojas, ninguém sabia onde ela morava.

Agora, era muito importante que eles não soubessem onde ela morava.

Quando chegou em casa, ela mal teve tempo para acender as luzes antes de ouvir uma batida suave na porta.

O mesmo mensageiro especial que tinha entregado o seu presente.

— Você tem algo para mim? — Ele perguntou depois que fechou a porta.

Ela tirou o casaco e pegou a câmera do bolso interior. — Eu tenho algumas fotos que não podem ser vistas por qualquer pessoa que trabalha em uma dessas lojas de fotografia.

Ele balançou a caixa preta que estava carregando. — E eu tenho uma maneira particular de impressão de fotos. — Ele andou até a mesa de jantar e começou a montar o estúdio.

Ela o observou ligar um centro de impressão em miniatura. — Eu nunca vi nada parecido com isso. Deve custar muito.

— Os custos de um braço, literalmente, se ele fosse perdido ou danificado, mas o benfeitor que financia essas atribuições acredita em dar ao seu povo o equipamento da mais alta qualidade, já que raramente existem segundas chances.

— Como algo como isso pode ser fabricado sem que os *Outros* saibam? — Perguntou Ásia.

Ele deu um sorriso selvagem. — Você pode ocultar todos os tipos de coisas deles, se souber como fazê-lo. Agora, me dê esse cartão de memória, e vamos ver se o que você tem vale a pena esse telefonema tarde da noite.

Picada pela crítica implícita, e com a possibilidade de irritar um homem importante por uma ninharia de informação, ela pegou o cartão

de memória da câmera e o entregou ao mensageiro. Ele colocou em uma de suas pequenas caixas, em seguida, clicou sobre o programa que abriria as imagens.

Ele as estudou por um minuto. Então assobiou. — Eu vou me corrigir. Estas fotos valem a pena uma ligação tão tarde. — Ele olhou para ela com um novo interesse. — Onde você encontrou isso?

— No escritório do Liaison.

— Qual a velocidade que eles respondem a ameaças?

— Rápido. E a polícia responde quase tão rapidamente.

— Droga. Eles costumam se arrastar em seus saltos quando uma chamada vem de um Pátio.

— Não aqui. — Ela hesitou. Toda essa tarefa era muito mais arriscada do que qualquer outra coisa que ela já tenha feito por seus apoiadores, e fazer esse trabalho para este benfeitor *e* seus apoiadores tinha seus próprios tipos de risco. Mas caramba, era tão emocionante! Era o tipo de coisa que Ásia Crane, Investigadora Especial, faria.

— Eu acho que algumas distrações, e alguns alarmes falsos seriam inteligentes, — ela disse deslizando em *seu* papel. — Dê a polícia um motivo para retardar seu tempo de resposta. Crie distrações que não deem em nada, sejam apenas aborrecimentos.

Ele começou a imprimir as imagens, estudando o mapa geral do Courtyard enquanto as imagens ampliadas eram impressas. — Pequenas distrações e irritações perto dos portões. — Ele moveu um dedo ao redor da área que continha as lojas, o Consulado, e o Escritório da Liaison. — Atividade principalmente durante o dia?

— E no início da noite. Eles não mantêm horas regulares como em um negócio humano, mas a maioria dessas empresas fecha por volta das nove horas.

— O que você sabe sobre este lugar? O Complexo Utilities?

Ásia sacudiu a cabeça. — Não sei. Eu acho que as atividades são maiores durante o dia, mas eu não tenho certeza se os seres humanos são permitidos lá.

— Podemos descobrir, — ele disse distraidamente, enquanto continuava a estudar o mapa. — Distrações. Podemos mantê-los incitados para que eles não reconheçam a ameaça real quando ela começar.

— Mas nada até depois de Moonsday.

Ele virou a cabeça e a estudou. — Por quê?

— Porque eu já coloquei a primeira distração em movimento. E eu acho que vai acontecer em Moonsday.

Ele terminou de imprimir as imagens, até mesmo imprimiu um mapa extra para ela. Depois de colocar o equipamento de volta em sua caixa, deslizou as fotos em um envelope pardo, deu-lhe um olhar e sorriu. — Me disseram que você também precisava de algo mais pessoal.

— Não isso, — disse ela. — Eu não quero outro cheiro de homem em mim, exceto do homem com quem eu estava esta noite.

— Então o que você está procurando?

— Bata em mim. Não o suficiente para precisar ir a um hospital ou que possa denunciá-lo à polícia, mas o suficiente para que outras mulheres entendam o motivo de romper com este homem. Eu preciso de uma razão para não estar perto do Courtyard no Moonsday.

Ele estreitou os olhos. — Você tem um plano?

— Vamos dizer que ele vai agir como um seguro para todos nós.

O mensageiro estudou seu corpo com frieza profissional enquanto colocava um par de luvas de couro fino. — Então vamos começar.



CAPÍTULO 20

— TEM CERTEZA? — Simon perguntou, depois de fechar a porta do escritório e retornar para a sua mesa.

— Eu tenho certeza, — Vlad respondeu. — Eu os segui do Complexo Verde. E esta manhã, Blair confirmou que um dos carros deveria estar totalmente carregado, já que ele conectou na fonte de energia na tarde de ontem, e não estava mais com carga completa.

— Então por que você não cuidou dele na noite passada?

— Por que você não cuidou dele esta manhã depois que Nathan lhe disse que tinha encontrado o cheiro de Darrell na sala de trás e na sala de triagem? — Vlad respondeu.

Simon olhou para a cama onde o Lobo estava confortável no canto de seu escritório, era mais um item para os Lobos em seus espaços de trabalho e sabia que ele e Vlad tinham a mesma razão para não matar Darrell imediatamente.

Ele não se importava com a polícia ou o governo humano, ou com o que toda a maldita cidade de Lakeside pensava dele arrancando a garganta de um homem que quebrou a confiança dos *indigenes da terra*. Mas havia a possibilidade de que Meg tinha pedido para Darrell entregar algo para ela no Complexo Verde, e ele estivesse com medo quando viu Vlad porque tinha permitido que Ásia Crane fosse com ele. E ainda poderia haver a *menor* possibilidade de que Meg tinha pedido para Darrell ajudá-la com algo no quarto dos fundos ou na sala de triagem. A Associação Empresarial não era tão rigorosa sobre manter os seres humanos conhecidos nos quartos desde quando Meg começou a trabalhar para eles, principalmente porque ela precisava de companhia

humana para ser feliz, e os *Outros* queriam que ela ficasse feliz, assim ela ficaria com eles.

Ele não poderia comer Darrell se o homem realmente esteve fazendo algo para Meg.

— Não podemos permitir que um macaco quebre as nossas regras, — disse Vlad.

— Não, não podemos. Mas Darrell trabalha para Elliot. Já que o homem não fez mais do que dirigir para o Complexo Verde sem permissão, vou deixar Elliot decidir como lidar com ele. — Simon pensou por um momento. — Depois que eu falar com Elliot, irei chamar Chris Fallacaro e pedir para mudar as fechaduras no consulado e no Gabinete do Liaison.

— E Ásia Crane? — Perguntou Vlad.

— Ela estava com Darrell e ela não saiu do veículo. Não tenho certeza se podemos chamar isso de invasão, — disse Simon. Especialmente considerando que Vlad a deixou sair do Pátio na noite passada. — Ela está proibida de entrar no Pátio, a partir de agora. E isso inclui as lojas, como a HBL e a *Bite*. — O alívio que ele sentiu para mantê-la longe de Meg, era tão afiado, que quase doía.

Se Meg ficasse brava com ele por proibir Ásia de entrar no Pátio, ele iria aceitar. Ele iria. Por um tempo de qualquer maneira.

— Tudo bem, — disse Vlad. — Eu vou informar ao avô da decisão do Wolfgard. Você fala com Elliot.

Quando Vlad saiu, Simon esticou o pescoço e os ombros, sentindo o estalar dos músculos tensos. Feito isso, ele chamou Elliot, em seguida, sentou-se e trabalhou o texto para os folhetos que Lorne faria para ele assim que a Três Ps fosse aberta.

****

Vlad fluiu sob a porta do escritório de Elliot, uma sombra de fumaça movendo-se sobre o tapete, mantendo-se perto da parede. Ele não se importava se Elliot percebesse a entrada dele, ele queria ouvir o

que o Lobo diria ao ser humano. Ele não queria que Darrell o notasse na sala.

Mesmo não havendo dúvida de que o ser humano seria demitido de seu emprego no Consulado, não havia certeza do que ele faria ao sair de Courtyard, apesar da curta distância entre a porta do Consulado e a entrada da rua da área de entrega.

Não importa o quão rápido um ser humano poderia se mover, um Sanguinati se movia muito mais rápido. E por ordens de Erebus, a menos que Vlad estivesse convencido de que Darrell tinha agido apenas estupidamente por causa de uma mulher, o homem não iria passar por Nyx quando ele corresse para a segurança da terra que era controlada pelos humanos, assumindo que estava *seguro*.

— Sr. Wolfgard? — Darrell disse enquanto brincava com o nó em sua gravata. — Queria me ver?

— Sim, — respondeu Elliot, sua voz suavizando em um som que não dava nada de graça. — Você sabe por quê?

— Não, senhor. Mas... Alguém esvaziou minha mesa e colocou alguns itens pessoais em uma caixa.

— Não, nós colocamos *todos* os seus itens *pessoais* na caixa. Os outros itens na mesa pertencem ao Consulado. Agora você vai entregar as chaves que lhe foram dadas, assim como o seu passe para a Praça do Mercado.

— Mas... Por quê?

— Você está sendo demitido por quebra de confiança.

Respiração rápida. Aceleração de pulso. Empalidecendo. E mesmo com todos esses indícios, o tolo ainda tentou negar o que os *Outros* sabiam.

— Eu não, — disse Darrell.

— Eu espero que a sua violação tenha começado e terminado com você levando aquela mulher para o Complexo Verde. Espero que você entenda o que vai acontecer se você se tornar indiscreto sobre o que você já viu ou ouviu falar no Consulado.

— Senhor, eu acho que faço um bom trabalho aqui, — começou Darrell.

— Você fazia. Fiquei satisfeito com o seu trabalho. Mas você quebrou a confiança que eu tinha dado, e agora você tem que ir. No entanto, antes de eu deixar você sair desta sala, eu preciso de uma resposta: O que você estava procurando no Gabinete do Liaison?

— Eu não estava no escritório, — Darrell protestou. — Eu estava no quarto dos funcionários, onde me disseram que eu poderia usar na noite passada. Eu estava com a minha... Amiga... Até que eu acordei esta manhã.

— Então você não entrou no escritório? — Elliot perguntou, sua voz ainda suave.

— Claro, eu passei no escritório. Fui recolher a correspondência do Consulado algumas vezes.

— Por quê?

— Por quê?

— Sim, — Elliot disse pacientemente. — Por quê? Você nunca fez isso antes.

Darrell se contorceu na cadeira. — Eu não estava confortável em torno dos outros Liaisons, mas Meg é uma menina agradável, e ela sempre organiza as correspondências de forma ordenada. Eu apenas pensei que pegá-las seria um gesto simpático.

E uma maneira de fazer com que Meg seja a próxima amiga em potencial se Ásia Crane não desse certo? Vlad se perguntou.

— De quem foi à idéia de ir para o Complexo Verde? — Perguntou Elliot. — Seu passe não se estende para além da nossa área de negócios sem permissão, e a sua convidada não tinha permissão para ir a qualquer lugar ontem à noite, exceto o quarto designado para a sua... Interação social.

— Ela queria ver o Complexo, como uma aventura.

— Ver o que? Estava tarde. Estava escuro.

— Eu acho que ela queria ver onde Simon Wolfgard mora. — Darrell abaixou a cabeça e falou com a gravata. — Ela disse que não

estava mais interessada nele, mas acho que ela está. Eu acho que ela fingiu...

<*Isso é o suficiente, Elliot*> disse Vlad. <*Eu vou informar ao avô que este macaco tentou impressionar uma fêmea e não passa de um tolo. Já que Ásia está banida do Courtyard, essa explicação irá satisfazê-lo.*>

Deixando Elliot terminar a demissão, Vlad flutuou por debaixo da porta, mudando para a forma humana quando estava no corredor. Quando chegou lá fora, ele parou apenas para dizer a Nyx que Darrell estava autorizado a deixar o Courtyard intacto. Então ele desceu a via de acesso entre os prédios e parou atrás do Gabinete do Liaison.

O caminhão de Fallacaro Lock & Key já estava lá, e Chris Fallacaro estava trabalhando na porta de trás do escritório. Blair estava olhando para ele, e provavelmente foi por isso que o ser humano estava levando tanto tempo para mudar uma fechadura. Ter jovens assistindo a fim de aprender era uma coisa. Ter o Executor principal do Courtyard assistindo era algo completamente diferente.

E havia Meg, dentro do carro dela, parecendo confusa porque o caminhão e o carro de Blair estavam efetivamente bloqueando e a impedindo de estacionar seu próprio veículo.

Eles não tinham discutido o que iriam dizer para Meg, e ele não queria forçar Simon, especialmente quando não estavam em lados opostos. Ele teria preferido uma solução mais permanente, se livrando de Ásia Crane, e deveria ter tido esse cuidado na noite passada. Já que ele tinha feito a escolha errada, ele pensou que Simon deveria ser aquele a tomar a abordagem certa agora e fornecer-lhes um pouco de sangue e carne no negócio.

Mas o que eles diriam ao seu Liaison? *Meg, nós não gostamos da Ásia Crane, então nós a comemos.*

Ao lidar com seres humanos, a honestidade nem sempre é a melhor política, Vlad pensou enquanto caminhava até o carro de Meg, abrindo a porta dela em seguida.

— O que está acontecendo? — Meg perguntou quando saiu do carro.

— Vamos entrar. Está frio aqui fora. — Ele segurou seu cotovelo enquanto se dirigiam para a porta de trás.

Blair disse algo para Chris. O homem pulou, virou a cabeça de uma forma bem atlética, em seguida, abriu a porta para Meg escorregar para dentro.

Ela trocou as botas por sapatos, pendurou o casaco, e passou para as outras salas, abrindo o escritório. Vlad a seguiu, em seguida, parou na porta privada, enquanto ela se inclinava contra o balcão.

— O que aconteceu? — Perguntou ela.

— Quebra de confiança. Darrell quebrou uma das regras, — respondeu ele, querendo ser franco e direto, como contaria para alguém de sua própria espécie. Mas de repente ele se perguntou como os profetas de sangue em geral, Meg em particular, sabiam sobre sexo e a necessidade de cautela, e explicar por que o homem estava lá em cima na noite passada. — Ele foi demitido. Já que ele tinha uma chave para o Consulado, bem como as chaves deste edifício, estamos mudando as fechaduras e as trancas.

— Você faz isso cada vez que um empregado vai embora?

— Nem sempre.

Ela empalideceu, e isso o assustou.

— Sam está em perigo? — Ela perguntou.

Pergunta interessante. — Eu acho que não.

Claro, Nathan escolheu aquele momento para abrir a porta da frente. Ele fez uma pausa quando um dos Corvos grasnou para ele, em seguida, ergueu um braço em convite. O Corvo voou, e os dois entraram. O Lobo disparou um olhar para a cama, em seguida, bateu a neve de suas botas e se aproximou do balcão. O Corvo pulou do braço dele, para contrariar, e deslizou um pouco.

Meg olhou para os dois. — Bom dia, Nathan. Bom dia, Jake. — Ela lançou um olhar para Vlad. — Você vai ficar por aqui?

— Até que as fechaduras estejam prontas. Quando as trancas estiverem trocadas, Blair se reunirá com Chris no Complexo Utilities para

fazer todos os conjuntos de chaves e a fechadura da porta da frente vai ser alterada também.

— Tudo isso porque Darrell quebrou uma regra? — Perguntou Meg.

— Foi uma regra importante, — Vlad respondeu suavemente, tentando equilibrar o rosnado de Nathan.

O som de pneus deslizando na neve fez todos eles olharem na direção da área de entrega.

Meg puxou a prancheta debaixo do balcão e aceitou a caneta que Jake ofereceu. — Tente não assustar os entregadores, tudo bem?

— *Caw,* — disse Jake.

Vlad entrou na sala de triagem, onde estaria fora de vista. Não escapou o seu aviso de que Jake era o único deles para lhe oferecer qualquer garantia sobre isso.

Ele não achava que tinha escapado à atenção de Meg também.

****

Depois de pensar em sua abordagem, Ásia entrou na *Howling Boas Leituras*, satisfeita que tinha atingido o equilíbrio certo: a maquiagem estava apenas um pouco pesada demais, como se ela estivesse tentando encobrir alguma coisa; cabelo com certo estilo, mas não como o de costume; uma blusa que mostraria os hematomas em seus ombros quando ela se movesse em determinadas posições, mas que não fosse *gritante* o que ela queria que eles vissem.

O mensageiro especial tinha feito um bom trabalho fingindo ser um homem requintado, e de repente, áspero. Mas se um Lobo enfiasse o nariz onde não tinha direito, tudo o que iria sentir era o cheiro de Darrell.

A menina no registro olhou para ela e empalideceu. Ásia pensou que Heather tinha visto os hematomas. Então ela pegou uma placa com o seu nome e bateu em algum tipo de inseto ao lado do registro.

Ela deu um passo em direção ao registro. A próxima coisa que ela soube foi ver Simon Wolfgard bloqueando sua passagem, rosnando de uma forma que destruiu qualquer pretensão de seu ser humano.

— Ásia Crane, você está banida do Courtyard, — ele disse em uma voz cheia de autoridade e raiva. — Isso inclui todas as lojas dentro do Pátio. — Ele deu um passo na direção dela, obrigando-a a dar um passo atrás. — Isso inclui esta loja. Você pode sair agora, mas se você voltar em nossa terra novamente, nós vamos matá-la.

Os clientes na frente da loja congelaram.

Ásia ergueu o queixo, mudando o seu desempenho de vítima para defender a humanidade. — Você não pode me proibir de entrar nas lojas. Isso é discriminação. Nenhum de vocês seria capaz de comprar qualquer mercadoria nas preciosas lojas humanas se *você* fosse discriminado.

— Eles nos discriminam bastante. Essa não é a questão. O ponto é que você farejou em um lugar que não devia, e pegamos você, mas vamos deixar você e Darrell irem embora desta vez. Sim, ele está banido também. Quanto ao resto de vocês, — ele disse dirigindo-se aos outros clientes, — se vocês quiserem fazer suas compras em outras lojas porque nós proibimos essas duas pessoas que quebraram as nossas regras, podemos proibir todos vocês também, podem escolher. — Ele voltou para a Ásia. — E você está perdendo o meu tempo. Saia agora ou morra.

Ele agarrou um dos folhetos e o bateu contra o peito dela. — Leve isso com você para que você não se esqueça.

Ela pegou o folheto, e o amassou na mão. Ela pensou em fazer um comentário final, mas ela percebeu que ele estava à procura de uma desculpa para matá-la ali mesmo. Ele iria espirrar seu sangue na metade da loja e contar a perda de mercadoria com pena.

— O que foi que eu fiz para você? — Ela sussurrou, satisfeita com o tremor natural em sua voz.

Ele se inclinou para ela, e sua voz era baixa. — Quando eu descobrir, eu vou caçar você.

Ela saiu da loja, sua mente correndo. Ela sempre pagava em dinheiro as mercadorias que havia comprado na HBL ou na *Bite*, não? Ela era Margaret A. Crane, e tinha a identidade que os seus apoiadores forneceram para ela, além de ter um nome bem comum. Então ela não seria fácil de se encontrar. Mesmo Darrell não sabia onde ela morava.

Quando ela entrou no carro, um carro patrulha parou dentro do estacionamento do Courtyard. O oficial que saiu do carro e se encaminhou para a HBL era um dos policiais que circulavam diariamente.

O estômago de Ásia fez um pequeno salto engraçado. Será que o Lobo iria distribuir esses panfletos para a polícia?

Ela estava recebendo muita atenção, e do tipo errado. Se o mensageiro especial ficasse sabendo disso e informasse ao seu benfeitor, ele poderia dar fim em um arranjo muito lucrativo. Mesmo seus apoiadores agora queriam que ela trabalhasse em conjunto com os homens deste novo benfeitor, e seria extremamente infeliz se as suas ações corrompessem toda a operação, deixando também os *Outros* como antagonistas contra os humanos.

Mas o mensageiro especial do benfeitor sabia o que ela ia fazer hoje. Afinal de contas, ele a ajudou com este embuste. Então tudo o que tinha a fazer era convencê-lo de que ser banida do Courtyard tinha sido parte de seu plano o tempo todo.



CAPÍTULO 21

NA MANHÃ DE MOONSDAY, Meg abriu o escritório, preparou sua prancheta, e deu um suspiro de alívio. Após a demissão de Darrell e a proibição de Ásia, todos os seres humanos que trabalhavam para os *Outros* ficaram nervosos, especialmente os seres humanos que trabalhavam na Praça do Mercado, pois teriam mais dificuldade de escapar se um *indigene da terra* ficasse selvagem. Mas com exceção de mais carros de patrulha passando no Courtyard, Firesday e Watersday eram dias de trabalho normais. Earthday tinha sido um equilíbrio agradável de tarefas e uma longa e divertida brincadeira na neve com Simon e Sam nas suas formas Lobo. A brincadeira a deixou tão cansada que ela adormeceu enquanto todos assistiam a um filme naquela noite.

E Simon não disse uma palavra sobre ela usá-lo como um travesseiro peludo.

Ela ainda não sabia por que Darrell não deveria visitar o Complexo Verde. Ele tinha trabalhado para o Consulado, afinal de contas. Certamente havia alguma coisa nessa visita, já que o escritório tinha aparentemente tudo o que ele precisava; e ele só conseguiria ver no escuro o exterior dos edifícios.

Exceto que Darrell tinha levado Ásia, que não tinha permissão para estar lá.

Meg massageou os seus braços, aliviada quando o formigamento sob sua pele diminuiu. Sair à noite apenas para olhar o Complexo Verde era estranho, mas ela tinha visto uma abundância de imagens de treinamento com alguém sentado em um carro escuro, observando um edifício. Um ex-amante obcecado. Perseguidores. Polícia. Ásia não se encaixava em qualquer desses rótulos, mas Meg pensou que a mulher

era impulsiva o suficiente para aproveitar a chance de ver qualquer parte do Courtyard. E já que Ásia esteve tão curiosa sobre Sam, talvez ela achasse que poderia dar mais uma olhada no filhote.

Será que Ásia sabia que Sam morava com Simon no Complexo Verde? Meg sacudiu a cabeça, incapaz de se lembrar. Bem, isso não importa mais. Ásia foi embora e Darrell idem, e nenhum deles fazia parte de sua visão sobre os homens vestidos de preto.

Dando aos seus braços uma massagem final, ela descartou os pensamentos de Ásia e Darrell, e se concentrou em seu dia. Ela conversou com Harry quando ele entrou com suas entregas, rindo de suas piadas mesmo quando não as entendia. Ela passou vários minutos tentando convencer Nathan que ele não poderia ficar com todas as caixas de bolinhos de cão, e que tinha que escolher o tipo de biscoito que ele queria para um lanche. Quando ele insistentemente apontou uma pata grande em cada caixa, ela acabou dando-lhe dois biscoitos de cada sabor, e ele os levou de volta para sua cama Lobo para o lanche.

Por volta do meio da manhã, ela se enroscou em um bizarro jogo de cabo entre Nathan e Jake. Ela não sabia qual deles tinha trazido a corda comprida como um brinquedo, mas o Lobo, ainda deitado na cama, estava com os seus dentes em uma das pontas, e o corvo tinha os pés apertados em torno da outra ponta, e ficava loucamente batendo as asas. Seu erro foi pensar que poderia participar do jogo, e ter agarrado a corda bem na frente dos pés de Jake. De repente, Nathan ficou de pé, abanando o rabo enquanto rosnava para ela, os *caws* de Jake soando suspeitosamente alegres. Porque o piso estava um pouco liso e seus sapatos não tinham tração suficiente, ela foi puxada de uma extremidade da sala para a outra, e não conseguiu descobrir como soltar a corda sem cair onde estava.

Ela saiu do jogo só porque Dan entrou com uma entrega e começou a rir tanto, que quase deixou cair os pacotes. Após assinar o recebimento da entrega, ela se retirou para a sala de triagem e ponderou sobre o jogo do Lobo e do Corvo, se eles realmente estavam jogando puxando a corda ou foi um truque para Meg jogar com eles.

Um dos entregadores disse algo sobre a resiliência humana, e apenas uma semana depois que Nathan foi atribuído como guarda do escritório, a maioria dos entregadores aceitou a presença dele, mesmo que ainda, justificadamente, fossem cautelosos. Alguns até soltavam um *'Olá, como vai?'* na direção de Nathan antes de fazer as entregas com ela. Apenas uma empresa arrumou um novo motorista para entregar no Pátio, substituindo o homem que tinha se recusado a entrar no escritório quando viu Nathan pela primeira vez.

Quando as encomendas foram classificadas e separadas para serem entregues para os assentamentos dos *indigenes da terra,* e devidamente marcadas para os caminhões, Meg espreitou a sala da frente. Jake estava no balcão cochilando. Nathan estava de costas, com as patas no ar, também cochilando. Naquele momento, eles não pareciam fazer a segurança, mas ela sabia que eles acordariam no instante em que ouvisse passos ou pneus na área de entrega.

Deixando-os tirar a sesta da manhã, ela se dirigiu para a sala dos fundos. Os pôneis estariam aqui em meia hora, e ela queria deixar tudo pronto.

Quando ela entrou na sala, uma corrida doentia de imagens encheu sua mente. Mãos velhas, mãos jovens, mãos masculinas, mãos femininas, mãos escuras, mãos pálidas. Todas tentando alcançar algo e... Gritos de dor. Gritos de angústia.

Meg tropeçou de volta para a sala, tremendo. Ela estava doente? Ela estava ficando louca? Era isso o que acontecia quando uma *Cassandra de Sangue* não morava nos Compostos? Foi por este *motivo* que tinha sido mantida em tal isolamento? Talvez seja esta a razão pela qual as meninas não eram autorizadas a ter qualquer tipo de experiência pessoal, por que suas vidas eram tão estéreis.

Ela esfregou os braços, suas pernas, barriga, seu couro cabeludo, querendo cavar e arranhar até o formigamento doloroso ir embora. Nunca tinha se *sentido* assim, e nunca tinha visto imagens tão reais *antes de* um corte.

Mas houve aquele momento na estrada no outro dia, quando ela tinha escorregado em uma visão sem se cortar.

Apoiando os braços sobre a mesa de triagem, Meg lutou para pensar.

Pele sensível. Ela tinha ouvido os *Aqueles Com Nome* uma vez quando estavam revendo o valor das meninas. Eles disseram que as profecias que ela fazia eram as mais caras, porque sua pele era sensível, e isso sintonizava com as visões, antes mesmo que ela fosse cortada. Ela só tinha que estar perto de algo ligado à profecia.

E Simon tinha especulado que este formigamento era um sinal de que seus instintos estavam acordando, porque ela estava vivendo, fazendo e experimentando a sensação por si mesma, em vez de ver o mundo com as imagens rotuladas.

O formigamento sob a sua pele seria uma advertência, mas também uma indicação de uma profecia? Um pouco de formigamento podia ser chato, mas desaparecia rapidamente, indicando que uma pequena escolha não teria grande importância, enquanto esse zumbido doloroso mais forte...

Meg voltou para o quarto dos fundos, cambaleando quando as imagens inundaram sua mente novamente. Mas ela não conseguia descobrir o que estava causando a reação.

— Alguma coisa está por aqui, — ela sussurrou, fugindo para a sala de triagem. — Tem que ser. Tenho que me cortar e ver essa visão escondida na minha pele.

Mas ela precisava de um ouvinte desta vez, porque o que estava lutando para romper era muito grande para aguentar sozinha. E ela estava com medo de que não seria capaz de resolver as imagens da profecia, não seria capaz de reconhecer a advertência ou colocar as peças juntas.

Quem chamar? Não Simon. Ele ficará com raiva que ela não o chamou, mas ele estaria irritado com o corte também, e ela tinha certeza de que eles não tinham tempo para discutir.

Na ponta dos pés, ela foi até a sala privada. Jake e Nathan ainda estavam dormindo. Ela fechou a porta o mais silenciosamente possível e virou a tranca. Em seguida, ela ligou para a *Bite*, esperando que o Espírito Guardião que cuidava dos profetas guiasse a mão de Tess para atender ao telefone.

— *Bite*, — Tess disse, parecendo alegremente irritada, o que significava que a cafeteria estava cheia.

— Tess? É Meg.

Silêncio. — Há algo errado? — A voz de Tess não estava mais alegre ou aborrecida. Agora havia algo nela que deixou Meg arrepiada.

— Sim, — Meg disse. — Preciso da sua ajuda. É urgente. Você pode vir agora? Só você.

Tess desligou. Meg esperava que fosse uma resposta positiva. Indo para o banheiro, ela pensou sobre o que ela e Tess necessitariam. Ela quase reconsiderou e chamou Henry. Mas ela não o chamou pela mesma razão que Simon: simplesmente não seria inteligente estar em um quarto com um carnívoro quando ela se cortasse e derramasse seu próprio sangue.

****

— Eu tenho que ir, — Tess disse para Merri Lee. — Ligue para Julia. Diga-lhe para vir assim que puder. Diga a Simon que você precisa que a Heather lhe ajude até a Julia chegar.

— Ele vai querer saber o porquê, — disse Merri Lee. — O que eu posso dizer a ele?

— Quando eu souber eu digo a ele, — Tess respondeu. Ela tirou o casaco e saiu pela porta dos fundos, caminhando em direção ao escritório da Liaison.

Por que não chamou Simon, Meg? Por que me chamou? Será que os profetas têm alguma ideia do que eu sou? Você me ligou por conhecimento ou ignorância?

— Obrigada por ter vindo, — Meg disse trancando a porta logo que Tess deslizou para dentro do escritório.

— Por que você não chamou o Simon? — Perguntou Tess.

— Eu pensei que poderia ser muito perigoso com um predador na mesma sala.

Ignorância então, pensou Tess. Se Meg estava tentando evitar predadores, ela não teria conscientemente chamado a mais temida *indigene da terra*.

— Eu preciso me cortar, — Meg disse e suas palavras tropeçaram umas sobre as outras. — Algo terrível vai acontecer, e há algo nesta sala que é uma parte disso.

— Mas você não sabe o que é?

Meg sacudiu a cabeça.

— O que você precisa de mim?

— Eu preciso de alguém que escute a profecia, que escreva tudo o que eu vá dizer.

— Tudo certo. Onde?

— No banheiro. É mais privado lá.

— O que eu preciso?

Meg apontou para os itens na mesa pequena. Sua mão tremia, dizendo a Tess o quanto de esforço ela estava fazendo para se segurar, e não se reduzir de forma indiscriminada. — Fique com o papel e a caneta. Quando um corte é feito, as imagens vêm de repente. Anote tudo; em seguida, alguém vai ter que descobrir como as peças se encaixam, a fim de entender o que significam.

Tess inclinou a cabeça em direção à frente do escritório. — O que você disse para Nathan?

— Ele e Jake estão dormindo.

O Lobo não iria dormir por muito mais tempo. Sua raça *indigene da terra* tinha sentidos aguçados, e a falta de sons na sala de triagem alertaria Nathan tanto quanto um desconhecido. Quando o Lobo percebesse que Meg estava trancada e fora de alcance, ele ligaria para o

Executor e chamaria seu líder, e não havia como dizer quem mais poderia responder.

— Vamos fazer isso, — Tess disse e tirou o casaco, pendurando num gancho próximo. Em seguida, tirou as botas e seguiu Meg para o banheiro.

As mãos de Meg pairaram sobre o zíper na calça jeans. — Acho que esta profecia precisa de um corte maior. Acho que a pele nas minhas pernas irá funcionar melhor. Preciso remover meus jeans.

— *Arrroooo?* — Uma consulta. Não muito alto, já que Nathan estava na sala da frente e eles estavam na parte de trás, e havia várias portas fechadas entre eles. Mas isso significava que o Lobo estava acordado e consciente.

Tess entrou com velocidade no lavabo. — Isso nos dará um pouco de tempo. Mas da próxima vez que Nathan não receber uma resposta, ele vai chamar Simon e Blair. — Não havia necessidade de mencionar que Henry e Vlad também iriam à procura de respostas se o Lobo começasse a fazer barulho.

Meg tirou o jeans e os deixou em um canto do chão do banheiro. No assento do vaso, cuidadosamente colocado para fora, estava à navalha, pomada, ataduras, um pacote de gaze e esparadrapo. No chão, havia uma toalha de mão. Cor manchou suas bochechas quando ela se sentou no chão e examinou as cicatrizes em suas pernas.

— Como você escolhe o lugar para se cortar? — Perguntou Tess, sentada sobre os calcanhares de modo que estava enfrentando Meg e poderia ver o corpo da menina e as expressões no rosto dela, bem como ouvir as palavras.

— O Controlador escolhia, com base em quanto o cliente estava disposto a pagar pela profecia. — Meg olhou para a própria pele. — Desde o dia que fugi, eu não faço meus próprios cortes. Eu realmente não sei como escolher.

— Sim, você sabe, — Tess disse calmamente. — É parte de quem você é. — Ela pegou a navalha, abriu-a e entregou-a Meg. — Você sabe onde encontrar essa profecia.

Meg pegou a navalha e fechou os olhos. Sua mão livre se moveu sobre sua perna esquerda, superior e inferior, frente e verso. Sua mão moveu-se para a perna direita. Seus dedos tatearam um pouco abaixo do joelho. Abrindo os olhos, ela colocou a navalha no lado direito do osso da canela, virou a mão dela, e fez o corte.

Tess observava a agitação da mão de Meg com o esforço para firmar a lâmina da navalha. Ela observou a menina ficar ainda mais pálida, viu a dor nos olhos cinzentos, e a excitação, mas havia também confiança naqueles olhos, em vez de medo. Ela não podia, *não iria* matar a confiança.

— Fale, — Tess disse, e sua voz estava áspera com o esforço para negar sua própria natureza. — Fale profeta, e eu vou ouvir.

Caixa de cubos de açúcar. Uma mão em um saco. A mão de um homem usando uma luva de couro fino. A mão de uma mulher, unhas polidas de uma cor rosada bonita. Um casaco de inverno escuro que não tinha nada distintivo. A manga da camisa de uma mulher, a cor de um azul brilhante, um azul desconhecido. Os pôneis rolando no chão perto do celeiro, gritando e gritando quando as cobras negras explodiram de suas barrigas. Caveira e ossos cruzados. Muitas cobras negras. Os pôneis gritando. Um esqueleto com uma túnica com capuz, distribuindo doces para as crianças. Um crânio rindo enquanto as crianças gritavam e gritavam quando as cobras negras rasgavam as barrigas dessas jovens crianças.

— *Mãos*, — Meg sussurrou e sua força visivelmente se desvanecia. — *Crânio e Ossos. Cobras negras no açúcar.*

— Suas palavras foram ouvidas, profetisa, — Tess sussurrou. — Descanse agora. Descanse.

Com um gemido que foi brutalmente sexual, Meg se jogou para trás, no chão. Seus olhos estavam vidrados e seu corpo de repente tinha um cheiro diferente e sedutor, um tipo de excitação.

— *Arrrrooooo!*

Bem a tempo, Tess pensou quando se levantou. Ela olhou para Meg, a toalha de mão amparando o sangue que continuou fluindo do

corte. Ela não tinha certeza de quanto sangue seria demais, mas ela sabia com o que tinha que lidar primeiro.

Quando ela abriu a porta do banheiro, ela teve um vislumbre de si mesma no espelho sobre a pia. Seu cabelo estava da cor do sangue, se tornando negro como a sepultura. Ela entrou na sala da frente, no mesmo momento que Simon abriu a porta do lado de fora, saltando na frente de Henry e Blair. Nathan estava espremido entre Henry e Simon, tudo nele focado no cheiro de sangue.

— Saiam, — Tess rosnou. — Todos vocês, saiam desta sala. *Agora!*

— Não se atreva a dar ordens *para mim*! — Simon rosnou em resposta. Sua cabeça começou a mudar para Lobo, suas garras e presas se alongando, pois lhe serviriam melhor como armas.

— Saiam! — Tess disse novamente, e algo em sua voz deve ter chegado ao Henry, porque ele pegou Nathan pelo pescoço, assim que o Lobo se lançou na direção do banheiro.

Nathan estalou e rosnou, mas não conseguiu quebrar o domínio de Henry.

— Vocês todos têm que sair. Isso vale para você também, vampiro — Tess disse quando a fumaça fluiu através da porta aberta. Se uma briga acontecesse agora, alguém morreria. E se um desses homens morresse, os outros iriam perceber o que ela *era,* e ela teria que ir embora. Ela não queria ir embora. Era raro para a sua espécie encontrar aceitação, fazer amizades, mesmo entre outros *indigenes da terra*. — Simon, há coisas que todos vocês precisam saber, mas é perigoso para vocês estarem nesta sala agora. Meg precisa de cuidados. Deixe-me ajudá-la.

Seus olhos estavam vermelhos com lampejos de ouro, um sinal de que ele estava incrivelmente furioso.

— Você pode fazer isso? — Perguntou Henry, sua voz um estrondo plácido.

Tess assentiu. — Ela me pediu para vir e ouvir a profecia. Ela pediu minha ajuda. Deixe-me terminar de ajudá-la.

— Deve haver algo que possamos fazer, — disse Henry.

Ela começou a negar, em seguida, percebeu que era uma ordem e ela percebeu o motivo. Simon estava rosnando, quase vibrando de raiva. Talvez fosse o cheiro de sangue forçando o Lobo, talvez fosse porque ele também valorizava a amizade dela. Uma pessoa da sua matilha estava ferida, e como Meg não era um Lobo, ele não sabia o que fazer.

— Busquem um travesseiro e alguns cobertores, — ela disse. — Os nossos, e não o fedido dos seres humanos. — Ela não tinha certeza se o cheiro de Ásia importava para Meg, mas importava para ela. — Há uma cadeira de rodas no escritório do *bodywalker*, busquem isso também. E alguém chame o Jester. Ele precisa ser parte dessa discussão.

<*Por quê?*> Simon perguntou.

Ele não podia vocalizar como um ser humano, apesar da cabeça ter mudado para a aparência humana? Isso não era bom.

— Você pode chamar Jester, ou você pode chamar a menina no lago. Um deles precisa ouvir isso.

Todos os machos se encolheram.

— Eu tenho que cuidar de Meg. Já deixei a menina por tempo suficiente. Vamos nos encontrar na sala de triagem em dez minutos.

Nenhum deles gostou, mas todos saíram da sala. Simon, é claro, foi o último a sair. Ele olhou para seu cabelo.

— Eu vou cuidar dela, Simon Wolfgard, — Tess disse suavemente. — Você ainda não sabe o quanto devemos a ela, mas eu sei.

Ele saiu, fechando a porta atrás dele.

Puxando o ar, Tess voltou correndo para o banheiro. Meg ainda estava no chão, mas ela virou a cabeça e olhou para Tess.

— Você recebeu uma resposta? — Meg perguntou.

— Eu tenho uma. — Ela encheu a pia com água morna e encontrou mais um par de toalhas de mão. — Nós vamos ter que pensar sobre o que você precisa neste banheiro, e o que é típico acontecer quando você se corta. Não, fique deitada, não tenho certeza de quanto

sangue você perdeu, e você já perturbou os Lobos, o Urso, e o Vampiro. Você não pode se dar ao luxo de ficar tonta e cair.

Após imergir uma toalha na água quente, ela cuidadosamente lavou o sangue da perna de Meg, então se inclinou para examinar o corte. — Parece que está começando a coagular agora. Você normalmente se corta assim tão profundamente?

— Tem que ser profundo o suficiente para fazer uma cicatriz, — Meg respondeu. — Embora uma *Cassandra de sangue* cicatrize mais facilmente.

Será que Simon percebe isso? Ou não tinha lhe ocorrido que Meg poderia ser ferida enquanto brincava com Lobos, mesmo que os Lobos não quisessem machucá-la?

Após secar a perna, Tess aplicou a pomada anti-séptica, utilizou as ataduras para fechar a ferida, e cobriu tudo com gaze e esparadrapo. Ela pegou a toalha mais sangrenta, juntou com as outras e as colocou no cesto de lixo.

— Eu vou ajudá-la para que você possa sentar no vaso sanitário, — Tess disse e faz exatamente isso. — O que normalmente acontece depois de um corte?

— Nós recebemos um pouco de comida, então somos levadas de volta para a nossa cela, para descansar e garantir que o corte esteja devidamente fechado. — Meg hesitou. — Tess? Eu vou ter que falar com Simon?

— Sim, mas só depois do seu descanso.

— Você poderia me dar meu jeans? Eu deveria me vestir agora.

Tess olhou para o curativo que ela tinha enrolado em torno da perna de Meg e considerou os jeans. Ela balançou a cabeça. — Você precisa de algo mais flexível, para que possamos manter a verificação do corte. Fique aí. — Não restava muito tempo antes que o resto deles retornasse.

Pegando a última toalha de mão, ela foi até os armários e procurou até que encontrou um frasco pequeno e limpo. Usando a toalha para evitar tocar na caixa de cubos de açúcar, ela despejou alguns deles dentro

do frasco. Ela deixou a caixa no chão com a toalha, selou o frasco, e o colocou no bolso do casaco. Em seguida, ela ajudou Meg a vestir a calça de lã folgada que encontrou em uma das caixas de armazenamento. Era grande demais para a menina, mas tinha a vantagem de ser fácil de levantar, passando pelo joelho.

Ela arrancou as páginas que continham a profecia, dobrou e enfiou no bolso de trás. Deixando a prancheta e a caneta na mesinha, ela entrou na sala de triagem. Quando abriu as portas, ela percebeu que tinha outro problema: onde colocaria Meg enquanto eles tinham esta reunião. Ela não queria deixar a menina no quarto de trás com a caixa de açúcar, e ela achava que Meg não gostaria de ficar perto de Simon, e os outros que tinham interesse nela, até que soubessem por que ela tinha feito o corte. A sala da frente estava muito exposta, mas eles poderiam trancar a porta e se recusar a receber as entregas.

Os quartos de cima, especialmente o que Darrell *não tinha* usado, era uma possibilidade, mas o que mais poderia estar lá que os *Outros* não tinham percebido?

A porta de fora da sala de triagem foi aberta. Blair e Simon entraram. Nenhum olhar de amizade ou de perdão.

— Meg precisa descansar, — Tess começou, — mas ainda não devemos usar a sala.

Como resposta, Simon puxou uma cama de Lobo fora do carro enquanto Blair puxava a cadeira de rodas. Henry trouxe travesseiros e cobertores. Vlad estava com um dos transportadores de alimentos que ela utilizava para entrega. Jester estava lá, parecendo preocupado quando notou o que os outros estavam carregando. E Nathan, ainda em forma de lobo, apenas olhava e rosnava para ela.

Todos eles passaram por ela. Simon levantou um braço para indicar que queria todas as pilhas do correio fora da mesa. Jester apressadamente tirou as pilhas da mesa para que Simon pudesse colocar a cama de Lobo sobre a mesa. Henry colocou um cobertor sobre a mesa e colocou outro ao lado com os travesseiros. Blair abriu a cadeira de rodas. Vlad colocou a comida no balcão, evitando as entregas só porque

Jester lembrou ao vampiro que *Meg* tinha organizado o correio, e arruinar o trabalho dela seria um insulto.

— Agora, — Simon rosnou. — Meg.

— Ela está no banheiro, — disse Tess. — Eu vou trazê-la.

— Vou pegá-la, — disse a Vlad.

— Ela é uma das criações de Namid, ela é ambos, maravilhosa e terrível, — Tess disse, e assentiu com a cabeça quando todos eles congelaram. — Ninguém deve farejar as toalhas que eu usei nela. E ninguém deve farejar a caixa de açúcar.

Simon se virou e saiu da sala.

— O que está acontecendo? — Perguntou Jester.

— Você precisa lidar com o correio hoje, — disse Tess. — Diga aos pôneis que não haverá deleite.

— Mas é Moonsday, — Jester protestou. — Eles sempre recebem açúcar em Moonsday, e *todos eles* vêm para ver Meg. Até o velho Furacão.

— Hoje não. — Tess repetiu.

Simon voltou, trazendo Meg. Suas bochechas eram uma explosão de cores. Suas bochechas tinham pelo se formando e se afastando enquanto ele lutava para manter a forma que precisava em vez da que ele queria. Seus dedos tinham garras do lobo em vez de unhas, mas Tess notou o quão cuidadosamente ele colocou Meg sobre a cama improvisada que tinham feito para ela.

— Você gostaria de algo para comer? — Tess perguntou.

— Não, — Meg respondeu. — Eu gostaria apenas de descansar.

A voz de Meg parecia pálida e Tess lutou com o seu próprio desejo de responder. A cor da morte havia desaparecido de seu cabelo, mas o som pálido trouxe fios de preto de volta, além do vermelho.

Simon ajustou um travesseiro sob a cabeça de Meg e a cobriu com outro cobertor. Então, ele se aproximou. — Nathan está aqui de guarda. Não o mantenha afastado de novo.

Um mal-humorado *arrrooo* de Nathan soou antes do Lobo se sentar ao lado da mesa.

— Feche as portas exteriores, — Tess disse. — Nós ainda temos alguns minutos antes dos pôneis chegarem, e Meg deve ficar quente. — Ela virou a fechadura da porta privada, em seguida, abriu o ferrolho, e foi para a frente da porta. Ela virou a placa na porta da frente para FECHADA e virou a fechadura.

Eles se reuniram em um canto da sala, longe o suficiente para que Meg não fosse ouvi-los, especialmente com a porta privada quase toda fechada para manter o quarto quente.

— Algo no quarto dos fundos perturbou Meg, o suficiente para que o corte e uma profecia fossem necessários, — Tess disse. — Ela pediu minha ajuda. — Ela puxou os papéis do bolso e entregou para Simon. — Estas são as imagens que ela viu.

Henry e Blair se inclinaram sobre seus ombros para ler.

— Não faz sentido, — Blair murmurou.

— Partes de um enigma, — Henry respondeu. — Precisamos colocar os pedaços juntos para encontrar a resposta.

— A resposta é veneno, — Tess disse calmamente. — Caveira e ossos cruzados é um símbolo humano para o veneno. Isso é o que Meg estava tentando nos dizer. Alguém envenenou o açúcar, a fim de matar os pôneis.

Jester lamentou. Vlad pegou os papéis de Simon para ler as palavras por si mesmo.

— Este esqueleto com túnica com capuz e as crianças, — disse Vlad. — Isso não é sobre nós.

— Talvez este veneno seja utilizado antes ou esteja prestes a ser usado em outro lugar, — Tess respondeu. — Talvez estas imagens sejam a única maneira que o profeta tem para ajudar alguém a identificar este tipo particular de morte.

— Isso significa que devemos chamar a polícia, — disse Henry.

Simon assentiu. — Montgomery.

— Será que podemos deixá-lo entrar na sala? — Perguntou Vlad.

— Não, — respondeu Simon. — Mas nós vamos dar-lhe a caixa de açúcar, deixe o seu povo descobrir o tipo de veneno. — Agora ele olhou para Tess. — O que podemos fazer por Meg?

— Ela diz que recebia comida e descanso quando era cortada, — disse Tess. — A sala de trás e o banheiro precisam ser limpos e todos os trapos queimados, juntamente com tudo o que tiver o sangue de Meg. Eu vou fazer a limpeza. Merri Lee vai me ajudar.

— Depois que a polícia se for, — disse Simon. — Depois que o veneno se for.

Jester olhou para Simon. — Depois que os pôneis receberem as entregas, eu vou contar para Inverno. Mas eu acho que ela vai querer falar com você.

Simon assentiu. Então ele olhou em volta. — Onde está Jake?

— Provavelmente informando para todo o Crowgard que algo aconteceu com Meg, — Blair disse acidamente.

— Vlad, pegue uma caixa de transporte e uma fita de embalagem de Lorne, — disse Simon. — Vamos colocar a caixa de cubos de açúcar nessa caixa. Vou ligar para Montgomery e mandá-lo vir até aqui. E vou cuidar de quaisquer entregas na parte da manhã, até que o escritório dê a pausa do meio-dia.

Vlad abriu a porta da frente e virou a placa para ABERTO enquanto ele saía. Jester voltou para a sala de triagem e voltou com as pilhas de correio, que ele expôs no balcão antes de sair para esperar os pôneis.

— Que os corvos espalhem a notícia de que a Liaison não fará nenhuma entrega esta tarde, — Henry disse antes de sair.

Blair saiu sem dizer uma palavra a ninguém, deixando Tess e Simon.

— Eu não tenho certeza se a euforia vale à pena a dor que vem depois do corte, — Tess disse suavemente. — Ela não fez esse corte para ela, Simon. Ela fez para nós. Lembre-se disso antes de rosnar para ela.

Ela saiu do escritório, então hesitou antes de se dirigir para a calçada em vez de ficar dentro do Pátio. Tinha esquecido o casaco, teria

que buscá-lo mais tarde. Enquanto andava a curta distância até a *Bite*, seu cabelo enrolado estava vermelho e preto, em igual medida, e ela permitiu o menor vislumbre de sua verdadeira natureza se mostrar através da pele humana.

E todos os que olharam para ela morriam um pouco.

****

Simon entrou na sala de triagem, olhou para Nathan e apontou o polegar por cima do ombro. *<Fora.>*

Nathan mostrou os dentes. *<Eu estou de guarda.>*

<Eu quero falar com ela. Vá à outra sala. Volte quando eu terminar.>

O Lobo não estava feliz com isso, mas ele foi para a sala da frente.

Quando ficou sozinho com a fêmea problemática que o mantinha confuso, Simon inclinou-se, perto o suficiente para sentir sua respiração em seu rosto, respirando o cheiro dela.

Cheirava a dor e um estranho tipo de excitação que o fez querer cheirar entre as pernas dela. E ela cheirava a sangue e o medicamento que Tess tinha colocado sobre o corte. Ele queria cheirá-la, queria se livrar da medicina humana e limpar a ferida como um Lobo faria.

Mas Meg era humana, de modo que a medicina humana era melhor para ela.

— Eu sei que você não está dormindo, — ele sussurrou. — Você não pode enganar alguém que já ouviu você dormindo.

— Você está dizendo que eu ronco? — Ela perguntou, com os olhos ainda fechados.

— Não. — Ele considerou. — Eu não penso assim. Mas eu sei quando você dorme.

Ela engoliu em seco. A garganta mordível, tão suave e firme.

Não, ele pensou, pressionando a testa contra o seu braço. *Meg não é mordível.* Ele levantou a cabeça e estudou os olhos cinzentos que agora estavam olhando para ele. — Eu sou o líder. Você deveria ter me

chamado. Mesmo se você quisesse que Tess estivesse lá, em vez de um Lobo, você deveria ter me dito primeiro.

— Eu sabia que havia algo errado, e não queria que nada de ruim acontecesse enquanto estivesse discutindo com você.

Era um ponto válido. Não que ele diria isso a ela.

Ele tocou o seu cabelo. Ainda com a cor estranha, e mais engraçado com as raízes negras aparecendo. Quando crescesse, ela iria perder o cabelo laranja.

Ele não ia dizer a ela o que queria.

— Eu vou prestar atenção nas entregas, — ele disse. — Descanse. Há comida, você quer comer?

— Ainda não. — Seus olhos estavam fechados, então se abriram novamente. — Nathan está com raiva de mim?

— Sim. Se você trancá-lo novamente, ele vai mordê-la.

Um breve sorriso. — Aposto que ele não vai me morder se eu lhe disser que ele pode ter todos os biscoitos.

Ele olhou para ela, e a ouviu, e soube que ela estava realmente dormindo. Ele beijou sua testa e achou o ato agradável por si só. E ele admitiu quando lambeu os lábios, era agradável por outras razões. Meg não era *mordível*, mas ele realmente gostava do gosto dela.

Ele trocou de lugar com Nathan. Enquanto ele observava Jester preencher as cestas com as entregas, explicando para os pôneis porque não havia um deleite, ele discou o número que traria Crispin James Montgomery de volta para o pátio.

****

Monty percebeu que Kowalski tinha falado com ele apenas quando o silêncio encheu o carro de patrulha.

— Sinto muito, Karl. Eu não estava escutando. Têm algumas coisas em minha mente.

— Sabe por que estamos sendo chamados desta vez? — Perguntou Kowalski. — É meio estranho dizerem que é algo urgente e, em seguida, ser dado um tempo específico para aparecer.

— Isso é parte do caso. — A outra parte foi o Capitão Burke, informando-o que o prefeito estava resmungando sobre os recursos que estavam sendo usados em nome dos *Outros,* quando eles não se sentiam inclinados a devolver quaisquer favores. Burke suspeitava que a sua plataforma de campanha estivesse flutuando na ideia dos seres humanos virem *primeiro* e não em *último.*

Deixe o prefeito comigo, Tenente. Basta que você se lembre que todas as estradas viajam para a floresta.

Em outras palavras, mantenha-se em bons termos com os *indigenes da terra,* pois isso é mais importante do que a política dos humanos.

Eles entraram na área de entrega do Gabinete do Liaison. Monty respirou. A placa de FECHADO estava na porta, mas ele podia ver alguém no balcão.

Alguém que não era Meg Corbyn.

— Vem comigo, Karl. — Não era o seu pedido de costume, mas desta vez ele queria o apoio dele ao seu lado, em vez de esperando no carro.

Enquanto caminhavam até a porta, Simon Wolfgard apareceu do outro lado. Ele virou a fechadura e abriu a porta.

— A Srta. Corbyn está de folga? — Monty perguntou assim que chegaram ao balcão.

— Pausa do meio-dia, — Simon respondeu. — Ela vai voltar para as entregas da tarde. — Ele não parecia feliz com isso.

A porta para a próxima sala estava escancarada. O quarto em si não interessava Monty, mas a cadeira de rodas parada ao lado de uma grande mesa sim.

— A Srta. Corbyn parece ser propensa a acidentes, — ele disse suavemente. Será que Meg estaria lá para as entregas da tarde, ou os *Outros* teriam uma desculpa diferente para a sua ausência?

Simon se virou, olhou para a cadeira de rodas, e rosnou. — Ela machucou a perna esta manhã. Ela *diz que* não precisa de cadeira de rodas, mas é o que é usado quando os seres humanos são feridos. Não é?

Monty não tinha certeza se era uma pergunta ou uma demanda para confirmar a resposta que o Lobo queria. — As cadeiras de rodas não são utilizadas para ferimentos leves, a menos que a pessoa não possa andar por algum motivo.

— Bem, nós não queremos que ela ande e nem use a perna hoje. — Então Wolfgard pareceu puxar para trás, como se a admissão de que os *Outros* estavam realmente tentando cuidar de um ser humano revelasse muito. — Mas não foi por isso que eu te chamei. Meg... *Nós* suspeitamos que houvesse algo de errado com os torrões de açúcar que estavam na sala da frente. A Liaison geralmente dá o açúcar para os pôneis em Moonsday como um deleite, mas ela teve a sensação de que algo estava errado. Alguns de nós acreditamos que o açúcar foi envenenado, mas não temos uma maneira de testá-lo.

Monty colocou os pedaços juntos e preencheu a peça silenciosa: Meg, a *Cassandra de Sangue*, tinha se cortado e viu o veneno no açúcar. Simon não ia reconhecer que sua Liaison era uma profetisa de sangue, mas deu uma explicação que não a comprometia, e ainda lidou com o que deveria ser uma pequena lesão.

— Onde estão os torrões de açúcar agora? — Perguntou.

— Na outra sala. Estamos embalando a caixa, — Simon respondeu. — Você pode trazer o seu carro até a porta de trás para que você não tenha que carregá-lo agora.

O que ela viu além do veneno que te deixou tão cauteloso? Monty se perguntou. Ele olhou para Kowalski. — Leve o carro até a porta de trás.

— Sim, senhor.

Voltou-se para Simon. — Você tem alguma ideia de quem possa ter feito isso? — Ele recebeu um dos folhetos que proibiam uma mulher chamada Ásia Crane de entrar no Courtyard, incluindo as lojas. E ele

ouviu o sussurro que um funcionário tinha sido demitido por *abuso* de confiança.

Simon hesitou. — Não. Ninguém tinha uma razão para ferir os pôneis. — Ele passou de um pé para o outro. — Tenente... — Deu uma respiração profunda antes de soltar as palavras. — Crânio e Ossos cruzados. Um esqueleto com uma túnica com capuz. Crianças chorando com cobras negras saindo de suas barrigas.

— O quê? — Monty apoiou as mãos no balcão. Era uma ameaça?

— Nós pensamos que o veneno foi usado para matar algumas crianças humanas. Ou ainda vai ser utilizado.

— Aqui? Em Lakeside?

— Não sei onde. Não sei quando. Talvez já tenha acontecido. Talvez seja algo que pode ser interrompido. — Simon deu um passo para trás do balcão. — Eu vou abrir a porta traseira para o seu homem.

Paralisado, Monty ficou no balcão até Kowalski encostar com o carro nos fundos da sala de entrega. Simon Wolfgard não voltou para a sala da frente enquanto Monty esperava.

— Voltamos para a estação? — Perguntou Kowalski.

— Sim. Onde está a caixa?

— No porta-malas. Percebi que era melhor ficar lá do que tê-la em um carro fechado com a gente.

Monty assentiu. Mantendo o rosto virado para a janela do lado do passageiro, ele disse, — Karl? Você se lembra de algo a respeito de crianças sendo envenenadas por alguém usando uma roupa de esqueleto ou uma cabeça de morte com uma túnica com capuz?

Kowalski acertou os freios, então derrapou o carro antes que ele recuperasse o controle. — Senhor?

— Podemos ter uma linha em outro crime.

— Deuses acima e abaixo, — Kowalski murmurou.

Nenhum deles falou novamente até chegarem à estação. Enquanto Kowalski iniciava uma busca por um crime que combinava com essas pistas, Monty relatou ao Capitão Burke.

Os olhos de Burke viraram um azul mais feroz enquanto seu rosto empalideceu. — Isso foi tudo o que ele te deu?

— Eu acho que ele me deu tudo o que tinha, — Monty respondeu. — Ele não precisava nem dizer nada.

— A maioria deles não teria dito. — Burke suspirou. — Tudo certo. Temos apenas um laboratório em Lakeside configurado para lidar e identificar venenos. Peça para Kowalski entregar a caixa pessoalmente. Vou fazer uma ligação e ver o que eu posso fazer para colocar o nosso pedido no topo da fila. Veja o que pode descobrir mais sobre crianças sendo envenenadas. E tão triste quanto seria encontrar essa cena, vou esperar o seu relatório. Se já aconteceu, saberemos onde e quando, e talvez até mesmo que tipo de veneno foi usado.

— Se não aconteceu, como é que vamos alertar as outras cidades em Thaisia? — Perguntou Monty.

— Vou ter que pensar sobre isso. Pode surpreender você, Tenente, mas nem todo mundo gosta de mim. E nem todo mundo que gosta de mim gosta de minha posição em relação aos *Outros*. Nós não esvaziamos os cofres da delegacia para comprar uma profecia, e qualquer um que tenha ouvido, vai reconhecer essas pistas como se fossem de uma profecia. Se admitirmos isso em uma nota de rodapé, que uma profecia foi feita para o Lakeside Courtyard, estaremos dizendo a um monte de pessoas que os *Outros* têm um profeta sangue residente.

— E colocaremos um alvo em Meg Corbyn, sem ter certeza de que estamos fazendo bem ao nosso próprio povo.

Burke assentiu. — Vou fazer algumas chamadas e espalhar a palavra da melhor maneira que puder, depois de fazer a pesquisa e descobrir se isso já aconteceu ou não, e que os deuses sejam misericordiosos, que seja apenas uma referência trágica ao invés de uma possibilidade futura.

— Sim, senhor.

Monty enviou Kowalski para o laboratório e assumiu a pesquisa. Quantos anos teriam essas crianças? E onde estavam essas crianças?

Lizzy, ele pensou, olhando para a foto de sua filha que estava em sua mesa. *Esteja segura, Lizzy.*

****

Quando começou a nevar no escritório de Simon, ele tirou o suéter e a camisa para cobrir o computador. Vlad sabia mais sobre essas coisas que ele, mas ele sabia que a mistura de neve e uma tomada elétrica não eram uma boa combinação. Ao ouvir passos no corredor, ele saltou para a porta antes de Inverno e a sua fúria entrarem na sala.

Seu torso e seus braços ficaram peludos como uma defesa contra o frio que a rodeava. Seu vestido vibrava apesar da ausência de vento, como partes dele em flocos, virando uma neve que rapidamente cobria o chão em torno dela.

— Quem tentou envenenar nossos pôneis? — Sua voz acrescentou um esmalte de gelo contra o vidro fosco da porta e subiu para o volume de uma tempestade. — Quem ousou levantar a mão contra os nossos companheiros e corcéis? *Quem?*

— Eu não sei, — Simon respondeu calmamente, olhando em seus olhos. — Meg viu o suficiente para protegê-los e para nos alertar, mas ela não viu quem envenenou o açúcar.

Um silêncio terrível. Os Elementais eram perigosos o suficiente, mesmo quando orientavam de forma passiva o tempo e as estações de Namid. Quando eles queriam ser caprichosos e cruéis, eles poderiam varrer um pedaço do mundo, menos a si mesmos.

— Devo pedir para Meg tentar de novo? — Perguntou Simon.

Inverno tocou o lenço verde no pescoço. — Não, — ela disse, com a voz mais calma. — Não. Jester diz que a nossa Meg sangrou para proteger os pôneis. Ele diz que havia dor.

— Sim.

— Ela tem feito o suficiente. — Inverno começou a se virar. Então ela parou e não chegou a olhar para ele. — A perna dela. Vai ser difícil para caminhar sobre os montes de neve. Pode causar dor.

— Pode ser, — ele concordou, sem saber onde ela estava indo com isso.

— Vou pedir a minha irmã para acordar por alguns dias e suavizar o ar. Será mais fácil para a nossa Meg caminhar se o pavimento estiver livre de neve.

— Ela iria apreciar isso. E eu aprecio isso.

Inverno se afastou com a cauda de seu vestido esvoaçante atrás dela.

Simon correu de volta para a mesa e pegou a camisa e o suéter. No geral, não haviam caído muitos flocos no escritório ou na mesa. Como o computador ainda estava funcionando e não explodiu quando ele ligou, ele imaginou que estava tudo bem. Usando as roupas, ele começou a secar tudo sobre a mesa pelo tempo que Vlad veio do andar inferior.

— Ela parecia com raiva, — disse Vlad. Ele desapareceu por um momento, depois voltou com um par de toalhas de seu banheiro e ajudou Simon a limpar o mobiliário.

— Mas ainda no controle, o suficiente para não criar uma tempestade de neve no interior da loja. — Ele considerou como ela teria entrado. — Os livros do armazém ficaram molhados?

— Não, só o chão. John está limpando. Vou pegar uma vassoura. Podemos varrer a neve no corredor e nas escadas. — Vlad olhou ao redor, em seguida, estendeu a mão. — Dê-me a camisa e o suéter. Vou usar o secador no centro social. É mais próximo, e as suas roupas estarão secas quando você precisar levar Meg de volta ao escritório para as entregas da tarde. — Ele fez uma pausa e depois perguntou: — O que você vai fazer com Sam?

— Blair está tomando conta dele. Nathan e eu estamos passando o nosso tempo garantindo que o curativo na perna de Meg se cure. Eu acho que o filhote pode não ter a mesma preocupação que estamos tendo, e ele poderia machucá-la. Ela vai ficar com a gente esta noite, e Sam pode ficar abraçado com ela na forma humana.

Quando varreram a neve, Simon recuou os pelos, vestiu uma camisa de flanela que mantinha em uma gaveta da mesa, e voltou ao trabalho.



CAPÍTULO 22

FAZENDO UMA PAUSA NO CRUZAMENTO, Meg abaixou a janela do motorista e respirou o ar que mantinha o calor da primavera. Oh, o inverno ainda estava sob esse calor, mas as estradas estavam claras de neve e gelo, e ela estava dando a pausa do meio-dia, e estava sozinha pela primeira vez desde que fez o corte, há dois dias.

Mesmo a amizade podia sufocar, especialmente quando seus amigos eram grandes e peludos e gostavam muito do contato físico. Ela veio a perceber que apesar de usarem a forma humana, a compreensão dos *Outros* da anatomia humana era muito limitada às partes da anatomia que gostavam de comer. Eles estavam tratando dela, e o corte em sua perna, com a intensidade geralmente reservada para uma amputação.

Ontem ela apelou para Merri Lee, Heather, Ruth, e Elizabeth Bennefeld para explicar que um simples corte que estava curando bem não exigia uma cadeira de rodas, um motorista, e um guarda constantemente olhando para ela no caso dela cair. Simon não quis aceitar, e não lhe deu qualquer espaço de manobra.

E foi por isso que ela estava dirigindo sozinha o seu carro nesta tarde de Windsday, procurando por um local para almoçar o que Tess tinha feito. As estradas interiores estavam sem neve pela primeira vez desde a sua chegada ao Pátio, então ela virou o carro para o interior, seguindo a estrada que a atraía.

Árvores e espaços abertos. Ela viu um Falcão em um toco de árvore. Ela não estava perto o suficiente para determinar o que ele estava comendo para o almoço.

Parando em um cruzamento, ela viu todos os pôneis trotando perto dela, claramente apreciando a oportunidade de passear. Ela virou-se na direção que eles tinham vindo, apenas para descobrir que *eles também* tinham virado e agora a estavam seguindo, desacelerando quando ela diminuía a velocidade, alongando seus passos quando acelerava um pouco, ficando com ela até quando entrava em uma estrada após a outra. Deixaram-na quando ela viu as pequenas casas que pertenciam às meninas no lago. Ela parou ao lado de uma das casas, em seguida, saiu para caminhar ao longo do caminho largo que circundava o lago.

Inverno estava patinando, uma mulher madura agora com o cabelo fluindo livre até a cintura, no tom branco como a neve que flutuava no ar ao seu redor. Quando viu Meg, ela acenou e disse: — Fique aí. — Sua voz não foi carregada exatamente. Parecia que era levada a partir dos bancos de neve.

A Elemental fluía sem esforço do lago, sem deixar pegadas na neve. Ela sorriu para Meg. — Onde estão os seus companheiros?

— Eu estou curtindo um passeio sem eles, — Meg respondeu, devolvendo o sorriso.

— Você também está desfrutando do meu dom e o de minha irmã? — Perguntou Inverno.

Parecia um insulto não saber que tipo de presente se recebeu. E, realmente, quando Meg olhou em volta, o significado foi bastante claro. — Clima ameno, estradas claras. O sol que entra através de uma janela para criar um feixe de calor. — Ela olhou para Inverno. — Você fez isso para mim?

— Você gosta de estar na terra, gosta de tocá-la. Quisemos tornar mais fácil para você caminhar e desfrutar sem ferir a sua perna. — Inverno desviou o olhar. — Os pôneis são caros para nós. O que se pretendia para eles não é algo que vou esquecer. Mas você os salvou. Isso também é algo que não vamos esquecer. — Ela olhou para Meg e sorriu. — Primavera gostaria de conhecê-la. Ela está mais abaixo, perto do riacho.

— Então eu vou até ela dizer um Olá.

Meg continuou a andar ao redor do lago pela estrada que corria entre o lago e o riacho. Uma menina estava nas rochas que formavam uma parede de retenção natural, observando dois patos remando nas águas abertas, não muito mais do que o círculo que Meg poderia fazer com os braços. Havia outras manchas escuras na borda, onde a terra e a água se fundiam ao gelo.

A menina virou, e vendo Meg, ela fez o seu caminho até ela entre os bancos de neve. Seu cabelo era uma mistura rica de marrons, e seu vestido...

Meg não tinha certeza se seu vestido foi feito para se parecer com flores ou se foi feito das flores que seriam as primeiras a florescerem quando a neve fosse derretida. Ela carregava as imagens de tulipas, jacintos e açafrão, mas havia outras flores, azuis e delicadas, que parecia que nunca floresceriam em qualquer outro lugar que não fosse selvagem.

A menina pegou a mão de Meg e a uniu com a dela, e seu riso alegre parecia fluir pelo ar, e as flores silvestres e delicadas floresciam em seus pés.

— Você é a nossa Meg, — ela disse. — Eu sou a Primavera. Eu costumo acordar durante alguns dias, enquanto Inverno ainda reina, embora não completamente tão cedo. Mas nós quisemos dar-lhe algo como agradecimento por salvar os pôneis; e como não é apropriado para Verão ou Outono acordarem ainda, então eu estou aqui. — Sua risada brilhava no ar.

— Eu estou feliz por ser capaz de ajudar. — *E queria saber se alguém tentaria envenená-los se eu não estivesse aqui.* — Você está visitando por alguns dias?

Primavera assentiu. — Mais um dia ou dois, então vou dormir novamente. Não tão profundo quanto antes, mas eu vou dormir a maior parte do tempo por mais algumas semanas. Inverno tem mantido uma lista dos novos livros que chegaram a nossa biblioteca desde que eu dançava no Pátio, e ela diz que se eu fizer uma lista dos que eu quero ler, você pode entregá-los. Isso é verdade?

Como ela poderia resistir a uma menina com esse sorriso? — Sim, é verdade.

Mais risos. Mais flores florescendo em torno delas.

Então Primavera ficou séria. — O calor desperta, mas também enfraquece. Cuidado, Meg. — Ela apontou para o riacho. — Você vê? O gelo cedeu em alguns lugares. Em outros lugares, está sólido, mas ainda fraco. Não é um bom lugar para caminhar ou andar de skate agora. Ele vai endurecer novamente dentro de alguns dias, embora talvez não todo o caminho.

— Por que ele vai endurecer? — Perguntou Meg.

— Está chegando uma tempestade dos nossos irmãos e irmãs do Norte. Em Watersday, passará por Lake Etu. Vou voltar para minha cama, e Inverno, Ar e Água vão governar por mais algum tempo. — Springs sorriu para ela. — Estou feliz em conhecê-la. Estou ansiosa para vê-la novamente.

Espero vê-la novamente. — É melhor eu ir. Se eu demorar mais, o Sr. Wolfgard irá enviar a matilha inteira atrás de mim.

Ela quis dizer isso como uma piada, mas a resposta de Primavera foi séria.

— Claro que ele faria, — disse Primavera. — Namid lhe deu para nós, e nós valorizamos os presentes do mundo. — Dando a Meg mais um sorriso, ela correu e pulou e saltou na estrada.

Meg voltou para o seu carro, e retornou para o escritório. Ela almoçou no quarto dos fundos, que estava impecavelmente limpo, e leu mais um capítulo do último livro que tinha pegado da biblioteca.

Se eu demorar mais, o Sr. Wolfgard irá enviar a matilha inteira atrás de mim.

Namid lhe deu para nós, e nós valorizamos os presentes do mundo.

E o resto da tarde, ela ignorou as palavras que tinham produzido uma picada de luz sob a sua pele.

****

Ásia sentou-se no *Hart end Hare*, observando o tráfego e a entrada de entrega do Courtyard enquanto esperava pelo mensageiro especial. Ela tinha ido a um salão de beleza de luxo ontem e mudou o loiro natural para o canela profundo. Uma mudança no vestuário suavizou seus seios em vez de enfatizá-los, e algumas blusas novas e mais frouxas completaram a sua transformação superficial. Não parecia ruim, e ela decidiu pensar nisso como um teste para um disfarce que Ásia Crane, Investigadora Especial, usaria para uma missão secreta.

O mensageiro chegou, olhou em volta, em seguida, deu um sorriso em sua direção. Quando chegou à mesa, ele se inclinou em direção a ela, como se estivesse prestes a dar-lhe um beijo. Então ele hesitou e tocou a mão dela em seu lugar.

Ele é uma espécie de ator também, pensou Ásia. Ele tinha dado à anfitriã a impressão perfeita de um homem que ainda não era um amante, mas queria ser.

— Alguma coisa interessante? — Ele perguntou quando colocou seu casaco de inverno sobre o encosto da cadeira.

— Nada. — Ela tentou afastar a frustração de sua voz. Deveria acontecer um alvoroço no Courtyard em Moonsday, após os pôneis comerem o açúcar, mas não aconteceu nada desde então.

— Nada facilmente visto. — Ele abriu o seu cardápio, observou a sessão dos especiais, e fez o seu pedido logo que o garçom chegou.

Ásia pediu sopa e um sanduíche especial, tentando ser educada. Ela tinha alterado a voz pela amigável, mais suave. Isso, juntamente com a diferença de cabelo e de roupas, seria mudança suficiente para que a equipe ficasse incerta o suficiente sobre tê-la visto anteriormente.

Quando estavam sozinhos novamente, o mensageiro se inclinou para frente, parecendo como se estivesse fazendo nada mais do que flertar com uma mulher bonita.

— Alguém ficou desconfortável com o açúcar e não deu aos pôneis, — ele disse. — A polícia tem o veneno agora e vai testá-lo.

— Isso não é bom, — Ásia murmurou.

— É irrelevante, o nosso benfeitor fez uma ligação e cuidou disso. A cadeia de comando coloca os seres humanos na frente dos *Outros,* de modo que os testes com o açúcar ficaram no último lugar na fila do laboratório. Nós já teremos ido embora antes que alguém consiga cumprir essa solicitação específica.

— Mas não deu em nada para nós.

— Oh, deu sim. Confirmou que a *propriedade* do nosso benfeitor está escondida no Pátio e utilizou um recurso valioso para ajudar os animais. Sabendo disso, nós tomamos nossas preparações para a próxima fase.

O garçom trouxe as suas refeições e dois copos de água cobertos. O copo de água fazia parte da refeição em restaurantes como este, pois, como o imposto sobre a água era altíssimo, um copo de água custava tanto quanto um copo de vinho.

— A história que eu tenho espalhado para os moradores é que duas dúzias de homens, meus amigos dos dias de universidade, estão em Lakeside para uma semana de férias de inverno, esqui, cross-country, e assim por diante. Há boas trilhas do parque, e há uma pousada próxima que atende aos visitantes que gostam de desportos de inverno. Ainda tem uma área de estacionamento, apenas para as motos de neve. Este degelo azedou um pouco as coisas para os esportes de Inverno, mas vamos explorar a área e desfrutar de uma oportunidade para ficar com velhos amigos. Não estamos reclamando com os proprietários sobre o clima ameno excepcional, e que nos torna bons clientes. — Depois de dar-lhe outro sorriso, ele deu uma grande mordida em seu sanduíche.

— Duas dúzias de homens custam muitos gastos para recuperar um item. — Ásia engoliu uma colherada de sopa. Ela não tinha acreditado que o benfeitor iria enviar tantos homens para este trabalho. Seus apoiadores gostariam de ter uma grande comissão desse homem, e que foi prometido, mas mesmo assim, sua comissão *seria* polpuda. E isso apenas por ajudar o benfeitor a readquirir Meg. O *verdadeiro* dinheiro viria da aquisição do filhote de Lobo.

— De acordo com os relatórios do clima, há uma tempestade chegando na Watersday. — O mensageiro limpou a boca com um guardanapo. — Nós vamos usá-la para cobrir as nossas pistas e readquirir a propriedade.

— Não seria melhor entrar e sair antes da tempestade chegar? — Perguntou Ásia. — Não, — ela continuou respondendo à sua própria pergunta. — Aqueles malditos Corvos estão sempre observando.

Ele assentiu. — Meus homens têm observado o bairro, incluindo a área do estacionamento mais próxima do Pátio. Alguns Corvos podem avistar os *snowmobiles* e seguir dois deles do outro lado do Parque. As aves precisam de abrigo em uma tempestade, e precisamos trabalhar sem ser espionados.

— Você terá apenas uma chance se a cidade fechar algumas estradas.

— A tempestade está chegando a partir do Norte, e nós vamos nos dirigir pelas estradas que ligam o Leste ou Sul. Nós vamos ficar à frente dela, e até mesmo se tivermos que nos esconder por algumas horas, vamos chegar longe o suficiente antes que qualquer um tente nos seguir, e acabe perdendo a nossa trilha. Enquanto isso, nós causaremos algum dano.

— Como o quê? — Com mais apetite agora do que no início da refeição, Ásia provou seu sanduíche.

— Alguns meninos universitários podem atirar com boas armas de arremesso, uma van com uma porta lateral e algumas dúzias de ovos para fazer uma bagunça. Foguetes lançados por cima de uma cerca por uma equipe em um snowmobile. Fogo em trapos e papel em uma das entradas do Pátio. Nós vamos fazer as mesmas brincadeiras nas ruas na área do bairro. — Ele deu a Ásia um grande sorriso. — Além de manter a polícia ocupada, teremos a oportunidade de observar como os *Outros* respondem a tantas demandas, quantos lugares variados eles acham que precisam defender, e que áreas ficam vulneráveis, onde nós podemos explorar.

— A área de negócios do Courtyard é geralmente deserta quando suas lojas fecham, — disse Ásia.

Ele assentiu. — E a porta na parede de trás do estacionamento do parque é de madeira com uma tranca simples. Sua segurança é lamentável. Faz você querer saber como eles conseguiram manter o controle deste continente.

— Quando é que vai começar? — Perguntou Ásia. Em seguida, ela quase mergulhou no chão em resposta a uma rápida série de estrondos altos.

O mensageiro sorriu. — Agora mesmo.

****

— É a febre típica da primavera? — Monty perguntou quando Kowalski dirigia para o próximo caso de desordem relatado. Eles já tinham três chamadas do Pátio. Simon Wolfgard ficou aborrecido quando os fogos de artifício foram atirados na área de entrega do Gabinete do Liaison, e no estacionamento de clientes do Pátio. E ele não se divertiu com os ovos que foram lançados contra as janelas da *Howling Boas Leituras* e na *Bite*. Mas ele ficou seriamente puto com o segundo conjunto de fogos de artifício lançados na área de entrega, porque os adolescentes idiotas permaneceram na calçada, provocando Nathan, que saiu do escritório, em desafio. Então Meg correu atrás de Nathan. Ela tropeçou e poderia ter se machucado se não tivesse caído bem em cima do Lobo, impedindo-o de forma eficaz, de ficar muito perto dos fogos de artifício.

Louis Gresh tinha respondido essa chamada, e Monty estava à espera de ouvir do comandante do esquadrão antibombas se havia algo escondido entre os fogos de artifício que poderia ter causado prejuízo a mulher ou ao Lobo.

— Típico? — Kowalski sacudiu a cabeça. — A maioria das crianças não corre o risco de ficar sem a ração da semana de ovos, de modo que essa brincadeira nas janelas é nova.

— Elas poderiam estar comprando os ovos por conta própria, — disse Monty.

— Ovos custam o dobro sem o cupom de ração do grupo familiar, — Kowalski respondeu. — Um grupo de estudantes universitários, meninos de boa altura, entrando para comprar ovos e pagar esse elevado preço seria notado. Ainda mais comprando na loja do próprio bairro, seus pais saberiam, não tem como esconder isso.

Monty beliscou a ponte de seu nariz. — Eu não estou gostando disso, Karl. Parece um prelúdio de algo maior.

— Para quem?

Ele baixou a mão e suspirou. — Eu não sei.

Eles pararam no meio-fio e saíram. Olharam para a vitrine suja de ovos, e não precisaram perguntar ao proprietário irado qual era o problema.

— A tempestade está chegando na Watersday, — disse Kowalski. — Isso deve pôr um fim a isso.

Monty pegou o seu caderno e caneta. — Eu espero que você esteja certo, Karl. Eu realmente espero que você esteja certo.



CAPÍTULO 23

COM CUIDADO EXAGERADO, o Capitão Burke colocou o receptor do telefone no gancho. Então ele olhou para Monty e disse: — Estamos sendo sabotados, Tenente. O laboratório me informou que eles têm de lidar com outras evidências de crimes *reais* primeiro. O nosso pedido é para um crime que *quase* foi cometido. Meu palpite é que vamos ver o verão antes de ver um relatório.

— Seres humanos *Primeiros e não Últimos*, — Monty disse pensando no slogan da plataforma de reeleição do prefeito.

Burke assentiu. — É como estou lendo também. Agora o que você vai dizer a Simon Wolfgard? — Ele deu a Monty o seu sorriso feroz. — Não há muito o que se passa nesta estação que eu não saiba, então, eu sei que Wolfgard já ligou esta manhã à procura de uma resposta.

— Vou dizer a verdade. O laboratório vai fazer os testes assim que puder.

— Você acha que ele vai acreditar nisso?

Monty não se incomodou em responder.

— Wolfgard vai saber que o laboratório está tentando enrolar sem ter que comprar o jantar para ele em primeiro lugar, — Burke disse calmamente. — Vamos esperar que ele continue acreditando na *sua* sinceridade.

****

Quando Vlad, Henry e Tess entraram no escritório da HBL, Simon não perdeu tempo. — Os macacos não vão nos ajudar. Montgomery me

deu desculpas, mas o resultado final é que não vamos saber se o açúcar foi envenenado.

— O Tenente parecia honesto em suas negociações com a gente, — disse Henry, parecendo desapontado.

Cedendo um pouco, Simon empurrou para trás sua própria raiva. — Ele parecia frustrado, até mesmo um pouco irritado. O laboratório da polícia não quer nos ajudar, e eles não estão interessados em ajudá-lo também.

Vlad deu de ombros. — Um ataque contra os macacos, e algo que não será esquecido.

— Não, não será esquecido. — Especialmente depois que recebeu o relatório de Elliot mais cedo esta manhã, sobre os esforços do prefeito no tribunal a favor de uma política de seres humanos, atuando somente para Lakeside.

Tolos tinham tentado isso antes em outras partes do Thaisia. O país selvagem ainda estava se recuperando da última cidade que teve tais líderes, e ainda estava vazia, mesmo depois de todos esses anos.

Tess estava agitada. Ou, mais ao ponto, o *cabelo* de Tess estava agitado, enrolado enquanto mudava do castanho para o vermelho.

— Há outra maneira de descobrir se o açúcar foi envenenado, — disse ela.

— Como? — Perguntou Simon. Enquanto a observava, ele percebeu que Tess não olhava para qualquer um deles nos olhos quando estava com raiva.

— Obtenha o endereço da casa de Darrell Adams para mim. Elliot deve tê-lo nos arquivos de funcionários do consulado.

****

Tess esperou a noite chegar antes de saltar a alguns quarteirões de distância do Pátio. Como parte do acordo com o Lakeside, os *indigenes da terra* poderiam usar qualquer transporte público na cidade

gratuitamente. Mas usar essa passagem de ônibus traria atenção que ela não queria, então ela pagou pela tarifa, e colocou suas moedas como os seres humanos, antes de se sentar algumas fileiras da frente. Ela manteve seu cabelo sob um gorro de lã, mas ela afrouxou o cachecol que tinha enrolado em seu pescoço e boca.

Ela se transferiu para outro ônibus, e finalmente saltou a poucos quarteirões do apartamento onde Darrell Adams morava. Ela caminhou a passos largos, lutando contra sua própria natureza a cada passo. Ela queria mudar e ficar mais próxima de sua forma natural, mas era importante manter-se reconhecidamente humana. Ninguém que olhasse para a sua verdadeira forma poderia sobreviver. Já que ela estava aqui para testar a arma de outra pessoa e enviar um aviso à polícia, um prédio de apartamentos cheio de cadáveres seria um exagero.

Quando chegou ao apartamento de Darrell, ela ouviu a televisão através da porta fechada. Os vizinhos não ficavam irritados com o volume? Ela inclinou a cabeça quando a música de repente soou de outro apartamento. Ou será que todos aumentavam o som para ouvir sua própria escolha e abafar a concorrência?

Ela bateu na porta de Darrell, em seguida, bateu de novo em voz alta, o suficiente para que a porta do outro lado do corredor se abrisse e uma mulher velha olhasse para fora. Tess ignorou a mulher e bateu novamente.

Darrell finalmente respondeu e o programa de televisão antes estridente, agora estava quase silencioso, quando a porta do corredor foi vigorosamente fechada.

— O que você quer? — Darrell perguntou quando ele a reconheceu.

Tess deixou um pouquinho de seu verdadeiro show se formar em seus olhos quando ela olhou diretamente para ele. — Nós temos algo a discutir.

Ele cambaleou para trás da porta, e ela o seguiu para dentro, pegando-o pelo braço e o levando à cadeira que era claramente o seu lugar preferido para se sentar.

O coração vibrou momentaneamente, apenas um enfraquecimento temporário dos membros, depois que ele teve um breve vislumbre dela. Ele precisava estar em boa saúde para o teste.

Ela tirou o gorro de lã. Seus cabelos pretos com fios vermelhos caíram ao redor de seus ombros, enrolando e em movimento. Ela tirou o pequeno frasco de um bolso interno com zíper do casaco, e segurou o frasco para Darrell ver.

— Tome dois, — disse ela. — Coma.

— Por quê?

— Você pode escolher entre o açúcar ou a isso. — Olhando novamente em seus olhos, ela deixou a máscara da morte humana em seu rosto um pouco mais.

Darrell se molhou.

Ela agitou o frasco. — Dois.

Ele pegou dois torrões de açúcar, e os colocou na boca, mastigou cada um, e depois engoliu. Ela trouxe seu rosto de volta para a imagem que os seus clientes e os *indigenes da terra* estavam acostumados a ver, mas seu cabelo se manteve na cor da morte com aqueles poucos fios em vermelho.

Enquanto ela o observava, ela deixou dois torrões de açúcar no chão perto da cadeira de Darrell. Ela não teve que esperar muito tempo. Ela aumentou o volume da televisão para abafar seus gritos, e duas vezes aqueles gritos eclipsaram o som.

Alguém começou a bater na porta, gritando: — O que está acontecendo aí dentro? Nós vamos chamar a polícia!

Intrometido, pensou Tess, irritada. E porque ela estava irritada, ela enfiou seu gorro de lã no bolso do casaco e saiu do apartamento, deixando a porta aberta. Ela manteve os olhos afastados, mas sua verdadeira forma estava perto da superfície, e seu cabelo enrolado atraia os olhos daqueles por onde passava. Saboreou o pouco de morte que tocou em cada pessoa que olhava para ela.

Ela andou e andou e seu cabelo ainda estava preto, mas estava começando a relaxar. Ela ainda manteve seus olhos desviados, pois ainda

passava alguns carros, e mesmo não olhando na direção deles, ainda havia muito poucas pessoas a pé.

Um homem parado contra uma porta a viu e deu um passo em sua direção. Ela não sabia se ele pretendia roubá-la ou estuprá-la. Ela não se importava. Com ele, ela poderia saciar sua fome.

Ela o olhou nos olhos e sustentou o olhar enquanto ele entrava em colapso. Ela andou em torno dele e continuou. Eventualmente, quando o frio estava mais intenso que a sua raiva, ela colocou o cabelo sob o gorro de lã, caminhou até o ponto mais próximo, e pegou o próximo ônibus para casa.

****

Na tarde de Firesday, Monty estava em sua mesa, desfrutando de uma xícara de chá quente enquanto lia os relatórios. Ontem à noite, o *ataque dos ovos* tinha parado, principalmente porque os supermercados tiraram ovos das prateleiras e os pequenos mercados de bairro só estavam vendendo o estoque apenas para clientes adultos, e conhecidos. Os fogos de artifício ainda estavam acontecendo aqui e ali, e alguém tinha ateado fogo em uma seção de cercas que os *Outros* tinham colocado como uma tela de privacidade entre o Pátio e a Parkside Avenue. Alguns homens montados em snowmobiles em Lakeside Park afirmaram ter visto duas pessoas saindo do local, dirigindo uma caminhonete, pouco antes de um dos pilotos verem as chamas.

O fogo engolfou os arbustos, principalmente porque nenhum dos homens no snowmobilers se lembrou de levar um telefone celular com eles, e nenhum motorista que passava tinha pensado em relatar as chamas. Quando os bombeiros chegaram, não havia nada para eles fazerem, porque alguma coisa havia rasgado e arrancado os arbustos em chamas, e tirado uma seção inteira da cerca de ferro do Pátio, e quase meio metro neve caiu no local, entre as estradas de northbound e de Parkside Avenue, deixando o tráfego interrompido.

O dano foi consistente como um tornado, embora cada meteorologista que Monty ligou naquela manhã jurou que não havia indicação alguma de um padrão de tempo assim, e mesmo que *tivesse* sido alguma coisa, seria algo simplesmente *não natural*.

Ele pensou nisso, usar um tornado para apagar um incêndio, mas foi um lembrete desagradável de que os seres humanos não sabiam e nem conheciam a metade dos seres que moravam no Pátio, e os observava.

A quebra da cerca incomodava porque era outro ponto de entrada, juntamente com o buraco causado por um *acidente* no meio-fio na noite passada, que perfurou um buraco na cerca que corria ao longo da Main Street. Dois acidentes diferentes e dois atos aleatórios? Ou eram as mesmas pessoas?

Monty estremeceu. Havia muitos atos aleatórios recentemente. E que o fez se perguntar se alguém estava tentando causar problemas.

Eu acho que não sou o único a pensar assim, ele pensou quando o Capitão Burke abotoava o paletó para sair, mas antes, se aproximou de sua mesa. Burke parou, sem olhar para Monty enquanto ele colocou as luvas.

— Pegue seu casaco, Tenente, — Burke disse em um tom tão baixo que Monty teve certeza que ninguém mais ouviu. — Nós vamos dar uma caminhada. Eu te encontro lá fora.

Ainda mais desconfortável, Monty deu um leve aceno e saiu com Burke da estação.

— Vamos caminhar um pouco, — Burke disse, dirigindo-se pelo quarteirão.

— Algum lugar em particular? — Perguntou Monty.

— Apenas nos afastar. Você está com o seu telefone celular?

— Sim, senhor.

— Boa. Agora o desligue.

Oh, deuses.

Eles caminharam dois blocos, em seguida, quando passaram três quadras, Burke falou novamente.

— Eu recebi um telefonema do Capitão Zajac há poucos minutos. Você se lembra de Darrell Adams?

Monty assentiu. — Ele trabalhou para o Consulado e foi demitido há poucos dias.

— Ele morreu na noite passada. Parece que ele comeu um pouco do açúcar envenenado, uma vez que dois torrões de açúcar foram encontrados perto da cadeira de onde ele entrou em colapso.

Eles caminharam outro bloco antes que Monty fosse capaz de falar. — Como nós não os ajudamos, os *Outros* fizeram o seu próprio teste na pessoa que eles acreditavam ser a responsável?

— Eu não acho que o Sr. Adams teria saído do Courtyard *vivo* se os *Outros* acreditassem que ele fosse o único que tentou envenenar alguns deles. Mas ele não foi escolhido ao acaso.

— Será que o laboratório deu prioridade ao nosso caso agora, depois desta morte? — Perguntou Monty.

— Quem sabe, Tenente. Não queria soar tão amargo, — Burke disse levemente. — Mas eles têm uma boa razão para dar prioridade. Os policiais que responderam a chamada estavam confirmando uma morte suspeita, mas após o que foi encontrado, Zajac está com medo até os dedos dos pés, porque ele não sabe mais quantas mortes podem seguir.

Monty franziu a testa. — Eu não entendo.

— Estamos assumindo que Adams comeu um pouco do açúcar. Ele está morto. Mas um dos vizinhos disse que alguém bateu na porta dele, e quando ele olhou para a mulher, o braço esquerdo e ombro ficaram dormentes. Ele foi levado para o hospital. Nenhuma lesão, nenhum ferimento, mas os músculos do braço e do ombro estão mortos. Outro vizinho, uma velha senhora afirmou ter visto a mulher chegar, e essa mulher a olhou brevemente, a tempo de vê-la sair, essa idosa está agora com um *olho morto*. Nenhum sinal de lesão, nenhuma explicação. Pouco depois, as pessoas começaram a aparecer nas salas de emergência do hospital, alegando falta de ar ou tonturas ou dores no peito ou uma fraqueza repentina em seus membros. Nesta manhã, a maioria se recuperou sem qualquer explicação que justifique os sintomas

físicos. A única coisa que eles têm em comum é que estavam perto do apartamento de Adams na noite passada.

— Como estão os oficiais que responderam a chamada? — Apesar do frio, Monty percebeu que estava suando.

— Eles estão bem. — Burke fez uma pausa enquanto esperavam pelo semáforo mudar. Quando atravessaram a rua, ele continuou. — Um homem e seu filho estavam entrando quando a mulher estava saindo. O homem diz que teve um vislumbre dela e imediatamente virou as costas, colocando-se entre ela e seu filho. Ele também colocou a mão sobre os olhos do menino. Ele disse aos policiais: — Nós não olhamos para ela. Lembrei dos mitos, e nós não olhamos. — O homem não quis dizer mais nada aos oficiais, e Zajac está compreensivelmente relutante em fazer mais sondagens.

— Ele não iria querer saber? Mitos? Será que a universidade tem alguém que pudesse encontrar a fonte do mito?

— Não, ele não quer saber. E nós também não. — O olhar de Burke alertou Monty que ele falou sério.

— Sabe, quando algumas pessoas dizem: 'Se olhares pudessem matar'? — Burke perguntou depois de um momento. — Bem, parece que há algo entre os *indigenes da terra* que tem a capacidade de fazer exatamente isso.



CAPÍTULO 24

"... AS AGÊNCIAS CLIMATOLÓGICAS em vigor avisam para encerrarem as viagens até as seis horas de amanhã. A WZAS não recomenda nenhuma viagem desnecessária. Gostaríamos de informá-los antes do anúncio oficial da prefeitura. Portanto, estoque o seu leite, o papel higiênico e se mantenham em casa, pessoal. Já temos várias polegadas de neve nas ruas, e ainda chegará mais. As projeções atuais indicam que toda a cidade de Lakeside poderia aumentar esse volume de neve, antes mesmo da chegada da tempestade, e nós não temos nem condições de pensar sobre a possibilidade dos desvios. O vento frio poderá diminuir ainda mais a temperatura esta noite. Nós vamos ter uma lista completa do que fecha em meia hora. Aqui é Ann Hergott trazendo-lhe as notícias do tempo, quer você goste ou não. E agora, vamos ouvir um clipe de sucesso do ano passado, vamos ouvir o hit single 'If Summer Never Comes'."

Monty desligou o rádio e colocou o casaco e as botas. Ele não estava de serviço hoje, mas todos estavam de plantão. Ele tinha visto algumas tempestades ruins durante os anos em que morou em Toland. Houve até algumas vezes que a *Big City* tinha fechado por um dia. Mas quando ouviu Kowalski, Debany, e MacDonald ontem, homens que tinham morado em Lakeside toda a sua vida, ele percebeu que ele

ainda não tinha visto uma tempestade *considerada* ruim. E todos estavam se preparando para uma *ruim.*

Verificou para ter certeza de que tinha as chaves, e foi para fora.

Nuvens negras estavam empilhadas como pedras enormes, como se esperassem cair no mundo. Enquanto estava ali, sua pele ardeu por causa do frio, a neve caía mais rápida e mais grossa. Um arado tinha passado mais cedo, mas a rua estava cheia de neve novamente. E o fez se perguntar se alguma coisa ia ser capaz de entrar ou sair da sua rua em uma ou duas horas.

Voltando ao seu apartamento, ele ligou para Kowalski.

— Qual é a sua opinião sobre esta tempestade? — Ele perguntou quando Karl respondeu.

— Está vindo mais rápido do que o esperado, — Karl respondeu. — Acabei de ouvir no rádio que o centro está fechando, e todos os eventos sociais desta noite foram cancelados. O tráfego já está começando a parar por causa da quantidade de neve nas estradas, e vai ficar pior.

— Os arados?

— Vão fazer o que puderem para manter a rua principal aberta, mas não há muito que fazer até que a tempestade passe.

Monty pensou por um momento. — Nesse caso, eu vou embalar um saco para passar a noite e pegar um táxi até a estação enquanto ainda posso chegar lá. E você?

— Você terá uma melhor chance de conseguir um táxi se disser ao motorista que vai encontrá-lo na esquina, já que você mora afastado das ruas principais. Eu acho que nenhum taxista vai tentar conduzir em qualquer rua residencial neste momento. Há muita chance de ficar preso. Eu e alguns outros caras estamos ajudando a desenterrar alguns vizinhos que tiveram que se apresentar ao trabalho. O pessoal médico ajuda com as emergências e os bombeiros estão sendo chamados. — Hesitação. — Na verdade, eu pensei que você estava ligando para me dizer para sair.

Por que isso seria um problema? Monty perguntou e havia algo sob as palavras dele. Mais do que o clima. Estava tendo a impressão de que Kowalski estava resistindo a sair de casa por tanto tempo quanto possível.

— Eu tentei ligar para as pousadas e hotéis mais próximos do Lakeside Park, mas acho que algumas linhas de telefone já foram desligadas, porque eu não tive resposta.

Monty suavizou sua voz em resposta à preocupação de Karl. — Essa é uma preocupação, mas existe um problema imediato?

— Um grupo de homens está na cidade para uma espécie de reencontro. Eles têm snowmobiles. Achei que poderia localizá-los e ver se eles podem fazer algum serviço voluntário.

— O que você não está me dizendo, Karl?

— Nós não achamos que a tempestade fosse chegar tão rápido, então Ruthie foi à *Run & Thump* para trabalhar, e, em seguida, ia parar na mercearia do Market Square para pegar algumas coisas. — Kowalski hesitou. — Ninguém está respondendo na *Howling Boas Leituras* ou na *Bite*, e eu não estou conseguindo me comunicar com a Ruthie. Estamos a poucos quarteirões do Courtyard, mas não tenho certeza se Ruthie pode chegar em casa neste momento.

Monty observou um carro saindo lentamente da rua dele. — Karl? Eu tenho que ir. Continue procurando os caras com os snowmobiles. Eu vou ficar com o meu celular, então me avise quando você fizer contato com a Ruth.

— Vou avisar. — Kowalski desligou.

Monty rapidamente arrumou uma mala, pediu que um táxi o encontrasse no final da sua rua, e se dirigiu para a tempestade.

****

Ásia encostou o seu carro de aluguel perto da neve que entupia o estacionamento do Pátio, determinada a criar um caminho para sua fuga, uma vez que ela pegasse o filhote de Lobo. Ela teria preferido estacionar

em frente, mas todas as vagas perto do *Hart and Hare* estavam cheias, e quando ela passou por todas as vagas disponíveis para os clientes das lojas dentro desse bloco, ficou óbvio que apenas o último carro poderia tentar sair sem ficar atolado, e mesmo assim era duvidoso.

Ela ligou o motor, e girou os pneus, em seguida, colocou o pé no acelerador e tentou colocar o carro em sentido inverso, para conseguir apoio suficiente no meio fio e tentar sair do local. Ignorando o arranhão na traseira do carro, o que acabou com a perda do seu para-choque traseiro quando ela inverteu a posição, ela colocou a alavanca de câmbio no ponto neutro e ligou o motor novamente. O carro patinou e acabou preso, bloqueando completamente os outros carros no estacionamento.

Xingando vigorosamente, Ásia bateu com o punho no volante. Pedaço de merda! Ela tinha *comunicado* à locadora que precisava de um carro que poderia lidar com a neve, e eles a asseguraram que este modelo seria o ideal, na *maioria* das condições.

Na maioria das condições, minha bunda! Ela pensou quando alcançou o pacote com os itens no banco de trás. Depois de retirar o martelo de alpinismo, ela colocou as tiras sobre os ombros, em seguida, saiu pela parede de trás do estacionamento.

Tentou abrir primeiro o portão de madeira, esperando que os *Outros* não tenham se preocupado em trancá-lo. Não teve essa sorte. Mas havia muita neve amontoada, ela poderia escalar até o topo da parede. Seria fácil subir.

Usando o martelo de alpinismo, ela se arrastou para cima do monte, então colocou uma perna por cima do muro e abaixou-se na neve empilhada no outro lado. Este lado do estacionamento não tinha sido limpo durante todo o dia, e os carros não iriam a lugar nenhum por enquanto. Ela deixaria um rastro, mas não podia se preocupar com isso agora.

Ela estudou o cadeado que prendia o portão de madeira que dava acesso entre os dois lados, e xingou. Teria de encontrar a chave para o cadeado. Ela não sairia do mesmo jeito que entrou; não com o cachorro a reboque.

Ela colocou um braço no muro e pulou, enquanto considerava o edifício de tijolos de um andar que ficava na fronteira do lado direito do estacionamento. A porta da garagem era comum. Ela tentou abrir a porta primeiro. Quando abriu, ela encontrou a garagem cheia de equipamentos de remoção de neve e ferramentas de jardinagem. Basicamente, as ferramentas de que precisaria.

Fechando a porta, para o caso de um dos *Outros arriscar* sair nesse frio, Ásia pegou uma pequena lanterna do bolso do casaco e acendeu a luz ao longo da parede interna. Ela sorriu ferozmente quando viu o painel com as chaves. A última chave na fila estava com um laço e uma etiqueta com a palavra CADEADO escrita.

Pegando a chave, ela correu para fora e abriu o cadeado, em seguida, jogou o cadeado por cima do muro para garantir uma saída rápida. Ela colocou a chave de volta em seu lugar, então verificou as outras chaves. Uma delas era do carro elétrico!

Sim! Pensou, e embolsou a chave. Darrell tinha dito que uma chave encaixava em todos os outros, então tudo o que tinha a fazer era encontrar um daqueles pequenos veículos.

A parede oposta da garagem de manutenção tinha uma configuração inversa de portas. Ela caminhou até a outra porta, em seguida, desligou a lanterna e abriu a porta apenas o suficiente para olhar para fora e confirmar que era a mesma garagem que ela tinha visto quando ela passou a noite com Darrell.

O mensageiro tinha adiantado o calendário da invasão quando se tornou claro que a tempestade seria pior do que o previsto e tinha atingido a cidade mais rápido do que originalmente foi relatado. O único problema com o novo calendário era que Meg ainda não tinha fechado o escritório. Quando o mensageiro e seus homens criassem as distrações que levariam Simon Wolfgard e os outros para várias partes do Courtyard, Meg deveria ficar escondida em seu apartamento no Complexo Verde, muito mais segura, confortável e fácil de agarrar.

Levantando as mangas do casaco e camisa apenas uma polegada, Ásia verificou o mostrador luminoso de seu relógio. Apenas três e meia

da tarde, mas já estava escuro por causa da tempestade, e isso iria trabalhar a seu favor.

Ela recuou, quase fechando a porta quando a porta de trás da livraria abriu e ela ouviu Simon dizer: — Diga-lhe para esperar. Eu voltarei em um minuto.

Ela o observou dar alguns passos em direção ao escritório da Liaison, e ela o viu parar quando algo chamou sua atenção. Ele ainda permaneceu parado por um momento, em seguida, continuou a andar até a porta de trás do escritório.

Verificando seu relógio de novo, Ásia acomodou-se para esperar.

****

Assim que Simon entrou na sala dos fundos do escritório, ele pôde sentir a energia inquieta de Nathan, e a voz de Meg. Ela estava falando com alguém, mas achava que não era com o Lobo.

<*Nathan?*> Chamou.

<*Eu quero ir para casa,*> Nathan disse, parecendo nervoso. <*Devemos ir para casa.*>

<*Você pode não chegar tão longe até o Complexo Wolfgard, mas estamos deixando esta parte do Courtyard.*>

<*Bom. Precisamos da toca.*>

Eles certamente precisavam ir para casa e descansar. Ele tinha fechado a HBL meia hora atrás, e Tess tinha feito o mesmo na *Bite*, mas ele ainda estava ruminando sobre o que fazer com os seus empregados humanos, especialmente os mais próximos de Meg, os considerados amigos. Ele não podia simplesmente deixá-los na porta para irem para casa. Não quando ele podia olhar para fora das janelas do HBL e ver o engarrafamento que já tinha se formado, e ainda iria piorar.

Alguns meses atrás, ele teria apenas fechado à loja e não dado nenhum pensamento sobre o que fazer com Merri Lee e Heather. Elas eram seres humanos *não* comestíveis, porque eram úteis, e isso era tudo o que significavam aos *indigenes da terra*. Mas de alguma forma, elas se

tornaram a matilha humana da Meg, então agora elas eram membros limítrofes do pátio e, portanto, sob a sua proteção.

Ele não gostava de pensar nos seres humanos assim.

Bem, ele iria lidar com Merri Lee e Heather. Mas primeiro ele tinha que lidar com Meg. E isso significava lidar com Nathan.

<*O que há de errado com você?*> Ele perguntou andando pela sala de triagem. Meg estava no balcão da frente, de costas para ele. Nathan estava com as suas patas dianteiras sobre o balcão e parecia mal-humorado, o que não era uma boa maneira para um guarda parecer, quando não havia nada por perto que ele pudesse apanhar e comer.

<*Ela!*> Nathan respondeu. <*Ela está inquieta e fica esfregando sua pele como se tivesse pulgas. Eu tentei cheirar para ver se ela estava com sangramento, e ela me deu um tapa!*> rosnando suavemente, ele olhou para Meg e levantou uma pata.

— Isso não é um problema, — Meg disse com alguém ao telefone, distraidamente empurrando Nathan quando ele tentou golpear o telefone para desligar a chamada. — Pode entregar na Moonsday. Você deve ter cuidado ao dirigir lá fora. Obrigado. Você também. — Ela desligou e balançou o dedo para o Lobo. Então ela notou Simon e corou.

<*Você vê?*> Nathan exigiu. <*Faça-a ir para casa.*>

Meg estava inquieta e esfregando sua pele? Ela estava sentindo o formigamento que indicava uma visão em potencial, ou a tempestade a estava deixando inquieta como o resto deles? Ele não se importava por que ela estava inquieta. Ele iria afastá-la desta parte do Courtyard.

— Você vai fechar agora, — Simon disse, fechando a entrada privada e não lhe dando espaço de manobra.

— Eu estou tentando fazer exatamente isso. Seria mais fácil se eu não tivesse *tanta* ajuda, — Meg respondeu, soando como se estivesse pronta para morder alguém.

Nathan reclamou e deu a Simon um olhar suplicante.

Foi embaraçoso ouvir um dos melhores Executores do Courtyard lamentar como um cachorrinho.

— Eu verifiquei todos os serviços de entrega que normalmente vêm em Watersday na tarde, — disse Meg. — A maioria deles não tinha nenhuma entrega para o Courtyard hoje, e os que tinham, eu disse para entregarem na Moonsday. Além disso, Harry disse que todos os serviços de entrega ligaram alguns minutos atrás, para me dizer que uma proibição de circulação acabou de ser emitida para toda a cidade. Nenhuma viagem desnecessária. Então eu estou quase pronta para ir.

— Mas...? — Ele a podia ler bem o suficiente agora para saber que havia algo mais.

Ela respirou fundo e soprou o ar. — Duas coisas, a carga do meu carro estava baixa quando voltei do almoço. Eu não tenho certeza se ele tem carga suficiente para a viagem para casa, e também não tenho certeza se posso dirigir com a neve tão alta assim.

— Você não vai dirigir. Jester vai estar aqui com um pônei em poucos minutos.

Meg se iluminou. — Vamos andar no trenó?

Ele balançou sua cabeça. — Só os Elementais podem conduzir o trenó. Jester está trazendo um trenó menor. É grande o suficiente para caber você e Nathan. Vou levar o carro de volta ao Complexo Verde. Se a carga acabar, eu vou mudar e farei o resto do caminho de casa em forma de Lobo. — Nenhum protesto dela. Provavelmente porque ela queria andar no trenó. — Qual é a outra coisa?

Agora ela parecia desconfortável, como se ela estivesse prestes a bater em sua cauda. — Merri Lee pega um ônibus para o trabalho. — Ela virou o suficiente para olhar para a neve caindo e caindo e caindo.

Simon relaxou contente que tinha previsto isso. — Ela não vai para casa. Nem Heather. Elas podem pegar um pouco de comida na Carne Verde ou na mercearia, e podem ficar nos apartamentos dos funcionários esta noite. Vou conversar com Lorne e ver se ele quer ficar também. Marie Hawkgard vai ficar para vigiar e Julia também ficará por lá.

Ela abriu a boca, e ele esperava que ela dissesse que iria ficar com seus amigos nesta parte demasiada exposta do Courtyard. Mas quando ela olhou para ele, toda a cor saiu de seu rosto.

— Eu preciso chegar em casa, — ela disse calmamente. — Hoje à noite eu preciso chegar em casa.

— É por isso que Jester está vindo com o trenó. — Simon estudou seu rosto. Por que ela parecia tão pálida, tão assustada? — Meg?

Ela balançou a cabeça. — Eu preciso ir ao banheiro.

Preocupado com o que ela poderia fazer naquela sala, ele rosnou, — *Meg?*

— Eu não posso simplesmente levantar uma perna, como você faz, então eu tenho que fazer xixi antes de sair no frio, — ela virou-se para ele.

Ele deu um passo para trás, deixando-a passar. Mas também lhe deu uma cheirada rápida. Nathan estava certo; não havia nenhum cheiro de sangue fresco sobre ela.

Ele abriu o ferrolho para Nathan. — Espere por ela na porta de trás. Vou trancar.

Ele pegou as chaves da gaveta na sala de triagem e usou o ferrolho. Nathan tinha lhe dito que Meg normalmente limpava o chão após a última entrega, porque o chão ficava escorregadio da neve trazida pelas botas dos entregadores. Ela não tinha feito isso, então ele deu um salto tranquilo sobre o balcão, sem correr o risco de escorregar e quebrar uma perna, ou na melhor hipótese, cair no chão.

Quando virou a placa para FECHADO, viu uma figura encapuzada usando uma parca verde e branca na porta. Ele considerou ignorar o ser humano, mas ele tinha visto essa mesma parca saindo do Pátio há alguns minutos.

Ao abrir a porta, ele rosnou, — O quê? — Antes de reconhecer a Ruthie, que parecia que estava tentando não chorar.

— Sr. Wolfgard, — ela disse, parecendo sem fôlego. — Eu estou feliz que eu te peguei antes de tudo se fechar. Meu carro está em seu estacionamento.

— Isso foi sensato. — Ficaria fora do caminho, e os Lobos adolescentes poderiam se divertir o cavando pela amanhã.

— Mas há um carro preso na entrada do estacionamento. O motorista não está no veículo, e eu não consegui contorná-lo.

Ele seguiu o rastro de suas palavras e percebeu que tinha chegado a uma conclusão diferente da que ela tinha. — Você vai ficar aqui. Vá para a porta de trás da livraria. Vou encontrá-la em alguns minutos.

— Mas...

— Vá para a porta dos fundos, — ele retrucou. — É hora de encontrar abrigo, não vá correndo na neve.

Depois de uma hesitação, ela concordou. — Obrigada.

Ele a observou até que teve certeza que ela estava indo na direção da porta de trás do edifício, em vez de ser tola e mergulhar na tempestade, como Meg tinha feito na primeira noite que chegou ao Pátio. O que havia de errado com as fêmeas humanas que não tinham sentido para encontrar abrigo?

Claro, se Meg tivesse encontrado abrigo em outro lugar em vez de tropeçar no Pátio, ela não iria encontrá-los, e ele nunca poderia tê-la conhecido. Então talvez Namid fosse sábia ao fazer com que as fêmeas humanas fizessem coisas tolas.

<*Estamos indo,*> disse a Nathan. <*Jester está levando Meg para a toca dela. Eu vou esperar por você lá.*>

Depois que se estabeleceram, Simon terminou de trancar o escritório. Ele enfiou a cabeça na Três Ps, tempo suficiente para dizer a Lorne para fechar e ir até a HBL. Então ele trotou para porta dos fundos da livraria. Colocou Ruthie para dentro, e encontrou o armazém cheio de confusão e de pessoas ansiosas. E havia Tess, que parecia divertida.

— Os carros estão presos no estacionamento, e vocês duas não vão embora, — ele disse, apontando para Ruthie e Heather. Em seguida, ele apontou para Merri Lee. — E pegar um ônibus hoje à noite é tolice. Então você está hospedada também. Vamos abrir os apartamentos de cima e trazer comida para vocês. Vocês terão abrigo. Marie e Julia Hawkgard também vão ficar aqui esta noite.

— Eu tenho uma caixa de chocolates e alguns filmes, — disse Ruthie. — Eu descobri que seria uma boa noite de cinema.

— E quanto às outras pessoas que possam estar presas? — Perguntou Merri Lee.

Ele balançou sua cabeça. — Alguém está tentando machucar os *indigenes da terra*. Os estranhos vão encontrar abrigo em outros lugares. Eles não estarão seguros aqui.

Enquanto Tess foi até o escritório de Simon para buscar as chaves dos apartamentos, John falou com Simon no canto.

— Eu posso ficar, — ele disse. — O Falcão ficando aqui é bom, mas um Lobo guardando a porta será melhor.

— Tudo certo. Pegue o trenó de entrega e vá até a Carne Verde. Obtenha comida suficiente para todos esta noite. — Quando a porta se abriu, Simon acrescentou: — E leve Lorne com você.

Quando tudo ficou resolvido, ele subiu as escadas até seu escritório no mesmo momento que Tess estava saindo.

— Eu vou sair no carro da Meg em poucos minutos, — ele disse. — Você quer uma carona?

Seu cabelo castanho estava torcendo em cachos, em seguida relaxou. Era um sinal de indecisão. Finalmente, ela balançou a cabeça. — Eu vou manter um olho sobre esta parte do Pátio.

— Eu não quero que fiquemos dispersos. — Ele não achava que ela estaria disposta a partilhar o quarto com alguém durante a noite, e mesmo que eles estivessem à vista, os quartos acima do Gabinete do Liaison ficavam muito longe de qualquer tipo de ajuda. Ele não queria ninguém do seu povo isolado.

— Eu vou ficar bem, — ela respondeu. — Eu tenho uma muda de roupa na loja. Eu tinha planejado levar alguns livros da nossa biblioteca e desfrutar de um dia de neve para ler, então eu só vou pegar um par de livros das prateleiras do HBL em vez disso. Eu poderia até assar um lote de biscoitos e me juntar às meninas para assistir um filme.

Tudo parecia normal e razoável, e foi por isso que ele não acreditava nela. Esta era Tess; e ela raramente se interessava em coisas normais e razoáveis.

— Tudo bem, — disse Simon. — Eu posso...

— Pare de soar como uma enfermeira de matilha tentando manter os filhotes em um só lugar. Vá para casa e trabalhe para *impedir* que o seu próprio filhote sem cérebro brinque do lado de fora em uma tempestade de neve.

Se ela ia falar *desse* jeito...

— Eu vou levar os seres humanos para os apartamentos, — ele disse sem levantar mais polêmicas sobre ser chamado de *enfermeira* da matilha. Ele estendeu a mão. Ela deixou cair o molho de chaves para ele.

Quando voltou lá embaixo, Heather e Ruthie estavam retornando da frente da loja.

— Eu finalmente consegui falar com Karl, — disse Ruthie, sorrindo para todos eles. — Ele aprecia que o senhor vai me deixar ficar aqui.

Simon não conseguia pensar em uma resposta adequada, então levou o seu bando de seres humanos tagarelas para os apartamentos. Ele tinha aberto algumas lojas em Courtyard, a fim de estudar os seres humanos mais de perto, para *assisti-los*, como Elliot vigiava os que estavam no governo da cidade. Passar um tempo com alguns deles fazia tudo isso parecer... pessoal. Os seres humanos e os *indigenes da terra* não deveriam ser *amigos.* Não parecia certo.

Mas, de alguma forma, parecia que ele tinha feito exatamente isso.

****

Meg queria saborear seu primeiro passeio em um trenó puxado por pônei, mas o vento estava forte, deixando a neve mais intensa, tornando difícil desfrutar de qualquer coisa, além da perspectiva de chegar em um lugar quente e seco e agradável. Então ela estava amontoada na parte de trás do trenó com Nathan enquanto Jester estava

no banco da frente, tão empacotado que ela mal o reconheceu. O único deles que parecia estar se divertindo era Tornado, cujo arnês de sinos tilintava, e cujos pés faziam girar a neve ao redor dele enquanto trotava pela estrada.

Ele poderia remover a neve tempo suficiente para fora da estrada para alguém dirigir um carro elétrico por todo o caminho para o Complexo Verde, pensou Meg. *Enquanto não esperem muito tempo.*

Faria alguma diferença? Como seria fazer a diferença? Ela se sentia nervosa, com coceira desde que a neve começou a cair, deixando Nathan louco porque ele pegou o seu humor, mas não entendia a fonte. Nervosa e com coceira, mas o verdadeiro formigamento sob a pele começou até que ela viu Simon.

— Chegamos, — disse Jester, se torcendo no banco.

Nathan se mexeu no trenó e saltou, em seguida, esperou por ela pegar os sacos contendo os alimentos que ela havia comprado durante a sua pausa para o meio-dia. Ele passou à frente dela, fazendo uma trilha, pelo o qual ela foi grata. Ela não ficou tão grata quando ele parou em suas escadas, e mudou para metade homem estranho, e a forma perturbadora de meio-Lobo, antes de pegar um dos sacos de transporte, e subir as escadas com ela.

As escadas estavam enterradas sob a neve, e teria sido difícil para ela transportar os dois sacos, porque ela não podia ver onde colocar seus pés, e ele *estava* tentado ajudar. Ainda assim, ela evitou olhar diretamente para ele e para as *partes* que não foram adequadamente cobertas com o pelo enquanto ela abria a porta da frente, tirava a neve que podia, e entrava.

Empurrando o saco de transporte em sua mão, ele imediatamente voltou para a forma de Lobo.

— Você quer entrar? — Ela perguntou.

Sua resposta foi se escolher em um local ao lado da treliça em sua varanda, onde ele teria alguma proteção contra a neve e o vento, e onde qualquer pessoa que subisse as escadas não fosse vê-lo.

Deitou-se e deu-lhe um olhar de *'não vai fechar a porta?'.* Então ela fechou a porta, tirou suas roupas de inverno molhadas, e as pendurou no banheiro para escorrer.

Ela colocou a comida na geladeira e armários, e se perguntou se alguém poderia pensar em verificar se havia algo para comer antes de tudo estragar.

As profecias e as visões não funcionavam da mesma forma no mundo exterior como aconteciam no composto. Suas próprias experiências, suas próprias memórias forneciam o contexto. Foi por isso que quando viu Simon parado na porta privada, ela escorregou nesse tipo estranho de visão que não exigia um corte.

Pele. E dentes. E um frio terrível. Em seguida, flashes das imagens lembradas das visões que tinha visto sobre o Courtyard. Uma tempestade. Homens vestidos de preto. Um som, como motores e vespas. A estrada mais ao interior, perto da casa de Erebus Sanguinati. Sam uivando de terror. Um quarto branco com aquela cama estreita. E Simon Wolfgard.

Ela poderia mover as imagens com nas peças de um *quebra-cabeças,* alterando a sequência e à procura de pistas. Ela poderia salvar Sam. Se ela seguisse uma sequência de imagens, o que podia fazer muito. Depois disso? Ela não ia ceder. Ela não ia entregar seu corpo como se fosse propriedade de outra pessoa. Ela iria lutar duramente, o quanto pudesse e pelo tempo que ela durasse. A única coisa que ela iria ganhar com essa luta era o seu próprio direito de *ser* uma pessoa, em vez de uma *coisa*, porque o fim daria no mesmo.

Este era o início da profecia que vira sobre si mesma.

Esta era a noite em que ela ia morrer.



CAPÍTULO 25

VELOCIDADE BAIXA e estável, Monty pensou enquanto o táxi trafegava na Whitetail Road. *Lento e constante.*

Toda vez que eles paravam em um semáforo, ele ouvia o *zzzzzeeeeeeeee* dos pneus girando e deslizando, quando os carros tentavam obter tração suficiente para se moverem pelo cruzamento e continuar. Quando finalmente chegaram à intersecção da Chestnut Street e ficou claro que eles iriam esperar por várias mudanças de semáforo antes de o táxi ser capaz de fazer a volta, Monty disse: — Eu vou descer aqui, — e pagou ao condutor.

— Eu acho que nós vamos passar por esta tempestade muito bem, — disse o motorista quando Monty saiu. — Parece que a neve está terminando de cair.

****

Ásia ouviu o *brrmmm putt putt* de um carro elétrico rosnando através da neve. Em seguida, ela chamou o mensageiro especial.

— Simon Wolfgard está dirigindo para o Complexo Verde, a propriedade do seu benfeitor já deve estar lá. Parece que alguns funcionários vão passar a noite nos apartamentos acima das lojas, mas não há ninguém na parte de negócios do Courtyard que pode interferir em seus planos.

— Estamos em posição. O *Hart and Hare* ainda está aberto e cheio. Você pode misturar-se lá. Assim que tivermos readquirido a propriedade, vamos sair da cidade. Eu te ligo.

Talvez ele fosse ligar, mas ela tinha a sensação de que poderia ser convenientemente deixada para trás. Isso era bom. O mensageiro e seus homens eram apenas o desvio que ela precisava para adquirir o filhote de cachorro e sair do Pátio antes que os *Outros* soubessem o que aconteceu.

Ela esperou mais um minuto, em seguida, saiu da garagem de manutenção e correu para a garagem que mantinha o carro elétrico que Darrell tinha conduzido na semana passada.

O espaço estava vazio, mas quando ela abriu a porta ao lado, entrou em uma garagem que continha um desses carros. Ela tirou o veículo da fonte de alimentação e entrou. O carro resmungou quando ela girou a chave, mas o motor pegou. Ela localizou os controles para as luzes e os limpadores. Quando acendeu as luzes, ela notou que a barra de energia mostrava uma carga de trinta por cento.

Ela não conseguia se lembrar de quanta carga o carro tinha usado na noite que Darrell tinha conduzido para o Complexo Verde, e isso a incomodava. Ásia Crane, Investigadora Especial, iria lembrar-se desse tipo de detalhe apenas olhando para o painel de instrumentos.

Vai ser o suficiente para ir e voltar, Ásia pensou quando apagou as luzes e saiu da garagem. *Afinal, eu não sou a única que pode seguir uma trilha.*

Colocando o carro na trilha deixada pelo veículo de Simon, Ásia dirigiu para o Complexo Verde para pegar o pedaço de pelo que ia deixar Bigwig e os outros doadores com de pilhas de dinheiro e fazer dela uma mulher muito famosa.

****

Uma rajada de vento empurrou o carro por pura brincadeira. Simon rosnou, incerto se essa rajada era simplesmente o Tempo ou se era Ar se divertindo. De qualquer forma, a direção mudou; o que significava que a tempestade estava se enrolando em torno da cidade em vez de continuar batendo nele. Esse amolecimento tinha que ser obra de Inverno, com a ajuda de Ar, mas ainda assim, estava um bom dia para chegar em casa e ficar *em* casa, e como amanhã seria Earthday,

a área de limpeza e de entrega do estacionamento poderia ser feita sem pressa. E ele gostava da ideia dos Lobos cavando os carros presos em seu lote. Seria mais divertido do que estar em forma humana, usando uma pá.

Talvez eles pudessem deixar os pôneis...? Não, ele não estava pronto para incentivar os pôneis a revelarem sua verdadeira natureza e habilidades limpando a neve no lugar onde os seres humanos podiam vê-los. Mas dentro do Pátio era outra questão. Tornado, Ciclone e Furacão não eram forças pequenas, e eles poderiam trabalhar e ainda se divertirem. Ele podia dizer pelo jeito que a estrada foi limpa, que Jester tinha engatado um deles no trenó para que Meg fosse capaz de chegar a casa. E Blair tinha notado alguns funis de neve se movendo ao longo das estradas do interior do Pátio, na mesma velocidade de um trote de pônei. Os três pôneis estavam satisfeitos, porque eles não usavam muitas vezes suas naturezas nesta parte do Thaisia, e Blair estava contente porque ele não estava gastando muito tempo ou combustível para arar as estradas.

E Meg poderia conduzir em qualquer lugar que queria dentro do Pátio, sem ficar presa na neve, o que deixavam todos muito gratos.

Levou mais tempo do que o habitual, mas ele chegou ao estacionamento de visitantes no Complexo Verde e retardou a considerar. A pista para as garagens não foi limpa, e todos os veículos que estavam ali não sairiam para lugar nenhum por um dia ou dois. Isso deixava as trilhas em todas as estradas a partir do Complexo.

Alguém com membros grandes e poderosos conseguiu manter limpa a maior parte da neve no estacionamento de hóspedes, e Simon não tinha certeza se dois carros caberiam no espaço limpo e se teria espaço para os motoristas saírem, mas não havia muito espaço para ele, e mais ninguém estaria usando um veículo para chegar em casa. Em sua forma de fumaça, Vlad poderia viajar mais rápido com este clima do que qualquer outro *indigene da terra, exceto* os Elementais.

Ele estudou a neve ao lado do espaço livre. Em seguida, ele apagou as luzes do carro e deixou seus olhos se ajustarem. Com as luzes

acesas, parecia que o que estava ao lado do estacionamento era um redemoinho de neve. Mas no escuro, o redemoinho tinha uma forma.

Henry Beargard era um homem grande, e um Urso enorme. Mas quando Henry tomava a forma do Espírito do Urso, ele ficava ainda maior. E de pé sobre as patas traseiras, como estava agora, parecia que ele poderia arrancar as estrelas do céu.

<*Henry?*> Simon perguntou.

<*Thaisia está inquieta. Estou inquieto. Um tipo diferente de tempestade está vindo.*> Henry fez uma pausa. <*A primeira vez que Meg compartilhou uma profecia com a gente, ela viu uma tempestade.*>

Ele rosnou. Ela tinha compartilhado essas palavras com Henry, o guia espiritual do Pátio. E o Urso estava inquieto.

Henry caiu de quatro e afastou-se. <*A tempestade está falando. Devo ouvir.*>

Simon observou o grande Urso se afastar, sua forma visível apenas porque o Lobo sabia o que procurar. Ele estacionou o carro e olhou em toda a estrada, se perguntando se iria encontrar Sam em seu apartamento ou com a Meg. Então ele parou, e foi quando ouviu.

<*Tess?*> Chamou. <*Você mudou de ideia sobre ficar na Bite para esperar a tempestade?*>

<*Não,*> ela respondeu. <*Por quê?*>

<*Estou ouvindo outro carro vindo para cá.*> Nada lá fora agora, mas ele *tinha* ouvido.

<*Vou verificar as garagens e voltar para você,*> ela disse.

Ele correu para o seu apartamento. Quando colocou a chave na fechadura, Nathan disse, <*Sam está com a Meg.*>

Simon terminou de destravar a porta, mas subiu as escadas até o pórtico de Meg. O pelo de Nathan estava com uma leve camada de neve, tornando o Lobo quase invisível em seu local escolhido.

Nathan inclinou a cabeça. <*Simon?*>

Ele não teve a chance de responder antes de Tess chamar, <*Simon!*>

<*Reporte,*> ele disse.

<Outro carro foi retirado das garagens do centro de negócios. Quem o levou nem se preocupou em fechar a porta.>

<Blair vai mastigar a cauda de alguém sobre isso.> Um pensamento lhe ocorreu, formando um osso na garganta. *<Onde estão os seres humanos, autorizados a permanecer nos apartamentos?>*

<Eles estão nos apartamentos, fazendo lanches e escolhendo filmes para assistir.> Tess fez uma pausa. *< Encontrei trilhas, a maioria fresca, vindo da direção do nosso estacionamento de clientes. Um intruso pode ter subido num banco de neve e ter entrado no Pátio, e talvez tenha levado o carro também.>*

Um carro pequeno desses não faria bem a ninguém nas ruas da cidade, especialmente neste tempo, mas alguém poderia entrar no Pátio antes que as estradas que os pôneis abriram ainda não tivessem se fechado.

Simon voltou a descer as escadas. Nathan o seguiu. Eles ficaram perfeitamente imóveis, escutando.

****

Jester olhou para os estábulos, em seguida, para os grandes flocos de neve, que seriam mais bonitos se não houvesse tantos deles.

Os doze pôneis estavam justos em suas baias, pensou. *E um Coyote iria se aconchegar logo, logo na palha com eles.*

Nenhum ponto em ir para o Complexo Verde. Ele tinha tudo o que precisava aqui. E ele queria manter um olho sobre os pôneis, especialmente no Furacão, que estava meio idoso, e não estava tendo facilidade em fazer o seu caminho pela neve. Isso era algo que ele precisava mencionar para Inverno. Os corcéis dos Elementais demoravam a alcançar a velhice, mas mesmo o seu tempo no mundo chegava ao fim, e o seu lugar seria tomado por jovens que enchiam o mesmo nicho. Ainda assim, nunca era fácil quando um pônei chegava à sua hora, e Furacão era o favorito de Ar e Água.

Ele começou a fechar a porta quando ouviu um som e saiu para identificar a direção. Um motor, sim, mas não um carro ou qualquer outro veículo usado no Pátio.

Arreganhando os dentes, Jester mudou seus ouvidos à sua forma Coyote para pegar melhor os sons. Mais de um veículo motorizado.

Meg não tinha dito algo sobre motores *Buzzy*? E agora que ouvia de forma ligeiramente diferente, ele percebeu que *tinha* ouvido esse som ao redor do Pátio ao longo dos últimos dias. *Mas não dentro do Pátio.*

<*Intrusos!*> Gritou.

Sua própria advertência foi eclipsada por uma explosão vindo da direção do Complexo Utilities.

****

Simon ouviu a explosão, identificou a direção, e gritou: <*Blair!*> Enquanto Nathan uivava um aviso.

<*Estamos sendo atacados!*> A incredulidade na voz de Blair rapidamente alterou para fúria. <*Eu vou lidar com estes intrusos.*>

<*Eles podem ter armas!*>

Nenhuma resposta. Não era necessária. Qualquer um que explodiria uma parte do Courtyard teria armas.

Outra explosão, o som mais fraco vindo do lado ocidental do Courtyard, o lado o mais próximo de Lakeside Park, o lado onde havia uma abertura na cerca por causa do fogo há alguns dias.

Uivos no oeste dos lobos respondendo a essa ameaça. Nathan ao lado dele, rosnando e inquieto, querendo apressar-se e ajudar da mesma forma *que ele* queria encontrar o inimigo e destruí-los.

Quando Simon se virou para dizer para Meg sair, Corvos estavam gritando sobre os atacantes. E então ele ouviu Jester gritar com raiva, <*O celeiro dos pôneis está pegando fogo!*>

****

Jester ouviu quando o Crowgard soou uma chamada para a batalha, ouviu quando o som do motor buzzy chegou mais perto e mais perto do Pony Barn. Ele viu quando a fumaça encheu o céu de inverno acima do Complexo Utilities e pensou: <*Blair vai rasgar a barriga de alguém por isso.*>

O que mais Meg tinha dito sobre os motores Buzzy? Homens vestidos de preto. Homens com armas. Sam uivando. Mas Sam não estava uivando. Muitos outros Lobos estavam, mas não o filhote, então...

Furacão saiu de sua baia na parte de trás do celeiro e galopou em direção à porta aberta, onde Jester estava de pé, seguido por Ciclone e Névoa. Um momento depois, uma janela foi quebrada, depois outra. E um momento depois...

— Fora! — Jester gritou para os pôneis quando o fogo de repente rugiu acima das camadas de palha em duas das baias. — Todos vocês, saiam! — Então ele acrescentou uma mensagem para qualquer um que pudesse ouvi-lo, <*O celeiro dos pôneis está pegando fogo!*>

Furacão saiu da porta principal.

Motores Buzzy. Tiros. Sangue pulverizado na neve quando Furacão caiu.

Jester uivou de fúria e correu para o pônei. Outro tiro quando ele mergulhou no corpo moribundo do Furacão protegendo-o da bala.

Todos os pôneis mudaram ao sair do celeiro. Mesmo parecendo cavalos, eles agora eram os corcéis dos Elementais, — e os gritos de raiva subiram de dentro do Pátio quando Furacão morreu... Vieram de Terra, Ar, Fogo, Água... e Inverno.

Ciclone e Névoa foram os próximos corcéis a saírem. Quando Névoa correu, ela instantaneamente velou a terra em todo o Pony Barn, enquanto Ciclone dava coices até a neve asfixiar, parecendo uma arma. Eles perseguiram os motores Buzzy, sem se preocuparem que a carne deles fosse tropeçar na neve profunda ou serem interrompidos pelas balas.

Areia Movediça e Tornado correram atrás de Névoa e Ciclone, enquanto Tufão e Maremoto correram para o Complexo Utilities, a neve

girando em um funil em torno dos cascos de um e subindo em uma crescente onda atrás da outra. Avalanche chutou a neve em torno do celeiro, quebrando uma das paredes do celeiro e liberando um rio de neve nas baias para abafar o fogo.

Ciclone e Névoa galoparam, indo para a parte ocidental do pátio. Trovão e Relâmpago foram os últimos dois que saltaram do celeiro, arranhando o céu com uma luz selvagem e um estrondo que sacudiu o chão.

— Espere! — Jester gritou para eles.

Eles viraram as costas, bufando e pisando.

Ele não sabia o que dizer a eles. Ele cuidava deles como o seu serviço para o Pátio, e eles o ouviam até certo ponto. Mas eles não eram dele para comandar.

Então ele não precisava decidir o que dizer a eles. Em uma voz cheia de fúria, Inverno disse, <*Coyote, traga o trenó para o lago.*>

****

Simon correu pelas escadas e quase bateu em Meg quando ele saltou para dentro de seu apartamento. Ele agarrou seus braços, ciente que Sam estava correndo para fora da cozinha. Os olhos do menino estavam brilhantes, mas Simon não teve tempo para considerar se o brilho era de excitação ou medo.

— Meg, eu tenho que ir. O Courtyard está sob ataque. Você e Sam fiquem aqui até eu voltar. Você me entende? *Fique aqui*.

— Vá, — ela disse. — Nós vamos ficar bem.

Ele desceu correndo as escadas, ele e Nathan trotaram em direção à frente. Então ele parou. As três entradas para o Pátio poderiam acomodar veículos quando as estradas estavam limpas. Alguém deve ter entrado pelo portão do Complexo Utilities para causar a explosão. Mas havia também os pontos quebrados do muro onde alguém poderia esgueirar-se. Alguém tinha entrado pela Parkside Avenue para causar a explosão na parte ocidental do pátio. O outro...

Rosnando, Simon se virou para Nathan. — O buraco na cerca da Main Street está entre as nossas lojas e o Complexo Verde.

<*Neve profunda,*> disse Nathan. <*Difícil de fazer uma trilha.*>

— Eles têm corredores onde podem colocar os seus pés. Esquis, — ele corrigiu, pensando na palavra humana. — E os trenós com os motores. — Buzzy, coisas irritantes, mas talvez úteis. — Eu vou encontrar Blair. Você verifica o buraco na cerca e certifique-se que nenhum desses macacos entre em nossa terra para tentar chegar *aqui.* — Ele olhou de volta para o apartamento de Meg.

Nathan decolou. Simon correu para o carro e se dirigiu para o Complexo Utilities a uma velocidade imprudente.

****

Meg esfregou as mãos suadas no jeans, em seguida, falou com o rapaz. — Vamos, Sam. Nós vamos ficar em sua casa até que Simon retorne.

— Mas eu quero ficar aqui, — Sam protestou.

Ela balançou a cabeça, incapaz de explicar até para si mesma, porque ela queria estar em um lugar onde a porta se abria para a terra, em vez de escadas.

Ele gemia baixinho enquanto ela o levava para fora da porta da cozinha até a entrada do segundo andar, no apartamento de Simon. Quando chegaram à sala de estar, ela se ajoelhou na frente dele, aquele rapaz de olhos cinzentos que a fez se perguntar se ela tinha irmãos mais novos. Ela nunca tinha ouvido falar de um homem *Cassandra de Sangue,* e, ultimamente, tinha começado a se perguntar o que acontecia com as crianças do sexo masculino que nasciam das meninas que os geravam. Eles eram abandonados? Mortos? Jogados em algum lugar para algum outro uso? Ela nunca saberia. Mas por pouco tempo, tinha havido alguém em sua vida que poderia ter sido seu irmão mais novo, e ela o amava.

— Ouça-me, Sam, — ela disse calmamente. — Algumas pessoas ruins entraram no Pátio, e estão causando problemas. — Ela podia sentilo se encolhendo em si mesmo. Quando ele levantou as mãos, eram mais peludas e não mais em forma humana. — Você precisa me escutar e fazer exatamente o que eu digo. Tudo certo?

Ele assentiu. Ela não tinha certeza se poderia falar mais.

— Eu quero que você mude para a forma de Lobo. Você é mais forte e mais rápido como um Lobo.

Ele lutou para formar palavras. — Linha de segurança?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Não dessa vez. Não deixe *ninguém* colocá-lo em um arnês ou tentar anexar uma linha de segurança em você. Se alguém tentar fazer isso, você vai morder a pessoa tão forte quanto puder e você corre. Você entende?

— Morder e correr.

— Sim.

Ela o ajudou a sair de seus sapatos, suéter e camisa. — Mude agora.

Sam foi para trás do sofá para acabar de tirar a roupa. Meg se sentou sobre os calcanhares. Não pode ver nada. Talvez ela estivesse sendo uma tola ou tinha entendido mal. Profecias poderiam mudar. Uma escolha diferente em uma série de escolhas poderia mudar tudo. Ela e Sam estavam aqui, no apartamento, e não lá fora, onde havia medo, dor e morte. Por que eles precisariam sair daqui até que Simon e Nathan voltassem?

O formigamento sob a pele de repente voltou, e com a calma que cercava o Complexo Verde, ela ouviu o som de um carro.



CAPÍTULO 26

VLAD, NYX E OUTROS PARENTES correram sobre a neve parecendo segmentos de uma serpente negra enquanto se dirigiam para o Complexo Utilities. Outros Sanguinati se dirigiam para o lado que foi violado na parte ocidental para ajudar na luta com os Falcões e Lobos, contra os intrusos.

Ele e Nyx não tinham questionado o comando de Erebus para destruir o que quer que ousasse tocar no *indigene da terra*. Será que esses macacos começariam uma guerra com os *Outros* se Meg não tivesse vindo ao Courtyard? Talvez não. Mas alguns macacos queriam de volta alguém que os *indigenes da terra* estavam determinados a manter.

Além disso, ele gostava da Meg, e sua diligência na entrega de filmes para Erebus, deu ao Avô um prazer incalculável, o que o patriarca Sanguinati não tinha experimentado em muitos anos.

<*Vlad, olha,*> disse Nyx.

Um funil de neve corria na direção dos edifícios do Complexo Utilities. Ao lado dela, movendo-se tão rápido, uma onda crescente de neve.

Tiros. Um grito de dor. E o som de snowmobiles.

Vlad e seus parentes fluíram passando pela asa carbonizada de um Falcão, mas não viram o resto do corpo. Quando passaram por um canto do edifício principal, viram um punhado de intrusos em snowmobiles. Ele viu Ferus tentando engatinhar para longe da uma parte do edifício em chamas, e viu um dos intrusos levantar uma arma para atirar no Lobo já ferido.

Vlad mudou parcialmente, chamando a atenção do atirador. Distraído pela fumaça começando a tomar forma humana, o

homem não viu Blair, que estava entre as formas, até que o Lobo atacou o homem no snowmobile e arrancou sua garganta.

Os outros intrusos vão fugir, Vlad pensou selvagemente. Suas máquinas iriam levá-los para fora do Pátio, e eles usariam a tempestade para se esconderem entre o resto dos macacos.

Então ele percebeu que o funil de neve estava indo direto para o portão do Complexo Utilities e iria alcançá-los antes que os invasores saíssem. Quanto à onda de neve...

<*Pegue Ferus,*> disse Nyx, vendo a crista da onda de neve, e entendendo o que estava prestes a acontecer. <*Eu vou chegar até Blair.*>

Nyx mudou para sua forma humana da cintura para cima, agarrou Ferus pelo meio, e fluiu sobre a neve, se fazendo de meio de transporte, e meio arrastando o Lobo ferido. Vlad mudou para humano, agarrou os ombros de Blair enquanto o Executor continuava a rasgar o inimigo, e quase teve o seu rosto rasgado quando o Lobo se voltou contra ele e atacou.

— Vem comigo! — Vlad gritou. — Agora, Blair!

Um olhar para trás foi suficiente. Blair correu, e Vlad mudou de volta para a segurança da fumaça, correndo atrás dele enquanto Maremoto lançava a neve e a deixava cair, pegando os três macacos que haviam tentado fugir de Tornado. Um homem, atingido pelo funil do furacão, voou pelo ar e caiu em um círculo de fumaça, que se transformou em mãos, bocas e presas.

Ignorando a festa, Vlad se dirigiu para o local onde Nyx esperava com Ferus.

— Tornado deixou o Pátio, — Blair disse, mudando para humano enquanto trotava até eles. — Vai haver algum dano na parte da cidade dos macacos.

— Nós nos importamos? — Perguntou Vlad.

Blair olhou para Ferus, que estava transformando a neve em vermelho. — Não. Nós não nos importamos. — Ele estudou o terreno e os edifícios ao seu redor. — Vamos. Acho que podemos pegar um dos carros da garagem e levar Ferus ao bodywalker em Wolfgard.

****

Uma frenética batida na porta da frente de Simon.

— Meg? Meg! Você está aí?

Meg olhou para Sam, cujo rosto peludo olhava para ela por trás do sofá. Em seguida, ela foi até a porta, abriu-a, e olhou para a camisa azul a mostra sob a parka branca de Ásia.

— Meg... — Ásia começou.

— Eu não conheço essa cor de azul, — Meg disse e a sensação de frio aumentou quando Ásia entrou no apartamento.

— Eu sei que eu não deveria estar aqui, — Ásia disse rapidamente. — Mas Meg, você tem que me escutar. Alguns homens estão vindo para você. Todas as outras coisas que estão acontecendo agora são apenas uma distração. E as outras coisas que aconteceram ao longo dos últimos dias? Aqueles homens estavam estudando como os Lobos reagiriam. Eu tenho um carro. E está lá fora. Vou ajudá-la a fugir.

— Eu não conheço essa cor.

— Que diferença *isso* faz? — Ásia gritou.

— Eu vi o azul na visão, o açúcar, o crânio e os ossos cruzados, — disse Meg, sua voz tão áspera que produziu um grunhido respondendo ao de Sam. — *Você* tentou envenenar os pôneis.

Algo no rosto de Ásia mudou, apagando toda a pretensão de preocupação. — Foi apenas um meio para um fim, como agora.

— Como agora?

— Eu quis dizer o que eu disse. Eles estão vindo para você, Meg, mas eu não estou interessada em *você.* Apenas me dê o filhote. Eu vou embora, e você pode ficar livre. Você pode até mesmo sair do Pátio e encontrar outro lugar para se esconder por um tempo mais longo. Talvez para sempre.

Ganhe tempo, Meg percebeu. Toda a conversa era apenas uma forma de ganhar tempo. Mas havia uma coisa que ela precisava saber. — Por que você quer Sam?

Ásia sorriu. — Eu conheço alguns homens que gostariam de ter alguma influência sobre um líder do Courtyard. Eles são homens poderosos que poderiam obter um lote de concessões para nós seres humanos. Alguns deles podem até gostar de ter um animal de estimação exótico por um tempo.

Ele não é uma propriedade, Meg pensou quando o frio dentro dela deu lugar a um calor furioso. Dando em Ásia um forte empurrão, ela gritou, — Corra Sam!

Ásia devolveu o empurrão, jogando Meg em uma parede. Sam explodiu por trás do sofá. Ele tinha encorpado muito nestas últimas três semanas, compensando a falta de crescimento durante os anos em que ficou congelado devido à morte de sua mãe. Seus dentes não afundaram na carne, mas na manga da parca de Ásia, mas o seu peso e a maneira como ele virou o seu corpo para derrubar a presa foi o suficiente para jogá-la sobre suas mãos e joelhos.

Meg se afastou da parede, e gritou: — Sam! — E correu para fora da porta. Ela não estava usando casaco e nem as botas; nada além de jeans, e um suéter mais pesado, e sapatos. Mas ela correu para o carro que Ásia tinha conduzido e deixado com a porta aberta. Sam pulou no banco e subiu quando ela entrou, virou a chave, e colocou o carro na engrenagem antes que fechasse a porta. Ela estava dirigindo e se afastando dos apartamentos no momento em que Ásia chegou à estrada.

Olhando pelo espelho retrovisor, ela viu as luzes se aproximando do Complexo Verde. Aqueles deveriam ser os homens que Ásia disse que iriam atrás dela.

— Você fez bem, Sam. — Ela ouviu a explosão e sabia que havia um problema lá na frente, então ela fez uma curva à esquerda assim que pode, dirigindo em velocidade alta, em uma estrada estranhamente despida de neve. — Você fez bem. — Então ela acrescentou silenciosamente, *agora é a minha vez.*

****

De primeira, não parecia que havia algo errado com o Complexo Utilities. Então Simon viu Blair ajoelhado ao lado de Ferus e viu a neve sangrenta. Ele parou perto deles, colocou o carro no ponto morto, e saltou para fora.

— Quão ruim? — Ele perguntou a Blair, acrescentando uma chamada silenciosa para Vlad, que imediatamente parou seus esforços para tirar a neve em torno das portas da garagem e caminhou na direção deles.

— Um dos Falcões está morto, e Ferus levou alguns tiros, — Blair respondeu. — Não tenho certeza do quão ruim ele está ferido, mas ele está sangrando muito. Precisamos levá-lo ao bodywalker em Wolfgard.

Simon levantou-se e abriu a porta traseira do carro. No inverno, quase todos os carros tinham alguns princípios básicos: dois cobertores, uma pá de cabo curto, uma escova de neve e um raspador de gelo. Ele agarrou os cobertores e os colocou na neve ao lado de Ferus. Ele e Blair colocaram o Lobo ferido sobre os cobertores, e o envolveram, e depois o colocaram no compartimento traseiro. Blair deu a volta para o banco do passageiro, mas Simon esperou por Vlad.

— Alguma coisa? — Ele perguntou, afastando-se da frente do carro.

— Nyx diz que há uma fresta aberta nas cercas, — relatou Vlad. — Três dos intrusos estão mortos e o frio está aumentando, mas os outros dois... Os corações ainda batem, e o sangue ainda está quente.

— Então não os desperdice.

— Há um grande buraco na parte de trás do edifício. Uma onda de neve sufocou o fogo. Eu não sei se vamos encontrar qualquer um dos nossos lá dentro.

Simon conteve a impaciência. Ferus estava sangrando. Ele não tinha tempo para isso. Os Sanguinati nem sempre considerava tais coisas, mas ele conhecia Vlad suficientemente bem para saber que não era conversa fiada.

— Os Corcéis dos Elementais estão rodando sem as rédeas, — disse Vlad.

Ele não tinha certeza do que era verdade, mas ele encolheu os ombros. — Isso não depende de nós.

— O que vamos fazer se Inverno desencadear sua fúria?

Ele sabia a resposta para *isso*. Quando ele abriu a porta do carro, ele disse, — Nós vamos fazer o nosso melhor para sobreviver.

****

Seis snowmobiles rugiram no Complexo Verde. O mensageiro especial apontou para três de seus homens e disse: — Vão atrás dela. Vou ficar no apoio.

Eles correram atrás do carro.

Empurrou para cima os seus óculos, e deu a Ásia um olhar frio. — Você não consegue seguir ordens?

— Você quer a Meg Corbyn. Eu só quero o filhote de Lobo. — Quando o olhar dele não se alterou, Ásia acrescentou: — Ela estava enlouquecendo. Eu a segurei enquanto pude.

Ele virou a cabeça e disse a um homem de sua equipe, — Leve-a de volta para o carro dela.

— Meu carro está preso no estacionamento, — Ásia protestou.

— Então você deseja ficar por aqui e ver essas criaturas observá-la? — ele disse asperamente. — Você pode fazer um passeio a pé. — Ele colocou os óculos de volta, em seguida, partiu com um membro da sua equipe. O outro homem esperou, observando-a.

Ela hesitou, e tentou pensar sobre isso. Então percebeu que ele estava prestes a deixá-la e correu para montar atrás dele. Ela apertou as mãos na cintura dele, protegendo o rosto o melhor que pôde, enquanto eles correram de volta para a parte comercial do Pátio.

Ela precisava de tempo para pensar. O mensageiro especial poderia cortá-la do negócio, além de dar alguma desculpa para que o seu benfeitor não lhe desse qualquer pagamento por sua ajuda por encontrar Meg Corbyn. E ainda provavelmente azedar o negócio de TV que tinha sido prometido. Mas o mensageiro ainda não tinha Meg, e se ela

telefonasse para os seus apoiadores bem rapidamente, ela poderia mudar a história de forma que lhe desse o melhor salário.

****

A equipe que incendiou o Pony Barn correu na direção do portão Corvine. O líder olhou por cima do ombro e mostrou os dentes em um sorriso. *Que animais estúpidos*! *Se você deixava uma porta aberta, era um convite para sair, não era?*

Os corvos voavam alguns metros acima da neve, e se fosse seguilos, seria uma boa prática de tiro ao alvo, mas suas ordens eram para sair do Pátio logo que a tarefa fosse concluída.

Dar um tiro em um desses pôneis não foi um tempo gasto, foi um bônus para ajudar na distração. Além disso, por que os *Outros* usavam os pôneis de qualquer maneira? Transporte? Comida?

Então o nevoeiro subitamente o cercou e a sua equipe, tão espesso que ele mal podia ver os faróis dos outros snowmobiles.

— Alto! — Ele gritou, esperando que os seus homens não fossem passar por cima dele. Como o nevoeiro poderia aumentar tão rápido? E onde diabos estava o caminho que os levaria até o portão principal? E que som era aquele?

Uma rajada de vento empurrou o snowmobile para frente, e a chuva pesada o encharcou.

Chuva? Como chegou *esse* frio? O que...?

O último homem na fila gritou quando os ventos e a chuva transformaram a neve em um campo de gelo. Os snowmobiles deslizavam para longe um do outro, perdidos na névoa espessa que deveria ter sido soprada quando o vento chegou e não foi.

Ofegante, o líder tentou ver algo, qualquer coisa. — Reportem! — Gritou.

— Aqui! — Um membro de sua equipe respondeu.

O líder não teve tempo de gritar um aviso antes de um funil de neve aparecer ao lado do nevoeiro, arrancar um de seus homens do

snowmobile, e se afastar em um movimento que não pertencia a qualquer tempestade natural.

Outro grito. As luzes de um snowmobile estavam se encaminhando na direção dele. Ele ligou o motor da sua própria máquina, em seguida, ficou em choque quando viu que seus homens estavam ficando congelados. Outro homem desviou no último minuto, se escorando na máquina do líder o suficiente para conseguir se equilibrar, antes de outra máquina de repente cair, jogando o piloto sobre o guidão.

O nevoeiro se dissipou tão rapidamente como tinha chegado, dando ao líder da equipe uma visão clara de um de seus homens lutando e se debatendo, gritando e *afundando na neve.*

E de repente ele teve uma visão clara de um cavalo cor de areia em pé ao lado da neve estranha, observando-o.

A neve agia como areia movediça. Deuses acima e abaixo, que tipo de lugar era esse Courtyard, como a neve poderia se transformar em areia movediça?

Segundos depois, apenas o silêncio. Um snowmobile com o seu nariz enterrado. Nenhuma mancha na neve dava alguma indicação de que um homem tinha acabado de morrer soterrado. E um cavalo estava olhando para ele com os olhos cheios de ódio.

Ele se afastou, ignorando as máquinas jogadas e os corpos retorcidos, quando outro cavalo correu atrás dele.

O lado direito do snowmobile se afundou, lançando-o para fora. Ele rolou, em seguida, tentou se levantar, mas a neve sugou suas pernas para baixo. Desequilibrado, ele caiu para trás, e seus braços se afundaram até os cotovelos, prendendo-o.

— Ajude-me! — Gritou. — Socorro!

Os Corvos alados e o Cavalo se aproximaram. Antes que ele pudesse libertar um braço, eles estavam em cima dele, se transformando em três mulheres nuas e um macho. Eles arrancaram seus óculos, arrancaram sua máscara de esqui, rasgaram seu casaco.

— O que vamos fazer com ele, Jenni? — Perguntou o homem.

A mulher chamada Jenni inclinou a cabeça de lado, depois para o outro lado. — Ele matou um pônei. E ele é um dos macacos que tentavam levar a nossa Meg. Então eu o quero para mim. — Sua cabeça mudou de fêmea humana para Corvo preto de penas. Ela agarrou sua cabeça nas mãos fortes e arrancou um olho com o seu bico. Inclinando a cabeça para trás, ela engoliu o olho, em seguida, se voltou para uma fêmea humana com algumas penas pretas ainda misturadas com o cabelo dela. — E um para você.

A cabeça do homem virou. O Corvo arrancou o outro olho do homem.

Ignorando seus gritos, eles saíram em um bater de asas, deixando-o cego e sangrando, e semienterrado na neve.

****

Meg desacelerou o carro para uma velocidade mais branda enquanto dirigia ao longo da Ripple Bridge. O céu estava cinza escuro, o que tornava difícil de ver sem os faróis, mas com os faróis ligados *seria* mais fácil de vê-la.

Quando atravessaram a ponte, ela abriu a janela e ouviu, em seguida, olhou para Sam. — Você ouve os homens maus?

Ele choramingou, o que ela encarou com uma resposta afirmativa.

Subindo a janela, ela dirigiu o mais rápido que pôde para as Câmaras. Ela tinha que conseguir salvá-lo. Ela tinha que conseguir.

As estradas do interior não estavam limpas de neve, e o carro estava escorregando, chegando a deslizar algumas vezes, quase ficando atolado. Finalmente chegou ao portão em frente da casa de Erebus, Meg saltou e abriu a porta para Sam. Antes que ele pudesse sair correndo, ela o pegou e cambaleou até o portão.

— Sr. Erebus! Sr. Erebus! Nós precisamos de ajuda!

A porta se abriu, e Erebus deslizou sobre a passarela coberta de neve.

— Por que a nossa Meg está do lado de fora nesse tempo quando um inimigo está entre nós?

Ela tentou levantar Sam acima do portão, mas não pôde fazê-lo. — Aqueles homens, — ela ofegava. — Eles estão atrás de Sam. Eu *sei que eles* estão atrás de Sam. Por favor, fique com ele, Sr. Erebus. Simon está protegendo o Courtyard, e não há ninguém que possa manter os homens afastados de Sam, exceto o senhor. Eu sei que é contra as regras para qualquer um entrar nas Câmaras, mas ele precisa de sua ajuda. Ele precisa de você.

Sam começou a se contorcer e lutar, mas ela manteve o filhote, enquanto seus olhos ficaram fixos no velho vampiro. — Por favor, nos ajude.

Erebus abriu o portão. — Entre. Vocês estarão seguros aqui.

Ela ouviu os snowmobiles se aproximando de duas direções. Eles poderiam ficar nas estradas se mantivessem a esperança de prendê-la. E isso significava que o seu tempo tinha acabado.

Ela empurrou Sam para os braços de Erebus e recuou. — Vou levar os homens para longe daqui.

— Não, — disse Erebus. — Você vem também.

— Sam não ficará seguro se eu ficar. — Ela cortou suas objeções, acrescentando: — Eu sei disso.

Ela voltou para o carro e decolou, tremendo de frio e piscando para conter as lágrimas enquanto dirigia de forma imprudente na estrada interior que a levaria ao seu destino.

****

Uma explosão, Monty pensou quando desligou o telefone. *No Pátio. Oh, deuses.* Ele pegou o casaco e saiu para pegar qualquer carro que estivesse disponível.

Quando seu celular tocou, ele quase ignorou, mas Debany e MacDonald já estavam em patrulha, e eles poderiam estar chamando para relatar uma ocorrência. — Montgomery.

— Kowalski, aqui. Ruthie acabou de ligar. Houve uma explosão no Pátio, talvez mais de uma, mas não perto das lojas. Estou indo para lá agora. Pensei que você deveria saber.

Então o Complexo Utilities seria provavelmente o alvo de uma dessas explosões. — Como você vai chegar até lá?

— Eu conheço algumas pessoas que fazem *cross-country*. Eu posso chegar até o Pátio assim.

Ele entendia por que Kowalski queria chegar até Ruth, mas como os *Outros* responderiam a *qualquer* humano agora, especialmente um homem armado? — Tome cuidado, Karl, e mantenha o contato.

— Sim, senhor.

Quando Monty saiu, Louis Gresh estava esperando por ele.

— Eu ouvi, — disse Louis. — Você vai precisar de ajuda. E você vai precisar de alguém que saiba conduzir nessa neve.

— Obrigado, — Monty disse entrando no carro de Louis.

— Só estou fazendo a minha parte para nos manter vivos, — Louis respondeu.

Ao chegarem à intersecção de Parkside e Chestnut, viram as luzes de carros de patrulha e veículos de emergência. Louis sacudiu a cabeça e continuou na Chestnut. — Nós vamos subir pela Main Street. Vamos ter uma chance melhor dessa maneira.

Monty apenas balançou a cabeça e esperou que eles chegassem a tempo.

****

O mensageiro especial estava com mais quatro a espera do homem que tinha enviado para perseguir a propriedade do benfeitor. Eles estavam em marcha lenta na frente de uma cerca de ferro preto.

De acordo com a informação que recebeu, a fêmea deveria ser fisicamente fraca e sem o conhecimento prático necessário para operar máquinas ou veículos de passeio. A menos que eles estivessem seguindo

um chamariz, o que ele não acreditava, as informações do benfeitor estavam de acordo.

— Onde? — Retrucou.

— Ela deixou o filhote com um homem velho que mora naquele pequeno edifício, — o homem relatou. — Nós a vimos pegar a estrada lá em cima. — Ele apontou. — Nós não teremos problemas em pegá-la.

Talvez não, pensou. Havia coisas acontecendo agora que não tinham aparecido durante suas incursões, como aqueles funis de neve que apareciam do nada e desapareciam tão rápido quanto chegavam. Além disso, a equipe que havia incendiado o celeiro não estava mais respondendo ao rádio, e os homens que entraram pela brecha ocidental em cima do muro estavam falando que o chão estava tremendo e a água formando paredes congeladas, bloqueando sua fuga. Eles estavam indo para a saída, perto de onde os Corvos se alojavam, ou o que diabos os Corvos faziam. O problema era que de acordo com o mapa que Ásia forneceu, os Lobos estavam entre a brecha ocidental e o portão Corvine.

Talvez ele devesse ter perguntado por que o dinheiro era tão bom para esta tarefa, mas ele não tinha perguntado, e nenhum deles iria conseguir nada se a propriedade não fosse readquirida.

Ele sacudiu um dedo para dois dos homens. Pelo menos Ásia tinha lhes fornecido um bônus. — Vocês dois peguem o filhote do homem velho. Nós vamos readquirir a propriedade, em seguida, todos nós vamos sair daqui.

Dito isto, o mensageiro correu até a estrada onde a propriedade tinha se encaminhado.

****

Simon e Blair deixaram Ferus na Cova dos bodywalker no Complexo Wolfgard e o deitaram na cama de palha que haviam preparado.

— Balas, — ele rosnou quando o desembrulhava dos cobertores. — Os macacos com as armas ainda estão vivos?

— Não, — respondeu Blair.

Ela assentiu com satisfação, em seguida, disse: — Vá. Vou fazer o que posso, e Namid vai decidir se ele vai permanecer com a gente ou tornar-se uma parte de Thaisia.

Olharam um para o outro, sem saber onde seriam mais necessários, até que Simon ouviu que Sam estava em pânico *< Arroooo! Arrooooo! Meg se foi! Meg se foi!>*

<Sam!> Simon chamou. *<Onde você está?>*

O filhote não lhe respondeu, mas Vlad sim.

****

Os Sanguinatis estavam reunidos em torno da casa de Erebus, fumaça e sombras, enquanto os dois homens abriam a porta e entravam nas Câmaras. Sam tinha parado de tentar escapar dos braços de Erebus e agora uivava e uivava quando o seu coração de filhote foi quebrado.

Erebus se encontrava no limiar, sorrindo para as presas que foram simpáticas em lhe trazerem para a festa.

— Nos entregue o filhote, velho, — um dos macacos disse.

— Eh? — Erebus respondeu, virando a cabeça, como se para ouvir melhor as palavras. Como se ele não pudesse ouvir os batimentos cardíacos de qualquer um dentro da terra dos Sanguinati.

— Nos dê o filhote se você sabe o que é bom para você.

— Vamos, pequeno — Erebus sussurrou, dando um passo para trás. — Isto não é para você ver.

— Ei! — Um macaco gritou, enquanto dois homens correram para impedir que a porta se fechasse.

<São apenas presas,> Erebus disse, suas palavras rolando para todo Sanguinati. *<Eles são inimigos da nossa Meg, e eles são inimigos dos Sanguinati. Levem-os daqui e os punam.>*

Vlad ficou tão assustado com essas palavras, que a sua forma de fumaça condensou em uma forma humana parcial. Punição era uma morte que levava dias, e quebrava a mente antes de destruir o corpo. Apenas os inimigos mais odiados eram condenados dessa maneira, e essas palavras lhe diziam a profundidade do ódio de Erebus com estes seres humanos em particular. Então as próximas palavras de seu avô não o surpreenderam.

<*Vlad. Encontre a nossa Meg, e a mantenha segura.*>

Quando seus parentes cercaram os dois intrusos, ele enviou uma mensagem para Simon. <*Sam está com o avô.*> Em seguida, ele mudou totalmente para fumaça e perseguiu os homens que estavam perseguindo Meg.

****

Ásia se escolheu sem saber ainda o que aconteceu. Eles bateram em alguma coisa. Ou algo os atingiu. Mas ela ouviu o som de ossos se quebrando antes do motorista sair voando e o snowmobile subir em um banco de neve em um ângulo ruim e tombar. Sorte para ela, pois conseguiu saltar antes de cair, mas...

Ela realmente viu um urso gigante feito de neve, pouco antes do acidente? Impossível!

Ásia olhou para o homem morto e engoliu em seco. Então, novamente, *algo* tinha atingido o rosto do homem.

Um uivo veio por trás dela. Ela não sabia nada sobre as qualidades tonais dos uivos dos Lobos, mas esse Lobo em particular parecia chateado, e ela não queria ficar no caminho dele.

Ela deu um passo em direção ao snowmobile, pensando se poderia ajeitá-lo e sair do Pátio, talvez todo o caminho de volta para seu apartamento, onde ela iria embalar as suas roupas e sair da cidade assim que a proibição de condução terminasse.

Algo bem próximo rosnou.

Afastando-se do snowmobile, ela começou a andar em direção à Praça do Mercado e para o estacionamento. Ela não dava a mínima para a proibição de condução. Ela apenas pegaria seu carro e sairia da cidade.

Mais rosnados quando continuou andando, mas outro uivo foi arremessado ao céu noturno e foi atendido.

Ásia começou a correr.

****

Meg freou muito duramente e acabou rodando em um giro de 360 graus antes de recuperar o controle e pisar no pedal do acelerador. Ela ficaria com medo mais tarde sobre o que tinha acabado de fazer. Mas neste momento, ela tinha que chegar ao lago. Ela não tinha certeza se Inverno estaria lá, mas Springs estaria. Talvez Ar e Água também. Ela não tinha encontrado Terra ou Fogo, as outras duas primas, mas ela preencheu um par de pedidos de biblioteca para cada uma delas na semana passada. Se elas estivessem ao redor, poderiam ajudá-la. Será?

Um triângulo amarelo ao lado da barra de energia avisava que o carro não ia durar muito mais tempo. Atrás dela, ela vislumbrou as luzes. Aqueles homens, o inimigo, ainda estavam atrás dela.

Quase chegando a Creek Bridge Courtyard. E uma vez que ela cruzasse a ponte, ela estaria na parte do Courtyard dos Elementais.

****

Simon tirou suas roupas, e mudou para o Lobo, e explodiu para fora do Complexo Wolfgard, seguido por Blair e Elliot. <*Meg!*>

<*Ela está indo para o lago,*> Vlad relatou. <*Há três intrusos atrás dela, e eu estou atrás deles.*>

O lago. Não muito longe da terra Wolfgard então. Não muito longe dele.

Sombras, corridas, galopes, saltos pela estrada, e desvios, todos em movimentos constante em direção ao lago e a Meg.

****

Quando Trovão e Relâmpago galoparam em direção ao lago, Jester se manteve inclinado no banco da frente do trenó. Toda vez que os cascos dos cavalos se chocavam contra o solo, o potencial para outra tempestade crescia em intensidade. As tempestades algumas vezes poderiam até desvanecer, mas Jester duvidava que acontecesse com esta.

Os seres humanos muitas vezes faziam besteiras, e o retorno era uma cadela. Bem, Inverno estava à procura de vingança.

Sabendo disso, e tendo sobrevivido aos resultados de quando Inverno estava com o temperamento explosivo, ele quase sentiu pena dos seres humanos.

Quase.

****

O triângulo de aviso amarelo foi substituído por um vermelho — de cobrança — e símbolos de um raio piscando. Alguns segundos depois, o carro andou até parar perto da ponte. Meg saiu, pronta para atravessar a ponte. Mas os snowmobiles apareceram à vista, os faróis cegando-a.

Ela sabia qual era a sensação de ser livre, de ter amigos, de ter uma *vida.* Ter pessoas que a amava. Ela não ia deixar ninguém tirar isso dela.

Ela foi para a trilha que a levaria ao riacho congelado. Seria mais difícil de pegá-la, mais difícil de desaparecer com ela se chegasse ao riacho, onde estaria em campo aberto e os *Outros* poderiam vê-la.

Seus pés afundaram, e ela deslizou pela borda do muro de contenção construído ao lado da ponte. Assim que ela se abaixou no riacho, ela gritou — Socorro! — E começou a correr no gelo.

— Pare! — Gritou um homem atrás dela. — Pare, sua cadela estúpida!

Meg continuou se movendo em direção à outra margem, escorregando e deslizando, enquanto homens gritavam para ela parar.

— Inverno! — Ela gritou. — Inverno*!*

— Meg? — A voz parecia vir de todos os lugares da neve e de uma frieza que era tão amarga, que Meg sentiu como se estivesse respirando gelo.

— Pare! — Gritou um homem.

Estalo de tiro. Algo bateu no gelo perto do pé direito de Meg. Os estilhaços lhe atingiram, e ela foi para a esquerda, ainda se movendo em direção ao outro lado da margem.

Sons de algo quebrando debaixo dos seus pés. Lembrando do aviso de Primavera, Meg desviou para a direita. Outro tiro, cacos de gelo, acabou voltando para onde o gelo estava enfraquecido e pulverizado.

Inverno apareceu na margem de repente.

— Eles têm armas! — Meg gritou. Ela tentou se apressar e sair do gelo antes que a sua amiga fosse notada pelos homens com as armas. *Só mais um passo,* ela pensou. *Só mais um passo.*

— Meg, não! — Gritou Inverno.

Quando ela deu o último passo, suas mãos alcançam as pedras que agiam como um muro de contenção natural deste lado do riacho, mas o gelo quebrou sob os seus pés, e Meg afundou.



CAPÍTULO 27

O MENSAGEIRO ESPECIAL xingou quando a propriedade caiu no gelo. Ainda tinha uma chance de recuperá-la. Se ele pudesse expulsar a cadela de pé sobre o banco de neve, seus homens poderiam atravessar a ponte e...

Mais duas mulheres apareceram de repente. Uma das mulheres saltou do banco de neve, quebrando o gelo, enquanto uma fumaça preta fluía através do riacho em direção ao buraco. A mulher de cabelos brancos estava usando um vestido como algo saído de um romance assustador, *gritou*, e depois a que estava ao lado dela também *gritou*. E então ele não pode ver mais nada porque nevava tanto, e a neve foi chicoteada por um vento tão selvagem, que ele não conseguia nem ver sua própria mão. Quando lutou para voltar até a inclinação onde estava o seu snowmobile, ele ouviu galhos de árvores se quebrando em torno dele.

Seriam as cadelas?

Não havia mais chances de recuperar a propriedade. Ainda bem que o benfeitor tinha feito um acordo subsidiário para o filhote de Lobo com um figurão em Sparkletown que havia contratado Ásia Crane.

Ásia tentaria traí-los quando ela fosse atrás do filhote de cachorro por si mesma? Ele não sabia e, neste momento, não se importava. Ele só esperava que a aquisição do filhote fosse rentável o suficiente para fazer este trabalho valer a pena.

Ele se arrastou pela neve, a distância restante até as luzes mal visíveis de duas motos de neve.

— Reportem! — Ele gritou, lutando para se manter em pé.

Ele tropeçou em um homem cuja cabeça estava quase torcida em seus ombros. Onde estava o outro membro de sua equipe? *Covarde! Deve ter fugido.*

Ou foi morto?

Um relâmpago rasgou o céu, seguido de perto pelo trovão que sacudiu o chão.

Quando ele chegou ao seu snowmobile, levou um momento para lembrar-se de onde precisava ir, a fim de escapar deste lugar. Então ouviu o grito do outro lado da ponte.

Foda-se essa tarefa e essa porra de cidade! Assim que entregasse o filhote de cachorro e fosse pago, ele voltaria para a civilização. E podiam esperar até que as suas bolas caíssem, se ele *aceitasse* outra tarefa que envolvesse a porra dos *Outros*.

****

Frio. Tão frio. Impossível respirar.

De repente, as mãos de Meg sentiram a picada do ar frio e amargo. Ela tentou se agarrar em algo, qualquer coisa. Ela pensou que sentiu os pelos de algo, mas ela não conseguia se segurar.

Frio. Tão frio.

Ela voltou para a escuridão.

****

<Meg!>

Simon apertou os dedos em torno de seu antebraço com firmeza suficiente para segurá-la. Quando Vlad a trouxe para a superfície, Simon sentiu os dedos em sua pele enquanto ela tentava agarrá-lo. Mas ela não foi forte o suficiente para segurar.

O chão tremeu embaixo dele, sacudindo o gelo escorregadio, apenas o suficiente para que a cabeça de Meg entrasse debaixo da água novamente. Ele puxou o seu braço, e a puxou de volta para cima,

enquanto Blair agarrava qualquer coisa que podia, sem rasgar a pele com seus dentes e garras.

Vlad estava fazendo o seu melhor para segurá-la onde pudesse, mas como fumaça ele não poderia ajudá-la, e em sua forma humana, corria o risco de ser varrido para debaixo do gelo. Mesmo Água estava tentando deixar Meg em segurança, mas ela não sabia, assim como *nenhum* deles sabiam, como ajudar um ser humano.

A mudança entre as formas mantinha a cabeça de Lobo e dentes, e dava-lhe um corpo coberto de pele de um homem, e ele finalmente conseguiu pegar com os dedos o cinto de seu jeans e puxá-la até a superfície.

<*Meg!*> Cheiro de sangue. Ele notou um corte em seu queixo. Ele lambeu o sangue, lambeu e lambeu para limpar a ferida. <*Meg!*>

Relâmpagos. Trovão retumbou.

<*Não conhecemos a medicina humana,*> disse Blair. <*Como podemos consertá-la?*>

<*Vamos levá-la a um bodywalker humano. Hospital,*> Simon respondeu. Ela estava tão fria. Se ela fosse uma Loba, ele saberia o que fazer. Mas ela não era uma loba, ela era Meg, e ele não sabia o que fazer, a não ser levá-la para os seres humanos consertá-la.

Ele olhou para a neve ofuscante, se curvando contra Meg para lhe dar alguma proteção. Como eles chegariam a um hospital?

Jester de repente estava na frente dele, estendendo os cobertores. Então Inverno colocou uma mão congelada em seu ombro e disse: — Vou levá-la para o lugar humano.

Envolvendo Meg em um cobertor, ele a levou para o trenó e subiu no banco traseiro. Ele se estabeleceu ao lado dela enquanto Jester ficou pressionado do outro lado, ambos emanando calor, e dobrando o segundo cobertor em torno deles da melhor maneira possível.

Simon olhou para Blair, seu Executor, e para Vlad, que era a arma mais confiável de Erebus Sanguinati. <*Os Elementais cercaram os intrusos, e a tempestade vai retardar a sua tentativa de fuga. Encontre-os. Não deixe que quaisquer de nossos inimigos saiam do Pátio.*>

Blair uivou a Canção de Batalha e decolou. Vlad deu-lhe um aceno de cabeça, mudou para fumaça, e seguiu seu próprio caminho.

Ar saltou no banco da frente, ao lado de Inverno, que olhou para Simon. Apesar de sua fúria, levou toda a coragem que tinha para não choramingar com o que viu em seus olhos.

— Corram meus meninos! Corram! — Inverno gritou para Trovão e Relâmpago — Corram pela *nossa* Meg. E DEIXEM A TEMPESTADE CAIR!

Ela gritou, e Ar gritou.

Simon manteve Meg em seu colo, lambendo a ferida que vazava em seu queixo enquanto os Elementais desencadeavam a sua raiva sobre a cidade de Lakeside. E ele se perguntou se o hospital com os seus curadores humanos ainda estaria lá no momento em que o trenó chegasse.

****

Monty e Louis estavam a algumas quadras da intersecção da Chestnut e a principal quando uma nova tempestade veio do nada e bateu em Lakeside com uma fúria insana.

O Nevoeiro rolava tão espesso pelas ruas que eles não podiam ver nada, apenas as lanternas traseiras do carro à frente deles, e na metade do tempo, nem mesmo isso. A névoa foi aumentando, criando um esmalte fino de gelo na rua, caindo nas janelas, e desafiando a capacidade dos limpadores de manter o vidro transparente. A neve caia pesada e rápida, e o tráfego que vinha fazendo progresso lento, mas constante, ficou imediatamente atolado. Os pneus giravam sobre o gelo, o vento era uma força considerável, batendo em alguns carros menores, quando os funis apareciam e desapareciam, rasgando a porta de um carro e a arremessando na direção da janela de um edifício nas proximidades. Caixas postais foram arrancadas de suas plataformas de concreto, tornando-se outro perigo para os motoristas e pedestres igualmente. Mesmo as pessoas caiam com o vento forte, e foram

arremessadas nas ruas cheias de neblina, invisíveis para os motoristas. Os relâmpagos apareciam tão rápidos, que eles lembraram a Monty as luzes estroboscópicas, e o trovão que se seguia com cada lampejo sacudiam os prédios, quebrando as janelas.

— Ligue o rádio, — disse a Louis. — Não sei se faria bem ouvir, mas gostaria de saber o que está por vir.

Monty ligou o rádio.

'... Chegou do nada. Estão chamando-a de tempestade do século. Nós já estamos com muita neve acumulada nestes últimos quinze minutos, e não há nenhum sinal de acabar. Os relâmpagos atingiram alguns pontos vitais, e várias áreas de Lakeside estão sem eletricidade. Os telefones estão erráticos. Gelo revestiu as linhas, e elas estão caindo sob o peso. Portanto, não apenas os galhos de árvores. Sair não é apenas perigoso, é suicida. Esta é a WZAS, mas não estamos sendo espertinhos agora, pessoal. Essa tempestade é grande e ruim. Não saiam nas ruas. Procurem algum tipo de abrigo. Quem fala é a Ann...'

Estática. Monty desligou o rádio.

A tempestade atingiu a cidade com fúria insana. A estação de rádio poderia dizer que ela saiu do nada, mas Monty sabia, assim como em todos em Lakeside estavam percebendo agora, de onde essa tempestade estava vindo. Mas quantos tinha ouvido falar da explosão no Pátio, e poderiam sequer adivinhar que esta era a vingança que estava se abatendo pela cidade?

Quando terminasse, quantas dessas pessoas seriam deixadas para enterrar seus mortos e reconstruir suas vidas? Quantas iriam tentar reconstruir suas vidas, sem nunca saber por que essa tempestade tentou destruí-los?

****

<Tess.>

<Henry?>

<Ásia Crane foi um dos seres humanos que tentaram prejudicar Meg. Nathan está levando a presa de volta para a Praça do Mercado. Não deixe que ela fuja.>

****

O mensageiro especial correu em direção à entrada Corvine. A porra dos Corvos não estariam nesta tempestade. O vento romperia suas asas. Deuses abaixo, *nada* deveria sair nesta tempestade.

Mas algo estava lá. Dois deles. Em seu caminho.

Formas de fêmeas foram capturadas pelo farol do snowmobile. Uma delas era marrom, e a outra tinha o cabelo vermelho, com faixas amarelas e azuis. Elas balançavam pelo caminho, e corriam pelas laterais da estrada, mas quando elas passaram por ele, a de cor marrom colocou o pé na frente.

A terra se levantou debaixo dele, debaixo de toda aquela neve, jogando ele e o snowmobile no ar. Ele sentiu a máquina oscilar, e não conseguiu recuperar o equilíbrio. Quando ele estava tombando, atirou-se do snowmobile para evitar ficar preso.

Ele caiu na neve, que derreteu sob ele tão rápido, que ele se encontrou no fundo de uma cratera preenchida com várias polegadas de água fumegante. Em seguida, a mulher de cabelos vermelhos saltou para dentro da cratera, agarrou seus ombros, colocou seus lábios contra os dele, e soprou em sua boca.

Fogo queimou sua garganta e seus pulmões. Queimou a cavidade bucal, e os feixes amarelados e azuis de seu cabelo escovaram contra o seu casaco. Lutando para respirar, ele pegou sua arma, e tentou se defender. Ela agarrou suas mãos, e o fogo queimou as luvas, transformando as mãos em tochas.

Ela levantou a cabeça e começou a *rir.* Em seguida, ela o soltou, e saiu da cratera, e desapareceu.

Tenho que sair. Tenho que fugir.

Ele ainda estava lutando para levar o ar para os seus pulmões danificados e sair da cratera quando os Lobos o encontraram. E ele ainda estava vivo quando eles começaram a se alimentar.

****

Ásia esfregou a neve de seus cílios e olhou novamente.

Ela tinha conseguido. Ela tinha chegado a Praça do Mercado. A partir de pedaços de conversas que tinha ouvido, os *Outros* nem sempre trancavam as portas. Ela poderia encontrar algo aberto, poderia ser capaz de sair desta tempestade por um tempo.

Um uivo veio de algum lugar atrás dela. O Lobo estava em pânico. Por que ele não teve o bom senso de esconder-se em algum lugar?

Um uivo de resposta veio de algum lugar à sua frente.

Deuses acima e abaixo, *outro*?

Ela deu as costas para o vento para conseguir dar algumas respirações completas. Ela não podia se abrigar na Praça do Mercado. Se os Lobos a encontrassem lá, iriam matá-la. Ela tinha que chegar ao seu carro. Ou talvez deixasse o carro por lá mesmo, e fosse para o Hart and Hare para esperar a tempestade passar.

Com sorte, o mensageiro especial já tinha escondido Meg em algum lugar. E o cachorro Lobo também. Talvez ela não fosse conseguir tanto dinheiro quanto esperava, mas a experiência seria inestimável para a sua série de TV ao participar de uma experiência real, nada que outra atriz pudesse igualar.

Assim ela poderia sair dessa cidade, e voltaria para Sparkletown. Ela iria se encontrar com Bigwig, que seria o seu produtor, e então ela iria ficar alguns dias em uma praia sob o sol escaldante, até que os seus ossos finalmente descongelassem.

Mas antes que ela pudesse fazer alguma coisa, ela *tinha* que sair do Pátio.

Aproximando-se dos edifícios, Ásia se arrastou pelo estacionamento dos empregados, até a parede que separava este lado do

lado do estacionamento dos clientes. Ofegante, ela se inclinou contra a porta de madeira que dava acesso entre os dois lotes.

Quase do lado de fora. Quase segura. Ela conseguiria.

Ela chutou a neve da porta, a fim de abri-la o suficiente para se espremer para dentro. Então ela deslizou pela neve alta, que já tinha enterrado outros carros no estacionamento. Lutando pela massa de neve que estava mais próxima da rua, ela soltou uma risada tonta quando escovou a neve da porta do lado do motorista. Ela precisava sair dessa tempestade por alguns minutos antes de lutar para chegar até o Hart and Hare.

— Chaves, — ela disse, tirando uma luva para pegar no bolso do casaco as chaves do carro. Com as chaves na mão, ela foi para a parte de trás do carro e chutou a neve para longe do tubo de escape. Então ela correu de volta para a porta e a abriu. — Vou sair daqui. Vou ficar quente.

— Não. Você não vai, — Tess disse.

Ásia virou e sentiu alguma coisa se quebrando dentro de sua mente quando ela olhou para o cabelo preto enrolado, e depois olhou para o rosto que Tess normalmente escondia atrás da máscara humana. Ela tentou desviar o olhar, mas não conseguiu, não podia fazer nada além de olhar para algo que não queria ver.

Ela cedeu e deslizou para o chão, mas Tess a segurou pelo braço para mantê-la na posição vertical.

Ela não podia sentir o braço, e suas pernas não estavam funcionando direito. Gotas de suor escorriam no interior do seu crânio. Ela podia senti-las escorrendo e fazendo cócegas dentro do osso.

Isso não estava certo.

Tess a deixou no banco do condutor, e levantou suas pernas, posicionando-as de modo que tudo o que tinha a fazer era colocar o pé no pedal do acelerador. As mãos dela foram gentilmente colocadas em seu colo. Inclinando-se, Tess jogou as chaves no banco do passageiro. Ásia podia vê-las com o canto do olho, mas ela não podia virar a cabeça para olhar para elas, não podia levantar a mão para alcançá-

las. Não podia fazer nada a não ser sentir essa coisa implacável e terrível que estava acontecendo dentro de seu corpo.

Estava chovendo dentro do seu crânio.

— Que...

Dedos viraram a sua cabeça para que ela pudesse olhar para aquele rosto terrível e seu sorriso terrível.

— O... Que é... Você?

Tess olhou para ela, em seguida, respirou fundo e suspirou como se tivesse acabado de provar algo maravilhoso. — Vocês macacos, não têm nenhuma palavra para o que eu sou.

Seu rosto se tornara algo indescritível e seus olhos pareciam o *nada*, depois seu rosto foi virado, lhe mostrando nada, apenas a neve. A porta do carro foi fechada.

A mente da Ásia continuou a quebrar. Seu corpo continuou a quebrar. Seus nervos finalmente gritaram as suas advertências de dor, mas ela não podia se mover, não podia falar.

E dentro de seu crânio, continuou a chover.

****

Tess se espremeu para passar pela porta na parte de trás do estacionamento, em seguida, empurrou-a e a fechou.

Nos tempos antigos, havia um *nome* para a sua espécie. Mas nomear a sua espécie atraia as situações, de modo que a palavra *dita* se tornou amaldiçoada. Quando as raças e línguas foram alteradas, *o símbolo da palavra*, ainda era reconhecido na parte primária da mente humana, mas não foi traduzido para as línguas mais atuais. E foi por isso que, para além de alguns mitos sussurrados, e mesmo entre os *indigenes da terra,* não sabiam mais o *nome* do predador mais feroz de Namid.

Há muito tempo atrás, *havia* uma palavra para a sua espécie. Então, como agora, significava *O ceifeiro da vida.*



CAPÍTULO 28

UM CARRO ESTAVA PRESO NO CRUZAMENTO, bloqueando o tráfego em cada direção.

— Não, — disse Louis quando um homem saiu desse carro e foi embora. — Não. Você não pode fazer isso.

Monty observou o homem e instintivamente se preparou. — Louis, *ele está tentando fugir de algo*.

Um raio atingiu a intersecção, e o trovão sacudiu tudo na rua, e uma rajada de vento *empurrou* o carro para fora da intersecção quando um trenó corria em direção do hospital.

— Siga o trenó. — O coração de Monty bateu contra seu peito. Ele poderia pensar em uma pessoa no Courtyard que, se ferida, precisaria de ajuda humana. E se Meg Corbyn *estivesse* naquele trenó, todos no hospital estariam em risco se o *indigene da terra* reagisse mal.

Como se a nevasca não fosse uma reação bastante ruim.

Louis não fez perguntas. Virou à direita na rua principal e foi atrás do trenó, dirigindo pela rua que subitamente estava livre de obstáculos.

Quando eles se aproximaram do Lakeside Hospital, Monty apontou e disse: — Não.

Balançando a cabeça, Louis começou a fazer a volta para a entrada de emergência.

O trenó estava estacionado bem na frente das portas da emergência. Os cavalos, um preto e um branco, jogaram a cabeça e batiam os pés. Relâmpagos rachavam o céu, enquanto um trovão sacudia um carro do pavimento. Ele acabou virando contra a neve amontoada ao lado da entrada da emergência.

— Droga, — Louis disse suavemente, olhando para a parede de neve de encontro ao lado do motorista do carro. — Você precisa de apoio?

Monty abriu aberta. — Não sei. Tire o carro do caminho das ambulâncias primeiro.

— Certo.

Monty lutava para subir a ligeira inclinação até as portas da emergência, mantendo a cabeça baixa, em um esforço para ver e respirar nesse clima. Vento frio e assassino. E aí, de repente, de pé entre ele e as portas, estavam duas fêmeas.

Não eram humanas, ele pensou enquanto observava a abordagem delas. *Não eram como os shifters e os vampiros. Elementais.* Ele engoliu o medo e recusou-se a pensar com quais delas estava lidando.

— Eu sou o Tenente Montgomery. Eu sou um amigo da Srta. Corbyn. — Talvez isso fosse esticar a verdade, mas por agora, ele esticaria essa verdade até que ela rompesse, e pudesse descobrir o que aconteceu.

— *Nossa* Meg está aí dentro, — disse a de cabelos brancos.

— Ela está ferida?

— Sim.

Ele ouviu a raiva em sua voz, seu ódio pela raça humana.

— Eu gostaria de ajudar.

Ela olhou para ele com aqueles olhos desumanos. Em seguida, ela se afastou. — Diga aos macacos que essa tempestade não vai acabar até que Simon Wolfgard diga que a nossa Meg vai ficar bem.

Monty entrou na emergência, com a intenção de pegar qualquer um que pudesse saber onde Meg Corbyn estava. Vendo uma enfermeira, pegou seu distintivo, e antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ele ouviu um latido, um grito de susto, e um rugido de voz enfurecida, — Ela precisa de medicina humana, de modo que a trouxe aqui. *Agora a corrija!*

Monty correu em direção à comoção. Ele bateu na outra forma nua de Simon Wolfgard coberto de pelos e pele, mas segurando com as garras do Lobo, um médico pálido, com raiva.

— Sr. Wolfgard! — Monty gritou. — Simon!

Algo de errado com os olhos dele, Monty pensou. Não era nem humano, e nem Lobo.

Alguém choramingou nas proximidades. Ele olhou para outro *indigene da terra,* que estava agachado no chão, embalando Meg Corbyn em um cobertor.

— Sr. Wolfgard, deixe-me falar com o médico. Deixe-me ajudar, — ele disse com firmeza quando Simon rosnou para ele. O Lobo não avançou em qualquer um deles, por isso, Monty segurou o médico pelo braço e o levou a poucos passos de distância.

— Eu sou o Tenente C J Montgomery do departamento de polícia de Lakeside.

— Dr. Dominick Lorenzo. Olhe Tenente, temos ambulâncias que estão lutando para chegar até aqui com *as pessoas* que precisam da nossa ajuda. Nós não podemos apenas parar de atendê-los porque...

— Senhor, eu entendo os seus sentimentos. Mas ela é humana, e ela é a Liaison. Eles vieram até *aqui* para ajudar. E a menos que ela receba os melhores cuidados que você pode fornecer, esta cidade poderá nunca mais ser a mesma outra vez. Lamento colocar esse fardo sobre você, mas as vidas de todos em Lakeside estão agora em suas mãos.

Lorenzo olhou para a entrada. — Você não pode saber se a tempestade não vai acabar.

— Sim, senhor, eu posso, porque a fúria que está comandando esta tempestade estava do lado de fora deste hospital um minuto atrás e me disse claramente que as nossas vidas dependem de se a Liaison ficar bem.

— Deuses acima e abaixo, — Lorenzo murmurou. Enquadrou os seus ombros, e caminhou de volta para onde Simon Wolfgard estava tremendo de raiva.

— Você sabe o que aconteceu com a sua amiga? — Perguntou.

— Ela caiu no gelo quando estava correndo contra o inimigo, — Simon rosnou.

— O mais provável é hipotermia, mas vamos ter certeza que nada mais esteja acontecendo, — disse Lorenzo. — Vamos levá-la para a sala de exame no final do corredor.

Pegando Meg do outro *indigene da terra*, Simon seguiu o Dr. Lorenzo. Monty os seguiu, e o outro homem os acompanhou também.

Monty ouviu as instruções rápidas de Lorenzo para as enfermeiras que estavam tirando Meg de suas roupas molhadas. Antes que o médico pudesse fechar a porta da sala de exame, Simon entrou, deixando Monty com pouca escolha a não ser entrar com ele e mantê-lo longe do médico e das enfermeiras.

Virando o rosto para dar a Meg um pouco de privacidade, ele sussurrou para Simon, — O que há de errado com você? Você está doente?

A questão trouxe de volta um pouco da inteligência aos olhos de Wolfgard. — Eu me sinto... *Zangado.*

— Você tomou alguma coisa antes de começar a sentir raiva? — *Quaisquer drogas?* Não seria provável, mas *era* possível que Simon tivesse ingerido algo sem perceber.

Simon balançou a cabeça, os olhos fixos sobre as pessoas que tocavam em Meg.

Em seguida, uma enfermeira respirou. Virando a cabeça, Monty olhou para os braços nus de Meg Corbyn e viu as cicatrizes uniformemente espaçadas, e as cicatrizes cruzadas em seu braço esquerdo. Respondendo à pergunta silenciosa nos olhos de Lorenzo, ele disse: — Sim, ela é uma *Cassandra de Sangue*.

— Pegue mais cobertores e uma almofada aquecida, — disse Lorenzo. Quando uma das enfermeiras saiu, ele inclinou a cabeça para indicar que queria falar com eles fora da sala.

— Há quanto tempo ela esteve na água? — Perguntou a Simon.

— Não muito. Ouvimos Inverno gritar quando Meg caiu no gelo. Nós a puxamos para fora.

— E antes disso? Você removeu o casaco antes de trazê-la para o hospital?

Simon balançou a cabeça. — Nenhum casaco. Nenhuma bota. Ela estava correndo contra o inimigo.

— Como você chegou aqui?

— Viemos no trenó.

Lorenzo não parecia feliz. — Tudo certo. Vamos começar com o tratamento externo; ver se temos indicação suficiente para que possamos trazê-la de volta. Agora, esse corte em seu queixo, eu posso fechá-la sem pontos, mas só se você puder deixar as ataduras. Se você não puder, eu vou ter que usar pontos para garantir que o corte permaneça fechado e que cure adequadamente. Mas os pontos podem perfurar a pele, e isso pode causar-lhe algum sofrimento mental, mesmo em sua condição atual. Além disso, se eu usar os pontos, todo o queixo já não seria viável para o corte.

Os olhos de Simon brilharam vermelhos. Ele rosnou, — Você acha que nos preocupamos com ela por causa de sua *pele*? Ela não é uma propriedade para nós. Ela é a *Meg*.

Monty segurou o Lobo, afastando-o de Lorenzo. — Ele tem que dizer-lhe, Simon. Você é a família de Meg, e é o dever dele falar essas coisas para que você possa decidir o que é melhor para ela.

Simon ofegava com o esforço para se controlar. — Conserte ela.

— Seria melhor se você ficasse do lado de fora do quarto enquanto eu fico com ela.

Sentindo a objeção na maneira que os músculos do Lobo se agruparam, Monty disse rapidamente, — Se você me der sua palavra, e esperar aqui, eu vou entrar e ficar de guarda para você.

Ele pensou que Lorenzo poderia opor-se, mas o médico apenas acenou para ele.

Um aceno afiado. Wolfgard estava ofegante e rosnando demais, portanto, um aceno de cabeça foi o melhor que ele poderia fazer para dar permissão.

A enfermeira chegou com os cobertores e uma almofada de aquecimento. Lorenzo e Monty a seguiram até o quarto. Quando Lorenzo fechou a porta, todos escutaram o uivo do outro lado da porta.

— Você pode impedi-lo de fazer isso? — Lorenzo perguntou enquanto limpava e fechava o corte no queixo de Meg. — Assustar a todos na sala de emergência não vai ajudar.

— Deixe-o ficar aqui com ela. Acho que ele vai ficar mais calmo desse jeito. — Monty olhou para a cama, em seguida, desviou o olhar. — Você já lidou com profetisas de sangue antes?

— Eu vi algumas delas durante a minha residência. Sempre que a pele é perfurada, uma profecia se abre para a menina.

— Então, se a Srta. Corbyn precisar de pontos...?

— Só os deuses sabem o que ela está vendo agora por causa desse corte, Lorenzo respondeu severamente. — Cada ponto pode acrescentar mais imagens.

Monty encostou-se à parede, sentindo-se doente. Ele não falou novamente até que Lorenzo terminou e os suprimentos foram devidamente arrumados.

— Deixe-o entrar, — disse Lorenzo.

Simon saltou para a sala no momento que Monty abriu a porta. Ele olhou para Meg. — Ela está com frio. Ela está tremendo!

— Isso é uma coisa boa, — Lorenzo respondeu. — Vamos usar a almofada de aquecimento para aquecer os cobertores. Vamos mantê-la aquecida, para manter sua frequência cardíaca e respiração.

— Não é tão diferente de um Lobo, — Simon disse calmamente.

— Eu vou ligar para os meus homens, — disse Monty, sabendo que não teria ninguém, apenas Louis para apoio até que a tempestade acabasse. — Um deles vai estar em guarda em todos os momentos.

— Isso é necessário? — Perguntou Lorenzo.

— Sim, senhor, é.

Simon piscou. — Inverno está lá fora. — Ele saiu da sala.

— Eu tenho que cuidar de outros pacientes, — disse Lorenzo. Ele olhou para as duas enfermeiras.

— Eu vou manter um olho na Srta. Corbyn, — disse Monty. — Suas enfermeiras são necessárias em outro lugar.

Quando Lorenzo e as enfermeiras saíram, Monty notou o *Outro* agachado contra a parede do lado de fora do quarto. — Eu sou o Tenente Montgomery. Você pode me dizer o que aconteceu no Pátio?

— Eu sei quem você é, — o homem respondeu, parecendo cansado, e se levantando. — Eu sou Jester. — Ele entrou na sala de exame e fechou a porta. — Eu posso dizer-lhe um pouco.

Quando Jester terminou, Monty saiu do quarto e chamou seus homens. Ele não podia chegar a Kowalski, que estava tentando esquiar até o Pátio, e esperava que o homem houvesse encontrado abrigo em algum lugar. Debany e MacDonald estavam a poucos quarteirões do hospital e estavam trazendo alguns cidadãos feridos. Quando Burke chegou, ele deu um resumo do que tinha acontecido, e o Capitão concordou com a necessidade de guardas enquanto a Liaison estava no hospital, onde uma tentativa de sequestro ainda era uma possibilidade.

Enviando Jester para buscar uma das cadeiras de plástico da sala de espera, Monty ficou ao lado da cama. A respiração de Meg estava normal? Ela estava muito pálida?

Ele se inclinou e disse calmamente, — Srta. Corbyn? Você está segura agora. Nós vamos mantê-la segura. Mas você tem que nos ajudar. Todos nós precisamos que você fique bem.

Seus olhos se abriram.

— Meg?

— Frio. Sua voz era quase inaudível. — Frio.

— Nós vamos manter você quente.

Seus olhos se fecharam.

Um minuto depois, ele ouviu Jester colocar uma cadeira ao lado da porta, e Simon Wolfgard retornar com neve derretendo no pelo que cobria o corpo principalmente humano.

— Ela acordou por um momento, — disse Monty.

Simon correu para o lado da cama. — Meg? Meg!

— Eu vou deixar o Dr. Lorenzo saber que ela acordou por um momento. — Deixando Simon e Jester de guarda, Monty encontrou o médico e relatou. Em seguida, ele encontrou Louis, que estava tentando

chegar a sua própria equipe. Finalmente, ele encontrou uma máquina de venda automática, e com uma xícara de café, voltou para a sala de exame para começar o seu turno de guarda.

****

Ainda em forma humana, suas roupas salpicadas com o sangue de Furacão, Jester estava encolhido em um canto da sala de exame, com a cabeça pressionada contra os joelhos. Ele choramingou suavemente por alguns minutos, em seguida, caiu no sono.

Simon ficou ao lado da cama, observando Meg. Sentia-se tão confuso, tão... *Bravo.* Ele tinha uma razão para estar zangado. O inimigo tinha invadido o Pátio, tinha destruído os edifícios, havia *matado* alguns dos *indigenes da terra*. E eles tinham ameaçado Sam e tentaram levar Meg. Mesmo assim, essa *raiva* não se sentia bem, e quanto mais ficava como humano, mais não parecia certo.

— *Você tomou alguma coisa antes de começar a sentir raiva?* — Monty perguntou. A possível resposta para essa pergunta o deixava inquieto, então ele não ia pensar nisso. Agora não.

Ele olhou para a porta fechada. Meg estava com frio, e tremendo. Os cobertores não estavam ajudando. Ele sabia o que fazer com um membro do seu bando. Ele cuidadosamente subiu na cama de hospital estreita, resmungando porque era apenas suficientemente ampla para um único humano. Depois de corrigir as cobertas sobre ele e Meg, ele passou para a forma Lobo e enrolou sua cauda em cima dos pés.

Muito melhor.

<*Meg?*> Ela não podia ouvi-lo, não podia responder, mas ele chamou de qualquer maneira. <*Meg?*>

Ele esticou o pescoço, farejando as ataduras que cobriam o corte em seu queixo. Ele não gostava delas. Elas não deveriam estar lá. Ele queria puxá-las para fora e lamber a ferida. Lamber e lamber até que curassem.

Ele levantou a cabeça. Ele havia prometido deixar as ataduras. Ele a trouxe aqui para a cura humana, então ele não deveria desfazer o que o médico tinha feito.

Não com tanta raiva agora.

Não se sentia tão sozinho agora com o seu corpo tocando o dela.

Inverno *estava lá fora com o trenó, àqueles olhos frios e cheios de raiva ficaram fixos nele, quando ele saiu para falar com ela.*

<Eles estão cuidando de Meg,> ele disse. <Eles vão deixá-la bem.>

Inverno *assentiu. Então ela e Ar partiram. E quando ele se virou para voltar para dentro, o vento cessou e a neve parou de cair.*

A porta se abriu. Simon levantou a cabeça e mostrou os dentes, pronto para saltar e atacar. Mas era o Dr. Lorenzo, então ele ficou onde estava.

— Eu vim para ver como está a Srta. Corbyn, — disse o médico. — Vou verificar o pulso dela, em seguida, usar um estetoscópio para ouvir o coração e os pulmões. — Ele tocou seu pulso e olhou para o relógio. Em seguida, ele colocou o disco de metal no peito dela e parecia estar ouvindo.

Lorenzo podia ouvir o pequeno chocalho em seus pulmões que Simon podia ouvir sem o disco?

— Pneumonia é uma preocupação, — Lorenzo disse calmamente. — Mas ela pode evitar problemas. — Ele olhou para o corpo do Lobo debaixo das cobertas. — A principal coisa agora é mantê-la aquecida.

Quando Lorenzo saiu, Simon esticou o pescoço de novo, ainda querendo se livrar dessas ataduras e o cheiro de medicina sob elas. Com um tranquilo resmungar, lambeu o braço dela em vez disso.

Seus dedos flexionaram e se enterraram em seu pelo.

<Meg?>

— Não diga a Simon que eu rodei com o carro, — ela murmurou.

Ele levantou a cabeça. *<Meg?>*

Mas ela estava dormindo novamente.

Nenhum lugar para ir. Nada que pudesse fazer, enquanto ela estava aqui. Acomodando a cabeça em seu ombro, ele fechou os olhos e dormiu.



CAPÍTULO 29

VLAD ESTUDOU A CINZAS que se afastaram dos dois corpos. Os dois últimos inimigos que se aproximaram do portão Corvine, e quase tinham escapado. Se montassem em suas máquinas, eles poderiam ter saído, mas eles se encontraram com ninguém menos que o Fogo.

De repente, consciente de que o som que tinha ouvido durante a última hora tinha parado, ele olhou para o portão aberto. Uma figura hesitou, em seguida, veio para frente, movendo-se lentamente em esquis.

— Sr. Sanguinati? É o Kowalski. Eu trabalho com o Tenente Montgomery.

Ele reconheceu a voz, mas ele ainda sentia que parecia suspeito. — Os humanos esquiam durante as tempestades?

— Não, senhor, não por escolha. Mas eu ouvi sobre a explosão no Pátio e estava vindo para ver se eu poderia ajudar quando fui pego na nevasca. Meu celular ainda está funcionando, e eu recebi uma ligação da estação. As equipes do Tenente estão indo para o hospital, para a proteção da Srta. Corbyn enquanto ela estiver por lá.

Ainda tentando descobrir se havia outra mensagem sob as palavras, Vlad olhou para a parte Wolfgard do Courtyard quando uivos encheram o ar.

— Problemas? — Perguntou Kowalski.

— Um dos Lobos morreu.

— Na tempestade?

— Ele foi baleado pelos invasores.

— Eu sinto muito.

E Kowalski estava genuinamente arrependido, Vlad percebeu. Ele olhou para os dois snowmobiles que Fogotinha deixado intocado. — Você sabe como operar estas máquinas?

— Eu já andei nelas algumas vezes, então eu conheço o suficiente para conduzir.

— Então você vai me mostrar, e nós vamos usar essas máquinas para chegar ao hospital.

****

Pegando a caneca fumegante de chá, Henry foi até as janelas do seu estúdio. Não havia nada do que ele queria ver lá fora. Não esta noite. Um *indigene da terra* tinha morrido hoje, então alguns seres humanos morreram na tempestade, que foi a resposta dos Elementais a essa morte, a do pônei, ao prejuízo causado a Meg.

Os invasores também morreram, e isso era bom.

Agora eles veriam se os seres humanos iriam retomar a sua paz cautelosa com os *indigenes terra,* ou se haveria guerra. Ele esperava que os seres humanos fossem mostrar algum sentido. Já havia se passado muitos anos desde que os *indigenes da terra* haviam esmagado uma cidade humana. Se ele tivesse que fazer isso aqui, ele iria se arrepender da morte de algumas dessas pessoas.

Balançando a cabeça, Henry tomou um gole de chá. Nenhum ponto em agitar as abelhas, se você não estava olhando o mel.

Quando voltou a esta parte do pátio, tinha encontrado Nathan exausto e meio congelado, ainda tentando correr atrás de Ásia. Mas Tess tinha lidado com ela, por isso que Henry passou de Espírito do Urso, para Grizzly e fez uma trilha para o Lobo até a porta de trás dos apartamentos. As meninas colocaram as patas de Nathan na água morna para derreter o gelo, o acomodaram entre as almofadas, secaram o Lobo com toalhas, lhe deram água e comida. Agora Nathan e John estavam enrolados no apartamento, dormindo, enquanto as meninas estavam na *Bite*, fazendo comidas e bebidas quentes. E Lorne, com a permissão de

Henry, foi para o centro social, e estava descansando em um lugar quente por um tempo.

No inverno passado, eles teriam ficado atrás de suas portas fechadas, observando os seres humanos morrerem. Mas as coisas tinham mudado em torno do Lakeside Courtyard, e essas alterações trouxeram uma promessa para todos os filhos de Namid. Então ele esperava que o governo humano fosse sábio o suficiente para não escolher a guerra.

****

Meg acordou devagar, sentindo um chocalho e uma queimadura em seu peito.

Quarto branco. A odiada e temida cama. E uma figura no final da cama.

— Não, — ela gemeu. Se tivesse sido um sonho, uma ilusão?

— Meg? — A figura saltou na direção dela, com as mãos estranhas se acomodando em ambos os lados de sua cabeça. — Acorde Meg! Fique acordada!

Um rosto de pesadelos, de visões de água escura e frio terrível. Em seguida, o pelo recuou e ela o reconheceu. — S-Simon?

Vermelho brilhou em seus olhos cor de âmbar e ele rosnou para ela. — Se você me assustar assim de novo*, eu vou te comer*! — Então, ele pressionou a testa contra o braço dela e gemeu.

Não era um sonho? Ela tinha chegado ao Courtyard, e tinha construído uma vida que foi surgindo depois de nadar através dos sonhos escuros? — Onde estamos?

— Hospital. Ele levantou a cabeça e rosnou novamente. — Você é uma fêmea estúpida. Você caiu no gelo e cortou o queixo!

Ele andava, ele ofegava, ele rosnava e choramingava. Ele ameaçou comê-la uma meia dúzia de vezes. Mas quando ele uivou, todos os tipos de pessoas correram para o quarto.

Terror a encheu quando viu o homem de casaco branco, do mesmo tipo de branco dos *Aqueles Com Nome*, mas o Tenente Montgomery era a outra pessoa no quarto, seguido por Vladimir Sanguinati.

— Srta. Corbyn, eu sou o Dr. Lorenzo, — disse o de casaco branco. — Você está acordada, e essa é uma boa notícia. — Ele lançou um olhar para Simon. — Embora os hospitais devessem ser zonas de silêncio, mesmo quando não for uma boa notícia.

Simon apenas rosnou para o médico.

— Eu quero sair, — Meg disse, desesperada para fugir da cama e do quarto que era muito parecido com o do composto, como uma gaiola.

Dr. Lorenzo sacudiu a cabeça. — Considerando as condições das ruas, nenhum de nós poderá ir a qualquer lugar até de manhã. Além disso, você precisa de calor e descanso. É por isso que o Tenente Montgomery, o Sr. Sanguinati, e eu estávamos falando sobre movê-la para um quarto privado em outro andar. Vai ser mais silencioso, e, francamente, precisamos das salas de exame aqui na emergência.

— Eu concordo com o Dr. Lorenzo, — disse Vlad. — Um quarto privado será menos estressante para todos.

— Mas eu quero sair, — Meg disse olhando para Simon. Será que ele entendia por que ela estava com medo de estar aqui?

Simon hesitou, então balançou a cabeça. — Seus pulmões estão chocalhando. Posso ouvi-los. Nós vamos ficar aqui até que os seus pulmões parem de chocalhar.

Então eles a empacotaram e a colocaram em uma cadeira de rodas, e a levaram até outro quarto, onde ela se enfiou em outra cama, e lhe deram bebidas quentes e uma tigela de sopa, e depois a deixaram com o Vampiro e o Lobo.

— Sam? — Ela perguntou.

— Ele está bem, — disse Simon.

— Ele está um pouco rouco de uivar por tanto tempo, — disse Vlad. — Mas por outro lado, ele está bem. Depois que enviamos notícias

para o Pátio que você ficaria bem, ele se acalmou. Ele ainda está com o avô Erebus. Eles estão assistindo alguns filmes.

— Protegido e seguro, — ela sussurrou.

— Você deveria ter ficado com Erebus também, — Simon rosnou. — Fêmea estúpida. E eu nem quero saber sobre você girar com o carro, porque eu tenho certeza que vou te morder.

Ela piscou para ele. *Oh. Isso não foi um sonho, foi?*

Vlad riu e foi um som profundo. — Deixe para lá, Simon. Será provavelmente melhor se nós não soubermos muito sobre como a nossa Meg foi parar no riacho.

— Ásia, — Meg disse. — Ela veio para os apartamentos. Ela tentou levar o Sam. Ela está longe agora?

Ambos deram de ombros, mas ela viu o olhar que eles trocaram. E se perguntou quanta carne especial estaria disponível para os residentes do Pátio ao longo dos próximos dias.



CAPÍTULO 30

DURANTE A NOITE, MONTY, LOUIS, E KOWALSKI trocaram turnos do lado de fora do quarto de hospital onde Meg Corbyn estava, enquanto Debany e MacDonald transportavam medicamentos para as pessoas que precisavam deles, se podiam ser alcançados. Em um ponto, Jester tinha voltado do Pátio com Vlad, com roupas para Simon e Meg, mais dois snowmobiles que os *Outros* ofereceram a MacDonald e Debany para a sua utilização... E Jake Crowgard.

Monty não perguntou sobre a localização dos proprietários anteriores dos snowmobiles. Talvez eles tivessem que preencher alguns formulários para aqueles homens; talvez não.

Ao amanhecer, a notícia começou a chegar.

Lakeside foi atingida, não só por uma nevasca recorde, mas por geleiras — que bloquearam todas as estradas e saídas da cidade. Monty se perguntou se o derretimento desse gelo seria possível, e se alguém se atreveu a aproximar-se do Pátio e pedir educadamente.

Uma hora antes, o Oficial Debany ligou para dizer a ele que Ásia Crane foi encontrada morta em seu carro. Monty esperava que nunca mais pudesse ouvir o terror controlado na voz de um homem novamente.

Os shifters e os vampiros são os amortecedores entre nós e o resto daqueles que moram nos Pátios, pensou Monty. *Foi nos dado um pequeno vislumbre ontem. Vamos esperar que nós sejamos espertos o suficiente para atender à advertência.*

Ele ficou de pé quando viu Douglas Burke caminhar na direção dele, em seguida, passou por ele, apenas o suficiente para que eles não ficassem muito longe do quarto de Meg Corbyn.

— Capitão.

— Tenente. — Burke hesitou. — Pensei que você devesse saber, mas o nosso prefeito morreu na nevasca. — Havia uma nota de medo quase peculiar em sua voz.

— Ele estava lá fora? — Perguntou Monty.

— Ele estava em seu quarto, com a porta trancada e as janelas fechadas. Quando ele foi encontrado esta manhã, a sala estava cheia de neve, do chão ao teto. O médico que o examinou, determinou que a causa da morte foi congelamento até a morte, ou que morreu sufocado, ou morreu de alguma outra causa, já que existem algumas feridas suspeitas em torno das grandes artérias e uma quantidade insuficiente de sangue ao redor do corpo. — Ele fez uma pausa. — O prefeito em exercício deseja informar que ele vai fazer o seu melhor para manter um relacionamento cordial com os *indigenes da terra*. — Outra pausa. Burke baixou a voz ainda mais e acrescentou: — Entre você e eu, acho que os *indigenes da terra* ligaram o interesse dele em apreender Meg Corbyn, com o ataque ao Pátio e a tentativa de sequestro de Sam. E é por isso que o mataram.

— Mas o governador foi o único que tinha empurrado essa demanda, enviando as ordens para baixo da linha de comando. — Monty estudou o rosto de seu Capitão e sentiu um calafrio. — O que mais aconteceu?

— O governador da Região Nordeste também morreu na noite passada.

— Mas o governador mora em Hubbney. — O nome real era Hubb NE. A pequena cidade que ficava no centro do governo do Nordeste, ficava a uma hora de viagem de trem pelo Norte de Toland, e estava a centenas de quilômetros de distância de Lakeside. — Como ele morreu? — *Ataque cardíaco?* Monty esperava. *Ou um acidente de trânsito?*

— Ele congelou até a morte em sua banheira. — O sorriso de Burke não tinha nenhum humor. — Não só a água congelou em torno dele tão rápido que ele não foi capaz de escapar, mas de alguma forma, forçou seu caminho para baixo, em sua garganta e, em seguida, congelou em seus pulmões. Uma maneira hedionda para morrer, eu acho.

— Não foi muito diferente do que poderia ter acontecido com uma mulher caindo no gelo enquanto era perseguida por assaltantes desconhecidos, — disse Monty, estremecendo.

— Não muito diferente, — Burke concordou.

Então os *Outros* tinham decidido que o governador também foi culpado pelo ataque e tinham viajado centenas de quilômetros para eliminar outro inimigo.

— Bem, — disse Burke. — Eu estou supondo que o hospital tem proporcionado um lugar para o seu pessoal, então por que não tira algumas horas de descanso?

Monty inclinou a cabeça em direção à porta. — É o meu turno.

— Eu estou pegando o seu turno, Tenente. Descanse um pouco. Você mereceu.

Ele estava balançando em seus pés, então não discutiu. Mas seria uma maravilha ser o primeiro a enfiar a cabeça para fora da porta e ver um Oficial da polícia junto de um Lobo, um Vampiro, e um Corvo.



CAPÍTULO 31

NO THAISDAY APÓS A TEMPESTADE, Monty entrou na *Howling Boas Leituras* e acenou para Heather enquanto examinava a frente da loja. Então ele foi até o balcão, dando-lhe um sorriso caloroso.

— Eu notei a placa de Aberto, — ele disse. Ele e seus homens tinham dirigido várias vezes ao dia, uma vez que as estradas foram limpas, para verificar se as lojas já estavam abertas. — Nenhum cliente hoje?

— Ainda não, — Heather respondeu com um brilho forçado. Então ela apontou para as pilhas de papel sobre o balcão e o carrinho cheio de livros. — Mas estamos com uma abundância de ordens para organizar esse material.

Ela não tinha certeza se os clientes humanos fossem voltar, pensou Monty. Ele se perguntava a mesma coisa. Assim como ele se perguntava se os *Outros* abririam as lojas para os seres humanos novamente. O Courtyard de Lakeside era o Courtyard mais progressista em toda a Thaisia, com os seus colaboradores humanos e clientes humanos. Apesar dos seres humanos ainda terem acesso limitado, era um começo positivo que poderia repercutir em todo o continente e aliviar um pouco a sempre presente tensão entre os seres humanos e os Outros, nas cidades e vilas em todo o Thaisia. Mas o prefeito de Lakeside e o governador da Região Nordeste foram cúmplices de alguém que os *indigenes da terra* consideravam um inimigo, e isso poderia repercutir em todo o continente, e a tempestade em Lakeside e a violência em Jerzy eram lembranças sombrias de como os *Outros* cuidavam das dificuldades causadas pelos seres humanos.

Mas ainda havia um ponto brilhante nesse túnel, e foi por isso que se encaminhou até a HBL, logo que a loja reabriu.

— Eu gostaria de falar com o Sr. Wolfgard se ele estiver, — disse Monty.

— Vou ver se ele está disponível. — Heather pegou o telefone e ligou para uma extensão. — Sr. Wolfgard? O Tenente Montgomery gostaria de falar com você. — Uma pausa. — Ok, eu vou dizer a ele. — Ela sorriu para Monty. — Ele diz para encontrá-lo no estoque.

— Obrigado. — Enquanto caminhava para a parte de trás da loja, ele percebeu que esta reunião também teria ondulações significativas, e os minutos seguintes iriam determinar se essas ondulações seriam boas ou ruins.

— Tenente. — Simon olhou para ele, então verificou uma lista e puxou mais livros das prateleiras do almoxarifado.

— Sr. Wolfgard. Não há nenhum Lobo de guarda hoje?

— Eles vêm e vão. Isso sempre foi verdade, embora Ferus e Nathan sejam os que gastam mais tempo em guarda no HBL. Ferus está no Ash Grove agora, e Nathan acha que a nossa Liaison é mais divertida do que os clientes.

— A Srta. Corbyn voltou a trabalhar? — Ele tinha visto as luzes acesas no Gabinete do Liaison quando ele e Kowalski passaram com o carro, e isso também tinha sido um bom sinal.

Simon assentiu. — Ela deveria ficar no quarto mais uma semana, mas ela *rosnou* para mim quando eu sugeri isso.

Monty não tinha certeza se o Lobo estava ofendido ou agradado, então, ele não respondeu. Mas pensou, *Bom para você, Meg.*

— Alguma coisa em sua mente, Tenente? — Perguntou Simon.

Muitas coisas, mas ele ia começar com o menos provável de ofender. — Eu aprecio que você reserve um dos apartamentos para o uso dos meus oficiais, obrigado.

Simon parecia desconfortável. Então ele deu de ombros. — Temos espaço. Nós reservamos dois apartamentos para os nossos colaboradores humanos, para que eles não tenham que sair em uma tempestade. E

Henry ainda tem o dele, quando prefere ficar perto de seu estúdio. Deixaremos os seus agentes usaram o último apartamento.

E acrescentaria outra camada de defesa para o Pátio.

— Eu ouvi que você removeu o imposto de água da estação de polícia de Chestnut Street e do hospital que cuidou de Meg.

— E? — Simon desapareceu por um minuto, em seguida, retornou com uma braçada de livros que ele colocou no carrinho.

— Nós agradecemos. — Agora entraria na próxima camada de discussão. — E para mostrar a nossa apreciação, o Dr. Lorenzo gostaria de manter um pequeno consultório aqui e fornecer tratamento médico para os seus empregados humanos.

Não havia razão para mencionar que parte do interesse de Lorenzo era a *Cassandra de Sangue* morando entre os *Outros.* Ter a oportunidade de ganhar algum conhecimento da raça de Meg Corbyn não era algo que o bom médico iria deixar passar.

— Nós não temos espaço para... — Simon parou.

Monty prendeu a respiração.

— Talvez, — Simon disse. — Mas permitir isso não muda o fato de que a maioria de vocês ainda é apenas carne.

Não, ele não mudaria isso, Monty pensou. *Mas a maioria de nós poderia dar um grande passo para todos os humanos, e se você pudesse aprender a confiar em alguns de nós, todos nós teremos uma chance melhor de sobreviver.*

— Vou discutir isso com a Associação de Negócios, — Simon disse. — Talvez o Dr. Lorenzo venha aqui e converse sobre o consultório para verificar a Meg, enquanto ele estiver por aqui.

— Eu vou dizer-lhe para ligar para a livraria e agendar um tempo com você.

Ele podia ler a linguagem corporal bem o suficiente para reconhecer que Simon estava se sentindo cercado com toda essa conversa sobre mais humanos no Pátio, mesmo ele sendo o único permitindo-lhes o acesso. Então essa conversa não ia durar muito mais tempo.

— Eu tenho trabalho a fazer, — disse Simon, dando um grunhido de advertência.

— Então eu vou ser breve, — Monty respondeu. — Sua raiva no hospital foi excessiva, mesmo sob as circunstâncias. Eu acho que você sabe disso. Você tem alguma ideia do que aumentou a sua agressão?

— Não.

Plano. Frio. A voz de um líder que não permitiria nenhum desafio.

E uma mentira.

— Tudo bem, — Monty disse, dando um passo para trás. — Eu estou disposto a ajudar. Por favor, lembre-se disso.

Vermelho brilhou nos olhos de âmbar do Lobo.

O som de uma porta se fechando. Um momento depois, Jester se aproximou deles.

Dando ao Coyote um aceno de cabeça, Monty saiu do almoxarifado. Ele permaneceu na loja mais um minuto, olhando na prateleira de livros de mistérios, e fazendo uma seleção.

Os seres humanos têm coragem e resistência e eles podem suportar, Monty pensou enquanto pagava pelo livro e deixava a *Howling Boas Leituras*. As estradas seriam abertas, os edifícios reparados, e a vida continuaria.

E os seres humanos em contato com o Courtyard iriam fazer o seu melhor para ajudar todos a sobreviverem.

****

Simon olhou para o Coyote, enquanto as palavras de Montgomery circulavam em torno dele, fechando.

— Sua raiva no hospital foi excessiva, mesmo sob as circunstâncias.

— Quanto você ouviu? — Perguntou Simon.

— Eu gosto daqui, — disse Jester. — Eu quero ficar.

As palavras de Montgomery pareciam ecoar pela sala.

— Você tem alguma ideia do que aumentou a sua agressão?

— Quanto você ouviu? — Simon rosnou.

— Eu não vou dizer, — disse Jester. — Eu nunca vou dizer.

Coyote esperto, às vezes via muito, ouvia muito. Mas ao contrário de muitos de sua espécie, Jester não iria quebrar a sua palavra.

— Você pode ficar. — Claro; o que não foi dito foi que ele não podia confiar em Jester para ficar, e ele também não pode permitiria que o Coyote saísse. Mas ele imaginou que Jester já sabia disso.

— Obrigado, Simon. — Jester recuou. — Eu vou até a Meg ver se ela quer que os pôneis façam as entregas hoje.

Em seguida, ele se foi, e um momento depois, Simon ouviu a porta traseira do HBL se fechar.

— *Você tem alguma ideia do que aumentou a sua agressão?*

Ah, sim. Ele teve muito tempo para pensar sobre isso, enquanto ficava com Meg em casa, ele teve uma boa ideia do que causou essa raiva estranha. Mesmo o Sanguinati não bebia o sangue doce de uma *Cassandra de Sangue*, e ele lambeu muito sangue do corte no queixo de Meg.

Inverno e Ar não tinham prestado atenção nele na corrida para o hospital, mas Jester esteve com ele. E Blair e Vlad estiveram com ele no riacho quando puxou Meg da água gelada. Se desse a qualquer um deles uma pequena informação, eles descobririam isso também.

Ele iria manter suas suspeitas para si mesmo por mais alguns dias. Então ele iria falar com Henry antes de decidir quem mais precisava saber do que ele suspeitava: que o sangue de uma *Cassandra de Sangue* era a fonte da doença que estava tocando os seres humanos e os *Outros* no Ocidente.

Mas isso era para outro dia, e Henry já carregava o peso de outro segredo.

Simon estava no hospital guardando Meg quando Ásia Crane foi encontrada. Ele não a tinha visto, mas Henry tinha. E tudo o que Henry disse a ele foi: — Eu sei o que Tess é. Nós nunca iremos falar sobre isso novamente.

Perigoso por ser o único que olhou para o corpo e compreendeu a verdade sobre o predador que fez a matança. Ou talvez fosse sábio ser o único a carregar esse fardo. De qualquer maneira, Tess ainda estava trabalhando na *Bite*, e fazendo pequenos biscoitos de chocolate para Meg e Sam.

— Chega, — ele rosnou. — Você tem um negócio para trabalhar. — E até que ele pegasse estes livros para Heather preencher as prateleiras, ele tinha que ficar aqui, em vez de ir para o escritório da Liaison e brincar com Meg por alguns minutos.

Verificando a lista, ele puxou mais livros das prateleiras no estoque e pensou na Meg, porque pensar em Meg o deixava mais calmo, e mais feliz.

Ela foi liberada do hospital em Moonsday, mas ele tinha usado a necessidade de Sam de ficar perto dela como uma maneira de mantê-la em sua casa por mais alguns dias. E ele também apontou que a maioria das lojas em Lakeside ainda estavam fechadas, e desse modo, as lojas *não poderiam* enviar quaisquer entregas. Mesmo assim, ela foi teimosa sobre ficar dentro de casa.

Bem, ele podia ser teimoso também, especialmente quando vestir Meg tinha se transformado em um jogo. Ele, Vlad e Jenni invadiram as lojas do Market Square para pegar roupas que mantivessem Meg quente. Eles pegaram luvas sem dedos para ela, e, em seguida, exigiram que ela usasse outra luva por cima, um cachecol enrolado no pescoço, só deixando o nariz ao ar livre. Se ela realmente saísse, nem que fosse por um minuto, ela tinha que usar uma camisa de uma gola alta, uma camisa térmica e um colete por cima, tudo fechado para manter o seu peito quente. Além disso, seu casaco de inverno era térmico e tinha uma forração de lã, gorro na cabeça e tampão nos ouvidos. E dois pares de meias com suas botas.

Nenhum deles tinha pensado nas cores e em suas possíveis combinações, apenas nas roupas quentes, até que Merri Lee voltou de uma visita que fez a Meg em Windsday à tarde e resmungou sobre sua amiga estar vestida como uma explosão de tinta.

Pouco depois, ele ouviu Merri Lee, Heather e Ruthie encomendando roupas que, segundo elas, iria combinar com o que Meg já tinha, então ele imaginou que haveria outro jogo de roupas em curso.

Mas ainda havia a brincadeira do gorro.

Ele examinou as prateleiras de novo quando não encontrou dois dos livros que queria.

— Estamos com estoque baixo também? — Ele murmurou enquanto acrescentava outro livro: *Presos na Tempestade* à sua lista de novos pedidos. Apesar da falta de clientes na loja física, ele esteve em movimento desde que abriu a porta, e não parou de atender aos pedidos que iriam para os assentamentos dos *indigenes da terra.*

Ele se recusou a considerar por que os Elementais tinham feito um pedido com um punhado de títulos sobre tempestades.

Ele parou e deixou um arrepio correr por ele. Mesmo entre os *indigenes da terra*, levava um pouco de tempo para parar de sentir medo quando os Elementais atacavam com raiva.

Mas mesmo Inverno estava mais calma agora que Meg estava em casa.

O encontro de Elliot com o prefeito em exercício também ajudou a manter todos calmos. O homem foi rápido em assegurar ao Cônsul do Courtyard que todos os cartazes que provocaram esse trágico erro de identidade foram destruídos, e a polícia iria fazer o possível para deter qualquer um que causasse a Srta. Corbyn qualquer sofrimento no futuro.

Todos os *Outros* que moravam em Pátios ao longo de Thaisia estariam observando se o governo humano em Lakeside iria manter sua palavra.

O homem que enviou o inimigo para o pátio, o homem que tinha dado a Meg uma designação em vez de um nome, ainda estava lá fora. Sua pele ainda valia muito lucro para ele parar de tentar recuperá-la.

O Controlador ainda estava procurando por ela, mas agora os *indigenes da terra* estavam procurando por ele. O governador não sabia muito, mas ele disse que os Elementais que visitaram a sua casa

em Hubbney disseram tudo o sabiam sobre o inimigo de Meg. Cedo ou tarde, os *Outros* iriam encontrar o homem, ou uma parte humana da Thaisia seria recuperada pelo país selvagem.

Simon olhou para suas mãos, que ficaram peludas. Ele rosnou quando não conseguiu mudar para a pele humana, um sinal de que estava agitado demais para vestir esta pele. Já que não queria assustar Heather, ele fez a coisa sensata.

Ele tirou suas roupas, mudou para Lobo, e foi para o Gabinete da Liaison ter alguns minutos de tempo com Meg.

****

Meg colocou um disco de música e ligou o aparelho. Ela não queria ouvir mais o rádio. Ela não queria ouvir sobre as pessoas que morreram na tempestade ou o dano que a cidade tinha sofrido. Talvez ela devesse se sentir mal por não querer ouvir as notícias, mas o que aconteceu não foi culpa dela. Se ela tivesse deixado esses homens levá-la, as Elementais ainda ficariam selvagens com Lakeside pela morte do idoso Furacão, se por nada mais. Ela poderia argumentar que, sendo o motivo da tempestade acabar, ela tinha salvado mais pessoas do que prejudicado por estar aqui.

Não a fazia se sentir menos triste pelas pessoas que foram feridas. E isso a fez se perguntar se o Tenente Montgomery se sentia da mesma maneira.

Ela esperava morrer no Pátio, tinha visto as imagens das profecias. Mas o resultado foi diferente. Não só tinha sobrevivido, mas ela também tinha impedido que Ásia Crane e os homens levassem Sam.

Poderiam pensar que ela era fraca, mas ela não era impotente e não era inferior. Não mais.

Ela olhou para o relógio. Preparando-se para o dia, ela colocou as entregas na mesa um momento antes de Nathan uivar. Aparentemente, ele pretendia fazer isso a cada hora enquanto o escritório estivesse aberto.

Meg está aqui. Meg está aqui. Meg está muito bem.

Ela esperava que ele fosse ficar entediado com este jogo em particular muito em breve.

Ouvindo um som na sala dos fundos, Meg pegou uma pilha de correspondência e mal olhou para cima quando Simon trotou para a sala de triagem.

Alguma coisa tinha mudado entre eles enquanto ela esteve no hospital. Ela não tinha certeza se Simon a considerava uma amiga, uma companheira ou um brinquedo valorizado, mas ele parecia desfrutar de jogos com ela.

Falando de jogos...

De pé sobre as patas traseiras, Simon descansou uma pata dianteira sobre a mesa e estendeu a outra para tocar no seu nariz. Ela suspeitava que o nome deste jogo fosse *Coloque o gorro na Meg*. Se o seu nariz não estivesse quente o suficiente de acordo com qualquer critério que ele estivesse usando naquele momento, ele buscava o gorro de lã que ele tinha comprado para ela e a fazia colocá-lo.

Mas ela não era mais indefesa ou submissa. E se ela ia ser um brinquedo estridente para os seus companheiros grandes e peludos, ela também ia ter algumas palavras nesses jogos. A partir de agora, com a escolha do jogo.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele. — Se você tentar tocar no meu nariz outra vez hoje, eu não vou dar-lhe os biscoitos.

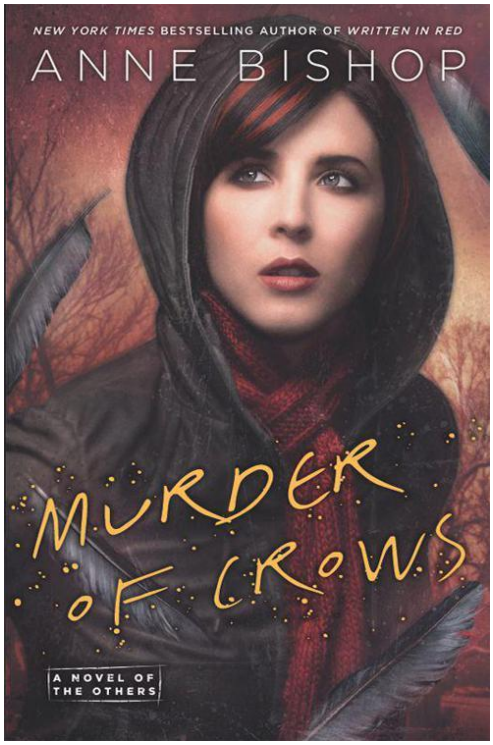
Simon retirou a pata, pareceu considerar por um momento, em seguida, estendeu a pata novamente, como se testando ela.

— Falo sério, Simon. Sem biscoitos o *dia inteiro*.

Nariz ou biscoitos. Escolha difícil. Mas no final, os biscoitos ganharam.

FIM

CONTINUA EM...



THE OTHERS #2
MURDER OF CROWS

Depois de ganhar a confiança dos *indigene da terra* e residir no Courtyard de Lakeside, Meg Corbyn passou algumas dificuldades para descobrir o que significa viver entre eles. Como um ser humano, Meg não foi considerada uma presa, mas suas habilidades como uma Cassandra de Sangue a tornavam algo mais.

O aparecimento de drogas viciantes provoca a violência entre os humanos e os *Outros*, resultando no assassinato de ambas as espécies em cidades próximas. Então quando Meg tem um sonho de sangue e penas negras na neve, Simon Wolfgard - o líder do Lakeside - se pergunta se a sua profetisa de sangue sonhou com um ataque passado ou uma ameaça futura.

Quando o desejo de falar as profecias golpeia Meg com mais frequência, as dificuldades encontram o seu caminho dentro do Pátio. Agora os *Outros* e alguns seres humanos que residem lá devem trabalhar juntos para deter o homem que está empenhado em recuperar a sua profetisa de sangue - e parar o perigo que ameaça destruir todos eles.